

**Ofélia Marques (1902-1952): mulher artista no
modernismo português.**
A menina Ophelia Cruz que é hoje Ofélia Marques

Andreia Filipa Santos Silva

**Dissertação de Mestrado em História da Arte
Contemporânea**

Abril, 2021

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História da Arte, variante Arte contemporânea, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Sandra Leandro e coorientação da Professora Doutora Raquel Henriques da Silva.

«O artista não é, e nunca foi, um homem isolado que vive no alto numa torre de marfim. O artista, mesmo aquele que mais se coloca à margem da convivência, influenciará necessariamente, através da sua obra, a vida e o destino dos outros. [...] a obra do artista vem sempre dizer-nos isto: Que não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência, mas que somos por direito natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser.»

(Sophia de Mello Breyner Andresen, julho de 1964.
Discurso no almoço promovido pela Sociedade
Portuguesa de Escritores por ocasião da entrega do
Grande Prémio de Poesia atribuído a *Livro Sexto*.)

À minha querida mãe

À memória de Ofélia Marques

Agradecimentos

A todos os que contribuíram para que este trabalho chegasse a bom porto, o meu mais sincero e profundo agradecimento...

Aos meus pais, pelo amor e apoio incondicional, em particular, à senhora a quem dedico este trabalho, que todos os dias me inspira, que com a maior paciência e delicadeza me escuta sempre, força maior que a seus filhos tudo entrega, e nada na vida a faz vacilar: a minha mãe.

À minha orientadora, Professora Doutora Sandra Leandro, por toda a aprendizagem, por todo e elevado rigor científico, pelo incentivo constante, por todas as partilhas, todas as sugestões, revisões, tão preciosas.

Com o maior e mais luminoso sorriso, com toda a excelência, sapiência, experiência, generosidade, amizade, fez desabrochar a mais sensível e genuína das flores, muniu-a de força e confiança, e nunca a deixou perder nenhuma pétala pelo caminho.

À minha coorientadora, Professora Doutora Raquel Henriques da Silva, por toda a disponibilidade e cordialidade.

À Professora Doutora Margarida Brito Alves, pelo primeiro sorriso, por todo o acompanhamento, pela bondade autêntica, pela confiança, de que seria capaz de levar este trabalho a ver a luz do dia.

À Professora Doutora Giulia Lamoni, pelas primeiras palavras de incentivo, pelas primeiras partilhas, pelas primeiras portas abertas.

À Professora Doutora Fátima Sá e Melo Ferreira, grande amiga, que muito respeito e estimo, e um dos pilares da minha vida. Obrigada por tanto, e em especial, por há mais de uma década, me ter perguntado se conhecia as obras maravilhosas daquelas artistas...

À Doutora Filipa Lowndes Vicente, por toda a simpatia, honestidade, prontidão, pela troca de palavras tão agradáveis e tão inspiradoras.

Ao Professor João Gomes Esteves, pelo interesse, encorajamento, pelas partilhas.

À Professora Doutora Ana Mouta Faria e à Professora Doutora Luísa Tiago de Oliveira, por toda a amizade, por todos os conselhos, e por num momento crucial da minha vida, me terem instigado a nunca parar de batalhar.

Um agradecimento especial à Doutora Mafalda Ferro, da Fundação António Quadros, à Doutora Marina Bairrão Ruivo e Doutora Sandra Santos, da Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva, à Doutora Emília Ferreira, Doutor António Chaparreiro, e Angelina Pessoa, do Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado, à Doutora Ana Vasconcelos e Melo, da Fundação Calouste Gulbenkian, ao Doutor Carlos Sousa Teixeira, do Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, ao Doutor Armando Graça de Sousa, do Museu Municipal Armindo Teixeira Lopes, à Doutora Ana Margarida Martins, da Casa da Cerca-Centro de Arte Contemporânea, ao Doutor Francisco de Almeida Dias, da Università degli Stuti della Tuscia, à Doutora Maria de Fátima Abraços, Doutor Amaro Carvalho da Silva, e Doutor Paulo Moura, da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, ao Doutor Sérgio Simões, do Núcleo de Arquivos e Manuscritos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, à Doutora Eliana Castro, do Núcleo de Arquivo, Documentação e Publicações, da Reitoria da Universidade de Lisboa, por toda a amabilidade, por todos os conhecimentos transmitidos, por toda a ajuda preciosa.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional de Portugal, da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, da Biblioteca Palácio das Galveias, da Hemeroteca Municipal de Lisboa, da Biblioteca Municipal de Queluz, e da Biblioteca Municipal de Sintra, toda a disponibilidade.

A Maria do Rosário Marques, por todo o apoio, por todos os depoimentos tão emotivos e valiosos.

A Teresa Lacerda, pela amizade, paciência e curiosidade constante.

À Doutora Alexandra Ribeiro Simões, por toda a delicadeza, disponibilidade, por todos os ensinamentos. Pela oportunidade, de poder conhecer também uma pessoa tão especial e rica em arte.

Ao meu irmão Gonçalo, por toda a compreensão nos mais diversos momentos, e pelas agradáveis discussões culturais e políticas, que me fazem questionar tanta coisa.

À minha cunhada Paula, por todo o carinho e respeito.

Ao Francisco, pela amizade e atenção.

À minha tia Elisabete, pessoa que tanto admiro, por toda a ternura, cumplicidade, por todos os conselhos sensatos, todas as críticas construtivas, e por me acompanhar sempre e às minhas paixões com o maior entusiasmo.

À minha querida avó Lucinda, pelo amor infundável, que me verá e fará sempre menina, mesmo naqueles momentos em que com todo o interesse, escuta os meus sonhos

de jovem mulher. À minha avó Humberta, em forma de estrela, pelo orgulho que sei que sente, onde quer que esteja.

Aos meus amigos queridos, Ana Sofia Santos, Ana Mónica Machado, Débora Cardoso, Elisabete Delgado, João Lázaro, Maria Alice Samara, Raquel Bento, Rita Costa, Sara Osório, Virgínia do Rosário Baptista, o meu mais sincero agradecimento, por toda a amizade, toda a dedicação, por todos os sorrisos que só vocês sabem fazer nascer. Obrigada, por me inspirarem sempre.

A todos e a todas, **multíssimo obrigada!**

Ofélia Marques (1902-1952): mulher artista no modernismo português.

A menina Ophelia Cruz que é hoje Ofélia Marques

Andreia Filipa Santos Silva

Resumo

O presente estudo concentra-se sobretudo na análise da vida e obra de Ofélia Marques, artista da segunda geração do modernismo português. Nascida no dia 14 de novembro de 1902, na freguesia de Santos-O-Velho em Lisboa, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, matriculou-se em 1911 no Liceu Maria Pia em Lisboa, e teve o seu primeiro contacto com o desenho, neste liceu feminino. Concluiu essa etapa de aprendizagem em 1916, e em 1918, inscreveu-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Na Licenciatura de Filologia Românica, onde se matriculou, conheceu e foi colega de turma de Bernardo Loureiro Marques. Ofélia Marques estreou-se na cena artística em 1926, com ilustrações na secção infantil da *Informação* e no *ABC-zinho*, e com alguns trabalhos decorativos, no *II Salão de Outono* na S.N.B.A. em Lisboa. Até à década de 30, ilustrou ainda para o *Casino*, a *Civilização*, e *Maria cotovia*, o primeiro livro infantil de Maria Lamas. Importante foi a convivência com Bernardo Marques, com quem casou em 1924. Possivelmente por impulso próprio, a que certamente a influência de Bernardo Marques e dos meios artísticos modernos lisboetas não foi alheia, a partir dos anos 30, e nos que se seguiram, dedicou-se exclusivamente à prática artística. Concebeu inúmeras ilustrações, sobretudo, para histórias de universos infantojuvenis, publicadas tanto em periódicos, como em livros. Paralelamente, Ofélia Marques marcou presença, apresentando principalmente desenhos, mas também pinturas a óleo, em mais de uma dezena de exposições, contando com mostras gerais e de arte moderna. Entre elas salienta-se a 5.^a *Exposição de Arte Moderna* (1940), onde foi distinguida dos seus pares com o «Prémio Sousa Cardoso». Em fevereiro de 1952, esteve presente na *Exposição dos Artistas Premiados pelo Secretariado Nacional da Informação*. Faleceu no dia 17 de dezembro do mesmo ano. Postumamente, esteve representada em mais de uma vintena de exposições e, em algumas, com obras inéditas. De salientar também as referências à sua atividade e produções artísticas, espalhadas em semanários, jornais diários, mas sobretudo, em alguns estudos sobre a arte portuguesa contemporânea, em artigos científicos, e em ensaios de catálogos de exposições. Ambiciona-se com esta dissertação conseguir responder, de alguma maneira, aos apelos feitos para não deixá-la morrer duas vezes, como na *Eva* de 1967 e, em particular, pelos historiadores que sobre ela se têm dedicado a investigar. Mediante a apresentação e análise de novos dados e da problematização de novas questões sobre a sua vida e obra, pretende-se contribuir também, para que não continue a perdurar em segunda linha, ou até mesmo, em nenhuma, na historiografia de arte portuguesa do século XX.

Palavras-Chave: Ofélia Marques; Mulheres artistas; Modernismo em Portugal; Pintura; Ilustração.

Abstract

This study focuses on the analysis of the life and art work of Ofélia Marques, artist of the second generation of Portuguese modernism. Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz was born on November 14, 1902, in the civil parish of Santos-O-Velho, in Lisbon. In 1911, she enrolled at Lyceum Maria Pia in Lisbon, and had her first contact with drawing in the female school. She completed her studies in 1916, and in 1918, she entered the Faculty of Letters of the University of Lisbon. She attended the degree of Romance Philology, where she met Bernardo Loureiro Marques. Ofélia Marques made her debut in the portuguese art scene in 1926, with illustrations in the children's column in the *Informação* and *ABC-zinho*, and with some decorative works, at the *II Salão de Outono*, at S.N.B.A. in Lisbon. Until the 1930s, she did illustrations for the *Casino*, the *Civilização* and *Maria cotovia*, the first children's book written by Maria Lamas. Her interaction with Bernardo Marques, whom she married in 1924, was important. Possibly on her own impulse, to which was certainly not unrelated the influence of Bernardo Marques and the modern artistic *milieu* in Lisbon, from the 1930s, and in the years that followed, she devoted herself exclusively to artistic practice. She conceived numerous illustrations, especially for stories of children universe, published both for the press and in books. At the same time, Ofélia Marques was presented in more than a dozen exhibitions, both in general and modern art exhibitions. Among them, the 5^a. *Exposição de Arte Moderna* (1940), where she was distinguished with the prize «Sousa Cardoso». In February 1952, she was present at the *Exposição dos Artistas Premiados pelo Secretariado Nacional da Informação*. She died on December 17 this same year. Posthumously, she was represented in about twenty exhibitions and, in some of them, with works seen for the first time. References to her activity and artistic productions are also to be noted in diaries but, above all, in some studies on contemporary Portuguese art, in scientific articles, and in essays of exhibition catalogues. This study aims to respond to the calls made not to let her die twice, as in *Eva* of 1967, and in particular by the historians who carried out some research on her work. By presenting and analyzing new facts, as well as by problematizing new questions about her life and art work, it is also intended to contribute to her not continuing to be present at a second line, or even at no line at all, in the historiography of the portuguese art of the twentieth century.

Keywords: Ofélia Marques; Women Artists; Modernism in Portugal; Painting; Illustration.

Índice

Epígrafe	p.ii
Dedicatória	p.iii
Agradecimentos	p.iv
Resumo.....	p.vii
Abstract	p.viii
Índice.....	p.ix
Lista de abreviaturas	p.xii

Introdução	p.1
-------------------------	------------

PRIMEIRA PARTE : *História vivida* na primeira metade do século XX:

A menina Ophelia Cruz que é hoje Ofélia Marques

1. O nascimento e o registo: Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz: um estado da arte	p.14
2. O percurso escolar e académico (1911-1923)	
2.1 - O Liceu Maria Pia 1911-1916	p.27
2.2 - A Faculdade de Letras 1918-1923	p.38
3. Casamento com Bernardo Marques e a mudança de morada(s)	
3.1 - Casamento com Bernardo Loureiro Marques, 1924	p.44
3.2 - Da Calçada Marquês de Abrantes para a Rua José Falcão	p.45
3.3 - A mudança para a Calçada dos Caetanos	p.56

4. A estreia na cena artística : Ofélia Marques no modernismo. Entre as Exposições e as Ilustrações, 1926-1936

4.1 - As Exposições: (*II Salão de Outono, I e II Salão dos Independentes, Salão de Inverno, a Galeria Up, E.T.P. (colaboração)*) p.66

4.2 - As ilustrações em periódicos: (*A Informação: a informação infantil, ABC-zinho, Casino: semanário de elegâncias e arte, Civilização: grande magazine mensal, PIM!PAM!PUM!, Notícias miudinho, Portugal feminino: revista mensal ilustrada, Eva: jornal da mulher e do lar, Ilustração: grande revista portuguesa, O Senhor Doutor: um amigo que diverte, educa e instrui, Tic-Tac: semanário infantil*)p.85

4.3 - As ilustrações em livros infantis (*Maria cotovia, Aventuras de cinco irmãozinhos, O príncipe das maçãs de ouro*) p.109

4.4 - Outras obras p.114

5. As viagens e o conhecimento de novos horizontes, 1936-1939

5.1 - A viagem a Paris p.127

5.2 - A viagem a Nova Iorque p.141

6. O regresso e a continuação, 1940-1952

6.1 - As Exposições: (*Primeira Exposição de Montras, 5ª. Exposição de Arte Moderna, Exposição de Desenhos, 1ª. Exposição dos Artistas Ilustradores Modernos, 8ª. Exposição de Arte Moderna, Calendas: Exposição de Pintura, Escultura, Desenhos, Gravuras, Objectos de colecção e Antiguidades, 1ª. Exposição Geral de Artes Plásticas, 2ª. Exposição Geral de Artes Plásticas, Catorze Anos de Política do Espírito, Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I. (1949), Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I. (1952)*)..... p.148

6.2 - As ilustrações em periódicos: (*Revista de Portugal, Eva: jornal da mulher e do lar, Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, Atlântico: revista Luso-Brasileira, Litoral: revista mensal de cultura, Ver e Crer: cada assunto vale um livro*) p.182

6.3 - As ilustrações em livros: (*100 Receitas sem carne, O rei da montanha de ouro, A loja de antiguidades, Retrato duma senhora, Mulheres apaixonadas, No reino do sol, Mariazinha em África*).....p.200

6.4 - Outras obras	p.208
7. O último momento: a despedida em vida, 1952	p.223
 SEGUNDA PARTE – História construída depois do silêncio da artista o que se seguiu?	
As Exposições póstumas (1953-2019): <i>Segunda Exposição de vinte artistas contemporâneos em Portugal, Exposição de Pintura Moderna Portuguesa, X Exposição Geral de Artes Plásticas 1945-1956, 30 Anos de Cultura Portuguesa 1926-1956, 15 Artistas premiados pelo S.N.I com o Prémio Sousa Cardoso, Desenhos, Le Dessin au Portugal 1900-1940, Ofélia Marques- 1902-1952, Os Anos 40 na Arte Portuguesa, Ofélia Marques: álbum de uma menina morta, Oitenta Anos de Arte Moderna Portuguesa, Ofélia Marques: Ilustrações, Desenhos, 21 Desenhos, O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa, A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945, Auto-Retratos da Coleção, Coleção de Artes Plásticas de Manuel Mendes, Ofélia Marques: quarenta caricaturas/ vinte e um desenhos, Equilíbrio e Indisciplina: Pintura Portuguesa dos anos 1930-40: 47 Obras da Coleção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Olhos nos Olhos: o retrato na coleção do CAM, Ilustradoras modernistas, Artistas mulheres na coleção moderna. De Sónia Delaunay a Ângela Ferreira 1916-2018</i>	
	p.232
 Considerações finais	 p.238
 Fontes e Bibliografia	 p.243
 Apêndices	 p.265
 Anexos	 p.277

Lista de Abreviaturas

- A.H.M.L. - Arquivo da Hemeroteca Municipal de Lisboa
- A.H.F.L.U.L. – Arquivo Histórico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- A.H.E.S.M.A.V.C. – Arquivo Histórico da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
- A.F.B.E.S.M.A.V.C. – Arquivo Fotográfico da Biblioteca da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
- B.E.S.M.A.V.C. - Biblioteca da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
- C.C.B. – Centro Cultural de Belém
- C.N.M.P. – Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas
- E.T.P. – Estúdio Técnico de Publicidade
- F.A.Q. – Fundação António Quadros
- F.A.S.V.S. – Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
- F. C. G. – Fundação Calouste Gulbenkian
- M.M.A.S.C. – Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso
- M.M.A.T.L. - Museu Municipal Armindo Teixeira Lopes
- M.N.A.C. – Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado
- M.U.D. – Movimento de Unidade Democrática
- M.D.M. – Movimento Democrático de Mulheres
- N.A.A.A.D.P.R.U.L. – Núcleo de Arquivo: Área de Arquivo, Documentação e Publicações da Reitoria da Universidade de Lisboa
- S.P.N. – Secretariado da Propaganda Nacional
- S.N.I. – Secretariado Nacional da Informação
- S.N.B.A. - Sociedade Nacional de Belas Artes
- P.I.D.E. – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

Introdução

Ao folhearmos várias páginas de diferentes estudos sobre a arte portuguesa contemporânea, é frequente depararmo-nos com inúmeras referências sobre a atividade e produção artística de distintos pintores, desenhadores, escultores, outros. Isto é, de homens artistas.

Evidentemente, diversos são também os detalhes que se podem ler alusivos aos percursos e às obras de várias mulheres artistas. Mas, num exercício de pesquisa e análise de diferentes fontes primárias, como por exemplo, catálogos de exposições de arte, artigos vários de imprensa, publicações periódicas de época, entre outros documentos, constata-se, que na verdade, muito (mais) poderia ser acrescentado. E principalmente, que muitas (mais) foram também as mulheres que fizeram da pintura ou desenho a sua profissão.

Mesmo que em vida certas artistas tenham tido uma intensa atividade artística, o seu trabalho tenha sido acompanhado e apreciado pela crítica e algumas das suas obras se tenham destacado das dos seus pares, nem sempre figuram nos estudos do presente. E como se pode afirmar - como várias vezes acontece - que se certas personagens femininas não constam na História da Arte, é porque (simplesmente) não existem? Fazer o “trabalho arqueológico” é, sem dúvida, essencial. Portanto, ir à procura dos nomes daquelas que se dedicaram às expressões artísticas. “Encontrar”, é assim dos primeiros passos.

Muito importante, é fazer também uma pesquisa aturada das obras (em instituições públicas/privadas, colecionadores particulares, ver desenhos espalhados por exemplo em fontes primárias). Acompanhar trilhos percorridos, ou por exemplo, galardões que foram ou não atribuídos. Analisar quando e o que expuseram e a receção do mercado. Como foram recebidas e acompanhadas pelos seus pares, pela crítica. Fundamental, é estudar e compreender igualmente, o contexto sociocultural em que a formação e a atividade artística decorreram.

Por outro lado, é elementar analisar e ter ainda em consideração, a questão da identidade de género. Concretamente, como é que o facto de serem mulheres, marcou a formação, o processo criativo e os respetivos percursos, assim como, a perceção da crítica, quer, no momento em que trabalharam, como, no período posterior em que foi feita a

reflexão sobre o passado.

Não se trata de dar preeminência a uma perspectiva de “vitimização”, mas sim, ter presente, o que durante largos anos foi exigido às mulheres que queriam ser artistas. Com efeito, pretenda-se escrever a história de umas pela primeira vez ou reescrever a história de outras, é crucial, compreender, questionar, os próprios pressupostos da História e Crítica de Arte, que motivaram a secundarização e/ou exclusão das mulheres artistas¹.

Ao longo dos últimos anos, sobretudo a partir das décadas de 80 e 90, vários investigadores, historiadores (sobretudo, e por sinal mulheres) têm-se dedicado a ir aos arquivos, a contactar várias instituições, a ir ao encontro de diferentes colecionadores particulares, com o objetivo de “resgatar” alguns nomes de mulheres que se dedicaram às artes visuais em Portugal, em particular nos séculos XIX e XX, e sobre cujas atividades e produções artísticas pouco ou nada se sabe.

Mas também, com o intuito de recolher e analisar novos dados, por vezes confrontar pontas soltas de informação, sobre as artistas, de quem já se conhecem algumas linhas sobre os percursos e obras.

¹ Sobre o assunto considerem-se as seguintes referências bibliográficas: FERREIRA, Emília, «Da deliciosa fragilidade feminina», in LARANJEIRO, Maria José (dir.), *Margens e Confluências: um olhar contemporâneo sobre as artes*, nº 11-12, p. 143-157; LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1.ª República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p. 272-273; LEANDRO, Sandra, SILVA, Raquel Henriques da, «Quantas ausências? Antes e depois de Paula Rego: mulheres pintoras em Portugal», in LEANDRO, Sandra, SILVA, Raquel Henriques da (coord.), *Mulheres Pintoras em Portugal: de Josefa d'Óbidos a Paula Rego*, p.10-15; LEANDRO, Sandra, «Condenar sem ver: as outras que não eram Aurélio», in VICENTE, Filipa Lowndes (coord.), *Aurélio de Sousa mulher artista (1866-1922)*, p.136-146; LEANDRO, Sandra, «(Con)vencidas da Pintura: pintoras portuguesas na transição dos séculos XIX-XX», in BESSE, Maria Graciete, SILVA, Maria Araújo da (coord.), *Femmes oubliées dans les arts et les lettres au Portugal (XIXe-XXe siècles)*, p.257-273; LEANDRO, Sandra, «Cântico para as desterradas: artistas portuguesas em exílio ou semi-exílio», in BESSE, Maria Graciete (dir.), *Exilience au féminin dans le monde lusophone (XXe-XXIe- siècles)*, p.323-334; LEANDRO, Sandra, «Misérables infortunées, et reines parfois: femmes artistes portugaises en marge (XIXe-XXe)», in SIMON, Maria Cristina Pais, *Marginalités au féminin dans le monde lusophone*, p.297-317; VICENTE, Filipa Lowndes, «História da Arte e Feminismo: uma reflexão sobre o caso português», in LEAL, Joana Cunha, SANTOS, Mariana Pinto dos (ed.), *Revista de História da Arte – Práticas da Teoria*, nº10, p. 211-225; VICENTE, Filipa Lowndes, *A Arte sem História: mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)*; VICENTE, Filipa Lowndes, «Mulheres artistas: as possibilidades de criação feminina no Portugal de 1915», in DIX, Steffen (org.), *1915 - O ano do ORPHEU*, p.121-136; VICENTE, Filipa Lowndes, «Auto-Retrato: Linda Nochlin», in LUÍS, Alexandra Alves, SARAIVA, Ana Paula (coord.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº 39, p. 183-189; Considerem-se ainda os estudos pioneiros das historiadoras e feministas Linda Nochlin, Ann Sutherland Harris ou Griselda Pollock, sobre a questão da «identidade de género» e a história da arte: NOCHLIN, Linda, «Why have there been no great women artists», publicado a 1.ª vez em 1971, na revista *ARTnews*; HARRIS, Ann Sutherland, NOCHLIN, Linda. *Women Artists 1550-1950*. Catálogo publicado em 1976, no âmbito do certame pioneiro, com o mesmo nome, que decorreu no Los Angeles County Museum. Distinguiu-se pelo seu carácter académico e institucional; POLLOCK, Griselda, *Vision and Difference. Femininity, feminism and the histories of art*; POLLOCK, Griselda, *Differencing the Canon: Feminist, desire and the writing of art's histories*.

Parafrazeando a historiadora Filipa Lowndes Vicente, a «encontrar e analisar a arte para fazer a história», não descurando também a importância do questionamento dos cânones artísticos, que levaram à exclusão das mulheres. E muitas vezes, a uma dupla exclusão - a da *história vivida* e, posteriormente, a da *história construída*². Se hoje podemos ler distintos aspetos relevantes dos percursos e obras de certas artistas – e por exemplo no campo do desenho e da pintura – como Fanny Munró (1846-1926), Josefa Greno (1850-1902), Aurélia de Sousa (1866-1922), as irmãs Raquel (1889-1970), Helena (1895-1986) e Maria Emília (Mãmía) (1901-1996) Roque Gameiro, Adelaide de Lima Cruz (1877-1963) e sua filha Maria Adelaide de Lima Cruz (1908-1985), Mily Possoz (1881-1967), Sarah Affonso (1899-1983), Ofélia Marques (1902-1952), Estrela Faria (1910-1976), Maria Keil (1914-2012), entre outras, muito se deve à tenacidade, ação, atenção, gosto e escrita de Sandra Leandro, Emília Ferreira, Raquel Henriques da Silva, Maria João Lello Ortigão de Oliveira, António Rodrigues, Idalina Conde, Jorge Silva, Filipa Lowndes Vicente, Helena Soares Mantas, entre outros³. Breve parêntesis para sublinhar, e em particular sobre as historiadoras de arte Sandra Leandro e Emília Ferreira, que nos últimos vinte anos têm sido das autoras mais prolíferas em estudos de mulheres artistas portuguesas, ativas sobretudo no período oitocentista e no século XX.

Escreveram várias entradas para dicionários, comissariaram ainda distintos certames, coordenaram colóquios, como por exemplo, o *I Congresso Internacional Arte e Género?*⁴, deram conferências em território nacional e também em contexto internacional, dentro da mesma temática.

Das atividades mais recentes das historiadoras de arte destacam-se, o certame dedicado à pintora Sarah Affonso, *Sarah Affonso: Os dias das pequenas coisas*⁵, comissariado por Emília Ferreira e Maria de Aires Silveira, por outro lado, a exposição dedicada à artista Mãmía Roque Gameiro, *Ver tudo: Mãmía Roque Gameiro (1901-1996) Pintura e Ilustração*⁶, comissariada por Sandra Leandro, que nos anos anteriores comissariou

² VICENTE, Filipa Lowndes, *A Arte sem História: mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)*.

³ Diferentes estudos dos autores mencionados em texto, serão detalhados ao longo da dissertação.

⁴ Teve lugar na Fundação Calouste Gulbenkian e na Fundação Arpad Szenes- Vieira da Silva em Lisboa, entre os dias 22 a 24 de outubro de 2014. Ver livro de resumos: LEANDRO, Sandra (coord.), *I Congresso Internacional Arte e Género?*.

⁵ *Sarah Affonso: Os dias das pequenas coisas*, que esteve patente no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, entre 22 de março a 2 de junho de 2019. Em parceria com o Museu Calouste Gulbenkian em Lisboa. Meses depois, foi publicado o catálogo.

⁶ *Ver tudo: Mãmía Roque Gameiro (1901-1996) Pintura e Ilustração*, que esteve patente na Casa Roque Gameiro na Amadora, entre 15 de setembro de 2018 a 24 de fevereiro de 2019.

também – no mesmo espaço, na Casa Roque Gameiro na Amadora - os certames dedicados às outras filhas do aguarelista Alfredo Roque Gameiro (1864-1935), as artistas Helena e Raquel Roque Gameiro⁷.

Relevante é também o livro coordenado por Sandra Leandro *Artistas Plásticas em Portugal*, com contribuição de diferentes autoras e autores como, Mariana Roquette Teixeira, Sandra Vieira Jürgens, Ana Raquel Gouveia, José-Luís Porfírio, Emília Ferreira, Raquel Henriques da Silva, Hilda Moreira de Frias, Isabel Nogueira, Maria João Gamito, Paulo Simões Nunes, Laura Castro, dado à estampa em 2020, e apresentado no dia 15 de setembro do mesmo ano, no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado⁸.

Mas retomemos o enquadramento anterior.

Com efeito, tendo presente a linha de trabalho desenvolvida por diferentes investigadores, decidiu-se avançar com o estudo, tão pormenorizadamente quanto possível, da vida e obra da pintora e desenhadora Ofélia Marques.

E porquê Ofélia e não outra artista?

No ano de 2010, durante a preparação de um trabalho académico sobre a Arte Moderna em Portugal, da primeira metade do século XX⁹, foi-me questionado, o que se sabia, até à data, sobre as modernistas e respetivas atividades e produções artísticas. Na fase de consulta e análise bibliográfica, constatou-se, que poucos estudos tinham sido dedicados, àquelas, que como os nomes masculinos do conhecimento geral, marcaram presença em vários certames, as suas obras chamaram a atenção dos críticos, conceberam inúmeros desenhos para diferentes publicações periódicas, ao longo do primeiro e segundo quartel do século XX.

Ao contrário das pintoras Mily Possoz, Sarah Affonso ou Maria Clementina Carneiro de Moura (1898-1992), por exemplo, não se encontrou nenhuma monografia sobre as artistas

⁷ *Flor de água: Helena Roque Gameiro (1895-1986) Aguarela e Artes aplicadas*. Patente na Casa Roque Gameiro na Amadora, entre 24 de setembro de 2016 a 26 de fevereiro de 2017; *Mão inteligente: Raquel Roque Gameiro (1889-1970) Ilustração e Aguarela*. Patente na Casa Roque Gameiro na Amadora, entre 16 de setembro de 2017 a 26 de fevereiro de 2018.

⁸ LEANDRO, Sandra, *Artistas Plásticas em Portugal*, Lisboa, Manufactura Editora, 2020. A sublinhar que o exemplar contém uma listagem muito importante, elaborada por Sandra Leandro, dos muitos estudos publicados desde 2000 até 2019, sobre mulheres artistas portuguesas. Trata-se da continuação do trabalho intitulado «Antologia Bibliográfica- Ler sobre mulheres artistas portuguesas no século XXI» feito por Sandra Leandro, cujas primeira e segunda parte, podem ser consultadas nos títulos coordenados pela mesma historiadora de arte e por Raquel Henriques da Silva: *Mulheres Pintoras em Portugal: de Josefa d'Óbidos a Paula Rego* (1ª parte, de 2000 a 2011) e *Mulheres Escultoras em Portugal* (2ª parte, de 2000 a 2015).

⁹ Na Licenciatura em História Moderna e Contemporânea (ISCTE-IUL). Seminário de Laboratório de História; a área de trabalho (História da Arte) partiu de escolha pessoal.

Ofélia Marques, Maria Adelaide de Lima Cruz ou Estrela Faria. E no caso particular de Ofélia Marques, apesar do que os investigadores que já se tinham dedicado a estudá-la, escreveram, compreendeu-se, que muito permanecia ainda em aberto. No momento de observação e análise de algumas obras de diferentes artistas, as da pintora e desenhadora Ofélia Marques, «mulher de Bernardo Marques (1898-1962)» como diversas vezes se viu referido em vários livros de História da Arte portuguesa, chamaram particularmente a atenção.

Os autorretratos e, sobretudo, as inúmeras figuras femininas que a artista tinha desenhado, e cujos respetivos olhares, inquietos, apáticos, provocatórios, em nada se assemelhavam com os das personagens criadas por outras pintoras, como Sarah Affonso ou Mily Possoz. O desconhecimento em torno de diferentes aspetos alusivos à vida, atividade e produção artística de Ofélia Marques, permaneceu nos anos que se seguiram. E a vontade pessoal de querer encontrar algumas respostas, aliada, ao crescente gosto e à clara admiração por quem foi Ofélia, também. Um feliz acaso, levou-me a conhecer ainda algumas obras da autoria da artista, nunca expostas, e a visualizar também, certas fotografias em que Ofélia, não só marcava presença, como estava muito bonita, elegante, e bem ornamentada. Quase uma década depois daquele trabalho e das primeiras interrogações, confirmou-se que ausência de um estudo aprofundado sobre Ofélia Marques, era ainda uma realidade. E o mais propício e melhor dos encontros, acabou por determinar, finalmente, a dedicação e atenção que Ofélia Marques há muito merecia.

Passou-se assim à fase de trabalho. Por onde começar?

No que à metodologia diz respeito, foi fundamental, numa primeira fase, elaborar uma pesquisa bibliográfica tão vasta quanto possível, de forma a compreender o que sobre a vida, a atividade e produção artística de Ofélia Marques, já tinha sido escrito¹⁰. Efetivamente, foi sobretudo em ensaios da autoria de António Rodrigues e Emília Ferreira, que nos deparamos com mais informações e dados relevantes sobre Ofélia. A notar, que foi com a exposição comissariada por António Rodrigues, *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta*, patente na Galeria de Colares em Sintra, entre 5 de março a 3 de abril do ano de 1988¹¹, que se observaram obras inéditas da artista, e que se começou a questionar a real dimensão do seu trabalho.

¹⁰ Muitos títulos podem ser consultados logo no primeiro capítulo da dissertação, escrito em jeito de estado da arte.

¹¹ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*; Iremos referir várias vezes este certame, as obras apresentadas, a análise de António Rodrigues, ao longo da dissertação.

De uma forma geral, para além das personagens femininas, de expressão graciosa, desenhadas a traço fino, conheceram-se vários autorretratos, enquanto menina, jovem e mulher adulta, retratos de pessoas suas conhecidas e com quem conviveu, como o seu companheiro Bernardo Marques, e vislumbraram-se figuras femininas, de corpos esbeltos e despidos, poses provocantes, em momentos de inequívoca intimidade erótica¹². Em 2002, por ocasião do centésimo aniversário do nascimento de Ofélia Marques, e quinquagésimo aniversário da sua morte, Emília Ferreira, em conjunto com Ana Isabel Ribeiro, organizou na Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea em Almada, a mostra *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos*¹³. Neste certame, foram apresentadas algumas obras que a pintora expôs em vida, mas também se conheceram outras, que nunca tinham sido exibidas nem no segundo quartel do século XX, nem depois de 1952, nomeadamente, um considerável conjunto de retratos de pessoas suas amigas e conhecidas, imaginadas em crianças¹⁴, ou, outros desenhos com figuras femininas, de gestos, olhares e posturas semelhantes, às personagens pintadas por Ofélia, exibidas na Galeria de Colares em 1988.

Depois desse ano, Emília Ferreira escreveu regularmente sobre a artista, analisou algumas das suas obras, focando pertinentes pontos de vista e contextos, questionou a resistência do discurso perante a atividade e produção artística da pintora – isto é, o que transitou da crítica no seu tempo, para a História e Crítica mais recente, e não foi sequer interrogado -, revelou dados inéditos da vida de Ofélia Marques, como a idade que tinha quando se inscreveu no curso de Filologia Românica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ou, e no que respeita ao panorama artístico, as palavras que Ofélia redigiu a alguns dos seus grandes amigos, na segunda metade da década de 30, durante a estada (em momentos diferentes) nas cidades de Paris e Nova Iorque¹⁵.

¹² De António Rodrigues considere-se ainda o texto presente no catálogo: RODRIGUES, António (coord. científica), *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa: Catálogo*. Trata-se de um certame coletivo, que teve lugar no Centro Cultural de Belém em Lisboa, entre 8 de junho a 18 de dezembro de 1994. De Ofélia Marques, foram apresentados vários autorretratos inéditos. Detalharemos este assunto mais à frente.

¹³ FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.). *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p.10-29. Algumas destas caricaturas foram vistas pela primeira vez em: *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº 1149, dezembro, 1967, p. 37-41, e na exposição na Galeria de Colares em Sintra em 1988. Mas a maior parte das que foram apresentadas na Casa da Cerca em Almada, nunca tinham sido expostas.

¹⁵ Os vários artigos serão indicados ao longo da dissertação. A grande maioria logo no capítulo 1. Atentem-se, no entanto, algumas referências: FERREIRA, Emília, «Desenhos do Silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 5-8; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português», in CASTRO,

De salientar também, algumas notas importantes redigidas por José- Augusto França, Raquel Henriques da Silva, Sandra Leandro, Jorge Silva ou Helena de Freitas¹⁶. Até ao momento, não foi publicada nenhuma monografia sobre a pintora, semelhante e, por exemplo, aos estudos de Raquel Henriques da Silva, Maria João Lello Ortigão de Oliveira e Helena Soares Mantas, sobre as artistas Aurélia de Sousa e Maria Keil. Referem-se, de Raquel Henriques da Silva, o livro *Aurélia de Souza*, dado à estampa em 1992, de Maria João Lello Ortigão de Oliveira, o livro *Aurélia de Sousa em contexto: a cultura artística no fim de século*, publicado em 2006, e por fim, de Helena Soares Mantas, a tese de doutoramento *Maria Keil, “uma operária das artes” (1914-2012)*. *Arte portuguesa do século XX*, de 2013¹⁷.

Por se pretender conhecer a ilustração que Ofélia Marques fez desde a segunda metade da década de 20, até aos primórdios da década de 50, consultaram-se praticamente todos os números de periódicos – como por exemplo, destinados sobretudo ao público infantil, alguns a uma audiência feminina, outros dirigidos pelo Secretariado da Propaganda Nacional /Secretariado Nacional da Informação (S.P.N/S.N.I) – e também, distintos títulos de literatura infantojuvenil e alguns romances, dados à estampa no segundo quartel do século XX¹⁸.

Sabendo que no mesmo período cronológico Ofélia Marques marcou presença em vários certames, analisaram-se distintos catálogos de exposições, por um lado para seguir de

Zília Osório de, PEREIRA, Sara Marques (dir.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº 15, p. 190-198; FERREIRA, Emília, «Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz Marques», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Feminae Dicionário Contemporâneo*, p. 787-788; FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p. 97-122; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques, the artist, time and masks», 2014. Artigo escrito no âmbito da comunicação de Emília Ferreira no *I Congresso Internacional Arte e Género ?*. Importa referir, que o ensaio nunca foi publicado. A consulta e leitura do mesmo só se tornou possível, porque Emília Ferreira (gentilmente) o disponibilizou.

¹⁶ Referem-se as seguintes referências: FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*; FREITAS, Helena de, «Rostos em fuga: Ofélia Marques», in RODRIGUES, António (coord. científica), *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa: Catálogo*, p.132-147; LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1.ª República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p. 295-296; LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 267-272; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: livres e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III , «Do Barroco à Contemporaneidade», p. 369-405; Pesquisa online: Site *Almanaque Silva*, da autoria do designer Jorge Silva, «Ofélia Marques», WWW:<URL:<https://almanaqusilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>.

¹⁷ SILVA, Raquel Henriques da, *Aurélia de Souza*; OLIVEIRA, Maria João Lello Ortigão de, *Aurélia de Sousa em contexto: a cultura artística no fim de século*; MANTAS, Helena Alexandra Jorge Soares, *Maria Keil, “uma operária das artes” (1914-2012)* *Arte Portuguesa do século XX*; O livro da autoria de Maria João Lello Ortigão de Oliveira, também resultou da sua tese de doutoramento.

¹⁸ Confira-se as referências nas fontes e bibliografia; também do que Ofélia ilustrou, nos Apêndices B e C.

perto o seu percurso, mas também, para conhecer que obras apresentou nos diferentes salões em Lisboa, nomeadamente na Sociedade Nacional de Belas Artes, no estúdio do S.P.N. /S.N.I. – na Rua São Pedro de Alcântara e posteriormente no Palácio da Foz – na Galeria de Antiguidades *Calendas*, entre outros¹⁹.

Refletir sobre o posicionamento da crítica perante a atividade e produção artística de Ofélia, só se tornaria possível, mediante a análise aturada de diversos diários, semanários, *magazines* da época. Entre alguns títulos onde estão patentes muitos traços de Ofélia, tantos outros, cujas respetivas páginas, têm presentes apreciações mais ou menos construtivas sobre os eventos artísticos, em particular, sobre os participantes dessas mostras e respetivos trabalhos expostos²⁰.

Por último, de forma a conhecer os certames em que Ofélia esteve representada postumamente, consultaram-se ainda distintos catálogos de exposições, de eventos que decorreram depois dos anos 50, até aos dias de hoje. Analisou-se também a crítica às mostras, exposta em dissemelhantes periódicos ou estudos, publicados dentro da mesma baliza cronológica.

A sublinhar, que tanto a recolha e análise bibliográfica, como, a investigação e análise das diversas fontes primárias, foram efetuadas principalmente – e para além de Arquivos Particulares - na Biblioteca Nacional de Portugal em Lisboa, na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, na Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea em Almada, na Hemeroteca Municipal de Lisboa, na rede de Bibliotecas Municipais de Lisboa e Sintra, na Fundação António Quadros em Rio Maior. Fundamentais foram também os Arquivos Digitais da Biblioteca de Arte e da Hemeroteca de Lisboa (já mencionadas), da Biblioteca da Universidade de Coimbra, da Fundação Mário Soares – Casa Comum Arquivo Digital, o site da autoria do designer Jorge Silva *Almanaque Silva: histórias da ilustração portuguesa*, os repositórios científicos de acesso aberto, da Universidade de Coimbra, da Universidade de Lisboa, da Universidade Nova de Lisboa, da Universidade de Évora. A referir, principalmente para contexto internacional, o Arquivo Digital da Biblioteca Nacional de França – *Gallica*.

Numa segunda etapa, foi fulcral observar e analisar os mais de quinhentos desenhos originais do espólio de Ofélia Marques, pertencentes a uma colecionadora

¹⁹ Confira-se as referências nas fontes e bibliografia; também a informação presente no Apêndice A.

²⁰ Confira-se as referências nas fontes e bibliografia; De alguns exemplos referem-se o *Diário de Notícias*, o *Diário de Lisboa* ou a *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*.

particular, em depósito na Fundação Arpad Szenes -Vieira da Silva em Lisboa²¹. Entre e, por exemplo, mais de meia centena de autorretratos e outros tantos retratos, muitos nunca apresentados, dezenas de desenhos de figuras femininas e masculinas traçadas por Ofélia. Alguns esboços que concebeu, antes de concluir o trabalho final a ser publicado em periódicos, ou em diferentes obras destinadas aos mais pequenos. Também se puderam observar, alguns retratos que artistas como Manuel Mendes (1906-1969), fizeram de Ofélia.

Através da análise deste espólio – nunca divulgado e estudado – interpôs-se e, mais uma vez, o questionamento da real dimensão da obra de Ofélia Marques? E quantos mais desenhos, quantas pinturas, estarão ainda por identificar?

Da maior importância foi também o contacto direto com os originais, sobretudo desenhos, de Ofélia Marques, pertencentes à Coleção Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa²². Contactaram-se outras instituições, nomeadamente, o Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso em Amarante, o Museu Municipal Armindo Teixeira Lopes em Mirandela, por se ter conhecimento de que algumas obras de Ofélia – em particular, uma pintura e alguns desenhos - pertencem às respetivas coleções.

A salientar, que diferentes colecionadores particulares, nos mostraram gentilmente todas as obras que possuem da autoria de Ofélia Marques. Algumas, são do conhecimento do público, mas outras não²³.

Numa última fase, com o objetivo de conhecer de perto o percurso de Ofélia antes da estreia na cena artística, em particular, os passos que deu, o que aprendeu, com quem se cruzou, no Liceu feminino Maria Pia em Lisboa – onde fez os estudos primários – ,mas também, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – onde se matriculou e concluiu a Licenciatura em Filologia Românica – pesquisaram-se e analisaram-se, inúmeras fontes primárias, como boletins de matrícula, anuários, livros de registo de

²¹ Este espólio nunca foi divulgado. Será assim mencionado nesta dissertação pela primeira vez. Vários desenhos que serão expostos neste trabalho, também nunca foram apresentados publicamente. É o caso de alguns retratos da autoria de Ofélia, de Bernardo Marques ou José Gomes Ferreira; Ao todo consultaram-se 11 pastas. O número de desenhos no interior de cada pasta varia. Algumas pastas não têm número, pelo que se decidiu numerá-las, consoante a sequência da consulta. Respeitaram-se, sempre que possível, os números gravados nos desenhos – como por exemplo «OM_01» - contudo nem todos tinham número, pelo que se teve de atribuir uma numeração. Alguns desenhos do espólio, não estão em depósito na F.A.S.V.S. propositadamente. Estão na posse da colecionadora. Mais de metade dos desenhos não têm qualquer legenda, como a indicação de materiais ou as medidas. Muitos trabalhos estão autenticados com carimbo «autoria de Ofélia Marques». Por último, importa salientar que alguns desenhos do espólio foram concebidos por outros artistas.

²² Pode visualizar-se também em: WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

²³ Algumas serão expostas pela primeira vez nesta dissertação.

presenças, fotografias, no Arquivo Histórico da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho em Lisboa e na Biblioteca da mesma instituição de ensino²⁴, por outro lado, no Arquivo Histórico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e no Núcleo de Arquivo: Área de Arquivo, Documentação e Publicações da Reitoria da Universidade de Lisboa.

Outros documentos referentes à vida privada de Ofélia Marques, como por exemplo, fotografias individuais, com Bernardo ou com amigos, correspondência, certidões (nascimento, casamento, óbito), foram pesquisados e analisados em Arquivos Particulares, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa (presencial e posteriormente no Arquivo Digital)²⁵, na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado em Lisboa, e noutros Arquivos já mencionados como o Arquivo Digital da Fundação Mário Soares – Casa Comum.

Passemos de seguida a apresentar a estrutura da dissertação.

Pela análise de toda a documentação, observação e estudo das inúmeras obras de Ofélia Marques, passou-se à elaboração de uma cronologia final com alguns dos principais acontecimentos. Através dessa sugestão de trabalho, dada por Sandra Leandro, e tendo também em consideração o estudo da autoria de Filipa Lowndes Vicente, decidiu-se dividir a investigação em duas partes: a fase da *história vivida*, que corresponde aos vários momentos da vida de Ofélia, desde a sua meninice até ao ano em que faleceu, nos primórdios da década de 50, e a fase da *história construída*, com especial enfoque nos vários certames individuais e coletivos em que a artista esteve representada, depois de 1952, até praticamente aos dias de hoje.

Ao longo de sete capítulos – que compõem a primeira parte da dissertação – analisa-se, primeiramente, o momento em que a *menina Ophelia* nasceu, quando foi batizada e onde, assim como, as filiações familiares. Elementos da sua vida, completamente desconhecidos, à exceção da data de nascimento. Indicam-se ainda, algumas contradições em torno do ano em que Ofélia nasceu, patentes em diferentes estudos de História da Arte portuguesa.

Em seguida, concentra-se a atenção no percurso de Ofélia no Liceu Maria Pia em Lisboa, desde o ano em que foi matriculada por seu pai na primeira classe, em 1911, até

²⁴ A consulta também foi feita no Arquivo Fotográfico, que pertence à Biblioteca da mesma Escola.

²⁵ Certidões de nascimento, casamento e óbito, disponíveis em: WWW:<URL: <https://digitalq.arquivos.pt/>; De Ofélia Marques consultaram-se os boletins de nascimento e casamento; Como veremos mais à frente, o Boletim de Óbito de Ofélia Marques foi enviado pela Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa e Cemitério de Benfica (Lisboa).

à aprovação do exame final de curso, em 1916. É dado particular enfoque ao seu contato com a disciplina de desenho.

Pela primeira vez, reproduzir-se-ão também algumas fotografias de Ofélia em criança. No mesmo capítulo, analisamos ainda os passos de Ofélia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desde o momento em que se inscreveu, em 1918, até à entrega do trabalho final, em 1923, que lhe conferiu a especialização de Magistério Primário Superior. Foi na Academia de Ciências de Lisboa - onde funcionava então a Faculdade de Letras na década de 20 – que conheceu o ilustrador Bernardo Marques, com quem viria a casar.

O terceiro capítulo, é particularmente dedicado aos muitos momentos que Ofélia e Bernardo Marques partilharam enquanto casal, desde 1924, ano em que trocaram alianças, a meados da década de 40, altura em que se separaram. As diferentes moradas por onde passaram, e com quem partilharam casa, as ligações de amizade, os hábitos, os passeios, sobretudo, por diferentes e animados espaços culturais e de lazer, lisboetas. Neste capítulo, é analisado ainda, de uma forma geral, o contexto político e sociocultural em Portugal, nos anos 20, 30 e 40. Portanto, no período em que Ofélia Marques, seguiu com a sua atividade artística. Importa salientar, que alguns acontecimentos particulares, são desenvolvidos ao longo de outros capítulos.

As várias exposições em que Ofélia Marques participou, as ilustrações que concebeu para diferentes periódicos e outras publicações, entre 1926 e 1936, isto é, entre o ano em que se estreou na cena artística modernista²⁶, e o dia em que viajou pela primeira vez para Paris, são analisadas no capítulo seguinte. Acompanha-se similarmente o posicionamento da crítica, perante a atividade e produção artística da pintora. No quarto capítulo, reflete-se ainda sobre outras obras de Ofélia Marques, em particular alguns autorretratos que desenhou no mesmo período, mas que na verdade - como inúmeras das suas obras - só foram divulgados postumamente. Por uma questão de limitação de tempo e espaço, optou-se por analisar detalhadamente dois desenhos, um já conhecido e exposto, outro apresentado pela primeira vez nesta dissertação. De referir, que se privilegiou também, o olhar e o traço de outros artistas, sobre Ofélia.

No capítulo cinco, “voa-se” com Ofélia até Paris. Depois de um curto regresso a Lisboa, segue-se posteriormente, por *ferry*, para a cidade de Nova Iorque.

²⁶ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.5; MENDES, Manuel, «Ofélia Marques», in CHICÓ, Mário Tavares, FRANÇA, José-Augusto, GUSMÃO, Artur Nobre de (org.), *Dicionário da Pintura universal*, vol. III, «Pintura Portuguesa», p. 232.

No âmbito da participação de Portugal na *Exposição Internacional de Paris*, em 1936, e na *Feira Mundial de Nova Iorque*, em 1939, Ofélia acompanha Bernardo Marques às duas cidades cosmopolitas. As vivências, encantamentos e desilusões, são confessadas por carta, a alguns dos seus melhores amigos que residem em Lisboa.

Em seguida, como no quarto capítulo, reflete-se sobre as exposições em que Ofélia Marques participou, as ilustrações que concebeu, e o que a crítica escreveu sobre o seu trabalho, desde o momento em que regressou a Lisboa, nos primórdios da década de 40, ao início dos anos 50. No capítulo seis, analisam-se ainda três retratos, que a pintora desenhou pela mesma altura. Todos se verão pela primeira vez, nas páginas desta dissertação.

É com o dia em que Ofélia Marques decidiu fechar os olhos pela última vez, em dezembro de 1952, que se encerra a primeira parte da dissertação.

Na segunda parte, percorrem-se os vários certames póstumos, individuais e coletivos, em que Ofélia esteve representada. Trata-se de uma parte da investigação, sobretudo mais expositiva.

Os apêndices, contêm a listagem de todas as exposições em que a pintora participou, as ilustrações que fez para periódicos e outras publicações, ao longo do segundo quartel do século XX.

Nos anexos, podem visualizar-se ainda diferentes fontes e várias obras da autoria de Ofélia Marques, referidas no corpo do texto.

Por fim, importa sublinhar, que a seleção das obras foi feita tendo em consideração diferentes critérios, nomeadamente, os temas, a variação do traço, os materiais utilizados. Também se privilegiou, por outro lado, o carácter “novidade”, isto é, o facto de algumas nunca terem sido exibidas.

Principalmente por uma questão de espaço e tempo, muitas obras da autoria de Ofélia Marques, visualizadas e estudadas, não puderam ser incluídas nesta dissertação. Sobretudo, as que se encontram em depósito na Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva em Lisboa. São mencionadas, mas não analisadas.

É possível que esta investigação, seja um dos trabalhos mais completos que alguma vez se fez sobre a vida e obra da pintora Ofélia Marques. Mas completo, não significa evidentemente, concluído, pois muito ainda ficou por fazer.

Espera-se que possa fazer pelo menos a diferença, motivando outros investigadores a dar continuidade ao que já foi feito, para que possamos conhecer (cada vez) melhor a vida e obra da *menina Ophelia Cruz que é hoje Ofélia Marques* [fig.1].



Fig.1

Ofélia Marques, *Liceu Maria Pia*, 1912/1950, aguarela, guache, grafite e tinta-da-china (pormenor)

Coleção: -

Fonte da Imagem: RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.15

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito). [desenho no verso]

PRIMEIRA PARTE: *História vivida* na primeira metade do século XX: *A menina Ophelia Cruz que é hoje Ofélia Marques*

1. O nascimento e o registo: Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz: um estado da arte

«*Cadastro da D. Ofélica* [...] *Nascimento*= 14 Novembro 1908 Ah!Ah!Ah!»

[Ofélia Marques [s/d]]²⁷

No capítulo «mulheres artistas», do primeiro volume da obra *Mulheres Portuguesas: divas, santas e demónios*²⁸, Maria João Martins, redigiu algumas linhas sobre a vida e o percurso artístico da pintora Ofélia Marques²⁹, segundo as suas palavras «figura injustamente esquecida», e alertou, logo nos primeiros parágrafos, para o facto de até à altura não existirem praticamente estudos de relevo sobre a artista que «acompanhou de perto», ou mais precisamente, fez parte do modernismo português³⁰. Como realçou, Ofélia Marques «nascida em 1902, [...] começou a participar, ainda muito jovem, em manifestações artísticas de considerável impacte, [...] trabalhou com frequência [...] na ilustração de livros e revistas»³¹, e apesar de nunca ter exposto individualmente, marcou presença, como alguns dos seus pares, em diferentes e importantes mostras, por exemplo, promovidas pelo S.P.N./S.N.I. .

Foi sem dúvida «uma figura [a destacar] das artes plásticas do século XX»³². Não obstante, qualquer investigador que pretendesse saber algo mais sobre ela,

²⁷ *Cadastro da D. Ofélica*, escrito por Ofélia Marques, sem data. Disponível na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

²⁸ MARTINS, Maria João, *Mulheres portuguesas: divas, santas e demónios*, vol. I, p. 16-51.

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 26-27. No mesmo capítulo, podem ler-se igualmente algumas linhas sobre outros percursos de mulheres, que na perspectiva de Maria João Martins, em contextos históricos diferentes, se afirmaram, distinguiram, profissionalmente, em dissemelhantes áreas, como na música, ou e como Ofélia Marques, nas artes plásticas. Referem-se alguns exemplos no campo da pintura: Aurélia de Sousa, Maria Helena Vieira da Silva.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 26-27.

³¹ Idem, *ibidem*, p. 26-27.

³² Idem, *ibidem*, p. 26-27.

deparava-se sobretudo com «meia dúzia de linhas apressadas numa enciclopédia»³³. Em jeito de conclusão, a investigadora interrogou até quando Ofélia iria perdurar no esquecimento. Para sempre?³⁴

À semelhança de Maria João Martins, Francisco de Almeida Dias, no estudo sobre o percurso e a obra literária de Fernanda de Castro (1900-1994), debruçou-se sobre a atividade e produção artística de Ofélia Marques, como frisou, um nome maior da arte portuguesa do século XX³⁵. E na mesma linha, chamou igualmente a atenção para a ausência de estudos significativos, sobre a pintora e desenhadora, que como - e por exemplo - as artistas Sarah Affonso ou Inês Guerreiro (1915-?), ilustrou distintas histórias infantojuvenis redigidas pela poetisa, e um dos principais nomes ligados à criação e desenvolvimento dos primeiros «Parques Infantis Portugueses» - Fernanda de Castro³⁶.

Mas não só. O investigador alertou ainda para o facto de muitas obras de responsabilidade, conterem notas biográficas contraditórias sobre a vida e o percurso da artista, sendo a referência ao ano em que nasceu, apenas um dos exemplos. Se por um lado em alguns estudos podia ler-se que Ofélia Marques tinha nascido em 1902³⁷, noutros, como no *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, registava-se que o seu nascimento tinha ocorrido afinal quatro anos depois³⁸. E efetivamente, Ofélia Marques nasceu logo nos primórdios do século XX³⁹.

Como o título anuncia, um dos primeiros objetivos desta investigação, incidiu em querer conhecer tão pormenorizadamente quanto possível, o percurso de Ofélia, anterior,

³³ Idem, *ibidem*, p. 26.

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 26-27.

³⁵ DIAS, Francisco de Almeida, *Em Fernanda de Castro: Literatura e Artes Plásticas no português, feminino, plural*, p. 115. Esta tese de Licenciatura pode ser consultada em: F.A.Q.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 92-120.

³⁷ Veja-se por exemplo: MENDES, Manuel, «Ofélia Marques», in CHICÓ, Mário Tavares, FRANÇA, José-Augusto, GUSMÃO, Artur Nobre de (org.), *Dicionário da Pintura universal*, vol. III, «Pintura Portuguesa», p. 232.

³⁸ DIAS, Francisco de Almeida, op. cit., p. 92-120. Segundo Francisco de Almeida Dias, também na breve nota biográfica sobre Ofélia Marques presente no catálogo *15 Artistas premiados pelo S.N.I. com o Prémio Sousa Cardoso*, pode ler-se que a artista nasceu no ano de 1906. Ver as referências: OLIVEIRA, Américo Lopes de, VIANA, Mário Gonçalves, *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, p. 868; *15 Artistas premiados pelo S.N.I. com o Prémio Sousa Cardoso: Catálogo*.

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 92-120. No mesmo ensaio o investigador analisou ainda várias exposições póstumas importantes que se realizaram nas décadas de 80 e 90 do século XX, como por exemplo, e na sede da F.C.G., *Os Anos 40 na Arte Portuguesa*. Não obstante, considerou fundamentalmente relevantes as seguintes mostras: *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta*, que esteve patente na Galeria de Colares em Sintra; Certame onde foram expostas obras de Ofélia Marques, ao lado de outros trabalhos de diferentes artistas - *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa*, que se realizou no ano de 1994, no C.C.B.; Falaremos destas mostras mais à frente.

à sua estreia na cena artística em 1926⁴⁰.

Num primeiro plano, ambicionou-se conhecer de perto, todos os dados biográficos referentes ao seu nascimento e registo, como o ano em que nasceu ou o local em que foi registada, mas também, qualquer informação alusiva à sua família, em particular, o nome dos pais e as respetivas origens, ou o nome dos padrinhos de batismo. Similarmente, existiu ainda o cuidado de saber onde passou a sua meninice. Em que conjuntura política, social e cultural, nacional, cresceu Ofélia? Traçadas algumas das principais preocupações, decidiu-se começar por pesquisar alguma informação⁴¹.

⁴⁰ «Em novembro de 1926, participou no II Salão de Outono», in MARTINS, Maria João, op. cit., p. 26; Ver também: FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 209.

⁴¹ Na impossibilidade de enumerar aqui todos os títulos, atentem-se algumas referências que se consultaram e consideram relevantes, e onde se encontraram (ou também se esperava encontrar) algumas notas biográficas sobre a vida e o percurso de Ofélia Marques: Além do já citado *Dicionário da Pintura universal* e o *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, referem-se ainda: ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Arte Portuguesa no Século XX: uma história crítica.*; CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939 e 1939- 1987*; DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, *Dicionário dos autores de banda desenhada e cartoon em Portugal*, p. 82 e 97; DIAS, Fernando Rosa, «A construção da arte moderna portuguesa em voz feminina», in CRUZEIRO, Cristina Pratas, LOPES, Rui Oliveira (eds.), *Arte e Género: mulheres e criação artística*, p. 69-90; FERREIRA, Emília, «Desenhos do Silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 5-8; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques», in NAZARÉ, Leonor (coord.), *Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão: roteiro da colecção*, p. 92-93; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português», in CASTRO, Zília Osório de, PEREIRA, Sara Marques (dir.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº 15, p. 190-198; FERREIRA, Emília, «Da deliciosa fragilidade feminina», in LARANJEIRO, Maria José (dir.), *Margens e Confluências: um olhar contemporâneo sobre as artes*, nº 11-12, p. 143-157; FERREIRA, Emília, «Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz Marques», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Feminae Dicionário Contemporâneo*, p. 787-788; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques», in ROLO, Maria Fernanda (coord.), *Dicionário de História da I República e do republicanismo*, vol. II F-M, p. 780-781; FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p. 97-122; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques, the artist, time and masks», 2014. Artigo escrito no âmbito da comunicação de Emília Ferreira no *I Congresso Internacional Arte e Género ?*. ensaio não publicado; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 209; FRANÇA, José- Augusto, *O Modernismo na Arte portuguesa*, p. 50; FRANÇA, José- Augusto, *100 Quadros portugueses no século XX*, p. 223-227; FREITAS, Helena de, «Rostos em fuga: Ofélia Marques», in RODRIGUES, António (coord. científica), *O Rosto da Máscara: a auto- representação na Arte Portuguesa: Catálogo*, p.132-147; GONÇALVES, Rui Mário, *História da Arte em Portugal*, vol. 12, «Pioneiros da Modernidade», p. 129-167; GONÇALVES, Rui Mário, *A Arte Portuguesa do século XX.*; LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1.ª República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p. 271-318; LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 267-292; MENDES, Manuel, *Considerações sobre as Artes Plásticas*, p. 59; PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. III, p. 53; PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. IV, p. 74; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: livres e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p. 369-405. Os já mencionados catálogos, *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta; 15 Artistas premiados pelo S.N.I. com o Prémio Sousa Cardoso. Mais, Calendas: Exposições de Pintura, Escultura,*

Em jeito de estado da arte, sobre este assunto, passamos a detalhar algumas referências e descrições que consideramos relevantes.

Manuel Mendes, no breve ensaio que redigiu sobre a vida e o percurso artístico de Ofélia Marques, notou que a pintora nasceu no ano de 1902 na cidade de Lisboa⁴². Na mesma linha, José-Augusto França e Rui Mário Gonçalves, em diferentes estudos sobre a Arte em Portugal no século XX, também salientaram, que Ofélia nasceu nos primórdios do século XX. Por exemplo, em *A Arte em Portugal no século XX, e O Modernismo na arte portuguesa*, José-Augusto França detalhou que a artista de «expressão lírica, discreta e graciosa», nasceu em 1902⁴³.

Por sua vez, Rui Mário Gonçalves, no volume – por si dirigido e redigido - «Pioneiros da Modernidade», da *História da Arte em Portugal*, realçou que a desenhadora e ilustradora nasceu no ano de 1902⁴⁴.

Com efeito, em algumas notas biográficas sobre a vida e a atividade artística da pintora, presentes em distintos catálogos, publicados na década de 80, pode ler-se semelhante informação. Concretamente que Ofélia nasceu nos primeiros anos do século XX e na capital portuguesa. De vários títulos, referem-se por exemplo os catálogos *Ofélia Marques, 1902-1952*, ou *Catálogo Geral do Museu Municipal Armindo Teixeira Lopes*⁴⁵.

Interessante e reveladora é a descrição feita por António Rodrigues, no primeiro texto do catálogo *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta*, publicado no final da década

Desenhos, Gravuras, Objectos de Coleção e Antiguidades: Catálogo. ; BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandejas, *A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945: Catálogo*, p. 158; *Ofélia Marques, 1902-1952: Catálogo.*; *Os Anos 40 na Arte Portuguesa: Catálogo*, vol. II, p. 19; *Catálogo Geral do Museu Municipal Armindo Teixeira Lopes*, p. 69; *Ofélia Marques: Ilustrações: Catálogo.* ; *21 Desenhos: Catálogo.* Alguns periódicos, *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº 814, fevereiro, 1941, p. 7 ; nº 874, novembro, 1944, p. 29 ; nº 1000, maio, 1955, p. 9 ; nº 1149, dezembro, 1967, p. 37-41; *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, 4ª série, nº 17, março, 1966; Pesquisa online: *Almanaque Silva*, de Jorge Silva, «Ofélia Marques», WWW:<URL:<https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/> ; *Centro de Documentação e Arquivo Feminista*, texto de Teresa Sales «Ofélia Marques»: WWW:<URL:<https://www.cdofeminista.org/ofelia-marques-1902-1952/>

⁴²MENDES, Manuel, «Ofélia Marques», in CHICÓ, Mário Tavares, FRANÇA, José-Augusto, GUSMÃO, Artur Nobre de (org.), *Dicionário da Pintura universal*, vol. III, «Pintura Portuguesa», p. 232.

⁴³FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 298 – 299; FRANÇA, José-Augusto, *O Modernismo na arte portuguesa*, p. 50. Ambas as obras conheceram novas edições. Em todas, consta a mesma informação.

⁴⁴GONÇALVES, Rui Mário, *História da Arte em Portugal*, vol. 12, «Pioneiros da Modernidade», p. 129-167.

⁴⁵*Ofélia Marques, 1902-1952: Catálogo; Catálogo Geral do Museu Municipal Armindo Teixeira Lopes*, p. 69. Trata-se de um catálogo com a descrição das várias obras que integram a coleção do Museu Armindo Teixeira Lopes. Ofélia Marques, é uma das artistas representadas.

de 80⁴⁶. Como frisou o historiador de arte: «Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz Marques nasceu em Lisboa, no dia 14 de novembro de 1902; morreu na mesma cidade, a 17 de dezembro de 1952. Coursou o Liceu Maria Pia e licenciou-se em Românicas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.»⁴⁷.

A salientar, que no texto escrito por Jorge Silva patente no site *Almanaque Silva*, podem ler-se apontamentos semelhantes⁴⁸. Também nas breves notas biográficas presentes nos catálogos *Ofélia Marques: Ilustrações*, dado à estampa em 1990⁴⁹, e *A banda desenhada portuguesa 1914-1945*, publicado em 1997⁵⁰, consta a mesma informação. Por último, importa realçar que Emília Ferreira e Sandra Leandro, em dissemelhantes artigos, publicados nos últimos quinze anos, também detalharam alguns aspetos interessantes sobre a vida, a atividade e produção artística de Ofélia Marques. No que concerne aos dados biográficos da artista, nomeadamente a data de nascimento, nome completo e a cidade onde a pintora nasceu, Emília Ferreira revelou-os em praticamente todos os ensaios que escreveu e foram publicados entre 2002 a 2017⁵¹. No ensaio intitulado «Desenhos do silêncio», inserido no catálogo *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/ vinte e um desenhos*, publicado em 2002, a investigadora fez a seguinte descrição nas primeiras linhas do parágrafo: «Figura sobre a qual não incidem luzes nem estudos de fôlego, Ofélia Marques [...] nascida em Lisboa, a 14 de novembro de 1902 e registada como Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz [...]»⁵².

Igualmente, e por exemplo, nos diferentes artigos «Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português», de 2006⁵³, e em «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», incluído na coletânea intitulada *O Feminino e o Moderno*, publicada em 2017⁵⁴, pode ler-se semelhante explicação.

Por sua vez, Sandra Leandro, nas linhas que redigiu sobre o percurso de Ofélia Marques

⁴⁶ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*.

⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 5.

⁴⁸ SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha]. [Consultado a 18/06/2018]. Disponível em: WWW:<URL:<https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>.

⁴⁹ *Ofélia Marques: Ilustrações: Catálogo*. Catálogo publicado no âmbito da exposição póstuma, dedicada a Ofélia Marques, patente na Galeria de Colares em Sintra, entre os dias 10 a 25 de março de 1990.

⁵⁰ BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandeiras, *A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945: Catálogo*, p. 158.

⁵¹ Ver alguns artigos da autora indicados em notas de rodapé anteriores.

⁵² FERREIRA, Emília, «Desenhos do Silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 5-8.

⁵³ FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português», in CASTRO, Zília Osório de, PEREIRA, Sara Marques (dir.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº 15, p. 190-198.

⁵⁴ FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p. 97-120.

presentes nos ensaios «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1.^a República», inserido na obra *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, publicada em 2011⁵⁵, e «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», inserido na coletânea *As mulheres e a imprensa periódica*, publicada em 2014⁵⁶, também detalhou que Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, nasceu no dia 14 de novembro, no ano de 1902 em Lisboa.

Com efeito, nas distintas referências bibliográficas e fontes analisadas, não nos deparámos com qualquer informação referente ao momento e lugar onde Ofélia foi batizada. Também não encontrámos qualquer detalhe sobre o lugar –por exemplo, a cidade ou localidade – onde viveu a sua infância.

Nos diferentes ensaios, também não é revelado qualquer pormenor sobre a família de Ofélia. Na verdade, é apenas questionado por Emília Ferreira a existência de uma irmã – de nome Alda. Mas como a investigadora sublinhou, também não se sabe «mais [nada] de concreto»⁵⁷.

Chamamos a atenção, e por último, para algumas notas interessantes (e contraditórias) sobre, e em particular, o ano de nascimento de Ofélia, expostas em diferentes títulos analisados, nomeadamente no *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*⁵⁸, na revista *Eva: jornal da mulher e do lar*⁵⁹, e por fim, no *Dicionário dos autores de banda desenhada e cartoon em Portugal*⁶⁰.

⁵⁵ LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1.^a República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p. 271-318.

⁵⁶ LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 267-292.

⁵⁷ FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p. 115 - 122. Emília Ferreira sublinhou que Ofélia Marques, escreveu uma carta «de despedida» endereçada a uma irmã - Alda. Também salientou, que até ao momento, não se conhece mais nenhum pormenor. Chamou ainda a atenção, para o desconhecimento que imperava a respeito de alguns dados pessoais da pintora, como «a história da sua família, onde morava, se tinha irmãos ou até o que faziam os seus pais.». Importa referir, que no artigo de 2014, «Ofélia Marques, the artist, time and masks», Emília Ferreira faz referência à mesma carta que Ofélia Marques escreveu à irmã.

⁵⁸ PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. III, p. 53; PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. IV, p. 74; Consultámos as notas biográficas sobre a vida e o percurso de Ofélia Marques presentes na 3.^a e 4.^a (última) edição do dicionário. Confirmou-se que os textos biográficos das duas últimas edições, publicadas em 1991 e 2001, são idênticos ao da edição do final da década de 80.

⁵⁹ *Eva: jornal da mulher e do lar*, n.º 1149, dezembro, 1967, p. 37-41.

⁶⁰ DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, *Dicionário dos autores de banda desenhada e cartoon em Portugal*, p. 82.

No brevíssimo texto redigido por Fernando de Pamplona, alusivo à vida e percurso artístico de Ofélia Marques, presente no terceiro volume do *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*, dado à estampa na década de 50, não consta qualquer indicação sobre o ano de nascimento da artista⁶¹. É na edição seguinte, a segunda, publicada entre 1987 e 1988, que se conhece o ano em que Ofélia nasceu⁶². Na nota biográfica patente no quarto tomo da edição dos anos 80 pode ler-se:

Ofélia Marques, pintora contemporânea, [nasceu em] 1906 [e faleceu em] 1952, neofigurativa, de estilizações subtis e de fina sensibilidade. Com vincado gosto da simplificação das formas e da pureza das tintas, achou nas crianças um dos seus temas favoritos, a que soube imprimir graça e frescura. Obteve o Prémio Sousa Cardoso, do Secretariado Nacional de Informação⁶³.

O ano de 1906 levantou-nos interrogações.

Concentremo-nos de seguida nas palavras dedicadas à artista presentes na *Eva*. Concretamente no número 1149, da edição «especial de Natal», do ano de 1967 e que poderá ter sido a fonte da data de Fernando de Pamplona e outros⁶⁴.

Nas primeiras linhas do ensaio intitulado «Álbum inédito duma grande pintora portuguesa: Ofélia Marques, e os seus amigos quando jovens», publicado com o principal objetivo de dar a conhecer alguns desenhos nunca expostos da pintora, uma série de retratos de alguns dos seus amigos «e como os imaginou em crianças, sem os ter conhecido nesse tempo», pode ler-se a seguinte descrição:

Quem foi Ofélia Marques? [...] diremos que se trata duma das mais notáveis pintoras portuguesas da primeira metade deste século. Nasceu em Lisboa no ano de 1906 e formou-se em Letras na Universidade da capital. Casada com Bernardo Marques, outro nome grande das nossas artes plásticas, morreu em plena maturidade deixando atrás de si uma obra não muito vasta mas de rara qualidade⁶⁵.

Também pela revista feminina foi sublinhado que Ofélia Marques nasceu não nos

⁶¹ PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. III, p. 53.

⁶² PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. IV, p. 74.

⁶³ Idem, *ibidem*, p. 74; O texto biográfico sobre Ofélia Marques, da primeira e segunda edição é idêntico. À exceção, da primeira linha do único parágrafo.

⁶⁴ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº 1149, dezembro, 1967, p. 37-41.

⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 37.

primeiros anos do século XX, mas sim em 1906.

Por fim, analisemos a descrição presente no *Dicionário dos autores de banda desenhada e cartoon em Portugal*, dado à estampa uma década depois, da segunda edição da obra de Fernando de Pamplona.

António Dias de Deus e Leonardo de Sá, redigiram algumas linhas sobre a atividade e produção artística de Ofélia Marques, segundo as suas palavras, pintora, ilustradora, desenhadora, que concebeu – ao longo do segundo quartel do século XX – inúmeras e poéticas ilustrações para distintos *magazines*, para secções infantis de alguns jornais diários, para vários livros para crianças de dissemelhantes escritores portugueses. E à semelhança de autores previamente mencionados, os investigadores também salientaram que Ofélia nasceu em 1906⁶⁶.

À lista dos três últimos títulos mencionados, poderíamos ainda acrescentar mais uma referência. Diferente e bastante interessante. Um documento redigido pela própria artista, dirigido ao escultor Manuel Joaquim Mendes.

No *Cadastro da D. Ofélica*⁶⁷ [fig.2] Ofélia Marques detalhou alguns dados pessoais, como o nome ou a data de nascimento completa, também certos pormenores referentes à formação académica ou à atividade profissional, nomeadamente diferentes exposições coletivas em que participou, algumas ilustrações que concebeu para livros infantis, também capas de revistas. Aparentemente uma nota biográfica - com certos pormenores relevantes - algo semelhante, a algumas que analisámos de diferentes autores. Mas com a particularidade de conter também breves comentários, apreciações (pessoais), no final de cada linha, em tom claramente sarcástico.

A *D. Ofélica*, não especificou os motivos que a levaram a redigir o *Cadastro*, ou por outro lado, o que a motivou a fazer certas afirmações, mas deixou bem claro que queria que o documento ficasse à confiança e fosse lido, única e exclusivamente, pelo seu amigo Manuel Mendes. Como sublinhou na nota de despedida, acompanhada de um esboço a traço fino do seu perfil [fig.2]:

«Isto não é para olhos profanos, senão para os do amigo, Manuel Mendes entre os melhores [...] Com isto temo que rasgues imediatamente este autógrafo e não fique para a posteridade mas...*Deus Super Omnia* - »⁶⁸.

⁶⁶ DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, *Dicionário dos autores de banda desenhada e cartoon em Portugal*, p. 82

⁶⁷ *Cadastro da D. Ofélica*, escrito por Ofélia Marques, sem data. Biblioteca do M.N.A.C. – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

⁶⁸ Idem, *ibidem*.

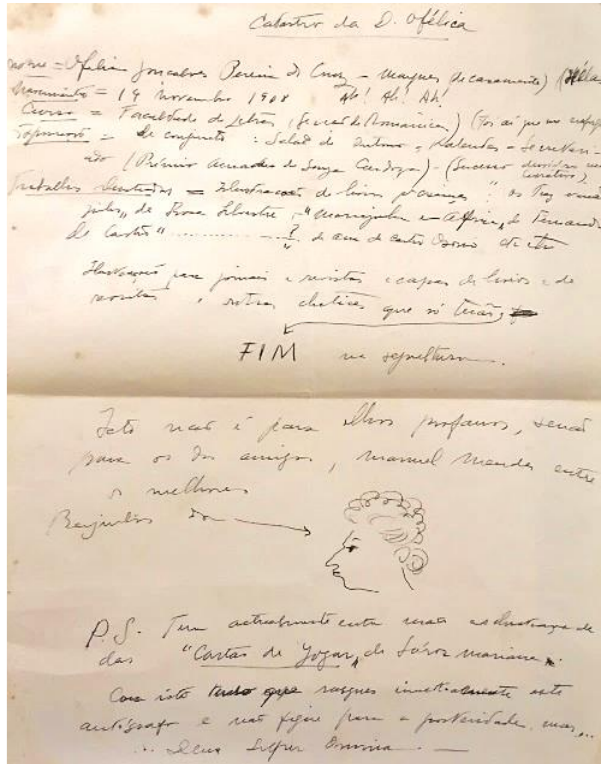


Fig.2

Cadastrro da D.Ofélia, escrito por Ofélia Marques, sem data. (pormenor da assinatura com um Autorretrato.)
Col. Biblioteca do M.N.A.C. – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

Certamente que na altura em que escreveu o *Cadastrro*, estava longe de imaginar que o documento, várias décadas depois, acabaria guardado na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, na cidade de Lisboa. E que poderia, por isso, ser lido e interpretado por distintos olhares.

No que concerne ao ano de nascimento, percebemos que também no *Cadastrro* constava uma informação questionável. Ainda por cima precedida de uma “gargalhada”: «Nascimento = 14 Novembro 1908 Ah!Ah!Ah!»⁶⁹. Passaríamos assim a ter em conta, não duas, mas três informações diferentes alusivas à data de nascimento de Ofélia. Ao que, ou a quem, se queria referir *D. Ofélia*, quando apontou 1908 como o ano do seu nascimento?

Seria apenas uma brincadeira com Manuel Mendes para o despistar?

⁶⁹Idem, *ibidem*.

Apesar das várias e dissemelhantes referências encontradas e estudadas, não conseguimos ver esclarecidas a grande maioria das nossas questões. Assim, para avançarmos no nosso estudo decidimos procurar a certidão de nascimento⁷⁰. Com alguns elementos que se conseguiram reunir, decidimos dirigir-nos ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa. Sem resultados, ou quaisquer pistas produtivas, determinámos encaminhar a nossa pesquisa à instituição de ensino onde Ofélia fez os estudos secundários – o Liceu Maria Pia, atual Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho em Lisboa⁷¹.

No Arquivo Histórico e na Biblioteca da Escola, deparámo-nos com vários documentos referentes ao percurso da *menina* Ofélia no «primeiro liceu feminino em Portugal»⁷². Registos interessantes, dispersos em inúmeras pastas. E nenhum sinal da certidão. No terceiro *Livro de Matrícula das alunas internas* do Liceu Maria Pia⁷³ encontrámos o registo de matrícula na primeira classe de «Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz» [doc.4]. Também ficámos a conhecer o ano em que entrou para o liceu, que idade tinha no momento da inscrição, como o nome de seu pai, e também onde residiam. Atentemos na descrição presente na linha do número de registo 752:

Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz natural de Lisbôa filho de José Braz Pereira da Cruz de oito annos de idade morador em Calçada de Marquês d’Abrantes, 108 a cargo de seu pae morador em Calçada de Marquês d’Abrantes, 108 no dia 31 de outubro de 1911 matriculou-se na primeira classe⁷⁴.

Em vários *livros de matrícula*, e também noutros materiais – como por exemplo, nas folhas de exame - encontrámos descrições semelhantes sobre a vida de Ofélia Marques. Mas mais nenhum apontamento que nos levasse diretamente ao registo de nascimento. Decidimos prosseguir com a pesquisa noutra direção e procurámos a certidão de óbito⁷⁵. Segundo a descrição dos autores já citados, António Rodrigues e Emília Ferreira,

⁷⁰Das várias fontes e referências bibliográficas consultadas, não se encontraram quaisquer anotações de que este registo tenha sido analisado.

⁷¹ Ver: SILVA, Amaro Carvalho da, «Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho», in CLARA, Ana Teresa Santa, NÓVOA, António (coord.), *Liceus de Portugal: História, Arquivos, Memórias*, p. 485-505.

⁷² Idem, *ibidem*, p. 486.

⁷³ «Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula primeira classe, 31 de outubro, 1911. Encerramento de matrícula, 3 de julho, 1912», in *Lyceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, livro 3, 1910, p. 146. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C.; Ver Anexos.

⁷⁴ Idem, *ibidem*.

⁷⁵ Como a certidão de nascimento, também não encontrámos quaisquer anotações nas várias referências bibliográficas e fontes consultadas, de que a certidão de óbito tenha sido analisada.

Ofélia faleceu na mesma cidade, onde nasceu, «pouco mais de um mês após completar meio século de vida» - a 17 de dezembro de 1952⁷⁶.

No *Diário de Lisboa*, do dia 18 de dezembro de 1952⁷⁷ ficámos a conhecer também o local onde Ofélia Marques foi enterrada, no cemitério de Benfica em Lisboa⁷⁸. Com os vários elementos recolhidos e analisados, regressámos ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa. E encontrámos, finalmente, o boletim de nascimento de Ofélia Marques no *Livro de Registo de Baptismo* de 1904⁷⁹.

Foi possível confirmar, sem hesitações, o dia, o mês, o ano ao certo, em que Ofélia nasceu. Confrontámo-nos com pormenores alusivos à sua vida, completamente desconhecidos, como por exemplo o momento – anos depois do seu nascimento – em que foi registada. Por outro lado, o nome dos seus familiares próximos, e respetivas origens. As profissões de seus pais, no momento do batismo da *menina Ophelia*. A rua onde moravam. O nome dos padrinhos de batismo⁸⁰ [doc.1].

Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, nasceu na freguesia de Santos, «ás quatro horas da manhã», no dia 14 de novembro de 1902⁸¹. Foi batizada no dia 13 de outubro

⁷⁶ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p. 5; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português», in CASTRO, Zília Osório de, PEREIRA, Sara Marques (dir.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº 15, p. 190-198; Pode ler-se a mesma informação em algumas das referências já indicadas.

⁷⁷ *Diário de Lisboa*, 18 de dezembro, 1952, p.15. [Em linha]. [Consultado a 10/07/2018]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1952&mes=12

⁷⁸ Junto da Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa, e em particular, do Cemitério de Benfica (Lisboa), transmitimos todos os dados pessoais de Ofélia Marques que analisámos e reunimos, na tentativa de conseguirmos identificar rapidamente a artista, e principalmente, com o objetivo de nos facultarem qualquer informação relevante sobre Ofélia. Se possível, o próprio boletim de óbito. Corretamente reconhecida, informaram-nos que o processo de Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz Marques, encontrava-se no décimo sétimo número, do *Livro de Registo Geral*, com o número de registo: 1713/1952. Na mesma linha, confirmaram alguns dados que já possuíamos, e descreveram outros completamente novos, em particular, o nome da mãe de Ofélia – Amélia Estefânia Pereira da Cruz. Por último, entregaram-nos uma cópia da certidão de óbito, onde pudemos comprovar por um lado, e novamente, o nome de seus pais, e muito interessante, a freguesia onde nasceu: Santos de Lisboa; Detalharemos alguns aspetos descritos sobre a morte de Ofélia Marques, noutra parte desta dissertação.

⁷⁹ «Certidão de nascimento», in *Livro de Registo de Baptismos*, Paróquia de Santos-O-Velho, Lisboa – liv. B 70, cx.81, 1904, p.161-162. [Em linha]. [Consultado a 6/11/2018]. Disponível em: WWW:<URL:<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=5932369>; Abrimos um breve parêntesis para salientar, que meses depois da pesquisa e estudo das inúmeras referências bibliográficas e fontes, e também, de termos encontrado o registo de nascimento (e o mesmo se aplica à certidão de óbito), tivemos a oportunidade de conhecer uma familiar de Ofélia Marques. Foram apresentadas distintas fotografias e cartas. Transmitidas informações interessantes, sobretudo alusivas, à atividade artística da pintora. Sobre certos desenhos seus. Também foram partilhadas memórias familiares. Assim, por já termos os registos de nascimento e óbito, e também conhecimento das principais diretrizes para os encontrar, não considerámos pertinente fazer qualquer questão sobre as certidões.

⁸⁰ Ver Anexos; Foram acrescentados alguns averbamentos no documento, que dizem respeito ao casamento de Ofélia Marques e também o dia em que faleceu.

⁸¹ «Certidão de nascimento», in *Livro de Registo de Baptismos*, Paróquia de Santos-O-Velho, Lisboa – liv. B 70, cx.81,1904,p.161-162. [Em linha]. [Consultado a 6/11/2018]. Disponível em: WWW:<URL:<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=5932369>.

de 1904, na Igreja Paroquial de Santos-o-Velho de Lisboa. Filha de José Braz Pereira da Cruz, natural da freguesia da Carvoeira, concelho de Torres Vedras, e Amélia Estefânia Pereira da Cruz, natural da freguesia de São Pedro de Macedo de Cavaleiros, concelho de Bragança. Moradores na rua «Dom Carlos número cento e vinte quatro»⁸². José Braz Pereira da Cruz, era comerciante⁸³. Amélia Pereira da Cruz, doméstica. Neta de José Pereira e Joaquina do Carmo (avós paternos) e de Francisco Gonçalves e Ana Joaquina (avós maternos). Foi seu padrinho Joaquim Pereira «e por sua procuração José Pereira Júnior», e madrinha Alice Amélia da Silva Leão⁸⁴.

Sobre José Braz e Amélia Estefânia Pereira da Cruz, em particular, não foi possível apurar mais particularidades alusivas aos seus trajetos.

De acordo com alguns elementos recolhidos e analisados, depreendemos, que muito provavelmente, a condição económica e social dos pais de Ofélia, se assemelhou mais à realidade de tantas outras famílias da classe média, urbanas, do que à situação difícil, por exemplo, de algumas famílias operárias⁸⁵.

Podemos de certa forma idealizar, o tipo de respostas relativamente favoráveis que Amélia Estefânia e José Braz, puderam oferecer a Ofélia, por exemplo, mesmo a nível de algumas necessidades mais básicas, como no plano de cuidados de saúde, alimentação mais completa, que numa condição económica de extrema vulnerabilidade seria bastante difícil, se não, praticamente impossível.

Amélia Estefânia e José Pereira da Cruz, para além dos bens materiais mais elementares, conseguiram ainda proporcionar as condições necessárias, e a oportunidade à sua *menina*, de poder desbravar o complexo e importante caminho da instrução.

É possível que durante os primeiros anos da sua meninice, Ofélia tenha aprendido a ler, adquirido algum saber de diferentes áreas. Ou por outro lado, tenha decorado também alguns preceitos, por exemplo, sobre o papel da mulher, enquanto esposa e mãe na sociedade, em contexto familiar.

Assim acontecia com outras meninas provenientes de grupos socioeconómicos

⁸² Idem, *ibidem*, p. 161-162.

⁸³ No registo de casamento de Ofélia e Bernardo Marques - que apresentaremos noutra capítulo desta dissertação – consta a informação de que José Pereira da Cruz, era Oficial do Tribunal do Comércio.

⁸⁴ «Certidão de nascimento», in *Livro de Registo de Baptismos*, Paróquia de Santos-O-Velho, Lisboa – liv. B 70, cx.81, 1904, p.161-162. [Em linha]. [Consultado a 6/11/2018]. Disponível em: WWW:<URL:<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=5932369> .

⁸⁵Veja-se: MARQUES, A.H de Oliveira, RODRIGUES, Luís Nuno, «A Sociedade e as Instituições sociais», in MARQUES, A.H. de Oliveira, SERRÃO, Joel (dir.), *Nova História de Portugal*, vol. XI, «Portugal da Monarquia para a República», p. 187-239.

semelhantes, no início da centúria em Portugal⁸⁶. Mas Amélia Estefânia e José Braz Pereira da Cruz, também acharam por bem, que aos 8 anos de idade Ofélia deveria alargar os seus horizontes, conhecer outros saberes, prosseguindo assim os estudos no Liceu Maria Pia em Lisboa⁸⁷.

Acompanhemos de seguida o percurso escolar de *Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz*.

⁸⁶BARREIRA, Cecília, *História das nossas avós: retrato da burguesa em Lisboa 1890-1930*, p. 35-60.

⁸⁷ Considerem-se as seguintes descrições: «Para além da instrução elementar, era muito raro as raparigas ascenderem ao ensino secundário, mesmo nas classes burguesas.», in Idem, *ibidem*, p. 45; « num país pobre e pouco desenvolvido culturalmente, os liceus teriam necessariamente de ser frequentados por uma pequena minoria de alunos», in MARQUES, A. H. de Oliveira, «Escolas e ensino», in MARQUES, A. H. de Oliveira, SERRÃO, Joel (dir.), *Nova História de Portugal*, vol. XI, «Portugal da Monarquia para a República», p. 536-542.

2. O percurso escolar e académico (1911- 1923)

2.1 – O Liceu Maria Pia 1911-1916

«A ordem, o respeito recíproco, uma certa atmosfera da família, que em raros liceus se encontram, continuam a caracterisar [sic] a vida de alunas e professores do Maria Pia [...] no liceu [...] os homens mostram sincero apreço pelo ensino que as senhoras ministram. Não se trata só do ensino da especial competência feminina; trata-se do ensino em geral. A professora ensina ali os bordados, o corte, a economia doméstica, tudo o que forma o fundo de uma boa dona de casa, como ensina as línguas e as ciências. Não há distinções ciosas de competências. Todos ali trabalham, irmanados por um tocante espírito de solidariedade, para os progressos e bom nome do seu liceu.»

[*Ilustração Portuguesa* [1914]]⁸⁸

Como vimos, no dia 31 de outubro de 1911, José Braz Pereira da Cruz, matriculou sua filha Ofélia, na primeira classe, no Liceu feminino Maria Pia em Lisboa⁸⁹ [doc.4]. Em pleno regime republicano, num período marcado por algumas reformas, no plano da educação e instrução (e não só) – desde o ensino infantil, ao ensino universitário - quando mais de 70% da população portuguesa era analfabeta. E nas palavras de Oliveira Marques,

⁸⁸ *Ilustração Portuguesa*, n.º 428, 4 de maio, 1914, p. 566-568.

⁸⁹ «Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula primeira classe, 31 de outubro, 1911. Encerramento de matrícula, 3 de julho, 1912», in *Lyceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, livro 3, 1910, p. 146. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C.; Ver Anexos; Importa salientar, que Ofélia, assim como muitas outras alunas que se matricularam no Liceu Maria Pia na mesma altura, não possuem um processo de aluno. Toda a informação alusiva ao seu percurso escolar, encontra-se assim espalhada em diversas pastas no A.H.E.S.M.A.V.C.; Em 1885 foi criada a Escola Maria Pia. Direcionada para o ensino feminino, a Escola fixou-se num edifício no Largo do Contador-Mor, no bairro de Alfama em Lisboa. Em 1906 passou a Liceu. Para essa alteração, muito contribuíram as ações e persistência dos professores, Domitila Hormizinda Miranda de Carvalho e Caetano José Pinto. Em 1911 o Liceu Maria Pia passou a funcionar em novas instalações – mais concretamente, no Palácio de Valadares, no Largo do Carmo em Lisboa. Em 1917 por decisão do Chefe do Estado, Sidónio Pais, o Liceu passou a designar-se Liceu Central de Almeida Garrett. No início da década de 30 o Liceu mudou novamente de nome, desta vez, em homenagem à escritora Maria Amália Vaz de Carvalho. Passou também, do Largo do Carmo, para um edifício na Rua Rodrigo da Fonseca em Lisboa. Nos dias de hoje, o Liceu encontra-se em funcionamento, no mesmo edifício arquitetado por Miguel Ventura Terra, na Rua Rodrigo da Fonseca. Desde abril de 1974, com ensino misto que se chama – Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho. Sobre o assunto consulte-se: SILVA, Amaro Carvalho da, «Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho», in CLARA, Ana Teresa Santa, NÓVOA, António (coord.), *Liceus de Portugal: História, Arquivos, Memórias*, p. 485-505.

comparativamente com os homens a situação feminina era bem pior⁹⁰.

Ofélia foi inscrita na 7ª. turma, da primeira classe, do curso geral da primeira secção. Rachel Maria de Azeredo Perdigão ou Marta de Jesus Milho, foram algumas das várias meninas também inscritas na mesma turma. A responsabilidade da classe, ficou a cargo da professora/diretora Briolanja Belmira Barbosa (?-?)⁹¹.

Depois de Domitila Miranda de Carvalho (1871-1966), a primeira mulher a frequentar a Universidade de Coimbra, Ludomila Mota de Portocarrero (1853-1931) foi nomeada nova diretora do Liceu Maria Pia⁹².

No ano letivo de 1911-1912, Ofélia aprendeu novos saberes nas disciplinas de «Português», «Música», «Desenho», «Lavouras», entre outras⁹³.

Desconhecemos se o primeiro contacto de Ofélia com o desenho, se deu, por exemplo, em ambiente familiar. Isto é, antes de ingressar no Liceu Maria Pia. Não obstante, no liceu feminino, é muito provável que Ofélia se tenha confrontado com certas técnicas ou particularidades plásticas, pela primeira vez.

Quanto ao domínio artístico algumas competências que foram assimiladas na disciplina de «Música», puderam ser postas em prática por Ofélia, como pelas suas colegas de turma e outras meninas de diferentes classes, em abril de 1912. No dia 18 de abril de 1912, o Presidente da República Manuel de Arriaga (1840-1917) visitou o Liceu Maria Pia. E depois dos primeiros cumprimentos «dirigiu-se para o salão onde era aguardado pelos alunos, cantando á[sic] sua chegada o Orfeon, composto de perto de 700 meninos, a Portuguesa e sendo levantados vivas á [sic] Pátria, á [sic] República e ao Sr. Presidente pelo Director, entusiasticamente correspondidos por professores e alunos.»⁹⁴. Na mesma cerimónia, o Orfeon cantou ainda alguns trechos de música do repertório escolar. Em nome de todos «os alunos foi oferecido um ramo de

⁹⁰ MARQUES, A.H. de Oliveira, «Escolas e ensino», in MARQUES, A.H. de Oliveira, SERRÃO, Joel (dir.), *Nova História de Portugal*, vol. XI, «Portugal da Monarquia para a República», p. 536- 542.

⁹¹ *Anuário do Liceu Maria Pia: Ano Escolar de 1911-1912*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1913, p. 17, 35 e 36. Disponível em: B.E.S.M.A.V.C.; Será Rachel Maria de Azeredo Perdigão, irmã de José de Azeredo Perdigão (primeiro presidente da F.C.G. em Lisboa)?; Em 1911, o curso geral era dividido por duas secções, a primeira de três e a segunda de dois anos. Esta estrutura esteve em vigor pelo menos até 1918. Sobre o assunto ver: MARQUES, A.H. de Oliveira, «Escolas e ensino», in MARQUES, A.H. de Oliveira, SERRÃO, Joel (dir.), *Nova História de Portugal*, vol. XI, «Portugal da Monarquia para a República», p. 536- 542.

⁹² Idem, *ibidem*, p. 2 e 17; Ver também: SILVA, Amaro Carvalho da, «Ludomila Mota Portocarrero», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Feminae Dicionário Contemporâneo*, p. 455-456; REMÉDIOS, Maria José, «Domitila Hormizinda Miranda de Carvalho», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, p. 284-285.

⁹³ Idem, *ibidem*, p.17.

⁹⁴ Idem, *ibidem*.

flores naturais, com a seguinte dedicatória: “Ao venerado Presidente da República Portuguesa – os alunos do Liceu Maria Pia.”»⁹⁵.

Sabendo que a professora Ludomila de Portocarrero, era a diretora do liceu no ano letivo de 1911-1912, que «Diretor» recebeu então Manuel de Arriaga e a sua comitiva? E tratando-se do Liceu Maria Pia, um liceu exclusivamente feminino, que «alunos» receberam o Presidente da República e para ele cantaram?

Porque foram assim descritas (no comunicado) a diretora do liceu e as alunas, como figuras masculinas?

Regressando a Ofélia, no que concerne às classificações de final de ano, a aluna parece ter aprendido com relativa facilidade os inúmeros conteúdos temáticos⁹⁶ [doc.5]. Na disciplina de «Lavoures», por exemplo, teve 11 valores. A analisar pela classificação atribuída em «Desenho» - 10 valores – talvez tenha sido das disciplinas que sentiu maior dificuldade. No 3º período, foi (mesmo) atribuída uma classificação negativa – 8 valores⁹⁷. Terá sido a disciplina que menos a entusiasmou?

No início do terceiro trimestre de 1912, Ofélia concluiu a primeira classe com média positiva de 12 valores e transitou de ano⁹⁸.

Em meados de outubro de 1912, Ofélia foi matriculada na segunda classe⁹⁹ [doc.6]. Passou a fazer parte da 4ª. turma, da segunda classe¹⁰⁰. Algumas das suas antigas colegas, também transitaram de ano e foram inscritas na mesma turma de Ofélia. A professora Briolanja Barbosa ficou novamente responsável pela turma. E a direção do liceu também não mudou¹⁰¹.

Ao longo do ano letivo de 1912-1913, Ofélia teve praticamente as mesmas disciplinas do ano anterior. À exceção de «Inglês» e também de «Economia doméstica»¹⁰². Em «Economia doméstica», a aluna teve a oportunidade de aprender certas responsabilidades, para pôr em prática (sobretudo) no futuro, como boa mãe e esposa, no conforto do lar. Esperava-se na época que as meninas assimilassem alguns

⁹⁵ Idem, *ibidem*.

⁹⁶ «Notas da aluna Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, nº277, 1ª. classe.», in *Caderno de notas das alunas da classe 1ª. 1911-1912*, registo 752. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C. ;Ver Anexos.

⁹⁷ Idem, *ibidem*, registo 752.

⁹⁸ Idem, *ibidem*, registo 752.

⁹⁹ «Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula segunda classe, 15 de outubro, 1912. Encerramento de matrícula, 4 de julho, 1913.», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, livro 4, 1912. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C. ;Ver Anexos.

¹⁰⁰ *Anuário do Liceu Maria Pia: Ano Escolar de 1912-1913*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1914, p. 18, 39 e 40. Disponível em: B.E.S.M.A.V.C.

¹⁰¹ Idem, *ibidem*, p. 2 e 18.

¹⁰² Idem, *ibidem*, p. 18.

preceitos domésticos, para mais tarde, saberem como (melhor) desempenhar o seu provável papel. Certos princípios e comportamentos, podiam ser também estudados, fora do espaço escolar, através da leitura de alguns «manuais de civildade», *magazines*, ou livros, «usualmente recomendados para as raparigas»¹⁰³.

No quadro das visitas, as alunas da primeira, segunda e terceira classes, visitaram o Museu Bocage e a Sociedade de Geografia¹⁰⁴.

No quadro das classificações, de uma forma geral, Ofélia baixou as notas na maior parte das disciplinas¹⁰⁵ [doc.7].

Concluiu a disciplina nova «Inglês», por exemplo, com 12 valores. Também em «Economia Doméstica» - que surge na folha de avaliações, no lugar de «Moral» - obteve 10 valores. Os conteúdos musicais, parecem ter sido, novamente, facilmente assimilados e praticados pela aluna nº 184. Foi pelo segundo ano a sua melhor nota. Mas mesmo em «Música», desceu de 14, para 13 valores. Em «Português» e «Francês», desceu três valores. Em «Desenho», subiu um valor, passando de 10, para 11 valores¹⁰⁶.

Desconhecemos o que poderá ter motivado a descida das notas. Se sentiu algumas dificuldades, ou se se tratou por exemplo de distração, passando a ser sua fiel companheira de carteira. Na linha das ausências, de ambos os anos letivos, foi possível confirmar que Ofélia esteve maioritariamente presente¹⁰⁷. Assim, quaisquer que tenham sido as adversidades, não impediram Ofélia de transitar de ano e com média final de 11 valores¹⁰⁸.

Antes de analisarmos o percurso de Ofélia no ano escolar de 1912-1913, chamamos a atenção para uma fotografia de turma que encontrámos [fig.3], que se considera poder dizer respeito à fase em que Ofélia frequentou a primeira ou segunda classe. Repare-se no rosto sereno da primeira menina – a contar do lado esquerdo – da última fila de crianças em pé. De estatura baixa. Com o que parece ser uma

¹⁰³ «A educação feminina, para além da instrução exercida no espaço doméstico, ou no colégio, também se veiculava ideologicamente [...] As jovens, mais do que qualquer outra matéria teórica, aprendiam o comportamento ditado por estes livros rígidos e pouco abertos a uma educação inovadora», in BARREIRA, Cecília, *História das nossas avós: retrato da burguesa em Lisboa 1890-1930*, p. 41-55.

¹⁰⁴ *Anuário do Liceu Maria Pia: Ano Escolar de 1912-1913*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1914; «Museu Bocage» - Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

¹⁰⁵ «Notas da aluna Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, nº 184, 2ª. classe.», in *Caderno de notas das alunas da classe 2ª. 1912-1913*, registo 280. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C. ; Ver Anexos.

¹⁰⁶ Compare-se as duas tabelas de avaliação presentes nos Anexos.

¹⁰⁷ Ver as tabelas de avaliação nos Anexos.

¹⁰⁸ «Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula segunda classe, 15 de outubro, 1912. Encerramento de matrícula, 4 de julho, 1913.», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, livro 4, 1912. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C. .



Fig.3

Ofélia Cruz no Liceu Maria Pia em Lisboa, s/d [aprox. 1911-1913, 1ª ou 2ª classe]. «Fotografia de turma: Lyceu Maria Pia Lisboa, s/d», in *Álbum de fotografias*, álbum 4_29, s/d
A.F.B.E.S.M.A.V.C.

medalha ao peito.

É possível que a senhora presente na fotografia seja a professora Briolanja Barbosa, diretora de turma de Ofélia nos anos letivos 1911-1912 e 1912-1913¹⁰⁹.

No dia 15 de outubro de 1913, Ofélia foi matriculada na terceira classe¹¹⁰[doc.8] e inscrita na 6ª. turma¹¹¹. A professora Domitila Miranda de Carvalho, foi a nova diretora de turma de Ofélia, aluna nº174. A professora Ludomila Mota de Portocarrero continuou a exercer as mesmas funções (de direção) no Palácio de Valadares¹¹². As lições de «Português» e «Francês», por exemplo, foram ensinadas pela professora

¹⁰⁹ Não detetámos nem na frente nem no verso da fotografia, qualquer indicação do dia, do mês ou do ano, em que a mesma foi tirada. Não consta qualquer menção da turma, classe, ou mesmo alguns nomes de alunas, ou da professora. Na fotografia, não foi igualmente gravado o ano escolar. Foi a visualização (e comparação) de outras fotografias de turma, também presentes no mesmo Arquivo Fotográfico, algumas datadas, ou com breves notas no verso, que fez com que conseguíssemos identificar Ofélia, e ter uma perceção, de uma data (do ano escolar) aproximada. A análise detalhada dos vários documentos citados, como os *Anuários*, foi também relevante.

¹¹⁰ «Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula terceira classe, 15 de outubro, 1913. Encerramento de matrícula, 27 de junho, 1914», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, s/d, p. 25. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C. ; Ver Anexos.

¹¹¹ *Anuário do Liceu Maria Pia: Ano Escolar de 1913-1914*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1915, p. 48. Disponível em: B.E.S.M.A.V.C. .

¹¹² Idem, *ibidem*.

Berta Gomes Valente de Almeida e Costa Cabral (1886-1982). Ofélia passou a ter também uma nova disciplina «Higiene», que substituiu as lições de «Economia doméstica»¹¹³.

Neste ano, Ofélia parece ter assimilado as matérias das diferentes disciplinas com relativa facilidade, e possivelmente estudou com algum contentamento. Subiu as notas na maior parte das disciplinas, e em muitas dois valores¹¹⁴ [doc.9]. Na disciplina de «Desenho», por exemplo, obteve 13 valores, enquanto no ano letivo anterior, terminou a disciplina com uma classificação de 11 valores. A melhor nota foi a «Ginástica» 14 valores¹¹⁵. Ofélia terminou a terceira classe com média final de 12 valores¹¹⁶. Pela letra da professora Domitila Miranda de Carvalho, ficamos a saber que Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, foi uma das vinte e seis alunas, da 6ª. turma, da terceira classe, num total de trinta e duas meninas, admitidas a exame. Realizou o exame da terceira classe, no dia 7 de agosto de 1914¹¹⁷ [doc.10].

Tendo em conta os resultados, é possível que a aluna tenha sentido maior dificuldade em responder prontamente a algumas questões presentes nas «provas escritas», do que em certas interrogações colocadas nas «provas orais»¹¹⁸. À exceção dos exercícios escritos de «Francês» e «Desenho», por exemplo, Ofélia obteve uma média geral negativa nos exercícios de «Português», «Inglês» e «Mathematica». Por sua vez, nas avaliações orais das mesmas matérias, a aluna alcançou resultados bastante mais favoráveis. Na prova oral de «Mathematica», por exemplo, obteve 15 valores. A nota de «Desenho» também foi boa – 14 valores. Ofélia conseguiu assim concluir a última etapa de avaliação com nota positiva de 13 valores¹¹⁹. A terminar, no quadro das

¹¹³ Idem, *ibidem*.

¹¹⁴ «Notas da aluna Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, nº 174, 3ª. classe.», in *Caderno de notas das alunas da classe 3ª. 1913-1914*, registo 741. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C.; Ver a listagem de todas as disciplinas nas folhas de avaliações – Anexos.

¹¹⁵ Idem, *ibidem*.

¹¹⁶ Idem, *ibidem*, registo 741.

¹¹⁷ «Classificação exame 3ª. classe: aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz», in *Livro de Exames do Curso Geral, 1ªsecção (3ºano alunas internas)*, livro 3, s/d, p. 104. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C. Pode ler-se na folha que: «Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz [...] obteve nas provas escritas do curso geral, primeira secção, as seguintes notas: Exercício de português, nove valores [...] francês, dez valores [...] inglês, oito valores [...] mathematica, oito valores [...] desenho, trêze valores [...] E nas provas orais do mesmo exame obteve as seguintes notas: Português, dôze valores, Francês, trêze valores, Inglês, trêze valores, Higiene, catorze valores, Geographia e historia, dez valores, Sciencias physicas e naturaes, quinze valores, Mathematica, quinze valores, Desenho, catorze valores, Música, quinze valores, Trabalhos manuais, onze valores, tendo concluído o exame no dia 7 de Agosto de mil novecentos e catorze e foi aprovada com a classificação final de trêze valores.»; Ver Anexos.

¹¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 104.

¹¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 104.



Fig.4

Ofélia e as colegas de turma da terceira classe, 1914. Ofélia é a primeira menina, (da esquerda para a direita), da primeira fila de crianças.

Fotografia retirada de: *Ilustração Portuguesa*, nº 428, 4 de maio, 1914, p. 566-568.

A.H.M.L.

Disponível em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IP12.htm>

visitas, no primeiro semestre de 1914, as alunas do Liceu Maria Pia receberam a comitiva da revista *Ilustração Portuguesa*¹²⁰.

A equipa do *magazine*, ficou muito satisfeita com tudo o que viu e agradada com o ambiente que se vivia no interior do Palácio de Valadares. Em particular, o entusiasmo e disciplina das meninas nas salas de aula, os interessantes programas escolares, mas principalmente, a forma como os vários conteúdos temáticos eram transmitidos às centenas de crianças. Também apreciaram as brincadeiras harmoniosas na hora do recreio¹²¹.

Alguns professores e professoras, como Briolanja Belmira Barbosa ou Berta Valente de Almeida, pousaram simpaticamente para a fotografia¹²². E certas alunas também. Uma das meninas, foi precisamente Ofélia, juntamente com as restantes colegas da sua turma da terceira classe¹²³ [fig.4].

No final do mês de setembro de 1914, Ofélia redigiu um pedido de inscrição endereçado à «excelentíssima senhora diretora do Liceu Maria Pia» a manifestar o seu interesse em «matricular-se na 4ª. classe, preferindo Inglês e Latim.»¹²⁴ [doc.11].

¹²⁰ *Ilustração Portuguesa*, nº 428, 4 de maio, 1914, p. 566-568. Este documento não pertence a A.H.E.S.M.A.V.C.

¹²¹ Idem, *ibidem*, p. 566-568.

¹²² Idem, *ibidem*, p. 566-568.

¹²³ Idem, *ibidem*, p. 566-568.

¹²⁴ «Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz. Pedido de inscrição na 4ª. classe, no Liceu Maria Pia», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula – 1914-1915*, s/d, registo 89. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C.; Ver Anexos.



Fig.5

Ofélia Cruz no Liceu Maria Pia em Lisboa, ano letivo 1914-1915. «Fotografia de turma: Liceu Maria Pia Lisboa, 4ª. classe, 2ª. turma, 1914-1915, Lisboa, in *Álbum de fotografias*, álbum 9_26, 1914-1915. A.F.B.E.S.M.A.V.C.

Pedido aceite, no dia 8 de outubro do mesmo ano, Ofélia foi matriculada na quarta classe ¹²⁵[doc.12].

Foi através da fotografia [fig.5] em particular, que confirmámos a turma em que Ofélia foi inscrita - na 2ª. turma da quarta classe¹²⁶.

Observemos o rosto da oitava menina, a contar do lado esquerdo, da primeira fila de alunas sentadas. A *menina Ophelia*, de expressão tranquila, com duas tranças longas, e a compor o penteado, um pequeno gancho.

No ano letivo de 1914-1915, e de uma forma geral, Ofélia obteve classificações satisfatórias. «Música», «Matemática» e «Ginástica», foram as suas melhores notas, entre 12 e 14 valores. A aluna nº73, terminou as disciplinas de «Trabalhos Manuais» com

¹²⁵«Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula quarta classe, 8 de outubro, 1914. Encerramento de matrícula, 15 de julho, 1915. Matrícula quinta classe, 9 de outubro, 1915. Encerramento de matrícula, 15 de julho, 1916.», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, livro 1, 1914, p. 89; Ver Anexos.

¹²⁶ Não encontramos o *Anuário* referente ao ano letivo 1914-1915 para confirmar essa informação. Também não foi possível assim analisar o horário de turma ou o nome da professora responsável pela turma.



Fig.6

Ofélia Cruz no Liceu Maria Pia em Lisboa, ano letivo 1915-1916. «Fotografia de turma: Liceu Maria Pia Lisboa, 1915-1916» in *Álbum de fotografias*, álbum 5_26, 1915-1916. Na fotografia estão presentes as professoras Maria Elisa dos Santos, Berta Valente ou Domitila de Carvalho.

A.F.B.E.S.M.A.V.C.

10 valores e «Desenho» com 11 valores¹²⁷[doc.13].

Pelas diferentes notas, Ofélia concluiu a quarta classe com uma média de 12 valores¹²⁸.

No início do mês de outubro de 1915, Ofélia Cruz foi matriculada na quinta classe¹²⁹[doc.12].

No ano letivo de 1915-1916, a aluna nº65 voltou a subir as notas¹³⁰.

Concluiu «Português» com 13,2 valores, por exemplo, subindo três valores em

¹²⁷ «Notas da aluna Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, nº 73, 4ª. classe.», in *Caderno de notas das alunas das classes 4ª. e 5ª. 1914-1915*. Disponível: A.H.E.S.M.A.V.C.; Ofélia teve 10 valores em «Português», 11 valores em «Latim», por exemplo. A sua única negativa foi a «Francês», 9 valores; Ver Anexos.

¹²⁸ «Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula quarta classe, 8 de outubro, 1914. Encerramento de matrícula, 15 de julho, 1915. Matrícula quinta classe, 9 de outubro, 1915. Encerramento de matrícula, 15 de julho, 1916.», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, livro 1, 1914, p. 89. Chamamos a atenção para o facto de constar uma informação contrária, no campo das «observações», na folha de classificações presente, no *Caderno de notas das alunas das classes 4ª. e 5ª. 1914-1915*. É descrito que a aluna Ofélia Cruz, concluiu a quarta classe com média final de 11 valores. Fizemos assim o somatório das várias notas, e a média final é efetivamente de 12 valores como descrito no boletim de matrícula (abertura/encerramento). Ver Anexos.

¹²⁹ Idem, *ibidem*, p. 89. No mesmo *Livro de Matrícula*, estão presentes as matrículas da 4ª. e 5ª. classe; Não foi possível identificar o *Anuário* referente ao ano letivo 1915-1916 e assim confirmar novamente turma, nome de diretora de turma ou as colegas.

¹³⁰ «Notas da aluna Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, nº 65, 5ª. classe.», in *Caderno de notas das alunas da 5ª. classe 1915-1916*, Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C.

comparação com o ano letivo anterior. Em «Latim» também subiu dois valores. Na disciplina de «Desenho», em particular, manteve a mesma nota – 11 valores¹³¹. Terminou o ano com média final positiva - 12 valores¹³² [doc.14]. Várias alunas finalistas da quinta classe, tiveram direito a uma última fotografia de curso, na companhia dos docentes que ao longo dos diferentes anos letivos as acompanharam. Na fotografia [fig.6], Ofélia – a nona menina, a contar da esquerda, da última fila de jovens raparigas - de cabelo longo, penteado simples com franja, expressão sorridente, concentra o olhar doce, no sentido oposto ao da objetiva da câmara. O que observava? Depois da última fase de avaliações, a aluna realizou ainda no dia 15 de julho de 1916, um exame de fim de ano. Nas várias «provas escritas» e «provas orais» obteve¹³³[doc.15]:

Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz [...] obteve nas provas escritas do exame do curso geral, segunda secção [...] Composição em português, onze valores, Tradução de latim para português, dez valores, Composição em francês, nove valores, Tradução de inglês para português, dez valores, Exercício de ciencias, treze valores, Exercício de álgebra, dez valores, Exercício de desenho, onze valores. E nas provas orais do mesmo exame [...] Português, doze valores, Latim, catorze valores, Francês, trêze valores, Inglês, catorze valores, Geografia e história, catorze valores, Ciências físicas e naturais, dezasseis valores, Matemática, dez valores, Desenho, dez valores¹³⁴.

Mais uma vez, Ofélia teve melhor aproveitamento nas «provas orais», do que nas «provas escritas». Terminou o exame com média final de 12 valores¹³⁵.

Aos 12 anos de idade, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz concluiu a quinta classe, e assim a primeira fase dos estudos.

Mais de quarenta anos depois do último dia de aulas no Palácio de Valadares, Ofélia voltaria a recriar a grafite, tinta-da-china, aguarela e guache, algumas brincadeiras, aprendizagens, e alguns dos momentos mais felizes vividos no liceu feminino.

¹³¹ Idem, *ibidem*.

¹³² Idem, *ibidem*; Ver Anexos.

¹³³ «Classificação exame 5ª. classe, aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz», in *Livro de termos de Exames do Curso Geral, 2ª. secção (alunas internas)*, s/d, p.28. Disponível em: A.H.E.S.M.A.V.C. ; Ver Anexos.

¹³⁴ Idem, *ibidem*, p. 28.

¹³⁵ Idem, *ibidem*, p. 28.



Fig.1

Ofélia Marques, *Liceu Maria Pia*, 1912/1950, aguarela, guache, grafite e tinta-da-china

Coleção: -

Fonte da Imagem: RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.15

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito). [desenho no verso]

No desenho assinado e datado *Liceu Maria Pia*, 1912/1950 [fig.1], não faltaram também as figuras – alunas/colegas, professoras – que no período de 1911 a 1916, fizeram parte da meninice de Ofélia.

Mas recuando novamente no tempo, depois de 1916 o que se seguiria?

2.2 – A Faculdade de Letras 1918-1923

«Fez-se na sala silêncio, apenas perturbado pelo discreto sussurro dos estudantes que se voltavam para um companheiro melancólico e desinteressado, sem dar sinal de os ver, tão exclusivamente se entregava à contemplação da fresca graciosidade de uma rapariga, decerto a mais jovem das alunas – Ofélia era seu nome. Insistem os companheiros a meia voz, mas só ela, com seu sorriso de incitamento, decide o estudante algarvio, alto, sisudo, pouco confraternizante [...] Bernardo Loureiro Marques»

[Luíz Teixeira [1966]]¹³⁶

Concluída a fase no Liceu Maria Pia em Lisboa, Ofélia continuou os seus estudos. Com o objetivo de querer ingressar mais tarde no ensino superior, inscreveu-se primeiramente no «Curso Complementar de Letras», no Liceu Passos Manuel em Lisboa. No dia 20 de agosto de 1918, fez o exame final, tendo ficado aprovada com a classificação de dez valores¹³⁷.

De acordo com Oliveira Marques, nas primeiras décadas do século XX, os jovens que pretendessem entrar na Universidade, depois de concluírem o curso geral, tinham de fazer um curso complementar - com duração de dois anos. Nas suas palavras, por norma «o [curso] de letras era o mais procurado pelas raparigas»¹³⁸. Em outubro do mesmo ano, concretamente no dia 9, e com apenas 15 anos, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz matriculou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no curso de Filologia Românica¹³⁹[doc.16]. Inscreveu-se nas cadeiras de: «Filologia Portuguesa, Língua e literatura francesa, Curso prático de francês, Língua e literatura latina, História de Portugal, Psicologia Geral e Curso elementar

¹³⁶ TEIXEIRA, Luíz, «Recordando Bernardo Marques», in *Bernardo Marques, Obras de 1950 a 1960: Catálogo*.

¹³⁷ «Requisitos de admissão. Certificado de exame, Curso Complementar de Letras, Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz – Liceu Passos Manuel, Lisboa, 20 de agosto de 1918». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L.; O Liceu Maria Pia, não oferecia essa opção.

¹³⁸ MARQUES, A.H. de Oliveira, «Escolas e ensino», in MARQUES, A.H. de Oliveira, SERRÃO, Joel (dir), *Nova História de Portugal*, vol. XI, «Portugal da Monarquia para a República», p. 556-576.

¹³⁹ «Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 9 de outubro 1918». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L.; Ver Anexos; Ver também as seguintes referências de Emília Ferreira e António Rodrigues: FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.115; RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*.

de grego»¹⁴⁰ [doc.17]. Ofélia decidiu ainda inscrever-se “à margem” em mais uma cadeira de História. Concretamente em «História Antiga», da «secção de Filologia Clássica»¹⁴¹. Pelas notas descritas nas folhas de presença inseridas nos *Livros de Ponto para os alunos – trabalhos práticos*¹⁴², novembro, foi então o mês das primeiras apresentações (in)formais entre alguns alunos e professores.

Pelo professor Agostinho José Fortes (1869-1940), Ofélia ficou a conhecer, por exemplo, o programa de estudos e os métodos de avaliação de «Língua e literatura francesa», e também de «História Antiga»¹⁴³. Por sua vez, o professor José Leite de Vasconcelos (1858-1941), comunicou os principais objetivos a atingir (ao longo do ano) em «Filologia portuguesa»¹⁴⁴. Pela explicação do professor Matos Romão (1882-1969), ficaram todos os alunos a saber o que iam aprender na cadeira «Psicologia Geral»¹⁴⁵. No interior das salas de aula, ou em alguns espaços de lazer, da Academia de Ciências de Lisboa - onde funcionava então a Faculdade de Letras¹⁴⁶ - Ofélia partilhou interesses, conhecimentos, experiências, com os seus colegas de Filologia Românica. É possível imaginar, que tenha sentido num primeiro contacto, maior afinidade com o aluno que nasceu, cresceu e estudou, num lugar diferente da realidade que conhecia. Em Silves, onde passou a sua infância, e na cidade de Faro, onde concluiu os estudos

¹⁴⁰ «Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 9 de outubro 1918. Inscrição no curso de Filologia Românica, Faculdade de Letras. Inscrição nas cadeiras do curso». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L. ; Ver Anexos.

¹⁴¹ «Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, curso Filologia Românica. Folha de inscrição, à margem, em História Antiga secção de Filologia Clássica, 10 de outubro 1918». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L.

¹⁴² «Trabalhos práticos: registo de presenças», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, livro, 1º ano, nº. 1, 1916-1923*; «Trabalhos práticos: registo de presenças», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, (3º. ano), 1916-1917/1924-1925*. Disponível em: A.H.F.L.U.L., pasta AA5 e pasta AA6.

¹⁴³ «Trabalhos práticos: registo de presenças: Língua e literatura francesa; História antiga», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, livro, 1º ano, nº. 1, 1916-1923*. Disponível em: A.H.F.L.U.L., pasta AA5

¹⁴⁴ «Trabalhos práticos: registo de presenças: Filologia portuguesa», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, livro, 1º ano, nº. 1, 1916-1923*. Disponível em: A.H.F.L.U.L., pasta AA5.

¹⁴⁵ «Trabalhos práticos: registo de presenças: Filosofia», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, livro, 1º ano, nº. 1, 1916-1923*. Disponível em: A.H.F.L.U.L., pasta AA5; No lugar de «Filosofia», deve ler-se «Psicologia Geral». Encontrámos algumas folhas de presenças corrigidas com a indicação «Psicologia Geral».

¹⁴⁶ Por decreto de 22 de Março de 1911, foram fundadas as Universidade de Lisboa e do Porto, reunindo cada uma delas as escolas de ensino superior já existentes; A Faculdade de Letras, funcionou desde a sua criação (1911), na Academia de Ciências de Lisboa. No final da década de 50, a Faculdade passou a funcionar em instalações próprias (atuais, na zona da Cidade Universitária). Ver: MARQUES, A.H. de Oliveira, «Escolas e ensino», in MARQUES, A.H. de Oliveira, SERRÃO, Joel (dir.), *Nova História de Portugal*, vol. XI, «Portugal da Monarquia para a República», p. 556-576.

secundários - Bernardo Loureiro Marques¹⁴⁷.

Foi em 1918, e como notou Marina Bairrão Ruivo – na dissertação de mestrado dedicada à atividade e produção artística do ilustrador e desenhador - que Bernardo Marques veio para Lisboa para «obter uma licenciatura em Letras, recebendo uma mesada do pai que tinha muito empenho na formação académica do filho, como convinha à mentalidade da época»¹⁴⁸.

Um «bonito rapaz, alto, magro, quase sempre alegre, que gostava de rir, de conversar, de dançar e de namoriscar, sobretudo namoriscar [...] muito dado à conquista, vaidoso da sua pessoa [...] com um encanto natural», como recordou a escritora Fernanda de Castro, que o conheceu e com ele conviveu¹⁴⁹.

Por certo, que os gostos e curiosidades partilhadas pela jovem Ofélia, também agradaram a Bernardo Marques.

No mesmo “quadro”, de primeiras trocas de palavras e olhares, é possível que Ofélia tenha reconhecido o rosto de uma das suas colegas de curso. Teresa Emília Marques Leitão de Barros (1898-1983)¹⁵⁰.

De acordo com o testemunho de Fernanda de Castro, a escritora e Teresa Leitão de Barros, realizaram entre 1914 e 1915, uma prova de matemática, numa «desconsolada sala do velho casarão que era então o Liceu Maria Pia»¹⁵¹. Na mesma temporada e espaço, onde Ofélia estudou. Assim, na Faculdade de Letras, terá Teresa Leitão de Barros achado também o rosto de Ofélia, familiar?

No início do mês de outubro de 1919, Ofélia matriculou-se no segundo ano da licenciatura¹⁵². Inscreveu-se em algumas cadeiras novas como «Geografia de Portugal e Colónias»¹⁵³.

No novo ano letivo 1919-1920, Ofélia voltou a cruzar-se com alguns dos seus antigos professores, mas também alguns colegas, como Teresa Leitão de Barros e

¹⁴⁷ Bernardo Marques nasceu no dia 21 de novembro de 1898; Identificámos a assinatura de Bernardo Marques, em várias folhas de presença nos livros de ponto, guardados, no A.H.F.L.U.L. .

¹⁴⁸ RUIVO, Marina Bairrão, *Bernardo Marques (1898- 1962): um esboço*, vol. I, p. 7-8.

¹⁴⁹ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 109-116.

¹⁵⁰ Identificámos a assinatura de Teresa Leitão de Barros, em várias folhas de presença nos livros de ponto, guardados, no A.H.F.L.U.L. .

¹⁵¹ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 147, 148 e 151.

¹⁵² «Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 9 de outubro 1919». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L. .

¹⁵³ «Trabalhos práticos: registo de presenças: Geografia de Portugal e Colónias», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, livro, 2º ano, 1916-1920*. Disponível em: A.H.F.L.U.L., pasta AA4.

Bernardo Marques¹⁵⁴ [doc.18].

A par das novas aprendizagens curriculares e do estudo das «sebentas», Bernardo e Ofélia também se especializaram e dedicaram ao desenho criativo. Foi um período animador, fortaleceram-se laços e (re) encontros:

Foi na Faculdade de Letras, que ambos frequentavam, que começou o seu namoro com a Ofélia. Estavam ambos no mesmo ano, na mesma sala, mas em cantos opostos da aula, de modo que passavam a vida a mandar bilhetinhos um ao outro através dos colegas complacentes. Simplesmente os vossos bilhetinhos não eram como os de toda a gente com palavras mais ou menos sentimentais: não eram escritos, eram desenhados. Por exemplo: - A Ofélia tinha a loucura da praia e Você, Bernardo, fingia ter o mesmo amor, o que estava longe de ser verdade. Então, em qualquer pedacinho de papel branco, desenhava o mar, a praia, as barracas dos banhistas, o homem dos barquinhos e punha por baixo uma enorme interrogação. A Ofélia recebia o bilhete e apressava-se a responder, desenhando a Estação do Cais do Sodré, o comboio e um enorme relógio em que o número 12 estava sublinhado duas ou três vezes, limitando-se a escrever por baixo: *Domingo*. Assim, no Domingo seguinte, ao meio dia em ponto, lá estavam os dois no Cais do Sodré¹⁵⁵.

A propensão para o desenho ligava-se aqui a assuntos do coração. Mas as “Letras”, não ficaram para segundo plano para Ofélia.

Por sua vez, Bernardo também pôde pôr em prática o gosto pelo desenho, que já vinha desde os tempos do liceu em Faro¹⁵⁶. Porém, ao contrário da rapariga «simpática, interessante, e sobretudo extremamente original», como Fernanda de Castro descreveu Ofélia¹⁵⁷, o curso ficou para plano incerto. No final do ano letivo, Ofélia e Bernardo, terminaram com certeza a cadeira de «namoro» com nota positiva¹⁵⁸. Por ter alcançado notas satisfatórias nas várias disciplinas, Ofélia ficou habilitada a matricular-se no terceiro ano da licenciatura. Bernardo Marques, possivelmente, concentrou a sua atenção no convite para expor, pela primeira vez, alguns dos seus desenhos, em julho de 1920, na *III Exposição dos Humoristas Portugueses*, no

¹⁵⁴ «Trabalhos práticos: registo de presenças: História de Portugal (2ª parte)», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, livro, 2º ano, 1916-1920*. Disponível em: A.H.F.L.U.L. , pasta AA4. Constam as assinaturas de Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Bernardo Marques e Teresa Leitão de Barros. Ver anexos.

¹⁵⁵ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 112-113.

¹⁵⁶ No Liceu de Faro, Bernardo Marques assistiu a uma exposição com quadros de Jorge Barradas e Carlos Filipe Porfírio que o marcou. Já tinha o gosto pelo desenho, a exposição, «decidiu-lhe a vocação», ver: RUIVO, Marina Bairrão, *Bernardo Marques (1898- 1962): um esboço*, vol. I, p. 8-9.

¹⁵⁷ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 113.

¹⁵⁸ Emília Ferreira no artigo «Ofélia Marques, the artist, time and masks», de 2014, faz referência a uma carta redigida por Bernardo Marques, a Manuel Mendes, onde o artista recordou os tempos em que estudou na Faculdade de Letras de Lisboa, e conheceu Ofélia. Na missiva, Bernardo Marques salientou que frequentou as secções de «Filosofia, Geografia e História e Namoro (com assiduidade só esta última)».

Teatro de São Carlos em Lisboa¹⁵⁹. Segundo José-Augusto França, focou-se também nas ilustrações, por exemplo, para a revista *ABC*¹⁶⁰.

A 11 de outubro de 1920, Ofélia matriculou-se no terceiro ano da licenciatura¹⁶¹. Ao longo do ano letivo, adquiriu novos conhecimentos nas cadeiras de «Arqueologia» e «Latim Medieval»¹⁶², e pôde aprofundar algumas competências em «História Moderna e Contemporânea»¹⁶³.

Muito provavelmente, os encontros com o seu companheiro passaram a acontecer fora da Faculdade de Letras, pois foi entre 1920 e 1921, que Bernardo Marques decidiu abandonar o curso para se dedicar a tempo inteiro ao desenho e à ilustração. Com maior assiduidade, passou a colaborar profissionalmente em diferentes *magazines*, jornais diários e outras publicações¹⁶⁴.

Talvez Ofélia tenha começado assim a apreciar outros ambientes, convívios, e a desfrutar de outras cumplicidades, diferentes da rotina da Faculdade. Na zona do Chiado¹⁶⁵, frequentada e animada por vários pintores, escritores, poetas, jovens estudantes, não muito distante do edifício onde estudava.

A responsabilidade dos estudos não ficou esquecida, e em junho de 1921 Ofélia terminou o ano com classificações positivas¹⁶⁶.

Em novembro de 1921, Ofélia matriculou-se no quarto ano da licenciatura¹⁶⁷. Pela apresentação do trabalho final, foi passado um certificado datado de 1 de outubro de 1922 [doc.20], na especialização de «Magistério Primário Superior, secção de

¹⁵⁹ *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº 5, março, 1957.

¹⁶⁰ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 300-302.

¹⁶¹ «Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 11 de outubro, 1920». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L.

¹⁶² «Trabalhos práticos: registo de presenças: Arqueologia», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos*, (3º. Ano), 1916-1917/1924-1925; «Trabalhos práticos: registo de presenças: Latim Medieval», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, livro*, (4º. Ano), 1920-1923. Disponível em: A.H.F.L.U.L., pasta AA6 e pasta AA9.

¹⁶³ «Trabalhos práticos: registo de presenças: História Moderna Contemporânea», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, livro*, (3º. Ano), s/d. Disponível em: A.H.F.L.U.L., pasta AA7; Em História Moderna Contemporânea e em Latim Medieval, Ofélia voltou a cruzar-se com Teresa Leitão de Barros.

¹⁶⁴ FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 300-302; RUIVO, Marina Bairrão, *Bernardo Marques (1898 - 1962): um esboço*, vol. I, p. 7-12.

¹⁶⁵ FRANÇA, José- Augusto, *Os Anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*, p. 73-89.

¹⁶⁶ Nos vários registos de matrícula, à frente de cada disciplina, constam as classificações.

¹⁶⁷ «Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 20 de novembro, 1920». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L; Como se comprovou nos registos de presenças, Teresa Leitão de Barros e Ofélia, voltaram a cruzar-se em algumas cadeiras. Ver Anexos.[doc.19]



Fig.305

Ofélia e Bernardo Marques, na companhia de alguns antigos colegas, do curso [iniciado em 1918] da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Na fotografia pode ver-se ainda: Teresa Leitão de Barros, Ilda Jorge, entre outros.

Fotografia retirada de: *Portugal feminino: revista mensal ilustrada*, n.º 78, julho, 1936.

Biblioteca Nacional de Portugal.

Português e Francês»¹⁶⁸. Ofélia passou a ficar habilitada no «exercício da docência»¹⁶⁹.

No ano letivo 1922-1923, Ofélia Cruz inscreveu-se nas cadeiras que lhe faltavam - «Estudos Brasileiros», e «Latim Medieval e Bárbaro». Em «Latim», voltou a encontrar o Professor Agostinho José Fortes¹⁷⁰. Concluídas com notas positivas, Ofélia propôs-se a exame, o último da Licenciatura¹⁷¹. Terminou o Curso em junho de 1923¹⁷² [doc.21]. Como curiosidade, uma década depois, Ofélia reencontrou-se com alguns dos seus antigos colegas, no *Hotel Miramar*, no Monte Estoril¹⁷³.

O que se seguia depois da Faculdade?

A nível pessoal, a ligação com Bernardo Marques aclarou os próximos passos a dar. Sair da Calçada do Marquês de Abrantes, ser independente, partilhar uma vida a dois.

¹⁶⁸ «Certificado, especialização curso Magistério Primário Superior, secção de português e francês, 1 de outubro de 1922». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L. ;Ver Anexos.

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁰ «Trabalhos práticos: registo de presenças: Latim Medieval e Bárbaro», in *Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras: Trabalhos práticos, livro*, 1º ano, 1923-1925. Disponível em: A.H.F.L.U.L. , pasta AA11.

¹⁷¹ «Admissão ao exame final de Licenciatura, 8 de junho de 1923». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L.

¹⁷² «Certificado de conclusão de Licenciatura, secção Filologia Românica, 8 de junho de 1923». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: N.A.A.A.D.P.R.U.L. ;Ver Anexos.

¹⁷³ *Portugal feminino: revista mensal ilustrada*, n.º 78, julho, 1936.

3. Casamento com Bernardo Marques e a mudança de morada(s)

3.1 – Casamento com Bernardo Loureiro Marques, 1924

No dia 31 de agosto de 1924, Bernardo Loureiro Marques e Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, contraíram matrimónio¹⁷⁴ [doc.3].

Foram testemunhas «do acto as quais declararam querer ser considerados padrinhos», António Salvador Ortiz Neto, Noémia Maria de Sousa, o pai da noiva, e Luíza da Fonseca¹⁷⁵.

D. Ofélia, (até) fez questão de o detalhar no seu *Cadastro*. De forma entusiasta. Ou sarcástica?

«Cadastro da D. Ofélia, Nome = Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz – Marques (de casamento) (Hélas!)»¹⁷⁶

Depois do casamento, Ofélia e Bernardo Marques, mudaram-se então para uma casa na freguesia de São Jorge de Arroios em Lisboa.

¹⁷⁴ «Certidão de casamento», in *Livro de Registo de Casamentos*, 4ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, liv. 82, cx. 537, 1924, p. 110-111. Documento preservado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa. [Em linha]. [Consultado a 2/08/2019]. Disponível em: WWW:<URL:<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=7657926>.

¹⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 111.

¹⁷⁶ *Cadastro da D. Ofélia*, escrito por Ofélia Marques, sem data. Biblioteca do M.N.A.C. – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

3.2 - Da Calçada Marquês de Abrantes para a Rua José Falcão

«Para o Manuel Mendes [...] Lembranças alegres na vida do Bernardo – Na rua José Falcão, habitava o Bernardo a Ofélia e o periquito – e também o Fred. ->

[Fred Kradolfer [1962]]¹⁷⁷

Na segunda metade da década de 20, os jovens Ofélia e Bernardo Marques, organizaram alguns pertences importantes, espalhados pelas respetivas casas de solteiros – concretamente, no Dafundo e na Calçada Marquês de Abrantes - e mudaram-se para a Rua José Falcão em Lisboa¹⁷⁸.

Pela mesma altura, o artista suíço Fred Kradolfer (1903-1968) aterrou em Portugal¹⁷⁹, e não demorou a instalar-se na casa do recém casal¹⁸⁰.

É possível que tenha recebido um simpático convite de Bernardo Marques. Como sublinhou Ana Rita Henriques, Bernardo Marques, Carlos Botelho (1899-1982), Thomaz de Mello (Tom) (1906-1990) ou José Rocha (1907-1982), foram alguns dos primeiros artistas, que o «criativo e multifacetado» Fred Kradolfer, conheceu em território nacional¹⁸¹. A cumplicidade e admiração artística entre todos foi imediata. Entre vários gostos, partilhavam sobretudo o forte interesse pelo desenho e ilustração¹⁸².

¹⁷⁷ «Carta de Fred Kradolfer a Manuel Mendes, lembrando Bernardo Marques», 30 de setembro, 1962. Disponível em Fundação Mário Soares - Casa Comum. [Em linha]. [Consultado a 10/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL:<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04632.007.001> ; Nesta carta, endereçada a Manuel Mendes, Fred Kradolfer descreveu alguns momentos felizes que partilhou – na década de 20 - com Ofélia e Bernardo Marques; De acordo com o testemunho do artista suíço, o próprio, Bernardo e Ofélia, viveram na Rua José Falcão, pertencente à freguesia de São Jorge de Arroios em Lisboa. Não foi possível identificar, em que prédio e andar.

¹⁷⁸ Idem, *ibidem*; Na certidão de casamento, pode ler-se que Bernardo Marques vivia no Dafundo, na freguesia de Carnaxide.

¹⁷⁹ HENRIQUES, Ana Rita Luís, *Fred Kradolfer (1903-1968): Designer gráfico influenciador e influenciado em Portugal*, p. 47-51. Fez a sua formação académica, em Zurique (Escola de Artes Aplicadas), passou por Berlim (Cursou Artes Gráficas na Escola de Belas Artes) e Munique (Curso de Arquitetura, na Academia de Munique, mas não completou). Fred Kradolfer esteve em Paris (onde trabalhou como decorador) Roterdão e Bruxelas. Sobre o percurso de Fred Kradolfer ver também: FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)* ; De Silva Designers, *Fred Kradolfer: Design de comunicação e expositivo*, Coleção D, vol.6.

¹⁸⁰ Para esta afirmação, baseamo-nos na descrição do artista suíço presente na missiva endereçada a Manuel Mendes.

¹⁸¹ HENRIQUES, Ana Rita Luís, op. cit., p. 49-51.

¹⁸² Em 1927, com o aparecimento do *Arta* (Atelier de artes gráficas e decoração publicitária) acabariam por trabalhar todos juntos.



Fig.7: Ofélia Marques, agosto de 1926.
Arquivo Particular [I]

Que peso teria Bernardo na vida de Ofélia?

De acordo com os testemunhos de Manuel Mendes e Diogo de Macedo (1889-1959), para além de muitíssimo criativo e inteligente, o rapaz de «olhos vivos, mãos expressivas no explicar»¹⁸³, era extremamente simpático, sensível e delicado. Muito discreto. E de uma amabilidade e humanidade ímpar¹⁸⁴.

Apreciava o silêncio. E às vezes, e como recordou o escritor e poeta José Gomes Ferreira (1900-1985) - como Manuel Mendes, grande amigo do casal Marques – para sentir tremenda tranquilidade, não se importava de «queimar semanas a fio curvado sobre o estirador»¹⁸⁵.

Convivia agora diariamente com a rapariga terna, de olhar profundo, atento, «olhos redondos, voz de rouquidão morena», como a descreveu o autor de *Imitação dos dias*¹⁸⁶. Cativante, encantadora, gentil, de sorriso «franco e cristalino». De «inteligência muito viva e cultivada», com enorme sentido de humor, como a recordou a *Eva*¹⁸⁷ [fig.7]¹⁸⁸.

¹⁸³ MACEDO, Diogo de, «Bernardo Marques: apontamento inédito de Diogo de Macedo», in *Bernardo Marques, Obras de 1950 a 1960: Catálogo*.

¹⁸⁴ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº 1090, novembro, 1962, p. 27-31. Texto de Manuel Mendes.

¹⁸⁵ FERREIRA, Raúl Hestnes, *José Gomes Ferreira: fotobiografia*, p. 84-85; excerto retirado do livro da autoria de José Gomes Ferreira, *A Memória das palavras ou o gosto de falar de mim*, publicado em 1965.

¹⁸⁶ FERREIRA, José Gomes, *Imitação dos dias*, p. 50-52.

¹⁸⁷ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº 1000, maio, 1955, p. 9.

¹⁸⁸ Arquivo Particular [I] – Será assim indicado para respeitar o anonimato da proprietária.



Fig.8
Ofélia e Bernardo Marques, já casados, s/d [aprox.
entre 1925-1926]
Arquivo Particular [I]

É possível imaginar que se tenham tornado mais cúmplices. Confidentes. Nas horas vagas, discutiam projetos, gostavam de trocar algumas ideias e partilhar sonhos, com seu amigo e companheiro de casa. E também com seus irmãos quando apareciam pela Rua José Falcão¹⁸⁹.

Numa missiva endereçada a Manuel Mendes, Fred Kradolfer, recordou alguns momentos engraçados passados na companhia de Ofélia e Bernardo, Alda e António. Certo dia, receberam a visita de um amigo muito especial: um periquito. Familiar. Curioso e também muito guloso:

Nos nossos almoços, quasi [sic] sempre cozinhados pelo Bernardo, lá aparecia o nosso malandro do periquito, poisava em cima da cabeça de qualquer um, à espera de abrir o açucareiro, logo enfia nele, e muito nos divertimos, de logo remeter a tampa, c/ ele a gosar [sic] de se encher de açúcar. – Um dia, ele fugiu, e foi um dia muito triste. - Nesta altura aparece o Irmão António, que, eu com ainda [sic], muito estrangeiro, achei um lindo Arabe. Também apareceu [sic] a Irmã Halda [sic] da Ofélia, e assim, aquilo já parecia uma família.

Não sei porque estou a escrever isto, podia escrever toda a noite lembranças, que afinal não interessam só a mim, e a mais ninguém.

Fred¹⁹⁰.

¹⁸⁹ «Carta de Fred Kradolfer a Manuel Mendes, lembrando Bernardo Marques», 30 de setembro, 1962. Disponível em Fundação Mário Soares - Casa Comum. [Em linha]. [Consultado a 10/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL:<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04632.007.001>

¹⁹⁰ Idem, *ibidem*.

Por viverem juntos, Ofélia e Bernardo, já não precisavam de combinar passeios com antecedência. Nem de desenhar em bilhetinhos, como faziam noutros tempos, estações de comboios ou outras paragens, relógios com horas marcadas¹⁹¹.

Com Lisboa como a cidade de eleição, e a Rua Garrett como ponto obrigatório, o casal saía para passear pelas movimentadas e atrativas zonas dos Restauradores, do Rossio, mas sobretudo da Baixa e do Chiado. Com distintos e convidativos espaços, de diversão, de convívio, entre lojas para todos os gostos, casas de roupas, cabeleireiros. Salões de chá, restaurantes, cafés. Também, livrarias, hotéis, teatros, cinemas ou *clubs*¹⁹². Segundo José-Augusto França, novas «cores», «brilhos» e «ritmos», pairavam sobre Lisboa – na verdade, como em outros centros urbanos a nível mundial (Paris, Berlim, ou Nova Iorque) – desde o fim da Grande-Guerra. Ou mais concretamente nos «loucos» anos 20¹⁹³.

A cidade era mais diversa do que fora em 1910¹⁹⁴. Em linhas gerais, com novos espaços, ou por outro lado, com salas antigas, animadas com novos programas. Novas gentes. Outras convivências, outras sociabilidades, entre figuras masculinas e femininas. Gostos novos, modernos e outras curiosidades. Por exemplo, o interesse pelo desporto, ou pela «sedução da praia». Nas palavras do mesmo historiador de arte o Estoril «um complemento ou um suplemento de Lisboa social e mundana»¹⁹⁵. O encanto pela velocidade e pela condução de automóveis¹⁹⁶. A atração pela animação noturna, pela dança¹⁹⁷.

Ainda, novas modas. Outras silhuetas e diferentes atitudes. O sabor de uma nova «liberdade de movimentos». Particularmente, figuras femininas com trajés simples, de linhas direitas, fluídas, muitíssimo elegantes. Cabelos curtos à *garçonne*, ou na

¹⁹¹ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 112-113.

¹⁹² FRANÇA, José-Augusto, *Os Anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*, p. 73-116; Depois de 1918, abriram diferentes espaços de divertimento noturno na cidade de Lisboa. De vários, por exemplo, o «Majestic-Club», que passou a designar-se, «Monumental-Club», o «Maxim's» ou o «Bristol-Club». Como a «Brasileira do Chiado», o «Bristol», sofreu obras de remodelação. Na nova decoração fizeram parte obras de diferentes artistas, como Almada Negreiros, Eduardo Viana ou Lino António. Muitos «clubs» fecharam portas no final, dos anos 20. Em particular sobre os *clubs* noturnos em Lisboa ver estudo de: BARROS, Júlia Leitão de, *Os Nights Clubs de Lisboa nos anos 20*.

¹⁹³ «O decénio de 1920 foi por isso batizado como nome de “années folles” no seu foco parisiense [...] A primeira data que nos aparece é, ao fim da guerra, o assassinato de Sidónio Pais, a última, a instalação de Salazar no poder, a meio de 1932 [...] Entre uma e outra data mediaram treze anos e meio que constituíram um período e foram, coerentemente, a época de 20 – “twenties” à portuguesa, pobres, “années folles”», in Idem, *ibidem*, p. 8.

¹⁹⁴ «Em modas e gentes, ruas e costumes, e iria transformar-se em ritmo ainda mais acelerado até 1925, e, apesar de novas incertezas e crises, até 1930.», in Idem, *ibidem*, p. 73.

¹⁹⁵ Idem, *ibidem* p. 73, 113-115.

¹⁹⁶ «Era uma nova cidade “criada pelo elétrico e pelo automóvel”, in Idem, *ibidem*, p.85.

¹⁹⁷ Idem, *ibidem*, p. 85.

denominação nacional «cabelos à Joãozinho»¹⁹⁸. De acordo com Cecília Barreira e Maria Gabriela Marques, «nunca o corpo feminino estivera tão exposto»¹⁹⁹. Como notou Cecília Barreira, em particular, o pós-guerra «traz um ressurgimento da vida mundana, incluindo a satisfação mais urgente dos gostos individuais. A mulher adulta e madura, apanágio do tempo que antecede a guerra, é agora substituída, paulatinamente, pela mais jovem [...] esbelta e magra [...] um corpo [...] pronto para o movimento de uma vida intensa.»²⁰⁰.

Mas regressemos ao trajeto do casal.

Ofélia e Bernardo Marques, passavam por alguns cafés. No Rossio, por exemplo, o *Chave de Ouro*²⁰¹. Na Rua Garrett, passavam por diferentes salões de chá. Pelas casas *Bénard e Marques*. Também a casa *Garrett*²⁰², e um dos cafés mais badalados de Lisboa - a *Brasileira do Chiado*. Nas palavras do historiador de arte Bernardo Pinto de Almeida «centro essencial da vida cultural e das tertúlias modernistas lisboetas»²⁰³. Bernardo Marques, conhecia bem a sala principal, como todos os cantos da casa, que foi fundamental para a sua aprendizagem e atividade.

Entre 1923 e 1924, o café (aberto desde os primórdios do século XX) sofreu obras de remodelação. Bernardo Marques, Eduardo Viana (1881-1957), Almada Negreiros (1893-1970) ou Jorge Barradas (1894-1971), foram alguns dos modernistas responsáveis pela nova decoração (1925).

A iniciativa partiu do jornalista Norberto de Araújo (1889-1952) e do artista gráfico, pintor, arquiteto José Pacheco (1885-1934)²⁰⁴.

¹⁹⁸ «o romance de Victor Margueritte [publicado em 1922], que dará o impulso decisivo para a sua generalização, a ponto dos cabelos [...] passarem a ser conhecidos por cabelos “à la garçonne” [...] [no país] de início nos grandes centros urbanos, depois um pouco por todo o lado», in MARQUES, Maria Gabriela Mota, *Cabelos à Joãozinho: a garçonne em Portugal nos Anos Vinte*, p. 12, 20, 55-57; BARREIRA, Cecília, *História das nossas avós: retrato da burguesa em Lisboa 1890-1930*, p. 105-106.

¹⁹⁹ BARREIRA, Cecília, *História das nossas avós: retrato da burguesa em Lisboa 1890-1930*, p. 103-108; MARQUES, Maria Gabriela Mota, *Cabelos à Joãozinho: a garçonne em Portugal nos Anos Vinte*, p. 12, 20, 55-57.

²⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 103-108;

²⁰¹ «Só no Rossio eles se multiplicavam [...] o “Nicola”, de velha história boémia, com obras de Norte Jr. no fim de 1929 [...] na rua 1.º de Dezembro, por detrás o “Itália” e, na sua sucessão, em 1926, o “Madrid”, eram mais pacatos, e tinham alguma frequência feminina, raríssima então.», in FRANÇA, José-Augusto, *Os Anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*, p. 84.

²⁰² Idem, *ibidem*, p. 82. No mesmo espaço, abriu poucos anos depois uma «casa de cintas»: a «Pompadour». Bernardo Marques, fez algumas publicidades da «Pompadour», mas não só.

²⁰³ ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Arte portuguesa no século XX: uma história crítica*, p. 96-97; FRANÇA, José-Augusto, *Os anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*, p.83-84.

²⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 96; FRANÇA, José-Augusto, *Os Anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*, p. 156-159; GONÇALVES, Rui Mário, *A Arte portuguesa do século XX*, p.58-60; Bernardo Marques, compôs um friso decorativo com figuras populares e frutos, «em colorido alacre», como

O ilustrador, desenhador, decorador, que segundo os historiadores de arte José-Augusto França e Raquel Henriques da Silva, tinha uma atividade artística, nesta altura, bastante intensa²⁰⁵, pois, para além de já ter concebido várias ilustrações para obras de diferentes autores - como António Ferro (1895-1956) ou Fernanda de Castro²⁰⁶ - colaborava assiduamente com diferentes revistas, jornais diários, nomeadamente, *Ilustração Portuguesa*, *Ilustração* ou *Diário de Notícias*, encontrava no «estreito café», amigos, parceiros de trabalho. Companheiros criativos com quem já se tinha cruzado, por exemplo, na *III Exposição dos Humoristas Portugueses*. Entre alguns nomes, Stuart Carvalhais (1887-1961) ou António Soares (1894-1978), este último, e de acordo com Raquel Henriques da Silva, autor da «excelente capa para *Leviana* de António Ferro que, com abuso de metáforas, procurava passar à literatura os ritmos inventados de uma artificiosa feminilidade»²⁰⁷.

Certamente tantos outros modernistas portugueses, e de acordo com a definição de José-Augusto França, da «primeira» e «segunda» geração²⁰⁸, com quem, porventura, trocava impressões sobre o seu trabalho, discutia sobre as novidades do meio artístico. Sobre algumas exposições individuais²⁰⁹. Ou ainda, as *Exposições*, os *Salões*, particularmente, sobre as obras apresentadas. Por exemplo, no início do ano de 1925 o *I Salão de Outono*, impulsionado por Eduardo Viana na S.N.B.A. em Lisboa. Um marco na «vida artística em Portugal», onde participaram vários artistas como, e para além do organizador, Mily Possoz, Emmérico Nunes (1888-1968), Clementina Carneiro

sublinhou José-Augusto França. Algumas pinturas foram expostas no *I Salão de Outono*, em janeiro de 1925, e posteriormente colocadas nas paredes do café.; De acordo com o testemunho de Fernanda de Castro, Bernardo Marques já frequentava a «Brasileira do Chiado» nos primórdios dos anos 20. Portanto, altura, em que desistiu do curso na Faculdade de Letras, para se dedicar, a tempo inteiro, ao desenho e à ilustração. Ver: CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 113.

²⁰⁵ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 75-91, 206-208; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.377-379; Ver também: RUIVO, Marina Bairrão, *Bernardo Marques (1898 - 1962): um esboço*, vol. I, p. 18-23.

²⁰⁶ De António Ferro, *Gabriele d'Annunzio e Eu*, e *A Idade do Jazz-Band*, publicadas, entre 1922 e 1923. De Fernanda de Castro, *Cidade em Flor*, dada à estampa, em 1924. Ver: WWW:<URL: <http://www.fundacaoantonioquadros.pt/>.

²⁰⁷ *Ilustração Portuguesa*, nº 752, 19 de julho, 1920, p. 41-42. Neste número da revista, estão reproduzidos alguns desenhos de Bernardo Marques, que estiveram patentes na exposição; Ver: SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.378.

²⁰⁸FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 111-132 e 195-218; FRANÇA, José- Augusto, *O Modernismo na arte portuguesa*, p.101; ver também: GONÇALVES, Rui Mário, *História da Arte em Portugal*, vol. 12, «Pioneiros da Modernidade», p.49 e p.169

²⁰⁹ No início dos anos 20, contam-se por exemplo as exposições individuais de: Eduardo Viana (em 1920 e 1921), Lino António (1924), Abel Manta (1925), entre outros.

de Moura, Lino António (1898-1974), e tantos outros²¹⁰.

Por sua vez, a jovem Ofélia Marques reconhecia na *Brasileira* alguns rostos familiares. Artistas, que muito provavelmente conhecera nos primórdios dos anos 20. Mas deixava o desenhador, e seguia para outras paragens. Mesmo que o ambiente no «café dos intelectuais» a interessasse, talvez compreendesse que não era muito bem-vinda num “território” predominantemente masculino²¹¹.

De acordo com os testemunhos da pintora Sarah Affonso, e da atriz de teatro e cinema Beatriz Costa (1907-1996), por norma, as mulheres não frequentavam lugares «em que os homens permanecessem»²¹². Certos valores ou hábitos “menos modernos”, ainda estavam enraizados. As duas tiveram a ousadia de entrar, na segunda metade dos anos 20, e primórdios da década de 30. Quando marcavam presença, vislumbravam (principalmente), «um grande aglomerado de senhores»²¹³.

Ainda no quadro dos passeios, às vezes Ofélia e Bernardo preferiam passar o dia no campo, a apreciar e aproveitar a paisagem e o ritmo diferente, do que se via e vivia na cidade lisboeta [fig.9].

Nos dias em que Bernardo ficava pela Rua José Falcão a trabalhar, por vezes com Fred Kradolfer, é possível que Ofélia fizesse por acompanhar de perto a criatividade artística do desenhador.

Na carta já mencionada, escrita por Fred Kradolfer, datada de 30 de setembro de 1962²¹⁴, o artista suíço recordou um momento curioso vivido com o casal Marques, depois de uma

²¹⁰ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 76; Ver também: ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Arte Portuguesa no século XX: uma História Crítica*, p. 94.

²¹¹ FRANÇA, José- Augusto, *Os Anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*, p. 84.

²¹² NEGREIROS, Maria José Almada, *Conversas com Sarah Affonso*, p. 72-73; COSTA, Beatriz, *Sem papas na língua – memórias*, p. 53-63.

²¹³ A Maria José Almada Negreiros, Sarah Affonso confessou: «- No seu tempo havia muito poucas mulheres na “Brasileira”? – Era eu sozinha. Fazia aquilo por desafio, tinha vindo de Paris de forma que trazia um encanto dentro de mim, uma certeza de certas coisas, e porque é que eu não hei-de entrar na “Brasileira”? [...] Como as mulheres não entravam, eu entrei.», in NEGREIROS, Maria José Almada, op. cit., p. 72; Sarah Affonso esteve em Paris, por duas temporadas, entre 1923-1924, e 1928-1929; No seu livro de memórias, Beatriz Costa recordou: «Perto do Teatro da Trindade fica o célebre café A Brasileira do Chiado. Nessa altura, uma senhora não frequentava lugares em que os homens permanecessem. Mas eu [...] era uma coisinha curiosa, que só queria aquele tipo de gente, que se reunia no canto da entrada para falar de coisas interessantes.», in COSTA, Beatriz, op. cit., p. 54.

²¹⁴ «Carta de Fred Kradolfer a Manuel Mendes, lembrando Bernardo Marques», 30 de setembro, 1962. Disponível em Fundação Mário Soares - Casa Comum. [Em linha]. [Consultado a 10/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL:<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04632.007.001>

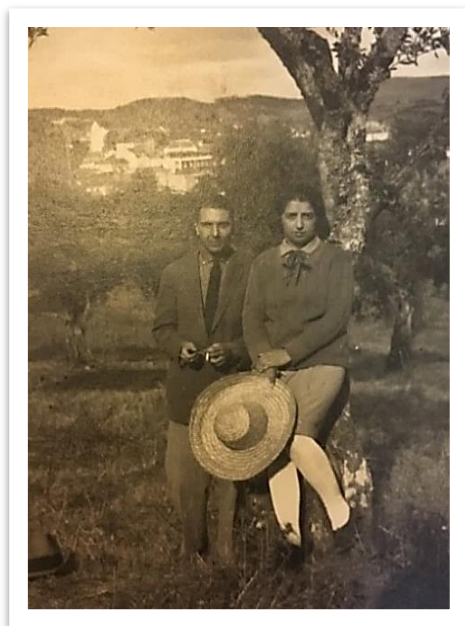


Fig.9

Bernardo e Ofélia Marques, novembro, s/ano.
[aprox. segunda metade década de 20].

Arquivo Particular [I]

madrugada de trabalho e da entrega de uma encomenda:

Tinha o Bernardo sido incumbido de fazer um Ex-libris, para hoje o celebre médico Polido Valente. Muito se cansou o Bernardo de encontrar o motivo. E passamos a noite em claro, ele com o Ex -Libris, e eu [...] com um assunto também bem difícil para a Shell [...] O Bernardo eram talvez 6 da madrugada acabou o seu Ex - Libris, e o malandro do periquito estava a dormir em cima da cimalha do Atelier. – E assim fomos dormir, ele com a Ofélia eu no atelier junto com o periquito. [...]

Tínhamos um trabalho para o Pó Avelar, estávamos muito a “brocha” de dinheiro, fui eu quem entregou o trabalho, pedindo naquele tempo 500\$00esc. Por engano recebi 1.000\$00 voltei para traz [sic], e o Senhor de Avelar ofereceu o resto. Fomos comprar uma garrafa de “Ponche do Rei do Siam”, toda prateada, e foi uma pandega das grandes²¹⁵.

Talvez Ofélia não se limitasse apenas a observar Bernardo e Fred Kradolfer, e aproveitasse (também) para desenhar.

Entre observação, criação, experimentação e reflexão, Ofélia acabou por definir o que pretendia fazer a nível profissional. O forte sentido, aptidão e gosto pelo desenho, certamente também pesaram na decisão. Os recursos também não abundavam, e era por isso necessário começar a trabalhar.

Ao visualizar alguns esboços, alguns «bonecos», nas palavras de Fernanda de Castro, ou

²¹⁵ Idem, *ibidem*.



Fig.10
Ofélia Marques, 1927.
Arquivo Particular [I]

outros trabalhos concluídos de sua esposa, é possível que Bernardo também tenha incentivado Ofélia a dedicar-se – inteiramente - ao desenho, à ilustração, à pintura²¹⁶. Como detalharemos noutra capítulo, no último semestre de 1926, Ofélia Marques recebeu as suas primeiras encomendas. E similarmente, um convite para expor, e pela primeira vez - ao lado de Bernardo Marques e Sarah Affonso - alguns trabalhos seus²¹⁷. A partir desse momento, Ofélia Marques passou a ser acompanhada por outros artistas, o seu trabalho apreciado pela crítica, e reconhecida como a pintora, desenhadora, ilustradora Ofélia Marques.

Entre o final da década de 20 e o dealbar dos anos 30, o jovem casal começou a procurar outro lugar para viver. Ofélia e Bernardo, mudaram-se então para a Calçada dos Caetanos. Concretamente para o 2.º andar, do n.º 6²¹⁸. O mesmo prédio, onde desde 1923, habitava Fernanda de Castro, seu marido António Ferro – jornalista, escritor, e que viria a assumir

²¹⁶ «E abençoados os bonecos da Ofélia que nasceram dos seus [Bernardo], do desejo que ela tinha, muito sincero, de lhe agradar.», in CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 114.

²¹⁷FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 303-304; RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.5.

²¹⁸ Atual Rua João Pereira da Rosa; O mesmo prédio, onde noutra época, viveram Ramalho Ortigão (1836-1915) e Pedro de Oliveira Martins (1845-1894).

a direção do S.P.N./ S.N I. a partir de 1933, até à década de 50 – e o filho, ainda criança, António Quadros Ferro (1923-1993)²¹⁹.

É provável que o casal Marques se tenha instalado na nova morada, depois da temporada de Bernardo em Berlim (1929). Cidade onde contactou com a obra do expressionista alemão Georg Grosz (1893-1959), e segundo Marina Bairrão Ruivo, «muito lhe interessou o olhar satírico, evidente, nos seus desenhos»²²⁰. Como também escreveu Bernardo Pinto de Almeida:

De uma passagem por Paris e por Berlim colheu lição dos grandes caricaturistas alemães da época, o que lhe permitiu focar um olhar mais desassombrado sobre a realidade que o rodeava. E nele, o que era primeiramente delicada ironia, tornar-se-ia, com o tempo, mais vivamente, em sarcasmo, evidenciando sempre uma extrema atenção aos aspectos mais crucialmente quotidianos, que soube fixar com humor amargo, qual cronista atento e nunca comprometido com essa realidade, para com a qual soube sempre manter-se lucidamente crítico. Além deste lado mais cáustico, realizou ainda obra lírica e subtil de desenhador sensível e competente, capaz de fazer do desenho uma forma meditativa, quase filosófica²²¹.

Breves linhas para salientar - sobre esse período em particular - que a «loucura» e «alegria contagiante» dos anos 20, tiveram os dias contados, sobretudo a partir do golpe de Estado de 28 de maio de 1926. Portanto, da queda da República Portuguesa, e da afirmação da Ditadura Militar/Nacional²²².

Fecharam-se diversos espaços de animação noturna. Salas de jogos e *clubs*. Mas não só. Outras medidas repressivas foram postas em prática. A imprensa passou a ser controlada

²¹⁹CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939, e Ao fim da memória: 1939-1987*; ver também: WWW:<URL: <http://www.fundacaoantonioquadros.pt/>; Sobre António Ferro: Escreveu regularmente, a partir da década de 20. Muitos livros/capas da sua autoria, foram ilustrados por diferentes artistas, como Bernardo Marques, Almada Negreiros, António Soares. Colaborou com vários jornais, como *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*. No *Diário de Notícias*, como «repórter internacional», teve a oportunidade de realizar entrevistas a distintas personalidades – do campo político, no panorama artístico, literário. Em território nacional, realizou algumas entrevistas ao chefe de Estado, António de Oliveira Salazar. A partir de 1933, já em pleno «Estado Novo», assumiu a direção do S.P. N / S.N.I, até à década de 50. Dinamizou, inúmeros *Salões de Arte Moderna*, do S.P.N. / S.N.I. Bernardo Marques, foi um dos artistas/amigos, com quem trabalhou. E que mais admirou. Fundou a revista *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*. Dirigiu a revista *Atlântico*. Faleceu, em 1956.

²²⁰ RUIVO, Marina Bairrão, *Bernardo Marques (1898 - 1962): um esboço*, vol. I, p. 18 -20.

²²¹ ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Arte portuguesa no século XX: uma história crítica*, p. 113.

²²² «A ideia republicana não morreu no 28 de maio de 1926; pelo contrário, pegou em armas contra a Ditadura Militar, foi oposição no Estado Novo e permaneceu viva [...] Ainda hoje, no século XXI, podemos encontrar os valores republicanos no discurso político contemporâneo.», in SAMARA, Maria Alice, «O Republicanismo», in ROLLO, Maria Fernanda, ROSAS, Fernando (coord.), *História da Primeira República Portuguesa*, p.61-77.

pela censura. Como o teatro, o cinema ou a rádio. E as liberdades individuais restritas. E vigiadas. Como sublinhou Oliveira Marques:

A censura conheceu um endurecimento marcado, milhares de pessoas recolheram à prisão [...], a polícia política passou a interferir cada vez mais na vida quotidiana dos cidadãos. [...] De todos os mecanismos repressivos a censura foi sem dúvida o mais eficiente, aquele que conseguiu manter o regime sem alterações estruturais durante quatro décadas. Visou assuntos [...] políticos e militares, mas também morais e religiosos, normas de conduta e toda e qualquer notícia suscetível de influenciar a população num sentido considerado perigoso²²³.

Em pleno Estado Novo (autoritário, corporativo, conservador, nacionalista) - consolidado com a nova Constituição de 1933, e com António de Oliveira Salazar (1889-1970), o «salvador da nação» como Presidente do Conselho de Ministros - passou a imperar, um regresso à moralidade, aos valores tradicionais. A apelar-se à ordem. Certos princípios/práticas religiosas, o respeito e o interesse maior à pátria e à família, ganharam uma nova importância. Uma outra dimensão.

O regime *salazarista*, apenas conheceria o seu termo com a «Revolução dos Cravos», em abril de 1974²²⁴.

²²³ MARQUES, A. H. de Oliveira, *Breve História de Portugal*, p. 623-650.

²²⁴ Idem, *ibidem*, p. 562-622; MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, vol. III, «Das Revoluções Liberais aos nossos dias», p. 361-456; Breves apontamentos sobre alguns acontecimentos importantes, entre 1926 a 1933: Foi suspensa a Constituição Republicana de 1911. A «Ditadura Militar», tornou-se, numa «Ditadura Nacional». Instaurada a censura. Em março de 1928, Óscar Carmona (1869-1951), foi eleito, Presidente da República. Em julho de 1930, foi criada a «União Nacional». Em 1932, António de Oliveira Salazar, foi nomeado presidente do Conselho de Ministros (depois de já ter assumido um papel de relevo na pasta das Finanças, desde abril de 1928). A nova Constituição Portuguesa, foi aprovada, em 1933. Neste ano foi criada a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Mais tarde, denominada de Polícia Internacional e de Defesa do Estado. O «Estado Novo», vigorou em Portugal, por mais de 40 anos.

3.3 A mudança para a Calçada dos Caetanos

«Pelo menos para mim, será sempre a Calçada dos Caetanos [...] E já que estou a falar das personalidades que viveram, trabalharam e sofreram nestas salas e nestes quartos com lambris de azulejos [...] como poderei esquecer os grandes artistas, os grandes amigos, que viveram por cima de nós, no 2.º andar? – Bernardo e Ofélia Marques, Fred Kradolfer e José Gomes Ferreira? Éramos todos amigos e bons vizinhos [...] Saudades, saudades...»

[Fernanda de Castro [1988]]²²⁵

No 1.º andar, do n.º 6 da Calçada dos Caetanos, Fernanda de Castro acompanhou o momento em que os novos vizinhos chegaram ao prédio. Ofélia e Bernardo Marques, também, o casal Ingrid Hestnes (1904-1947) e José Gomes Ferreira²²⁶. Finalmente uma muito bem-vinda jovialidade, num prédio onde perdurava um «silêncio um pouco lúgubre»²²⁷ :

Um dia, porém, grande reboiço no meu prédio, e o António [Ferro] chegou a casa dizendo: - “Sabes quem vem cá para cima? O Bernardo e a Ofélia, o José Gomes Ferreira e a Ingrid.” [...] A verdade é que, pela escada, subiam e desciam moços carregados com móveis, malas e caixotes, cavaletes e estiradores. Habituada ao silêncio um pouco lúgubre do prédio, onde, no 2.º andar, moravam apenas, nos últimos meses, as duas criadas, muito velhas e muito surdas das senhoras Campos [aias da realeza, dos príncipes D. Luís Filipe e D. Manuel], o contraste era de molde a provocar verdadeira estupefacção nas pessoas que vinham a minha casa e nos que subiam às águas furtadas. [...] As senhoras Campos morreram uma após a outra, e as criadas, tão velhas ou mais do que elas, morreram por sua vez e a casa ficou triste, vazia, povoada apenas por recordações, saudades e, quem sabe?, por invisíveis presenças.

Foi então, Bernardo, que vocês chegaram, expulsando os fantasmas com a vossa alegria, a vossa mocidade, as vossas esperanças e as vossas certezas²²⁸.

²²⁵ CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p. 57 - 59 e 198; Fernanda de Castro e António Ferro, fizeram algumas obras de remodelação na casa da Calçada dos Caetanos. Bernardo Marques pintou um friso cujos motivos eram o artesanato, as artes e os bailados portugueses. Na verdade, algo semelhante à decoração que fez para o café a *Brasileira*.

²²⁶ Ingrid Hestnes Ferreira (apelido de casamento) era natural de Kristiansund, na Noruega. Foi durante a estadia de José Gomes Ferreira, no país da Escandinávia, que se conheceram. Já em Lisboa, casaram, e mudaram-se para a Calçada dos Caetanos.

²²⁷ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 110; Ver ainda a descrição presente em: CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p. 57-58 e 198-199.

²²⁸ Idem, *ibidem*, p. 109-110.

Após a «agitada mudança», seguiu-se a rápida organização:

A vossa instalação foi simples e rápida, pois cada um tinha apenas os móveis absolutamente indispensáveis: - camas, mesas, a secretária do Zé Gomes, o seu estirador, Bernardo, e o cavalete da Ofélia. Além disso meia dúzia de pratos e de talheres [...] livros, muitos livros, lápis e pinceis, tintas, telas, etc. Organizaram-se rapidamente mas a vossa organização era a mais completa desorganização que até hoje vi. Isso, porém, não os incomodava muito.

Eram todos felizes, novos, irreverentes, cheios de saúde e todos tinham talento, como mais tarde se viu²²⁹.

Pela mesma altura, o artista bem conhecido (e amigo) de Ofélia e Bernardo Marques, Fred Kradolfer, deixou a casa da Rua José Falcão e mudou-se também para o espaçoso apartamento²³⁰.

Por (ainda) haver espaço para mais um residente, Ofélia decidiu também levar um gato para viver com a numerosa família. Nas palavras de José Gomes Ferreira, um «gatarrão mole»²³¹. Foi batizado por Ofélia de *Pintam*. Com natural ironia. Como recordou Fernanda de Castro:

«A Ofélia tinha um gato. Lembra-se, Bernardo, do nome que ela lhe pôs? “O Pintam”. Quando eu lhe perguntei a razão desse nome bizarro ela respondeu-me, com naturalidade: -“Todos o acham medonho, mas olhe que não é tão feio “como o pintam!”»²³².

Ofélia «amava os bichos»²³³. De tal forma, que em muitas situações sentia-se mais felina do que humana.

Certo dia, ao confessar tamanha paixão ao seu amigo José Gomes Ferreira, afirmou:

«-“Não sou humana. Sou gata! [...] Há dias, assisti ao atropelamento dum homem. Pois só consegui sofrer depois de transformá-lo mentalmente em bichano...

- Ó Ofélia! [exclamou José Gomes Ferreira]

- É verdade.”»²³⁴.

²²⁹ Idem, *ibidem*, p. 110; Ingrid e José Gomes Ferreira, tiveram um filho - Raul José Hestnes Ferreira. Nasceu no dia 24 de novembro de 1931. Ofélia e Bernardo foram convidados a serem padrinhos. Ver: CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p. 57-58; FERREIRA, Raúl Hestnes, *José Gomes Ferreira: fotobiografia*, p. 79.

²³⁰ Segundo Fernanda de Castro, a passagem de Fred Kradolfer pela Calçada dos Caetanos foi relativamente efémera.

²³¹ FERREIRA, José Gomes, *Imitação dos dias*, p. 50-52.

²³² CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 110.

²³³ FERREIRA, José Gomes, *Imitação dos dias*, p. 50-52.

²³⁴ Idem, *ibidem*, p. 50-51.

Talvez não seja assim de estranhar a autodenominação de *D. Ofélica*, no seu *Cadastro*²³⁵. Gostava de os observar, de acompanhar os seus ágeis movimentos. A sua posição enquanto dormiam. Apreciava muito a sua companhia.

Do estudo e decoração de algumas riscas dos bichanos, Ofélia passou também ao desenho. Certos trabalhos, até foram enviados para alguns certames como veremos mais à frente.

Os dias foram passando. Ou na expressão de Fernanda de Castro, «[o tempo foi] rolando, rolando, como rolam as pedras na praia, batidas pelo mar»²³⁶, e o quotidiano de Ofélia e Bernardo Marques, assemelhava-se ao da antiga casa da Rua José Falcão. De acordo com o testemunho da autora de a *Cidade em Flor* (1924), de vez em quando, recebiam a visita preciosa de uma senhora, a Maria, para os ajudar no serviço da casa. Uma espécie de «governanta, cozinheira, mulher-a-dias»²³⁷.

Nos dias de intenso trabalho, por exemplo, o casal não tinha de se preocupar com a confeção das refeições ou qualquer outra tarefa. Maria sabia como tratar de tudo. E mesmo que as economias fossem escassas, também sabia sempre o que preparar. E nunca esquecia os «caprichos da «senhora»²³⁸. De tanto ceder, certo dia, Ofélia acabou por adoecer. Por excesso de queijo de cabra - que gostava de comer (exigir), praticamente em todas as refeições - apanhou «febre de Malta». Felizmente, o tratamento fez efeito e a recuperação foi rápida. Porém, para seu grande desgosto, Ofélia nunca mais pôde voltar a tocar em queijo fresco²³⁹.

Sempre que tinham oportunidade, Ofélia e Bernardo saíam de casa para passar a tarde na Baixa ou no Chiado [fig.11] . Mais precisamente, nas ruas e espaços de convívio que tão bem conheciam e apreciavam. Às vezes saíam bem acompanhados por Ingrid e José Gomes Ferreira, e Fred Kradolfer.

²³⁵ *Cadastro da D. Ofélica*, escrito por Ofélia Marques, sem data. Biblioteca do M.N.A.C. – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

²³⁶ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 114.

²³⁷ Idem, *ibidem*, p. 111. Ofélia fez alguns retratos – que mostraremos mais à frente - da filha de Maria; De acordo com o testemunho de Fernanda de Castro, foi precisamente esta senhora, que nos anos 50, encontrou Ofélia Marques em casa já sem vida.

²³⁸ «às vezes não havia dinheiro e a Ofélia, perguntava-lhe: -“O que é que temos para o almoço?” – Maria respondia: -“Sopa e um resto de queijo.” – “Ótimo! Já reparaste que estou a engordar?”», in Idem, *ibidem*, p. 111.

²³⁹ «queria, exigia queijo fresco a todas as refeições. [...] Um dia adoeceu com febrões e o médico [...] não atinava com o seu mal. [...] até que um dia a Maria lhe perguntou: - “Ó senhor Doutor, a senhora [...] só pede queijo; posso dar-lhe?” Imediatamente se fez luz no seu espírito: -“Que queijo? Deixe cá ver [...] ó diabo, queijo de cabra! Já sei o que ela tem! – febre de Malta.” [...] Feitas as análises confirmou-se o diagnóstico, modificou o tratamento e 15 dias depois a Ofélia estava boa [...] ficou tristíssima quando o amigo [doutor] lhe disse: -“ E agora acabou-se o queijo de cabra. Olhe que as recaídas são muito mais desagradáveis.”», in Idem, *ibidem*, p. 111.



Fig.11

Ofélia Marques, passeando pelo Chiado, s/d [aprox. segunda metade da década de 30], Arquivo Particular [I]



Fig.12

Ofélia Marques e Berta Mendes, Chiado, 26 de março de 1933. Arquivo Fundação Mário Soares (Casa Comum) /Manuel Mendes/MNAC-Museu do Chiado
Fonte da imagem: Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizad-or?pasta=04652.072.000>

Nos lugares do costume, o casal encontrava conhecidos, mas também amigos que muito estimavam. Por exemplo, Manuel Mendes e sua esposa Berta (Bá) Mendes [fig.12]. No café *a Brasileira*, em particular, muito provavelmente Ofélia já não se limitava a cumprimentar “gente” conhecida e amiga à porta. Entrava, e confraternizava com amigos, intelectuais e vários artistas²⁴⁰.

De acordo com o testemunho da artista Maria Keil – numa entrevista, realizada pela investigadora Ana Rita Henriques – depois de Sarah Affonso, muitas outras artistas plásticas passaram também a frequentar o café²⁴¹.

²⁴⁰ A título de curiosidade, no desenho *Estudo para “O Grupo no Café a Brasileira”*, para além de se autorretratar, Bernardo Marques retratou Ofélia Marques, mas também, José Gomes Ferreira, entre outros. Ver: WWW:<URL:<https://gulbenkian.pt/museu/artist/bernardo-marques/>

²⁴¹ No âmbito da investigação sobre a vida e obra de Fred Kradolfer, Ana Rita Henriques entrevistou Maria Keil. Sobre a presença das mulheres na *Brasileira*, a artista recordou: «Havia a Brasileira do Chiado, onde os artistas se juntavam e nunca entrava uma mulher. Um dia entrou uma, uma moça nova,



Fig.13

Ofélia Marques, Berta Mendes, [Fred Kradolfer?], Ingrid Ferreira, em Carcavelos, s/d [aprox., primeira metade da década de 30].

Arquivo Fundação Mário Soares (Casa Comum) /Manuel Mendes/MNAC-Museu do Chiado

Fonte da imagem: Disponível em:

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04655.364.000>



Fig.14

Ofélia Marques, Berta Mendes, [Soeiro Pereira Gomes?], Ingrid Ferreira, e [Fred Kradolfer?] em Carcavelos, s/d [aprox., primeira metade da década de 30].

Arquivo Fundação Mário Soares (Casa Comum) /Manuel Mendes/MNAC-Museu do Chiado.

Fonte da imagem: Disponível em:

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04655.364.000>

Como vimos no capítulo anterior, Beatriz Costa, foi aparentemente uma das primeiras mulheres a entrar na *Brasileira*²⁴².

Ainda em matéria de passeios, aos fins de semana, Ofélia e Bernardo aproveitavam para fazer um programa diferente. Sobretudo aos domingos – e na verdade como já faziam desde os tempos da faculdade²⁴³.

Saíam cedo de casa, de malas preparadas, com toalhas, fatos de banho e pequenos petiscos, em direção à estação de comboios do Cais do Sodré. Apanhavam o comboio e saíam na “paragem” praia. Lugar, e como já descrito, que Ofélia adorava. E muito²⁴⁴.

desempeirada, era a Sarah Affonso. Foi a primeira mulher que entrou na Brasileira, que teve essa coragem [...] muitos preconceitos, a mulher não entrava no café, o café era só para homens», in HENRIQUES, Ana Rita Luís, *Fred Kradolfer (1903-1968): Designer gráfico influenciador e influenciado em Portugal*, p. 223-227; Ver também: NEGREIROS, Maria José Almada, *Conversas com Sarah Affonso*, p. 72-73.

²⁴² COSTA, Beatriz, *Sem papas na língua – memórias*, p. 53-63.

²⁴³ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 112.

²⁴⁴ «A Ofélia tinha a loucura da praia», in Idem, *ibidem*, p. 112.



Fig.15

Da esquerda para a direita atrás: [?], Luís Soeiro, Fernanda de Castro, Sarah Affonso, Ofélia Marques. Os meninos da esquerda para a direita: António Quadros, [Raul Hestnes Ferreira?], s/d [aprox., primeira metade da década de 30].
Arquivo Particular [I]

Na linha de Cascais, em particular na praia de Carcavelos, o casal encontrava sempre alguns amigos. Jovens artistas, intelectuais, que apreciavam igualmente a beleza da costa portuguesa [fig.13], [fig.14].

Nos dias em que Bernardo preferia ficar, e nas palavras de Fernanda de Castro, pelo «bairro, [que] era então o centro da cidade, a dois passos do Chiado, da Bénard, da Brasileira e de todos ou quase todos os jornais»²⁴⁵, Ofélia desafiava os seus vizinhos do 1.º andar, a passarem o dia a ver o mar.

Graúdos, miúdos, e todos os que estivessem presentes [fig.15], nomeadamente, Sarah Affonso, que segundo o testemunho da autora de *D'aquém e D'além Alma* (1935), apresentava-se «muitas vezes de malinha na mão [na casa de Fernanda de Castro] e dizia com um ar muito natural: - Venho cá passar uns dias.»²⁴⁶.

²⁴⁵ CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p.199.

²⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 199-200.



Fig.16: Da esquerda para a direita atrás: Berta Mendes, José Gomes Ferreira, Manuel Mendes, Bernardo Marques. No primeiro plano: Ingrid Ferreira, Ofélia Marques, e [Fred Kradolfer?], Senhor da Serra (Belas), agosto de 1934.

Arquivo Fundação Mário Soares (Casa Comum) /Manuel Mendes/MNAC-Museu do Chiado.

Fonte da imagem: Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04652.004.000>

Estas idas à praia serviam-lhe também de motivo. Observava, apreciava movimentos e gostava de registar cada pormenor no seu caderno de desenhos aplicando diversos materiais: tinta-da-china, grafite, guache²⁴⁷.

Num certo dia quente de agosto, do ano de 1934, Ofélia e Bernardo decidiram trocar a paisagem marítima, pela paisagem campestre. Saíram na companhia de Ingrid e José Gomes Ferreira, também Manuel e Berta (Bá) Mendes, rumo à zona de Belas. Mais precisamente ao Senhor da Serra [fig.16].

No interior do n.º 6 da Calçada dos Caetanos, quando a intensa atividade artística de ambos permitia – entre ilustrações de periódicos, obras de diferentes autores, desenhos, pintura, certames - Ofélia e Bernardo gostavam de confraternizar, com os seus vizinhos, ou com os companheiros do costume. Alguns amigos, por exemplo, com quem habitualmente discutiam certas linhas de trabalho na *Brasileira*. De acordo com o testemunho de José Gomes Ferreira, «reuniam[se], quase em balbúrdia diária – irreverentes, inconformistas, desordeiros – artistas como Sarah Affonso, o [Carlos] Botelho, o Diogo de Macedo, o Fred [Kradolfer], o Manuel Mendes [...] Ali [na Calçada dos Caetanos] se conversava e se imaginavam futuros.»²⁴⁸.

²⁴⁷ Por exemplo no catálogo RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p. 43, pode visualizar-se um desenho, que Ofélia e Bernardo fizeram em conjunto, sobre um dia passado na praia. Datado de 1930, intitulado *Cena da Praia*.

²⁴⁸ FERREIRA, Raúl Hestnes, *José Gomes Ferreira: fotobiografia*, p. 79; excerto retirado do livro da autoria de José Gomes Ferreira, *A Memória das palavras ou o gosto de falar de mim*.

Às vezes, depois da hora do chá, das fatias fininhas de pão com manteiga ou queijo fresco, ou dos «copos de água fresca», estes últimos especialmente preparados e oferecidos simpática e educadamente por Ofélia²⁴⁹, juntavam-se todos, os casais Marques e Gomes Ferreira, também Fernanda de Castro²⁵⁰, como a «pequenada» do 1.º e 2.º andar, e passavam horas a jogar ping-pong. Ou no caso de Ofélia a jogar ao *ralenti*. Já o menino Raúl José Ferreira, entretinha-se a apanhar as bolas e a mandá-las entusiasticamente janela fora²⁵¹. Como recordou Fernanda de Castro, uma convivência muito especial, agradável, autêntica:

E o ping-pong? Havia um no seu atelier, Bernardo, e as partidas sucediam-se com o maior entusiasmo. O campeão era o meu filho António [Quadros], seguia-se Você Bernardo, e em terceiro lugar estava eu. A Ofélia era um verdadeiro pé. Parece que fazia de propósito! Não acertava uma! Quanto ao Zé Gomes e à Ingrid, não davam confiança. Olhavam para nós como se fôssemos atrasadinhas mentais. O Raúl José [...] entretinha-se a apanhar as bolas e quando via a janela aberta atirava-as entusiasticamente para a rua. Era um lindo rapazinho loiro e inteligente, que, com esta idade já fazia recadinhos aos pais. Quando estes tinham de sair à noite e o Bernardo e a Ofélia saíam também, dormia cá em casa numa caminha improvisada. Tudo isto com naturalidade, com uma camaradagem autêntica e indubitavelmente sincera²⁵².

Para Ofélia, surgiu, entretanto, uma constatação triste que a destruía por dentro e enormes «dores de alma» lhe dava: não poderia ter filhos, e ver assim a família Marques crescer²⁵³. Atentemos nos versos que criou. Palavras inspiradas. Poema que intitulou

²⁴⁹ «A Ofélia [...] oferecia-nos copos de água fresca, e quando o Bernardo perguntava: - Então nem sequer chá ou café? - ela respondia, imperturbável: - Não gosto de engolir coisas escuras, chá, café ou vinho tinto. Tenho a impressão de que tudo cá dentro fica sujo, cor de borra de café, ou de casca de castanha cozinha. Todos ríamos, sabendo perfeitamente que muitas vezes era verdade o que ela dizia a seguir: E estão com sorte que não nos tenham ainda cortado a água! E como o Bernardo lhe fizesse notar que, em casa dos outros, ela não tinha medo de sujar o estômago, ela respondia com o seu risinho trocista, que lhe conhecíamos bem: - Boa educação, filho, boa vizinhança, sacrifícios necessários...», in CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p. 200.

²⁵⁰ «A nossa convivência [...] era cada vez mais estreita, mais sincera, mais indispensável para todos nós. As coisas passavam-se assim: -“Ó Ofélia o que é que vocês têm para o jantar?” - “Carapaus de gato”, dizia ela. - “Ótimo... Mande-mos cá para baixo que eu mando lá para cima um prato de pastéis de massa tenra acabados de fritar.” - “Que maravilha!...” - dizia ela.», in CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 111.

²⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 111-112; CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: a 1906-1939*, p. 58 -59.

²⁵² Idem, *ibidem*, p. 111-112.

²⁵³ *O homem explica tudo*, escrito por Ofélia Marques, sem data. Arquivo Particular [I].



Fig.17

Ofélia Marques, 23 de abril de 1937.

Arquivo Particular [I]

*O homem explica tudo*²⁵⁴:

A flôrzinha azul
Que trémula da briga
O professor de lunetas segura na mão
É uma “inflorescência solitária”
E tem a designação
De convuola ordinária
Com estames e corola, limbo e pecíolo
E é da espécie “Convolvulos”
Uma variação

A flauta do pastor desperta os ninhos
Lírica harmonia da imensidão
Vibra o ar em patéticos hinos
De amor à criação
É uma lei da acústica
E tudo se resolve
Por uma equação

Noitinha – a luz do sol empalidece
Hora de nostalgia singular
Lusco-fusco sinistro em que apetece
Ser cão e uivar
Se rasga o meu olhar horror e gôzo
A alma a doer, o peito a delirar
Fantasma de mim mesma cego e mudo
Não há dúvida: é o ovário manhoso
Que não quer funcionar
Que desalento! O homem explica tudo²⁵⁵.

²⁵⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵⁵ Idem, *ibidem*.

Ao longo da década de 30 e 40, Ofélia e Bernardo partilharam inúmeros momentos felizes e de trabalho no espaçoso apartamento. Mas em meados dos anos 40, o casal separou-se, e Bernardo saiu da Calçada dos Caetanos.

De acordo com o testemunho de Fernanda de Castro, Ingrid, José Gomes Ferreira, Fred Kradolfer, também não ficaram por muito tempo no 2.º andar, do n.º 6, da Calçada dos Caetanos²⁵⁶:

um belo dia, ninguém sabe como nem quando nem porquê a vida meteu-se irremediavelmente de permeio entre vocês os dois. Você, Bernardo, saíu de casa, mal ou bem a Ofélia refez a sua vida, a Ingrid e o José Gomes desapareceram, assim como o Fred Kradolfer, cuja passagem por sua casa tinha sido relativamente efémera. No 2.º andar da Calçada dos Caetanos ficou só a Ofélia com o seu gato e a sua fiel Maria, que vinha todos os dias algumas horas ajudá-la no serviço da casa. Para onde fora a alegria, o entusiasmo, o bom humor que até então enchiam de sol o velho casarão pombalino?

Não morreu ninguém, mas a casa estava de luto. As janelas fechadas, o silêncio total porque os gatos não fazem barulho. A Ofélia saía todos os dias e voltava tarde, muitas vezes depois da meia noite. Andava pálida, sem alegria mas também sem tristeza visível: indiferente.

A si, Bernardo, passei anos sem o ver [...] Um dia vieram dizer-me:

- “Sabe, o Bernardo casou.”

- “Casou?! Com quem?”

Só alguns meses mais tarde você me apresentou a Maria Elisa. Já não me lembro bem nem quando nem onde²⁵⁷.

Ofélia ficou (só) a criar, a trabalhar, a batalhar. Às vezes a escrever. Outras a conviver, com seus vizinhos e amigos, que de vez em quando a visitavam²⁵⁸...

Acompanhemos agora de perto, os passos, os desenhos, pinturas e suas cores, da (mulher) artista Ofélia Marques, que outrora fora a *menina Ophelia Cruz*, ou pelas suas palavras, a «menina de bibe branco de bordados e tranças longas castanhas»²⁵⁹.

²⁵⁶ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p. 114.

²⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 114.

²⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 114; e CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1939-1987*, p. 19.

²⁵⁹ *Complexo*, escrito por Ofélia Marques, sem data. Arquivo Particular [I]; Texto transcrito na íntegra no capítulo 7.

4. A estreia na cena artística: Ofélia Marques no modernismo. Entre as Exposições e as Ilustrações, 1926-1936

4.1 – As Exposições²⁶⁰

«Expositora de artes decorativas, colaborando com Sara [e Bernardo Marques] no II Salão de Outono, em 1926, e de desenhos nos “Independentes” de 1930, no Salão de Inverno de 1932 e nos salões do SPN/SNI em 1940 [...] nos salões de desenho e de ilustração de 1942, Ofélia nunca se apresentou individualmente.»

[José-Augusto França [1974]]²⁶¹

Entre 10 a 30 de novembro de 1926, teve lugar na S.N.B.A. em Lisboa, o *II Salão de Outono*, organizado por José Pacheco, e em nome da sua revista *Contemporânea*²⁶². De acordo com Raquel Henriques da Silva «embora a direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes se fechasse ao controlo modernista, por três vezes lhes dispensou o Salão para as mais importantes exposições da década [de 20]: em 1923, para a *Exposição dos Cinco Independentes* [...] em 1925 e 1926, para as duas edições do *Salão de Outono*.»²⁶³. Marcaram presença no certame, diferentes pintores, desenhadores, escultores, arquitetos. Francisco Smith (1881-1961), Jorge Segurado (1898-1990), Emmérico Nunes, Lino António, Eduardo Viana, Almada Negreiros, Clementina Carneiro de Moura, que também expuseram no *I Salão*, em 1925. Ainda Cottinelli Telmo (1897-1948)²⁶⁴. Sarah Affonso, Bernardo e Ofélia Marques, com cinquenta trabalhos decorativos de um

²⁶⁰ Ver Apêndice A.

²⁶¹ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX*. (1ª.ed), 1974.

²⁶² FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 100-101. Trata-se da 4ª.ed.

²⁶³ SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.377. Os modernistas expunham nas salas da *Ilustração Portuguesa* e no Salão Bobone, na Rua Serpa Pinto. Constituíram dois «museus alternativos»: A «Brasileira do Chiado» e o «Bristol Club»; A «Exposição dos Cinco Independentes»: Diogo de Macedo, os irmãos, Francisco e Henrique Franco, Dórdio Gomes, Alfredo Miguéis. Foi feito um convite a Almada Negreiros, Eduardo Viana e Mily Possoz.

²⁶⁴ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 100-101. Algumas obras – por exemplo, de Almada Negreiros, Eduardo Viana, Lino António - fizeram parte da decoração do «Bristol Club».



Fig.18

«Um aspecto do mostruário do “Ateliê Íbis”», in *Ilustração*, nº23, 1 de dezembro, 1926, p.16.

Trabalhos de Ofélia e Bernardo Marques, e Sarah Affonso.

A.H.M.L.

Fonte da imagem: Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ilustracao/Ilustracao1926.htm>

atelier comum o «Atelier Íbis»²⁶⁵ [fig.18] - situado na Rua Ivens, no Chiado, e a poucos metros do Grémio Literário, onde em 1912, ocorreu o *I Salão dos Humoristas*²⁶⁶. E tantos outros modernistas²⁶⁷.

Sobre a participação do trio de artistas no *II Salão de Outono*, em particular, apenas para Ofélia Marques foi uma estreia.

Como já foi referido, Bernardo Marques expôs pela primeira vez em 1920. Sarah Affonso, em 1924, da capital francesa, enviou um *Retrato*, três *Jardins*, e uma *Paisagem*, para a 21^a. *Exposição* da S.N.B.A. em Lisboa²⁶⁸. No ano seguinte, participou

²⁶⁵ *II Salão d’Outono*, organizado pela grande revista *Contemporânea*, na Sociedade Nacional de Belas Artes: *Catálogo*; Rua Ivens, n.º 31, 1.º esquerdo.

²⁶⁶ «Ao contrário [do] fracasso da *Exposição Livre* [1911], o *I Salão dos Humoristas*, do ano seguinte, foi um sucesso, incontornável também nas suas consequências [...] O público entusiasmou-se com a novidade radical dos desenhos, aguarelas e guaches dos jovens talentosos [como Cristiano Cruz ou Jorge Barradas] [...] assumindo com verve o que os separava dos mestres oitocentistas: a simplificação da linha, o despojamento da composição liberta de narratividade, a eficácia das cores claras e contrastantes, a modernidade da articulação da figura com o fundo, esbatendo a sugestão perspetiva.», in SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.369-370; FRANÇA, José-Augusto, *O Modernismo na arte portuguesa*, p.9-37.

²⁶⁷ *II Salão d’Outono*, organizado pela grande revista *Contemporânea*, na Sociedade Nacional de Belas Artes: *Catálogo*; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 100-101.

²⁶⁸ *Vigésima primeira Exposição*, na Sociedade Nacional de Belas Artes: *Catálogo*. Nome das obras como descrito no catálogo.

no *I Salão de Outono* impulsionado por Eduardo Viana²⁶⁹. Também, e de acordo com a historiadora de arte Sandra Leandro, expôs, ao lado de nomes como Helena Roque Gameiro ou Fanny Munró, na *Exposição de Arte Realizada em Junho de 1925 em honra do Congresso para o Progresso das Ciências*²⁷⁰.

Ofélia Marques, mostrou pela primeira vez, alguns trabalhos seus²⁷¹. As reações à secção das «artes industriais» da exposição, foram, de uma forma geral, favoráveis.

Manoel de Sousa Pinto, por exemplo, na *Ilustração*, aplaudiu os interessantes trabalhos apresentados pelos artistas Bernardo Marques, Sarah Affonso e Ofélia Marques do «Atelier Íbis». Como notou, objetos «de uso corrente ou infantil», mas preparados, decorados, com criatividade:

Este segundo Salão [de Outono] [...] compõe-se em grande parte de obras pertencentes ao Bristol-Club [...] Na secção “Artes industriais”, há a novidade dos trabalhos do Ateliê Ibis [...] São objectos de uso corrente ou infantil, a que se procurou dar, às vezes com a maior felicidade, um melhor ou mais engraçado aspecto decorativo nacional: almofadas, brinquedos, barros e vidros pintados, quadros bordados, recortes em madeira. A tentativa está nos começos, mas oxalá se desenvolva e prospere, pois, nêsse capítulo, há por cá muito que fazer e ousar²⁷².

O crítico de arte Victor Falcão, no estudo *Páginas de crítica*, também não poupou elogios à coleção de trabalhos do «simpático trio de artistas», exibidos no *II Salão de Outono*.

²⁶⁹ Sobre o percurso de Sarah Affonso, ver: CONDE, Idalina, «Sarah Affonso, mulher (de) artista», in *Análise Social*, vol. XXX (131-132. 2º-3º), p. 459-487; CONDE, Idalina, «Reencontro com Sarah Affonso», in LEANDRO, Sandra, SILVA, Raquel Henriques da (coord.), *Mulheres Pintoras em Portugal: de Josefa d'Óbidos a Paula Rego*, p.129-161; NEGREIROS, José de Almada, «Sarah Affonso», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, p. 850-851; PEDRO, Maria João Gomes, *Sarah Affonso – vida e obra*, vol. I.

²⁷⁰ Sobre as presenças femininas na exposição, exibiram trabalhos, na secção de pintura: Joana Garcia Sagastume de Cueste, Maria Manuela de Oliveira Luna, Maria Luísa Reis, Alda Machado Santos. Ver: LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1.ª República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p. 316 -317; Sobre Fanny Munró consulte-se ainda da mesma historiadora de arte: LEANDRO, Sandra, «(Con)vencidas da Pintura: pintoras portuguesas na transição dos séculos XIX-XX», in BESSE, Maria Graciete, SILVA, Maria Araújo da (coord.), *Femmes oubliées dans les arts et les lettres au Portugal (XIXe-XXe siècles)*, p.270-273; LEANDRO, Sandra, «“Metáforas do coração” - Josefa Grenó (1850-1902), Fanny Munró (1846-1926), Joana Vasconcelos (1971) - mulheres artistas», in *Letras: revista da Universidade de Aveiro*. nº24, p.57-71.

²⁷¹ A salientar, que meses antes do certame, Ofélia Marques recebeu algumas encomendas, para criar (em Banda Desenhada) e ilustrar, algumas histórias infantis. Detalharemos este assunto, no próximo capítulo da dissertação.

²⁷² *Ilustração*, nº 23, 1 de dezembro, 1926, p. 16. [Em linha]. [Consultado a 2/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ilustracao/Ilustracao1926.htm>

Pelas suas palavras, cativante, interessante, bela e de muito bom gosto, que deu «frescor e viço à exposição»:

Quero dar-me a alegria de saudar, com boa fé e força, o trio de artistas (Sara Afonso, Ofélia Marques e Bernardo Marques), pelos airosos e gracis (sic) barros pintados, brinquedos e “bibelots” em madeira e bonecos de pano, com que déram frescor e viço à exposição. Um dos jornalistas mais ilustres da minha terra disse, talvez por inadvertência, que essas deliciosas obrinhas, algumas das quais são de um refinado sabor português, não despertam interêsse. Pois acho, pelo contrário, que, como amostra do que se pode fazer do género, entre nós, aquele simpático trio de artistas apresenta uma colecção de trabalhos que tem novidade, singeleza e bom gosto. O que é pênã é que as nossas casas, repletas, em geral, de móveis mal feitos, não se coadunem com essas minúsculas peças decorativas, tão simples e tão belas²⁷³.

Antes de findar a década, Ofélia recebeu uma encomenda – da parte de Fernanda de Castro - para desenhar, diretamente sobre tecido, a ser bordado. Trabalho e técnica que dominava, e partilhava com a sua colega Sarah Affonso, no «Íbis»²⁷⁴. Nas suas “Memórias”, Fernanda de Castro recordou o momento em que abordou Ofélia, e outras amigas, artistas, como Sarah Affonso, as irmãs Raquel Roque Gameiro e Mâmía Roque Gameiro, ainda Maria Adelaide Lima Cruz, para desenharem «motivos bonitos e alegres» nas almofadas, que a própria tinha de bordar. Atentemos nas palavras da escritora:

Não me lembro como, comecei a trabalhar para lá, a fazer *abat-jours* e almofadas [...] as almofadas eram bonitas e muito bem bordadas. Eram de grossa estopa de linho, bordadas a lãs de cores alegres e todas – imaginem! - desenhadas pela Sarah Afonso, pela Raquel e pela Mâmía Roque Gameiro, pela Ofélia Marques e pela Maria Adelaide Lima Cruz. Desenhavam directamente sobre o tecido com a maior facilidade e os motivos eram sempre bonitos e alegres: flores e mais flores, pássaros e mais pássaros, árvores, moinhos, barcos, redes e âncoras. As almofadas eram na verdade tão bonitas que sempre tive a tentação de guardar algumas para mim. Impossível! Ao sábado, mandava uma dúzia para a loja, pois, muitas vezes, na segunda-feira à tarde, o senhor Cunha telefonava a pedir mais! Bom e amável senhor Cunha!²⁷⁵.

²⁷³ FALCÃO, Victor, *Páginas de crítica*, p. 131-132.

²⁷⁴ Para além de desenhar, pintar, Sarah Affonso, também sabia bordar. Ao longo dos anos, fez bordados, tapeçarias, figurinos, cenários, etc. No final da década de 50, para o Hotel Ritz em Lisboa, Sarah Affonso fez um tapete de grandes dimensões intitulado *As Quatro Estações*; Na revista *Bem Viver*, da autoria de Fernanda de Castro, foi dedicado um artigo a Sarah Affonso, e os seus trabalhos com «agulhas e linhas». Sarah Affonso, também foi entrevistada. Ver: CASTRO, Fernanda de, *Bem Viver*, ano I, nº. 6, 1953, p.11.13; Ver ainda: CONDE, Idalina, «Reencontro com Sarah Affonso», in LEANDRO, Sandra, SILVA, Raquel Henriques da (coord.), *Mulheres Pintoras em Portugal: de Josefa d'Óbidos a Paula Rego*, p.129-161; LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1ª República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p. 316.

²⁷⁵ CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p. 178-179.



Fig.19

Da esquerda para a direita: Afonso Silva, Bernardo Marques, Ofélia Marques, António Marques (irmão de Bernardo), António Tomé, José Duarte (primo de Bernardo e António), Jardines de Murillo, Sevilha, Espanha, 30 de março a 6 de abril, s/ano [aprox. final dos anos 20, primórdios década de 30] ; Legenda no verso: «Afonso Silva, D. Alfonso café con leche; Bernardo Marques (Encantam?); Ofélia Marques, La D. Ofélia II de Espanha e “Pirúa” de Portugal; António Marques, La una, la duna; António Tomé, Lo valiente matadero de touros “El Gulgachito II; José Duarte, El D. Juan II». Arquivo Particular [I]

Breve parêntesis para salientar, que no mesmo período, Ofélia e Bernardo, rumaram à capital da Andaluzia, em Espanha. Bem acompanhados por amigos e familiares próximos, como António Marques, irmão de Bernardo Marques.

Durante a breve estadia, visitaram os *Jardines de Murillo* na mesma cidade, e decidiram tirar uma fotografia *à la minute*, para mais tarde recordar o dia de passeio prazeroso. No verso da foto, cada um rabiscou o primeiro e último nome, como o respetivo cognome. Ofélia Marques, com humor, assinou como *La D. Ofélia II de Espanha e “Pirúa” de Portugal* [fig.19].

No dia 9 de maio de 1929, foi inaugurada a *Exposição Internacional Ibero-Americana de Sevilha*. Talvez o grupo (ou parte dele), tenha decidido marcar presença no certame, para apreciar, entre outras, as pinturas de Jorge Barradas, Lino António ou Abel Manta(1888-1982), ou outras obras e decorações, patentes no Pavilhão de Portugal, projetado pelos arquitetos (irmãos) Carlos Rebelo de Andrade (1887-1971) e Guilherme Rebelo de Andrade (1891-1969).



Fig.20: Expositores e amigos do I Salão dos Independentes, S.N.B.A. Lisboa, maio, 1930. Da esquerda para a direita: Abel Manta, Menezes Ferreira, Ruy Gameiro, Arlindo Vicente, Luís Cristino da Silva, António Pedro, Carlos Botelho, Diogo de Macedo, José Tagarro, Ofélia Marques, Bernardo Marques, Jorge Barradas, António Duarte, Luís Teixeira, Olavo de Eça Leal, Luís Reis Santos e Carlos Queiroz.

Fonte da imagem: FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)* p. 198.

A mostra decorreu até o dia 21 de junho de 1930²⁷⁶.

Em maio de 1930, e já em território nacional, Ofélia foi convidada a expor no *I Salão dos Independentes* na S.N.B.A. em Lisboa, impulsionado por Diogo de Macedo e António Pedro (1909-1966)²⁷⁷.

Segundo José- Augusto França e Raquel Henriques da Silva «um importante evento, empenhado na redefinição dos valores do modernismo»²⁷⁸. Muitos outros modernistas da «primeira» e «segunda» geração, também foram convidados. Alguns companheiros de estrada que Ofélia bem conhecia [fig.20].

Para além dos parceiros do Atelier da Rua Ivens, e do amigo Fred Kradolfer, ou Carlos Botelho, ainda Mily Possoz, Almada Negreiros, e tantos outros²⁷⁹. Ao todo marcaram presença, nas palavras de José- Augusto França, «dez arquitetos, dez escultores,

²⁷⁶ Pelos meses indicados no verso da fotografia março e abril, é possível que o grupo tenha decidido deslocar-se à cidade espanhola, precisamente, com o objetivo de visitar a *Exposição Ibero-Americana*; Sobre a participação de Lino António, Abel Manta e Jorge Barradas ver: FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.115-116, 122-123, 210-211.

²⁷⁷ *I Salão dos Independentes: Catálogo*.

²⁷⁸ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 227; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.389.

²⁷⁹ *I Salão dos Independentes: Catálogo*; Mily Possoz, encontrava-se em Paris. Enviou 6 obras.



Fig.21
Ofélia Marques, *s/título*, 1929,
guache, aguarela e grafite.
Coleção: F. C. G. –
Col.Moderna/Inv. DP626
Fonte da Imagem: Disponível
em:
<https://gulbenkian.pt/museu/arti/st/oflia-marques/>
Observações: Assinado/Datado
(canto inferior direito).



Fig.22
Ofélia Marques, *s/título*, s/data,
pastel, guache e grafite.
Coleção: Col. Particular/ em
depósito na F.A.S.V.S./Pasta2,
OM94
Fonte da Imagem: fotografia
de Andreia Santos Silva.
Observações: Não assinado/
Não datado. Data [aprox. final
da década de 20, início da
década de 30]



Fig.23
Ofélia Marques, *s/título*,
s/data, guache, aguarela e
grafite.
Coleção: Col. Particular/ em
depósito na
F.A.S.V.S./Pasta3, OM129
Fonte da Imagem:
fotografia de Andreia Santos
Silva.
Observações: Não assinado/
Não datado. Data [aprox.
final da década de 20, início
da década de 30]

vinte pintores, vinte e um desenhadores, dois decoradores, dois cartazistas, dois fotógrafos, alguns concorrendo em várias secções»²⁸⁰.

Ofélia Marques apresentou aproximadamente uma dezena de obras. Seis aguarelas, *Retrato da menina o.p*, *Bordado*, *Criança*, *Meninas*, *O Vestido preto e branco*, e *Composição*, e três *Desenhos*²⁸¹.

No desenho assinado e datado de 1929 [fig.21], uma figura feminina, representada a corpo inteiro, de feições delicadas, tranças longas, concentra o olhar na grande tela que está a bordar. Com a fina agulha, que segura na mão direita, traça coloridos motivos primaveris. Usa um vestido curto em diferentes tons de azul. Azul, é também a cor do vistoso laço, do chapéu pendurado na parede.

²⁸⁰ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 135-136.

²⁸¹ *I Salão dos Independentes: Catálogo*, p. 18. Títulos das obras como descrito no catálogo.



Fig.24

Ofélia Marques, *s/título*, *s/data*, guache, aguarela e grafite.

Coleção: F. C. G. - Col. Moderna /Inv.DP651

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [aprox. final da década de 20, início da década de 30]



Fig.25

Ofélia Marques, *s/título*, *s/data*, aguarela, guache e grafite.

Coleção: F. C. G. - Col. Moderna /Inv..DP633

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [aprox. final da década de 20, início da década de 30]

Atrás de si, um grande gato, com pequenas flores, sobressai por entre as finas cortinas, que parecem embaladas pelo vento. Em toda a composição predomina a finura do traço, como as formas simples. Predominam também as cores suaves.

Com o mesmo tema, Ofélia trabalhou ainda outras formas e contrastes. Experimentou, diferentes materiais, como o pastel [fig.22], [fig.23].

Na pintura não assinada, não datada [fig.24], uma criança, sentada, em posição frontal, de traços bonitos, cabelo castanho, curto e penteado, olha em frente. O olhar fixo, releva uma certa distância. Usa um vestido de padrão axadrezado, preto e branco, com um decote e bainha em amarelo vivo. As meias são brancas, e os sapatos são de tom neutro. No desenho de traço que parece “inacabado” [fig.25], duas meninas, de traços bonitos, com os rostos ligeiramente inclinados, olham em frente, e a expressão é pouco sorridente. O cenário envolvente é simples, sem adornos e sem cor.

À exceção da aguarela datada de 1929 [fig.21], nenhum outro desenho [fig.22], [fig.23], [fig.24],[fig.25], está assinado ou datado. Mas é muito provável, que Ofélia tenha concluído as obras, entre o final da década de 20 e os primórdios dos anos 30. E é também possível, que alguns dos trabalhos, tenham sido exibidos no *I Salão dos Independentes*²⁸². Segundo José- Augusto França, foram escritas várias «críticas desfavoráveis e favoráveis ao Salão»²⁸³.

Artur Portela, no *Diário de Lisboa*, por exemplo, sublinhou que salvo algumas exceções, o que foi exposto era de muito mau gosto e que nada de novo se acrescentava. José-Augusto França citou o jornalista: «” mauzinho e cadavérico [...] velho modernismo que se folheava nas revistas de arte francesas”»²⁸⁴.

Efetivamente, no artigo «A Arte e os Artistas»²⁸⁵, Artur Portela afirmou – em particular, sobre a secção de pintura, desenho, aguarela – que Jorge Barradas, foi um «grande» na exposição. Abel Manta, José Tagarro (1902-1931), «grandes modernistas», exibiram trabalhos muito «interessantes». Sarah Affonso, Clementina Carneiro de Moura ou Bernardo Marques, por exemplo, também apresentaram obras interessantes²⁸⁶. Sobre as aguarelas e desenhos de Ofélia Marques, Artur Portela, não redigiu nenhuma linha. Aparentemente para Artur Portela, a artista não foi uma das presenças no *Salão* dignas «de se tirar o chapéu»²⁸⁷.

Augusto Pinto, no *Diário de Notícias*, teceu críticas mais construtivas sobre os vários trabalhos exibidos pelos diferentes modernistas²⁸⁸. E ao contrário de Artur Portela, dedicou algumas palavras às obras de Ofélia Marques. Os comentários foram favoráveis:

«Ofélia Marques, do outro lado, a meio do muro, dá-nos também uma série de 3 encantadores desenhos e várias aguarelas, infantis – “criança”, o “vestido preto e branco”, etc. -que marcam o belo alvorecer duma curiosa personalidade da artista.»²⁸⁹.

²⁸² Não foi possível identificar as obras apresentadas no certame. Contudo, mesmo que o pequeno núcleo de aguarelas, mencionado, não tenha sido exposto no *Salão dos Independentes*, certamente foram desenhadas por Ofélia, entre o final dos anos 20, primórdios da década de 30.

²⁸³ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 135-136.

²⁸⁴ Idem, *ibidem*, p.136.

²⁸⁵ *Diário de Lisboa*, 15 de maio, 1930, p.9 e 16. [Em linha]. [Consultado a 2/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL:http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1930&mes=05.

²⁸⁶ «Bernardo Marques, dando-nos exatas visões de Berlim, orgíacas de movimento», in Idem, *ibidem*, p.16.

²⁸⁷ «lá aparece um ou outro a quem, de facto, se deve tirar o chapéu. Uma... duas... três...quatro vezes...e basta, que o restante é mauzinho e cadavérico.» in Idem, *ibidem*, p.9.

²⁸⁸ *Diário de Notícias*, 16 de maio, 1930, p. 11; No *Diário de Notícias*, de 14 de maio do mesmo ano, Augusto Pinto redigiu algumas linhas sobre os «expositores de pintura e os seus trabalhos – no I Salão dos Independentes».

²⁸⁹ Idem, *ibidem*, p.11; Neste artigo, como no texto publicado no *Diário de Notícias*, a 14 de maio, o jornalista também elogiou, as pinturas e os desenhos apresentados por Bernardo Marques e Sarah Affonso.

Um ano depois, Ofélia voltou à Rua Barata Salgueiro em Lisboa. Em maio de 1931, expôs no *II Salão dos Independentes*²⁹⁰. Marcaram presença muitos artistas que expuseram no *I Salão*, mas também alguns novos como Manuel Lima (1911-1991)²⁹¹. Ofélia Marques estreou-se na secção de pintura. Apresentou quatro óleos: três *Pinturas*, e um *Retrato*²⁹².

Augusto Pinto, no *Diário de Notícias*, elogiou as obras apresentadas por Lino António, Sarah Affonso ou Bernardo Marques²⁹³. Os óleos de Ofélia, também foram uma agradável surpresa. E sobre a pintora e a sua produção artística o jornalista notou:

«Waldemar Costa, Dordio Gomes, Arlindo Vicente e Ofélia Marques, está nas suas “pinturas” menineiras, de um bom sabor ingénuo e delicado, são mais quatro nomes a apontar.»²⁹⁴.

De acordo com José-Augusto França, em comparação com o *I Salão*, o *II*, não teve tanta afluência. E os artistas também apresentaram menos trabalhos. Como salientou, «os jornais podiam então registar que ninguém ia ver a exposição, uma centena de pessoas nos dez primeiros dias...»²⁹⁵. E tal como os *Salões* impulsionados por Eduardo Viana e José Pacheco, os «Independentes [também] ficaram por ali.»²⁹⁶.

É possível que no mesmo momento em que decorreu o certame na S.N.B.A, portanto em maio de 1931, Ofélia se tenha interessado e acompanhado de perto, alguns dos principais projetos de decoração de Bernardo, também, Fred Kradolfer, Carlos Botelho ou José Rocha, para o «pavilhão português» na *Exposição Colonial Internacional de Vincennes* (Paris)²⁹⁷.

²⁹⁰ *II Salão dos Independentes: Catálogo*.

²⁹¹ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 137.

²⁹² *II Salão dos Independentes: Catálogo*; Títulos das obras como descrito no catálogo; Ver explicação no próximo paragrafo (texto), sobre algumas pinturas da autoria de Ofélia Marques.

²⁹³ *Diário de Notícias*, 22 de maio, 1931, p.4.

²⁹⁴ *Idem, ibidem*, p.4.

²⁹⁵ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 137-138

²⁹⁶ *Idem, ibidem*, p. 137-138; O historiador de arte faz referência, por exemplo, ao artigo intitulado «Uma tristeza! Não vai ninguém às Belas Artes ver o Salão dos Independentes», presente no *Diário de Lisboa*, do dia 25 de maio de 1931; Artur Portela, no artigo «A pintura dos independentes ou os independentes em pintura», da edição de 19 de maio, por exemplo, não fez referência às pinturas de Ofélia Marques; Considere-se ainda a seguinte descrição de José- Augusto França: «O Modernismo declinava, aliás, nas suas salas – e o alarme foi lançado por José Régio, na *Presença*, onde o primeiro salão encontrara defesa empenhada, como sabemos. “Tende-se atualmente, nas próprias manifestações do modernismo, a regressar sub-repticiamente àqueles limites mais ou menos convencionais contra os quais o modernismo se insurgiu: eis a perfídia consciente ou inconsciente dos adeptos do modernismo”, sublinhava Régio».

²⁹⁷ *Bernardo Marques, Obras de 1950 a 1960: Catálogo*; Ver também: HENRIQUES, Ana Rita Luís, *Fred Kradolfer (1903-1968): Designer gráfico influenciador e influenciado em Portugal*.



Fig.26

Da esquerda para a direita: Manuel Mendes, Berta Mendes, Diogo de Macedo, Ofélia Marques, José Gomes Ferreira e Bernardo Marques, Senhor da Serra (em Belas, região de Sintra), agosto de 1932. Verso da fotografia com as assinaturas dos artistas.

Arquivo Particular [I]

No final do ano de 1932, Ofélia expôs no *Salão de Inverno*²⁹⁸. Mais, alguns dos seus melhores amigos, companheiros de trabalho, de animadas tertúlias [fig.26], como Manuel Mendes, Diogo de Macedo, Sarah Affonso ou Bernardo²⁹⁹. Olavo d'Eça Leal (1908-1976) e Margarida (Guida) Gameiro Ottolini (1915-1992) – e muitos outros - também participaram no certame na S.N.B.A., organizado pelo pintor Júlio Santos (1906-1969)³⁰⁰.

Ofélia exibiu uma variedade interessante de trabalhos. Desde pinturas, desenhos e algumas aguarelas. Mais precisamente, três pinturas - dois *Óleos*, um *Retrato* - dois desenhos - um *Gato*, um *Desenho* – quatro aguarelas – *Jardim*, *Amigos*, *Aguarela*, *Férias*³⁰¹.

²⁹⁸ *Salão de Inverno: Catálogo*.

²⁹⁹ *Idem, ibidem*.

³⁰⁰ *Idem, ibidem*.

³⁰¹ *Idem, ibidem*; Títulos das obras como descrito no catálogo; Pode ler-se no catálogo: Na secção de pintura, *Retrato*, propriedade do escritor António Ferro, na secção de aguarela, *Amigos*, propriedade de Luísa Neto, *Aguarela*, propriedade do escritor Dr. Gomes Ferreira, *Férias*, propriedade do escritor António Ferro. No mesmo catálogo está presente uma representação do *Gato* exposto no *Salão de Inverno*.



Fig.27

Ofélia Marques, *Retrato*, s/data, óleo, s/tela.

Coleção: Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso (Amarante)

Fonte da Imagem: Enviada imagem, pelo M.M.A.S.C., em junho 2018; Com descrição redigida por Carlos Manuel Sousa Teixeira.

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [aprox. início da década de 30]

Olhemos para a pintura a óleo sobre tela, *Retrato*, não assinada e não datada [fig.27]. Duas figuras femininas, cujos seus olhos expressivos, chamam-nos a atenção. A menina sentada, de pele morena, olhos castanhos, cabelo comprido, usa um vestido de padrão irregular. Os tons escuros do tecido, entre azuis, cinzas e roxos, contrastam com o branco da gola e da ponta da manga. Com a mão e o braço esquerdo, ampara delicadamente a criança, de rosto redondo, traços bonitos e pele rosada.

A expressão da petiza é séria e transparece uma certa melancolia. A cor viva do laço que tem no cabelo curto e arruivado, sobressai. Ao contrário da figura que a segura, tem um vestido de tons suaves com pequenos folhos nas mangas.

A linha de toda a composição é de espessura variável. Com uma paleta de cores escuras, entre castanhos, verdes e amarelos, Ofélia pintou um fundo simples.

Nos desenhos a carvão, grafite e tinta-da-china [fig.28] e [fig.29], podemos observar, alguns dos primeiros traços que a artista esboçou, antes de começar a trabalhar na tela. Com efeito, é possível que Ofélia tenha concluído a pintura *Retrato* [fig.27], nos primórdios da década de 30³⁰².

E talvez tenha sido um dos «Retratos» a óleo, exibidos, no *II Salão dos Independentes*, em 1931, ou na exposição inaugurada, no dia 20 de dezembro de 1932 – o *Salão de Inverno*³⁰³.

³⁰² Ao todo foi possível encontrar e identificar, aproximadamente, 8 pinturas a óleo de Ofélia Marques, no M.M.A.S.C., F.C.G., também, em Col. Particular, e em alguns periódicos. Algumas obras correspondem ao final da década de 30, e outras, dos anos 40. Algumas pinturas estão datadas. Outras não.

³⁰³ *Salão de Inverno: Catálogo*.



Fig.28

Ofélia Marques, *s/título*, s/data, carvão.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta7, OM222

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [aprox. início da década de 30]



Fig.29

Ofélia Marques, *s/título*, s/data, tinta-da-china e grafite.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta9, OM265

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [aprox. início da década de 30]

Noutra linha, os «gatos» – sozinhos ou bem acompanhados - também figuraram no *Salão*, impulsionado por Júlio Santos. Por exemplo, pelas mãos de Sarah Affonso, na pintura a óleo *A Menina e o gato* (1928), mas também, de Ofélia Marques, no desenho, a tinta-da-china, *Gato* [fig.30]³⁰⁴.

Como já foi referido, Ofélia amava os gatos. Gostava muito de os observar. Analisar a sua curiosa independência. A elegância. Adorava cuidar dos seus «bichanos», mas também, e como recordou a poetisa Merícia de Lemos (1913-1996) - amiga do casal Marques, e que frequentava, como muitos intelectuais e artistas, a Calçada dos Caetanos – de todos os que encontrava na rua.

³⁰⁴ Idem, *ibidem*. Sobre a obra de Sarah Affonso em particular, *A Menina e o gato*, ver: PEDRO, Maria João Gomes, *Sarah Affonso – vida e obra*, vol. II.



Fig.30

Ofélia Marques, *Gato*, s/data, tinta-da-china, grafite.

Coleção: -

Fonte da Imagem: *Salão de Inverno: Catálogo*

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [início da década de 30]

Admirava-os, e nunca perdia oportunidade de os acariciar:

«Na Mouraria em Alfama onde havia mais gatos que turistas e faziam Ofélia correr atrás de uns, apanhar outros, agarrar mais um e guardá-lo ao colo.»³⁰⁵.

Ao longo dos anos 30 e 40, no papel e cartão em branco, *D. Ofélica* também registou, largas e pequenas riscas, bigodes pontiagudos, saltos mais ou menos comedidos. Rotinas, como os cuidados com o pelo. Ainda, certos estados emocionais dos gatinhos e «gatarrões», entre a alegria, ronrons de satisfação, um certo “desassossego”, suspiros de tristeza. Quando embalados pelo sono profundo. Fê-lo, expressando-se em registos diferentes, desde tinta-da-china, grafite, pastel, guache, ou aguarela [fig.31], [fig.32], [fig.33], [fig.34], [fig.35], [fig.36], [fig.37], [fig.38], [fig.39], [fig.40]³⁰⁶. A salientar, no texto intitulado «Ofélia – Ritos de Câmara», inserido no catálogo *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta*, António Rodrigues redigiu algumas palavras sobre os gatos de Ofélia Marques³⁰⁷.

Por um lado, como a desenhadora e pintora, observadora atenta, tão bem soube captar as posições dos bichanos, por exemplo, enquanto dormiam enroscados «sobre si mesmo em círculo perfeito»³⁰⁸.

³⁰⁵ LEMOS, Merícia de, «Uma grande pintora caminho com o tempo», in RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p. 7-8.

³⁰⁶ Na série presente nos Anexos, pode verificar-se que dois desenhos estão datados (1939). Alguns desenhos também foram expostos noutros certames (póstumos); Na F.A.S.V.S., existe uma pasta apenas com «gatos» desenhados por Ofélia. No total 17 desenhos. Noutras pastas, podemos encontrar também (em menor quantidade) alguns desenhos de gatos.

³⁰⁷ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p. 9-13, 24-27; Nessa exposição em Colares, foram expostos alguns desenhos de gatos de Ofélia Marques.

³⁰⁸ Idem, *ibidem*, p.12, 24-27.



Fig.31

Ofélia Marques, *s/título*, s/data, grafite, guache, pastel, e tinta-da-china.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta4, OM406

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [década de 30 ou 40]



Fig.32

Ofélia Marques, *O gato triste*, s/data, grafite.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta4, OM402

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/ Não datado. Título escrito por Ofélia Marques. Data [década de 30 ou 40]



Fig.33

Ofélia Marques, *s/título*, s/data, tinta-da-china.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta6, OM397

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [década de 30 ou 40]

Noutro plano, como os seus gatos também diferiam, em particular, das representações doces de outra artista - de origem belga, nascida nas Caldas da Rainha - amante de gatos, e que como a *D. Ofélica* viveu sempre rodeada por eles: Mily Possoz³⁰⁹. Atentemos na sua observação:

Ofélia desenhou o seu gato em posições de dormir, morto na sua noite, enroscado sobre si mesmo em círculo perfeito. Um circuito fechado que pode ferir como um ouriço [...] ou levar à nocturna vertigem fantasmática da gestão de estranhos seres antropomórficos. E a propósito de desenhos de gatos e de mulheres artistas, convém notar, que os doces e bem-comportados gatinhos de Mily Possoz, se devem opôr os gatos mortos em desassossego de Ofélia³¹⁰.

³⁰⁹ Idem, *ibidem*, p.12; Veja-se por exemplo a série de gatos desenhados por Mily Possoz, pertencentes, à Coleção Moderna, da Fundação Calouste Gulbenkian. Ver: WWW:<URL:<<https://gulbenkian.pt/museu/artist/mily-possoz/>>. Ver também: MENDES, Maria Pilar Antunes, *Mily Possoz (1888-1968): Percurso e afirmação de uma artista no modernismo português*, vol. I, p. 94-101, 116-117, 129.

³¹⁰ Idem, *ibidem*, p.12.

No que respeita às críticas, breves apontamentos foram redigidos sobre os óleos, aguarelas e desenhos, exibidos por Ofélia Marques no *Salão de Inverno*.

Por exemplo, Artur Portela, em artigos diferentes, publicados no *Diário de Lisboa* – a 20 e 22 de dezembro de 1932 – sobre a pintora e Bernardo Marques, escreveu:

«Marques, violento na dissecação da comédia humana, com um estilo que cada vez mais se nacionaliza [...] Ofélia, “menina e moça” de ingénuos desenhos.»³¹¹.

Outro olhar, sublinhou no *Diário de Notícias*:

«Ofélia Marques mantem a sua personalidade já afirmada em exposições anteriores [...] Bernardo Marques [...] possuidor duma personalidade bem afirmada [...] e desenho seguro que o classificam como um dos melhores ilustradores portugueses.»³¹².

Dois artistas de «personalidade bem afirmada», e apenas, o único ponto em comum. De Bernardo, «de desenho seguro», um dos «melhores ilustradores portugueses», sobressaíram personagens cáusticas. De Ofélia, «menina e moça», figuras femininas, envolvidas num universo feérico. Era assim, que aqueles dois cronistas os consideravam. Uma análise - algo semelhante a outras já referidas neste capítulo - que revela um certo pendor paternalista. Uma artista, mulher, e o seu trabalho é por isso delicado e inocente. O «universo criativo» encantador. Não é dada primazia, por exemplo, ao traço, às formas, ou às cores, aplicadas por Ofélia nas diferentes obras. Portanto, às particularidades plásticas³¹³.

³¹¹ *Diário de Lisboa*, 20 de dezembro, 1932, p.5; *Diário de Lisboa*, 22 de dezembro, 1932, p. 7. [Em linha]. [Consultado a 2/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1932&mes=12.

³¹² *Diário de Notícias*, 7 de janeiro, 1933, p.6.

³¹³ No capítulo 6 da dissertação, «Exposições entre 1940-1952», também desenvolvemos esta questão, com outras observações analisadas sobre o trabalho de Ofélia Marques; Sobre o assunto ver as seguintes referências: FERREIRA, Emília, «Da deliciosa fragilidade feminina», in LARANJEIRO, Maria José (dir.), *Margens e Confluências: um olhar contemporâneo sobre as artes*, nº11-12, p.143-157; FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.97-122; LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1ª. República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p.271-318; VICENTE, Ana, VICENTE, Filipa Lowndes, «Fora dos cânones: mulheres artistas e escritoras no Portugal de princípios do século XX», in CASTRO, Zília Osório de, JESUS, Isabel Henriques de (dir.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº 33, p. 47-51.



Fig.41

Galeria UP (interior/pormenor), 1933; Fotografia alusiva à I Exposição do pintor Thomaz de Mello (Tom); O segundo desenho – *Menina* - da primeira fila de quadros, é da autoria de Ofélia Marques. A obra encontra-se datada e assinada, mas não foi possível identificar o ano; Na parede central da UP, pode visualizar-se a pintura a óleo *A Menina e o gato* (1928) de Sarah Affonso.

Col. Estúdio Mário Novais / Biblioteca de Arte (F.C.G.).

Fonte da imagem: Disponível em:

<http://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=184997&img=61665>

Pouco tempo depois do encerramento da exposição na S.N.B.A., como anunciado no *Diário de Lisboa*, a 6 de janeiro de 1933³¹⁴, Ofélia recebeu novo convite para expor. De acordo com a explicação de José- Augusto França e Rui Mário Gonçalves, entre o final do ano de 1932, e os primórdios de 1933, abriu na mesma rua do «Salão Bobone», uma pequena (a primeira) galeria comercial de arte: a *Galeria UP*³¹⁵[fig.41]. No dia 6 de março de 1933, foi a exposição inaugural. Bernardo e Ofélia Marques, Clementina Carneiro de Moura, Jorge Barradas ou Abel Manta, foram alguns dos artistas

³¹⁴*Diário de Lisboa*, 4 de janeiro, 1933, p.6. [Em linha]. [Consultado a 2/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1933&mes=01.

³¹⁵FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 147 e 389; GONÇALVES, Rui Mário, *História da Arte em Portugal*, vol.12, «Pioneiros da Modernidade», p.158; Ver também: SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.389.

que marcaram presença³¹⁶. A «UP» fechou portas no ano de 1938.

Em 1936, o artista gráfico José Rocha, fundou o «atelier-agência» E.T.P.³¹⁷. Convidou alguns colegas do «Atelier Arta», como Bernardo Marques, Fred Kradolfer, mas também, outros artistas como Ofélia Marques, Eduardo Anahory (1917-1985) ou Maria Keil, para colaborarem na agência de publicidade. Segundo Ana Rita Henriques, assim que abriu, o E. T. P. recebeu logo inúmeras encomendas. Algumas, das «marcas mais prestigiadas do mercado»³¹⁸.

Ao longo dos anos 30 e 40, os artistas, desenharam vários anúncios, conceberam cartazes, «painéis» publicitários. Para certos estabelecimentos, montras, cobertos com «tapumes de obras», o E. T. P., também fez cartazes publicitários, muito originais, «com relevo e iluminação»³¹⁹.

Com efeito, no mesmo período - e como veremos mais à frente - no âmbito das muitas ações, campanhas, exposições, promovidas pelo S.P.N./S.N.I., fundado em 1933, por António Ferro³²⁰, vários decoradores, desenhadores, «designers», do E.T.P. também trabalharam juntos. E em algumas ocasiões, em conjunto com outros modernistas como Francisco Keil do Amaral (1910-1975), Cottinelli Telmo, e tantos outros. Precisamente num dos certames anuais de *Arte Moderna*, impulsionado pelo S.P.N./S.N.I. – catorze entre 1935 e 1951 – Ofélia Marques, recebeu o «Prémio Sousa Cardoso». Foi a primeira mulher artista galardoada pelo «Secretariado»³²¹.

De 1926 a 1936, Ofélia trabalhou ininterruptamente. Foi várias vezes convidada a marcar presença nos *Salões*. Apresentou uma série interessante de trabalhos, desenho a grafite, tinta-da-china, guache, aguarela, e pintura a óleo. Com interesse, a crítica e seus pares, acompanharam a sua atividade e produção artística.

³¹⁶ Segundo Rui Mário Gonçalves e José- Augusto França, a galeria tinha uma fachada de Jorge Segurado e era «orientada» por um dos seus proprietários, o poeta António Pedro. Thomaz de Mello (Tom) foi também um dos proprietários. Em janeiro de 1933, assinou contratos com alguns artistas, que deveriam fazer uma exposição anual e manter as obras «em consignação».

³¹⁷ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 151.

³¹⁸ HENRIQUES, Ana Rita Luís, *Fred Kradolfer (1903-1968): Designer gráfico influenciador e influenciado em Portugal*, p. 60-62.

³¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 60-62; Ver VIEIRA, Joaquim, *Portugal Século XX: crónica em imagens. 1930-1940*.

³²⁰ «O S.P.N./S.N.I. conheceu dez ou doze anos de assinalado êxito.», in FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 137-147 ; ACCIAIUOLI, Margarida, *António Ferro: A vertigem da palavra. Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo*; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.389-390.

³²¹ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº814, 15 de fevereiro, 1941, p.7; Detalharemos este assunto no capítulo 6 da dissertação.

No mesmo período, e como tantos outros artistas, Ofélia também foi ilustradora. Analisemos de seguida, as personagens, os cenários, criados pela versátil artista, sobretudo para várias histórias infantojuvenis inventadas por diferentes autores portugueses, como Ana de Castro Osório (1872-1935), Maria Lamas (1893-1983), Victor de Salema Vaz (1893-1939), Graciette Alves da Silva Branco (1905-1980), Fernanda de Castro, José Gomes Ferreira, e tantos outros.

4.2 – As ilustrações em periódicos³²²

«Com o seu desenho construído tantas vezes a partir da cor e de um lirismo complexo, Ofélia trabalhou como ilustradora para diversas revistas e livros [...] Publicou no *ABC-zinho*, *Bandas Desenhadas* em que o mundo infantil foi representado de forma carinhosa. Além deste periódico ilustrou também *Atlântico*, *Casino*, *Civilização*, *Eva*, *Litoral*, *Panorama*, *Portugal Feminino*, *Revista de Portugal*, *Ver e Crer*.»

[Sandra Leandro [2014]³²³



Fig.42

A Informação: a informação infantil, 5 de agosto, 1926.

Ilustrações de Sarah Affonso e Ofélia Marques.

Coleção: -

Fonte da Imagem: BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandeiras, *A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945: Catálogo*, p. 101.

Observações: (pormenor das ilustrações de Ofélia Marques). Assinado e datado (canto inferior direito).

Depois do romance juvenil *Mariazinha em África*, dado à estampa em 1925, com capa e ilustrações de Sarah Affonso³²⁴, Fernanda de Castro dedicou-se à escrita de

³²² Ver Apêndice B.

³²³ LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 283.

³²⁴ CASTRO, Fernanda de, *Mariazinha em África*. 1ª. Edição de 1925, dada à estampa por «Empresa Literária Fluminense».



Fig.43

ABC-zinho, nº39, 27 de setembro, 1926.

BD da autoria de Ofélia Marques

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/Datado (canto superior direito).

pequenas «estórias infantis»³²⁵. Algumas, foram publicadas na secção infantil do jornal *A Informação*, em agosto de 1926, com desenhos da discípula de Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929)³²⁶, e também Ofélia Marques³²⁷[fig.42].

Sobre a pintora Ofélia Marques, em particular, 1926 foi sem dúvida um ano de viragem. Como vimos, exibiu pela primeira vez alguns trabalhos seus na exposição modernista organizada por José Pacheco. E iniciou a sua atividade como ilustradora³²⁸. Segundo João Paiva Boléo e Carlos Pinheiro, nos últimos meses de 1926, Ofélia foi convidada por Cottinelli Telmo a colaborar na revista *ABC-zinho* «uma das grandes revistas infantis modernistas europeias de BD.»³²⁹.

³²⁵ A salientar, que em 1924 foi publicado o livro de contos para crianças, *Varinha de Condão*, da autoria de Fernanda de Castro e Teresa Leitão de Barros; Com capa de Mâmía Roque Gameiro, e ilustrações de vários artistas como: Cottinelli Telmo, Raquel Roque Gameiro (e também Mâmía), Stuart Carvalhais, entre outros. Ver: LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 267-292; ROCHA, Natércia, *Breve história da literatura para crianças em Portugal*, p.61-63.

³²⁶ CONDE, Idalina, «Reencontro com Sarah Affonso», in LEANDRO, Sandra, SILVA, Raquel Henriques da (coord.), *Mulheres Pintoras em Portugal: de Josefa d'Óbidos a Paula Rego*, p.185.

³²⁷ BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandeiras, *A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945: Catálogo*, p. 94, 101 e 158. Referente a: *A Informação: a informação infantil*, 5 de agosto, 1926.

³²⁸ Idem, *ibidem*, p.92, 94 e 158.

³²⁹ Idem, *ibidem*, p.10-11 e 34; Ver também: FRANÇA, José-Augusto, *Os Anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*, p. 95.



Fig.45

ABC-zinho, nº44, 1 de novembro, nº45, 8 de novembro, nº46, 15 de novembro, 1926. Textos de *Tio Pirlau* (Cottinelli Telmo). Ilustrações de Ofélia Marques

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/Datado (canto superior esquerdo).

também concebeu quadradinhos, incluindo todas as letras do abecedário para ensinar as criancinhas, ou em particular os mais fiéis leitores e «assinantes do ZINHO». As divertidas lições de português foram intituladas de *A Cartilha dos Miúdos*³³¹[fig.45] Como notaram os autores de *A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945*, apesar de breve, a colaboração de Ofélia Marques na revista infantil «foi marcante, pela sua delicadeza»³³².

Vozes concordantes, as de António Dias de Deus e Leonardo de Sá, também realçaram que para o *ABC-zinho*, a artista concebeu «quadrículas prodigiosas»³³³.

Para além de Ofélia Marques, desenharam capas e ilustrações para a revista dedicada às «crianças de todas as idades», Stuart Carvalhais, Alfredo Rocha Vieira (1883-1947), Raquel Roque Gameiro, Else Althausse (1898-1936), artista de origem alemã que viveu e trabalhou em Portugal, Amélia Pae da Vida (1900-1997) autora da primeira BD

³³¹ Idem, *ibidem*, n. °44, 1 de novembro, 1926, p. (última página); n. °45, 8 de novembro, 1926, p. (última página); n. °46, 15 de novembro, 1926, p. 9.

³³² BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandejas, op. cit., p. 54.

³³³ DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, *Dicionário dos autores de banda desenhada e cartoon em Portugal*, p. 82.

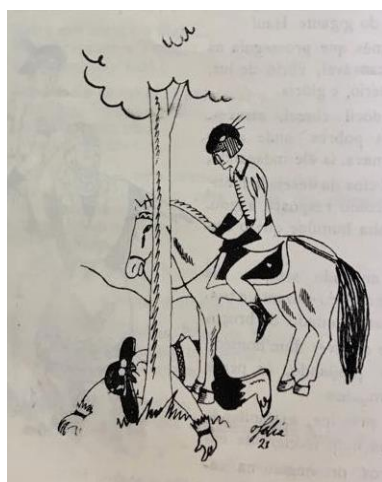


Fig.46

Casino: *semanário de elegâncias e arte*, nº3, ano I, 9 de setembro, 1928, p.11 e 12.(imagem da direita, em pormenor)

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: 1ª. ilustração: Não assinado/Não datado; 2ª. ilustração: Assinado/Datado (canto inferior direito).

Fig.47

Casino: *semanário de elegâncias e arte*, nº9, ano I, 21 de outubro, 1928, p.13 e 14.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem:- fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).

portuguesa feminina, entre outros artistas³³⁴.

Como a «revista mãe» *ABC* – dedicada ao público em geral e que contou com belíssimas e modernas capas de Jorge Barradas, Stuart Carvalhais ou Emmérico Nunes - o *ABC-zinho* cobriu toda a década de 20, tendo sido o último número publicado nos primórdios dos anos 30³³⁵.

Em agosto de 1928, Salema Vaz assumiu a direção da revista *Casino: semanário de elegâncias e arte*³³⁶. Diferentes escritores como, Augusto de Santa Rita (1888-1956) ou Graciete Alves da Silva Branco, foram convidados a colaborar na revista editada pelo Casino do Monte Estoril.

³³⁴ Idem, *ibidem*; Em particular sobre o percurso de Else Althausse e Raquel Roque Gameiro ver: LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1.ª República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p. 295-296, 318; LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 267-275; Nos artigos citados, Sandra Leandro também redigiu algumas linhas sobre Amélia Pae da Vida.

³³⁵ LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 273-275; LOBO, Theresa, *Ilustração em Portugal I: 1910 a 1940*, p.38-53 e 56-57.

³³⁶ *Casino: semanário de elegâncias e arte*, n.º 1, ano I, 26 de agosto, 1928.



Fig.53

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº2, ano I, 2 de setembro, 1928, p.7. BD de Ofélia Marques. Texto de Graciete Branco

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado(canto superior esquerdo).



Fig.57

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº10, ano I, 28 de outubro, 1928, p.11. BD de Ofélia Marques. Texto de Salema Vaz

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Não assinado/Não datado.

Graciete Branco ficou responsável pela secção infantil³³⁷. Ofélia encarregou-se das ilustrações³³⁸.

Pela delicadeza das histórias, e candura de alguns protagonistas, a pintora não hesitou na espessura do traço. Criou com linha firme, meninas e meninos engraçados e formosos. Figuras femininas e masculinas, de rosto bonito, expressão graciosa, gestos delicados. Riscou com suavidade, bonitos «bichos». Por exemplo, cavalos heroicos de bom porte, ratinhos meigos e audazes³³⁹[fig.46],[fig.47],[fig.48],[fig.49],[fig.50],[fig.51],[fig.52].

³³⁷ DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, op. cit., 28.

³³⁸ Como se pode confirmar no Apêndice B, podemos apreciar as ilustrações de Ofélia Marques, em diferentes páginas de todos os números do *Casino* - 14 no total.

³³⁹ *Casino: semanário de elegâncias e arte*, n.º 1, ano I, 26 de agosto, 1928, p.8 e 9; n.º 2, ano I, 2 de setembro, 1928, p.8,9 e 10; n.º 3, ano I, 9 de setembro, 1928, p.11 – 14; n.º 6, ano I, 30 de setembro, 1928, p.11; n.º 9, ano I, 21 de outubro, 1928, p. 13 e 14; n.º 11, ano I, 4 de novembro, 1928, p.11 e 12; Para além das imagens em texto, ver outras ilustrações nos Anexos.

Para a pequenada entusiasta, Ofélia Marques também concebeu bandas desenhadas divertidas, a bem representar as aventuras de «Quim-Quim»³⁴⁰[fig.53], [fig.54], [fig.55], [fig.56], e «Achê»³⁴¹ [fig.57], [fig.58], escritas por Graciette Branco e Salema Vaz. E a traço denso, coincidente com o tamanho das travessuras e gracinhas dos meninos. A artista assinou e datou a maior parte dos desenhos.

Segundo João Paiva Bóleo e Carlos Pinheiro, a colaboração de Ofélia Marques no *Casino* foi especial e interessante. Histórias engraçadas, felizes e bem desenhadas, «com um traço delicado e suave, e uma ternura que lhe dá um encanto muito particular.»³⁴². Jorge Silva também sublinhou que na revista editada pelo Casino do Monte Estoril «Ofélia teceu amáveis ilustrações para contos e sequências narrativas da rubrica *Matinée Infantil* da escritora Graciette Branco.»³⁴³.

Como Ofélia, outros desenhadores como Bernardo Marques ou Rocha Vieira, fizeram ilustrações para o *semanário*. Bernardo Marques e Rocha Vieira, também conceberam algumas capas. O último número foi publicado no início do ano de 1929³⁴⁴.

Entre o final dos anos 20 e o dealbar da década de 30, Ofélia Marques não trabalhou apenas para a revista de Salema Vaz. Segundo Sandra Leandro, como Maria Emília Vassalo e Silva Ribeiro da Fonseca, ou mais precisamente, Marimília (1911-1990), Maria Adelaide Lima Cruz ou Sarah Affonso³⁴⁵, também concebeu ilustrações para a revista *Civilização: grande magazine mensal*³⁴⁶. Em particular, para a secção infantil intitulada «O reino dos miúdos» assinada por Rosa Silvestre³⁴⁷.

³⁴⁰ Idem, *ibidem*, n. °1, ano I, 26 de agosto, 1928, p.7; n. °2, ano I, 2 de setembro, 1928, p.7; n. °5, ano I, 23 de setembro, 1928, p.11; n. °13, ano I, edição natal, 1928, p.14; Ver mais desenhos em: Anexos.

³⁴¹ Idem, *ibidem*, n. °4, ano I, 16 de setembro, 1928, p.11; n. °10, ano I, 28 de outubro, 1928, p.11; Ver também Anexos.

³⁴² BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandejas, op. cit., p.92-94.

³⁴³ SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha]. [Consultado a 18/06/2018]. Disponível em: WWW:<URL: <https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>.

³⁴⁴ *Casino: semanário de elegâncias e arte*, n. °14, ano II, 6 de janeiro, 1929.

³⁴⁵ LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 280-284; Marimília, era filha da escritora Maria Lamas.

³⁴⁶ Ver também: LOBO, Theresa, op., cit., p. 74-80.

³⁴⁷ A partir de 1931 – já no tempo de Campos Monteiro – «O reino dos miúdos» passou a ser dirigido por Maria do Carmo Peixoto – sob o pseudónimo de «Tia Margarida». Segundo Jorge Silva, os contos infantis, passaram a ser ilustrados pela filha da aquarelista Raquel Roque Gameiro – Margarida (Guida) Roque Gameiro Ottolini. Como explicou «No magazine *Civilização*, Guida substituiu Ofélia Marques, Roberto Nobre e Marimília, a partir de 1931, em contos e quadradinhos da rubrica *O Reino dos miúdos*.» Ver: SILVA, Jorge, «A tribo dos pincéis». [Em linha]. [Consultado a 9/07/2018]. Disponível em: WWW:<URL:<https://almanaguesilva.files.wordpress.com/2013/11/a-tribo-dos-pincc3a9is-2013.pdf>.; Ver ainda: LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 271-272.



Fig.59
 Civilização: grande magazine mensal, nº5,
 novembro, 1928, p.76-77.
 Coleção: A.H.M.L.
 Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia
 Santos Silva
 Observações: Assinado/Datado (canto inferior
 direito).



Fig.60
 Civilização: grande magazine mensal, nº8,
 fevereiro, 1929, p.76-77.
 Coleção: A.H.M.L.
 Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos
 Silva
 Observações: Assinado/Datado (canto inferior
 direito).

Ofélia analisou bem as descrições idealizadas pela jornalista, escritora, ativista Maria da Conceição Vassalo e Silva da Cunha Lamas -sob o pseudónimo de Rosa Silvestre – e complementou os conteúdos com majestosos desenhos. Riscou com traço vigoroso, altas e fortes figuras, de olhar expressivo e muito comovente, com trajas curiosos – como o «gigante Zabalão», que adorava crianças e era «incapaz de fazer mal a uma formiga», ou o rei do «país das maravilhas», «D. Fagundo»³⁴⁸. Desenhou as personagens em fundos neutros e simples, e preencheu as formas com cor – a laranja e diferentes tons de azul [fig.59], [fig.60].

Traçou com sensibilidade, esbeltas figuras femininas e masculinas. Vincou graciosidades, de jovens raparigas, fadas, princesas e príncipes - como por exemplo, da «pastora», do «herdeiro da coroa do país dos cravos», da «lindíssima e sorridente princesa do país das rosas», e tantos outros³⁴⁹ [fig.61], [fig.62], [fig.63], [fig.64].

³⁴⁸ Civilização: grande magazine mensal, n.º 5, novembro, 1928, p.76-78; n.º8, fevereiro, 1929, p.76-77; Ver reprodução do desenho do «Gigante Zabalão» em: LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 271-272.

³⁴⁹ Idem, *ibidem*, n.º 6, dezembro, 1928, p.105-107; n.º12, junho, 1929, p.84-85; n.º14, agosto, 1929, p.84-85; n.º15, setembro, 1929, p.81-83; Ver outros desenhos em Anexos.



Fig.61

Civilização: grande magazine mensal, nº14, agosto, 1929, p.84-85.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo/ e direito).

No desenho³⁵⁰ [fig.61], em particular, é de notar o pormenor com que Ofélia traçou todos os elementos que compõem a cena, desde as flores com pétalas vistosas, as plantas de densa ramagem, ou por outro lado, as casas de diferentes dimensões - algumas com galos nos telhados - da pequena aldeia. As diferentes figuras femininas, de expressão serena, gestos delicados, usam trajes de padrão irregular. O vestido da jovem mulher de lenço na cabeça, que se debruça sobre a criança deitada, tem umas manchas negras e umas flores pequenas. As linhas da saia curta e rodada da figura que parece flutuar - e ser igualmente admirada pelo ancião com uma grande barba e não menos pequeno nariz, e pelo menino de calções - fazem lembrar as de filigrana. Também o pendente no pescoço da jovem de cabelos negros, e brincos redondos, parece ser um coração de Viana. O azul é a cor dominante de toda a composição, assinada e datada.

Com leveza, Ofélia criou crianças bonitas e astutas³⁵¹[fig.65], [fig.66]. Desenhou com linha de diferentes espessuras, cenários feéricos³⁵²[fig.67], [fig.68], [fig.69].

³⁵⁰ Idem, *ibidem*, n.º14, agosto, 1929, p.84-85.

³⁵¹ Idem, *ibidem*, n.º 7, janeiro, 1929, p.73-75; n.º 17, novembro, 1929, p.76-78.

³⁵² Idem, *ibidem*, n.º 10, abril, 1929, p.92-93; n.º20, fevereiro, 1930, p.76-77; n.º 21, março, 1930, p.76-77. Ver todas as imagens referidas em Anexo.

Em diferentes composições, preencheu com cor, entre laranja, verde ou roxo, algumas formas simples.

De acordo com José-Augusto França e Theresa Lobo, colaboraram na revista dirigida por Ferreira de Castro (1898-1974) e Campos Monteiro (1899-1961), uma grande variedade de escritores como Mário Domingues (1899-1977), António Ferro ou Fernanda de Castro, e artistas como – e para além das já mencionadas - Lino António, Bernardo Marques ou Stuart Carvalhais. Bernardo Marques, por exemplo, para além de desenhos também concebeu inúmeras capas³⁵³.

Ofélia Marques trabalhou para a *Civilização* no seu período áureo. Praticamente desde a sua fundação no segundo semestre de 1928, até aos primórdios dos anos 30³⁵⁴. A partir dessa altura, aquando da saída de Ferreira de Castro e a mudança para a cidade invicta, a revista entrou em «decadência» até ao último número publicado em 1936³⁵⁵. Antes de findar a década de 20, e como veremos mais à frente, Ofélia fez ainda ilustrações para o primeiro livro de literatura infantil de Rosa Silvestre - *Maria cotovia*³⁵⁶. Foi o primeiro livro que ilustrou.

Em maio de 1930, Ofélia Marques marcou presença no *I Salão dos Independentes*. Poucos meses depois, viu alguns dos seus desenhos publicados no *Casino*³⁵⁷, reproduzidos no «suplemento infantil» do jornal *O Século - Pim Pam Pum!*. Concretamente as ilustrações das histórias redigidas por Graciette Branco – *Bebé e campainha*³⁵⁸[fig.70], *A rapozinha* ou *Os ratinhos*³⁵⁹.

Em 1931 o mesmo quadro. Um conto infantil de Graciette Branco que ilustrou, publicado no *magazine* dirigido por Salema Vaz³⁶⁰, foi impresso no *Pim Pam Pum!*³⁶¹ [fig.71]. Como sublinharam diferentes investigadores João Paiva Bóleo, Carlos Pinheiro, e

³⁵³ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 103-105; LOBO, Theresa, op., cit., 74-80 e 122-123; Ver também: SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.369-370.

³⁵⁴ Primeiro número foi publicado em julho de 1928. Como se pode confirmar na listagem Apêndice B, encontramos ilustrações de Ofélia Marques, no n.º 5, novembro, de 1928.

³⁵⁵ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 105.

³⁵⁶ PRATES, Maria Luzia Fouto, *Maria Lamas (1893-1983) – uma participante na história da mentalidade feminina*, p. 93-94.

³⁵⁷ *Casino: semanário de elegâncias e arte*, n.º 2, ano I, 2 de setembro, 1928, p.8-10; n.º 3, ano I, 9 de setembro, 1928, p.11-12; n.º 4, ano I, 16 de setembro, 1928, p.12-13; n.º 5, ano I, 23 de setembro, 1928, p.12-14; n.º 6, ano I, 30 de setembro, 1928, p.12 -14; n.º 9, ano I, 21 de outubro, 1928, p.13-14.

³⁵⁸ *Pim, Pam, Pum! (suplemento infantil do jornal O Século)*, n.º 258, ano V, 19 de novembro, 1930, p.6.

³⁵⁹ *Idem, ibidem*, n.º 259, ano V, 26 de novembro, 1930, p. 2-3 e 6-7; n.º 260, ano V, 3 de dezembro, 1930, p.2-3 e 6.

³⁶⁰ *Casino: semanário de elegâncias e arte*, n.º 1, ano I, 26 de agosto, 1928, p.10.

³⁶¹ *Pim, Pam, Pum! (suplemento infantil do jornal O Século)*, n.º 289, ano VI, 9 de julho, 1931, p.2.



Fig.70

Pim, Pam, Pum!, nº258, ano V, 19 de novembro, 1930, p.6

Coleção: A.H.M.L.

Fonte: - Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/PimPamPum/PimPamPumIV.htm>

Observações: Assinado (canto inferior esquerdo).

Reproduzido em *Casino*. 30 de setembro, 1928.

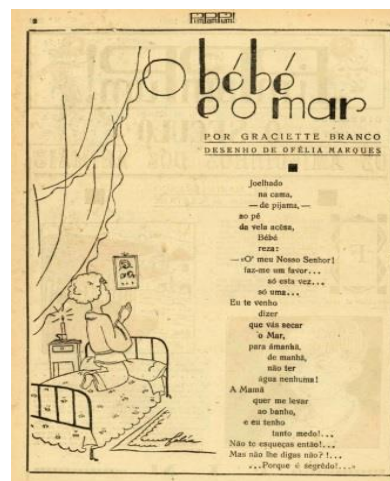


Fig.71

Pim, Pam, Pum!, nº289, ano VI, 9 de julho, 1931, p.2

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/PimPamPum/PimPamPumIV.htm>

Observações: Assinado (canto inferior direito). Reproduzido em *Casino*. 26 de agosto, 1928.

Natércia Rocha, colaboraram no «suplemento infantil» de *O Século* – que contou com direção de Augusto de Santa Rita, *Papim*, e Eduardo Malta (1900-1967), *Papusse* – distintos artistas como Alfredo de Moraes (1872-1971), Olavo d’Eça Leal, entre outros³⁶². *O Pim Pam Pum!*, teve longa vida. Durou mais de 50 anos – «foi do fim da I República ao pós - 25 de Abril»³⁶³.

Como o jornal (*O Século*) fundado por Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928), e outros intelectuais e jornalistas republicanos, o *Diário de Notícias* também teve um caderno infantil – o *Notícias miudinho*³⁶⁴.

Animado por Vasco Lopes de Mendonça (1883-1963), não durou uma década – publicado entre 1924 a 1933³⁶⁵.

³⁶² BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandejas, op., cit., p.91-94; ROCHA, Natércia, op., cit., p.62-63.

³⁶³ Idem, *ibidem*, p.91-94; Primeiro número publicado: 1 de dezembro, 1925.

³⁶⁴ Idem, *ibidem*, p.93; Sobre o suplemento ver dissertação de mestrado de: MENDES, Teresa Maria Ventura, *Nicolau e Nicolina, 90 anos de travessuras*.

³⁶⁵ DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, op., cit., p. 76.

Segundo os autores de *A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945*, e do *Dicionário dos Autores de Banda Desenhada e Cartoon em Portugal*³⁶⁶, no «encantador suplemento infantil» do *Diário de Notícias* podemos apreciar bonitos desenhos e quadradinhos de Vasco Lopes de Mendonça³⁶⁷, de Rocha Vieira – com pseudónimo Álvaro³⁶⁸ - Ofélia Marques³⁶⁹, entre outros.

Com efeito, Ofélia não se dedicou a desenhar meninas e meninos bonitos, alguns de expressão sorridente, figuras encantadas, cenários oníricos, para distintas publicações para crianças, por mero gosto pessoal ou maior apetência por motivos infantis. Como seus congéneres, respondeu – com profissionalismo - às exigências de um mercado em crescimento³⁷⁰.

Nas primeiras décadas do século XX, a infância ganhou uma importância redobrada. Em linhas gerais, as atenções viraram-se para a garantia do bem-estar das crianças. Por exemplo, melhores cuidados de saúde. A relevância de hábitos de higiene. Cuidados com a alimentação. A melhor educação ou a facilidade no seu acesso. O acompanhamento do crescimento, como do comportamento dos mais pequeninos. No mesmo panorama, emergiu também, uma panóplia de novos produtos destinados ao «pequeno consumidor»³⁷¹.

E sobretudo, a partir dos anos 20, e como salientaram diferentes investigadores, multiplicaram-se as publicações «reservadas aos miúdos» – revistas infantis, rubricas infantis em *magazines* e jornais, livros de contos, etc³⁷².

³⁶⁶ BÓLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandeiras, op., cit.; DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, op., cit.

³⁶⁷ DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, op., cit., p. 76;

³⁶⁸ Idem, *ibidem*, p.111; BÓLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandeiras, op., cit., p.92-94.

³⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 82; BÓLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandeiras, op., cit., p.158; Importa salientar, que consultámos (na Biblioteca Nacional de Portugal e Hemeroteca Municipal de Lisboa) todos os números do caderno infantil do *Diário de Notícias*, desde 1924 a 1933, mas não conseguimos identificar nenhum desenho de Ofélia Marques. Por esse motivo, não reproduzimos assim nenhuma ilustração.

³⁷⁰ «Ter sido precisamente nos anos 20 – década em que [Ofélia Marques] como os demais modernistas da sua geração começou a trabalhar em ilustração – que a infância emergiu como tema de interesse social; mediático, como hoje se diria.», in FERREIRA, Emília, «Desenhos do silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p.5; Ver ainda: FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português», in CASTRO, Zília Osório de, PEREIRA, Sara Marques (dir.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº 15, p. 190-194.

³⁷¹ Para uma visão mais detalhada sobre o universo infantil em Portugal, nas primeiras décadas do século XX, ver os primeiros dois capítulos do volume «Época Contemporânea» coordenado por Irene Vaquinhas de: MATTOSO, José (dir.), *História da vida privada em Portugal*, vol. 3, p. 22- 220.

³⁷² BÓLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandeiras, op., cit., p.92-118; FRANÇA, José-Augusto, *Os Anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*, p. 95. Para uma leitura cronológica de distintas publicações periódicas (dedicadas ao público infantil) que saíram na primeira metade do século XX ver também: DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, op., cit., p. 138-141.



Fig.72

Da esquerda para a direita em pé: Emmérico Nunes, Bernardo Marques, Clementina Carneiro de Moura, Ofélia Marques, Francisco Smith, Berta (Bá) Mendes, Maria Helena de Noronha Tudela (mulher de Lino António), Beatriz Botelho, Carlos Porfírio. Na fila da frente, e da esquerda para a direita: Lino António, Abel Manta, Manuel Mendes e Carlos Botelho, Lisboa, verão de 1933.

Arquivo Fundação Mário Soares (Casa Comum) /Manuel Mendes/MNAC-Museu do Chiado

Fonte da imagem: Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04652.004.000>

Ao longo dos anos 20 e 30, vários escritores e artistas aplicaram-se e trabalharam em conjunto, para distrair, ensinar, aconselhar e impressionar a pequenada. As crianças foram o «assunto central», e os criadores imaginaram, personagens, mais ou menos cândidas, idealizaram peripécias engraçadas, grandes aventuras, mais ou menos irreverentes, traçaram ternuras³⁷³.

Mas continuemos a acompanhar o percurso de Ofélia Marques, dividido entre exposições e ilustrações, como muitos outros modernistas. Alguns, seus grandes amigos [fig.72].

Só em 1933, e como veremos mais à frente, é que Ofélia voltou a dedicar-se a ilustração infantil. No mesmo ano em que os seus desenhos para o conto

³⁷³ Idem, *ibidem*, p.92-118; Sobre este assunto, considerem-se ainda as palavras de Emília Ferreira: «quando a infância surge como mercado a desbravar, multiplicam-se as publicações que a tomam como objecto. Se a educação e os cuidados a ter com as crianças se tornaram cartaz propagandístico do regime, quase todos os artistas e demais criadores erguem essa bandeira. A par dos conselhos, publicações específicas dirigem-se aos próprios miúdos [...] muitos são os escritores que se dedicam também a escrever obras para o mesmo público [...] De um modo geral, todos os artistas – homens e mulheres – tornaram as crianças assunto central dos desenhos, pinturas e esculturas, inventando-lhes aventuras, diabruras, ternuras.», in FERREIRA, Emília, «Da deliciosa fragilidade feminina», in LARANJEIRO, Maria José (dir.), *Margens e Confluências: um olhar contemporâneo sobre as artes*, nº 11-12, p. 146-147.



Fig.73

Portugal feminino: revista mensal ilustrada, n.º 15, ano II, abril, 1931, p. 15.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal. Também disponível em Arquivo Centro de Informação e Documentação da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).

O bebê e o mar de Graciete Branco, foram reproduzidos no *Pim Pam Pum!*³⁷⁴, portanto em 1931, Ofélia ilustrou o enredo romântico *O homem que amava o amor*, da autoria da filha da poetisa brasileira Maria Amélia Teixeira (?-?)³⁷⁵.

O conto e o desenho, com uma figura masculina e três diferentes personagens femininas de rosto belo e corpo elegante, em cena num espaço pouco ornamentado [fig.73] foram publicados na revista - *Portugal feminino: revista mensal ilustrada*³⁷⁶. De 1930 a 1937, colaboraram na revista distintas escritoras, algumas já citadas, como Fernanda de Castro ou Maria Lamas. Também Elina Guimarães (1904-1991)³⁷⁷. No plano das ilustrações, conceberam capas e desenhos para o *magazine*, Raquel Roque Gameiro e sua filha Guida Ottolini³⁷⁸, ou a discípula de Adelaide Lima Cruz (1878-1963) e Carlos Reis (1863-1940) - Maria Adelaide Lima Cruz. Nas palavras de Sandra Leandro, pintora «extremamente trabalhadora e apaixonada pela arte»³⁷⁹.

³⁷⁴ *Pim, Pam, Pum!* (suplemento infantil do jornal *O Século*), n.º 289, ano VI, 9 de julho, 1931, p.2.

³⁷⁵ A filha de Maria Amélia Teixeira, tinha exatamente o mesmo nome da mãe.

³⁷⁶ *Portugal feminino: revista mensal ilustrada*, n.º15, ano II, abril, 1931, p.15; Consultámos todos os números da revista, e apenas identificamos um desenho de Ofélia Marques.

³⁷⁷ Sobre a vasta lista de colaboradores (e de várias nacionalidades) ver: BALTASAR, Isabel, «Maria Amélia Teixeira» e «Portugal Feminino», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, p.583, 813-818.

³⁷⁸ LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1.ª República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p. 295-296; LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 267-272. Em particular, sobre a atividade e produção artística de Raquel Roque Gameiro, consulte-se também de Sandra Leandro, *Mão inteligente: Raquel Roque Gameiro (1889-1970) ilustração e aquarela*.

³⁷⁹ Idem, *ibidem*, p. 296-297; LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel

De acordo com Isabel Baltasar, foram sobretudo mulheres que escreveram na revista *Portugal feminino*. Mas distintos artistas (homens e mulheres) fizeram capas e ilustrações. Para além dos nomes já citados, trabalharam ainda para o *magazine*, Vasco Lopes de Mendonça, o caricaturista Amarelhe (1892-1946), e outros³⁸⁰. Como salientou a mesma investigadora, à luz da situação política em Portugal na primeira metade da década de 30, *Portugal feminino* foi «um jornal arrojado». Mais do que distrair, emocionar, informar as leitoras, algumas colaboradoras tiveram a preocupação de «provocar mentalidades»³⁸¹.

Convém ainda destacar que a diretora de *Portugal feminino*, por viver uma situação confortável financeiramente, decidiu reverter os lucros da venda da revista para fins sociais. Por sinal, e como sublinhou Isabel Baltasar, todas as que trabalharam para a revista, de 1930 ao último número publicado em 1937, não receberam qualquer remuneração³⁸². Será que esse princípio se aplicou também a algumas ilustradoras como Ofélia Marques?

Ainda nos primórdios dos anos 30, Ofélia iniciou a sua colaboração com outra revista também destinada (sobretudo) à população feminina urbana: a *Eva: jornal da mulher e do lar*.

Dirigida por Helena de Aragão (1880-1961) – primeiros números a partir de 1925 - as irmãs Helena e Mãmía Roque Gameiro – dezembro de 1930 a outubro de 1931 – e por último Carolina Homem Christo (1895-1980) – até à extinção do periódico, no final da década de 80 – Ofélia concebeu inúmeros desenhos para o *magazine*, e praticamente até ao ano da sua morte em 1952³⁸³. Nas palavras da própria revista, foi mesmo «uma das colaboradoras mais assíduas»³⁸⁴.

Como Ofélia Marques, desenharam capas e ilustrações para a *Eva*, Clementina Carneiro de Moura, as irmãs Raquel, Helena e Mãmía Roque Gameiro³⁸⁵, Sarah Affonso

(org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p.286-289. Neste último artigo de Sandra Leandro, pode visualizar-se a capa da autoria de Maria Adelaide Lima Cruz – *Portugal feminino*, março, 1930.

³⁸⁰BALTASAR, Isabel, «Portugal Feminino», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, p.813-818.

³⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 813-818.

³⁸² Idem, *ibidem*, p.813.

³⁸³ Ver a listagem completa das ilustrações de Ofélia Marques - Apêndice B

³⁸⁴ *Eva: jornal da mulher e do lar*, n.º1000, maio, 1955, p.9.

³⁸⁵ Ver: LEANDRO, Sandra, «Helena Roque Gameiro Leitão de Barros», «Maria Emília Roque Gameiro Martins Barata», «Raquel Roque Gameiro Ottolini», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, p. 386-387, 661-662, 826-827; Ver ainda, e sobre Mãmía Roque Gameiro: LEANDRO, Sandra, *Ver tudo: Mãmía Roque Gameiro (1901-1996). Pintura e ilustração*.

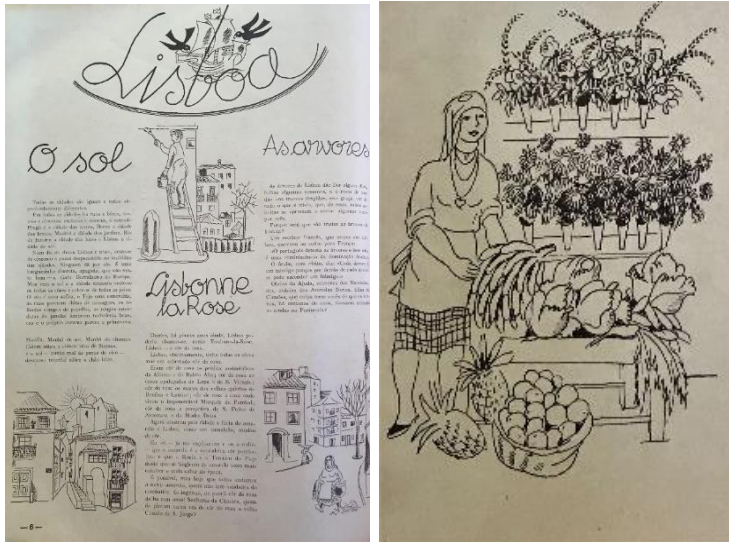


Fig.74

Eva: jornal da mulher e do lar, nº308, 4 de abril, 1931, p.6-7.

(imagem da direita, em pormenor)

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: -
fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Não assinado/
Não datado.

e tantos outros artistas³⁸⁶. Não só mulheres. Jorge Barradas ou Roberto Nobre (1903-1969), foram alguns dos desenhadores que também colaboraram na *Eva*. No quadro literário, escreveram crónicas, textos informativos e de lazer, conselhos de moda, episódios românticos, Fernanda de Castro, Virgínia Lopes de Mendonça (1881-1969), Aurora Jardim Aranha (1898-1988), e outras e outros autores. Segundo José-Augusto França e Cecília Barreira, a *Eva* - alheia a ações e problemáticas feministas, e assim também diferente, por exemplo, de *Portugal feminino* – contou, e praticamente desde as primeiras publicações, com uma vasta audiência feminina³⁸⁷. Analisemos assim, alguns desenhos da autoria de Ofélia Marques³⁸⁸, numa revista (aparentemente) lida e apreciada por várias mulheres portuguesas, no segundo quartel do século XX. E na mesma linha, por exemplo, com a *Voga*³⁸⁹.

Ofélia embelezou a cidade do sol de Fernanda de Castro, Lisboa «um jardim de todos os cheiros e tonalidades à beira mar plantado», com bonitas figuras masculinas e femininas, de expressão delicada e sorridente, nos seus quotidianos, por exemplo, a vender frutas frescas ou flores em pequenos mercados, a enfeitar algumas fachadas de prédios, ou até a lavar alguns trajés nos tanques públicos. Desenhou becos repletos de flores, árvores

³⁸⁶ LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 267-292.

³⁸⁷ BARREIRA, Cecília, *História das nossas avós: retrato da burguesa em Lisboa 1890-1930*, p.27-28; FRANÇA, José-Augusto, *Os Anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*, p.93-94.

³⁸⁸ Para além dos desenhos em texto, ver também as várias figuras nos Anexos.

³⁸⁹ BARREIRA, Cecília, *História das nossas avós: retrato da burguesa em Lisboa 1890-1930*, p.27-28 e 113.

esguias preenchidas de folhas. Ainda, pássaros de pequeno porte, e muitos gatos de todos os tamanhos e riscas³⁹⁰ [fig.74], [fig.75].

Da mesma autora, também completou com graça e sensibilidade - imaginando personagens com gestos enigmáticos, e recreando figuras icónicas do mundo dos palcos e películas - as crónicas de «Teatro e Cinema»³⁹¹[fig.76].

Para os contos de Virgínia Lopes de Mendonça, criou diferentes figuras masculinas e femininas de corpos elegantes, algumas de expressão cândida. Pintou diferentes cenários líricos³⁹² [fig.77], [fig.78], [fig.79].

No desenho assinado e datado [fig.77], em particular, são na verdade as flores, de diferentes espécies e em abundância, que iluminam o espaço exterior. Mais do que a própria luz solar. Desenhadas com delicadeza e a traço ondulante, algumas parecem dançar ao ritmo do vento. As que têm grandes caules e folhas extensas, quase tocam nas nuvens e no arco-íris, como se com as suas cores e formas, desejassem ser elas a enfeitar o céu.

No primeiro ano da década de 30, Ofélia ilustrou ainda alguns contos de Graciette Branco e Maria Amélia Teixeira (filha)³⁹³. Escritoras suas conhecidas. Mas não só. Também ilustrou pequenas narrativas idealizadas por Sarah Beirão, Misa (?-?), Bia (?-?), I da A (?-?), ou Violante de Sagres (?-?)³⁹⁴ [fig.80], [fig.81], [fig.82], [fig.83], [fig.84]. No conto «Maria da Saudade»³⁹⁵ nem as flores sobre a mesa redonda, nem os raios de sol que irrompem pela pequena janela, parecem capazes de acalantar o coração da jovem e bonita mulher de lágrimas nos olhos.

No espaço interior onde se encontra, um quadro suspenso na parede, com uma paisagem incerta, contrasta com a clareza e brilho do cenário exterior [fig.84].

Em 1932 e 1933, Ofélia também trabalhou ininterruptamente. Ilustrou vários contos de

³⁹⁰ *Eva: jornal da mulher e do lar*, n.º308, 4 de abril, 1931, p.6-7; n.º313, 9 de maio, 1931, p.5. Os desenhos de «Cartas de Lisboa», dos números 322 (11 julho) e 324 (25 julho) da *Eva*, são iguais, ao do n.º313. Ver outras imagens em Anexos.

³⁹¹ Idem, *ibidem*, n.º324, 25 de julho, 1931, p.5. Pode visualizar-se o mesmo desenho da crónica «Teatro e Cinema», nos números 325 (8 agosto), 327 (15 agosto), 328 (22 agosto), 331 (12 setembro), 333 (26 setembro), 335 (10 outubro). Ao todo Fernanda de Castro escreveu 7 crónicas. Ver Anexos.

³⁹² Idem, *ibidem*, n.º330, 5 de setembro, 1931, p.7; n.º335, 10 de outubro, 1931, p.6; n.º337, 24 de outubro, 1931, p.9; Ver outras imagens em Anexos.

³⁹³ Idem, *ibidem*, n.º332, 19 de setembro, 1931, p.5; n.º338, 31 de outubro, 1931, p.9.

³⁹⁴ Idem, *ibidem*, n.º336, 17 de outubro, 1931, p.7; n.º340, 14 de novembro, 1931, p.7; n.º341, 21 de novembro, 1931, p.9 e 21; n.º344, 12 de dezembro, 1931, p.11-12; n.º345, 19 de dezembro, 1931, p.39. Ver imagens em Anexos; Não foi possível identificar as autoras que assinaram com pseudónimos. Consultou-se *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*, de Adriano da Guerra Andrade, e não se encontrou qualquer registo.

³⁹⁵ Idem, *ibidem*, n.º341, 21 de novembro, 1931, p.9.

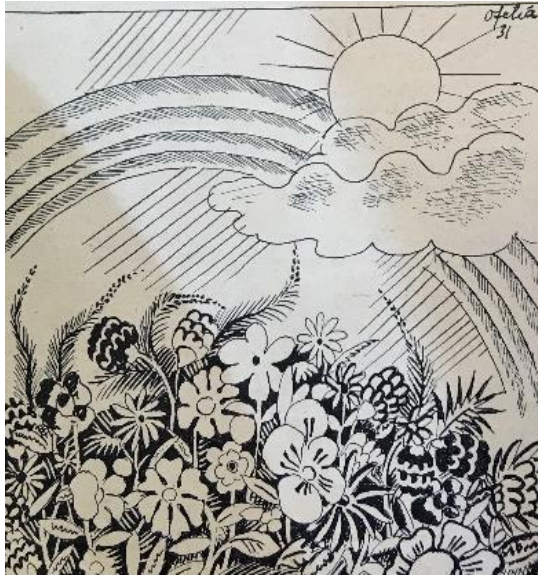


Fig.77

Eva: jornal da mulher e do lar, nº335, 10 de outubro, 1931, p.6.(pormenor)

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto superior direito).



Fig.84

Eva: jornal da mulher e do lar, nº341, 21 de novembro, 1931, p.9 (pormenor)

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).

Sarah Beirão³⁹⁶[fig.85] e Virgínia Lopes de Mendonça³⁹⁷[fig.86]. Ainda de Áurea Paes Falcão (1897-?) – ou mais precisamente Andorinha³⁹⁸ [fig.87] – Adelaide Bramão (1872-1963)³⁹⁹[fig.88],[fig.89],Guilhermina de Azeredo (1894-1976)⁴⁰⁰[fig.90], Virgínia Vitorino (1895-1967)⁴⁰¹[fig.91], Aurora Jardim Aranha⁴⁰²[fig.92]. E muitas outras autoras⁴⁰³.

³⁹⁶ Idem, *ibidem*, nº352, 6 de fevereiro, 1932, p.8; nº377, 30 de julho, 1932, p.13; nº385, 24 de setembro, 1932, p.4; nº415, 22 de abril, 1933, p.10. Ver Anexos.

³⁹⁷ Idem, *ibidem*, nº404, 4 de fevereiro, 1933, p.4. Ver Anexos.

³⁹⁸ Idem, *ibidem*, nº355, 27 de fevereiro, 1932, p.5 e 22.

³⁹⁹ Idem, *ibidem*, nº356, 5 de março, 1932, p.18 e 21; nº448, 9 de dezembro, 1933, p.5. Ver Anexos.

⁴⁰⁰ Idem, *ibidem*, nº 381, 27 de agosto, 1932, p.10; nº399, 31 de dezembro, 1932, p.10; nº416, 29 de abril, 1933, p.4.

⁴⁰¹ Idem, *ibidem*, nº449, 16 de dezembro, 1933, p.9. Ver anexos.

⁴⁰² Idem, *ibidem*, nº391, 5 de novembro, 1932, p.7; nº397, 17 de dezembro, 1932, p.24-26; nº411, 25 de março, 1933, p.4-5. Ver anexos.

⁴⁰³ Idem, *ibidem*, nº359, 26 de março, 1932, p.23; nº363, 23 de abril, 1932, p.19; nº388, 15 de outubro, 1932, p.4; nº433, 26 de agosto, 1933, p.12; nº444, 11 de novembro, 1933, p.11; Consulte-se também Apêndice B. À semelhança do que fizemos com outros periódicos, apresentamos apenas alguns desenhos que Ofélia Marques fez para a *Eva*.



Fig.87
Eva: jornal da mulher e do lar, nº355, 27 de fevereiro, 1932, p.5 (pormenor)
Coleção: A.H.M.L.
Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva
Observações: Assinado/ Datado (canto superior



Fig.90
Eva: jornal da mulher e do lar, nº381, 27 de agosto, 1932, p.10.
Coleção: A.H.M.L.
Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva
Observações: Assinado/ Datado (canto superior esquerdo/e canto inferior direito).

No desenho [fig.87], ao contrário da personagem Maria da Saudade [fig.84], por exemplo, a expressão das três senhoras, aprumadas, em nada faz lembrar candura. Num cenário interior repleto de vários objetos - mesa, livro, quadro, candeeiro, etc - as duas figuras femininas, que se encontram perto da janela a sorrir, parecem olhar-se com cumplicidade, enquanto escutam com satisfação, as notas de piano tocadas pelo terceiro elemento adulto da cena. Talvez estivessem a apreciar em simultâneo a voz da mulher sentada ao piano, que para além de tocar, também parece cantar. As duas crianças, de expressão sorridente, deixaram de lado os seus bonitos brinquedos, e preferiram divertir-se com as pétalas das flores do *bouquet* espalhado no chão. Nesta composição, reina (de certa forma) o humor. Seja pela expressão das personagens femininas, seja pelos gestos pouco delicados e inocentes, dos mais pequenos. Todos parecem em harmonia, no «Natal da Solteirona», título do conto escrito por Áurea Paes Falcão⁴⁰⁴.

⁴⁰⁴ Idem, *ibidem*, nº355, 27 de fevereiro, 1932, p.5 e 22.

Na pintura⁴⁰⁵ [fig.90], a figura feminina, de enorme sorriso no rosto, dança com satisfação na companhia de outras personagens, desenhadas a traço denso. Os fundos onde decorrem as cenas são simples. As personagens, usam inúmeros adereços.

Nos mesmos anos, 1932 e 1933, Ofélia Marques ilustrou ainda as palavras redigidas por Fernanda de Castro, dedicadas às leitoras assíduas, mais ansiosas⁴⁰⁶. As «brilhantes» e curiosas respostas, ganharam ainda mais brilho⁴⁰⁷. Para cada conselho – sobre amor, moda, literatura, ou cinema - um desenho adequado [fig.93], [fig.94]. Breve parêntesis, e breve recuo no tempo, para salientar que em 1931, Ofélia concebeu algumas ilustrações para a troca de correspondência – com o mesmo nome, «Pombo Correio» - entre a mesma escritora, e outras senhoras. Em particular, as leitoras da revista *Ilustração: grande revista portuguesa*⁴⁰⁸ [fig.95], [fig.96].

Regressemos novamente à *Eva*.

Em junho de 1932, foi dado à estampa o número 369 da revista *Eva*, com capa da autoria de Ofélia Marques⁴⁰⁹.

Num fundo neutro [fig.97], uma menina, representada a meio corpo e em grande plano, de cabelos claros, concentra toda a sua atenção no bordado que está a fazer. A expressão do rosto aparenta uma certa tranquilidade. Maneja delicadamente a agulha com a mão direita, e a mão esquerda ampara a renda.

Nesta composição, o fundo é simples e pintado com breves pinceladas de cores claras. Os tons amarelados e acinzentados do traje da figura feminina, contrastam assim com os do cenário sem ornamentos.

Nesse mesmo ano, e como salientaram Sandra Leandro e Jorge Silva, algumas das suas congêneres, em particular Raquel Roque Gameiro ou Maria Adelaide Lima Cruz, também conceberam capas para a mesma revista⁴¹⁰.

⁴⁰⁵ Idem, *ibidem*, nº 381, 27 de agosto, 1932, p.10

⁴⁰⁶ Idem, *ibidem*, nº367, 21 de maio, 1932, p.10; nº376, 23 de julho, 1932, p.5. Ver desenhos em Anexos.

⁴⁰⁷ «A *Eva*, que recebe diariamente uma larga correspondência [...] resolveu criar esta secção «Pombo Correio» em que Fernanda de Castro, com o seu espírito brilhante, responderá, tanto quanto possível, a todas as perguntas que lhe forem dirigidas sobre teatro, literatura, cinema, ou outro qualquer assunto que possa interessar as leitoras desta revista», in Idem, *ibidem*, nº367, 21 de maio, 1932, p.10.

⁴⁰⁸ *Ilustração: grande revista portuguesa*, nº318, 15 de setembro, 1931, p.29; nº319, 1 de outubro, 1931, p.33; Ver desenhos em Anexos.

⁴⁰⁹ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº369, 4 de junho, 1932. Capa de Ofélia Marques.

⁴¹⁰ LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 267-292; LEANDRO, Sandra, *Mão inteligente: Raquel Roque Gameiro (1889-1970) ilustração e aquarela*, p.24-25; Ver ainda: SILVA, Jorge, «A tribo dos pincéis». [Em linha]. [Consultado a 9/07/2018]. Disponível em: WWW:<URL:<https://almanquesilva.files.wordpress.com/2013/11/a-tribo-dos-pincc3a9is-2013.pdf>>

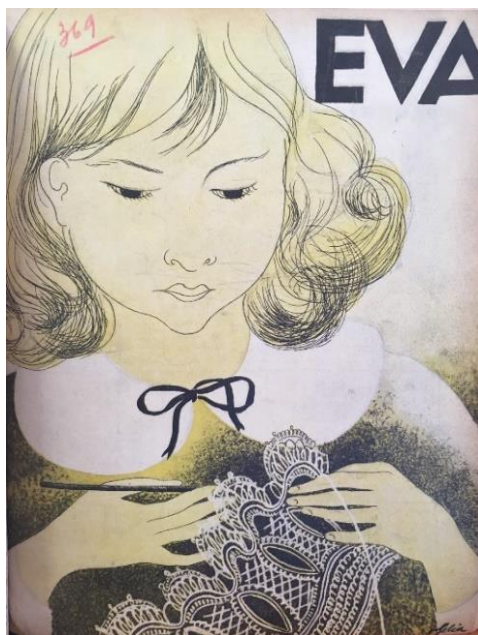


Fig.97

Eva: jornal da mulher e do lar, nº369, 4 de junho, 1932, capa de Ofélia Marques

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior direito).

A jovem mulher *chic*, bem vestida, bem maquilhada, cabelos curtos, acessórios elegantes, desportista, adepta de alguns apetecíveis lazeres, foi a personagem central⁴¹¹. Portanto, em claro contraste com a figura cândida idealizada por Ofélia Marques.

Nos últimos anos da primeira metade da década de 30, Ofélia ilustrou as muitas cenas de amor, inúmeras aventuras, viagens, alguns sonhos fantasiados, por diferentes escritoras como, Aurora Jardim Aranha⁴¹², Adelaide Bramão⁴¹³, Guilhermina de Azeredo⁴¹⁴, Sarah Beirão⁴¹⁵, Virgínia Lopes de Mendonça⁴¹⁶. Entre outras⁴¹⁷[fig.98], [fig.99], [fig.100], [fig.101]⁴¹⁸.

⁴¹¹ Considere-se por exemplo as seguintes capas da *Eva* de 1932: n.º355, 27 de fevereiro -capa de Maria Adelaide Lima Cruz; ou n.º367, 21 de maio – capa de Raquel Roque Gameiro; Segundo Sandra Leandro e Jorge Silva, as duas irmãs – sobretudo Raquel - mas também, Guida Ottolini e Manuela (Néné) Ottolini (1914-2008?) conceberam inúmeras capas para a *Eva*, ao longo da década de 30.

⁴¹² *Eva: jornal da mulher e do lar*, n.º464, 31 de março, 1934, p.13; n.º480, 21 de julho, 1934, p.1; n.º541, 21 de setembro, 1935, p.10.

⁴¹³ *idem, ibidem*, n.º474, 9 de junho, 1934, p.20.

⁴¹⁴ *idem, ibidem*, n.º471, 19 de maio, 1934, p.7; n.º514, 16 de março, 1935, p.7.

⁴¹⁵ *idem, ibidem*, n.º491, 6 de outubro, 1934, p.6.

⁴¹⁶ *idem, ibidem*, n.º477, 30 de junho, 1934, p.8.

⁴¹⁷ *idem, ibidem*, n.º460, 3 de março, 1934, p.7; n.º475, 16 de junho, 1934, p.14.

⁴¹⁸ Para além do desenho em texto, ver mais ilustrações em Anexos.



Fig.98

Eva: *jornal da mulher e do lar*, nº464, 31 de março, 1934, p.13. (pormenor)

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior esquerdo).

Também ilustrou com delicadeza, algumas histórias traduzidas⁴¹⁹ [fig.102], [fig.103]. De 1936 aos primórdios dos anos 40, Ofélia não desenhava para a *Eva*. Só voltou a colaborar com a revista feminina, e como veremos mais à frente, em 1942. Ano em que foi convidada a expor na *1.ª Exposição dos Artistas Ilustradores Modernos*, no estúdio do S.P.N. em Lisboa.

Recuemos agora ao ano de 1933.

Como já referimos, para além de marcar presença na S.N.B.A., e na *Galeria UP* em Lisboa, de conceber inúmeras ilustrações para a *Eva*, ilustrou ainda a primeira versão de «As Maravilhosas Aventuras de João Sem Medo»⁴²⁰.

Uma bela história imaginada pelo Avô do Cachimbo⁴²¹ - ou mais precisamente por José Gomes Ferreira - publicada na revista infantil *O Senhor Doutor: um amigo que diverte, educa e instrui*⁴²².

Ao todo, 26 episódios, com numerosas peripécias, proezas, e uma mão cheia de ensinamentos.

⁴¹⁹ *Eva*: *jornal da mulher e do lar*, nº521, 4 de maio, 1935, p.11; nº522, 11 de maio, 1935, p.8. Ver Anexos.

⁴²⁰ BÓLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandejas, op., cit., p.158; FERREIRA, Raúl Hestnes, *José Gomes Ferreira: fotobiografia*, p. 76; BRANCO, Miguel Castelo, RÊGO, Manuela (coord.), *Antes das Playstations: 200 anos do romance de aventuras em Portugal*, p. 198; Ver lista completa das ilustrações da pintora – Apêndice; Reproduzimos nos Anexos, todos os desenhos. Importa salientar que consultámos todos os números da revista infantil do ano de 1933, na B.N.P. Reproduzimos nos Anexos (e como explicado nas legendas) tanto imagens de *O Senhor Doutor*, como da caixa de postais: *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933*. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira, Câmara Municipal de Lisboa.

⁴²¹ «O avô do cachimbo quem é? [...] é o pseudónimo de alguém que vai contar aos leitores do SENHOR DOUTOR, histórias magnificas em que se conjuga a graça, a moral e os ensinamentos.», in *O Senhor Doutor: um amigo que diverte, educa e instrui*, nº1, 18 de março, 1933, p.5.

⁴²² Semanalmente de 1 de abril, a 30 de setembro, de 1933.



Fig.129

Tic-Tac, nº158, 22 de setembro, 1935, p.4 e 5.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo e/direito).



Fig.130

Ofélia Marques, *Ambrósia Glutôna*, s/data, grafite, tinta-da-china.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta4, OM419

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [desenho para *Tic-Tac*. 1935]

Natal, do dia 22 de dezembro de 1935. Foi o único conto que ilustrou⁴²⁸ [fig.129], [fig.130].

No mesmo ano, e com veremos de seguida, foi dado à estampa a história infantil da autoria de Ana de Castro Osório *O príncipe das maçãs de ouro*, com capa e ilustrações de Ofélia. Anos antes, e em alturas diferentes, Ofélia também concebeu desenhos para os contos *Maria cotovia*, e *Aventuras de cinco irmãozinhos* escritos por Maria Lamas.

⁴²⁸ *Tic-Tac: semanário infantil*, nº158, 22 de dezembro, 1935, p.4 e 5; Consultaram-se todos os números de 1932 a 1937, e apenas se identificou um desenho.

4.3 – As ilustrações em livros infantis⁴²⁹

«No âmbito da ilustração para livros, Ofélia Marques trabalhou com Maria Lamas [...], Fernanda de Castro [...] e Natércia Freire. Hoje os meninos já não entretêm os sonhos nem treinam a leitura em tais livros. As personagens que Ofélia desenhou para eles há muito que só moram nas ternas memórias dos mais velhos.».

[Maria João Martins [1994]⁴³⁰

De acordo com Maria Fouto Prates, o pseudónimo Rosa Silvestre, foi definido por Maria Lamas, devido ao seu gosto por flores, em particular as rosas, mas também pela grande admiração que nutria pelos seus queridos tios, precisamente Rosa e Silvestre⁴³¹. E foi com nome de flor, que a escritora assinou em 1929 o seu primeiro livro de literatura infantil – *Maria cotovia*⁴³². Em matéria de estreias, foi também o primeiro livro que Ofélia Marques ilustrou⁴³³[fig.131].

Segundo a autora do estudo *Maria Lamas (1893-1983) – Uma participante na história da mentalidade feminina*, as críticas à história para os mais pequenos, foram favoráveis. Por exemplo, João de Sousa Fonseca, na *Ilustração*, não poupou elogios ao belo livro da «trabalhadora incansável» com um «lindo e suave pseudónimo». Sem dúvida um conto «encantador», didático, merecedor de entrar em todos os lares portugueses. Especialmente com crianças⁴³⁴.

No que concerne às ilustrações, ergueram-se algumas vozes dissonantes. No *Jornal do Comércio e das Colónias* – na edição de 16 de agosto de 1930 – lamentou-se o facto dos desenhos não se adequarem ao texto de Rosa Silvestre. Como foi escrito, *Maria cotovia* «tem ilustrações de Ofélia Marques, pena é que as ilustrações [...] não condigam com o texto, pois são por vezes desproporcionais

⁴²⁹ Ver Apêndice C.

⁴³⁰ MARTINS, Maria João, *Mulheres portuguesas: divas, santas e demónios*, vol. I, p.27.

⁴³¹ PRATES, Maria Luzia Fouto, *Maria Lamas (1893-1983) – Uma participante na história da mentalidade feminina*, vol., p.44; Ver também: *Maria Lamas, Vida e Obra: Catálogo*; Sobre o percurso de Maria Lamas consulte-se ainda: FIADEIRO, Maria Antónia, *Maria Lamas: Biografia*.

⁴³² Idem, *ibidem*, p.93-94; ROCHA, Natércia, *Breve história da literatura para crianças em Portugal*, p.70-71.

⁴³³ Idem, *ibidem*, p.93-94; Não conseguimos encontrar nenhum exemplar de *Maria Cotovia*, para visualizar e analisar as ilustrações. Identificámos apenas um desenho, no artigo da autoria de Rosa Oliveira e João Manuel Caetano «As letras capitulares na ilustração dos livros infantis em Portugal, nos séculos XIX e XX».

⁴³⁴ Idem, *ibidem*, p.93-94; *Ilustração*, nº99, 1 de fevereiro, 1930, p.17. Como refere Maria Fouto Prates, encontram-se disponíveis para consulta vários recortes de jornais, revistas, e muita outra documentação, sobre a vida e obra de Maria Lamas, no espólio da escritora preservado na Biblioteca Nacional de Portugal – espólio E.28; Este artigo, pode ser consultado, no espólio indicado.



Fig.131

Maria cotovia, Rosa Silvestre (Maria Lamas), 1929.

Coleção: -

Fonte da Imagem: Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/7872>;

Artigo de Rosa Oliveira e João Manuel Caetano «As letras capitulares na ilustração dos livros infantis em Portugal nos séculos XIX e XX».

Observações: Não assinado/ Não datado.

no conjunto»⁴³⁵.

No ano seguinte, no mesmo jornal, elogiou-se a escritora e a história, mas também as ilustrações e a respetiva artista. Como foi escrito, desenhos «muito interessantes e revelando da parte do seu autor magníficas qualidades artísticas.»⁴³⁶.

Terão sido as críticas redigidas pelo mesmo autor? Se sim, o que terá motivado a mudança de opinião?

Em 1949, o livro de Rosa Silvestre, chegou ao outro lado do atlântico. Concretamente, à cidade brasileira Rio de Janeiro. *Maria cotovia*, com desenhos de Ofélia Marques, foi um dos muitos títulos representados na *I Exposição do livro feminino de Portugal no Brasil*⁴³⁷. Da lista, também fizeram parte várias narrativas, contos infantis, de Ana de Castro Osório, Fernanda de Castro ou Virgínia Lopes de Mendonça. Muitos exemplares, profusamente ilustrados, por diferentes artistas como Sarah Affonso, as irmãs Raquel e Mâmía Roque Gameiro, entre outras⁴³⁸.

Mas recuemos novamente a 1929. Nesse ano, Rosa Silvestre e Ofélia Marques, trabalharam juntas noutro projeto. O objetivo foi responder à encomenda da Empresa Nacional de Publicidade (*Diário de Notícias*).

A responsável da coluna infantil «O reino dos miúdos» da revista *Civilização*, idealizou diferentes peripécias, protagonizadas por cinco irmãos de tenra idade. As aventuras divertidas, ganharam ainda mais graça, com o traço delicado de Ofélia.

⁴³⁵ Idem, *ibidem*, p.94; Maria Fouto Prates refere: *Jornal do Comércio e das Colónias*, 16 de agosto, 1930.

⁴³⁶ Idem, *ibidem*, p.94; Maria Fouto Prates refere: *Jornal do Comércio e das Colónias*, 23 de julho, 1931.

⁴³⁷ Idem, *ibidem*, p.214-218. Certame integrado nas festas comemorativas do 81º aniversário da Fundação do Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto; De Rosa Silvestre, *Maria cotovia*, foi o único título.

⁴³⁸ Idem, *ibidem*, p.214-218.



Fig.132; Fig.133; Fig.134

Aventuras de cinco irmãozinhos, Rosa Silvestre (Maria Lamas), 1931. Capa e ilustrações de Ofélia Marques.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito)

A artista criou meninas e meninos de rostos belos, de expressão sorridente e olhar doce. Diferentes personagens, de corpos elegantes e gestos sensíveis. Outras, de gestos mais vigorosos. Desenhou com humor, alguns «bichos» curiosos e simpáticos, como burros, gatos e até “formiguinhas”. Com sensibilidade, traçou distintos cenários interiores, como quartos e cozinhas, ornamentados com alguma simplicidade. Ainda, alguns espaços exteriores, como jardins com grandes árvores e bonitas flores, e paisagens marítimas, com curiosos habitantes, em particular, residentes em alto mar⁴³⁹ [fig.133], [fig.134], [fig.135] a [fig.140].

Em 1931, a Empresa Nacional de Publicidade, deu à estampa o número 34 da «Biblioteca dos Pequeninos». Precisamente, a história infantil redigida por Rosa Silvestre e ilustrada por Ofélia Marques – *Aventuras de cinco irmãozinhos*⁴⁴⁰.

A pintora também concebeu a capa do livro⁴⁴¹ [fig.132]. Cinco crianças, representadas a

⁴³⁹ SILVESTRE, Rosa, *Aventuras de cinco irmãozinhos*, Lisboa, Edição Empresa Nacional de Publicidade, 1931. Capa e ilustrações de Ofélia Marques; Ver mais ilustrações em Anexos. As ilustrações datam de 1929. O exemplar, só foi dado à estampa em 1931.

⁴⁴⁰ Idem, *ibidem*. Ver ainda: ROCHA, Natércia, op., cit., p.70-71; SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha]. [Consultado a 18/06/2018]. Disponível em:

WWW:<URL:<https://almanquesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>.

⁴⁴¹ Idem, *ibidem*.

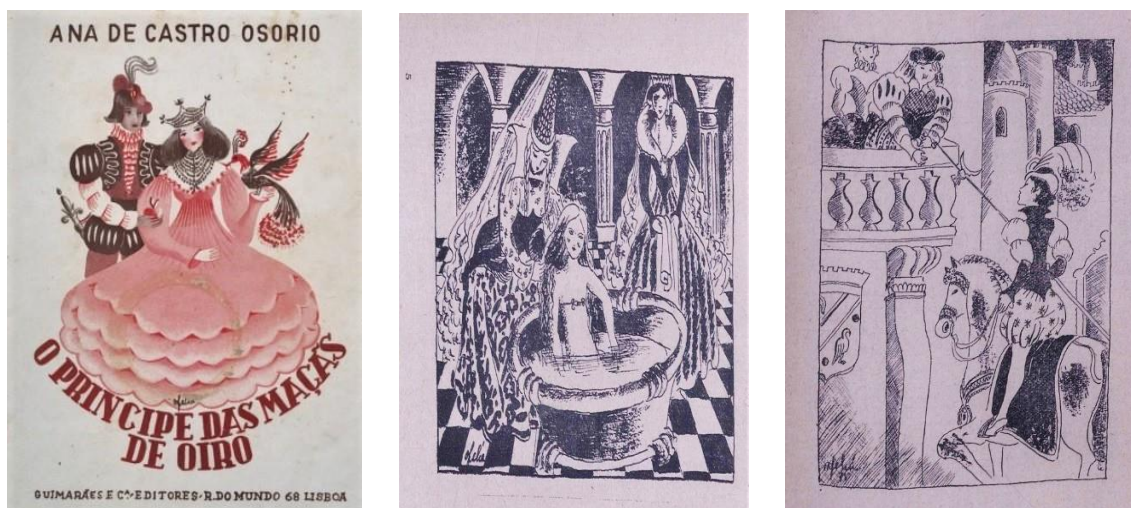


Fig.141; Fig.142; Fig.143

O príncipe das maçãs de ouro, Ana de Castro Osório, 1935. Capa e ilustrações de Ofélia Marques

Coleção: - Biblioteca Nacional de Portugal/ Jorge Silva (Almanaque Silva)

Fonte da Imagem: - Disponível em: <https://almanaguesilva.wordpress.com/ofelia-marques/>

Observações: Capa-Assinado/ Não datado (centro); 1ª. Ilustração -Assinado/Não datado (canto inferior esquerdo); 2ª. ilustração -Assinado/Datado (canto inferior esquerdo)

meio corpo, de rostos sublimes, faces rosadas, algumas de cabelos loiros, curtos, outras, cabelos castanhos. Nenhum traje é da mesma cor. Das três meninas, apenas a que veste uma blusa laranja às riscas, usa um vistoso laço de cor azul, no cabelo bem penteado. Laranja, mas sem riscas, é também a cor da gravata do menino de alta figura. Todos usufruem da companhia de uma bela figura feminina, que se destaca, de rosto majestoso, olhos esverdeados, lábios bem delineados, e longos cabelos alourados. O tom escuro da camisola, contrasta com a vistosa estrela que tem na cabeça. O fundo é simples, e preenchido a duas cores frias, azul e castanho. Ao contrário das ilustrações, a capa não se encontra assinada, nem datada⁴⁴² [fig.132].

Ao longo da década de 20 e 30, vários autores e artistas, muitos já citados, trabalharam em conjunto para “recheiar” com os melhores e mais divertidos contos, a «Biblioteca dos Pequeninos». Esta coleção, foi da responsabilidade de Emília de Sousa Costa.

Em 1935, foi dado à estampa o conto infantil *O príncipe das maçãs de ouro*, da autoria de Ana de Castro Osório, «uma das primeiras autoras portuguesas a dedicar-se a

⁴⁴² Idem, *ibidem*.

literatura infantil em Portugal»⁴⁴³, com bela e colorida capa [fig.141], e não menos bonitos desenhos, de Ofélia Marques⁴⁴⁴ [fig.142], [fig.143], [fig.144] e [fig.145]. Num fundo neutro, destacam-se duas figuras desenhadas a traço fluante. A jovem mulher, de face rosada, usa um vestido comprido. O seu olhar revela uma certa melancolia. Na sua mão esquerda, repousa delicadamente um pássaro com uma vistosa crista vermelha. As cores das penas da ave, assemelham-se, às do vestido rodado, como, dos seus longos cabelos. E não só. Também às do traje (de príncipe) da esbelta figura masculina. O rapaz de pele morena, concentra o olhar doce, na jovem, e num gesto gracioso oferece-lhe uma maçã vermelha.

A assinatura a negro «Ofélia», no centro, sobressai na cor suave do vestido da personagem representada [fig.141].

Nas diferentes ilustrações, assinadas e algumas datadas, é notório o detalhe e a delicadeza, com que Ofélia desenhou diferentes meninas e meninos, várias personagens, umas de porte mais robusto que outras, e em particular, distintos espaços interiores e exteriores [fig.142], [fig.143], [fig.144] e [fig.145].

O príncipe das maçãs de ouro foi o último livro que Ofélia ilustrou, antes de iniciar a sua colaboração com o E.T.P. (1936). Pouco tempo depois da publicação do conto para crianças, a artista empenhou-se na sua viagem à cidade luz. Ainda no final dos anos 30, voltou a preparar as malas para rumar a outro destino. Nos Estados Unidos da América, à cidade de Nova Iorque.

Antes de acompanharmos alguns os seus passos na capital francesa, e na agitada e moderna cidade norte americana, analisemos por último, e para encerrar este capítulo, “outras obras” de Ofélia Marques. Desenhos, bastante diferentes dos dispersos pelos vários periódicos e livros infantis. Concretamente, dois autorretratos, desenhados na década de 30. Um exposto, depois do ano da sua morte. O outro, nunca divulgado. Será assim reproduzido pela primeira vez nesta dissertação.

⁴⁴³ OSÓRIO, Ana de Castro, *O príncipe das maçãs de ouro*, Lisboa: Guimarães e Ca. Editores, 1935. Capa e ilustrações de Ofélia Marques; Ver: ESTEVES, João Gomes, «Ana de Castro Osório», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, p. 91-98; SAMARA, Maria Alice, *Operárias e burguesas. As mulheres no tempo da I República*, p.114-132.

⁴⁴⁴ Idem, *ibidem*; Ver mais ilustrações nos Anexos. Ver ainda: SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha].[Consultado a 18/06/2018]. Disponível em:

WWW:<URL:<https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>.

4.4 – Outras obras

«Bendita memória que no dia a dia me traz a presença das “MENINAS” de Ofélia, com seus gatos, flores fitas agulhas, linhas a coserem as saudades dos filhos que não teve. Mais, aquelas transparências de porcelana rósea e rara das suas aguarelas e guaches. Não esqueço os seus desenhos dum rigor de caricatura por vezes, e sempre de uma força de traço impecável, bom gosto e requinte. [...] Ofélia trabalhava pouco é verdade, era tão artista como pintora mas pensava e vivia a própria luz. Tem espalhadas muitas obras embora se não saiba de muitas outras que talvez, existam. Pedem-me para falar de Ofélia. Só sei pensar na obra da artista e lembrar a graça de uma amiga [...] Ofélia continua ainda pondo a sinceridade da Arte A NÃO SERVIR [...] Aí e aqui, agora e sempre Ofélia.»

[Merícia de Lemos [anos 80]]⁴⁴⁵

Ofélia Marques, marcou presença em várias exposições coletivas ao longo do segundo quartel do século XX⁴⁴⁶. Segundo a revista *Eva*, aparentemente, ponderou organizar uma exposição individual: «Sabemos que Ofélia prepara para breve uma exposição dos seus trabalhos. Recomendamo-la vivamente às nossas leitoras.»⁴⁴⁷. Os anos passaram, e o certame nunca se concretizou.

Atentemos na confissão que Ofélia fez, certo dia, à amiga e vizinha Fernanda de Castro, depois da escritora lhe perguntar porque se dispersava tanto e não pintava mais:

-Deus me livre! Era só o que me faltava! Uma vez pintei um retrato da mulher do Olavo, caí na asneira de o mandar para uma exposição do SNI, e veja lá o que me aconteceu: deram-me logo o Prémio Souza-Cardoso e nunca mais me deixaram em paz! Encomendas, telefonemas, entrevistas, um horror! Deixem-me em paz, que é o que eu quero; quando pinto ou quando desenho é para mim, para me divertir, e não quando eles querem! Então e a minha liberdade?

Um dia perguntei-lhe a rir:

- Ó Ofélia, isso não dá com as suas ideias ditas avançadas. O seu talento não é só seu, deve pertencer a todos, beneficiar todos. Como explica a sua atitude egoísta que me parece paradoxal?

E ela, sem se desmanchar, com um sorrisinho ao canto do olho:

- Que é que você quer, benefício do péssimo estado de coisas⁴⁴⁸.

⁴⁴⁵ LEMOS, Merícia de, «Uma grande pintora caminho com o tempo», in RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p. 7-8.

⁴⁴⁶ Ver Apêndice A.

⁴⁴⁷ *Eva: jornal da mulher e do lar*, n.º 814, 15 de fevereiro, 1941, p.7. Este artigo foi escrito no âmbito do Prémio Sousa Cardoso atribuído a Ofélia Marques na 5ª. *Exposição de Arte Moderna*, no estúdio do S.P.N.

⁴⁴⁸ CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória:1906-1939*, p.58-59; Ver também: LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 283.



Fig.146

Da esquerda para a direita: Pedro Fonseca, Isabel Fonseca, Merícia de Lemos e Ofélia Marques. De lado a observar o objeto que tem na mão, Maria Lacerda (filha do compositor e maestro Francisco de Lacerda), s/d [aprox. anos 40]. Arquivo Particular [II]

De acordo com o testemunho da artista Maria Keil, que também conviveu com o casal Marques, Ofélia, não era uma pessoa que gostasse de «dar nas vistas ou de estar em primeiro plano.»⁴⁴⁹. Como sublinhou:

A Ofélia tinha muito valor, tinha desenhos muito bonitos, mas não era uma pessoa que gostasse de dar nas vistas ou de estar em primeiro plano. Vivia naquele mundo com muito direito de estar lá. Era uma pessoa que desenhava muito bem. Deixou uns retratos muito bons do José Gomes Ferreira, por exemplo, e do filho dele. Mas não era uma pessoa que se importasse de não estar em primeiro plano. Vivia naquele mundo e era muito estimável. E muito estimada. E a vida decorria assim⁴⁵⁰.

Com efeito, depois do ano da morte de Ofélia Marques, e como veremos mais à frente, foram organizadas algumas mostras dedicadas exclusivamente à artista⁴⁵¹.

⁴⁴⁹ FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 40; O testemunho data de 9 de outubro de 2002.

⁴⁵⁰ Idem, *ibidem*, p.40.

⁴⁵¹ *Ofélia Marques, 1902-1952: Catálogo*; RODRIGUES, António (coord.científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*; *Ofélia Marques: Ilustrações: Catálogo*; FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*. As

Também tiveram lugar, várias exposições coletivas, onde a pintora esteve representada⁴⁵². Nos vários certames (individuais e coletivos) com principal destaque para a já mencionada *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta*, na Galeria de Colares em Sintra, foram reveladas muitas obras da sua autoria nunca apresentadas. Retratos, vários autorretratos - mais de uma dezena - como apontaram António Rodrigues e Helena de Freitas, a mais «perturbante série de autorretratos da arte portuguesa e também única em quantidade, senão também em densidade»⁴⁵³, desenhos com figuras femininas, de expressões e movimentos repletos de sensualidade⁴⁵⁴.

Seguindo-se o questionamento sobre a real dimensão do trabalho de Ofélia Marques. Os diferentes temas a que se dedicou, muito para além das personagens cândidas e seus gestos ternos, das crianças de olhar doce, das meninas formosas e as suas brincadeiras e aventuras passadas em cenários feéricos. As conjunturas (sociais, culturais), em que determinados traços foram concebidos. Questionou-se a posição da crítica, do seu tempo, perante a sua atividade e produção artística. Analisou-se mais, do que (possíveis) motivos da vida privada, que inspiraram a artista a certas representações plásticas. E na verdade, que lugar deveria a obra de Ofélia Marques «ocupar no modernismo português». Várias outras questões⁴⁵⁵.

António Rodrigues notou:

Não é cómodo confrontarmo-nos com o inesperado esboroamento de uma imagem dada e tida por definitiva. Tínhamos Ofélia por uma assaz discreta menina-prendada, em delicados, líricos e graciosos desenhos bordados de meninas. Esta exposição [Colares] não nos mostra tais afagos decorativos, pelo contrário, remete-os para um

duas primeiras exposições realizaram-se na década de 80, em Lisboa e em Colares. A exposição das ilustrações, realizou-se nos anos 90, também em Colares. A última, realizou-se em 2002 em Almada.

⁴⁵² Citaremos alguns desses certames ao longo da dissertação; na segunda parte do trabalho, detalharemos algumas.

⁴⁵³ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p. 10; Ver também: FREITAS, Helena de, «Rostos em fuga: Ofélia Marques», in RODRIGUES, António (coord. científica), *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa: Catálogo*, p.132-147.

⁴⁵⁴ Idem, *ibidem*, p.9-13; FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*.

⁴⁵⁵ Idem, *ibidem*, p.9-13; FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p.5-8; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português», in CASTRO, Zília Osório de, PEREIRA, Sara Marques (dir.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº 15, p. 190-198; FERREIRA, Emília, «Da deliciosa fragilidade feminina», in LARANJEIRO, Maria José (dir.), *Margens e Confluências: um olhar contemporâneo sobre as artes*, nº 11-12, p. 143-157; FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p. 97-122; FREITAS, Helena de, «Rostos em fuga: Ofélia Marques», in RODRIGUES, António (coord. científica), *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa: Catálogo*, p.132-147.

outro sentido, maior e irredutível aos labores femininos, quando revela uma Ofélia – dir-se-ia outra – autora do conturbado álbum de uma Menina morta. Desenhadora com autonomia imagética e expressiva, como no seu melhor assim se mostra, a obra-de-câmara de Ofélia, suscita dois interligados níveis de aproximação. Na conjuntura do modernismo português dos anos 30, que lugar pode ocupar Ofélia? Que distingue a obra de Ofélia?⁴⁵⁶.

Helena de Freitas também sublinhou:

Da pequena biografia conhecida de Ofélia Marques, destaca-se naturalmente o facto de ter sido a primeira mulher de Bernardo Marques, assim como, por facilidade de interpretação, se apontaram como definitivas as características líricas e graciosas de um desenho, mais conotado com os valores decorativos do bordado. Só muito recentemente se reavaliou a integração desta artista no contexto português de um modernismo tardio. A imagem doce de uma menina que não quis crescer, enredada na delicada e misteriosa idade da adolescência, foi abalada pela apresentação de um conjunto de trabalhos quase desconhecidos e que obrigou a uma revisão de sentido do seu mundo ficcional. Mais importante que atribuir uma escala de valor a esta artista, é verificar e interpretar essa deslocação⁴⁵⁷.

Sobre algumas dessas «obras inéditas», na mostra *Álbum de uma menina morta*, por exemplo, foi exposta uma das mais «escandalosas imagens realizadas em mansos anos 20 nacionais», da autoria de Ofélia Marques⁴⁵⁸. Como referiu o comissário da exposição «Três mulheres nuas, numa exposição do corpo que só então Eduardo Viana havia tomado em pretexto de pintura.»⁴⁵⁹. Trata-se do desenho, a tinta-da-china, não assinado e não datado, intitulado *Coito* [fig.147].

Três figuras femininas, representadas a corpo inteiro, de seios fartos, descobertos, que aparentam partilhar um momento de grande tranquilidade e uma certa intimidade. Corpos elegantes, bem delineados a traço fino, em que duas delas, com uma aparência andrógina, usam os cabelos da moda dos «loucos» anos 20, à *garçonne*. Sobre a mesma cama, partilham um momento prazeroso de leitura. O terceiro elemento da cena,

⁴⁵⁶ Idem, *ibidem*, p.9; Ver também: FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p.6-7.

⁴⁵⁷ FREITAS, Helena de, «Rostos em fuga: Ofélia Marques», in RODRIGUES, António (coord. científica), *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa: Catálogo*, p.132-147.

⁴⁵⁸ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.12-13.

⁴⁵⁹ Idem, *ibidem*, p.12-13.

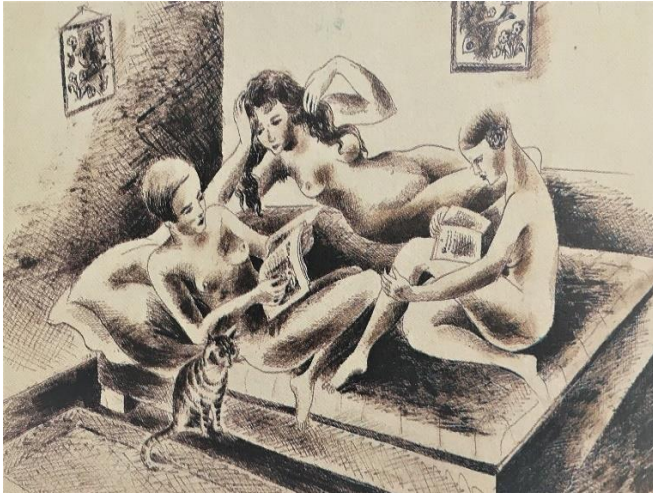


Fig.147

Ofélia Marques, *Coito*, s/d, tinta-da-china.

Coleção: -

Fonte da Imagem: - RODRIGUES, António (coord.científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.17

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. final dos anos 20, primórdios da década de 30]. Escrito no verso :”Coito”.

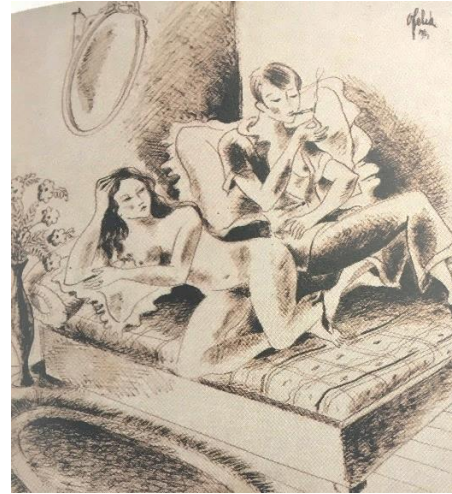


Fig.150

Ofélia Marques, *s/título*, 1933, tinta-da-china.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:DP652

Fonte da Imagem: Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/>

Observações: Assinado/Datado (canto superior direito)

deitada também sobre a mesma cama, acaricia ao de leve o cabelo comprido. O seu olhar revela uma certa distância. Num espaço interior, pouco ornamentado, de onde sobressaem apenas dois quadros que fazem lembrar naturezas mortas, um gato malhado desfruta da companhia das três mulheres.

Numa sociedade, como era a sociedade portuguesa das primeiras décadas do século XX, que dava primazia a certos valores tradicionais, e o papel que a mulher deveria representar em prol da moral e dos bons costumes – e que também ganharam outra dimensão durante o período do Estado Novo - não admira que Ofélia se tenha coibido de apresentar publicamente a “natureza viva”, erótica, patente na sua obra [fig.147].

No certame também já mencionado, *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos*, realizado na Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea, foi revelada mais uma série de desenhos de temática semelhante. Alguns pintados a guache, lápis de cera,

pastel e aguarela⁴⁶⁰ [fig.148], [fig.149].

Uma dessas várias obras, concebida por Ofélia nos primórdios da década de 30, trata-se do desenho [fig.150], a tinta-da-china, assinado e datado.

Sobre esse núcleo de pinturas em particular, em que como na obra [fig.150], algumas figuras femininas, de olhares lânguidos, de poses inequívocas, mais do que próximas, parecem na verdade amantes, Emília Ferreira escreveu:

Parte importante da sua obra permaneceu durante décadas envolta em silêncio. Foi preciso que António Rodrigues a trouxesse a público, em exposição organizada, em 1988, na Galeria de Colares, para que novas premissas fossem colocadas. Pela primeira vez, a ingenuidade, candura e doçura de traço foram questionadas, no confronto com desenhos inéditos, onde surgia uma Ofélia menos cândida, mais assertiva e polémica. [...] Alheias às publicações, embora mantendo a sua *paleta* característica formada na linguagem cromática desses trabalhos, essas outras meninas de Ofélia são surpreendidas em momentos de intimidade erótica, em poses inequívocas. Hábil em criar atmosferas mais ou menos carregadas, experimentando a notação de um momento distendido, o traço serve a caracterização dos ambientes. Lânguido e ondulante, como naquele onde se representam três jovens e um gato, em ambiente de calor e suspiros, onde meninas em camisa de noite, de corpos emoldurados pelos cabelos soltos, gestos vagarosos e abandonados, ostentam rostos cândidos, pés pequenos e decorativos; ou mais assertivamente erótico, como no outro [fig.150] em que duas mulheres acabam de se amar. Em toda a composição, as linhas afirmam uma certa dureza, na marcação de ângulos, no jogo compositivo, na tensão da atmosfera, oscilando entre o silêncio pesado de uma e a leveza e desprendimento dandy da outra. A divisão da imagem ao eixo separa os universos das amantes, isoladas em silêncios distantes. Estas peças, mais polémicas, surgem agora como pretexto para interrogações sobre a vida íntima de Ofélia. Porém, mais do que ir novamente em busca de razões privadas para explicações plásticas, talvez convenha, também neste campo, atentar no tempo em que foram produzidas e pensar que circunstâncias sociais e privadas (do tempo, mais do que da pintora) aqui se cruzariam⁴⁶¹.

Na última parte deste (quarto) capítulo, olhemos também para dois desenhos de Ofélia, em particular dois autorretratos – assinados e datados - concebidos na década de 30, que foram igualmente “vislumbrados” depois de 1952.

O desenho, datado de 1936 [fig.151], desenhado a grafite e tinta-da-china, e o desenho, datado de 1937 [fig.152], concebido com os mesmos materiais.

⁴⁶⁰FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo* : Obras pertencentes à F.C.G. – Ver: WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/>; Ver também mais desenhos nos Anexos; Visualizaram-se mais desenhos com representações semelhantes, na coleção em depósito na F.A.S.V.S., e em diferentes diferentes coleções particulares, mas por uma questão de limitação de tempo, decidiu-se mencionar, mas não analisar detalhadamente, como alguns autorretratos e retratos.

⁴⁶¹ Idem, *ibidem*, p.6-7.

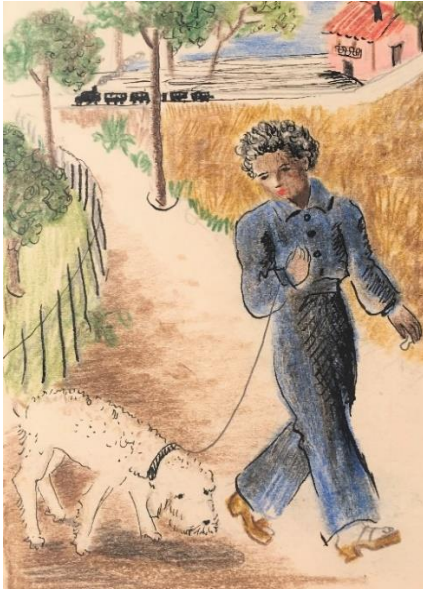


Fig.157

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, tinta-da-china, guache, aguarela

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta2, OM058

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. década de 30]

O autorretrato de 1936 [fig.151], foi exposto pela primeira vez no ano de 1994. Concretamente, no certame (também) comissariado por António Rodrigues - *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa*⁴⁶².

O desenho de 1937 [fig.152], nunca foi exibido⁴⁶³. Será assim nesta dissertação, apresentado pela primeira vez.

A sublinhar, que ao longo da sua vida, Ofélia Marques pintou mais de meia centena de autorretratos – foi possível identificar as várias obras, em catálogos, na coleção moderna da F.C.G., na coleção particular em depósito F.A.S.V.S., noutras coleções particulares⁴⁶⁴. Retratou-se menina, jovem, mulher madura. Algumas vezes, (artista) a desenhar ou a pintar. Desenhou-se com olhar fixo e lábios fechados. De expressão tensa. Também em posição que revela uma certa distância. Pintou-se, como fez com algumas suas personagens, bem acompanhada por gatos. Desenhou-se em fundo preenchido com cores suaves. Em fundo neutro, sem pinceladas de cor. Retratou-se em espaços interiores, mas também exteriores, praticando até algumas ações[fig.153],[fig.154],[fig.155],[fig.156]⁴⁶⁵. Por exemplo, na coleção em depósito na F.A.S.V.S., pode visualizar-se um desenho⁴⁶⁶ de Ofélia Marques [fig.157] - que aqui apresentamos pela primeira vez - representando-se

⁴⁶² RODRIGUES, António (coord. científica), *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa: Catálogo*, p.132-147; Exposição patente no C.C.B., de 8 de junho a 18 de dezembro de 1994.

⁴⁶³ Col. Particular, em depósito na F.A.S.V.S., pasta 2, OM091.

⁴⁶⁴ Alguns autorretratos, foram revelados pela primeira vez, em certames que tiveram lugar, na Galeria de São Francisco em Lisboa, na Galeria de Colares em Sintra, no C.C.B. em Lisboa. As exposições decorreram entre os anos 80 e 90.

⁴⁶⁵ Ver alguns desenhos nos Anexos.

⁴⁶⁶ Col. Particular, em depósito na F.A.S.V.S., pasta 2, OM058.

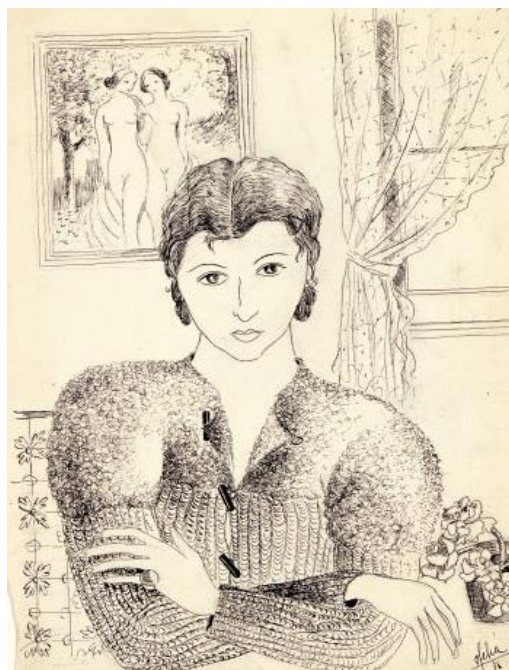


Fig.151

Ofélia Marques, *Autorretrato*, 1936, tinta-da-china e grafite.

Coleção: F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:DP648

Fonte da Imagem: Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).

com certo humor, numa rua a passear um cão de pelo curto e branco. Figuram os dois, o animal e Ofélia, com tom de pele moreno, em grande plano. No fundo, uma casa. E um comboio em andamento, a todo o vapor.

Ofélia desenhou a grafite e tinta-da-china. Preencheu as formas com cor. Os tons escuros, misturam-se com algumas cores quentes.

A artista não assinou, nem datou, a maior parte dos seus autorretratos.

Num primeiro instante, ficamos suspensos na profundidade do olhar de Ofélia em *Autorretrato*, 1936 [fig.151]

Como, na sua figura frontal, na expressão desafiadora. No seu rosto, sobressaem os lábios bem delineados, cerrados. O cabelo está apumado e poucos são os fios soltos. Os braços estão cruzados, e as mãos esguias abertas. Aberto, está também o último botão do casaco. Ofélia encontra-se num espaço interior. Numa casa repleta de movimento. Pela janela aberta, espreita uma leve brisa, que acaricia e embala suavemente a cortina. Mas nenhuma

linha do exterior é revelada. Na mesa, uma jarra com flores viçosas. E na parede, um quadro pendurado com um desenho: duas figuras femininas nuas, de corpos esbeltos, passeando num bosque. Em bela e plena comunhão com a natureza. Enlaçadas, em tamanha voluptuosidade, olham-se, admiram-se. Os seus lábios fechados, estão em unísono com os de Ofélia. Paira o silêncio⁴⁶⁷.

Ofélia desenhou este autorretrato aos 34 anos - desconhecemos se foi dos primeiros. Fê-lo numa fase relativamente tranquila da sua vida profissional, quando comparada com anos anteriores, como o período de 1932 a 1934. Em 1936, iniciou a sua colaboração com o Estúdio Técnico de Publicidade. Nesse ano, e mesmo no ano anterior, como Bernardo Marques, por exemplo, não marcou presença na 1.^a e 2.^a Exposições de *Arte Moderna* impulsionadas pelo S.P.N., ou em qualquer outro evento⁴⁶⁸. Em 1936, também não se dedicou à ilustração de contos infantis ou outras histórias - Terá recusado algum convite para expor? Ou alguma encomenda da parte de editoras, *magazines*, outros? Ou não foi alvo de qualquer contacto?

Ofélia pintou-se a meio corpo, sem lápis, pincel ou paleta na mão, riscando ou colorindo cadernos de esboços ou telas. Desenhou-se só (e apenas) como mulher, e não como pintora. Curiosamente, retratou-se num espaço íntimo – a sua casa? – de costas voltadas para um quadro com duas jovens mulheres, de corpos elegantes, inequivocamente próximas. Imagem, que de certa forma, pode fazer alusão à prática artística. Terá tido Ofélia a intenção de autorretratar-se na presença da sua própria obra ou de uma sexualidade reprimida pelos costumes?

Terá tido Ofélia alguma intenção de marcar assim, de forma não tão evidente, a sua postura de artista?

Como já foi referido, este autorretrato foi exposto pela primeira vez em 1994 no C.C.B. em Lisboa⁴⁶⁹. Marcou ainda presença nos certames *Auto-Retratos da Coleção*⁴⁷⁰ – F.C.G. em Lisboa, final da década de 90 – *Ofélia Marques: quarenta Caricaturas/ vinte*

⁴⁶⁷ Ver análise de Emília Ferreira: FERREIRA, Emília, «Desenhos do silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p.7-8; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques, the artist, time and masks», 2014, p.14-16.

⁴⁶⁸ Bernardo Marques, por exemplo, nessa altura, colaborou nas Festas da Cidade, com trabalhos decorativos. Ver: *Bernardo Marques, Obras de 1950 a 1960: Catálogo*; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 206-208.

⁴⁶⁹ RODRIGUES, António (coord. científica), *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa: Catálogo*.

⁴⁷⁰ MOLDER, Jorge, PEREIRA, Maria José Moniz (coord. científica), *Auto-Retratos da Coleção: Catálogo*.



Fig.152
Ofélia Marques, *Autorretrato*, 1937, grafite e tinta-da-china.
Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta2, OM091
Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.
Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito)

e um desenhos - Casa da Cerca em Almada, entre novembro de 2002 e janeiro de 2003 - e mais recentemente na exposição *Artistas Mulheres na Colecção Moderna. De Sónia Delaunay a Ângela Ferreira 1916-2018* – F.C.G. em Lisboa, no ano de 2019⁴⁷¹. Trata-se de um (se não o único) dos autorretratos mais difundidos de Ofélia Marques.

No *Autorretrato*, 1937 [fig.152], o (mesmo) olhar fixo, intenso, de Ofélia, que nos perturba. A (mesma) posição frontal que nos atrai. No seu rosto, sobressaem também os lábios fechados. Os braços estão descobertos, e as suas mãos não estão vazias. Na mão direita, Ofélia segura um cigarro que não arde, e com a mão esquerda, ligeiramente fechada, ampara um caderno que tem sobre as pernas. Na mesma mão, entre o polegar

⁴⁷¹ Ver: WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/agenda/artistas-mulheres-na-colecao-moderna/>. Exposição que esteve patente na F.C.G em Lisboa, entre 31 de maio, a 31 de dezembro de 2019; De Ofélia Marques, também foram expostas ilustrações infantis (ex: *Mariazinha em África*), e algumas das suas conhecidas caricaturas.

(escondido) e o indicador, espreita um lápis fino. No espaço interior onde se encontra, as cortinas cobrem a grande janela. Nada se vê do mundo exterior. No chão, uma mala de viagem fechada, e no que aparenta ser um guarda-corpo de uma escada, um casaco pendurado. Sentada na cama, junto à cabeceira média, Ofélia desenha e observa. Neste autorretrato, de traço que parece “inacabado”, datado de 1937, Ofélia desenhouno-se a corpo inteiro, de lápis – pouco visível e que se confunde com o padrão do vestido - e caderno na mão, a pintar, numa posição, de quem perante um espelho, contempla a sua própria imagem. Assim, para além de modelo, Ofélia retratou-se também autora, mulher artista, em plena criação artística.

No espaço onde se encontra, um objeto em particular, posicionado ligeiramente ao lado da sua bonita e elegante figura, chama-nos a atenção - a mala de viagem. Estaria Ofélia, a muitos quilómetros da Calçada dos Caetanos, no momento em que concebeu o autorretrato? Por outros caminhos, mesmo fora de território nacional? Nos primórdios de 1937, por ocasião da participação de Portugal na *Exposição Internacional de Paris*, a artista partiu com Bernardo Marques - que fazia parte da equipa de artistas do S.P.N. - para a capital francesa⁴⁷². E por lá ficou, a julgar pela correspondência trocada com o seu amigo Manuel Mendes, pelo menos pouco tempo depois do primeiro trimestre de 1938⁴⁷³.

Portanto, é muito provável que Ofélia tenha concebido o desenho na cidade luz. E talvez tenha até decidido incluir a mala no seu autorretrato, como uma espécie de ponto de ligação, da sua estada em Paris.

Este autorretrato de Ofélia, nunca foi exposto. Nem em vida, nem em nenhum certame póstumo.

Recordou a família da artista, que depois da sua morte, muitos desenhos seus permaneceram guardados, vários anos, numa grande mala de viagem...

⁴⁷² CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p.280-287; *Bernardo Marques, Obras de 1950 a 1960: Catálogo*; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p. 151-153.

⁴⁷³ Disponível na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.



Fig.158

Manuel Mendes, *s/título*, 1932, tinta-da-china e grafite.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta4, OM_16_225

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito)



Fig.159

Manuel Mendes, *s/título*, 1935, tinta-da-china, grafite e aguarela.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta4, OM_7_183

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo)

Como curiosidade, ainda em matéria de retratos, Ofélia também foi modelo para outros artistas. Destacamos três retratos, concebidos na primeira metade da década de 30, pelo escultor Manuel Mendes⁴⁷⁴, e o pintor Paulo (Paolo) Ferreira (1911-1999)⁴⁷⁵. No desenho datado de 1932[fig.158], é o rosto de Ofélia que sobressai, num fundo simples sem adornos. Uma face de lábios bem delineados, mas sem expressão. Ao contrário do retrato datado de 1935 [fig.159], Manuel Mendes, não preencheu as formas com cor. Na obra desenhada a tinta-da-china, pintada a guache e aguarela [fig.159], o artista representou Ofélia Marques, a corpo inteiro, de olhar sereno, deitada numa posição (aparentemente) confortável, sobre uma colcha colorida e às riscas. Os tons escuros da sua roupa, contrastam com as cores quentes, entre laranjas, vermelhos, amarelos, do tecido da cama. O fundo foi composto com diferentes tons de azul, de castanho e vermelho.

⁴⁷⁴ Col. Particular, em depósito na F.A.S.V.S., pasta 4, OM_16_225; Pasta 4, OM_7_183 os dois de Manuel Mendes.

⁴⁷⁵Pertencente à F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:P1582. Ver: WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/paulo-ferreira-paolo/>



Fig.160

Paulo Ferreira (Paolo), *Retrato da pintora Ofélia Marques*, 1934, óleo s/tela.

Coleção: F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:P1582

Fonte da Imagem: Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/paulo-ferreira-paolo/>

Observações: Assinado/Datado (legenda no verso: Retrato da pintora Ofélia Marques por Paolo, em 1934. Com dedicatória, ofereço esta obra ao C.A.M de Lisboa Portugal como documento, Paulo Ferreira. No verso, esboço de uma cabeça da autoria de Ofélia, que executou na ocasião em que eu lhe pintava o seu retrato. Assinou a palavra “Ofélia”, no canto à direita, feito com óleo quase puro, que o tempo quase apagou .P. Ferreira.)

Não foi possível identificar, se algum destes retratos marcou presença num certame. Sabemos que na 2^a. *Exposição Geral de Artes Plásticas*⁴⁷⁶, e como veremos mais à frente, Manuel Mendes apresentou na secção de escultura a obra *Retrato da pintora Ofélia Marques*⁴⁷⁷.

No retrato a óleo, não assinado, datado de 1934 [fig.160], Paulo Ferreira representou Ofélia Marques a meio corpo, em posição frontal, num fundo simples, escuro e avermelhado. O tom claro da pele da figura feminina, de ombros descobertos, contrasta com o do cabelo quase negro. A expressão do rosto revela uma certa serenidade. Terá Paulo Ferreira, decidido fazer o retrato, depois de Ofélia lhe ter dedicado um desenho [fig.161]⁴⁷⁸?

⁴⁷⁶ 2^a. *Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo*.

⁴⁷⁷ Idem, *ibidem*, p.12; Assunto desenvolvido no capítulo 6.1 da dissertação.

⁴⁷⁸ Refere-se o desenho assinado, datado 1932, pertencente à F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:DP921. Com nota: «Ao Paulo»; Ver: Imagem em Anexos.

5. As viagens e o conhecimento de novos horizontes, 1936-1939

5.1 – A viagem a Paris

«Estamos gozando aqui [Paris] de uma Primavera “éclatante”, e como neste momento habitamos num studio de hotel com clara-boia [sic], acordamos de manhã, com o sol e os passarinhos a chilrear. Isto de manhã é uma figura de retórica porque o facto se passa a partir das 10 horas, e pode ir até o meio-dia. Eu sofro aqui de insónias permanentes e como não durmo de noite, tenho de pagar o tributo de manhã, o que é pena porque faz um tempo lindo.»

[Ofélia Marques [1938]]⁴⁷⁹

Pela mesma altura em que decorreu a *Exposição Comemorativa do Ano X da Revolução Nacional*, em maio de 1936⁴⁸⁰, o Presidente do Conselho de Ministros de Portugal, decidiu que o país marcaria presença, no ano seguinte, na *Exposição Internacional das Artes e Técnicas da vida moderna* na capital francesa⁴⁸¹. Tratava-se de uma boa oportunidade para mostrar «a contribuição portuguesa para a civilização do mundo»⁴⁸², como, a obra e o ideário do regime ou os «ideais colonizadores portugueses». Também, as «riquezas artísticas mais notáveis» de Portugal, o «interesse turístico e etnográfico e a importância dos principais produtos da indústria e do solo nacionais»⁴⁸³.

Segundo Margarida Acciaiuoli e Rui Afonso Santos, após confirmação oficial,

⁴⁷⁹ «Amigo Manuel», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, 2 de março de 1938, Paris. Disponível na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa. Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

⁴⁸⁰ ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p.15-21; No Parque Eduardo VII em Lisboa.

⁴⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 39-68; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.151-154; SANTOS, Rui Afonso, *O design e a decoração em Portugal: Exposições e feiras, os anos vinte e trinta*, p.177-198; Ver: *Exposition Internationale des Arts et des Techniques dans la vie moderne. Catalogue Général Officiel:Paris, 1937*, tome II, p.365. [Em linha]. [Consultado a 05/09/2019]. Disponível em: WWW:<URL: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k939050r>.

⁴⁸² «A presença de Portugal na Exposição de Paris era um meio mais eficaz para assegurar uma conveniente estratégia de propaganda.», in Idem, *ibidem*, p. 39-40; SANTOS, Rui Afonso, *O design e a decoração em Portugal: Exposições e feiras, os anos vinte e trinta*, p.180.

⁴⁸³ Idem, *ibidem*, p. 39-40.

seguiram-se várias apresentações de projetos arquitetónicos para o pavilhão de Portugal. E o júri, composto pelo diretor do S.P.N. os arquitetos, Paulino Montês (1897-1988), Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), Adelino Nunes (1903-1948), Cristino da Silva, Jorge Segurado, e o escultor Francisco Franco, decidiu conceder o primeiro prémio ao projeto *Baldiaz*, da autoria de Francisco Keil do Amaral⁴⁸⁴.

António Ferro, foi nomeado comissário geral do pavilhão de Portugal e foi-lhe atribuída a responsabilidade da elaboração do programa oficial. Mas não só. Também ficou responsável pela seleção do grupo de artistas que se ocuparia da decoração do edifício. Por não ter dúvidas quanto à equipa que queria levar para a cidade luz, António Ferro não demorou nos convites. Abordou diferentes artistas, com quem já tinha trabalhado, e cujos respetivos trabalhos muito apreciava. Concretamente, Bernardo Marques, Maria Keil, Emmérico Nunes, Fred Kradolfer, José Rocha ou Thomaz de Mello, que trabalhavam juntos no E.T.P., fundado por José Rocha⁴⁸⁵.

Planearam-se e concluíram-se alguns preparativos, e nos últimos meses do ano de 1936, a comitiva seguiu para Paris.

Outros artistas (pintores, desenhadores, escultores), nomeadamente, Francisco Smith, Dórdio Gomes, Abel Manta, Eduardo Malta, tantos outros, juntaram-se depois ao grupo. Em conjunto, à beira do rio Sena e perto da «Ponte de Iéna»⁴⁸⁶, todos trabalharam na edificação/decoração do pavilhão. Conceberam-se pinturas/painéis para o interior, esculturas para serem expostas dentro do edifício – como por exemplo, a estátua de granito de António de Oliveira Salazar da autoria de Francisco Franco, que ficaria no átrio principal - esculturas para o exterior, e tantos outros trabalhos⁴⁸⁷.

De acordo com o testemunho da poetisa Fernanda de Castro, Ofélia Marques, em particular, também viajou para Paris, ao lado do companheiro Bernardo, da restante equipa de decoradores, do projetista do pavilhão, e do comissário geral António Ferro.

⁴⁸⁴ Idem, *ibidem*, p.44-45; SANTOS, Rui Afonso, *O design e a decoração em Portugal: Exposições e feiras, os anos vinte e trinta*, p.180-182; «Duas condicionantes limitaram os concorrentes: o programa pré-definido por Ferro e as escassas verbas. Por outro lado, exigia-se a conciliação entre moderno e tradicional, desafio complexo uma vez que se tratavam de duas conceções estéticas bem distintas entre si.», in MANTAS, Helena Alexandra Jorge Soares, *Maria Keil, “uma operária das artes” (1914-2012) Arte Portuguesa do século XX*, vol. I, p.164.

⁴⁸⁵ Idem, *ibidem*, p.48-49.

⁴⁸⁶ «O local escolhido para o pavilhão era excelente, na mais concorrida zona da Exposição», in SANTOS, Rui Afonso, *O design e a decoração em Portugal: Exposições e feiras, os anos vinte e trinta*, p.181.

⁴⁸⁷ Idem, *ibidem*, p. 180-193; ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p. 39-68.

Apareceu algumas vezes no recinto da Exposição. Mas também aproveitou certos momentos, para passear pela cidade, ver museus, admirar as “gentes”⁴⁸⁸:

O ano de 1937 foi completamente dedicado à Exposição Internacional de Paris. Saímos de Lisboa em fins de Setembro de 1936 [...] O projecto era do [Francisco] Keil do Amaral e as decorações da equipa que habitualmente trabalhava com o António: Bernardo Marques, Fred Kradolfer, Tom, Maria Keil, José Rocha, etc; às vezes, a Ofélia juntava-se ao grupo mas nem sempre, porque preferia ter o tempo livre para flunar, ver museus, etc⁴⁸⁹.

Não querendo correr o risco de não estar tudo pronto no dia da inauguração, programada para o Dia de Portugal e de Camões (10 de junho), acabaram todos, incluindo Ofélia Marques, momentos antes da abertura das portas, por «arregaçar as mangas», tratar dos últimos retoques, colocar folhetos e diferentes objetos no devido lugar, limpar «montanhas de pó e de caliça», tratar de tantas outras arrumações e limpezas⁴⁹⁰:

Logo que principiou a construção do pavilhão começaram os sarilhos, e que sarilhos! O terreno destinado à Exposição era um enorme *chantier* em que os operários circulavam como formigas num colossal formigueiro. Mais ou menos todos os países começaram a construir os seus pavilhões ao mesmo tempo, tendo em vista a data marcada para a inauguração da Exposição. Estes operários, sabendo-se indispensáveis, começaram a abusar e a tirar partido da situação, fazendo greves sucessivas que nada justificava. Assim, por exemplo: entravam em greve às quatro horas da tarde e acabavam-na às seis ou sete horas. Trabalhavam então até altas horas, exigindo, evidentemente, que lhes pagassem a dobrar as horas extraordinárias [...] Como calculam, todos os comissários andavam alarmados, sobretudo os que tinham verbas reduzidas como era o caso de Portugal [...] A data da inauguração aproximava-se e o António punha as mãos na cabeça, porque não tinha possibilidade de mandar vir barcos, nem operários, nem coisa nenhuma. Contudo, o Pavilhão de Portugal esteve pronto a tempo, e foi inaugurado na data marcada, o que não aconteceu a muitos. Como? À portuguesa, à portuguesinha. Os artistas tiraram o casaco, as senhoras arregaçaram as mangas. Pela minha parte, limpei e carreguei com centenas de livros, e de folhetos, arrumei caixotes e caixotes de artesanato e até a Ofélia, resmungando, limpou montanhas de pó e de caliça, assim como, a frágil e delicada Maria Keil.

Depois da inauguração, que correu muito bem, com discursos e tudo, fomos todos jantar, para festar o acontecimento, ao Café de la Paix⁴⁹¹.

⁴⁸⁸ CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p. 280-283; Ver também: FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.117-119.

⁴⁸⁹ Idem, *ibidem*, p.280-283.

⁴⁹⁰ Idem, *ibidem*, p.282-283.

⁴⁹¹ Idem, *ibidem*, p.282-283.



Fig.162

Ofélia Marques e Maria Keil com trajes regionais do Minho. Ofélia tem um vistoso coração de Viana (filigrana) ao peito. Festa portuguesa no terraço do pavilhão de Portugal (*Exposição Internacional de Paris*), Paris, junho de 1937.

Col. Estúdio Mário Novais/Biblioteca de Arte (F.C.G.)

Fonte da imagem: Disponível em:

https://www.flickr.com/search/?user_id=26577438%40N06&view_all=1&text=Exposi%C3%A7%C3%A3o%20Internacional%20de%20Paris%2C%201937

Numa entrevista dada à investigadora Helena Soares Mantas, Maria Keil [fig.162], recordou toda a azáfama, horas antes da receção dos primeiros convidados de honra do pavilhão de Portugal, como o ministro de Portugal Armando Gama Ochoa (1877-1941):

O que mais me lembro é o dia da abertura da exposição. Aquilo deu trabalho...foi para lá uma equipa espantosa, os arquitectos, os decoradores era um grupo muito bonito, o Fred, o Zé Rocha, o Emmérico Nunes...trabalhávamos ali no duro porque fazíamos de tudo, desde varrer a casa, até pintar as paredes... No dia da abertura estava tudo pronto. Ainda de manhã fomos todos para lá muito cedo para varrer e limpar. Vinha o senhor ministro, o presidente da República⁴⁹².

⁴⁹² Entrevista realizada a 13 de agosto de 2009. Considere-se ainda a seguinte descrição de Helena Mantas: «Esta exposição impressionou muito a jovem Maria Keil, na altura com vinte e três anos de idade, não só pela exposição em si, mas por ter proporcionado a sua primeira grande viagem ao estrangeiro, a Paris [...] e por lhe ter dado a oportunidade de ver a *Guernica* de Picasso [...] entre outras obras de vanguarda.», in MANTAS, Helena Alexandra Jorge Soares, *Maria Keil, “uma operária das artes” (1914-2012) Arte Portuguesa do século XX*, vol. I, p.168-169.

No dia 10 de junho, com tudo no devido “lugar”, abriram-se as portas do pavilhão, para se revelarem as riquezas de Portugal, ao mundo⁴⁹³.

Dois pavilhões destacaram-se na *Exposição Internacional*, os da U.R.S.S e da Alemanha, nas palavras de Rui Afonso Santos, desenhados pelos arquitetos Albert Speer (1905-1981) e Boris Iofan (1891-1976)⁴⁹⁴. O pavilhão da U.R.S.S «era um complexo de perfil aerodinâmico, rematado por uma torre de oito andares que sustinha “O Operário e a Kolkhosiana”, colossal grupo escultórico de Vera Moukhina [1889-1953]»⁴⁹⁵. O pavilhão alemão, por sua vez, era também «uma imensa mola vertical de 35 metros de altura, com uma monumental e gelada ordem de pilastras caneladas coroada pelo símbolo do Estado [nazi], a águia sobre a suástica.»⁴⁹⁶

No interior do pavilhão da República Espanhola, «envolvida na guerra civil», destacou-se a grande pintura a óleo *Guernica* da autoria de Pablo Picasso (1881-1973)⁴⁹⁷. Até à data de encerramento da *Exposição Internacional*, 25 de novembro de 1937, os diferentes pavilhões deveriam organizar pelo menos três festas, de forma a divulgarem o melhor dos respetivos países.

Apesar das escassas verbas, o comissário geral, planeou três eventos distintos: um jantar, com música popular portuguesa de fundo (sobretudo fados), no *La Tour d'Argent*, um dos restaurantes «mais antigos e de maior categoria de Paris», ainda, um autêntico arraial minhoto no terraço do pavilhão de Portugal, e por último, um evento, a realizar-se no mesmo edifício, onde em 1913, estreou o bailado *A Sagração da Primavera* de Igor Stravinsky (1882-1971) - *Théâtre des Champs-Élysées*⁴⁹⁸.

Todos se concretizaram. Na festa no terraço com vista para o Sena, em particular, decorado com muitos «arquinhos, flores de papel, festões de verdura, tigelinhas de várias cores, balões»⁴⁹⁹, os convidados foram recebidos por mulheres vestidas a rigor, com trajas regionais do Norte. Uma dessas senhoras, que se apresentou muito bem-trajada e com

⁴⁹³ CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p.282-283; «A cerimónia da inauguração do Pavilhão de Portugal, que hoje se realizou, foi uma das festas mais concorridas e mais significativas da Grande Exposição Internacional. As lindas salas do nosso pavilhão encheram-se de centenas de convidados, que a custo se comprimiram para admirar as obras de arte», in *Diário de Lisboa*, 10 de junho, 1937, p.4. [Em linha]. [Consultado a 5/09/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1937&mes=06 .

⁴⁹⁴ SANTOS, Rui Afonso, *O design e a decoração em Portugal: Exposições e feiras os anos vinte e trinta*, p.178-180; Também: ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p. 62-65.

⁴⁹⁵ Idem, *ibidem*, p.178-180.

⁴⁹⁶ Idem, *ibidem*, p.178-180.

⁴⁹⁷ Idem, *ibidem*, p.178-180.

⁴⁹⁸ CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p.285-287.

⁴⁹⁹ Idem, *ibidem*, p.285-287.



Fig.163

Ofélia Marques (no centro) trajada de minhota. Na fotografia estão presentes: No primeiro plano, da direita para a esquerda, António Ferro (tapado com o reflexo da janela), Francisco Keil do Amaral (com um chapéu), Fernanda de Castro (trajada de noiva minhota), e do lado direito de Ofélia, Maria Keil. Atrás pode ver-se ainda José Rocha, Emmérico Nunes, Carlos Botelho (a espreitar), e Bernardo Marques (de costas). Festa portuguesa no terraço do pavilhão de Portugal. (*Exposição Internacional de Paris*), Paris, junho de 1937.

Col. Estúdio Mário Novais/Biblioteca de Arte (F.C.G.)

Fonte da imagem: Disponível em:

https://www.flickr.com/search/?user_id=26577438%40N06&view_all=1&text=Exposi%C3%A7%C3%A3o%20Internacional%20de%20Paris%2C%201937

um vistoso e belíssimo coração de Viana (filigrana) ao peito, foi precisamente Ofélia Marques. Maria Keil e Fernanda de Castro, também se vestiram a rigor. Todas com trajes emprestados de vários museus de Portugal⁵⁰⁰ [fig.163].

No mesmo arraial, para além da boa gastronomia portuguesa, os convidados puderam apreciar inúmeras decorações, como os três Santos Populares – Santo António, São João e São Pedro - quase em tamanho real, feitos por Maria Keil, e não só. Todos tiveram direito a receber ainda, pequenas lembranças típicas das várias regiões do País:

A segunda festa foi um arraial no terraço do pavilhão, um autêntico arraial minhoto [...] O António tinha mandado vir do Minho dois ou três caixotes com bonecos de Barcelos, músicos, galos de todos os tamanhos [...] tudo isto pintado à mão, com cores muito

⁵⁰⁰ Idem, *ibidem*, p.285-287.

garridas. Cada homem que entrava no pavilhão tinha direito de levar um destes bonecos, e às senhoras eram oferecidas pequenas filigranas: cruces e corações para trazer ao pescoço, broches em forma de rosa, de estrela, borboleta, etc. A música era um autêntico zé-pereira e todas as pessoas que viam o pavilhão do Sena diziam que este parecia um barco ancorado no cais, pronto a partir para um cruzeiro de milionários [...] A outra mesa estava igualmente coberta de doces, mas todos portugueses, chegados nesse mesmo dia de avião: trouxas e fios de ovos das Caldas, celestes de Santarém, ovos-moles de Aveiro [...] Tudo isto dispunha bem as pessoas, que só arredaram pé perto das três da madrugada, quando nós, os da casa, estávamos positivamente a cair com sono e vencidos por um terrível cansaço.

Já me esquecia de dizer que as senhoras portuguesas que recebiam os convidados estavam todas vestidas a rigor com trajes regionais do Norte, mas trajes de museu emprestados pelos vários museus do País. Eu estava vestida de noiva minhota, com um vestido todo preto com barras de veludo, tendo na cabeça um lenço de renda branca cujas pontas caíam sobre os meus ombros [...] Ao pescoço um colar de filigrana com uma cruz e um grande coração também de filigrana [...] Deste grupo de senhoras – lavradeiras ricas, em traje de festa, encarnados, verdes, azuis – disse o crítico do *Fígaro* que parecia um ramo de flores. É claro que estas “lavradeiras”, além dos vestidos e dos lenços garridos, todas tinham ao pescoço muito ouro [...] e nas orelhas, grandes e pesadas argolas ou então brincos de filigrana muito enfeitados.

Para este arraial, a Maria Keil fez os três Santos Populares [...] rodeando-os com manjericos, alcachofras, cravos de papel e muitas velas acesas⁵⁰¹.

Segundo Fernanda de Castro, de uma forma geral, as pessoas gostaram muito das festas, e os jornais não pouparam elogios ao «Pavilhão de Portugal e aos organizadores e animadores.»⁵⁰².

Com efeito, apesar de Ofélia Marques não ter concebido nenhum trabalho decorativo, nenhuma pintura ou desenho, particularmente para o pavilhão, acabou por se envolver no certame.

Durante a sua estada na capital francesa, e como referido, Ofélia dedicou-se ainda a outros programas. E (bem) distintos dos relacionados com a *Exposição Internacional de Paris*.

Na correspondência que trocou com o casal amigo Manuel e Berta (Bá) Mendes, a artista partilhou alguns pormenores das idas aos jardins, cafés, cinemas, museus, teatros, *cabarets* parisienses. Também, dos passeios com Bernardo Marques, assim como, com alguns elementos do grupo de decoradores. E não só.

Por outro lado, como boa observadora, descreveu como viviam os habitantes da cidade, de uma forma geral, a um ritmo bem diferente, da pacata realidade lisboeta.

⁵⁰¹ Idem, *ibidem*, p.285-287; Ver ainda: ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p. 63-65.

⁵⁰² Idem, *ibidem*, p.285-287.

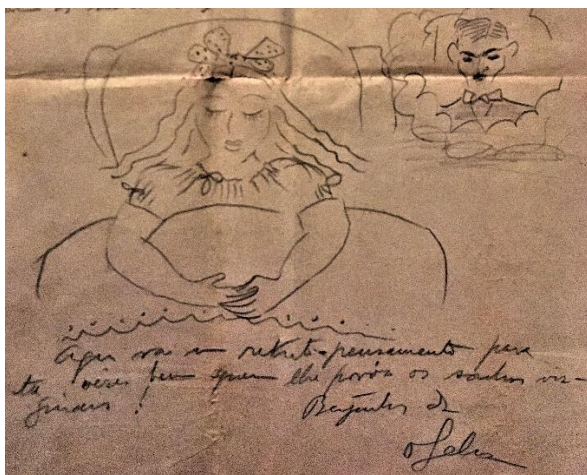


Fig.164

«Manuelzinho», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, 25 de janeiro de 1938, Paris. (pormenor na carta com Autorretrato e Retrato de Manuel Mendes, da autoria de Ofélia. Ofélia intitulou o desenho *Retrato - pensamento*).

Col. Biblioteca do M.N.A.C. – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

Confessou alegrias, principalmente pela oportunidade de estar em Paris, certas desilusões e saudades, principalmente dos que tanto gostava⁵⁰³.

Numa missiva datada de 25 de janeiro de 1938⁵⁰⁴, por exemplo, Ofélia deu conta do contacto com o artista Mané-Katz⁵⁰⁵ (1894-1962) - nascido no leste da Europa, mas que passou grandes temporadas na capital francesa, e conviveu de perto com artistas como Pablo Picasso ou intelectuais como Paul Valéry (1871-1945), de quem fez, inclusive, um retrato a carvão no final da década de 30 - do encontro «por acaso» com o escritor e crítico literário Pierre Hourcade (1908-1983) - revista *Presença*⁵⁰⁶ - ou por outro lado, da animação, da música que se ouvia pelas ruas de Paris.

Partilhou igualmente os seus hábitos de desenho e pintura, como a sua posição crítica, perante a sua própria obra, e algumas idas a academias de desenho⁵⁰⁷.

Com humor, Ofélia dedicou ainda uma brevíssima canção a Manuel e Berta Mendes. E despediu-se com um autorretrato, de rosto sereno, com longos cabelos, de camisa de

⁵⁰³ Consultaram-se todas as cartas (aproximadamente uma dezena, referentes ao período em que Ofélia Marques esteve em Paris) disponíveis em: Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa. Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques. A maior parte encontram-se datadas. Desde setembro de 1937 a março do ano seguinte; Considerem-se ainda os seguintes estudos de Emília Ferreira: FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques, the artist, time and masks», 2014; FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.117-119.

⁵⁰⁴ «Manuelzinho», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, 25 de janeiro de 1938, Paris. Disponível na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa. Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

⁵⁰⁵ Ver breve biografia e algumas obras do artista em: WWW:<URL: <https://www.mkm.org.il/eng/Collection>

⁵⁰⁶ Ver WWW:<URL: <https://modernismo.pt/index.php/p/727-presenca>

⁵⁰⁷ Não foi possível identificar a academia frequentada por Ofélia Marques.

noite, deitada na cama, a sonhar com o seu querido *Manuelzinho*⁵⁰⁸[fig.164].

Manuelzinho,

Escrevo-te cheinha de confusão por te ter deixado tão longo tempo sem a minha misera pessoa [...]

O Bernardo tem em vista aqui um trabalho, que a fazer-se o faz demorar mais um tempo ainda, mas é incerto [...] Há mto tempo que não tenho daí nenhuma notícia, nem do Fred [Kradolfer], nem do Luis Soeiro que (só depois de escrever reparei que o tinha feito por detrás dum ignóbil desenho, e como não tenho veia de copista, prefiro mandar-te mesmo assim [...]) que ficaram de escrever logo depois de chegar. Assim, espero da tua generosidade que não faças como os outros e me dê notícias pois esse silêncio começa a ser inquietante para o meu sensível coração...

[...]

Hoje fomos acompanhar à Gare o Mané Katz que partiu para a América do Norte. Foi uma festa a que não faltou música, o António, o René (um amigo mto simpático) com os seus acordéons, fotógrafos da presse [sic], etc. Ele tinha-me pedido a direcção do [Jo]Zé Miguéis para o procurar, mas eu esquecia-me, de cada vez que te escrevia, e agora já não é tempo.

Encontrámos um destes dias por acaso, o [Pierre] Hourcade [...] Rimos muito com ele, como de costume e ficamos de nos encontrar de novo na 2^a. feira. Ele lembra-se de todos, um por um e fala com saudades de vocês.

Eu continuo fazendo as mesmas coisas de sempre. Hoje vou de novo à academia fazer “croquis”. Tenho pintado algumas coisas, mas mal e porcamente, como sempre. Reservo a minha obra morredoira para quando o pêso dos anos me não permitir mais dar ar à pluma. Deixo-te com o coração a sangrar. Muitas saudades à Berta e à malta dos amigos e os beijinhos mais ternos para ti da amiga super omnia

Ofélia

-

Tenho esta cartinha escrita

Para ti, cara bonita

Há mais de uma semana

Para ter mais sabôr

Bis

Estou a escrever-te da cama!

-

Isto é para cantar com a melodia que a Berta sabe.

Pois é verdade! Tinha a carta guardada para te mandar e durante uns dias o remorso perseguia-me por esquecer sempre ou sêlo ou envelope. Frivolamente chegou o nêgro dia da “déménagement” e a atrapalhação foi tanta que a perdi. Hoje, com grande regozijo voltei a encontrá-la [...]

Neste intervalo nenhuma notícia do Luís Soeiro, animadoras e refrescantes. [...]

E por agora Manuelzinho, vou fazer ó-ó [...] Aqui vai um retrato-pensamento para tu vêres bem quem lhe [povoa?] os sonhos virginais!

Beijinho da Ofélia⁵⁰⁹.

⁵⁰⁸ «Manuelzinho», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, 25 de janeiro de 1938, Paris.

⁵⁰⁹ Idem, *ibidem*.



Fig.165

«Manuelzinho», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, 25 de janeiro de 1938, Paris. (pormenor na carta com desenho de meninas da autoria de Ofélia. Verso da 1ª folha).

Col. Biblioteca do M.N.A.C. – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.



Fig.166

Ofélia Marques, *Passeio do Orfanato*, s/d, tinta-da-china e grafite.

Coleção: -

Fonte da Imagem: RODRIGUES, António (coord.científica), *Álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.39.

Observações: Assinado (canto inferior direito) /Não datado. Data [aprox. 2ª. metade década de 30.]

Para além do *Retrato-pensamento*, a carta seguiu com mais um desenho⁵¹⁰. Nas palavras sarcásticas de Ofélia Marques, um «ignóbil desenho»⁵¹¹[fig.165]. Várias meninas representadas a corpo inteiro, de rosto bem delineado, de expressão pouco sorridente, vestidas com o que se assemelha ser um uniforme escolar. Para além dos laços ao pescoço, todas usam também um chapéu. As primeiras quatro figuras, caminham de mãos dadas. Todas parecem circular de forma ordeira, num cenário composto por árvores de grande porte, plantas de vistosa ramagem, flores discretas. O desenho não se encontra assinado, nem datado.

Ofélia retratou as mesmas crianças, com os mesmos uniformes, num espaço diferente [fig.166]. Concretamente, sem estarem rodeadas pela beleza da natureza. Com traço denso, delineou os rostos bonitos, e os olhares que transparecem uma certa tristeza. Ter-se-á cruzado, nas ruas de Paris, com as meninas que representou?

⁵¹⁰ Idem, *ibidem*; No verso da primeira folha. Total de 6 páginas (3 folhas).

⁵¹¹ Idem, *ibidem*.

Não sabemos a primeira vez que a obra foi exposta. Não obstante, confirmou-se que marcou presença no certame póstumo (já referido) *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta*, na Galeria de Colares em Sintra⁵¹²[fig.166]

Em duas cartas (não datadas) escritas possivelmente, entre o final de 1937 e o dealbar do ano de 1938, para além de descrever as visitas a alguns cafés, como o *Le Dôme*, e jardins, como o grande parque *Bois de Boulogne*, Ofélia partilhou também a falta que lhe faziam os seus mais queridos, as tardes bem passadas na *Brasileira* e *Chave de Ouro*, as jantaradas, as «cinemadas», as discussões saborosas entre todos.

Por outro lado, apesar das saudades dos seus camaradas, confessou o receio, mesmo amargura, que sentia ao pensar no regresso à capital portuguesa, e do confronto com uma certa vivência com a qual nada se identificava. Bem diferente, da que se afirmava em em Paris⁵¹³:

Doce Manuel

[...] A vida que aqui faço oscila entre [...] cinemas, alguns passeios ao Bois, excursões ao campo, cafés do Dôme, conversas [...] e não me tem chegado tempo para coisas mais sérias. Queria desenhar mas tem-me sempre falhado os planos. Amanhã é que tenciono ir a uma academia livre fazer croquis [...] Com tudo isto não deixo de me lembrar de vocês todos com saudades e das nossas jantaradas e passeios ao Terreiro do Paço [...] das saborosas discussões na Brasileira e Chave de Ouro[...] Tudo isso me faz falta, mas tenho a impressão de que, quando voltar para Lisboa, me vou aborrecer muito condignamente, e, falando com sinceridade, não sei porque obscuro pressentimento, estou persuadida que tudo vai ser muito diferente. Parece-me que vou viver uma fase nova, repito, não sei porquê, e tenha quando me lembrar disso um aperto de coração, e uma sensação de amargura antecipada a que o raciocínio é alheio. Assim, desejo ir, e ao mesmo tempo desagrada-me e aterroriza-me a volta... o que achas tu que seja isto? Pressentimento? Imaginação? Patetice?

De qualquer maneira, é uma impressão nítida que me faz desde já andar preocupada e me estraga o prazer que possa ter aqui. Para explicar melhor: creio que vai ser difícil acomodar às minhas condições de vida particulares em Lisboa, a espécie de mentalidade nova ou pelo menos diferente que eu criei aqui em Paris e que se vai afirmando mais à medida que por cá me vou demorando⁵¹⁴.

⁵¹² RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.39.

⁵¹³ «Doce Manuel», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, s/d., Paris. Disponível na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa. Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques; «Carta Hiper romântica», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, s/d., Paris. Disponível na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa. Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

⁵¹⁴ «Doce Manuel», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, s/d., Paris.



Fig.167

Ofélia Marques, com dois amigos, Paris, 1938.

Arquivo Particular [I]

Atentemos ainda nas palavras da *Cobra Cascavel*, como Ofélia com graça se autointitulou, direcionadas ao seu *Piton Royal* (Manuel Mendes) - e com um certo dramatismo - na carta *Hiper romântica*⁵¹⁵:

(Esta carta é híper romântica)

Alicantino da minh'alma, meu bichinho de sêda, meu piton royal.

A cobra cascavel anda murchinha de saudades, já não ergue ao céu a altiva pescoceira e arrasta por esses boulevards a definhada cauda. Por toda a parte derrama as suas lágrimas (que não são de crocodilo) e se o seu piton royal não intervém, dentro em pouco, dela só restará uma mísera pele que, quanto muito servirá para fazer sapatos à tua esposa. Triste condição!

Mas a esperança não a abandona! Tanto parafusou que encontrou solução cuja te vai expôr:

Manuelzinho: a vida, aqui, é na verdade cara, agora, sobretudo, com a Exposição. Mas, como sabes os Xicos vão-se embora e nós eu e o Bernardo, vamos para casa dêles. Ou basta que vocês venham para cá em época diferente da Guida Keil para puderem ir para nossa casa; evitam despêsa de hotel e ainda por cima, a comezaina passa a ser mto mais económica porque eu e a Bá a podemos fazer em casa a maior parte das vezes com a maior facilidade e mto mais barato. Nestas condições creio que não terão objeções mais a fazer, e só teem de tratar de pôrem em marcha para a cidade da luz onde terão os amigos de braços abertos e mtos beijinhos pr'os receber.

Combinem isso com a Guida porque quanto aos Xicos está tudo já falado e êles concordam de alma e coração. O Botelho e a Brites[Beatriz Botelho] foram hoje pr'a Holanda onde estarão uns 8 dias, depois voltam a Paris. O Carlos fica ainda e a Brites volta pr'a Lisbôa [...]

Vai afiando os dentes para aos beijinhos que pessoalmente te reserva a amiga Ofélia

⁵¹⁵ «Carta hiper romântica», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, s/d., Paris.

Passa à Berta (Vai no mesmo papel pr'a poupar espaço visto ir de avião)
Senhora Berta e mto minha senhora

Beijo-lhe as mãos de agradecida pelas suas noticias, e tapo a cara de vergonha pela falta das minhas. Tenho levado aqui uma vida principesca, mas não deixo de ter saudades das nossas tertúlias, jantaradas, cinemadas e sobretudo da malta de que você e o Manuel eram a fina flôr.

Pela carta retro-manuelina v. verá que a vossa vinda a Paris não é como pensavam uma utopia vocês, seguindo as minhas instruções fazem a festa com 10reis de mel coado e não há razão nenhuma para os impedir de vir[...]

Senhora Berta; não lhe falo de Paris porque é uma banalidade inútil, tanto mais que dentro em breve aqui a terei a dar ar à pluma por essas “avenues” e “squares” [...] Cá entreguei o seu coração nas mãos do Bernardo que beija as suas ditas. [...] Eu estou regenerada quanto ao Manel e o Bernardo anda tão embasbacado com as moças parisienses que pode tirar dai o sentido...

Isto é brincadeira [...] pr' v. o Bernardo deve ter reservado uma boa dúzia de chôchos que ele não pôde dar às pequenas que lhe reviram o nível.

Saudades e até breve a amiga de sempre,
Ofélia⁵¹⁶.

Nos primórdios de março de 1938, Ofélia comunicou a Manuel Mendes, que ela e Bernardo, não ficariam por muito mais tempo em Paris:

Amigo Manuel

O teu silêncio é cheio de desprêso, mas como a tua pessoa é também cheia de doçura, e eu estou em maré de escrever botei de parte o justo ressentimento a ver se a minha generosidade te comove. Continuamos na incerteza sobre a partida, quiçá nos verão aí em breve; quiçá dentro de 2 ou 3 meses ainda. Qual das duas decisões preferes? As saudades prevalecerão sobre a magnanimidade fazendo-te desejar a partida? Ou terás a grandeza de alma de abafar os gritos do coração e fazes votos para que fiquemos?

No entanto “Deus super omnia” e, aconteça o que acontecer cá estamos para as curvas. Em qualquer dos cursos há sempre uma consolação [...]

Nada de nôvo cá na terra, senão o que os jornais te dirão. Pessoalmente, à parte umas modestas rixas de quando em quando faz-se uma vida bastante “sage” e pacata. O Bernardo e eu temo-nos desenhado a escrever para aí, e vocês nada! Corja de madraços! Tem-nos valido noticias de ordem geral por outras pessoas mais felizes do que nós, e quanto a vocês, reina um silêncio sepulcral.

Neste momento devem vocês estar a repousar-se dos folguedos do Carnaval. Aqui não há que nos faça lembrar os foliões [...] Contem para cá que tal passaram os 3 dias?

A minha nova direcção é Hotel Delambre – 35 Rue Delambre ch.19. [...]

O [Emmérico] Nunes pulha não manda para cá a massa que ficou de enviar logo que chegasse, e nós estamos a fazer das tripas coração. Peça-o para que nos mande o dinheiro que está a criar-lhe bolôr nos bolsos. Coração de víbora!

Quanto a vocês, se não escreverem vão para o raio que os parta e viva Portugal!
Beijinhos à condição da Ofélia⁵¹⁷.

⁵¹⁶ Idem, *ibidem*.

⁵¹⁷ «Amigo Manuel», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel Mendes, 2 de março de 1938, Paris.



Fig.168

Ofélia Marques, Parc de Robinson (Paris), 1938.

Arquivo Particular [I]

De regresso a Lisboa, Ofélia trouxe consigo uma mala preenchida de novas experiências, aprendizagens. Também conhecimento de novos lugares, espaços culturais ou de lazer. E pelas academias livres que frequentou, e certames que visitou, certamente, conhecimento de novas técnicas, e outros traços.

Durante a temporada em Paris, Ofélia nunca deixou de desenhar. Fê-lo para si, mas talvez tenha também dado a conhecer alguns dos seus trabalhos, a outros olhares. E fora do seu grupo.

No início do ano de 1939, Ofélia voltou a preparar-se para sair do país. Desta vez, rumo à cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América.

5.2 – A viagem a Nova Iorque

«Hoje é domingo, e os domingos em todas as cidades inclusive N.York convida mais à quietação do que à flânerie; por isso deixei o Bernardo e [Eduardo] Anahory com quem almocei, e vim para o Hotel, reservando a tarde aos meus amigos da Europa [...] Hotel Somerset, 150 W Forty Seventh Street, app.121 A New-York».

[Ofélia Marques [1939]]⁵¹⁸

Feita a comunicação oficial da participação portuguesa na *Feira Mundial de Nova Iorque*⁵¹⁹, em meados do ano de 1938, o Presidente do Conselho de Ministros, nomeou o diretor do S.P.N. novamente, comissário-geral do pavilhão de Portugal. Como notou Rui Afonso Santos:

Salazar não podia furtar-se ao certame de Nova Iorque. Contando com a participação da maioria das nações, a *Exposição* adquirira “tal vulto, importância, proporções, que seria (...) quase desprestigiado para Portugal (...) não ter ali o seu lugar marcado”. Por outro lado, havia toda a conveniência em “aproveitar o ensejo para fazer a propaganda do País” num mundo onde ainda não éramos “suficientemente conhecidos” e onde muito se poderiam favorecer os “interesses portugueses, quer no campo comercial, quer – preocupação fundamental – no campo do turismo”. Por último, havia o factor determinante da “colónia portuguesa que vive e trabalha na América do Norte” que contava com “algumas centenas de milhar de pessoas”, com as quais se pretendia estabelecer um “mais íntimo contacto”, e que finalmente teriam “ao alcance do seu amor um pouco da sua terra” e o “prazer” acrescido de ver “flutuar, entre tantas e tantas bandeiras, aquela da Pátria que sempre e com enlevo recordam”⁵²⁰.

António Ferro, por sua vez, não tardou a escolher o projetista do pavilhão⁵²¹.

⁵¹⁸ «Amigos Manuel e Bertha», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel e Berta Mendes, 2 de abril de 1939, Nova Iorque. Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa. Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

⁵¹⁹ «O tema da Exposição era “O Mundo de Amanhã”, e o seu fim a demonstração de uma sociedade totalmente planificada, na qual as máquinas desempenhavam um papel preponderante [...] O Estado Novo, podia, paradoxal e abertamente, afirmar o “Mundo de Amanhã” como um “regresso” (à “simplicidade”, à “pureza”, à “doçura”, ao “equilíbrio”), e encarar o futuro como naturalmente alicerçado no “culto do passado, das tradições” e na “manutenção das realizações e reivindicações do momento presente.” O regime julgava-se, efetivamente, para durar.», in SANTOS, Rui Afonso, *O design e a decoração em Portugal: Exposições e feiras, os anos vinte e trinta*, p.208 e 211; Ver também: ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p.75-102; PORTELA, Artur, *Salazarismo e Artes Plásticas*, p.49 e 154.

⁵²⁰ Idem, *ibidem*, p.210-211; O historiador de arte, cita partes do texto presente no *Diário de Notícias*, edição de 3 de junho, do ano de 1938.

⁵²¹ «No “prazo inverosímil” de dez dias, Segurado desenhou um projeto que agradou “plenamente” ao comissário, assim preterindo Keil ou outros candidatos porventura afetos a uma linguagem arquitetural mais atualizada, não desejável oficialmente no âmbito de um discurso fortemente conservador.», in SANTOS, Rui Afonso, op. cit., p.214;



Fig.169

A caminho da cidade de Nova Iorque (Estados Unidos da América). Na fotografia estão presentes: À esquerda de Ofélia, Selma Rocha, atrás, Bernardo Marques, José Rocha. À direita de Ofélia, Emmérico Nunes (atrás), António Ferro, Carlos Botelho e Beatriz Botelho, Jorge Segurado. Primórdios de 1939 (participação portuguesa na *Feira Mundial de Nova Iorque*).

Arquivo Particular [I]

Um responsável da *Galeria UP* – o arquiteto Jorge Segurado⁵²². A equipa de artistas que se ocuparia da montagem e decoração do edifício, seria a mesma, que trabalhou na capital francesa.

Nos primórdios do ano de 1939, Bernardo Marques, Fred Kradolfer, Carlos Botelho, Thomaz de Mello, José Rocha, entre outros, partiram para Nova Iorque, levando com eles «o restante material artístico» que ainda não tinha sido enviado para a cidade⁵²³. Alguns deles, foram acompanhados pelas respetivas esposas, em particular, Ofélia Marques, Selma Rocha e Beatriz Botelho [fig.169]. Por ter agendado a partida para outra altura, o comissário-geral não seguiu com o grupo⁵²⁴.

Segundo Rui Afonso Santos, António Ferro, chegou à cidade norte-americana em meados de abril. No dia 28 do mesmo mês, abriu as portas do pavilhão «para uma apresentação

⁵²² «Ferro trabalhara depressa e no dia 1 de junho, o S.P.N. faz então difundir um comunicado em que anuncia a participação nacional, mostrando já o seu perfil e tornando pública a escolha do arquiteto Jorge Segurado para desenhar o pavilhão que representaria o país.», in ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p.83.

⁵²³ SANTOS, Rui Afonso, op. cit., p.216-218.

⁵²⁴ «Em 1939 partimos para Nova Iorque [...]Logo no dia em que chegámos fomos ver o Pavilhão de Portugal [...] Esperavam-nos todos no Pavilhão e fizeram-nos uma receção à portuguesa, com sorrisos, abraços e sinceras palavras de boas-vindas[...] Talvez um mês depois de lá estarmos fez-se a inauguração oficial do Pavilhão.», in CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p.313-315.



Fig.170

Ofélia Marques com Selma Rocha, Bernardo Marques e Carlos Botelho. Primórdios de 1939 (participação portuguesa na *Feira Mundial de Nova Iorque*).

Arquivo Particular [I]

particular à imprensa Norte-Americana. A Exposição foi inaugurada no dia 30 de abril, e o pavilhão português no dia 8 de maio de 1939.»⁵²⁵.

Terá Ofélia Marques, em particular, ajudado nos últimos retoques antes do dia da inauguração?

Para além das «linhas harmoniosas» do pavilhão, como todas as decorações exteriores e interiores, os visitantes puderam admirar até à data de encerramento do certame, 31 de outubro de 1940, pinturas, e diferentes obras, de artistas tão distintos como Luiz Varela Aldemira (1895-1975), Maria de Lourdes Melo e Castro (1903-1996), Dórdio Gomes, Maria Keil, Francisco Smith, Jaime Martins Barata, entre muitos outros⁵²⁶. À semelhança de Paris, Ofélia também aproveitou muito bem a temporada em Nova Iorque. Sozinha, com Bernardo Marques, ou na companhia de alguns amigos, como Eduardo Anahory, Emmérico Nunes, José e Selma Rocha [fig.171], passeou por diferentes cantos da grande cidade, visitou cinemas, teatros, museus, dançou em *clubs*⁵²⁷.

⁵²⁵ SANTOS, Rui Afonso, op. cit., p.217; «Inaugurou-se ontem em Nova York o pavilhão de Portugal na Exposição . O Dr. João António Bianchi, ministro de Portugal em Washington, inaugurou ontem à tarde o Pavilhão de Portugal na Exposição de Nova York.», in *Diário de Lisboa*, 9 de maio, 1939, p.7. [Em linha]. [Consultado a 5/09/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1939&mes=05

⁵²⁶ «modernos e académicos modernizados ou assumidos, afim do eclétismo de compromisso estético que a arquitetura do pavilhão demonstrava.», in Idem, *ibidem*, p. 220; ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p. 89-90.

⁵²⁷ «Que me lembre, dançavam o Bernardo Marques com a Ofélia, o Tom com a Virgínia, o Guilherme Pereira de Carvalho com a Carmita. Nas frisas só ficaram os dois casais menos foliões: o Jorge Segurado e a Clotilde, o António e eu. Devo dizer que vi nessa noite o que aliás já vira várias vezes: que no Harlem os portugueses eram recebidos em toda a parte de braços abertos e que alguns nos falavam com ar sorridente em Angola e no Brasil.», in CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p.318-319; Da mesma autora: CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p.114-116.

Como observou a investigadora Emília Ferreira:

A década de 30 [foi] particularmente rica para Ofélia. Datam também desses anos as maiores oportunidades de viagem. Felizmente, e porque a artista gostava de manter correspondência com os amigos, podemos hoje começar a perceber como operou ela a sua educação informal. Nas múltiplas cartas que enviou, deu conta do que ia vendo, de com quem se encontrava o casal fora de Portugal e de como ela se sentia. Entre a alegria da descoberta cultural e artística e da liberdade que essas saídas constituíam e o desalento perante a perspectiva de regresso a Portugal, é possível antever uma personalidade curiosa e culta que sofria de facto com as limitações políticas e artísticas do país, ao tempo. Convidado Bernardo Marques como artista decorador dos pavilhões oficiais portugueses em feiras de arte internacionais, como Paris, 1937, ou Nova Iorque, 1939, Ofélia acompanhou-o aproveitando o tempo livre da melhor maneira [...]passava os dias a visitar exposições, e as noites saindo com os amigos, indo ao teatro e aproveitando todos os ensejos para observar a forma como as pessoas viviam. Através desse registo epistolar, torna-se claro que a artista – que se define como optimista – se apercebeu com toda a clareza de Portugal como de um país asfixiante, para onde seria penoso regressar⁵²⁸.

Na única missiva a que tivemos acesso, que Ofélia Marques escreveu na cidade Norte-Americana endereçada aos amigos Manuel e Berta Mendes – datada de 2 de abril de 1939⁵²⁹ - a pintora deu conta, por um lado, do quanto se divertiu durante a viagem para Nova Iorque, em particular, com uns companheiros que conheceu, italianos e «gentilíssimos» que seguiam no mesmo barco para trabalharem no pavilhão da Itália na *Feira Mundial*, por outro, e já em terra, o quanto gostou de visitar o bairro de *Harlem*, ou dos espetáculos a que assistiu no *Radio-City Music Hall*⁵³⁰.

Também descreveu como eram as mulheres americanas, elegantes, engraçadas, gentis, mas com um certo mau gosto e adeptas de algumas «extravagâncias». Adornos, que se as lisboetas se lembrassem de os começar a usar e aderissem em peso a tal moda, assistir-se-ia (sempre) a um autêntico Carnaval.

E confessou, que apesar de ter adorado Paris, era na cidade da icónica Estátua da Liberdade, de onde distintos pintores como Agnes Dean Abbatt (1847-1917) ou Edward Hopper (1882-1967) eram naturais, que se sentia verdadeiramente como um

⁵²⁸ FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.117-119.

⁵²⁹ «Amigos Manuel e Bertha», carta escrita por Ofélia Marques a Manuel e Berta Mendes, 2 de abril de 1939, Nova Iorque. Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa. Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

⁵³⁰ Idem, *ibidem*.



Fig.171

Bernardo Marques, José Rocha, Selma Rocha e Ofélia Marques, provavelmente na cidade de Nova Iorque, s/d [aprox. final década de 30].

Arquivo Particular [I]

«peixinho n'água». De tal forma, que se imaginava a viver para sempre naquele lugar, àquele ritmo, e a admirar os «arranha-céus», a *Fifth Avenue*, as estrelas de cinema. E para a decisão de permanecer não pesava só o gosto. A iminência de um novo conflito bélico, e as ameaças que pairavam sobre a Europa, desagradavam-na e assustavam-na. Em particular, o ideário nacionalista, racista, xenófobo, as intenções e ações do chanceler alemão, Adolf Hitler (1889-1945), responsável pelo encerramento, em 1933, da escola de artes, vanguardista, fundada pelo arquiteto Walter Gropius (1883-1969) – *Bauhaus*⁵³¹. Atentemos nas suas palavras:

Amigos Manuel e Bertha

Há 3 dias que pela primeira vez lobriguei a estátua da Liberdade, não mais tive uma hora de descanso, em primeiro lugar porque como todo o bom europeu apanhei logo à chegada o [coire?] de N. York [sic] que se traduziu por um choque físico bestial, de febre, tonturas, tremuras, e todas as perturbações próprias da diferença de clima, a que nenhum dos que para cá vieram escapou.

Em 2º. lugar, como sofro especialmente no 12º. andar onde habito, e como a curiosidade é imperiosa, não tenho parado em casa senão o tempo mínimo para as necessidades de repouso [...] Falar-vos de N. York é tão pretensioso que não abordo o assunto, senão para vos dizer que, à parte [sic] o choque físico que de resto já vai passando, me sinto nela como o peixinho n'água! e em mais nada penso senão na maneira de aqui assentar arraiais. Para bem dizer, eu com as minhas tendências optimistas [...] parto mesmo do princípio que não mais me vou embora. De resto, se na Europa os amigos [Adolf] Hitler, [Neville]

⁵³¹ Idem, *ibidem*.

Chamberlain etc. continuarem a arreganhar os dentes como fazem neste momento, há mtas probabilidades de viver os encantos dos meus desejos, sem mesmo se darem conta disso. Longe vá o agoiro, mas se a bernarda rebenta, mto difícil há de ser quem nos recolha lá os ossos!

Vocês continuam com os seus projectos de pé? [...]

A minha viagem foi o melhor possível. Um tempo ótimo, e quanto a mim portei-me maravilhosamente. Não enjoiei nunca e diverti-me mesmo bastante a bordo com uns companheiros gentilíssimos italianos que vinham também trabalhar para o pavilhão da Itália. Rimos, conversamos, jogamos o ping-pong, todos os jogos de bordo. Perdi nas corridas de cavalos um dinheirão, mas recuperei ao coon-can! Dansámos [sic] todas as noites, e com tudo isto sempre bem-disposta comendo bem e dormindo melhor! Um verdadeiro record! [...]

A Selma e o Zé estão longe de nós, mais perto está o Botelho e o Tom. O Anahory e o Emmérico também mto longe. Ontem passámos um dia agradabilíssimo; andamos horas de autobus, no andar superior donde se [?] melhor do que em parte nenhuma, as belezas da terrinha. À tarde fômos [sic] ao bairro negro, Harlem [...] Fomos ao teatro negro famoso porque é ali que os directores vão pescar os que depois são azes negros no cinema e no teatro dos brancos.

O espectáculo durou 4 horas, e custou 20 centavos, isto é, 8 escudos, com cinema e sobretudo uma revista negra, que para nós é uma maravilha, e onde representam os mesmos actores que são apresentados ao Cotton-Club, espectáculo chic e onde se paga “os olhos da cara”. A orchestra de negros que ouvimos, se fosse a Lisboa, ficava célebre durante 6 anos.

Fui também ao Radio-City com cinema e variedades de music-hall, com um corpo de girls privativo que são as mais famosas da América, as celebres Rockett-girls. Ainda não realizei completamente que a América existe, e os arranha-céus, e as estrelas de cinema e de teatro, a Fifth Avenue, e tudo o que a gente sabe em teoria deste país, tenho uma certa dificuldade em transpôr para a realidade.

Creio que no fundo a gente não acredita que tudo isto existe, e o contacto súbito tem qualquer coisa de milagre; acho que é esta a sensação que todos tem ao chegar aqui. O que tem graça é ter vindo encontrar em N. York, com toda a intensidade de vida incomparável à de Paris, mto maior tranquilidade nas ruas, uma maior sensação de segurança e calma [...] Para mim Paris é muito mais enervante. As pessoas aqui andam depressa, mas naturalmente [...] todos os “abords” são sempre acompanhados de um sorriso amável, olha-se direito uns para os outros, os criados não têm o ar servil, e dizem amabilidades como des gens du monde, e as pessoas “bien” não pousam. Uma nota curiosa: Como sabem, não há cafés, e os lugares de rendez-vous são os hotéis. Em qualquer hotel de uma certa categoria há [...] mesas e cinzeiros no hall; há casas de chá com dancing, há jogos [...] passar um dia num hotel é como num club. Quem quer vai para lá descansar se está fatigado, fumar um cigarro se lhe apetecer, esperar que a chuva passe se é surpreendido, tomar alguma coisa se quer, dançar, etc, e ninguém o vem interpelar, a não ser se se sentar pr’a beber num lugar onde está indicado ser só para esse fim[...] As mulheres aqui predominam por toda a parte [...] uma percentagem mto maior de raparigas bonitas do que em Paris e mto bem arranjadas. É uma treta diga-se que as americanas têm mau gosto [sic]. São feitas em série, mas elegantíssimas com ar jovem de elegância que não se vê em Paris senão raramente, corpos maravilhosos onde tudo assenta bem, mesmo as extravagâncias em que elas exorbitam é verdade, mas que não chocam de tal maneira parecem naturais nelas pela simplicidade e falta de exibicionismo como quem tem a coragem de pôr em cima coisas que numa lisboeta lhes daria um ar de Carnaval.

Claro que também há coirões, sobretudo nas caras, e quando são velhas a maioria são feias e também muitas mal ataviadas e trouxas de corpo, mas há tantas e tantas engraçadas que não se dá por isso. Quanto vemos o cinema americano julgamos que eles [sic] escolhem para figurantes raparigas gentis, como para criadas de restaurantes, e figuras secundárias. Pois bem, se estamos num desses lugares vêmos [sic] precisamente as

mesmas caras bonitas de raparigas engraçadas bem vestidas, com as mãos sempre bem tratadas, o que, então é regra geral a que eu ainda não encontrei exceção. Digo-vos que para uma mulher é uma certa responsabilidade viver em N. York. Não nos podemos desleixar um bocadinho [...]

Bem, meus amigos, cá os obriguei a aturar-me em 4 longas folhas de papel e vocês já estão cansados, e eu também.

Good night! Sleep well!

Não se esqueçam de dar mtas saudades aos amigos Brites, Bacelares, Gomes Ferreiras, Keils, mãe e filhos, Isabeis, Luizas, David e Tiago, Mário Neves, Cunha, etc, etc. Para vocês, abraços à Bertha e um beijinho ao Manuel da amiga

Ofélia⁵³².

Apesar da vontade de ficar, Ofélia acabou por regressar à capital portuguesa, poucos meses depois da data da carta. E já em pleno contexto (e inevitável), de Segunda Guerra Mundial, com início em setembro, depois da invasão da Polónia pelas tropas alemãs. Certamente com uma bagagem cheia de aprendizagens, novos saberes, alguns novos desenhos, e sobretudo boas recordações de um lugar, das suas gentes e seus modos de vida, que tanto a surpreenderam. De um espaço com o qual (inesperadamente) também tanto se identificou.

Com os novos ensinamentos e “doces memórias” no coração, Ofélia Marques respondeu prontamente às primeiras encomendas e convites que surgiram, como por exemplo, para participar na *Primeira Exposição de Montras: Comemorações Centenárias*, organizada pelo S.P.N. .

Acompanhemos de seguida a atividade e produção artística da pintora ao longo da década de 40.

⁵³² Idem, *ibidem*.

6. O regresso e a continuação, 1940-1952

6.1 – As Exposições⁵³³

«Ilustradora e pintora, [Ofélia Marques] distinguiu-se em diversas exposições de carácter moderno a que tem concorrido, tendo conquistado prémios e louvores da crítica.»

[Diogo de Macedo [1945]]⁵³⁴

No dia 23 de junho do ano de 1940, em plena Guerra, foi inaugurada a *Exposição do Mundo Português* – símbolo emblemático do período áureo do regime salazarista e da sua propaganda – impulsionada pelo S.P.N. para celebrar o «duplo centenário» da Fundação da Nacionalidade (1140) e da Restauração da Independência (1640)⁵³⁵.

Como notou Raquel Henriques da Silva:

Programada por Augusto de Castro, Cottinelli Telmo e Gustavo de Matos Sequeira, secretariada pelo afã inesgotável de António Ferro, ela foi o culminar da “Política de Espírito” prosseguida desde 1933 pelo S.P.N. Apropriando-se do espaço cenográfico de Belém, rigorosamente estruturado numa série de pavilhões que celebravam a história, o Império e a cultura etnográfica nacional, permitiu uma notável concertação de esforços cujo sentido monumental foi garantido pelos arquitetos e escultores, tendo sido bastante secundária a participação dos pintores, Almada, Lino António, Martins Barata, Manuel Lapa, reduzida a funções decorativas. Apoteose do regime [...] esta exposição proclamava a particularidade absoluta do Portugal salazarista e o sucesso da sua política corporativa, capaz ainda de aparentar unanimidade e utilizar a produção artística como instrumento de valorização simbólica⁵³⁶.

⁵³³ Ver Apêndice A.

⁵³⁴ *Calendas: Exposições de Pintura, Escultura, Desenhos, Gravuras, Objectos de Coleção e Antiguidades: Catálogo*. Texto de Diogo de Macedo sobre Ofélia Marques, de 1945.

⁵³⁵ ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Arte portuguesa no século XX: uma história crítica*, p.126-129; ACCIAIUOLI, Margarida, *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes “Restauração” e “Celebração”*, p. 135-241; ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p.115-192; FRANÇA, José- Augusto, «1940 – A Exposição do Mundo Português», in *Colóquio Artes*, nº45, junho, 1980, p.34-50; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p. 393; Sobre propaganda nacional e a “Política de Espírito” em particular ver: ROSAS, Fernando, «O Estado Novo nos anos 30», in MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*, vol. VII, «O Estado Novo (1926-1974)», p.291-295.

⁵³⁶ SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p. 393



Fig.172

«Um aspeto do Chiado no dia da Exposição de Montras, interessante iniciativa do S.P.N.», in *Revista dos Centenários*, nº19 e 20, 31 de julho a 31 de agosto, 1940, p.65. Com participação de Ofélia Marques.

A.H.M.L.

Fonte da imagem: Disponível em:<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistadosCentenarios/RevistadosCentenarios.htm>

Nas palavras de José-Augusto França «doze arquitetos, dezanove escultores e quarenta e três pintores operaram na exposição» em Belém, nomeadamente Leopoldo de Almeida (1898-1975), Cristino da Silva (1896-1976), Cottinelli Telmo, Bernardo Marques, Maria Keil, Fred Kradolfer, Thomaz de Mello e tantos outros⁵³⁷. Pela mesma altura, no enquadramento das mesmas celebrações centenárias, o diretor do Secretariado da Propaganda Nacional, teve a ideia de organizar uma exposição de montras⁵³⁸. Convidou diferentes pintores, ilustradores, escultores, arquitetos, alguns com quem trabalhava regularmente, para decorarem as várias montras, de uma das ruas da movimentada zona do Chiado em Lisboa – a Rua Garrett⁵³⁹.

De 26 de junho a 15 de julho, todos os que passassem pela rua da *Livraria Bertrand*, da *Bénard* ou do café a *Brasileira* [fig.172], podiam apreciar desenhos, diversos trabalhos decorativos, de grande colorido e motivos populares, de Ofélia e Bernardo Marques, Eduardo Anahory, Fred Kradolfer, José Rocha, Maria Keil, Thomaz de Mello,

⁵³⁷ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.153-157.

⁵³⁸ «Unindo o “espírito” ao “bom gosto” – dois termos de uma equação que ali seria lançada como campanha – o diretor do S.P.N. punha em prática uma política de maneiras de disposição das coisas, deixando de insistir no lado estruturante do modo de as conceber que, no princípio da década de 30, parecia exclusivamente defender.», in ACCIAIUOLI, Margarida, *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes “Restauração” e “Celebração”*, p.195.

⁵³⁹ «fora uma iniciativa do S.P.N. e dedicara-se a ornamentar oito dezenas de vitrines, tantas quantas eram então as dos estabelecimentos da Rua Garrett.», in Idem, *ibidem*, p.195; Ver também: ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p.151-153.

Mily Possoz, e muitos outros⁵⁴⁰. Quem passasse pela *Casa Bénard*, em particular, podia admirar desenhos de Ofélia Marques - *Amiguinhos dos bichos* e *Meninas estudiosas*⁵⁴¹. A iniciativa de António Ferro - inserida na «Campanha do Bom Gosto»⁵⁴² - foi elogiada pela crítica. No *Diário de Lisboa*, por exemplo, felicitou-se a «brilhante» e «curiosa» ideia do diretor do S.P.N. e desejou-se, que nos anos seguintes, todos os «estabelecimentos da Baixa» de Lisboa aderissem⁵⁴³.

Segundo Margarida Acciaiuoli, depois do evento do Chiado, seguiram-se «Concursos de Montras»⁵⁴⁴. Ao longo da mesma década de 40, distintos artistas participaram, competiram entre si, e os melhores arranjos nas lojas foram premiados⁵⁴⁵. Ofélia Marques não participou nos «concursos». Marcou apenas presença, na *Primeira Exposição de Montras: Comemorações Centenárias*⁵⁴⁶.

No mês do encerramento da *Exposição do Mundo Português*, dezembro, Ofélia recebeu novo convite do S.P.N. para expor. Desta vez, num certame de *Arte Moderna*. Concretamente na *5ª. Exposição de Arte Moderna*, no estúdio do S.P.N. situado na Rua São Pedro de Alcântara em Lisboa⁵⁴⁷.

Emmérico Nunes, Maria Keil, Jorge Barradas, Regina Santos (?-?) ou Thomaz de Mello, foram também alguns dos artistas convidados por António Ferro.

⁵⁴⁰ Idem, *ibidem*, p.195; *Primeira Exposição de Montras: Comemorações Centenárias: Catálogo*.

⁵⁴¹ *Primeira Exposição de Montras: Comemorações Centenárias: Catálogo*; Não foi possível identificar os desenhos apresentados por Ofélia Marques.

⁵⁴² Considere-se a seguinte descrição: «A “Política de Espírito” e a “Campanha do Bom Gosto” foram a suprema estigmatização de uma ação cumprida através dos princípios ideológicos bem pessoais embora aparentados com outros seus contemporâneos, mistura de um modernismo mundano e de um nacionalismo desorbitado, que preparou e organizou a vasta matéria onde o Estado Novo fabricou o seu imaginário.», in ACCIAIUOLI, Margarida, *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes “Restauração e Celebração”*, p.487-579. Na tese de Doutoramento, Margarida Acciaiuoli, analisa ao pormenor a “Política de Espírito” e a “Campanha do Bom Gosto”, preconizadas por António Ferro; Ver os seguintes artigos, de Luiz Teixeira sobre «Campanha do Bom Gosto», na revista do Secretariado - *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº1, junho, 1941, p.10-11; também de José Augusto «Campanha do Bom gosto» - *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº7, 1942, p.8-9.

⁵⁴³ «O Chiado, a artéria triunfal da cidade, vai converter-se numa verdadeira exposição. Cada uma das suas montras será como a tela dum artista – assinada de beleza. [...] A ideia [...] não deixa de ser curiosa, e executada duma maneira deveras original. [...] embelezando ainda mais esta Lisboa, agora tão triunfal com as comemorações centenárias.», in *Diário de Lisboa*, 25 de junho, 1940, p.3. [Em linha]. [Consultado a 15/10/2019]. Disponível em:

WWW:<URL:http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1940&mes=06

⁵⁴⁴ «António Ferro lançara um concurso de montras que se traduzira numa “campanha de bom-gosto” [...] Comerciantes e utentes interessaram-se pela ideia e ela prolongou-se no tempo, instituindo-se anualmente, com prémios e provas.», in ACCIAIUOLI, Margarida, *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes “Restauração e Celebração”*, p.199, 564-565.

⁵⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.564-565; Sobre os eventos (Concurso de Montras) de 1943 e 1949, por exemplo, ver: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº20, abril, 1944, p.31; nº38, 1949, p. 73-74.

⁵⁴⁶ *Primeira Exposição de Montras: Comemorações Centenárias: Catálogo*.

⁵⁴⁷ *5ª. Exposição de Arte Moderna no estúdio do SPN: Catálogo*.

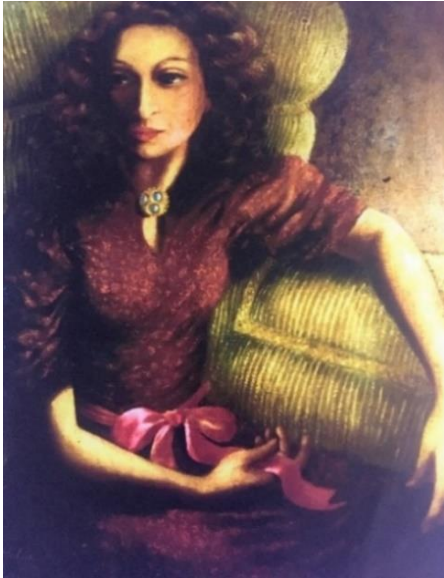


Fig.173

Ofélia Marques, *Retrato de Luísa*, s/d, óleo s/madeira.

Coleção: Col. José Luís Tinoco

Fonte da Imagem: F.C.G. – Biblioteca de Arte (Fotografia de José Luís Tinoco)

Observações: Assinado (canto inferior esquerdo) / Não datado [aprox. final da década de 30, início dos anos 40; Prémio Sousa Cardoso].

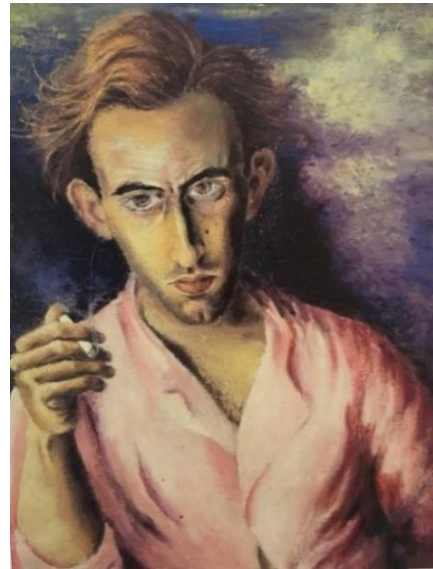


Fig.174

Ofélia Marques, *Retrato de José Gomes Ferreira*, s/d, óleo s/tela.

Coleção: Col. Particular

Fonte da Imagem: FERREIRA, Raúl Hestnes, *José Gomes Ferreira: fotobiografia*.

Observações: Assinado (canto superior direito) / Não datado [aprox. final da década de 30].

Como no *II Salão dos Independentes*, em 1931, Ofélia Marques apresentou apenas pinturas a óleo. Concretamente quatro retratos: *Retrato de Luísa*, *Retrato de José Gomes Ferreira*, *Retrato de Raul José* e *Crianças*⁵⁴⁸. O *Retrato de Luísa*, foi pintado a óleo sobre madeira, os restantes com o mesmo material, mas em tela.

A figura feminina representada a corpo inteiro no *Retrato de Luísa* [fig.173], trata-se da poetisa Luísa d'Eça Leal (1899-1983), mulher do escritor, ilustrador, Olavo d'Eça Leal. A modelo, de grandes olhos negros, cabelo encaracolado, lábios bem delineados, não olha diretamente para quem a retrata. E o olhar, aparenta uma certa distância. Sentada numa poltrona de tom amarelado, pousa a mão direita, aberta, sobre as pernas. Com o polegar, parece acariciar ao de leve uma das pontas desencontradas do laço rosa, ajustado à fina cintura. A mão e o braço esquerdo, repousam serenamente no braço do

⁵⁴⁸ Idem, *ibidem*. No catálogo, o título do Retrato de Luísa d'Eça Leal, é *Retrato de Luísa Flávia*.



Fig.175

Ofélia Marques, *Retrato de Raúl José*, 1939, óleo s/tela

Coleção: Col. Particular

Fonte da Imagem: FERREIRA, Raúl Hestnes, *José Gomes Ferreira: fotobiografia*.

Observações: Assinado/Datado (canto superior esquerdo)

assento. O tom *bordeaux*, e o padrão irregular do vestido, de meia manga e decote discreto, contrastam com o fundo neutro e simples. Assim como o vistoso botão dourado, composto por o que se assemelham ser três pequenas e brilhantes safiras azuis. Breves pinceladas de tons claros, realçam a elegância da retratada.

Sobre a obra *Retrato de José Gomes Ferreira* [fig.174], como o próprio título indica, o jovem homem retratado, trata-se do poeta e autor da história infantil *As Maravilhosas Aventuras de João Sem Medo*, José Gomes Ferreira.

A figura de rosto esguio, grandes orelhas, cabelo revoltado, sobrancelhas carregadas, olhos claros, lábios grossos um pouco pálidos, olha em frente. A expressão é séria, e o olhar revela uma certa inconstância. A barba por fazer, a gola da camisa rosada aberta, o colarinho ligeiramente dobrado, a manga arregaçada, evocam uma certa informalidade. Na mão direita, entre o indicador e o dedo médio, um cigarro arde. Com uma paleta de diferentes cores, entre preto, azul, roxo, rosa, cinza, amarelo, branco, Ofélia compôs um fundo tempestuoso.

José Gomes Ferreira, não foi o único elemento da família Ferreira a ser retratado pela artista. O menino representado a meio corpo, em posição frontal, no *Retrato de Raul José* [fig.175], é Raul José Hestnes Ferreira, filho do escritor e poeta. Rosto delicado, de pele clara. Cabelo curto e loiro, olhos castanhos escuros, e uma expressão concentrada. A criança veste uma blusa de mangas compridas, de cores vibrantes. Segura uma ardósia na mão direita, e ampara-a no braço e no peito.

O cenário envolvente é simples, e preenchido com tons neutros.

Por último, na pintura *Crianças*⁵⁴⁹ [fig.176], uma menina, em posição frontal, de tranças longas, usa um vestido com uma gola arrendada e mangas um pouco volumosas. O seu rosto é sério, e o olhar relewa uma certa melancolia. Desconhecemos quem seja a figura feminina retratada.

Todas as pinturas estão assinadas. E apenas o óleo *Retrato de Raul José*, está datado, 1939. Provavelmente, a artista também pintou os restantes retratos, entre a segunda metade da década de 30, e o princípio dos anos 40.

No seu livro de memórias *Imitação dos Dias*, José Gomes Ferreira, recordou o momento em que Ofélia, pouco tempo depois de ter regressado de Paris, decidiu fazer o retrato do amigo e companheiro de casa da Calçada dos Caetanos. Atentemos nas palavras do escritor:

A pintora Ofélia Marques regressou de Paris, momentaneamente curada do “estado cataléptico de criação latente” que os não-artistas confundem, por comodidade, com mandriice. Logo na manhã seguinte postou-se em frente do estirador e pôs-se a desenhar o gato da casa com afincio preguiçoso [...] Fixou-me com ternura viva: - É pena você não ser gato. Tem focinho de lobo [...] Mas, apesar de não ser gato, vou pintar-lhe o retrato. Quer?

- Honra-me muito... - agradei-lhe, contente.

- É o meu primeiro retrato de homem... Mas só o pinto com a condição de se deixar submeter aos meus caprichos. Em vez de se apinocar, como a maioria dos modelos, exijo que pose de barba por fazer e pijama roto. Para um retrato feio, de lobisomem... Um anti Malta [...] Desfibrámos esse tema de riso em inúmeras variações e, como morávamos no mesmo andar [...] cumpro com fidelidade exemplar a imposição. Todas as manhãs [...] meio sonolento, de pijama rameloso, ia sentar-me no atelier, às ordens da minha comadre Ofélia Marques, que, após o esfacelo inicial de alguns desenhos de estudo, se atirou ao trabalho de me recriar. E na tela não tardou a definir-se, com pureza de jato, a aparição desta triste cara de funil, que as tradicionais orelhas de abanador dos Ferreiras tornavam mais triangular... Mas as verdadeiras dificuldades começaram quando Ofélia se lembrou de colocar no canto esquerdo, e à laia de brasão, um livro com asas – fantasia que chocava com o realismo da figura e forçou a pintora a insistir, durante duas ou três sessões, no massacre teimoso das tintas. Por fim, desiludida, raspou o livro simbólico e decidiu:

- Vou pintar um fundo de tempestade.

E, na verdade, havia tempestade no mundo. (E em ti também, comadre, que, quando ela rebentou trinta anos depois, ficaste a escutá-la, muito quieta, deitada na cama, com os ouvidos virados para o silêncio...)⁵⁵⁰.

⁵⁴⁹ Ver Anexos. Não foi possível localizar a pintura original. Desconhecemos assim, as cores aplicadas no retrato; Esta pintura foi reproduzida (a preto e branco) nas revistas: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº12, dezembro, 1942, p.12; Também em *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº514, 16 de março, 1935, p.7.

⁵⁵⁰ FERREIRA, Raúl Hestnes, *José Gomes Ferreira: fotobiografia*, p.82-83; excerto retirado do livro da autoria de José Gomes Ferreira, já referido - *Imitação dos Dias*.



Fig.177

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, carvão e grafite.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta4, OM11_347

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. final da década de 30, início dos anos 40]

Breve parêntesis para salientar, que para além do retrato a óleo, Ofélia fez também um retrato de José Gomes Ferreira, que pela primeira vez aqui se reproduz. [fig.177]. Bem diferente da obra apresentada no estúdio do S.P.N. Homem de elegante figura, em posição frontal, cabelo apumado, olhos semicerrados, vestido com um casaco, uma camisa, e uma gravata de nó feito. Expressão do rosto, que aparenta uma certa tranquilidade. O desenho a grafite, não está assinado, nem datado, mas é possível que Ofélia tenha concluído a obra entre o final dos anos 30, e os primórdios da década de 40. A poetisa Fernanda de Castro, também não esqueceu algumas palavras que trocou com Ofélia Marques, sobre o retrato a óleo da mulher de Olavo d'Eça Leal:

«Conversámos de várias coisas, falamos do retrato, que ela estava a pintar, da mulher do Olavo d'Eça Leal, retrato que mais tarde lhe valeu o Prémio Sousa-Cardoso no concurso anual do S.N.I.»⁵⁵¹.

O *Diário de Lisboa*, considerou a 5^a. *Exposição de Arte Moderna*, o melhor certame de *Arte Moderna* apresentado pelo S.P.N. desde 1935⁵⁵². Os artistas – em maior

⁵⁵¹ CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1939-1987*, p.16; Para além desta descrição, considere-se ainda a exposta no início do capítulo 4.4 da dissertação.

⁵⁵² «Respira-se fundo a beleza; há nomes decisivos que se impõem, e que largamente, nos prendem a sensibilidade, a anomalia plástica quase que desapareceu, substituída por uma verdade de equilíbrio estético em que o público e o artista, com facilidade, se entendem e compreendem.», in *Diário de Lisboa*, 3 de janeiro, 1941, p.4. [Em linha]. [Consultado a 15/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1941&mes=01 ; A 1^a. *Exposição de Arte Moderna*, foi inaugurada a 23 de março de 1935 na S.N.B.A. em Lisboa. O segundo certame, também ocorreu no mesmo



Fig.178
Ofélia Marques, 1940.
Arquivo Particular [I]

número, em comparação com as edições anteriores – de uma forma geral, exibiram trabalhos muito interessantes⁵⁵³. Algumas «senhoras» destacaram-se. Ofélia Marques, Maria Keil ou Regina Santos, foram algumas dessas pintoras:

Estrela Faria retratou-se. Não se fez bonita; fez pintura. [...] Marcelle Noel captiva-nos com a sua ingenuidade pura: uma criança a pintar. Mais quatro senhoras: Maria Keil do Amaral, com um retrato curioso; Mily Possoz, que tem o sentimento da graça infantil; Ofélia Marques que, no retrato de “Luiza Flavia” tem o seu melhor quadro; e Regina Santos, que surge como uma promessa⁵⁵⁴.

Como nas edições anteriores⁵⁵⁵, foram atribuídos prémios a alguns expositores. «Prémio Columbano», a Carlos Botelho, «Prémio Silva Porto», a Domingos Rebelo (1891-1975), «Prémio Manuel Pereira», a Álvaro de Brée (1903-1962), e

lugar. A 3ª Exposição de Arte Moderna, e as seguintes, já se realizaram no estúdio do S.P.N. Ver: ACCIAIUOLI, Margarida, *António Ferro: A vertigem da palavra. Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo*, p.119-149; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*.

⁵⁵³ Idem, *ibidem*, p.3.

⁵⁵⁴ Idem, *ibidem*, p.3.

⁵⁵⁵ Ver: ACCIAIUOLI, Margarida, *António Ferro: A vertigem da palavra. Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo*, p.181-196; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.142.

«Prémio Sousa Cardoso», a Ofélia Marques⁵⁵⁶.

De acordo com Emília Ferreira, ao longo dos anos, Ofélia dedicou-se principalmente à ilustração, ao desenho, mas acabou por ser a «pintura, a garantir-lhe maior reconhecimento com a atribuição em 1940 do Prémio Sousa-Cardoso, com um retrato da poetisa e tradutora Luísa d'Eça Leal»⁵⁵⁷.

Sobre o mesmo assunto, Fernando Rosa Dias, também salientou «a pintura foi rara e adiada, apesar de um prémio Amadeo de Sousa Cardoso na Exposição de Arte Moderna do SPN de 1940.»⁵⁵⁸.

Foi a primeira vez que uma mulher artista foi galardoada pelo S.P.N./S.N.I. Nos anos seguintes, em 1941, 1943 e 1944, foi a vez de Maria Keil, Mily Possoz e Sarah Affonso, serem contempladas, com o mesmo prémio de pintura. Por ordem, Maria Keil, com a obra *Autorretrato*, Mily Possoz, com a paisagem *Sintra*, e Sarah Affonso, com a pintura *Retrato do filho*⁵⁵⁹.

⁵⁵⁶ Ver: *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.: Catálogo; Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.: Catálogo; 15 Artistas premiados pelo S.N.I. com o Prémio Sousa Cardoso: Catálogo; Os Anos 40 na Arte Portuguesa: Catálogo*, vol. II, p.19. As duas primeiras exposições, tiveram lugar no Palácio da Foz em Lisboa, em maio de 1949 e fevereiro de 1952. A terceira mostra, realizou-se em Amarante, em junho de 1960; Sobre Ofélia Marques em particular, nos diferentes catálogos, é referido que o Prémio Sousa Cardoso foi atribuído à artista em 1940. Ver ainda algumas das seguintes referências: ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Arte portuguesa no século XX: uma história crítica*, p.116; CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória, 1906-1939, e 1939-1987*, p.58-59 e p.16; FERREIRA, Emília, «Desenhos do silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p.5-8; FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português», in CASTRO, Zília Osório de, PEREIRA, Sara Marques (dir.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº15, p.190-198; FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.97-122; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.143-144 e 209; MENDES, Manuel, «Ofélia Marques», in CHICÓ, Mário Tavares, FRANÇA, José-Augusto, GUSMÃO, Artur Nobre de (org.), *Dicionário da Pintura universal*, vol. III, «Pintura Portuguesa», p.232; RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.5; *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº814, 15 de fevereiro, 1941, p.7.

⁵⁵⁷ FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.115; Ver também: FERREIRA, Emília, «Desenhos do silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 5-8.

⁵⁵⁸DIAS, Fernando Rosa, «A construção da arte moderna portuguesa em voz feminina», in CRUZEIRO, Cristina Pratas, LOPES, Rui Oliveira (eds.), *Arte e Género: mulheres e criação artística*, p.84-86.

⁵⁵⁹ Maria Keil, na 6.^a *Exposição de Arte Moderna*; Mily Possoz, na 8.^a *Exposição de Arte Moderna*; Sarah Affonso, na 9.^a *Exposição de Arte Moderna*. Ver as seguintes referências: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº7, ano 1942, p. 16-17; nº19, fevereiro, 1944; nº23, ano 1945; ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Arte portuguesa no século XX: uma história crítica*, p.113-116 e 184-185; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.142-143; MANTAS, Helena Alexandra Jorge Soares, *Maria Keil, "uma operária das artes" (1914-2012) Arte Portuguesa do século XX*, vol. I, p.57 e 68; MENDES, Maria Pilar Antunes, *Mily Possoz (1988-1968): Percorso e afirmação de uma artista no modernismo português*, vol.1, p.113-114; PEDRO, Maria João Gomes, *Sarah Affonso – vida e obra*, vol.I.p.171-173.



Fig.179

«Ofélia Marques. Ganhou o prémio “Sousa Cardoso”, 1940», in *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº814, 15 de fevereiro, 1941, p.7. Reprodução de dois quadros apresentados por Ofélia Marques na 5.^a Exposição de Arte Moderna no estúdio do SPN, 1940.

A.H.M.L.

A revista *Eva*, não deixou de marcar o acontecimento, e dedicou algumas palavras a Ofélia Marques [fig.179]:

Pela primeira vez em Portugal, uma mulher ganha um prémio oficial destinado a galardoar o trabalho dum artista. Bem o merece, pelo seu esforço e pelo seu talento, Ofélia Marques, nossa antiga e ilustre colaboradora, pintora e desenhadora que honra uma geração de novos cheios de valor. O Secretariado de Propaganda Nacional atribuindo-lhe o prémio “Sousa Cardoso” 1940, perante os seus trabalhos apresentados na 5.^a Exposição de Arte Moderna, consagrou a obra de Ofélia Marques. Dedicando-lhe esta página, “Eva” associa-se às homenagens prestadas à artista, e com tanto maior entusiasmo quanto é certo tratar-se do êxito duma mulher portuguesa⁵⁶⁰.

Pela mesma altura, Diogo de Macedo também redigiu algumas palavras sobre a atribuição

⁵⁶⁰ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº814, 15 de fevereiro, 1941, p.7.

do «Prémio Sousa Cardoso» a Ofélia Marques, e sublinhou, que apesar do trabalho da artista, nas suas palavras «caprichosa e dispersa», ser pouco conhecido, e de expor poucas vezes, quando aparecia, reparavam nela, apreciavam-na e premiavam-na⁵⁶¹.
Atentemos na descrição do escultor:

Será difícil aos críticos julgar um dia um artista de quem pouca obra conhecem, porque dispersa, sem inventário, por casas onde se não coleciona arte por luxo, ficará reservada a admiração de quem mais a estima do que a analisa, ao público, porém, que sem presunções também é crítico exigente, essa obra não passará despercebida, porque topa na altura própria, em páginas de revistas, em ilustrações de livros, em paredes de exposições, na rua, no dobrar das esquinas da vida comum, sempre modestamente, como natural acessório de embelesamento [sic] dessa actividade quotidiana.

Há artistas, que o são tanto como os demais com notoriedades e medalhas, mas que não produzem para museus nem fazem cálculos de assalto à História. São artistas por leis naturais duma obrigação do destino, mas que o são egoisticamente, só para si e para os admiradores mais íntimos, negando-se à ambição e ignorando disciplinas. Livres de tão graves compromissos, são dos tais que embaraçam os críticos quando calha destes lhe descobrirem a obra. É este o caso de Ofélia Marques, caprichosa e dispersa, raramente frequenta lugares onde possam ser vistas as pinturas que pinta, os desenhos que desenha, as fantasias que inventa. Mas se acaso aparece, logo reparam nela, apreciam-na e premeiam-na. É pouco avultada a sua obra de pintora, isto é, de pintora a óleo e sobre tela, como pouca foi a de José Tagarro, por exemplo, e no entanto, ninguém contesta o mérito desse pintor, ainda que bem pouca pintura deste se conheça. Com Ofélia Marques acontecerá o mesmo, para arrelia de críticos e de historiadores. Todavia, nas originais interpretações e das predispostas possibilidades que revela, quando se apresenta em público, ninguém duvida. Das suas aguarelas, dos gouaches [sic], dos desenhos, de quantas ilustrações e decorações executa consoante os caprichos da inspiração e sua dispersão feminina, maiores são os conhecimentos, e talvez que por estes se avalie um dia do mérito dessa pintora que se esconde, que brinca com as coisas sérias e que, se quisesse, simplificaria amanhã a tarefa dos críticos mostrando em bloco quanto distribue [sic] ao Deus dará e só a pessoas íntimas, como quem mostra brinquedos ou futilidades de vestidos, desvenda talentos e obras, fantasias e interpretações, farrapos vivos dum temperamento irregular⁵⁶².

Como já foi escrito, Ofélia gostava sobretudo de pintar e desenhar para si própria, e não apreciava a exposição nem os galardões. Até ao dealbar da década de 40, trabalhou regularmente para *magazines* e outras publicações, e marcou apenas presença, em cinco eventos, tendo sido o último, a exposição inaugural da *Galeria UP* em 1933. Só para o seu gosto e os seus olhos apreciarem, e talvez, para os de alguém próximo,

⁵⁶¹ Diogo de Macedo, «Ofélia Marques. Prémio Sousa Cardoso, 1940. Do livro em preparação para o Secretariado». Nota manuscrita, disponível na Biblioteca de Arte da F.C.G. em Lisboa.

⁵⁶² Idem, *ibidem*; Ver também: FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.119-120.



Fig.180

Ofélia Marques, *E não será a autora também de se lhe tirar o chapéu?*, s/d, tinta-da-china.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta4, OM22_513

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade dos anos 30, princípios da década de 40]

Ofélia desenhou, a grafite, tinta-da-china, pastel, guache, aguarela, entre outros materiais, vários autorretratos, vários retratos de figuras queridas e algumas suas conhecidas – como veremos mais à frente - e tantas personagens masculinas e femininas, livres, de não participarem nas histórias e fantasias por outros narradas⁵⁶³.

O que diria a crítica (do seu tempo), se se confrontasse, por exemplo, com alguns dos seus desenhos, de onde sobressaem, a finura do traço, a sátira? [fig.180] Obras, e respetiva autora, pelas palavras de Ofélia «de se lhe tirar[em] o chapéu?» Expressão que em certa medida, faz lembrar o comentário de Artur Portela sobre os distintos trabalhos apresentados no *I Salão dos Independentes*, na S.N.B.A.⁵⁶⁴.

Em fevereiro de 1942, Ofélia regressou à Rua de São Pedro de Alcântara em Lisboa. Expôs na *Exposição de Desenhos* organizada pelo S.P.N.⁵⁶⁵. Bernardo Marques ou Thomaz de Mello, foram alguns dos desenhadores que também marcaram presença no certame⁵⁶⁶.

Ofélia Marques apresentou cinco *Desenhos*⁵⁶⁷.

⁵⁶³ Por exemplo, na coleção particular em depósito na F.A.S.V.S., podem visualizar-se inúmeros desenhos de Ofélia Marques, pintados, muito provavelmente, entre as décadas de 30 e 40, que nunca foram expostos. Nem em certames póstumos. Também não figuraram, em nenhuma publicação periódica.

⁵⁶⁴ Como foi referido no capítulo 4.1 da dissertação. Ver: *Diário de Lisboa*, 15 de maio, 1930, p.9 e 16.

⁵⁶⁵ *Exposição de Desenhos: Catálogo*.

⁵⁶⁶ Idem, *ibidem*.

⁵⁶⁷ Idem, *ibidem*. No catálogo não consta nenhum título. As obras são descritas apenas como «Desenhos»; Só foi possível identificar um dos cinco *desenhos* expostos.



Fig.181

Ofélia Marques, *s/título*, 1938, grafite, lápis de cor, pastel.

Coleção: Col. Particular

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito)

No desenho assinado, e datado de 1938⁵⁶⁸ [fig.181], uma menina, desenhada a traço fino, de rosto arredondado, olhos escuros, com uma expressão pouco alegre, olha em frente. Veste uma blusa de manga comprida, e um vestido até aos joelhos, em diferentes tons de azul e alguns reflexos em branco. Nas alças, e no peito, sobressaem pequenas flores vermelhas. Os sapatos bem apertados, são azuis escuros e a sola preta, e contrastam com as meias curtas e claras, e a pele de tom rosado. Sentada num banco de madeira, a menina tem na mão direita uma flor – que mais parece um cata-vento para brincar – de grandes e finas pétalas coloridas. Os tons são semelhantes aos do vestido, e aos da planta de densa ramagem, que se encontra no soalho, no canto inferior direito. O fundo é simples, sem adornos, e sem cor.

As «crianças» figuraram na *Exposição de Desenhos* pelas mãos de Ofélia, mas também, e por exemplo, pelas mãos de Sarah Affonso, Estrela Faria ou Thomaz de Mello⁵⁶⁹. Sarah Affonso, apresentou um desenho intitulado *Pobrezinhos* (1932), com uma menina, e um menino, em posição frontal, pouco sorridentes, com grande expressividade no olhar.

⁵⁶⁸ Foi possível confirmar que este foi um dos desenhos apresentados por Ofélia no certame de 1942, através do artigo da revista *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº8, abril, 1942, p.22-23.

⁵⁶⁹ *Exposição de Desenhos: Catálogo*.



Fig.182

Ofélia Marques, *Criança*, s/d, óleo s/tela.

Coleção: F. C. G. – Col. Moderna/Inv. 81P1368

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Assinado (canto inferior direito) /

Não datado. Data [aprox. final da década de 30, início dos anos 40]; Pintura reproduzida em *Eva: jornal da mulher e do lar*, n°839, dezembro, edição de natal, 1941, p.30.

Estrela Faria, exibiu uma pintura sem título (assinada/não datada?), com uma figura feminina, agachada, a abraçar ternamente uma criança descalça, cujos traços do rosto estão pouco definidos. Thomaz de Mello, expôs um desenho intitulado *Garota* (1941), com uma petiza, de feições fortes, tranças longas, com uma expressão aparentemente descontraída, que apoia um dos braços sobre as costas de uma cadeira⁵⁷⁰. A salientar, que entre o final dos anos 30 e o início da década de 40, Ofélia desenhou a óleo, aguarela, pastel ou grafite, outras meninas, de tenra idade, de gestos delicados, e de expressão semelhante, à «criança» que marcou presença no certame de 1942[fig.181]. Olhemos por exemplo, para a pintura a óleo sobre tela, *Criança*, assinada [fig.182]. Uma menina, em posição frontal, de traços bonitos, face rosada, olhos esverdeados e cabelos claros. As cores vivas do laço, que tem no cabelo, e do vestido de alças, fluído, contrastam com os diferentes tons de azul da camisola de manga curta. Sentada no que se assemelha ser uma pequena rocha, de pernas ligeiramente afastadas, pousa serenamente a mão esquerda, sobre a mão direita. No fundo, uma paisagem marítima, de onde sobressaem duas pequenas embarcações de madeira escura, sobre os grãos finos de areia dourada.

A assinatura a negro, «Ofélia», no canto inferior direito, destaca-se no cenário. Não foi possível identificar, a primeira vez que esta pintura foi exposta. Mas é muito

⁵⁷⁰Idem, *ibidem*; Os três desenhos mencionados, foram reproduzidos em: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, n°8, abril, 1942, p.22-23.

provável, que tenha sido exibida nos primórdios dos anos 40⁵⁷¹. Confirmou-se, que a última vez que marcou presença num certame, foi no ano de 2006. Em particular, na exposição póstuma *Equilíbrio e Indisciplina: Pintura Portuguesa dos anos 1930-40: 47 Obras da Coleção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão*, na Galeria Diário de Notícias em Lisboa⁵⁷².

Com efeito, no desenho a pastel, lápis de cor, grafite, não assinado⁵⁷³ [fig.183], Ofélia traçou algumas formas e contrastes, antes de começar a trabalhar na tela. Aparentemente para o fim, preferiu um mar de azul denso, uma praia vazia, e não deixar nenhum barco à deriva.

Noutra pintura a pastel⁵⁷⁴ [fig.184], outra criança representada em posição frontal, olhos e cabelos negros, rosto sério, de lábios cerrados, com uma expressão pouco sorridente. Sentada numa cadeira, de pernas traçadas, apoia um dos braços sobre as costas do assento. A cara redonda, pousa sobre a mão direita. Em toda a composição, de traço denso, prevalecem os tons pastel. Como grande parte das obras de Ofélia, o desenho não se encontra assinado, nem datado.

Concentremo-nos novamente na mostra de 1942. Em particular, e por último, o que sobre as pinturas de Ofélia foi escrito.

Carlos Queiroz, na revista editada pelo Secretariado, *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*⁵⁷⁵, elogiou os vários trabalhos - «mais de oitenta» - apresentados pelos distintos artistas na *Exposição de Desenhos*⁵⁷⁶.

Outro olhar, no *Diário de Lisboa*, também não poupou elogios aos diferentes desenhos exibidos no estúdio do S.P.N. «na sua maioria [...] inspirados de legítimos motivos portugueses, uns de encantador aspecto etnográfico, como tipos e trajos, outros, de

⁵⁷¹ Acreditamos que esta pintura tenha sido exposta na 5ª. *Exposição de Arte Moderna no estúdio do SPN: Catálogo*, apesar de não constar nenhuma informação no catálogo. Não obstante, e por exemplo, no catálogo *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I: Catálogo*, de 1949, consta a data em que o Prémio Sousa Cardoso foi atribuído a Ofélia (1940), mais uma reprodução (a preto e branco) desta pintura a óleo; A pintura foi ainda reproduzida na revista feminina *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº839, dezembro, edição de natal, 1941, p.30; Esta obra pertence à F.C.G. – Col. Moderna, em Lisboa.

⁵⁷² Ver: PINHARANDA, João Lima, TAVARES, Ana Isabel (coord. ed.), *Equilíbrio e Indisciplina: Pintura Portuguesa dos anos 1930-40: 47 Obras da Coleção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão: Catálogo*.

⁵⁷³ Ver Anexos. Este desenho, foi uma das muitas obras expostas no certame *quarenta Caricaturas/vinte e um desenhos*, na Casa da Cerca em Almada, entre novembro de 2002 e janeiro de 2003.

⁵⁷⁴ Ver Anexos. Este desenho foi exibido na mostra *Álbum de uma menina morta*, na Galeria de Colares em 1988. Ver: RODRIGUES, António (coord.científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*.

⁵⁷⁵ Fundada em 1941, o último número foi publicado em 1973. Como veremos no próximo capítulo, Ofélia concebeu ilustrações para a revista, praticamente até aos primórdios da década de 50.

⁵⁷⁶«*Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº8, abril, 1942, p.22-23.

expressão mais larga, mas assim mesmo com o seu radical rácico bem marcado.»⁵⁷⁷.

E sobre as obras de Ofélia Marques, em particular, notou:

«Ofélia Marques, é uma Laurencin. As suas figuras parecem angelicas. A inocência pura e o “charme” feminino!»⁵⁷⁸.

Como vimos no capítulo anterior, durante a sua estada em Paris, Ofélia visitou exposições, conheceu museus, cinemas, teatros. Não sabemos se em algum momento em particular, se terá cruzado com a obra de Marie Laurencin (1883-1956). Por exemplo, na exposição, onde a pintora francesa, como os artistas que trabalhavam com António Ferro, participaram: a *Exposição Internacional de Paris*, em 1937⁵⁷⁹. Não obstante, é possível identificar algumas semelhanças, de uma forma geral, entre os desenhos de Ofélia Marques e Marie Laurencin. Nas distintas personagens femininas concebidas por ambas as artistas realçam-se as expressões dos rostos, delicadas, os olhares aparentemente longínquos, alguns languídos, os corpos elegantes, sem definir grandes volumes, a sensibilidade dos gestos. Figuras representadas a traço fino, cenários pouco ornamentados, e o predomínio de uma paleta de cores claras, e tons pastel. Para além dos temas, também, as formas, os tons, patentes nas diferentes composições⁵⁸⁰. Semelhante a outros discursos, já transcritos nesta dissertação - como por exemplo, o olhar de Artur Portela em 1932, sobre as obras exibidas por Ofélia, no *Salão de Inverno*, na S.N.B.A. em Lisboa⁵⁸¹- a análise, manifesta um certo pendor paternalista. Uma artista, mulher, e o seu trabalho é delicado, cândido, feérico. O «universo criativo»,

⁵⁷⁷ *Diário de Lisboa*, 2 de março, 1942, p.5. [Em linha]. [Consultado a 15/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1942&mes=03.

⁵⁷⁸ Idem, *ibidem*, p.5.

⁵⁷⁹ Ver: *Exposition Internationale des Arts et des Techniques dans la vie moderne. Catalogue Général Officiel: Paris, 1937*, tome II, p.365. [Em linha]. [Consultado a 05/09/2019]. Disponível em: WWW:<URL: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k939050r>; GONNARD, Catherine, LEBOVICI, Élisabeth, *Femmes artistes, Artistes femmes. Paris, de 1880 à nos jours*, p.74-76,204-207; BONNET, Marie-Jo, *Les Femmes artistes dans les avant-gardes*; Em particular sobre a participação portuguesa na *Exposição* de 1937: ACCIAIUOLI, Margarida, *Exposições do Estado Novo 1934-1940*, p.39-73.

⁵⁸⁰ Da artista francesa referem-se algumas obras como: *Portrait Marie Bell* (1938), col. Marie Laurencin Museum (Japan); *The Blue Plume* (s/d. aprox.1914), col. MOMA; *Tête de jeune fille* (1925), col. MOMA; *L'Éventail rose* (1927), col. The British Museum; *Femmes au chien* (1924-1925), col. Musée Orangerie; *Jeune femme en robe jaune* (s/d), col. Wiscasset Gallery: Ver:

WWW:<URL: <http://marielaurencin.jp/en/>;

WWW:<URL: <https://www.moma.org/artists/3408?locale=pt&page=&direction=fwd>

WWW:<URL: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG34953>;

WWW:<URL: <https://www.musee-orangerie.fr/fr/artiste/marie-laurencin>;

WWW:<URL: https://www.wiscassetbaygallery.com/index.php?page=view_collection

⁵⁸¹ Ver capítulo 4; Citação: «Ofélia “menina e moça” de ingenuos desenhos.», in *Diário de Lisboa*, 22 de dezembro, 1932, p.7.

encantador. Pouco mais se acrescenta⁵⁸².

A realçar, e por último, que os vários desenhos de Ofélia, como os dos seus congéneres, também foram expostos – meses antes, do ano de 1942 - na «Associação Brasileira da Imprensa», no Rio de Janeiro. António Ferro foi o responsável por esse acontecimento⁵⁸³. Na mesma altura (e na mesma cidade) o diretor do S.P.N., organizou também a *Exposição do Livro Português*⁵⁸⁴.

Segundo Carlos Queiroz, e o articulista do *Diário de Lisboa*, as reações do outro lado do atlântico, perante as diversas obras dos «artistas modernos», foram construtivas. Com efeito, tanto a *Exposição de Desenhos* na cidade brasileira, como a *Exposição de Desenhos* na capital portuguesa, «foram um êxito»⁵⁸⁵.

Apesar de Ofélia não ter “pisado” (diretamente) o território brasileiro, o seu trabalho foi visto, comentado, lá fora. Alguns anos depois, concretamente em 1949, e como detalhámos noutra capítulo da dissertação, no âmbito da *I Exposição do livro feminino de Portugal no Brasil*, os traços da pintora, foram pela segunda vez, apreciados

⁵⁸² FERREIRA, Emília, «Da deliciosa fragilidade feminina», in LARANJEIRO, Maria José (dir.), *Margens e Confluências: um olhar contemporâneo sobre as artes*, nº11-12, p.143-157; FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.97-122; LEANDRO, Sandra, «Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1ª. República», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.), *Mulheres na I República: percursos, conquistas e derrotas*, p.271-318; VICENTE, Filipa Lowndes, *A Arte sem história. Mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)*; VICENTE, Ana, VICENTE, Filipa Lowndes, «Fora dos cânones: mulheres artistas e escritoras no Portugal de princípios do século XX», in CASTRO, Zília Osório de, JESUS, Isabel Henriques de (dir.), *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*, nº 33, p. 47-51; Como curiosidade, salienta-se, que a crítica do *Diário de Lisboa*, evoca, de certa forma, algumas das palavras que o poeta e crítico de arte Guillaume Appollinaire, escreveu - nos primórdios do século XX - sobre a produção artística da sua companheira Marie Laurencin. A historiadora de arte norte-americana Whitney Chadwick, analisou e transcreveu o discurso: «Though she has masculine defects, she has every conceivable feminine quality. The greatest error of most women artists is that they try to surpass men, losing in the process their taste and charm. Laurencin is very different. She is aware of the deep differences that separate men from women – essential, ideal differences. Mademoiselle Laurencin’s personality is vibrant and joyful. Purity is her very element.», in CHADWICK, Whitney, *Women, Art, and Society*, p.296.

⁵⁸³ «António Ferro levou “espiritualmente”, ao Brasil, na sua recente viagem, dez artistas portugueses (...) Na sua “valise” diplomática seguiu, porém, uma boa centena de desenhos, espécie de cartão de visita da arte portuguesa.», in *Diário de Lisboa*, 2 de março, 1942, p.5. [Em linha]. [Consultado a 15/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1942&mes=03; ACCIAIUOLI, Margarida, *António Ferro: A vertigem da palavra. Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo*, p.323-334.

⁵⁸⁴ «Além da Exposição do Livro Português [...] teve lugar no Rio de Janeiro [...] uma Exposição de Desenhos de artistas nacionais modernos.», in *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº8, abril, 1942, p.4-5 e 22-23.

⁵⁸⁵ ACCIAIUOLI, Margarida, *António Ferro: A vertigem da palavra. Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo*, p.323-334; Ver ainda: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº8, abril, 1942, p.4-5 e 22-23; *Diário de Lisboa*, 2 de março, 1942, p.5. [Em linha]. [Consultado a 15/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1942&mes=03.

além-fronteiras⁵⁸⁶.

Ainda no ano de 1942, nos meses de abril e maio, Ofélia participou em mais uma mostra, promovida pelo S.P.N. Mais precisamente na *1ª. Exposição dos Artistas Ilustradores Modernos*, organizada por Paulo Ferreira, e dedicada ao «primeiro renovador das artes gráficas do século XX», o arquiteto José Pacheco⁵⁸⁷.

Almada Negreiros, Eduardo Anahory, Bernardo Marques, Clementina Carneiro de Moura, foram alguns dos artistas que também participaram no certame, que teve lugar no estúdio do S.P.N.⁵⁸⁸.

Ofélia exibiu vários trabalhos. *Ilustrações*, que concebeu para o conto infantil *O rei da montanha de ouro*, dos Irmãos Grimm – tradução Lobo Vilela – dado à estampa em 1940, *Desenhos*, de um álbum intitulado *Meninas*, e um desenho, *Meninas*, que fez para o *magazine* trimestral fundado por Vitorino Nemésio (1901-1978), *Revista de Portugal*⁵⁸⁹. No desenho, não datado, não assinado⁵⁹⁰ [fig.185], a figura feminina, de feições bonitas e longos cabelos, concentra o olhar no que tem nas mãos – uma agulha, uma linha solta, e o que parece ser um brinquedo. No dedo indicador da mão direita, tem também um dedal. A expressão é séria, e transparece uma certa melancolia. Do seu lado direito, sobre a mesa redonda, estão diferentes objetos. Uma caixa de costura aberta, de onde sobressai um “porta alfinetes”, um carrinho de linha, uma tesoura. E uma boneca, com um vestido remendado? Ou por costurar?

Atrás de si, uma moldura, com um esboço indecifrável, uma cadeira, uma cómoda de três gavetas, e na parte superior do móvel, uma jarra, com uma planta, de caule fino, flores e folhas vistosas.

A linha de toda a composição é de espessura variável. Sobressai o contraste entre tons escuros e claros. É possível que Ofélia tenha desenhado a tinta-da-china e grafite, e pintado as formas a guache ou pastel.

⁵⁸⁶ O livro *Maria cotovia*, de Rosa Silvestre, ilustrado por Ofélia Marques, foi um dos muitos títulos representados na *I Exposição do livro feminino de Portugal no Brasil*, que teve lugar na cidade Rio de Janeiro, em 1949.

⁵⁸⁷ *1ª. Exposição dos Artistas Ilustradores Modernos: Catálogo*; Também : *Diário de Lisboa*, 24 de abril, 1942, p.5. [Em linha]. [Consultado a 15/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1942&mes=04

⁵⁸⁸ Idem, *ibidem*.

⁵⁸⁹ Idem, *ibidem*; Não foi possível identificar, quantos desenhos faziam parte do Álbum «Meninas», como descrito no catálogo; Um dos desenhos, desse Álbum, foi reproduzido na revista *Panorama*.

⁵⁹⁰ Não foi possível localizar a pintura original. O desenho foi reproduzido em: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº9, junho, 1942, p.15-16.



Fig.185

Ofélia Marques, *s/título*, s/d.

Coleção: -

Fonte da Imagem: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº9, junho, 1942, p.15-16

Observações: Não assinado/Não datado.

Data [aprox. final da década de 30, início dos anos



Fig.186

Ofélia Marques, *Meninas*, 1937.

Coleção: -

Fonte da Imagem: *Revista de Portugal*, nº7, vol.2, abril, 1939.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo).

Na pintura *Meninas*⁵⁹¹ [fig.186], a expressão das duas figuras, de gestos delicados, é pouco alegre. A menina do vestido com três botões com uma gola, que ampara a criança sentada no muro, olha para baixo, num olhar fixo e distante. A pequena, de cabelo liso bem penteado, de lábios cerrados, que segura na mão direita uma gaiola com um grilo, olha em frente, e o seu olhar determinado, revela uma certa tensão. No fundo, sobressaem várias flores e folhas em movimento. Algumas bem delineadas. Outras, por outro lado, de traço que parece “inacabado”. O desenho está datado, 1937, e assinado.

Para a história infantil *O rei da montanha de ouro*⁵⁹², Ofélia criou com sensibilidade, personagens femininas e masculinas esbeltas, de rosto bonito e gestos formosos.

⁵⁹¹ *Revista de Portugal*, nº7, vol.2, abril, 1939.

⁵⁹² GRIMM, *O rei da montanha de ouro*, trad. Lôbo Vilela, Lisboa, Editorial Inquérito, 1940; Nesta edição, podem visualizar-se alguns desenhos de João Carlos Celestino Gomes. A capa colorida, também é da autoria do pintor.

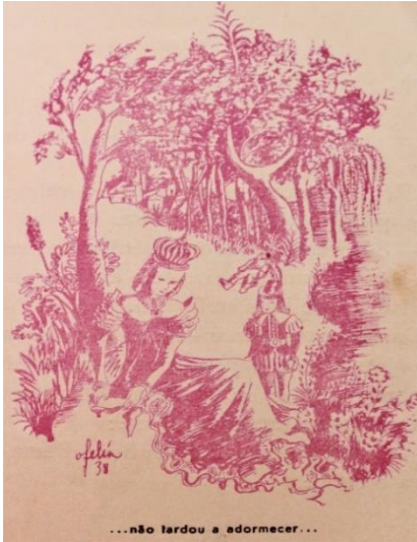


Fig.187

O rei da montanha de ouro, Irmãos Grimm.trad. Lôbo Vilela, 1940, p.27. Ilustrações de Ofélia Marques

Coleção: Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior esquerdo).

Criou com traço firme, divertidas, altas e fortes figuras, de olhar terno. Compôs com graciosidade e minúcia, diferentes cenários interiores e exteriores, como, jardins repletos de flores e árvores vigorosas, iluminadas pela luz solar, casas com quartos bonitos, e outros espaços, como salas, com janelas abertas, e visível vegetação⁵⁹³[fig.187], [fig.188], [fig.189], [fig.190], [fig.191], [fig.192], [fig.193].

Ofélia desenhou a tinta-da-china e grafite⁵⁹⁴. As ilustrações foram impressas pela «Editorial Inquérito», a quatro cores vivas, azul, rosa, verde e laranja⁵⁹⁵.

O poeta e cronista Vitorino Nemésio, redigiu algumas linhas sobre a mostra coletiva promovida pelo S.P.N., e aplaudiu a iniciativa, mas principalmente, a qualidade das distintas obras apresentadas⁵⁹⁶. Pelas suas palavras, bonitos «desenhos, guaches, aguarelas e gravuras que [se] vi[r]am»⁵⁹⁷ e deixaram o público e os críticos muito satisfeitos:

Não falta, entre nós, quem saiba ilustrar (com espírito, com brilho, com graça e com excelente técnica) tôdas as modalidades da literatura de ficção, desde o romance à poesia [...] O público foi – e saiu satisfeito. Os críticos profissionais reflectiram êsse agrado e a grata surpresa que o certame constituiu, louvando a ideia e aplaudindo a realização [...] - Porque, afinal, esses *alguns* artistas eram bem mais do que pareciam!

⁵⁹³ Idem, *ibidem*. Ver Anexos.

⁵⁹⁴ Na Col. Particular em depósito na F.A.S.V.S., pasta 11, podem visualizar-se os desenhos originais a tinta-da-china.

⁵⁹⁵ GRIMM, *O rei da montanha de ouro*, trad. Lôbo Vilela, Lisboa, Editorial Inquérito, 1940.

⁵⁹⁶ *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº9, junho, 1942, p.15-16.

⁵⁹⁷ Idem, *ibidem*, p.15-16.

Além disso, todos distintos uns dos outros, inconfundíveis. Desde Stuart de Carvalhaes [...] a Milly Possoz a Ofélia Marques, que variedade de estilos, de maneiras, de processos! [...] Ampliando o interesse deste feliz acontecimento artístico, viam-se, em vitrinas, algumas dezenas de revistas e livros ilustrados pelos expositores e por outros artistas que – por razões várias - não se fizeram representar com trabalhos originais.⁵⁹⁸

Carlos Queiroz, também não poupou elogios aos muitos trabalhos «a lápis, tinta-da-china, guache, gravura em madeira, ponta-sêca e litografia», exibidos na 1.^a *Exposição dos Artistas e Ilustradores Modernos*⁵⁹⁹.

Como notou, desenhos que revelaram «uma diversidade desconcertante [...] diversidade de temperamentos, de assuntos, de estilos, de processos. Diversidade [...] tão saliente e admirável.»⁶⁰⁰. E sobre as pinturas de Ofélia Marques, e por exemplo, de outras artistas como Sarah Affonso, Clementina Carneiro de Moura ou Mily Possoz, escreveu:

«Mily Possoz, Sarah Affonso, Mário Eloy, Clementina Manta, Ofélia Marques [...] aptos para nos encantar, com belos e graciosos desenhos, em livros de poesia, novelas e histórias para crianças.»⁶⁰¹.

Como foi redigido no *Diário de Lisboa*, sem dúvida, Ofélia Marques «encantou [os presentes] com o seu álbum “Meninas”»⁶⁰².

No mesmo ano, e como veremos no próximo capítulo, para além de ter marcado presença em duas mostras, Ofélia concebeu ainda algumas ilustrações para diferentes *magazines*. A capa do número 12 da *Panorama*, foi também da sua autoria⁶⁰³.

Na tarde de 8 de janeiro de 1944, foi inaugurada a 8.^a *Exposição de Arte Moderna*, no estúdio do S.P.N.⁶⁰⁴. Ofélia Marques, Mily Possoz, Lino António, Inês Guerreiro, e tantos outros artistas, marcaram presença no certame⁶⁰⁵.

Ofélia apresentou (novamente) a pintura a óleo sobre madeira, *Retrato de Luísa*⁶⁰⁶[fig.173].

⁵⁹⁸ Idem, *ibidem*, p.15-16; Neste artigo podem visualizar-se vários desenhos que foram expostos no certame de 1942, de Clementina Carneiro de Moura, Mily Possoz, Bernardo Marques, entre outros artistas.

⁵⁹⁹ *Atlântico: revista Luso - Brasileira*, nº2, 1942, p.336-343.

⁶⁰⁰ Idem, *ibidem*, p.336-343.

⁶⁰¹ Idem, *ibidem*, p.343.

⁶⁰² *Diário de Lisboa*, 24 de abril, 1942, p.5. [Em linha]. [Consultado a 15/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1942&mes=04.

⁶⁰³ *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº12, dezembro, 1942.

⁶⁰⁴ *Diário de Lisboa*, 8 de janeiro, 1944, p.5. [Em linha]. [Consultado a 20/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1944&mes=01

⁶⁰⁵ 8.^a *Exposição de Arte Moderna no estúdio do SPN: Catálogo*.

⁶⁰⁶ Idem, *ibidem*; Na *Panorama revista portuguesa de arte e turismo*, nº19, fevereiro, 1944, pode visualizar-se uma reprodução da pintura de Ofélia, e também de outros artistas.

O certame contou com muita afluência do público. E nas palavras de Carlos Queiroz, muitos foram também os que gostaram do que viram⁶⁰⁷.

Os galardões de pintura foram atribuídos a Mily Possoz, «Prémio Sousa Cardoso», e Frederico George (1915-1994) «Prémio Columbano». Martins Correia (1910-1999), foi premiado com o galardão de escultura «Manuel Pereira»⁶⁰⁸.

Na segunda quinzena de outubro, do mesmo ano, Ofélia Marques, Manuel Bentes (1885-1961), Dórdio Gomes, Mily Possoz, Abel Manta, Bernardo Marques, e o (recém) diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea em Lisboa (M.N.A.C.), Diogo de Macedo, foram convidados a expor na Galeria de Antiguidades *Calendas*, situada na Rua das Chagas em Lisboa⁶⁰⁹.

Ofélia exibiu uma variedade interessante de trabalhos. Desde aguarelas, *História Bonita e Contraste*, um desenho, *O Brinquedo*, e uma pintura a pastel, *Retrato de Menina*⁶¹⁰. No catálogo *Calendas: Exposições de Pintura, Escultura, Desenhos, Gravuras, Objectos de Colecção e Antiguidades*, Diogo de Macedo, escreveu breves palavras sobre a atividade e produção artística, dos diferentes expositores⁶¹¹. Sobre o percurso de Ofélia Marques notou:

Sem compromissos de estudo em qualquer Escola de Arte, esta artista deve-se exclusivamente aos seus dons de gosto e sensibilidade, praticando com a maior independência e apenas encorajada pelos museus e galerias que visitou no estrangeiro. Ilustradora e pintora, distinguiu-se em diversas exposições de carácter moderno a que tem concorrido, tendo conquistado prémios e louvores da crítica. As suas actividades como ilustradora, principalmente, lhe impuseram a categoria de que gosa [sic]⁶¹².

Pouco tempo depois do momento de abertura do certame coletivo, a *Eva* decidiu atribuir o título «Vedeta do Mês» [fig.194] a Ofélia Marques, «por causa do seu talento»⁶¹³.

⁶⁰⁷ *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº19, fevereiro, 1944.

⁶⁰⁸ Idem, *ibidem.*; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.127, 153-157; GONÇALVES, Rui Mário, *A Arte portuguesa do século XX*, p.58-60.

⁶⁰⁹ *Calendas: Exposições de Pintura, Escultura, Desenhos, Gravuras, Objectos de Colecção e Antiguidades: Catálogo*; *Litoral: revista mensal de cultura*, nº3, agosto-setembro, 1944, p.349-350; Diogo de Macedo foi nomeado diretor do Museu Nacional de Arte Contemporânea, em 1944. Cargo que exerceu, até ao ano da sua morte em 1959.

⁶¹⁰ Idem, *ibidem*; Não foi possível identificar os desenhos originais apresentados.

⁶¹¹ Idem, *ibidem*.

⁶¹² Idem, *ibidem*; Ver ainda: FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p.120-121.

⁶¹³ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº874, novembro, 1944, p.29.



Fig.194

«Ofélia Marques, a vedeta do mês», in *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº874, novembro, 1944, p.29.

A.H.M.L.

A revista feminina, dedicou igualmente algumas palavras à pintora, e não foi esquecida a sua grande afeição pelos gatos:

Ofélia Marques não tem só talento. Tem também um gato, o “Chaninho”. Que tem talento sabe-o toda a gente e demonstra-se, mais uma vez, com os quadros expostos nas “Kalendas”. Que tem um gato, prova-se pela foto que publicamos. Devemos esclarecer, em todo o caso, que se lhe damos hoje o lugar de honra da VEDETA DO MÊS, o fazemos por causa do seu talento e não por causa do gato⁶¹⁴.

A exposição esteve aberta ao público, até o início de 1945. Ano, em que o Segundo grande conflito Mundial findou, e a oposição (política, literária, artística) ao regime ditatorial de Oliveira Salazar, se começou a manifestar veemente.

De acordo com Rui Mário Gonçalves, a partir da segunda metade da década de 40, políticos, intelectuais artistas «apostaram na queda do regime salazarista. Junto desses ativistas, as concepções neo-realistas obtiveram muito crédito.»⁶¹⁵. No que respeita ao quadro artístico, vários artistas «procuraram dinamizar o meio cultural; instauraram uma consciência crítica mais aguda, no que refere à função social da arte; revalorizaram a

⁶¹⁴ Idem, *ibidem*.

⁶¹⁵ GONÇALVES, Rui Mário, *A Arte portuguesa do século XX*, p.64-79; Ver ainda: FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.239-256.

modernidade, muito para além dos parâmetros» definidos pelo diretor do S.P.N.⁶¹⁶. A realçar, e por último, que anos depois do encerramento do certame na *Calendas*, Ofélia Marques, resolveu oferecer um dos quadros que estiveram patentes na Galeria de Antiguidades - a aguarela *História Bonita* – a Bernardo (de quem já estava separada). Mas o desenhador não teve interesse em ficar com a obra. Por esse motivo, Ofélia pediu à amiga Berta (Bá) Mendes que a guardasse para si. Como se pode ler na missiva redigida pela pintora - nos primórdios da década de 50 – endereçada aos amigos Manuel Mendes e Berta Mendes:

«Á Bá [...] faço o maior empenho em que aceite o quadro “História Bonita”, que tinha oferecido ao Bernardo, e ele recusou. Á Bá pessoalmente deixo em recordação aquilo que há tanto tempo já lhe estava destinado. Aos dois, Bá e Manuel, meus queridos amigos, o meu profundo agradecimento e a saudade da amiga, Ofélia.»⁶¹⁷.

Em julho de 1946, Ofélia Marques, foi uma dos inúmeros artistas que expôs na 1ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas*, na S.N.B.A. em Lisboa⁶¹⁸[fig.195]. Passaram mais de dez anos, desde a última vez que estive no “Palácio” da Rua Barata Salgueiro⁶¹⁹.

Segundo José-Augusto França e Raquel Henriques da Silva, ao todo, participaram na mostra, organizada «anonimamente» por uma unidade antifascista, o

⁶¹⁶«A política cultural [de António Ferro] consagrava alguns velhos, com o Prémio Columbano, e assinalava alguns novos [...] com o Prémio Souza- Cardoso. António Ferro utilizava o nome de Amadeo como emblema da modernidade, mas não mostrava a obra dele junto do grande público.», in Idem, *ibidem*, p.64; Considere-se ainda a seguinte descrição de Raquel Henriques da Silva: «A situação política e ideológica internacional gerada pelo fim da Guerra, em 1945, as expectativas do Partido Comunista Português, que então se empenhou decisivamente no confronto com o salazarismo, a ativa difusão [...] das conclusões do Congresso dos Escritores de Moscovo, enunciadas por [Maxim] Gorky, propondo o “realismo socialista” como a única prática artística comprometida com um projeto progressista de sociedade, constituíram o quadro de referência de alguns jovens pintores em início de carreira que foram simpatizantes ou militantes do Partido Comunista Português, admiravam os romances de [...] Alves Redol, Manuel da Fonseca ou Soeiro Pereira Gomes [...] sonhavam aproximar-se da força imagética e discursiva dos grandes muralistas mexicanos [...] ou da pintura do brasileiro Cândido Portinari.», in SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.396.

⁶¹⁷ «Para Berta Mendes e Manuel Mendes de Ofélia Marques», carta escrita por Ofélia Marques, sem data. Disponível na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa. Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.; Apesar de não estar datada, esta carta foi muito provavelmente escrita por Ofélia, nos primórdios da década de 50. Trata-se de uma das várias cartas de despedida que a artista redigiu, pouco tempo antes da sua morte.

⁶¹⁸ 1ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo; Mundo Literário: semanário de crítica e informação literária, científica e artística*, nº9, 6 de julho, 1946, p.16. [Em linha]. [Consultado a 27/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/MundoLiterario/MundoLiterario.htm>.

⁶¹⁹ Refere-se a participação de Ofélia Marques no *Salão de Inverno*, na S.N.B.A. em Lisboa, no final do ano de 1932.



Fig.195

Exposição Geral de Artes Plásticas, S.N.B.A. Lisboa, 1946. Pormenor de uma das paredes, com quadros expostos. Da esquerda para a direita, a 3ª pintura (a óleo) – *Menina* – é da autoria de Ofélia Marques.

Col. Estúdio Mário Novais/ Biblioteca de Arte (F.C.G.).

Fonte da imagem: Disponível em:

<http://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=187141&img=56631>

Movimento de Unidade Democrática (M.U.D.) «controlado pelo Partido Comunista Português», mais de noventa artistas - «velhos e novos» - desde pintores, desenhadores, escultores, arquitetos, publicitários e um fotógrafo⁶²⁰.

Por exemplo, na pintura ou desenho, os naturalistas António Saúde (1875-1958), Abel Salazar (1889-1946), muitos modernistas, das diferentes gerações, Abel Manta, Carlos Botelho, Clementina Carneiro de Moura, Maria Keil, os jovens Rui Pimentel (Arco) (1924-2015), Júlio Pomar (1926-2018)⁶²¹.

⁶²⁰ «A Subcomissão dos Artistas Plásticos da Comissão dos Jornalistas, Escritores e Artistas do Movimento de Unidade Democrática, que unificara as forças de oposição política ao regime de Oliveira Salazar no período crítico de 1945, era a responsável anónima pela exposição – do que nem todos os participantes estavam ao corrente, e ainda menos, na altura da inauguração, o órgão do partido governamental...Manifestação artística e manifestação ideológica, ela acolhera velhos republicanos e jovens marxistas, e dúzia e meia de expositores dos salões do S.P.N./S.N.I., entre as quais, aliás, havia de uns e de outros.», in FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.239-256; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.396-399.

⁶²¹Idem, *ibidem*, p.239-256; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p.396-399; Ver também: *1ª. Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo*.



Fig.196

Ofélia Marques, *s/título*, 1942, óleo s/tela.

Coleção: Col. Particular

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo)

Manuel Filipe (1908-2002) e Avelino Cunhal (1886-1966), também marcaram presença no certame⁶²².

Ofélia apresentou duas obras. Um *Desenho*, e uma *Pintura*, pintada a óleo sobre tela⁶²³. Na pintura assinada, e datada de 1942⁶²⁴ [fig.196] uma menina, desenhada a corpo inteiro, em posição frontal, de traços fortes, pele morena. Os seus grandes olhos negros, bem delineados, e sobrancelhas espessas, chamam-nos a atenção. Usa um vistoso laço avermelhado, a amparar a franja.

A expressão da criança é pouco sorridente. Na verdade, é algo semelhante, à de tantas outras figuras femininas pintadas – algumas referidas neste capítulo – por Ofélia Marques. Veste uma camisola grossa, de cor viva, e uma saia rodada em vários tons de azul. Em pé, apoia o braço esquerdo numa cadeira alentejana pintada também de azul, enquanto com a mão direita, afasta delicadamente a gola alta da camisola do pescoço. Num fundo de tom claro, sobressai uma planta de bonita ramagem com flores de pequenas pétalas coloridas.

O traço de toda a composição é de espessura variável. A assinatura e data a negro, no canto inferior esquerdo, destaca-se no cenário.

⁶²² Idem, *ibidem*, p.250.

⁶²³ 1ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo*; Títulos das obras como descrito no catálogo.

⁶²⁴ Foi possível identificar que esta foi a pintura exibida no certame, através da fotografia da exposição, consultada na Biblioteca de Arte da F.C.G. - apresentada neste capítulo - mas também, pela crítica de Jorge de Sena, no semanário *Mundo Literário: semanário de crítica e informação literária, científica e artística*, nº11, 20 de julho, 1946, p.8-9. [Em linha]. [Consultado a 27/10/2019].Disponível em: WWW:<URL: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/MundoLiterario/MundoLiterario.htm>.



Fig.197

Ofélia Marques, *Menina*, s/d, tinta-da-china e grafite.

Coleção: -

Fonte da Imagem: RODRIGUES, António (coord.científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.36.

Observações: Assinado (canto inferior direito) /Não datado. Data [aprox. década de 40.]



Fig.198

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, tinta-da-china e grafite.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta8, OM47_330

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. década de 40.]

Este retrato voltou a ser exposto, em 1956, na *X Exposição Geral de Artes Plásticas 1946-1956*⁶²⁵, e em 1982, na mostra *Ofélia Marques, 1902-1952*⁶²⁶.

Ofélia Marques retratou a mesma menina mais do que uma vez. Nos dois desenhos, a tinta-da-china, e grafite [fig.197], [fig.198], a expressão da petiza é séria. No desenho assinado [fig.197], em particular, a criança desenhada a traço fino, está deitada. E os olhos parecem querer fechar.

É muito provável que uma destas obras, tenha sido exibida na *1ª. Exposição Geral*. Segundo Jorge de Sena (1919-1978), Ofélia apresentou um desenho na sala da S.N.B.A., com a mesma criança representada na pintura a óleo⁶²⁷.

Desconhecemos quem seja o modelo. Possivelmente, trata-se da filha de Maria, como já

⁶²⁵ *X Exposição Geral de Artes Plásticas 1946-1956: Catálogo*.

⁶²⁶ *Ofélia Marques, 1902-1952: Catálogo*. Galeria de São Francisco em Lisboa.

⁶²⁷ Ver: *Mundo Literário: semanário de crítica e informação literária, científica e artística*, nº11, 20 de julho, 1946, p.8-9. [Em linha]. [Consultado a 27/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/MundoLiterario/MundoLiterario.htm>.

referido, «governanta, cozinheira, mulher-a-dias», braço direito de Ofélia nas lidas domésticas, que mesmo depois do fim do casamento do casal Marques, continuou a visitar regularmente a pintora na Calçada dos Caetanos.

No seu livro *Cartas para além do tempo*, Fernanda de Castro recordou sobre os vizinhos do 2º andar, Ofélia e Bernardo, e a ligação de ambos com Maria:

Além do gato havia uma Maria, espécie de mulher-a-dias do casal Bernardo-Ofélia e esta Maria era a mãe daquela criança triste, de grandes olhos negros que a Ofélia desenhara e pintou em alguns dos seus melhores trabalhos. Maria era o braço direito da Ofélia: governanta, cozinheira, mulher-a-dias, etc [...] No 2.º andar da Calçada dos Caetanos ficou só a Ofélia com o seu gato e a sua fiel Maria, que vinha todos os dias algumas horas ajudá-la no serviço da casa⁶²⁸.

Segundo José-Augusto França, as reações ao certame, de uma forma geral, foram positivas. Como sublinhou, o *Diário da Manhã*, por exemplo, considerou admirável o sentido de «solidariedade, vendo-se lado a lado o artista consagrado e o que agora começa.»⁶²⁹.

O *Diário de Lisboa*, elogiou o «poliformismo de escolas e tendências»⁶³⁰. Sobre os trabalhos de Ofélia Marques, em particular, Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) no semanário *Mundo Literário* notou:

A boa pintura das mais opostas tendências convive perfeitamente. Não nos choca ver lado a lado pinturas de Abel Manta e de António Pedro, de Arlindo Vicente e de Cândido da Costa Pinto, de Maria Keil e Ofélia Marques; como não se excluem as aguarelas de Regina Santos e os desenhos de Manuel Filipe ou de Júlio. Este milagre deve-se ao geral equilíbrio da qualidade⁶³¹.

⁶²⁸ CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p.111 e 114; Ver ainda da mesma autora: CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória:1939-1987*, p.16-18.

⁶²⁹ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.244-245. O historiador de arte faz referência a *Diário da Manhã*, 4 de julho, 1946. Artigo anónimo.

⁶³⁰ *Diário de Lisboa*, 4 de julho, 1946, p.3 [Em linha]. [Consultado a 27/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1946&mes=07.

⁶³¹ *Mundo Literário: semanário de crítica e informação literária, científica e artística*, nº11, 20 de julho, 1946, p.1 e 8. [Em linha]. [Consultado a 27/10/2019].Disponível em: WWW:<URL: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/MundoLiterario/MundoLiterario.htm>.

No mesmo semanário, Jorge de Sena também sublinhou:

Há diferenças muito mais profundas entre um Abel Manta, um António Pedro, um Arlindo Vicente e uma Ofélia Marques, de muito longe, na pintura, os melhores expositores [...] Durante largo tempo, o público, quer o dos conservadores, quer o dos modernos, foi sendo habituado a uma fragilidade, a um inacabado, a uma falta de domínio do objecto e da técnica (tudo isso disfarçado, nos conservadores, com muita pinceladinha de tons variados; e nos modernos, com vastas pinceladas de cores simples.). Quero crer que esse público não deve manter-se indiferente, agora, à “Praça de Camões”, de Abel Manta, ao “Nu Sentado”, de António Pedro, à “Menina”, de Arlindo Vicente, à “Pintura”, de Ofélia Marques. Não são já pintores em busca da técnica ou ensaiando a observação; mas artistas que sabem o que querem até aos cantos do quadro.[...]”Pintura”, de Ofélia Marques, representa uma petiza junto de uma cadeira (a mesma petiza figurada no bom desenho nº261); é notável pela luminosidade e pelo pormenor⁶³².

Até 1956 foram organizadas mais algumas edições⁶³³. Os organizadores, tiveram a preocupação de chamar a atenção para a importância da «unidade da Arte», como da «unidade dos artistas», a necessidade de «cooperação», de aproximar «a arte do povo», e transmitir «uma mensagem de amizade e solidariedade»⁶³⁴.

Ao todo, Ofélia marcou presença em duas mostras. Para além da 1ª, expôs também, e como veremos de seguida, na 2ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas*.

No dia 4 de maio de 1947, foi inaugurada a 2ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas*⁶³⁵. Ofélia Marques, Abel Manta, Clementina Carneiro de Moura, João Abel Manta (1928-), António Pedro ou Júlio Pomar, foram alguns dos pintores, desenhadores, que marcaram presença na mostra – com homenagem póstuma

⁶³² Idem, *ibidem*, p.8-9.

⁶³³ «A S.N.B.A. começou a modernizar os seus programas e transformou-se num centro de resistência cultural antifascista. Entre as numerosas exposições colectivas que a S.N.B.A. organizou, destacaram-se as anuais Exposições Gerais de Artes Plásticas (1946-1956), [...] que opuseram às exposições organizadas por António Ferro[...] Nas Gerais predominava a tendência neo-realista.», in GONÇALVES, Rui Mário, *A Arte portuguesa do século XX*, p.64.; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.244-248.

⁶³⁴ As intenções, podem ler-se nos prefácios dos catálogos, por exemplo, da 1ª e 2ª. *Exposição*. Noutras edições (catálogos), repetiram-se as mesmas palavras; Ver: 1ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo*; 2ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo*; Ver ainda: FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.244-245.

⁶³⁵ 2ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo; Diário de Lisboa*, 4 de maio, 1947, p.4. [Em linha]. [Consultado a 27/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL:
http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1947&mes=05



Fig.199

Manuel Mendes, *Busto de figura feminina* [Ofélia Marques?], bronze. Primeira metade década de 40. (pormenor fotografia tirada por José Pessoa, Casa Museu de Manuel Mendes,2000)

Coleção: -

Fonte da Imagem: Arquivo Fundação Mário Soares (Casa Comum) /Manuel Mendes/MNAC-Museu do Chiado

Fonte da imagem: Disponível em:

<http://casacomum.org/cc/pesqArquivo.php?termo=Inteiros+da+Casa-Museu+Manuel+Mendes.+Sala.>

a Abel Salazar - na S.N.B.A.⁶³⁶. Nas palavras de José-Augusto França, «acorreram oitenta e nove expositores, quase tantos como no [certame] anterior, mas com retirada de alguns (como Botelho) e com trinta e quatro nomes novos.»⁶³⁷.

Ofélia Marques, apresentou *Desenhos*⁶³⁸.

A pintora figurou ainda na sala do Palácio da S.N.B.A. em Lisboa, pelas mãos de Manuel Mendes – secção de escultura, *Retrato da pintora Ofélia Marques*⁶³⁹. Como vimos em capítulos anteriores, Manuel Mendes, retratou a artista mais do que uma vez. Por exemplo, na primeira metade da década de 30, fez dois retratos de Ofélia Marques, um a tinta-da-china e grafite, datado de 1932 [fig.158], outro, a tinta-da-china, grafite e aguarela, de 1935[fig.159]⁶⁴⁰.

Observemos a escultura a bronze [fig.199] – da autoria do mesmo artista. Pelas semelhanças com o retrato de 1932 [fig.158], em particular, acreditamos que a figura feminina representada, seja a pintora Ofélia Marques. Repare-se por exemplo no contorno dos olhos ou dos lábios, ou até mesmo no cabelo curto bem penteado. É assim muito provável, que tenha sido o *Retrato* exibido na 2ª *Exposição Geral de*

⁶³⁶ Idem, *ibidem*; «Abel Salazar [...] considerado um precursor do neo-realismo pela sua dedicação aos temas do trabalho operário, embora a sua técnica, dita impressionista, se distanciasse dos processos compositivos dos “novos”», in SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p. 397.

⁶³⁷ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.245.

⁶³⁸ 2ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo*, p.21; Como descrito no catálogo. Não foi possível identificar as obras apresentadas.

⁶³⁹ Idem, *ibidem*, p.12.

⁶⁴⁰ Ver capítulo 4.4 da dissertação.

*Artes Plásticas*⁶⁴¹.

Segundo José-Augusto França e Raquel Henriques da Silva, as críticas à exposição, de uma forma geral, foram simpáticas⁶⁴². Nomeadamente, da parte do *Diário de Notícias*, *Diário de Lisboa* ou *Diário Popular*⁶⁴³. Mas um jornal em particular, o jornal do regime, teceu críticas duras: o *Diário da Manhã*⁶⁴⁴.

De acordo com a explicação de ambos os historiadores de arte, o periódico denunciou o carácter «antinacional» do certame, «fora do clima português», feito por «inimigos declarados ou encapotados da Revolução Nacional»⁶⁴⁵. Como ainda foi redigido, as pinturas expostas representavam «más imitações [...] maus plágios dos bons pintores comunistas mexicanos»⁶⁴⁶.

Com efeito, a índole política da mostra de 1947, foi a mesma do certame de 1946. Mas na 1.^a *Exposição Geral de Artes Plásticas* passou despercebida. Na 2.^a, o caso foi bem diferente. Para além das palavras pouco simpáticas dirigidas, foram ainda apreendidas algumas obras – por exemplo, as pinturas *Guerra* (1947) de Lima de Freitas, *Resistência* (1946-47) de Júlio Pomar, ou *Regresso à terra* (s/d) de Maria Keil⁶⁴⁷. Vários artistas participantes, também foram alvo de interrogatórios da parte da P.I.D.E.⁶⁴⁸.

⁶⁴¹ Importa salientar que se consultou o catálogo da exposição *Colecção de Artes Plásticas de Manuel Mendes*, que teve lugar no Museu de Arte Contemporânea - Museu do Chiado em Lisboa – em parceria com a Fundação Mário Soares - no ano de 2000, mas não se visualizou a escultura. Encontrámos o busto de Ofélia Marques esculpido por Manuel Mendes, nas várias fotografias tiradas ao interior da antiga Casa Museu Manuel Mendes, disponíveis em:

<http://casacomum.org/cc/pesqArquivo.php?termo=Interiores+da+Casa-Museu+Manuel+Mendes.+Sala;>

A salientar que no texto presente no mesmo catálogo, a historiadora de arte Margarida Matias, faz alusão a diferentes esculturas da autoria de Manuel Mendes, nomeadamente os bustos de Ofélia Marques, José Gomes Ferreira ou Berta Mendes.

⁶⁴² FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.245-248; Ver ainda: SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p. 396-399.

⁶⁴³ Idem, *ibidem*, p.245. José- Augusto França refere: *Diário de Notícias*, 5 de maio, 1947; *Diário de Lisboa*, 4 de maio, 1947; *Diário Popular*, 5 de maio, 1947.

⁶⁴⁴ Idem, *ibidem*, p.245. José- Augusto França refere: *Diário da Manhã*, 9 de maio, 1947; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p. 396-399.

⁶⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.245; SILVA, Raquel Henriques da, «Sinais de ruptura: “livres” e humoristas», in PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte portuguesa*, vol. III, «Do Barroco à Contemporaneidade», p. 397.

⁶⁴⁶ Idem, *ibidem*, p.245

⁶⁴⁷ Idem, *ibidem*, p.245-255; Ver ainda: MANTAS, Helena Alexandra Jorge Soares, *Maria Keil, “uma operária das artes” (1914-2012) Arte Portuguesa do século XX*, vol. II, p.153; Ver de Centro Mário Dionísio (online): WWW:<URL: http://www.centromariodionisio.org/Imagens_historial/expgap.pdf; Texto de Hugo Dinis em Atelier Museu Júlio Pomar (online): WWW:<URL: https://www.ateliermuseujuliopomar.pt/html/servicoeducativo/arquivo/ se_arquivo_10_Cad04_Pomar3pinturas/CadSE04amjpPomar3pinturas.pdf

⁶⁴⁸ Idem, *ibidem*, p.245-255.



Fig.200

Da esquerda para a direita: Berta Mendes, Fernando Lopes Graça, Ofélia Marques, Bernardo Marques, Manuel Mendes, Bento Caraça, Cândida Caraça, Costa da Caparica. s/d [década de 40].
Arquivo Fundação Mário Soares (Casa Comum) /Manuel Mendes/MNAC-Museu do Chiado
Fonte da imagem: Disponível em:

<http://casacomum.org/cc/pesqArquivo.php?termo=of%C3%A9lia+marques>

Ao contrário das pintoras Clementina Carneiro de Moura ou Maria Keil, não é conhecido o envolvimento de Ofélia Marques em matéria política⁶⁴⁹. Não obstante, acreditamos que as desigualdades sociais, a falta de liberdade, a resistência ao regime ditatorial, não fossem de todo causas indiferentes a Ofélia. Além disso, é muito provável que a situação opressiva em que o país se encontrava, fosse tema de conversa entre Ofélia e alguns dos seus amigos, resistentes antifascistas, como Manuel Mendes, Fernando Lopes Graça (1906-1994), Bento Jesus Caraça (1901-1948) ou José Gomes Ferreira, entre outros⁶⁵⁰[fig.200].

⁶⁴⁹ Ambas as artistas integraram, por exemplo, o C.N.M.P. (fundado em 1914, encerrado em 1947, por decisão do Governo Civil de Lisboa e a mando das autoridades do Estado Novo), ou o M.D.M. (fundado em 1968). Maria Keil, por outro lado, também fez parte do M.U.D.; Ver: MANTA, Isabel Ribeiro, *A Obra de Clementina Carneiro de Moura*, vol. I, p.10-16; MANTAS, Helena Alexandra Jorge Soares, *Maria Keil, "uma operária das artes" (1914-2012) Arte Portuguesa do século XX*, vol. I; Ver também: ESTEVES, João Gomes, «Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, p.243-244; TAVARES, Manuela, «Movimento Democrático de Mulheres», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Feminae Dicionário Contemporâneo*, p.114.

⁶⁵⁰ Vários destes intelectuais fizeram parte do M.U.N.A.F (Movimento de Unidade Antifascista), depois extinto, seguido do M.U.D.; Foram, por isso, simpatizantes/militantes do Partido Comunista Português.



Fig.201

«Ao topo da sala principal e em volta aos escritores estrangeiros premiados com o “Prémio Camões”, figuravam todos os premiados do S.N.I. – Prémios Literários e Artísticos», in *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº34, 1948. Com participação de Ofélia Marques. A.H.M.L.

Fonte da imagem: Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/Panorama.htm>

As *Exposições Gerais* que se seguiram, até 1956, passaram a ser alvo de censura⁶⁵¹. No ano seguinte ao encerramento da 2.^a *Exposição Geral de Artes Plásticas*, António Ferro, organizou as suas últimas atividades como diretor do S.N.I. Nos primórdios da década de 50, foi nomeado ministro de Portugal em Berna, onde permaneceu até 1953. Foi depois transferido para Roma, onde ficou até 1956⁶⁵².

De janeiro de 1948, aos primórdios de 1952, Ofélia Marques, para além de conceber ilustrações para diferentes revistas e outras publicações, esteve ainda representada em três certames do S.N.I. Em 1948, na exposição *Catorze Anos de Política do Espírito* [fig.201], nas novas instalações do S.N.I, o Palácio Foz em Lisboa⁶⁵³, no ano

⁶⁵¹ GONÇALVES, Rui Mário, *A Arte portuguesa do século XX*, p.64-67; FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.245-248; A S.N.B.A., da qual a pintora Clementina Carneiro de Moura também fez parte da direção – entre o final do ano de 1947, e meados de janeiro de 1950– viu ainda as suas atividades suspensas, no ano de 1952. Informação confirmada por e-mail (com digitalização do documento original da tomada de posse da artista), por Rui Manuel Penedo (diretor executivo da S.N.B.A.), no dia 3 de fevereiro de 2016; Tomada de posse em 27 de dezembro, 1947, tendo Maria Clementina Carneiro de Moura, presidido pela última vez a uma reunião da Direção, no dia 19 de janeiro de 1950; Foi em 1989, na sede do M.D.M em Lisboa, que se realizou a sua primeira (e única) exposição individual. Foram apresentadas dezassete obras no total. Ver sobre percurso da pintora: ESTEVES, João Gomes, «Maria Clementina Carneiro de Moura», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, p.619; MANTA, Isabel Ribeiro, *A Obra de Clementina Carneiro de Moura*, vol. I., p.10-16; WWW:<URL: <https://www.mdm.org.pt/clementina-carneiro-moura/>

⁶⁵² ACCIAIUOLI, Margarida, *António Ferro: A vertigem da palavra. Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo*, p.348-349; CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1906-1939*, p.89-91.

⁶⁵³ Idem, *ibidem*, p.181-196. Ao longo do estudo de Margarida Acciaiuoli podem visualizar-se várias fotografias do certame.

seguinte, na mostra *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.*, também no mesmo palácio⁶⁵⁴, e por último, em fevereiro 1952, no certame *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.*, no mesmo espaço na Praça dos Restauradores em Lisboa⁶⁵⁵. No certame de 1948, foram exibidos desenhos que Ofélia fez para alguns periódicos editados pelo Secretariado, como por exemplo, a revista *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*. A pintura a óleo *Criança* [fig.182], foi exposta no certame de 1949⁶⁵⁶, e a aguarela *História Bonita*, na *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.*, de 1952⁶⁵⁷. De 1940, a fevereiro de 1952, Ofélia Marques, marcou presença em mais de uma dezena de exposições. Foi galardoada com um prémio de pintura, e a crítica acompanhou com entusiasmo o seu trabalho.

Analisemos de seguida, o seu percurso como ilustradora. As personagens que criou, os cenários que pintou, para diferentes publicações ao longo da década de 40.

⁶⁵⁴ *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.* Maio 1949; *Diário de Lisboa*, 7 de maio, 1949,p.7. [Em linha]. [Consultado a 27/10/2019]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1949&mes=05

⁶⁵⁵ *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.* fevereiro 1952.

⁶⁵⁶ *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.* maio 1949. Como descrito no catálogo.

⁶⁵⁷ *Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.* fevereiro 1952. Como descrito no catálogo.

6.2 – As ilustrações em periódicos⁶⁵⁸

«Os desenhos de Ofélia Marques, caracterizam-se [...] por essa mesma delicadeza, e por um sentido feminino do traço e da cor. Os seus apontamentos de crianças são de uma grande ternura sorridente.»

[Manuel Mendes [1944]]⁶⁵⁹



Fig.202

Ofélia Marques, s/d, [aprox.1ª. metade década de 40].

Arquivo Particular [I]

Como vimos no capítulo anterior, no final da década de 30, Ofélia Marques concebeu um desenho para a *Revista de Portugal*⁶⁶⁰. A pintura *Meninas* (1937)⁶⁶¹ [fig.186], foi exibida na *1ª.Exposição dos Artistas Ilustradores Modernos*, no estúdio do S.P.N. em Lisboa, em 1942.

Bernardo Marques, Maria Keil ou Sarah Affonso foram alguns dos artistas, que também fizeram ilustrações para o *magazine*. Diferentes autores como José Régio (1901-1969), Mário Dionísio (1916-1993) ou Carlos Queiroz, escreveram crónicas, novelas, poemas, para a revista trimestral de Vitorino Nemésio, fundada em 1937. O último número foi publicado em 1940⁶⁶².

⁶⁵⁸ Ver Apêndice B.

⁶⁵⁹ MENDES, Manuel, *Considerações sobre as Artes Plásticas*, p.59; Neste obra, pode visualizar-se um desenho de Ofélia Marques.

⁶⁶⁰ *Revista de Portugal*, nº7, vol.2, abril, 1939; Ao todo foram publicados - de 1937 a 1940 - 10 números.

⁶⁶¹ Idem, *ibidem*. Ver desenho e análise do mesmo, no capítulo 6.1 da dissertação.

⁶⁶² A revista pode ser consultada online em: WWW: <URL:

http://webopac.sib.uc.pt/search~S17*por?/trevista+de+portugal/trevista+de+portugal/1,5,9,E/1856~b1595092&FF=trevista+de+portugal&2,,5,1,0



Fig.203

Eva: jornal da mulher e do lar, nº851, edição de natal, dezembro, 1942.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo.); A caixa que contém correspondência de Ofélia Marques, presente na Biblioteca do M.N.A.C. – Museu do Chiado, está forrada com esta imagem.

Em 1942, Ofélia foi convidada por Carolina Homem Christo, a colaborar – novamente – na *Eva*. Passaram mais de cinco anos, desde a última vez que concebeu ilustrações para a revista feminina⁶⁶³.

No número 851 - da edição especial de Natal, de dezembro de 1942 – podemos apreciar as linhas suaves, por si esboçadas⁶⁶⁴. Duas figuras femininas, representadas a corpo inteiro, partilham um momento ternurento, numa paisagem idílica, repleta de cores quentes e luminosidade [fig.203].

Com criatividade, Ofélia celebrou a chegada da «Primavera», como Bernardo Marques, Estrela Faria, e Paulo Ferreira, desenharam a beleza do começo das outras estações⁶⁶⁵.

⁶⁶³ Ver capítulo 4.2 da dissertação; Como já foi referido, em 1941, a *Eva* dedicou algumas palavras a Ofélia Marques, a propósito da atribuição do Prémio Sousa Cardoso. Também em 1941, foi reproduzida na revista, a pintura *Crianças* da autoria da artista. Ver: *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº814, 15 de fevereiro, 1941, p.7; nº839, edição de natal, dezembro, 1941, p.30.

⁶⁶⁴ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº851, edição de natal, dezembro, 1942.

⁶⁶⁵ Idem, *ibidem*; No mesmo número da *Eva*, Bernardo Marques, desenhou o «Verão», Estrela Faria, o «Outono», e Paulo Ferreira, o «Inverno».



Fig.204

Eva: jornal da mulher e do lar, nº857, junho, 1943, p.32-33.

(pormenor) «Crónica risonha» de Joana de San Matheus

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Não assinado/Não datado.



Fig.205

Eva: jornal da mulher e do lar, nº858, julho, 1943, p.10-11.

(pormenor); «Crónica portuense» de Aurora Jardim Aranha

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado («Of» canto inferior direito)/ Não datado.



Fig.206

Eva: jornal da mulher e do lar, nº859, agosto, 1943, p.10-11.

(pormenor); «Crónica vaidosa» de Merícia de Lemos

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado («Of» canto inferior esquerdo)/ Não datado.

No ano de 1943, Ofélia ilustrou três crónicas. «Crónica Risonha», de Joana de San Matheus (?-?), «Crónica portuense», de Aurora Jardim Aranha, e «Crónica vaidosa», de Merícia de Lemos⁶⁶⁶.

Com linha fluante, criou algumas jovens senhoras, de rosto bonito, olhar brando, bem vestidas e apetrechadas de acessórios elegantes [fig.204]. Outras, também de rosto belo, e lindos vestidos e chapéus, mas de expressão pouco cândida [fig.206].

Com traço de diferentes espessuras, desenhou ainda personagens masculinas e femininas de expressão sorridente, e trajas simples. Num cenário ornamentado com diferentes motivos populares, homens, mulheres e crianças, confraternizam alegremente [fig.205]. As ilustrações das crónicas redigidas por Aurora Jardim Aranha e Merícia de Lemos, estão assinadas. A assinatura, está abreviada - «of»⁶⁶⁷.

⁶⁶⁶ Idem, *ibidem*, nº857, junho, 1943, p.32-33; nº858, julho, 1943, p.10-11; nº859, agosto, 1943, p.10-11.

⁶⁶⁷ Idem, *ibidem*, nº858, julho, 1943, p.10-11; nº859, agosto, 1943, p.10-11.



Fig.209

Eva: jornal da mulher e do lar, nº911, edição de natal, dezembro, 1947, p.24-25.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior esquerdo/ e direito) /Não datado.

Nos anos em que marcou presença na 8ª *Exposição de Arte Moderna*, e expôs na Galeria de Antiguidades *Calendas*, portanto 1944 e 1945, Ofélia Marques também ilustrou as quadras de natal de José Régio⁶⁶⁸, e o conto traduzido «A noite de todas as crianças» de P. L. H. Smith (?-?)⁶⁶⁹. Traçou com sensibilidade, meninas e meninos bonitos, de olhar doce. Riscou com poesia, esbeltas figuras femininas de expressão graciosa [fig.207], [fig.208]⁶⁷⁰.

Em 1946, Ofélia não trabalhou para a *Eva*. Mas fez ilustrações – e como veremos mais à frente - para outros periódicos, nomeadamente para a *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo* ou *Ver e Crer: cada assunto vale um livro*⁶⁷¹.

A pintora voltou a colaborar com a revista feminina, no ano de 1947.

⁶⁶⁸ Idem, *ibidem*, nº875, edição de natal, dezembro, 1944, p.25; Como vimos no capítulo anterior, foi também em 1944, que a *Eva* nomeou Ofélia Marques a «Vedeta do mês».

⁶⁶⁹ Idem, *ibidem*, nº887, edição de natal, dezembro, 1945, p.16-17.

⁶⁷⁰ Ver Anexos.

⁶⁷¹ «Como quase todos (se não mesmo todos) os modernistas, Ofélia viu as suas ilustrações pontuar páginas de revistas como a “Atlântico”, “Panorama”, “Ver e Crer”, “Revista de Portugal”, ou “Civilização», in FERREIRA, Emília, «Desenhos do silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p.5; Considerem-se também as seguintes referências: ALMEIDA, Bernardo Pinto de, *Arte portuguesa no século XX: uma história crítica*, p. 116; DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, *Dicionário dos autores de banda desenhada e cartoon em Portugal*, p. 82; LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 282-286.

Para o conto traduzido «Uma chávena de chá», da escritora neozelandesa Katherine Mansfield (1888-1923)⁶⁷², Ofélia criou distintas personagens, de rostos sublimes, bem-traçadas. Dos espaços – interiores e exteriores - compostos com traço seguro, sobressaem as sombras, como as formas preenchidas com tons neutros. Breves pinceladas de cores quentes, realçam, a beleza de alguns adornos, como as pétalas das flores, da planta de densa ramagem[fig.209].

Nesse ano, Ofélia não desenhou mais para a *Eva*. E nos anos seguintes, ao contrário de Bernardo Marques ou Estrela Faria, por exemplo, também não⁶⁷³.

Em 1955, a revista feminina, em homenagem póstuma, recordou a atividade e produção artística de Ofélia Marques «uma das [suas] colaboradoras mais assíduas»⁶⁷⁴. Assim como em 1967⁶⁷⁵.

O último número do *magazine*, fundado em meados dos anos 20, foi dado à estampa em 1989.

No início da década de 40, Ofélia iniciou também a sua colaboração com a *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, editada pelo S.P.N./S.N.I.⁶⁷⁶. Em 1941, ilustrou as criativas quadras populares de Carlos Queiroz⁶⁷⁷. Criou diferentes personagens, de rosto simpático, gestos sensíveis, e figuras religiosas, padroeiras das festas populares [fig.210]⁶⁷⁸.

No ano seguinte, foi publicado o número 12 – edição de Natal – da revista, com capa colorida da sua autoria⁶⁷⁹.

No desenho assinado, e datado de 1938⁶⁸⁰ [fig.211], uma figura feminina, de rosto majestoso, longos cabelos alourados, olhos claros, face rosada, lábios bem delineados,

⁶⁷² *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº911, edição de natal, dezembro, 1947, p. 24-25.

⁶⁷³ Refere-se por exemplo os desenhos dos artistas presentes em: Idem, *ibidem*, nº923, edição de natal, dezembro, 1948.

⁶⁷⁴ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº1000, maio, 1955, p.9

⁶⁷⁵ Idem, *ibidem*, nº1149, edição de natal, dezembro, 1967, p.37-41; Artigo algumas vezes referido ao longo da dissertação.

⁶⁷⁶ Ofélia desenhou primeiro para a *Panorama* e depois para a *Eva*. Contudo, por ter sido publicado um artigo na *Eva* em fevereiro de 1941, a propósito da atribuição do prémio Sousa Cardoso, e por esse incluir obras da pintora, decidiu-se seguir esta ordem. Por isso se refere primeiro a *Eva*, e de seguida a *Panorama*. Ver- Apêndice B

⁶⁷⁷ *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº2, julho, 1941.

⁶⁷⁸ Ver Anexos.

⁶⁷⁹ *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº12, edição de natal, dezembro, 1942. Capa; Ver também: SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha]. [Consultado a 18/06/2018]. Disponível em: WWW:<URL: <https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>; Como já foi referido no capítulo anterior da dissertação, nos números 8 e 9 - de abril e junho de 1942 - da *Panorama*, estão reproduzidos alguns desenhos de Ofélia, que foram exibidos nos certames de desenhos do S.P.N.

⁶⁸⁰ O desenho tem data de 1938; apesar de ter sido publicado na *Panorama*, em 1942.



Fig.211

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº12, edição de natal, dezembro, 1942. Capa de Ofélia Marques.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (centro).

sem grande expressividade no olhar.

Usa um vestido curto, de padrão irregular, sortido de dispersos apontamentos de luz.

Um discreto cinto azul, realça a sua fina cintura.

Sentada num imponente sofá de cores vivas, entre rosas, vermelhos e laranjas, poussa serenamente as mãos delicadas sobre as pernas. Ao seu lado, um gato de riscas castanhas e amareladas, grandes bigodes, e expressivos olhos azuis acinzentados, olha em frente. Para além do bonito felino, a menina usufrui igualmente da companhia de um pequeno pássaro verde e branco.

Atrás de si, nas cortinas do mesmo tom da base da gaiola, dos olhos do bichano, e do vestido de tecido leve, sobressaem algumas flores pintadas de branco. Nesta composição, Ofélia traçou a figura, como todos os elementos - animais, mobiliário, outros objetos - que compõem a cena, com grande pormenor.

Ao contrário da capa que concebeu para a *Eva* em 1932⁶⁸¹[fig.97], por exemplo, nesta obra, pintada a diferentes materiais, nomeadamente, grafite, tinta-da-china, pastel ou guache, Ofélia preencheu o fundo com adornos, riscou linhas de diferentes espessuras, e coloriu as formas com vários tons⁶⁸².

Segundo Jorge Silva, progressivamente, dos anos 30 para a década de 40, o traço de Ofélia Marques «adoça-se, a composição ganha detalhe e a anatomia fica

⁶⁸¹ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº369, 4 de junho, 1932. Capa.

⁶⁸² *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº12, edição de natal, dezembro, 1942. Capa.



Fig.212

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº12, edição de natal, dezembro, 1942, p.11-13.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).

mais realista.»⁶⁸³.

Ao longo dos anos 40, diferentes artistas também desenharam capas para a *Panorama*, como por exemplo, Bernardo Marques (sobretudo), Paulo Ferreira, Eduardo Anahory, Thomaz de Mello, entre outros⁶⁸⁴.

A salientar, que na mesma edição especial de Natal de 1942, no artigo «As crianças e as Artistas Portuguesas», podem visualizar-se alguns trabalhos de Ofélia Marques, como a reprodução (a preto e branco) da pintura *Crianças* [fig.176], exibida na 5ª. *Exposição de Arte Moderna* em 1940, e um desenho assinado e datado, com diferentes meninas e meninos, e um gato, retratados a traço fino⁶⁸⁵ [fig.212].

No mesmo texto, que enaltece a «afinadíssima» sensibilidade das artistas portuguesas, e a sua capacidade de interpretação e representação do universo infantil, podem observar-se ainda alguns desenhos de Clementina Carneiro Moura, Maria Keil, como

⁶⁸³ SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha]. [Consultado a 18/06/2018]. Disponível em: WWW:<URL:<https://almanaque-silva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>.

⁶⁸⁴ Ver por exemplo: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo* -nº1, 2 (junho e julho), 1941, capas de Bernardo Marques; nº7, 1942, capa de Paulo Ferreira; nº36 e 37, 1948, capa de Eduardo Anahory.

⁶⁸⁵*Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº12, edição de natal, dezembro, 1942, p.11-13; Artigo assinado R.C – Será Ruy Cinatti (1915-1986) ?

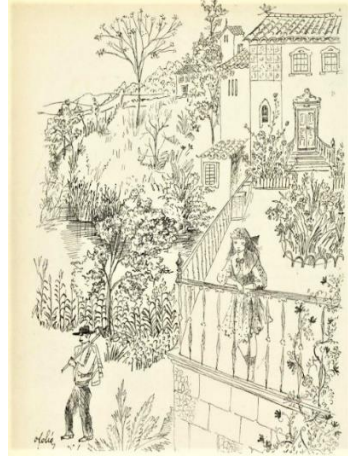


Fig.213 ; Fig.214 e Fig.215

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº20, abril, 1944.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: Disponível em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/Panorama.htm>

Observações: 1ª. ilustração- Não assinado/Não datado; 2ª e 3ª- Assinado (canto inferior esquerdo)./
Não datado

reproduções de pinturas a óleo, de Zoé Batalha Reis, Sarah Affonso ou Estrela Faria⁶⁸⁶. As pintoras Mâmía Roque Gameiro, Mily Possoz e Alice Rey Colaço, também foram evocadas, pela forma, como ao longo dos anos, desenharam e pintaram com ternura, meninas e meninos⁶⁸⁷.

Em 1943, Ofélia ilustrou o artigo «Crianças do nosso povo» da autoria de Rui Neves⁶⁸⁸, e pouco tempo depois de marcar presença na 8ª. *Exposição de Arte Moderna*⁶⁸⁹, no estúdio do S.P.N. - em janeiro de 1944 – desenhou sensíveis ilustrações para as «Viagens na minha infância», redigidas pela poetisa Natércia Freire (1919-2004)⁶⁹⁰[fig.213], [fig.214], [fig.215].

Com traço delicado, criou figuras femininas graciosas, e cenários sumptuosos. Desenhou com minúcia, diferentes ambientes e objetos. Por exemplo, a vasta vegetação,

⁶⁸⁶ «Só um artista dotado de intuição e sensibilidade afinadíssimas [...] E como essas qualidades são essencialmente femininas, a criança, como tema de interpretação artística, seduz mais as mulheres do que os homens [...] as artistas portuguesas [...] têm desenhado e pintado, com ternura e talento, meninas e meninos», in Idem, *ibidem*, p. 11-13.

⁶⁸⁷ Idem, *ibidem*, p. 11-13.

⁶⁸⁸ Idem, *ibidem*, nº18, dezembro, 1943, p.8-9.

⁶⁸⁹ Idem, *ibidem*, nº19, fevereiro, 1944, p.47-51. A pintura *Retrato de Luísa*, de Ofélia Marques, foi reproduzida (a preto e branco) nesta *Panorama*.

⁶⁹⁰ Idem, *ibidem*, nº20, abril, 1944.



Fig.216

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº22, edição de natal, dezembro, 1944, p.24-27.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior direito)./Não datado.

a casa de grandes dimensões, ornamentada com o que parecem ser alguns azulejos. Nos distintos espaços interiores, cortinas floridas, um bengaleiro com espelho, e diferentes acessórios pendurados nos ganchos, como chapéus ou casacos. Também todos os vestidos das diferentes personagens femininas, têm um padrão diferente⁶⁹¹. No mesmo ano, 1944, Ofélia ilustrou ainda a narrativa «Meditação do Natal: A literatura da infância» de Adolfo Simões Müller (1909-1989)⁶⁹². Diferentes figuras, de expressão serena, desenhadas com grande pormenor. A menina de livro na mão, parece narrar uma história. As outras crianças, aparentemente, acompanham com atenção as palavras proferidas. O cenário envolvente é simples [fig.216].

No ano da *1ª. Exposição Geral de Artes Plásticas* na S.N.B.A, 1946, Ofélia ilustrou mais episódios das «Viagens na minha infância» de Natércia Freire⁶⁹³. Esboçou com sensibilidade, meninas e meninos formosos, de expressão delicada, senhoras e cavalheiros elegantes, bem vestidos. Riscou cenários líricos. Nos diferentes desenhos, sobressai, a finura do traço [fig.217], [fig.218], [fig.219], [fig.220], [fig.221]⁶⁹⁴. Breve parêntesis para salientar, que entre o final dos anos 40, e o dealbar da década de 50, a poetisa Natércia Freire continuou a registar em papel, mais algumas memórias da sua meninice. Mas nenhuma foi publicada na *Panorama* ou noutro periódico.

⁶⁹¹ Idem, *ibidem*.

⁶⁹² Idem, *ibidem*, nº22, dezembro, 1944, p.24-27; Neste conto de Adolfo Simões Müller, podem visualizar-se ainda outras personagens desenhadas por Ofélia Marques. As expressões dos meninos e meninas, são semelhantes, às das figuras presentes no artigo «As crianças e as Artistas Portuguesas» - nº12, da edição de natal, dezembro, 1942. Por esse motivo não se reproduziu o desenho em texto, nem nos anexos.

⁶⁹³ Idem, *ibidem*, nº27, 1946; nº30, 1946.

⁶⁹⁴ Ver Anexos.



Fig.222

Infância de que nasci, Natércia Freire, 1957. Capa de Ofélia Marques.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (centro)./Não datado.

As recordações, como os episódios publicados na revista do S.P.N./S.N.I. entre 1944 e 1946, com desenhos de Ofélia, podem ser lidas no volume *Infância de que nasci*⁶⁹⁵. O livro foi dado à estampa, cinco anos depois da morte da pintora, portanto em 1957⁶⁹⁶. No prefácio da obra, Natércia Freire escreveu comoventes palavras, sobre a sensibilidade e a criatividade de Ofélia Marques, e elogiou também o traço «fininho e delicadíssimo» do lápis da pintora (que nunca chegou a conhecer pessoalmente), que tanto a impressionou.

Na mesma introdução, descreveu ainda o momento em que depois de 1952, Bernardo Marques lhe entregou o desenho da autoria de Ofélia, que acabaria por se tornar a capa do seu livro de memórias. Duas figuras femininas, desenhadas a traço vigoroso, com expressão delicada, que partilham um momento prazeroso de leitura[fig.222]. Atentemos no testemunho da escritora⁶⁹⁷:

Quando comecei a escrever estas memórias da infância, há alguns anos já, sem intenção preconcebida de reuni-las em volume, logo após a publicação da primeira na revista *Panorama*, começou a constituir para mim uma verdadeira festa de mistério e de espanto a expectativa de como iriam as outras ser ilustradas.

Talvez se não compreenda bem por que escrevi “festa de mistério e de espanto”; mas não encontro expressão que melhor possa definir a minha perturbada surpresa quando fixava os desenhos de Ofélia para essas confissões.

Como se os tivesse visto, o traço fininho e delicadíssimo do seu lápis desenhava exactamente as figuras e os jardins que eu - eu, sim, e só eu - vira. Uma espécie de

⁶⁹⁵ FREIRE, Natércia, *Infância de que nasci*, 1957. Com capa e ilustrações de Ofélia Marques; As histórias com desenhos de Ofélia são: «Vieram as Estrelas», p.47-56; «A outra menina», p.65-74; «O meu dia», p.93-102.

⁶⁹⁶ Idem, *ibidem*.

⁶⁹⁷ Idem, *ibidem*, p.9-12.

adivinhação guiava com certeza a mão de Ofélia, e desse milagre que nos unia na mesma realidade e na mesma abstracção jamais pude ou quis penetrar o segredo e a beleza. Nesse tempo era o poeta Carlos Queiroz quem dirigia a revista *Panorama* [...] Entregava-lhe os originais e ele se encarregava de os remeter a Ofélia, para que os ilustrasse. Não a conhecia pessoalmente e não cheguei mesmo a conhecê-la [...] Assim, eu fiquei durante muito tempo com a impressão esquisita de que Ofélia era um ser espantosamente bem dotado, mais rico de intuições e mais sábio que o comum dos artistas, capaz de ver o que eu já tinha visto e de reproduzir em pormenor e em poesia recordada, com integral perfeição, o que eu contara. Só três desses desenhos que hoje reúno em volume [...] foram então publicados na revista *Panorama*. E só esses trechos, portanto, foram ilustrados.

Um dia, soube que Ofélia tinha morrido. E, não sei porquê, disse comigo: morreu de solidão!

O que dela, porém, para mim existia, continuava intacto. A fluída comunhão que nos ligara persistia: ali estavam, a atestá-la, tão vivos e precisos, os desenhos das paisagens e das coisas da minha recordação [...] Por mero acaso, ou determinação já prevista – não por nós -, consegui seu marido, o pintor Bernardo Marques, descobrir entre os seus desenhos aquele que ilustra a capa. E nada mais.

O livro ficará assim como que incompleto, pois o leitor sentirá o desejo de ver, em alguns trechos, a perfeição e a poesia das ilustrações de Ofélia. Desejará, tal me aconteceu já, constatar como é possível a um pintor escrever tão claramente e quase aereamente a vida que se recorda...

Será essa sensação de irremediável falta a melhor homenagem que lhe prestaremos [...] Separadas pelo rio da Morte, a minha atitude de admiração e de ternura é hoje acompanhada de uma verdadeira devoção⁶⁹⁸.

A notar, e em particular sobre o desenho [fig.222], que o mesmo foi também reproduzido na revista *Bem Viver* - com direção de Fernanda de Castro - no ano de 1953⁶⁹⁹. Concentremo-nos novamente na colaboração de Ofélia com a *Panorama*. Nos anos de 1947 e 1948, a pintora concebeu desenhos para as histórias «Lisboa, meu Cais- Saudade»⁷⁰⁰, e «Balada do Jardim diferente»⁷⁰¹[fig.223],[fig.224],[fig.225], da autoria de Maria da Graça Azambuja – pseudónimo de Maria da Graça Freire (1919-1993).

Riscou com sensibilidade e grande detalhe, personagens femininas, e distintos cenários campestres e citadinos. Na representação de uma viela lisboeta, por exemplo, Ofélia não esqueceu as particularidades da calçada portuguesa, as águas furtadas, as pequenas varandas decoradas com flores, os curiosos gatos sempre a espreitar. No campo, meninas

⁶⁹⁸ Idem *ibidem*, p.9-12; Ver ainda: FERREIRA, Emília, «Desenhos do silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p.5-8; SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha]. [Consultado a 18/06/2018]. Disponível em: WWW:<URL:<https://almanaquasilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>.

⁶⁹⁹ *Bem Viver*, nº3, março, 1953, p.2-3. Ilustração da narrativa de António de Feliciano de Castilho «As crianças».

⁷⁰⁰ *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº32-33, 1947.

⁷⁰¹ Idem, *ibidem*, nº35, 1948.

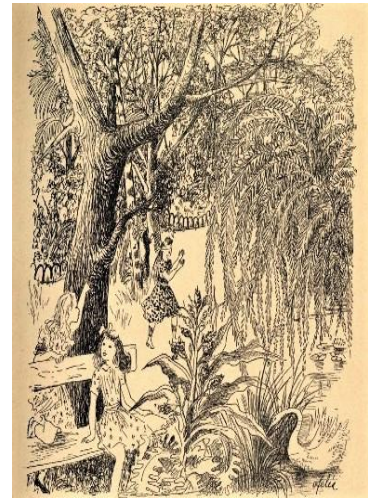
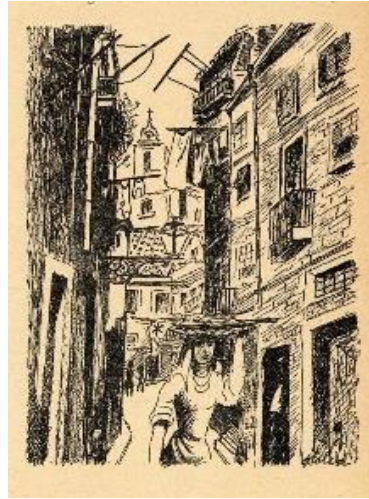
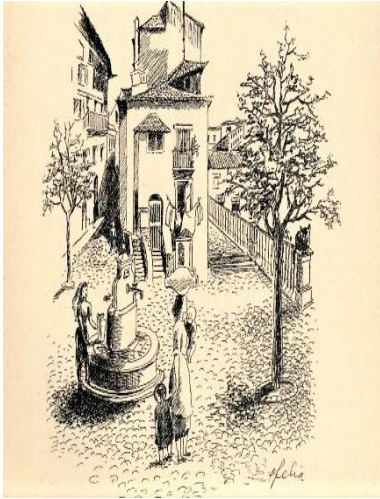


Fig.223 e fig.224

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº32-33, 1947.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: 1.^a ilustração - Assinado (canto inferior direito); 2.^a ilustração - Assinado (canto inferior direito). Nenhum desenhado datado.

Fig.225

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº35, 1948.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem:

fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior direito)./Não datado.

de vestidos bonitos, de expressão sorridente, brincam rodeadas de cisnes, sapos, e lagos, grandes árvores, plantas e flores de todos os formatos. Ofélia conjugou com seu traço delicado, todos os elementos – espaços, objetos, figuras, ações – em perfeita harmonia⁷⁰². Foram as últimas ilustrações que fez para a revista. A ressaltar, que o desenho [fig.223], foi reproduzido na revista (já referida) *Bem Viver*, em 1953⁷⁰³, e também no anuário *Portugal País de turismo: Anuário do Turismo Português*, dois anos depois⁷⁰⁴. No número 3 do *magazine* de Ferreira de Andrade (?-?), pode observar-se o traço de Ofélia, a uma cor⁷⁰⁵.

⁷⁰² Idem, *ibidem*, nº32-33, 1947; nº35, 1948; Ver também mais ilustrações de Ofélia Marques nos Anexos - «Lisboa, meu Cais-Saudade.» [fig.226], [fig.227], «Balada do Jardim diferente» [fig.228], [fig.229].

⁷⁰³ *Bem Viver*, nº7, julho, 1953, p.10-11; Conto de Rachel de Bastos «Passeio pela cidade».

⁷⁰⁴ *Portugal País de turismo: Anuário do Turismo Português*, nº3, 1955, p.48.

⁷⁰⁵ Idem, *ibidem*, p.48. O desenho foi impresso em tons de rosa.



Fig.230

Atlântico: revista Luso-Brasileira. Edição do Secretariado da Propaganda Nacional e do Departamento de Imprensa e Propaganda do Rio de Janeiro, 1ª série, nº2, 1942, p.296-305.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.231

Atlântico: revista Luso-Brasileira. Edição do Secretariado da Propaganda Nacional e do Departamento de Imprensa e Propaganda do Rio de Janeiro, 1ª série, nº5, 1944, p.139-143.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior esquerdo)/Não datado.

Entre 1942 e 1944, Ofélia Marques não trabalhou apenas para a *Eva* e a *Panorama*. Como Clementina Carneiro de Moura, Olavo d'Eça Leal, ou Bernardo Marques, a pintora também teceu ilustrações para a *Atlântico: revista Luso-Brasileira*⁷⁰⁶. Foram diretores da *Atlântico*, António Ferro, mas também, alguns nomes da política e cultura brasileira, nomeadamente, Lourival Fontes (1899-1967), Amílcar Dutra de Menezes (1908-1965) ou António Vieira de Melo (?-?). De acordo com Margarida Acciaiuoli, a revista foi criada no âmbito do «Acordo Cultural Luso-Brasileiro», assinado em setembro de 1941 – na cidade brasileira Rio de Janeiro– por António Ferro e Lourival Fontes (diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda do Governo Brasileiro).

⁷⁰⁶*Atlântico: Revista Luso - Brasileira*, nº2, 1942, p.296-305; nº5, 1944, p.139-143; Ver também: SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha]. [Consultado a 18/06/2018].Disponível em: WWW:<URL:<https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>.



Fig.232

Ofélia Marques, *Uma rapariga vulgar*, s/d, carvão, grafite e tinta-da-china.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta 9, OM59_252

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [início década de 40]



Fig.233

Ofélia Marques, *Maria da Lua*, s/d, carvão, grafite e tinta-da-china.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta 8, OM1_373

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [início década de 40]

O último número do *magazine* foi publicado em março de 1950⁷⁰⁷.

No conto «Uma rapariga vulgar», de Rachel Bastos (1903-1984)⁷⁰⁸, e no romance «Maria da Lua», de Fernanda de Castro⁷⁰⁹, podemos apreciar a delicadeza do traço de Ofélia. Desenhou belas figuras femininas, de silhuetas elegantes, rosto sério e gestos sensíveis. Também, jovens mulheres, de expressão pouco sorridente e gestos enigmáticos. As ações das diferentes personagens principais, decorrem em cenários simples [fig.230], [fig.231].

Até às pinturas finais, publicadas na *Atlântico*, Ofélia Marques riscou a grafite, carvão e tinta-da-china, diferentes posições, expressões e vestuários, para as suas personagens,

⁷⁰⁷ ACCIAIUOLI, Margarida, *António Ferro: A vertigem da palavra. Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo*, p.323-334; Ver também: a ficha histórica da *Atlântico: revista Luso-Brasileira*, escrita por Helena Roldão, da Hemeroteca Municipal de Lisboa, em: WWW:<URL: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Atlantico_RevistaLusoBrasileira/Atlantico.htm .

⁷⁰⁸ *Atlântico: Revista Luso – Brasileira*, nº2, 1942, p.296-305.

⁷⁰⁹ Idem, *ibidem*, nº5, 1944, p.139-143.



Fig.234 e Fig.235

Litoral: revista mensal de cultura, nº2, julho, 1944, p.156-162

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: 1ª ilustração - Não assinado/Não datado;
2ª. ilustração - Assinado (canto inferior direito)/Não datado.

Fig.236

Litoral: revista mensal de cultura, nº6, janeiro-fevereiro, 1945, p.166-174

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem:

<https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>

Observações: Assinado (canto inferior esquerdo)/ Não datado.

tinta-da-china, diferentes posições, expressões e vestuários, para as suas personagens, assim como, distintos adereços para os espaços interiores [fig.232], [fig.233].

No início do segundo semestre de 1944, Ofélia foi convidada por Carlos Queiroz, a colaborar na *Litoral: revista mensal de cultura*.

Atenta a cada palavra redigida pelo romancista brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953), e pelo jornalista e ensaísta português Hernâni Cidade (1887-1975), com seu “lápiz”, criou com poesia, meninas e meninos de expressão cândida, jovens raparigas de rosto bonito e cabelos bem penteados, e gatos de olhar ternurento. Nos distintos universos infantis, sobressai a suavidade do traço de Ofélia⁷¹⁰ [fig.234], [fig.235], [fig.236]. Como a pintora e desenhadora, trabalharam para a revista – com orientação gráfica de Bernardo Marques – Carlos Botelho, Júlio Pereira, Maria Keil, entre outros artistas. Foram publicados, entre junho de 1944 e fevereiro de 1945, apenas 6 números.

⁷¹⁰ *Litoral: revista mensal de cultura*, nº2, julho, 1944, p.156-162; nº6, janeiro-fevereiro, 1945, p.166-174.

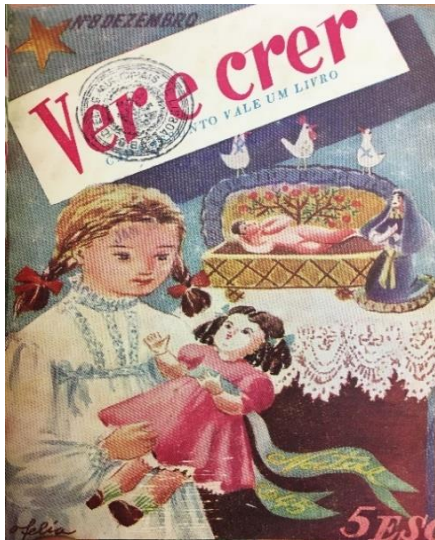


Fig.237

Ver e Crer: cada assunto vale um livro, nº8, edição de natal, dezembro, 1945. Capa de Ofélia Marques.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior esquerdo)/ Não datado



Fig.238

Ofélia Marques, *Capa revista Ver e Crer*, grafite, tinta-da-china, aguarela, guache.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta 2, OM0752

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [2ª metade da década de 40]

Em dezembro de 1945, foi dado à estampa o número 8 – edição especial de natal – da revista *Ver e Crer: cada assunto vale um livro*, com capa colorida da autoria de Ofélia Marques⁷¹¹.

Uma criança [fig.237], retratada a corpo inteiro, olhos esverdeados, cabelo aloirado e bem penteado, com dois vistosos laços vermelhos, fixa o olhar sereno no brinquedo que tem nas mãos. O branco do vestido que usa, com alguns enfeites em diferentes tons de azul e cinza, contrasta com a cor viva do traje da boneca.

Atrás de si, sobre o pano branco e rendado, um Presépio em figurado de Estremoz. Nesta composição, assinada, Ofélia preencheu as diferentes formas, delineadas a traço fino, com uma paleta de tons suaves e frios⁷¹².

⁷¹¹ *Ver e Crer: cada assunto vale um livro*, nº8, edição natal, dezembro, 1945. Capa.

⁷¹² Idem, *ibidem*.



Fig.247
Ver e Crer: cada assunto vale um livro, nº27,
 julho, 1947. Capa de Ofélia Marques.
Coleção: - A.H.M.L.
Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos
 Silva
Observações: Assinado (canto inferior direito)/
 Não datado.



Fig.248
 Ofélia Marques, *Capa revista Ver e
 Crer*, grafite, tinta-da-china.
Coleção: Col. Particular/ em depósito
 na F.A.S.V.S./Pasta 11, OM481
Fonte da Imagem: fotografia de
 Andreia Santos Silva.
Observações: Não assinado/Não
 datado. Data [2ª metade da década de
 40]

Ao analisar o esboço não datado e não assinado [fig.238], é possível confirmar, que para a versão final da capa da *Ver e Crer* [fig.237], a pintora decidiu fazer algumas alterações temáticas e plásticas, nomeadamente, em certas personagens e objetos, mas também, na aplicação de certas cores.

Em 1946 e 1947, Ofélia concebeu sensíveis ilustrações para as narrativas «A casa nova», de Manuel Mendes⁷¹³ [fig.239], [fig.240], [fig.241], e «O amor no meu quintal», redigida pelo romancista Aquilino Ribeiro (1885-1963)⁷¹⁴. No conto de Aquilino Ribeiro, em particular, os gatos - de todos os tamanhos e riscas - foram os principais protagonistas⁷¹⁵ [Fig.242] a [Fig.246].

⁷¹³ Idem, *ibidem*, nº13, maio, 1946, p.9-14; ver desenhos nos Anexos.

⁷¹⁴ Idem, *ibidem*, nº24, março, 1947, p.3-10; ver desenhos nos Anexos.

⁷¹⁵ Idem, *ibidem*; ver desenhos nos Anexos.

Ainda no ano de 1947, no mês de julho, Ofélia desenhou a capa do número 27, da *Ver e Crer*⁷¹⁶. A celebração do verão, com simplicidade, traço delicado e cor, foi o último trabalho que a artista fez para a revista [Fig.247]. No esboço [fig.248], Ofélia delineou expressões, gestos, da figura principal, e com linha suave, compôs o fundo que acabaria por ser preenchido com cor.

Com efeito, o período de 1940, aos primórdios da década de 50, foi de intenso trabalho para Ofélia Marques. Não só marcou presença em inúmeros certames, como trabalhou para várias publicações periódicas.

Pela mesma altura, foi também convidada por diversos autores, alguns seus conhecidos, a ilustrar romances, contos, histórias infantojuvenis. Analisemos de seguida, algumas capas e ilustrações da sua autoria.

⁷¹⁶ Idem, *ibidem*, n°27, julho, 1947. Capa.

6.3 – As ilustrações em livros⁷¹⁷

«A meio da década [de 40], Ofélia ilustra dois interessantes livros [...] *Mariazinha em África* e [...] *No Reino do Sol* [...] onde revela uma rara faceta de animalista, poupando a bicharada da floresta ao cartune e à comédia humana. Em 1959, as Edições Ática reeditam *Mariazinha em África*, verdadeiro bestseller da literatura infantil, que nas edições iniciais dos anos vinte e trinta tinha sido ilustrada por Sarah Af[f]onso.»

[Jorge Silva [2013]]⁷¹⁸



Fig.249

Ofélia Marques, s/d, [aprox.2ª. metade década de 40, início dos anos 50].

Arquivo Particular [I]

Ao longo do segundo quartel do século XX, Fernanda de Castro, dedicou-se à poesia, histórias para crianças e jovens, redigiu romances, algumas crónicas culturais, artigos de moda e lazer, e até peças de teatro. Mas não só. Pelo seu grande interesse por gastronomia, e como sublinhou o investigador Francisco de Almeida Dias, também, por uma certa inquietação pelos «tempos difíceis que se faziam sentir» em Portugal, devido aos efeitos da Segunda Guerra, escreveu, sob o pseudónimo de Teresa Denis, um livro peculiar de receitas – *100 Receitas sem carne*⁷¹⁹. O exemplar foi dado à estampa, nos

⁷¹⁷ Ver Apêndice C.

⁷¹⁸ SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha]. [Consultado a 18/06/2018]. Disponível em: WWW:<URL: <https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>.

⁷¹⁹ DENIS, Teresa, *100 Receitas sem carne*, Livraria Portugália, s/d. Capa Ofélia Marques. Prefácio de Fernanda de Castro; «Os tempos difíceis que se faziam sentir em Portugal, entre outras coisas, através do racionamento da alimentação e do elevado custo de alguns géneros alimentares, como a carne, sugeriram ao espírito inquieto de Fernanda de Castro a edição de uma obra de carácter prático onde podia dar largas

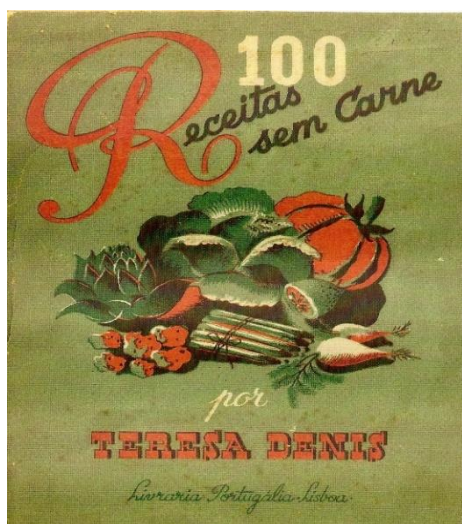


Fig.250

100 Receitas sem carne, Teresa Denis (Fernanda de Castro), s/d. Capa de Ofélia Marques.

Coleção: - F.A.Q.

Fonte da Imagem: F.A.Q.

Observações: Não assinado/Não datado [aprox. 1ª. metade década 40]



Fig.251

Ofélia Marques, *Capa 100 Receitas sem carne*, grafite, tinta-da-china, guache, pastel.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta 2, OM074

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [1ª metade década de 40]

primórdios da década de 40, com capa colorida desenhada por Ofélia Marques⁷²⁰. No desenho, não assinado, não datado [fig.250], estão em grande plano, num fundo simples, um conjunto variado de verduras, vegetais, frutos, desde espargos, couves, nabos, e até uma vistosa abóbora. Assemelha-se a uma natureza morta, género pouco praticado por Ofélia⁷²¹.

No esboço [fig.251], é possível analisar com pormenor, os distintos materiais utilizados pela pintora, como grafite, tinta-da-china e guache. Em ambos os desenhos, predomina um cromatismo de verdes e laranjas [fig.250] e [fig.251].

Segundo Mafalda e Rita Ferro, venderam-se muitos exemplares na altura. O livro foi bem

a mais um dos seus saberes – a culinária.» in DIAS, Francisco de Almeida, *Em Fernanda de Castro: Literatura e Artes Plásticas no português, feminino, plural*, p. 103-104; FERRO, Mafalda, FERRO, Rita, *Retrato de uma família: Fernanda de Castro, António Ferro, António Quadros*, p.58-60.

⁷²⁰ «Não se trata, evidentemente, duma obra completa, dum verdadeiro tratado de culinária, mas dum simples apanhado de receitas destinadas a estes dias de crise em que os talhos vazios dificultam a tarefa das donas de casa. É um livro destinado a combater a monotonia das ementas sem aves e sem carnes de açoque e por isso se me afigura útil e oportuno.», in Idem, *ibidem*.

⁷²¹ Ver: DIAS, Francisco de Almeida, *Em Fernanda de Castro: Literatura e Artes Plásticas no português, feminino, plural*, p. 103-104.

recebido pelo público em geral ⁷²².

Como foi referido em capítulos anteriores, no início dos anos 40, Ofélia Marques, ilustrou também - em conjunto com João Carlos Celestino Gomes (1899-1960) - o conto traduzido *O rei da montanha de ouro*, da autoria dos Irmãos Grimm ⁷²³. Os desenhos foram exibidos na 1.^a *Exposição dos Artistas Ilustradores Modernos*, em 1942, no estúdio do S.P.N. em Lisboa ⁷²⁴.

No ano em que marcou presença na 2.^a *Exposição Geral de Artes Plásticas*, 1947, Ofélia concebeu também a capa para o romance traduzido *A loja de antiguidades* – traduzido por Ersílio Cardoso – redigida pelo escritor britânico Charles Dickens (1812-1870) ⁷²⁵.

No desenho assinado, não datado [fig.252], sobressaem as cores contrastantes, entre rosas claros, tons pastel, verde água, ou por outro lado, os castanhos, os diferentes tons de azuis, os cinzas, dos trajas e respetivos acessórios elegantes, das duas figuras retratadas a traço fino. O cenário envolvente é simples.

Na segunda metade da década de 40, foram ainda dados à estampa, mais dois volumes da coleção «Romances Universais» (Portugália Editora), com belas e coloridas capas da autoria de Ofélia Marques. Concretamente, *Retrato duma senhora* – traduzido por Cabral do Nascimento – de Henry James (1843-1916) ⁷²⁶ [fig.253], e *Mulheres apaixonadas* – também traduzido por Cabral do Nascimento – de D.H.Lawrence (1885-1930) ⁷²⁷ [fig.254]. Nas duas pinturas [fig.253], [fig.254], a artista traçou personagens femininas de expressão doce, e preencheu as formas com cores suaves. Ambos os desenhos estão assinados. Como Ofélia, distintos artistas como Manuel Lapa, Bernardo Marques ou Paulo Ferreira, também foram convidados pela Portugália Editora, a desenhar capas, para alguns romances traduzidos, escritos por diferentes autores, nomeadamente, as

⁷²² FERRO, Mafalda, FERRO, Rita, *Retrato de uma família: Fernanda de Castro, António Ferro, António Quadros*, p.58-60; Como curiosidade, ao longo da segunda metade do século XX, distintas gerações da família Quadros Ferro, confeccionaram iguarias, pratos saborosos, sem carne, criativamente idealizados por Fernanda de Castro. Quem sabe, se nos dias de hoje, algum amante de culinária ainda folheie *100 Receitas sem carne*, goste de seguir com atenção cada passo descrito pela escritora e poetisa, e de apreciar, em simultâneo, o colorido dos legumes bem delineados por Ofélia.

⁷²³ GRIMM, *O rei da montanha de ouro*, trad. Lôbo Vilela, Lisboa, Editorial Inquérito, 1940; Como já foi referido, com capa de Celestino Gomes; Ver as ilustrações em - Anexos.

⁷²⁴ 1.^a *Exposição dos Artistas Ilustradores Modernos: Catálogo*.

⁷²⁵ DICKENS, Charles, *A loja de antiguidades*, trad. Ersílio Cardoso, Lisboa, Portugália Editora, 1947. Capa de Ofélia Marques.

⁷²⁶ JAMES, Henry, *Retrato duma senhora*, trad. Cabral do Nascimento, Lisboa, Portugália Editora, s/d. Capa de Ofélia Marques.

⁷²⁷ LAWRENCE, D.H., *Mulheres apaixonadas*, trad. Cabral do Nascimento, Lisboa, Portugália Editora, s/d. Capa de Ofélia Marques.



Fig.252

A loja de antiguidades, Charles Dickens. trad. Ersílio Cardoso, 1947. Capa de Ofélia Marques.

Coleção: Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior esquerdo)/ Não datado.



Fig.253

Retrato duma senhora, Henry James. trad. Cabral do Nascimento, s/d. Capa de Ofélia Marques.

Coleção: Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior direito)/ Não datado.

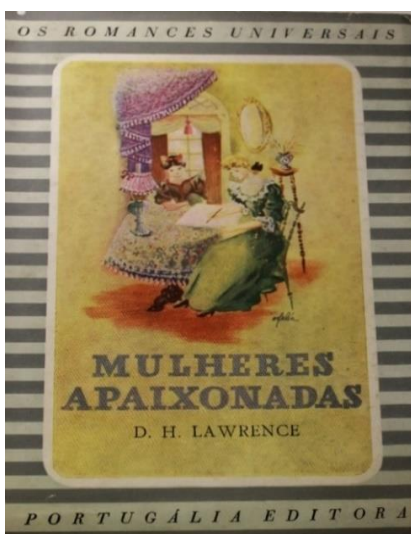


Fig.254

Mulheres apaixonadas, D.H Lawrence. trad. Cabral do Nascimento, s/d. Capa de Ofélia Marques.

Coleção: Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior direito)/ Não datado.



Fig.255; Fig.256; Fig.257

No reino do sol, Emília de Sousa Costa, 1947. Capa e ilustrações de Ofélia Marques.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal /Almanaque Silva

Fonte da Imagem: 2ª ilustração: Disponível em:

<https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado.

romancistas britânicas George Eliot (1819-1880) ou Charlotte Brontë (1816-1855), ou os já supracitados escritores D.H. Lawrence e Charles Dickens⁷²⁸. Os últimos números da coleção «Romances Universais», foram publicados em meados da década de 50. Antes de findar a década de 40, Ofélia elaborou ainda capas e ilustrações para dois contos infantojuvenis, redigidos por duas escritoras suas conhecidas. Nomeadamente para os títulos *No reino do sol*, de Emília de Sousa Costa⁷²⁹, e *Mariazinha em África*, de Fernanda de Castro⁷³⁰.

Traçou com suavidade, bonitas crianças, de olhar terno e expressão sorridente, jovens mulheres de rosto belo, e algumas figuras masculinas de expressão delicada. Com traço delicado, criou também certas personagens, e alguns «bichos» divertidos, todos prontos a alinhar em grandes aventuras. Com linha de diferentes espessuras, desenhou distintos cenários exteriores com flores, jardins com lagos, e interiores.

⁷²⁸ Da coleção «Romances Universais» da Portugália Editora, ver por exemplo os títulos *O Moinho à Beira do Rio*, de George Eliot, *História duma rapariga*, de D.H.Lawrence, ou *Grandes esperanças*, de Charles Dickens.

⁷²⁹ COSTA, Emília de Sousa, *No reino do sol*, Lisboa, Edições Ática, 1947. Capa e ilustrações Ofélia Marques

⁷³⁰ CASTRO, Fernanda de, *Mariazinha em África*, 3ª.edição, Lisboa, Edições Ática, 1947. Capa e ilustrações Ofélia Marques.



Fig.263

Ofélia Marques, *No reino do sol* s/d, carvão, tinta-da-china, aguarela, guache.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta 3, OM111

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [segunda metade década 40].



Fig.264

Ofélia Marques, *No reino do sol* s/d, carvão.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta 3, OM111_1

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [segunda metade década 40]

Em alguns espaços ao ar livre, sobressai uma certa luminosidade [fig.255], [fig.256], [fig.257], [fig.258], [fig.259], [fig.260], [fig.261], [fig.262]⁷³¹.

Ofélia desenhou a tinta-da-china, e à exceção da capa do conto *No reino do sol*, pintou os diferentes volumes a uma só cor. Não assinou, nem datou nenhuma das ilustrações. Nos esboços não assinados [fig.263], [fig.264], em particular, podemos observar o que Ofélia delineou e pintou, antes da versão final da capa do conto de Emília de Sousa Costa. Desenhou novos elementos, e pintou as figuras e o fundo – a guache e aguarela – com diferentes tons de azul e amarelo.

Entretanto, o peixe gigante acabou por sair de cena, e as crianças - em grande plano – percorreram o seu caminho, no seu cavalo-alado, até chegarem ao reino do sol. As histórias destinadas à pequenada e aos jovens, redigidas por Fernanda de Castro e

⁷³¹ Ver também as ilustrações nos Anexos (*No reino do sol*).



Fig.260; Fig.261; Fig.262

Mariazinha em África (3ªed.), Fernanda de Castro, 1947. Capa e ilustrações de Ofélia Marques.

Coleção: F.A.Q.

Fonte da Imagem: F.A.Q. / 2ª e 3ª. ilustração: RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p. 44-45.

Observações: Não assinado/Não datado

Emília de Sousa Costa, foram as últimas publicações que ilustrou⁷³².

Em 1959, saiu uma nova edição póstuma de *Mariazinha em África*, com desenhos semelhantes aos da edição anterior [fig.265], [fig.266], [fig.267], apenas com a particularidade, e nas palavras de Jorge Silva, «a justaposição displicente de manchas em cores pastel, verde, cinza, rosa e amarelo sobre o traço negro, de uma rara subtilidade na ilustração da época.»⁷³³.

⁷³² A salientar, que as primeiras edições dos contos das duas escritoras foram dadas à estampa entre meados da década de 20, e o início dos anos 30, com capa e ilustrações de Sarah Affonso e Raquel Roque Gameiro. Sarah Affonso, ilustrou *Mariazinha em África*, Raquel Roque Gameiro, foi autora da capa e desenhos da primeira edição de *No reino do sol*; De Fernanda de Castro – *Mariazinha em África*, 1925 (1ªed.) e 1935 (2ª.ed), capa e ilustrações de Sarah Affonso ; Emília de Sousa Costa – *No reino do sol*, 1933 (1ªed.), capa e ilustrações de Raquel Roque Gameiro; Ver: DIAS, Francisco de Almeida, *Em Fernanda de Castro: Literatura e Artes Plásticas no português, feminino, plural*; LEANDRO, Sandra, *Mão inteligente: Raquel Roque Gameiro (1889-1970) ilustração e aguarela*, p.26-27; SILVA, Jorge, «Sarah Affonso». [Em linha] [Consultado a 9/07/2018]. Disponível em: WWW:<URL: <https://almanaguesilva.wordpress.com/category/sarah-afonso/> .

⁷³³CASTRO, Fernanda de, *Mariazinha em África*, 4ª.edição, Lisboa, Edições Ática, 1959. Capa e ilustrações Ofélia Marques; Ver: SILVA, Jorge, «Ofélia Marques». [Em linha]. [Consultado a 18/06/2018]. Disponível em: WWW:<URL: <https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>; Podem visualizar-se outras ilustrações no mesmo site; Fernanda de Castro fez algumas alterações à história ao longo dos anos. Algumas dessas alterações constam nos livros com outro título - *Novas Aventuras de Mariazinha em África.*; Ver notas em: http://www.fundacaoantonioquadros.pt/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=22&Itemid=30 .

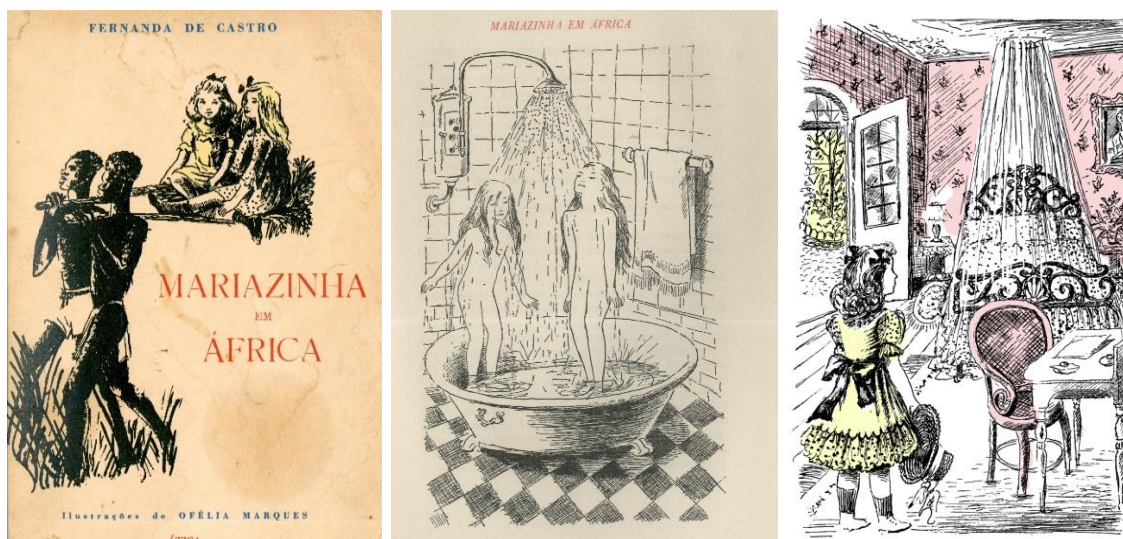


Fig.265; Fig.266; Fig.267

Mariazinha em África (4ª.ed.), Fernanda de Castro, 1959 Capa e ilustrações de Ofélia Marques.

Coleção: F.A.Q. / Almanaque Silva

Fonte da Imagem: F.A Q / 3ª. ilustração: Disponível em:

<https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado

Ao longo da década de 40, Ofélia não se dedicou apenas a ilustrar romances e histórias infantis. No mesmo período, retratou várias vezes o seu companheiro de vida e das artes, Bernardo Marques, também, alguns dos seus amigos mais chegados, e tantas outras pessoas que admirava.

Analisemos de seguida, alguns desses trabalhos. Desenhos que nunca foram divulgados, e que serão assim “expostos” pela primeira vez nesta dissertação. Mas primeiro, olhemos para algumas das já “conhecidas” caricaturas, que Ofélia Marques desenhou dos que muito estimava...

6.4 – Outras obras

No dia 18 de dezembro de 1952, o *Diário de Lisboa*, dava conta de um triste acontecimento: a morte prematura de um nome maior das Artes Plásticas em Portugal – Ofélia Marques. Foram muitos os que se reuniram no Cemitério de Benfica em Lisboa, para um último adeus à pintora, que decidiu pôr termo à vida, com 50 anos de idade, na madrugada de 17 de dezembro desse mesmo ano⁷³⁴.

Segundo o mesmo jornal diário, várias das pessoas que marcaram presença no funeral, familiares, amigos e companheiros de trabalho, como Manuel Mendes, Maria Keil, José Gomes Ferreira, Sarah Affonso, Estrela Faria, Abel Manta, Fred Kradolfer, tantas outras, foram retratadas pela artista, que com graça e extrema delicadeza, as imaginou em crianças, mesmo sem nunca as ter conhecido nessa fase das suas vidas. Esse núcleo de retratos, nunca foi exposto. E só os mais íntimos que privaram com Ofélia, é que tiveram o privilégio de o conhecer:

Os seus retratos de crianças formaram um estilo aparte, que toda a gente tinha sabido caracterizar e de que se tinha feito um verdadeiro padrão. Esse seu gosto, essa tendência artística, somada ao borbulhar das suas próprias recordações, tinham levado Ofélia a um trabalho de inesperado ineditismo e que só raros conheciam: o de supor, retrospectivamente, como seriam na infância alguns dos amigos que lhe acompanharam os seus últimos dias de vida. Fez desses retratos, todos eles tocados de uma graça verdadeiramente enternecedora, talvez o retrato da sua amargura, a saudade do tempo em que a vida nos não mostra ainda a expressão verdadeira da sua desilusória crueldade. Nesse álbum, de estranha sensibilidade, que alguns artistas ainda há pouco tinham projectado reunir e publicar, figuravam alguns amigos como Abel Manta, Manuel Mendes, Sara Afonso, Estrela Faria – alguns dos que hoje lhe acompanharam o corpo ao cemitério – e ainda o malogrado Carlos Queirós [...] a poetisa Fernanda de Castro, Maria Keil do Amaral⁷³⁵.

Aparentemente, alguns artistas amigos de Ofélia, logo a seguir à sua morte, ponderaram reunir e publicar os diferentes desenhos, para os fazer chegar assim a um maior número de pessoas. Mas o projecto não avançou, e os retratos permaneceram guardados⁷³⁶.

⁷³⁴ *Diário de Lisboa*, 18 de dezembro, 1952, p.15. [Em linha]. [Consultado a 10/07/2018]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1952&mes=12.

⁷³⁵ Idem, *ibidem*, p.15; Assunto desenvolvido no último capítulo da primeira parte da dissertação.

⁷³⁶ Idem, *ibidem*, p.15.



[fig.268]



[fig.269]



[fig.270]



[fig.271]

Fig.268; Fig.269; Fig.270, Fig271

«Álbum inédito duma grande pintora portuguesa: Ofélia Marques e os seus amigos quando jovens», in *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº1149, dezembro, 1967, p.38-41.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Desenhos não assinados/não datados. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]; Retratos da esquerda para a direita: 1ª página, Olavo d'Eça Leal, Berta Mendes, Sarah Affonso, Eduardo Anahory; 2ª página, Bernardo Marques, José Gomes Ferreira, Manuel Mendes, António Dacosta; 3ª página, Maria Keil, Adolfo Casais Monteiro, Estrela Faria, Abel Manta; 4ª página, Carlos Queirós, Bento de Jesus Caraça, Ofélia Marques (Autorretrato), Fernando Barros.

No final da década de 60, a revista *Eva*, num artigo já referido em capítulos anteriores, dedicou algumas palavras a Ofélia Marques, e reproduziu em simultâneo, mais de uma dezena de desenhos da autoria da pintora, nunca exibidos. Concretamente alguns retratos que Ofélia pintou dos seus amigos - a diferentes materiais como grafite, tinta-da-china,

guache e aguarela – enquanto meninos⁷³⁷ [fig.268], [fig.269], [fig.270], [fig.271]. Muito provavelmente, alguns dos trabalhos que foram identificados, mencionados pelo *Diário de Lisboa*, na edição de 18 de dezembro de 1952.

Diferentes crianças, representadas com ternura, a corpo inteiro, de traços belos, expressão cândida e gestos delicados.

Por exemplo, Bernardo Marques, um menino de pele morena, traços fortes e expressivos olhos castanhos escuros, sentado numa cadeira, posa com a sua ardósia, com uma personagem gravada a giz branco, talvez por ele desenhada [fig.269]. José Gomes Ferreira, não tão bem apumado como Bernardo, sentado num banco de jardim, desvenda na mão direita, algumas linhas que escreveu [fig.269]. Manuel Mendes e Maria Keil, de expressão concentrada, não escondem as suas pastinhas com desenhos, de que muito se orgulham [fig.269], [fig.270].

Estrela Faria, não desenha, nem exhibe nenhum material de desenho. Trocou o carvão, as tintas, os pinceis, as folhas brancas e as telas, por brincadeiras com animais do campo [fig.270]. Afinal, também foi perto do campo que a artista nasceu, poucos dias depois da implantação da República Portuguesa⁷³⁸.

Berta (Bá) Mendes, por outro lado, cabelo bem penteado, com um leve sorriso no rosto, mostra a cadelinha que tem no colo, que tanto parece gostar, e da qual é inseparável [fig.268].

Num autorretrato, a menina Ofélia, de face rosada, e um vestido colorido, posa com um olhar sereno. Na mão esquerda, transporta um saco com um gato e uma grande árvore, bordados a linha azul, verde e vermelha. Não poderia faltar a ardósia, para fazer alguns esboços [fig.271].

Em todos os retratos sobressai a finura do traço, o detalhe, e as formas preenchidas com cor. À exceção de Bernardo Marques, e José Gomes Ferreira, a restante “pequenada” foi representada num fundo sem adornos⁷³⁹ [fig.268], [fig.269], [fig.270], [fig.271].

⁷³⁷ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº1149, dezembro, edição de natal, 1967, p.38-41; Ver também: FERREIRA, Emília, «Desenhos do Silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 5-8; RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.9-13; No primeiro capítulo da dissertação, constam algumas palavras redigidas pela revista feminina, a Ofélia Marques.

⁷³⁸ Estrela da Liberdade Faria nasceu em Évora, no dia 9 de outubro de 1910. Sobre o percurso da pintora em particular veja-se o artigo de Sandra Leandro: LEANDRO, Sandra, «Considerar Estrela Faria (1910-1976)», in FERREIRA, José Alberto (coord.), *WAH! We Are Here!*. Catálogo dado à estampa em 2018, no âmbito da exposição *WAH! We Are Here!*, patente no Centro de Arte e Cultura da Fundação Eugénio de Almeida, em Évora, entre os meses de março a julho, de 2018.

⁷³⁹ *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº1149, dezembro, edição de natal, 1967, p.38-41.



Fig.272

Ofélia Marques, *José Gomes Ferreira*, s/d, grafite.

Coleção: - Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta8, OM51_326

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40].

Como se pode verificar no esboço [fig.272], em particular, Ofélia imaginou o menino José Gomes Ferreira, rodeado de motivos campestres, como árvores de fruto, com pequenos pássaros nos ramos, algumas flores. Na mão esquerda, a criança também segura o que parece ser um lápis. Na versão final [fig.269], José Gomes Ferreira, sentado num banco de jardim, está acompanhado (apenas) por uma única e grande árvore, ao longe, e pelas histórias que idealizou.

Vinte e um anos depois da homenagem da revista dirigida por Carolina Homem Christo, portanto, em 1988, no certame póstumo já mencionado, *Ofélia Marques – Álbum de uma menina morta*, foi apresentado, perto de uma mão cheia de retratos, nunca vistos, pertencentes ao mesmo álbum. Quatro ao todo⁷⁴⁰. Dois meninos e duas meninas. Em particular, António Ferro, representado a fazer malabarismo com bolas de letras [fig.273], e Almada Negreiros, de grandes olhos negros, e um desenho na mão, num retrato a grafite, que parece “inacabado” [fig.274]. Beatriz Botelho, de longos cabelos loiros, e vestido bonito adornado com rendas brancas e pequenos laços roxos [fig.275], e por último, Merícia de Lemos, de rosto gracioso, traje e acessórios, coloridos e muito elegantes⁷⁴¹[fig.276].

Ao todo, Ofélia Marques concebeu mais de 40 retratos do mesmo género, ao longo da segunda década de 30 e primeira metade dos anos 40. De distintos pintores, escritores, poetas, críticos, figuras várias da vida cultural portuguesa, da ciência, seus amigos, e

⁷⁴⁰ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.9-13.

⁷⁴¹ Idem, *ibidem*, p.9-13 e 32; A salientar, que existem dois retratos muito semelhantes de Beatriz Botelho. Um pertence à F.C.G - e foi exibido na Casa da Cerca em 2002 – outro, pertence à coleção particular, em depósito na F.A.S.V.S. (Pasta 2_ desenhoOM_666), e foi exposto na Galeria de Colares em 1988.



Fig.273
Ofélia Marques,
António Ferro, s/d,
guache.
Coleção: -
Fonte da Imagem:
RODRIGUES, António
(coord.científica),
*Ofélia Marques: álbum
de uma menina morta:*
Catálogo, p.32.
Observações: Não
assinado/Não datado.
Data [aprox. segunda
metade década de 30, e
primeira metade dos
anos 40]

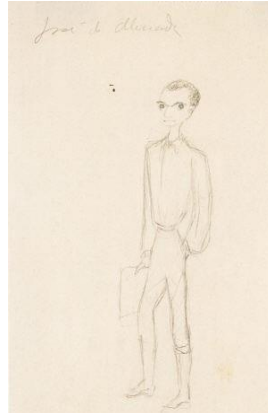


Fig.274
Ofélia Marques,
Almada Negreiros, s/d,
grafite.
Coleção: - F. C. G. –
Col. Moderna/Inv.
DP591
Fonte da Imagem:
Disponível em:
<https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/>
Observações: Não
assinado/Não datado.
Data [aprox. segunda
metade década de 30, e
primeira metade dos
anos 40]



Fig.275
Ofélia Marques, *Beatriz
Botelho*, s/d, guache.
Coleção: - Col.
Particular/ em depósito
na F.A.S.V.S./Pasta2,
OM_666
Fonte da Imagem:
fotografia de Andreia
Santos Silva.
Observações: Não
assinado/Não datado.
Data [aprox. segunda
metade década de 30, e
primeira metade dos
anos 40]; o mesmo
desenho pode visualizar-
se no catálogo:
RODRIGUES, António
(coord.científica), *Ofélia
Marques: álbum de uma
menina morta:*
Catálogo, p.32.



Fig.276
Ofélia Marques,
Merícia de Lemos,
s/d, guache.
Coleção: -
Fonte da Imagem:
RODRIGUES,
António
(coord.científica),
*Ofélia
Marques:álbum de
uma menina morta:*
Catálogo, p.32.
Observações: Não
assinado/Não datado.
Data [aprox. segunda
metade década de 30,
e primeira metade
dos anos 40]

conhecidos, imaginados como crianças.

Em 2002, ano em que se comemorou o centenário do seu nascimento, como, o



Fig.277

Exposição *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos*, Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, Almada, 30 de novembro de 2002 a 2 de fevereiro de 2003. Pormenor de algumas caricaturas expostas. Fotografias de Rosa Reis (dia da inauguração 30 de novembro de 2002).

Col. Centro de Documentação e Investigação da Casa da Cerca (Almada)

cinquentenário da sua morte, na já referida mostra *Ofélia Marques: Quarenta caricaturas/vinte e um desenhos*, comissariada por Ana Isabel Ribeiro e Emília Ferreira os desenhos foram praticamente todos apresentados [fig.277].

Concretamente, os exibidos na *Eva*, algumas obras expostas na Galeria de Colares em Sintra, em 1988, e também, muitos outros trabalhos desconhecidos⁷⁴².

Na exposição póstuma, figuraram meninos e meninas como por exemplo – e para além de alguns já referidos em texto – Fred Kradolfer, Maria Lacerda, Ingrid Gomes Ferreira, Selma Rocha, Eva Arruda de Macedo, João Fragoso, Fernanda de Castro, António Ferro, em particular, representado não em plena brincadeira com bolas de letras, mas a jogar «iô-iô», e tantos outros⁷⁴³ [fig.278] a [fig.285].

De acordo com diferentes historiadores de arte e investigadores, como José- Augusto

⁷⁴² Os exibidos na revista *Eva*, em 1967, os expostos na Galeria de Colares em 1988, em particular o retrato de Almada Negreiros, e tantos outros nunca apresentados; A maioria dos desenhos foram doados por um familiar, no início da década de 80, à F.C.G. em Lisboa; Ver: *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 5-8; Ver desenhos no catálogo mencionado nas páginas: 10 -29. Contém breve biografia das figuras retratadas, escritas por Emília Ferreira, Ana Isabel Ribeiro, Catarina Rosendo, Alice Costa Guerra; As caricaturas podem ser visualizadas em: WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/>

⁷⁴³ FERREIRA, Emília, «Desenhos do Silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 5-8; Ver alguns dos retratos nos Anexos da dissertação.

França ou António Rodrigues, o álbum de retratos peculiares, «imaginários», onde sobressai a ternura, o humor, da autoria de Ofélia Marques, foi inédito no segundo modernismo português. Nenhum outro artista, concebeu um trabalho semelhante⁷⁴⁴. Nas palavras de Alice da Costa Guerra:

Ofélia [foi] responsável por um dos trabalhos mais peculiares e inéditos do segundo modernismo português. A artista realizou um original álbum de retratos dos seus amigos, imaginados como crianças, todos eles personagens da vida cultural, artística e mundana da época. Podemos reconhecer António Ferro a jogar yo-yo [...] Merícia de Lemos exageradamente adornada [...] entre muitos outros. Às tranças, caracóis e laços que coroam as suas cabeças infantis (por vezes adultas nos seus traços fisionómicos), juntam-se os folhos, rendas e arrebiques das roupas de crianças. Um delicioso e malicioso fresco de personagens que todos conhecemos⁷⁴⁵.

Sobre o mesmo núcleo de desenhos originais, Emília Ferreira também notou:

o seu desenho – provocatório, analítico, irónico, versátil no traço – revela uma artista bastante mais inquieta do que a obra mais conhecida deixa supor. É disso exemplo a eloquente galeria de época que constitui o seu núcleo de caricaturas dos amigos. Nesse vasto grupo, em que algumas personalidades bisam presença, desfilam quase todos os nomes conhecidos das artes, literatura e ciência do país. Esse núcleo de caricaturas [...] revela uma Ofélia com claro sentido de humor e capacidade de análise psicológica, na representação dos amigos na infância (quase como se, no processo, ironizasse com o mercado e com a crítica que obsessivamente definia as artistas como pintoras de crianças), mas apontando o seu futuro, nos claros traços de personalidade registados através das poses e nas opções profissionais que seguiriam, denotados pelos objectos com que se “definiam”⁷⁴⁶.

Sandra Leandro, também sublinhou: «Ofélia Marques [...] guardou humor, ternura e crítica ao representar, transformando em crianças, diversos amigos já adultos, alguns

⁷⁴⁴ FRANÇA, José- Augusto, *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*, p.209; FRANÇA, José-Augusto, *O Retrato na Arte Portuguesa*, p.87-88; RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.9-13; ver também: MENDES, Manuel, «Ofélia Marques», in CHICÓ, Mário Tavares, FRANÇA, José-Augusto, GUSMÃO, Artur Nobre de (org.), *Dicionário da Pintura universal*, vol. III, «Pintura Portuguesa», p. 232; FERREIRA, Emília, «Desenhos do Silêncio», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 5-8; FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p. 97-122.

⁷⁴⁵ GUERRA, Alice da Costa, «A Gaveta secreta», in FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*, p. 4.

⁷⁴⁶ FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p. 117; ver também: FERREIRA, Emília, «Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz Marques», in CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.), *Feminae Dicionário Contemporâneo*, p. 787-788.



Fig.286

«Uma fotografia. Uma data. Maio de 1955, dia do lançamento do n.º.1000 da “Eva”»,
in *Eva: jornal da mulher e do lar*, n.º1090, novembro, 1962, p.26-31.

Na fotografia da esquerda para a direita: Bernardo Marques, Maria Germana Tânger,
Sarah Affonso, Carlos Botelho e a diretora da *Eva* Carolina Homem Christo.

A.H.M.L.

coincidindo com conhecidas figuras suas contemporâneas em divertidas ilustrações.»⁷⁴⁷.

No ano de 2019, certos meninos e certas meninas do mesmo álbum, como por exemplo, Sarah Affonso, Bernardo Marques, Abel Manta e a própria Ofélia Marques, marcaram presença no certame – já mencionado - *Artistas Mulheres na Coleção Moderna. De Sónia Delaunay a Ângela Ferreira 1916-2018*, na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa⁷⁴⁸.

Foi a última vez que os retratos do álbum, em particular, foram expostos.

No mesmo período, portanto, dos últimos anos da década de 30, e ao longo dos anos 40, Ofélia também retratou diferentes amigos, e pessoas que muito estimava, realçando os seus fortes traços do rosto e gestos firmes de adultos. Alguns retratos, como por exemplo os já analisados, de José Gomes Ferreira e Luísa d’Eça Leal, pintados a óleo sobre tela e madeira, foram expostos na primeira metade da década de 40 – na 5.ª e 8.ª. *Exposição de Arte Moderna* no estúdio do S.P.N. Outros, em particular, retratos de Bernardo Marques [fig.287] ou Selma Rocha [fig.288], foram exibidos depois de 1952. Mais precisamente, em 1988 e 2002, nas mostras póstumas *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta* e *Ofélia Marques: Quarenta*

⁷⁴⁷ LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 282-286.

⁷⁴⁸ Ver: <https://gulbenkian.pt/agenda/artistas-mulheres-na-colecao-moderna/>.

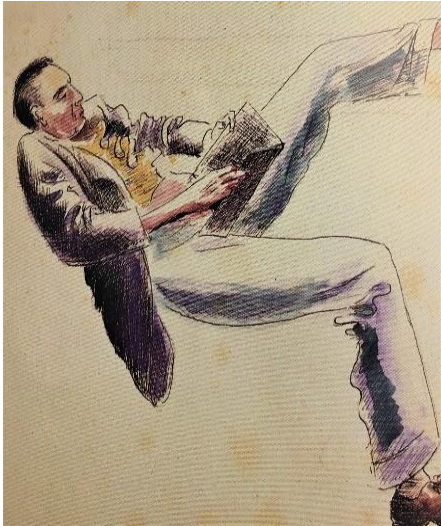


Fig.287
Ofélia Marques, *Bernardo Marques*, s/d, tinta-da-china e aguarela.
Coleção: -
Fonte da Imagem: RODRIGUES, António (coord.científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.28.
Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]

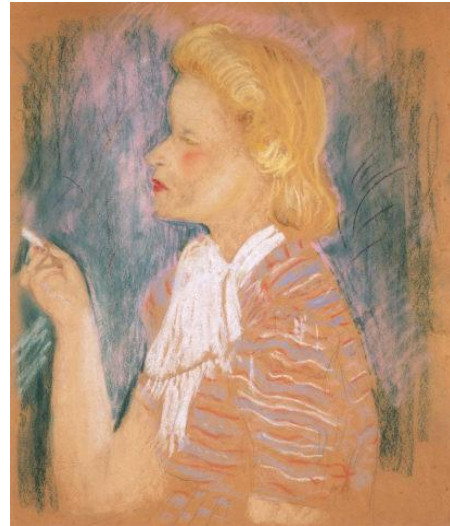


Fig.288
Ofélia Marques, *Retrato de Selma Rocha*, s/d, pastel e grafite.
Coleção: F. C. G. – Col. Moderna/Inv. DP635
Fonte da Imagem: Disponível em: [https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/](https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/)
Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]

*caricaturas/vinte e um desenhos*⁷⁴⁹.

No desenho [fig.287], a figura masculina, representada a corpo inteiro, ligeiramente inclinado, expressão serena, concentra o olhar nas palavras expostas no livro. O amarelo vivo da blusa, contrasta com as cores neutras do fato. Ofélia representou Bernardo, a tinta-da-china e aguarela, num fundo simples. Não assinou nem datou o desenho. Na pintura [fig.288], o olhar da bela e jovem mulher, de pele clara, face rosada, lábios bem delineados, cabelos loiros, revela uma certa distância. Veste uma blusa de diferentes cores vivas, entre laranjas, vermelhos e rosas, e usa um lenço ao pescoço branco.

⁷⁴⁹ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*; FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*; Foram apresentados dois retratos de Bernardo na Galeria de Colares. Um apenas o rosto de Bernardo Marques. Na mesma Galeria também foram exibidos retratos de Isabel Sangaro, Fred Kradolfer; O retrato de Selma, foi exposto na Casa da Cerca em Almada.



Fig.289

Ofélia Marques num jantar com amigos. Da esquerda para a direita: Pedro Lacerda Machado(filho de Maria Lacerda), Natal Bettencourt, Maria Lacerda, Maria Bettencourt, Ofélia Marques, Ferreirinha, s/d [aprox. anos 40].
Arquivo Particular [II].

Na mão direita segura um cigarro entre os dedos, que parece não arder... Selma Rocha foi retratada por Ofélia, a meio corpo, num fundo colorido e sem adornos. Também não assinou, nem datou o retrato.

Foram ainda identificados mais de meia centena de retratos da autoria de Ofélia, que nunca foram apresentados publicamente⁷⁵⁰. Vários de Bernardo Marques, alguns de Selma Rocha, também, e por exemplo, de Eduardo Anahory, Estrela Faria, Isabel Sangaro ou Maria Lacerda [fig.289]⁷⁵¹. E outras personalidades que não conseguimos reconhecer. Questionamo-nos, e quantos mais retratos (do mesmo género), terá Ofélia Marques concebido?

Quantos desenhos estarão espalhados (por exemplo) por coleções privadas? Para encerrar este capítulo, analisemos três retratos em particular, desenhados pela artista, pertencentes a diferentes proprietários. Dois deles, os retratos de Bernardo Marques - um assinado e não datado [fig.290], outro não assinado e não datado [fig.291] - que pertencem a um colecionador privado, mas que se encontram em depósito na Fundação Arpad Szenes -Vieira da Silva em Lisboa⁷⁵². O outro, em que Ofélia se autorretrata ao lado de Maria Lacerda, filha do maestro e compositor Francisco de Lacerda (1869-1934), assinado e datado de 1948, que pertence a um outro colecionador particular. Para complementar o desenho, Ofélia redigiu também alguns versos

⁷⁵⁰ A maior parte dos desenhos referidos encontram-se espalhados pelas 11 pastas, de coleção particular, em depósito na F.A.S.V.S.; alguns retratos pertencem a outras coleções particulares; Considere-se ainda o retrato de José Gomes Ferreira, a carvão e grafite, analisado no capítulo 6.1 desta dissertação.

⁷⁵¹ Arquivo Particular [II]. Será assim indicado, para respeitar o anonimato da proprietária.

⁷⁵² Col. Particular, em depósito na F.A.S.V.S., pasta 5, OM_31_165 e da mesma pasta, o desenho OM27_169.



Fig.290

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, grafite.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta5, OM31_165

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Assinado (canto inferior direito)/Não datado. Data [aprox. final dos anos 30, primeira metade década de 40.]



Fig.291

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, tinta-da-china e grafite.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta5, OM27_169

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. final dos anos 30, primeira metade década de 40.]

divertidos, e fez pequenas ilustrações não menos curiosas. Intitulou o poema *À Exma. Senhora D. Maria Lacerda. Comemoração do 1º. Diário do Pudim Flan*. Assinou como *Félica-Gata*⁷⁵³[fig.293].

Nenhuma das obras foi exposta. Nem em vida, nem postumamente. Como referido, a figura masculina representada em posição frontal, num fundo simples, no desenho a grafite [fig.290], trata-se de Bernardo Marques. Como no retrato [fig.291]. Sentado de perna traçada, braços cruzados, numa cadeira de costas altas, o modelo, de lábios finos, olhos semicerrados, olha em frente. A expressão é pouco sorridente, mas aparenta uma certa tranquilidade. Afinal é observado por uma pessoa que lhe é bastante familiar.

⁷⁵³ Ofélia Marques, *Ofélia reconhecida, beija as mãos dadivosas da sua benfeitora*, 1948, grafite, tinta-da-china, aguarela, guache. Com poema: *À Exma. Senhora D. Maria Lacerda. Comemoração do 1º. Diário do Pudim Flan*, poema escrito por Ofélia Marques, 1948. Assinado: Félica-Gata. Col. Particular.



Fig.292

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, grafite.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na

F.A.S.V.S./Pasta5, OM26_170

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. final dos anos 30, primeira metade década de 40.]

Num duplo papel de observado/observador, a figura aprecia também as linhas traçadas pela pintora. O gesto célere, com que Ofélia regista as suas feições e posição. Ofélia assinou o retrato, mas não o datou. É possível que tenha sido concebido entre o final dos anos 30 e a primeira metade da década de 40 [fig.290].

No retrato a grafite e tinta-da-china, não assinado e não datado [fig.291], provavelmente desenhado por Ofélia no mesmo período, Bernardo concentra a sua atenção, não em quem o retrata, mas no que de importante se anuncia no jornal, que segura com a mão direita. Sentado de pernas esticadas, no que aparenta ser uma poltrona, a figura ampara com a mão esquerda o grande gato malhado, que dorme serenamente sobre o seu peito. De barba por fazer, usa uma camisola de gola alta. No bolso superior do casaco, talvez estivesse um maço de cigarros.

Mais uma vez, Ofélia não retratou Bernardo de lápis e papel na mão. Concretamente, em plena criação artística. Privilegiou os momentos de lazer, de leitura, de introspeção, desfrutados pelo seu companheiro de vida e das artes.

Com efeito, para além dos três retratos aqui mencionados [fig.287], [fig.290], [fig.291], foi possível identificar – na mesma coleção em depósito na F.A.S.V.S. - mais de uma dezena de desenhos semelhantes⁷⁵⁴.

Ofélia representou Bernardo Marques, a meio corpo e corpo inteiro, em diferentes posições – sentado ou deitado, sobre a cama, uma cadeira ou uma poltrona – a ler um livro, enquanto usufruía da companhia de um felino, a ler um jornal sozinho, virado de

⁷⁵⁴ Col. Particular, em depósito na F.A.S.V.S., principalmente nas pastas 5, 7, 8, e 11.

costas a dormir sobre a cama, sentado na poltrona a fumar um cigarro e a olhar fixamente para quem o retrata, tantas outras variações.

Todos os retratos foram concebidos, principalmente, em dois materiais, grafite e tinta-da-china, onde a figura sobressai, perante cenários pouco ou nada ornamentados⁷⁵⁵. É de salientar, a minúcia do traço de Ofélia, na representação das feições do rosto de Bernardo Marques, como se pode verificar no desenho a grafite [fig.292], que (também) pela primeira vez aqui se reproduz. Na mesma coleção em depósito na F.A.S.V.S., podem visualizar-se outros retratos idênticos⁷⁵⁶.

À exceção do desenho [fig.290], todos os outros retratos, não se encontram assinados. E também não estão datados.

Em meados da década de 40, Maria Lacerda, amiga de Ofélia e Bernardo Marques, como de muitos outros artistas e várias personalidades da cultura portuguesa, ofereceu um bonito e imponente colar azul a Ofélia Marques.

Enternecida, Ofélia decidiu fazer um desenho, e escrever um poema, para retribuir o simpático gesto. Intitulou o retrato *Ofélia reconhecida, beija as mãos dadivosas da sua benfeitora*, e datou-o 1948⁷⁵⁷[fig.293].

Com humor, Ofélia autorretratou-se com um vestido vermelho-alaranjado, e a vistosa joia (oferecida) ao pescoço, ajoelhada, beijando delicadamente as mãos de uma elegante e bela figura feminina. Precisamente, Maria Lacerda, retratada com um casaco cinzento claro, com um alfinete ao peito, uma camisa branca cintada, de gola abotoada, uma saia até aos joelhos, da mesma cor da mala, e dos sapatos clássicos.

Em torno das duas primorosas senhoras, (novamente) um colar azul, e vários livros abertos que parecem flutuar. Nas entrelinhas, talvez estivesse a sugestão, de se prestar atenção, à segunda parte do desenho – versos curiosos e sarcásticos, redigidos pela (mesma) autora do retrato, complementados com divertidas ilustrações. Por entre galos famintos, leões atrevidos, cavalos-alados, homens latinos, dançantes, muitas flores, promessas duvidosas, feitas com o coração nas mãos, desenhados

⁷⁵⁵ Idem, *ibidem*.

⁷⁵⁶ Idem, *ibidem*. Refere-se principalmente na pasta 8. Por exemplo o desenho OM_30_166.

⁷⁵⁷ Ofélia Marques, *Ofélia reconhecida, beija as mãos dadivosas da sua benfeitora*, 1948, grafite, tinta-da-china, aguarela, guache. Com poema: *À Exma. Senhora D. Maria Lacerda. Comemoração do 1.º. Diário do Pudim Flan*, poema escrito por Ofélia Marques, 1948. Assinado: Félica-Gata. Col. Particular.

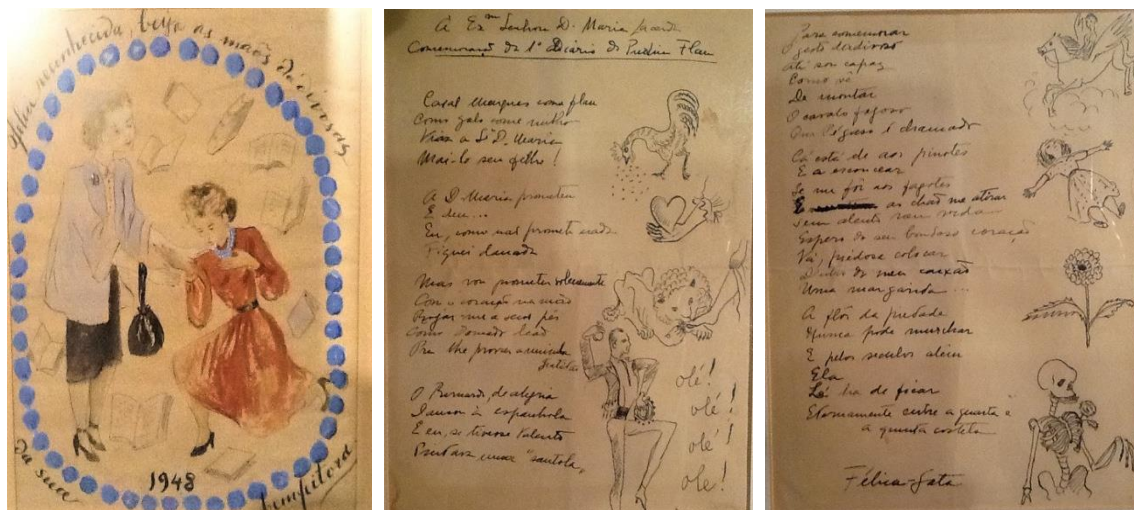


Fig.293

Ofélia Marques, *Ofélia reconhecida, beija as mãos dadivosas da sua benfeitora*, 1948, tinta-da-china, grafite, aguarela e guache. Com poema: *À Exma. Senhora D. Maria Lacerda. Comemoração do 1º Diário do Pudim Flan.* Assinado: Félica-Gata

Coleção: Col. Particular.

Fonte da Imagem: fotografia de colecionadora particular

Observações: Assinado/Datado.

a traço fino, *Félica-Gata* confessou⁷⁵⁸[fig.293]:

Casal Marques come flan
 Como galo come milho
 Viva a Sra. D. Maria
 Mai-lo seu filho!
 A D. Maria prometeu
 E deu...
 Eu, como não prometo nada
 Fiquei danada
 Mas vou prometer solenemente
 Com o coração na mão
 Rojar-me a seus pés
 Como domado leão
 Pra lhe provar a minha gratidão
 O Bernardo, de alegria
 Dansou [sic] à espanhola
 E eu, se tivesse talento
 Pintava uma “santola”,
 Para comemorar
 O gesto dadivoso
 Até sou capaz
 Como vê
 De montar
 O cavalo fogo

⁷⁵⁸ Idem, *ibidem*.

Que Pégaso é chamado
Cá está ele aos pinotes
E a escoucear
Se me fôr aos fagotes
E ao chão me atirar
Sem alento nem vida
Espero do seu bondoso coração
Vá, piedoso colocar
Dentro do meu caixão
Uma margarida...
A flôr da piedade
Nunca pode murchar
E pelos séculos além
Ela
Lá há de ficar
Eternamente entre a quarta e
a quinta costela⁷⁵⁹.

Neste retrato datado – onde Ofélia também fez questão de marcar presença – desenhado a grafite, tinta-da-china, pintado a aguarela e guache, sobressai a finura do traço, o contraste entre cores quentes e neutras, e impera o humor. E não deixa de ser igualmente interessante, a alusão à morte feita por Ofélia.

Como veremos no próximo e último capítulo da primeira parte desta dissertação, poucos anos depois de oferecer este desenho a Maria Lacerda, mais precisamente, em dezembro de 1952, Ofélia Marques decidiu pôr termo à vida. Momentos antes desse fatídico dia, escreveu algumas missivas de despedida, à irmã Alda, e alguns amigos chegados, como Manuel e Berta (Bá) Mendes, a confessar por um lado, a amargura que a atormentava, e a agradecer por outro, a amizade e todos os bons e sinceros momentos partilhados. Às mãos de Maria Lacerda, também chegou um autorretrato peculiar de Ofélia Marques – deitada sobre a cama, com os seus gatos por perto, de olhos fechados...finada⁷⁶⁰...

⁷⁵⁹ Idem, *ibidem*.

⁷⁶⁰ Ofélia Marques, *A mártir moribunda*, s/d, grafite, tinta-da-china. Col. Particular; Desenho analisado no capítulo 7.

7. O último momento: a despedida em vida, 1952

«Extremamente sensível, viveu sempre na saudade da mulher que ele amou, a que foi sua primeira esposa [...] Não era homem de esquecer, e ela [Ofélia Marques] era das tais que nasceram para ser lembradas.»

[Beatriz Costa [1974]]⁷⁶¹

«Não conheci pessoalmente Ofélia. Só uma vez, estando na plateia do Nacional, alguém me segredou: “É aquela”. Vi-a e conservo-a na memória com um vestido escuro e um colarinho “à mamã”. Ria-se e parecia feliz. Mas menos de um ano depois, era o fim. A carreira interrompida de uma artista sensível, jovem e gentil que me impressionava como aquele colarinho de menina “à mamã”.»

[Manuela de Azevedo [1982]]⁷⁶²

De acordo com alguns testemunhos, como de costume, Maria saiu de casa naquela manhã fresca e chuvosa de inverno⁷⁶³, para visitar e fazer companhia a Ofélia, já divorciada de Bernardo. Pôs a chave à porta, do 2.º andar, do n.º 6, da Calçada dos Caetanos, chamou por Ofélia, enquanto se dirigia à cozinha para preparar o pequeno almoço, e pelo silêncio de fundo que imperava, compreendeu que algo não estava bem. Ofélia não respondeu ao seu caloroso cumprimento, como habitualmente fazia. Maria foi ao quarto principal da casa, e encontrou Ofélia deitada na cama, completamente imóvel, como se mergulhada num sono profundo. Estava acompanhada pelos gatos que amava, que dormiam enroscados aos pés da cama. Tocou-lhe ao de leve no corpo, e Ofélia não reagiu.

A expressão inanimada daquele rosto gentil que bem conhecia, e o corpo gélido, confirmou o que receava – Ofélia estava morta.

Destroçada pelo terrível acontecimento, correu para a porta dos vizinhos do 1.º andar, para pedir auxílio. Jacinta, a ajudante de Fernanda de Castro, recebeu Maria, que a confrontou com a terrível notícia⁷⁶⁴.

⁷⁶¹ COSTA, Beatriz, *Sem papas na língua – memórias*, p. 59-60.

⁷⁶² AZEVEDO, Manuela de, «O Colarinho “à mamã”», in *Ofélia Marques, 1902-1952: Catálogo*. Galeria de São Francisco, Lisboa – 1982.

⁷⁶³ «17 de dezembro, 1952. O tempo que faz hoje. Informação do Serviço Meteorológico Nacional. Situação geral às 9 horas de hoje – O estado geral do tempo em Portugal continua a ser influenciado por uma massa de ar húmido transportada na circulação de um anticiclone centrado entre os Açores e a costa portuguesa[...] Temperaturas extremas registadas hoje, em Lisboa, até às 16 horas: máxima, 16,6°; mínima, 9,7°.»., in *Diário de Lisboa*, 17 de dezembro, 1952, p.13. [Em linha]. [Consultado a 10/07/2018]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1952&mes=12

⁷⁶⁴ CASTRO, Fernanda de, *Ao fim da memória: 1939-1987*, p. 16-19; ver também da mesma autora: *Cartas para além do tempo*, p.114-115.

Nas suas “Memórias”, Fernanda de Castro recordou esse cinzeno dia 17 de dezembro de 1952:

Lembro-me daquela noite triste e chuvosa, que nunca esqueci nem poderei esquecer. Seriam 10 horas da noite [...] alguém bateu à porta. [...] Era a Ofélia Marques [...] a minha vizinha do segundo andar, que vinha molhada, muito abatida e com um ar friorento. Disse-lhe para entrar, levei-a para a sala e ofereci-lhe café, que tomou e agradeceu, dizendo-me que era exactamente o que lhe apetecia naquele momento. Conversámos de várias coisas [...] mas vi perfeitamente que, apesar dos esforços que fazia para parecer natural, estava tensa e com certeza pouco feliz. Por volta das 11 horas despediu-se, dizendo:

- Estou cansada e além disso sei que você costuma deitar-se com as galinhas.[...] No dia seguinte, à hora do costume, por volta das nove [...] a Jacinta entrou no meu quarto muito aflita, dizendo repetidas vezes:

- Ai que desgraça, que grande desgraça! A senhora Dona Ofélia morreu!

Fiquei tonta, desmoralizada e perguntei-lhe:

- O quê?! Quando? Como?

A Jacinta, com muitas pausas e muitas hesitações, acabou por me dizer:

- Foi a Maria que a encontrou. Ela tem as chaves da casa e quando entrou à hora habitual e levou o café à senhora, viu logo que ela estava morta, porque estava gelada e não respirava. [...] Parece que tomou um banho antes de se deitar, vestiu uma camisa muito bonita e deitou-se com o gato aos pés, como era seu costume.

[...] fui lá acima para ver se precisavam de mim ou do telefone para alguma coisa. Já lá estavam duas ou três pessoas de família e uma amiga que me disse em voz baixa, quase ao ouvido:

- Matou-se! Tinha um tubo de comprimidos vazio em cima da cama.

A pouco e pouco a casa encheu-se de gente [...] e eu, vendo que não era necessária e não conhecendo nenhuma das pessoas que lá estavam, descí para contar ao António o que se tinha passado. O António acabava de acordar e a Jacinta já lhe dera a triste notícia. Assim que me viu, perguntou-me, ansioso:

- Então?! É verdade?! Está morta? Não há nada a fazer? Não a levaram para o hospital? Disse-lhe que não, que a família dela já lá estava, assim como o médico e alguns amigos.

O António, completamente transtornado, dizia inexplicavelmente:

- A culpa foi minha, devia ter compreendido, devia ter compreendido!

Contou-me então que na véspera, ao voltar do S.N.I [...] encontrara a Ofélia sentada num dos degraus da escada, tão visivelmente transtornada que a levava para dentro de casa e estivera a conversar com ela até perto das 3 horas da manhã. Então, com visível esforço, ela levantou-se, despediu-se e subiu as escadas, deixando a impressão de sentir-se terrivelmente só e infeliz.

E continuou, aterrado:

- Então vão ter que lhe fazer uma autópsia. Que horror! E para quê?

Não foram os comprimidos que a mataram, foi a solidão!

[...] nessa altura, ela e o Bernardo já estavam separados há imenso tempo [...] o Fred Kradolfer e o [Jo]Zé Gomes Ferreira também já se tinham mudado e [...] ela agora vivia sozinha. As suas únicas companhias, fora as visitas que já não eram muitas [...] a Maria [...],e o seu gato, que nunca a abandonava [...] Não teve pois nada que ver com o Bernardo o suicídio da Ofélia, assim como não teve nada que ver com Ofélia o suicídio do Bernardo, ocorrido algum tempo depois [1962] e com o qual algumas pessoas sensacionalistas tentaram estabelecer ligação⁷⁶⁵.

⁷⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 16-19; Ver também: CASTRO, Fernanda de, *Cartas para além do tempo*, p.114-115; FREIRE, Natércia, *Infância de que nasci*, p. 9-12; FERREIRA, Raúl Hestnes, *José Gomes Ferreira: fotobiografia*; FERREIRA, José Gomes, *Imitação dos Dias*.



Fig.294

Ofélia Marques, s/data. [segunda metade década de 40, início anos 50].

Com legenda: «De Ofélia Marques a Bernardo Marques /Bernardo Querido, se não te magoar, deixei-te esta recordação de quem pensará em ti com amor até ao fim. Ofélia.

(A legenda foi escrita há tanto tempo! 1 ano e meio. E continua a ter actualidade!»

Arquivo Particular [I].

A notícia espalhou-se a grande velocidade. Familiares e amigos chegados, deslocaram-se até à Calçada dos Caetanos. O médico, amigo de Ofélia e Bernardo Marques, Doutor Luiz Soeiro, confirmou a causa da morte, que ficou então registada na certidão de óbito⁷⁶⁶[doc.2]:

Às 9 horas do dia 17 de Dezembro de 1952, na Calçada dos Caetanos, 6º . 2º freguesia de Mercês, faleceu de intoxicação aguda por barbitúricos, um indivíduo do sexo feminino de nome Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz Marques, de 50 anos de idade, estado casada, profissão doméstica, natural de Santos de Lisboa [...] Verificou o óbito o médico Dr. Luiz Soeiro⁷⁶⁷.

⁷⁶⁶ «Boletim de Óbito», in *Livro de Registo Geral*, nº17-registo nº1713/1952, sepultada às 14h45, de 18/12/1952. Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa e Cemitério de Benfica (Lisboa); Ver também informação descrita no primeiro capítulo da dissertação.

⁷⁶⁷ Idem, *ibidem* ; É interessante verificar que no campo da profissão exercida por Ofélia Marques, tenha ficado registado «doméstica», em vez de «pintora.». Esta situação era comum, a muitas outras mulheres.

No dia seguinte ao terrível acontecimento, e como noticiado pelo *Diário de Lisboa*, várias pessoas compareceram no cemitério de Benfica em Lisboa, para se despedirem, pela última vez, da mulher e artista, que tanto gostavam e admiravam:

Ficou esta tarde, no cemitério de Benfica, o corpo de uma artista a quem a vida recusou o sorriso que lhe devia. Ofélia Marques, que há cerca de duas dezenas de anos aparecera no nosso mundo artístico, com trabalhos que revelaram uma personalidade realmente inconfundível, tinha de si uma sensibilidade profunda, de extrema delicadeza, tão sentida como humana, que tanto punha nos seus trabalhos como no seu próprio convívio [...] Abel Manta, Manuel Mendes, Sara Afonso, Estrela Faria – alguns dos que hoje lhe acompanharam o corpo ao cemitério – e ainda o malogrado Carlos Queirós [faleceu em 1949], sempre presente, na recordação de todos, como Ofélia Marques igualmente ficará. Para acompanhar o funeral juntaram-se numerosas pessoas, entre as quais a poetisa Fernanda de Castro, Maria Keil do Amaral, Elsa Rumina, Diogo de Macedo, Keil Amaral, Fred Kradolfer, Carlos Botelho, Dr. Luiz Soeiro, Dr. Brito Rato, José Gomes Ferreira, Jorge Matos Chaves, Dr. Fernando Abranches, Dr. Gustavo Soromenho, Dr. Francisco Avilez, etc.⁷⁶⁸.

Que terá motivado Ofélia Marques, aos 50 anos de idade - feitos dia 14 de novembro de 1952 – a tão triste fim?

Momentos antes do dia da sua morte, Ofélia deu asas à veia poética, e escreveu um pequeno poema para si. Pelas suas palavras, versos que foram inspirados «num sonho». Intitulou-o de *Complexo*:

Não foi a menina
De bibe branco e tranças longas
Que morreu
Foi a mulher de hoje
Cansada...
E eu, atenta, a contemplá-la
Dentro da cova
Tranquila e não existente
Que nunca mesmo existiu
Para a menina
De tranças castanhas
E bibe branco de bordados
(Inspirado num sonho ...)⁷⁶⁹.

⁷⁶⁸ *Diário de Lisboa*, 18 de dezembro, 1952, p.15. [Em linha]. [Consultado a 10/07/2018]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1952&mes=12.

⁷⁶⁹ *Complexo*, escrito por Ofélia Marques, sem data. Arquivo Particular [I].



Fig.295

Ofélia Marques, 1952, Vale de Lobos.

Arquivo Particular [I]

Pela mesma altura, decidiu escrever também algumas cartas aos seus mais queridos - a Bernardo Marques, ao casal amigo Manuel e Berta (Bá) Mendes, à sua irmã Alda⁷⁷⁰. E uma missiva «para toda a gente que [quisesse] ler.»⁷⁷¹. Com seu punho, expôs o seu gostar e apreço, a gratidão por anos de amor, amizade, camaradagem e partilhas felizes e autênticas, mas também, as razões que a impeliam a querer concretizar o persistente sonho... Ou por outras palavras, a querer pôr termo à vida, para sair do tormento em que se encontrava⁷⁷².

Com a imagem presente do que seria o (seu) fim, Ofélia autorretratou-se a traço fino, aparentemente com um certo sarcasmo, deitada na cama, em repouso absoluto, com os seus gatos sobre os lençóis e a colcha [fig.296], [fig.297].

⁷⁷⁰ «Carta a Bernardo Marques», escrito por Ofélia Marques, sem data; «Para Berta Mendes e Manuel Mendes», escrito por Ofélia Marques», sem data; «Minha querida irmã», escrito por Ofélia Marques, sem data. Documentos disponíveis em: Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques; Considere-se a seguinte descrição de Sandra Leandro: «Ofélia Marques acabaria por suprimir a sua vida, mas antes de o fazer escreveu algumas cartas [...] as suas últimas lágrimas, numa missiva lancinante que deixou a Bernardo Marques. Texto e tempestade, não o considero um tópico lateral. Permite entender diversos traços de personalidade da artista.», in LEANDRO, Sandra, «Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX», in CHAVES, Vânia Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.), *As mulheres e a imprensa periódica*, vol. 2, p. 282-286.; Ver ainda: FERREIRA, Emília, «Ofélia Marques, the artist, time and masks», 2014; FERREIRA, Emília, «Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa», in FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.), *O Feminino e o Moderno*, p. 97-122.

⁷⁷¹ «Para toda a gente que ler», escrito por Ofélia Marques, sem data. Arquivo Particular [I].

⁷⁷² Por motivos de várias ordens, considerou-se pertinente não expor as palavras escritas por Ofélia nessas cartas pessoais.



Fig.296

Ofélia Marques, *A mártir moribunda*, s/d, grafite, tinta-da-china.

Coleção: Col. Particular.

Fonte da Imagem: fotografia de colecionadora particular

Observações: Não assinado/Não datado. Data [início da década de 50.]



Fig.297

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, grafite, tinta-da-china.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta 1, OM026

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [início da década de 50.]

Ao lado d' *A Mártir Moribunda* [fig.296] em particular, uma mesinha com diferentes caixas vazias de analgésicos e antipiréticos. Tomados em dose excessiva, ajudam qualquer um a fechar rapidamente os olhos.

Da escrita, do desenho, à realidade, a *menina Ophelia Cruz*, e a (mulher) artista Ofélia Marques, forçou-se a cerrar os olhos na madrugada de 17 de dezembro de 1952. Para nunca mais os abrir⁷⁷³...

As homenagens não tardaram a chegar. Poucos meses depois de partir, concretamente em março de 1953, Ofélia foi recordada na *Segunda Exposição de vinte artistas contemporâneos em Portugal*⁷⁷⁴. Os que visitaram a «Galeria de Março» - na Av., António Augusto de Aguiar em Lisboa - puderam contemplar obras de diferentes

⁷⁷³ Bernardo Marques, também pôs termo à vida, dez anos depois. Por curiosidade ver o artigo que a *Eva* dedicou ao artista no ano da sua morte: *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº1090, novembro, 1962, p.26-31.

⁷⁷⁴ *Segunda Exposição de vinte artistas contemporâneos em Portugal – por altura da passagem do primeiro aniversário da Galeria - 29 Março 1952-1953: Catálogo.*



Fig.298

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, grafite, tinta-da-china, aguarela e guache.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta 6, OM392

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [final da década de 40, início da década de 50.]

artistas para além de Ofélia Marques, também, de Bernardo Marques, Lino António, Dórdio Gomes, Thomaz de Mello (Tom), Sarah Affonso, Estrela Faria, Mily Possoz, tantos outros⁷⁷⁵.

É possível que o desenho não assinado, não datado [fig.298], com uma figura feminina, representada a corpo inteiro, num fundo neutro, com coloridos trajés e adereços, característicos do Alentejo, sentada sobre o que se assemelha ser um tapete de Arraiolos, corresponda à obra *Menina Alentejana* – da autoria de Ofélia Marques - exibida na exposição⁷⁷⁶.

O jornalista Mário Pais de Oliveira, no catálogo da *Segunda Exposição*, dedicou algumas palavras em particular aos artistas Ofélia Marques e José Tagarro, pois apesar das suas obras figurarem no certame, os dois já não se encontravam no «mundo» dos vivos:

Aqui, na presente exposição, encontra-se esse mistério de paixão e beleza, quer se trate de uma pintura figurativa, abstracta ou surrealista. Cada expositor discriminou o seu cosmo plástico e estão bem presentes as personalidades de cada um, mesmo daqueles que já desapareceram do mundo físico, como José Tagarro e Ofélia Marques, mas que têm a sua presença marcada, por esse momento tão humano da criação, donde se encontram mais perto os recursos da personalidade e onde se pode analisar melhor ou pior os mandamentos supremos da inspiração artística⁷⁷⁷.

⁷⁷⁵ Idem, *ibidem*.

⁷⁷⁶ Idem, *ibidem*. Como descrito no catálogo da exposição: Ofélia Marques *Menina Alentejana*.

⁷⁷⁷ Idem, *ibidem*.



Fig.299

Ofélia Marques (pormenor) mascarada de gata no Carnaval, numa festa organizada por Maria Lacerda, na Lapa (Lisboa), s/d [aprox. segunda metade da década de 40, início dos anos 50],

Arquivo Particular [II]

Fiquemos também com as sentidas palavras que a *Eva* dedicou a Ofélia Marques, três anos depois do ano da sua morte:

Gentil, espirituosa, de inteligência muito viva e cultivada, Ofélia atravessou a vida rindo, brincando e chorando [...] optou pela pintura que fez com amor, por inspiração e sem nenhum fim lucrativo [...] Ingénua e irónica, desempoeirada, camarada excelente, onde ela estava havia um dito jocoso, um comentário cáustico sem maldade, um riso franco e cristalino. É uma silhueta de mulher que se lembra com recolhida saudade, e o seu espírito paira, errante, na roda dos seus amigos, que abandonou [...] por fragilidade de ânimo, por não saber resistir ao tremendo vendaval da vida que tantos derruba antes do tempo!⁷⁷⁸.

E como sabemos, que era essencialmente felina que Ofélia se via e sentia, com a sua imagem de *Félica-Gata* [fig.293], de olhos bem abertos, bigodes pontiagudos, pose elegante, e em plena felicidade e celebração carnavalesca, recordemos, com profunda admiração e um sorriso, a *menina* de olhar ternurento, a mulher inteligente, meiga, e com

⁷⁷⁸ *Eva*: *jornal da mulher e do lar*, n°1000, maio, 1955, p.9.



Fig.293

Ofélia Marques, *Ofélia reconhecida, beija as mãos dadivosas da sua benfeitora*, 1948, tinta-da-china, grafite, aguarela e guache (pormenor do desenho).

Coleção: Col. Particular

Fonte da Imagem: fotografia de colecionadora particular

Observações: Assinado/Datado. Com poema – título *À Exma. Senhora D. Maria Lacerda. Comemoração do 1.º. Diário do Pudim Flan*, Assinado: Félica-Gata

um sentido de humor acutilante, a artista multifacetada, que tanto batalhou, e (para tantos) desenhou e pintou. E a tantos encantou. Até ao fim...

A seu pedido, não nos esqueçamos também, de lhe dedicar/entregar «uma Margarida»⁷⁷⁹[fig.293] ...

⁷⁷⁹ Ofélia Marques, *Ofélia reconhecida, beija as mãos dadivosas da sua benfeitora*, 1948, grafite, tinta-da-china, aguarela, guache. Com poema: *À Exma. Senhora D. Maria Lacerda. Comemoração do 1.º. Diário do Pudim Flan*, poema escrito por Ofélia Marques, 1948. Assinado: Félica-Gata. Col. Particular.

SEGUNDA PARTE: *História construída* depois do silêncio da artista o que se seguiu?

As Exposições póstumas (1953-2019)

«Ofélia reaparece suavemente, vinda de longe a perturbar de novo quem a vê, diabólica sob o olhar manso das crianças ou o abandono dos gatos na multiplicidade aflitiva dos seus auto-retratos.»

[Paula Moura Pinheiro [1988]]⁷⁸⁰

Como vimos ao longo da primeira parte desta dissertação, depois do ano de 1952 – e praticamente até aos dias de hoje - Ofélia Marques esteve representada em vários certames póstumos. Concretamente, em mais de uma vintena. Em diferentes mostras, foram apresentadas algumas pinturas e alguns desenhos, que a artista nunca mostrou durante a sua atividade artística.

Até aos primeiros anos da década de 60, Ofélia esteve representada nas exposições coletivas *Segunda Exposição de vinte artistas contemporâneos em Portugal*⁷⁸¹, na Galeria de Março em Lisboa, no ano de 1953, dois anos depois, na *Exposição de Pintura Moderna Portuguesa*⁷⁸², organizada pela associação de estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, na *X Exposição Geral de Artes Plásticas 1945-1956*⁷⁸³ na S.N.B.A., e no certame *30 Anos de Cultura Portuguesa 1926-1956*⁷⁸⁴, no estúdio do S.N.I., no ano de 1956, e por último, na mostra *15 Artistas premiados pelo S.N.I com o Prémio Sousa Cardoso*⁷⁸⁵, que teve lugar no Museu Municipal de

⁷⁸⁰ *Semanário*, 26 de março, 1988. Artigo escrito no âmbito da exposição *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta*, na Galeria de Colares em Sintra no final da década de 80.

⁷⁸¹ *Segunda Exposição de vinte artistas contemporâneos em Portugal – por altura da passagem do primeiro aniversário da Galeria - 29 Março 1952-1953: Catálogo*; O certame decorreu na Galeria de Março em Lisboa, de 21 de março a 3 de abril de 1953.

⁷⁸² *Exposição de Pintura Moderna Portuguesa: Catálogo*; O certame decorreu na sede da associação de estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa, de 20 de março a 2 de abril de 1955.

⁷⁸³ *X Exposição Geral de Artes Plásticas 1945-1956: Catálogo*; Teve lugar na S.N.B.A. em Lisboa, em junho de 1956.

⁷⁸⁴ *30 Anos de Cultura Portuguesa 1926-1956: Catálogo*. Palácio da Foz em Lisboa. Data da inauguração em junho de 1956.

⁷⁸⁵ *15 Artistas premiados pelo S.N.I. com o Prémio Sousa Cardoso: Catálogo*; A exposição promovida pelo S.N.I. e pela Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão, decorreu em junho de 1960.



Fig.304

30 Anos de Cultura Portuguesa, 1926-1936, estúdio S.N.I. Lisboa, 1956. Pormenor de uma das paredes, com quadros expostos. 1ª. pintura (a óleo) – *Menina* – é da autoria de Ofélia Marques.

Col. Estúdio Mário Novais/ Biblioteca de Arte (F.C.G.).

Fonte da imagem: Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/biblarte/2738818168/in/photostream/>

Amarante, em 1960.

Na Galeria de Março, é possível que se tenha visto o desenho *Menina Alentejana* [fig.298], que acreditamos não ter sido exposto por Ofélia Marques ao longo do segundo quartel do século XX⁷⁸⁶. Na Faculdade de Ciências de Lisboa, foi apresentado o retrato a óleo *Retrato de Raul José*, datado de 1939⁷⁸⁷[fig.175], e na S.N.B.A., a obra *Pintura*, datada de 1942⁷⁸⁸[Fig.196]. O retrato do filho do poeta José Gomes Ferreira, foi visto pela primeira vez em 1940, na 5ª. *Exposição de Arte Moderna*, o retrato da petiza de grandes olhos negros, em 1946, na 1ª. *Exposição Geral de Artes Plásticas*. Na mostra no Palácio da Foz em Lisboa, em 1956, foi apresentada mais uma vez a pintura a óleo *Menina* [fig.304]⁷⁸⁹, e no certame no Museu Municipal de Amarante, em 1960, foi apresentada uma *Aquarela*. Não foi possível identificar a obra exposta⁷⁹⁰.

⁷⁸⁶ Como descrito no catálogo da exposição: *Menina Alentejana*. Ver análise do desenho referido, no capítulo 7 da dissertação.

⁷⁸⁷ *Exposição de Pintura Moderna Portuguesa: Catálogo*; No catálogo está descrito *Retrato de Raúl Hestnes Ferreira*; Ver análise da pintura no capítulo 6.1 da dissertação.

⁷⁸⁸ *X Exposição Geral de Artes Plásticas 1945-1956: Catálogo*; Ver análise no capítulo 6.1 da dissertação.

⁷⁸⁹ *30 Anos de Cultura Portuguesa 1926-1956: Catálogo*.

⁷⁹⁰ *15 Artistas premiados pelo S.N.I com o Prémio Sousa Cardoso: Catálogo*; Como descrito no catálogo.

No espaço de dois anos, a pintora esteve igualmente representada em mais quatro certames póstumos. Em 1981, nas mostras coletivas *Desenhos*, na Galeria de São Francisco em Lisboa⁷⁹¹, e *Le Dessin au Portugal, 1900-1940*, no Centro Cultural Português da F.C.G. em Paris⁷⁹². Na capital portuguesa, foram apresentados alguns *Desenhos*⁷⁹³, e na cidade luz, duas obras assinadas e datadas – o desenho a tinta-da-china e grafite *Mãe e filha*, de 1936 [fig.300], e o desenho a grafite e lápis de cor *Autorretrato*, de 1938⁷⁹⁴ [fig.153]. Como curiosidade, dos mais de 36 artistas que marcaram presença na exposição *Desenhos*⁷⁹⁵, na Galeria São Francisco – situada na Rua Ivens, no Chiado, a poucos metros do antigo «Atelier Íbis» - apenas Ofélia Marques e Cipriano Dourado (1921-1981), não se encontravam no “mundo dos vivos”. Cipriano Dourado, em particular, partira poucas semanas antes do dia da inauguração da exposição. No ano de 1982, Ofélia regressou à Galeria de São Francisco em Lisboa. No dia 4 de março (do mesmo ano) foi inaugurada a exposição *Ofélia Marques, 1902-1952*⁷⁹⁶.

Nas palavras de António Rodrigues «a primeira mostra individual que a artista nunca realizou»⁷⁹⁷. O óleo *Pintura* (1942) [Fig.196] – exposto na já referida *X Exposição Geral de Artes Plásticas 1945-1956* em 1956 - foi um dos vários trabalhos apresentados no certame. A exposição encerrou no dia 19 de março de 1982⁷⁹⁸.

No mesmo ano, Ofélia Marques esteve ainda representada na mostra coletiva *Os Anos 40 na Arte Portuguesa* na F.C.G. em Lisboa⁷⁹⁹. Foi apresentado o óleo sobre madeira *Retrato de Luísa* [fig.173], exposto pela primeira vez no estúdio do S.P.N. em 1940⁸⁰⁰.

⁷⁹¹ *Desenhos: Catálogo*. Patente na Galeria de São Francisco em Lisboa, entre 26 de janeiro a 13 de fevereiro de 1981.

⁷⁹² *Le Dessin au Portugal, 1900-1940: Catalogue*. De 22 de maio a 20 de junho de 1981.

⁷⁹³ *Desenhos: Catálogo*. Não especificado no catálogo os desenhos expostos.

⁷⁹⁴ *Le Dessin au Portugal, 1900-1940: Catalogue*. Ver Anexos. Os desenhos pertencem à F.C.G, Col. Moderna: Inv.DP653 e Inv.DP655. Ver: WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/>

⁷⁹⁵ Como por exemplo, Cruzeiro Seixas (1920-2020), Artur Bual (1926-1999), Manuel Cargaleiro (1927-), Gracinda Candeias (1947-), Matilde Marçal (1946-), etc.

⁷⁹⁶ «Ofélia Marques que foi mulher do artista Bernardo Marques, foi pintora e desenhadora de extrema sensibilidade, pureza e poesia, inspirando-se sobretudo nas figuras de crianças e adolescentes. Parentes e amigos organizaram agora uma exposição das obras da artista na Galeria de S. Francisco. A mostra é amanhã inaugurada às 17horas e vai estar patente até 19 de março.», in *Diário de Lisboa*, 4 de março, 1982, p.22. [Em linha]. [Consultado a 21/12/2018]. Disponível em: WWW:<URL: http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/dia?ano=1982&mes=03 ;Ver também: *Ofélia Marques, 1902-1952: Catálogo*.

⁷⁹⁷ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.5.

⁷⁹⁸ *Ofélia Marques, 1902-1952: Catálogo*.

⁷⁹⁹ *Os Anos 40 na Arte Portuguesa: Catálogo*. Patente na F.C.G. de 30 de março a 17 de maio de 1982.

⁸⁰⁰ 5ª. *Exposição de Arte Moderna no estúdio do SPN: Catálogo*.

No primeiro semestre de 1988, Ofélia Marques esteve representada nas mostras *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta*⁸⁰¹ na Galeria de Colares em Sintra, e *Oitenta Anos de Arte Moderna Portuguesa*⁸⁰² na Galeria de São Bento em Lisboa. No certame individual em Sintra - e como já foi referido na primeira parte da dissertação - foram apresentados diferentes desenhos da artista (retratos, autorretratos, elegantes figuras femininas em plenos momentos de intimidade erótica), nunca vistos⁸⁰³. Na mostra coletiva em Lisboa, foi exposta a aguarela assinada, não datada *Menina no jardim*⁸⁰⁴ [Fig.301].

Dois anos depois do encerramento de ambas as exposições (em junho de 1988), no certame *Ofélia Marques: Ilustrações*⁸⁰⁵ na Galeria de Colares, foram apresentados 43 *Desenhos* da pintora. Em particular, ilustrações que Ofélia concebeu entre as décadas de 30 e 40 para várias histórias infantis como *O rei da montanha de oiro* – dos Irmãos Grimm-, *No reino do sol* – de Emília de Sousa Costa - ou por exemplo, para diferentes publicações periódicas como a *Eva*⁸⁰⁶.

Em 1991, Ofélia esteve representada na mostra coletiva *21 Desenhos*⁸⁰⁷ na Galeria 48 em Lisboa. Foram expostos dois *Desenhos* a tinta-da-china. Um deles foi a obra [fig.302], assinada, não datada⁸⁰⁸.

Ainda na primeira metade da década de 90, estiveram patentes mais de uma dezena de *Autorretratos* de Ofélia Marques - como o desenho a tinta-da-china, assinado e datado de 1936⁸⁰⁹ [fig.151] - no certame comissariado pelo historiador de arte António Rodrigues, *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa*⁸¹⁰. A mostra decorreu no C.C.B. em Lisboa, entre 8 de junho a 18 de dezembro de 1994⁸¹¹.

Em 1997, Ofélia esteve representada na exposição comissariada por João Paiva Boléo e

⁸⁰¹ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*.

⁸⁰² PRATES, António (coord. científica), *Oitenta Anos de Arte Moderna Portuguesa: Catálogo*; Nos meses de maio e junho de 1988.

⁸⁰³ RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*.

⁸⁰⁴ PRATES, António (coord. científica), *Oitenta Anos de Arte Moderna Portuguesa: Catálogo*. Ver Anexos.

⁸⁰⁵ *Ofélia Marques: Ilustrações: Catálogo*. Patente na Galeria de Colares em Sintra, entre 10 a 25 de março de 1990.

⁸⁰⁶ Idem, *ibidem*.

⁸⁰⁷ *21 Desenhos: Catálogo*. Patente na Galeria 48 em Lisboa, de 7 de março a 3 de abril de 1991.

⁸⁰⁸ Idem, *ibidem*. Ver Anexos.

⁸⁰⁹ Ver análise no capítulo 4.4 da dissertação.

⁸¹⁰ RODRIGUES, António (coord. científica), *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa: Catálogo*.

⁸¹¹ Idem, *ibidem*.

Carlos Bandeiras Pinheiro, *A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945*⁸¹², e dois anos depois, marcou presença no certame *Auto-Retratos da Coleção*⁸¹³, com curadoria de Maria José Moniz Pereira e Jorge Molder. As duas mostras tiveram lugar na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa.

Na exposição de 1999, *Auto-Retratos da Coleção*, em particular, foram expostos quatro *Autorretratos* de Ofélia Marques: Os desenhos a grafite e tinta-da-china, e a lápis de cor, assinados e datados, de 1936 e 1938 [fig.151] e [fig.153], e os desenhos a grafite, tinta-da-china e guache, não assinados e não datados [fig.156], [fig.271]⁸¹⁴.

Entre 30 de novembro de 2000 a 22 de fevereiro do ano seguinte, a artista esteve representada no certame *Coleção de Artes Plásticas de Manuel Mendes*, no Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado⁸¹⁵. Foi apresentado o retrato de Berta Mendes – desenhado a grafite e tinta-da-china - intitulado: *Menina Ba* [fig.303]⁸¹⁶.

Entre 30 de novembro de 2002 a 2 de fevereiro de 2003, realizou-se a mostra individual *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/ vinte e um desenhos*, na Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea, em Almada. Foram expostos mais de meia centena de desenhos da pintora, entre autorretratos, retratos, gatos, etc⁸¹⁷.

No ano de 2006, a pintura a óleo *Criança* [fig.182]⁸¹⁸ assinada e não datada, da autoria de Ofélia Marques, foi exposta na mostra coletiva *Equilíbrio e Indisciplina: Pintura Portuguesa dos anos 1930-40: 47 Obras da Coleção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão* na Galeria Diário de Notícias em Lisboa⁸¹⁹. O certame decorreu entre 23 de maio a 13 de julho de 2006, e foi comissariado pelo historiador de arte João Pinharanda⁸²⁰.

⁸¹² BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandeiras, *A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945: Catálogo*, p. 158.

⁸¹³ MOLDER, Jorge, PEREIRA, Maria José Moniz (coord. científica), *Auto-Retratos da Coleção: Catálogo*. Realizou-se entre 12 de fevereiro a 6 de junho de 1999.

⁸¹⁴ Idem, *ibidem*. Ver da coleção Moderna da F.C.G. em Lisboa os desenhos: DP648, DP655, DP588 e DP644. Podem ser visualizados na primeira parte da dissertação, e nos Anexos; Ver também: WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

⁸¹⁵ LAPA, Pedro, MATIAS, Margarida Marques (coord.), *Coleção Manuel Mendes de Artes Plásticas: Catálogo*. Em parceria com a Fundação Mário Soares.

⁸¹⁶ Idem, *ibidem*. Ver Anexos. O desenho encontra-se atualmente disponível na Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques.

⁸¹⁷ FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.), *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*; Ver alguns dos vários desenhos, na primeira parte da dissertação e Anexos.

⁸¹⁸ Ver análise da obra no capítulo 6.1. Refere-se a pintura da Col. Moderna da F.C.G. – Inv. 81P1368

⁸¹⁹ PINHARANDA, João Lima, TAVARES, Ana Isabel (coord. ed.), *Equilíbrio e Indisciplina: Pintura Portuguesa dos anos 1930-40: 47 Obras da Coleção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão: Catálogo*.

⁸²⁰ Idem, *ibidem*.

No ano de 2015, Ofélia esteve representada na mostra coletiva *Olhos nos Olhos: o retrato na coleção do CAM*⁸²¹ na F.C.G. em Lisboa. Na mesma instituição, nos anos de 2018 e 2019, marcou também presença nos certames *Ilustradoras modernistas*⁸²² e *Artistas mulheres na coleção moderna. De Sónia Delaunay a Ângela Ferreira 1916-2018*⁸²³. Na mostra *Ilustradoras modernistas*, que teve lugar em particular na Biblioteca de Arte da F.C.G., foram expostos alguns livros – do acervo da Biblioteca – ilustrados por Ofélia Marques, como a história *Mariazinha em África* da autoria de Fernanda de Castro.

No certame coletivo que decorreu entre 31 de maio a 31 de dezembro de 2019, para além de alguns retratos do conhecido núcleo de caricaturas, foi mais uma vez exposto o *Autorretrato* [fig.151] datado de 1936⁸²⁴.

Será que teremos a oportunidade de ver Ofélia Marques «reaparecer» (novamente), numa mostra individual, por exemplo, no ano do centésimo vigésimo aniversário do seu nascimento?

⁸²¹ CARLOS, Isabel (coord.), *Olhos nos Olhos: o retrato na coleção do CAM: Catálogo*; Decorreu entre 22 de julho a 19 de outubro de 2015.

⁸²² Na Biblioteca de Arte da F.C.G., no verão de 2018; Ver: WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/museu/museu-em-direto/ilustradoras-modernistas/>

⁸²³ Ver: WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/agenda/artistas-mulheres-na-colecao-moderna/>. Exposição que esteve patente na F.C.G. em Lisboa, entre 31 de maio a 31 de dezembro de 2019.

⁸²⁴ Ver análise no capítulo 4.4 da dissertação; Col. Moderna da F.C.G. : DP648. WWW:<URL: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Considerações finais

Ao que anteriormente se conhecia do percurso de Ofélia Marques, esta investigação acrescentou, no domínio biográfico e no campo artístico, diferentes elementos. Seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, fazamos uma súpula de algumas das notas mais relevantes.

Pela primeira vez, passou-se a conhecer a freguesia onde Ofélia nasceu, assim como, o local e o momento exato em que foi batizada. Também, o nome de seus pais, respetivas naturalidades e profissões. O nome de outros elementos da família, nomeadamente, dos avós maternos e paternos, e dos padrinhos. E ainda, as diferentes moradas onde Ofélia viveu a sua meninice e adolescência.

No que concerne ao seu percurso escolar, passado no Liceu Maria Pia, também encontrámos dados interessantes, nunca referenciados. Em primeiro lugar, ficou-se a saber o período preciso em que Ofélia estudou no liceu feminino, portanto, entre 1911 a 1916. Por outro lado, as diferentes disciplinas que frequentou, da primeira à quinta classe do curso geral, e as classificações que obteve. Não foi em «Desenho», que alcançou as melhores notas.

Ainda, os nomes dos professores que lhe transmitiram os novos saberes, como, das companheiras de turma com quem conviveu. Os espaços culturais que conheceu, durante as visitas de estudo que decorreram nos primeiros anos do século XX. Foi possível confirmar também, que pouco tempo depois da realização e aprovação do exame da quinta classe (o último), em julho do ano de 1916, Ofélia matriculou-se noutro curso e noutro Liceu. Concretamente, no Curso Complementar de Letras, no Liceu Passos Manuel em Lisboa. Concluiu-o, no verão de 1918⁸²⁵.

Sobre o tempo em que estudou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ficou-se a saber, com exatidão, o ano em que Ofélia se matriculou na Licenciatura de Filologia Românica, 1918, e quando foi passado o certificado de conclusão do curso,

⁸²⁵ Como referido no capítulo 2.2 da dissertação, o certificado de conclusão do Curso Complementar de Letras, no Liceu Passos Manuel em Lisboa, pode ser consultado no processo de aluna Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em depósito no N.A.A.A.D.P.R.U.L. Contactou-se a Escola Passos Manuel nos meses de agosto e setembro do ano de 2019, para agendarmos uma visita, mas não obtivemos qualquer resposta. Assim, por uma questão de limitação de tempo, optou-se por não ir à procura de mais elementos, para a aprofundar a questão. Talvez numa ocasião futura nos dirijamos diretamente ao Arquivo Histórico da Escola Passos Manuel, para conhecer de perto a passagem de Ofélia pelo Liceu.

junho de 1923. Ainda, que matérias aprendeu, e quem as ensinou – alguns professores, personalidades relevantes no campo da cultura, literatura, ciência ou política portuguesa. Qual a especialização que Ofélia seguiu e concluiu. Por fim, o nome de outros colegas de turma, com quem muito possivelmente confraternizou, para além do desenhador e caricaturista Bernardo Loureiro Marques.

O casamento com o artista da segunda geração do modernismo português, é provavelmente, a nota biográfica mais referida do percurso de Ofélia Marques. E que o casal viveu – na companhia de outros artistas, escritores – no 2.º andar, do n.º 6, da Calçada dos Caetanos em Lisboa.

Através da consulta e análise de diversas fontes primárias – como certidões, missivas ou mesmo fotografias – passou-se a saber, a data e a hora exata, em que os jovens contraíram matrimónio, e o nome de algumas pessoas que marcaram presença na cerimónia. Encontrou-se, a morada por onde o casal passou, antes de se fixar na zona do Bairro Alto. Um dado, como tantos outros, que nunca foi referenciado. Acompanhou-se – o mais pormenorizadamente possível – o quotidiano de Bernardo e Ofélia Marques, entre a segunda metade da década de 20, e os anos 40. Por exemplo, com quem passavam por vezes os serões, tanto na casa em Arroios, como, na Calçada dos Caetanos, os lugares que mais gostavam de visitar, com ou sem os amigos próximos, ou algumas tarefas que desempenhavam em contexto doméstico.

Pela pesquisa e análise de alguns testemunhos, e em particular, de notas manuscritas redigidas por Ofélia Marques – pertencentes a arquivos particulares, e reveladas nesta dissertação pela primeira vez – ficou-se a conhecer e compreender melhor, alguns traços da personalidade da artista, gostos, gestos, aspirações e também certas desilusões, como a constatação de nunca vir a ser mãe⁸²⁶.

Concentremo-nos agora nos aspetos referentes à atividade e produção artística de Ofélia Marques.

Da consulta e análise de documentação diversa – em particular, catálogos de exposições, e periódicos – ficou-se a saber, que ao longo do segundo quartel do século XX, Ofélia marcou presença em aproximadamente uma vintena de mostras. Expôs mais assiduamente entre a década de 40 e os primórdios dos anos 50, do que no período antecedente, entre os anos 20 e 30. A maior parte dos certames em que participou

⁸²⁶ Como as expostas por exemplo nos textos da sua autoria: *O homem explica tudo*, escrito por Ofélia Marques, sem data. Arquivo Particular [I]; *Complexo*, escrito por Ofélia Marques, sem data. Arquivo Particular [I].

a partir da década de 40, foram promovidos pelo S.P.N./S.N.I. .A primeira participação nas *Exposições de Arte Moderna*, ocorreu pouco tempo depois das viagens que realizou, na segunda metade da década de 30, às cidades de Paris e Nova Iorque. Compreendeu-se que a pintora não passou de todo, despercebida pela crítica. A sua presença nos vários Salões ou Galerias, foi comentada, e os mais de trinta trabalhos que apresentou - desde pinturas a óleo, aguarelas, e desenhos vários, a grafite e tinta-da-china - apreciados. Mas foi sobretudo dada primazia, ao conteúdo temático, isto é, aos temas femininos representados, do que propriamente às características plásticas de cada obra, como por exemplo, a especificidade do traço, o preenchimento de certas formas com cor, ou os diferentes materiais aplicados.

A crítica também fez questão de relevar o facto de Ofélia Marques, ter sido a primeira mulher galardoada com o prémio de pintura Sousa Cardoso.

A salientar, que do estudo da mesma documentação, e principalmente, pela observação direta e análise de muitos trabalhos originais de Ofélia Marques – espalhados por diferentes instituições, ou por exemplo, por colecionadores particulares – foi possível identificar, algumas das obras apresentadas pela artista nos vários certames. Entre a segunda metade da década de 20, e os últimos anos da década de 40, Ofélia Marques colaborou com mais de uma dezena de publicações periódicas. Elaborou-se uma pesquisa aturada de diferentes títulos, e ficou-se a conhecer praticamente todos os traços que a pintora concebeu para revistas destinadas ao público feminino, *magazines* para a pequenada, suplementos infantis de jornais diários, entre outros.

Com o seu traço fino, sensível, e por vezes ondulante, contou inúmeras histórias, onde imperou a beleza, a graça, a candura. Também, a fantasia, o sonho. Por vezes a sátira, e outras a volúpia.

Com linha de diferentes espessuras, criou várias personagens de rosto belo e luminoso, gestos delicados, sobretudo figuras femininas. Mas de expressão pouco sorridente. Na verdade, diversas são as meninas, jovens, e senhoras, idealizadas por Ofélia, que não esboçam qualquer sorriso. Mesmo que em cena, vivam ou presenciem momentos de felicidade ou serenidade, como as que figuram - por exemplo - nas capas de distintas revistas, como a *Eva*, a *Panorama*, ou a *Ver e Crer*.

No mesmo período cronológico, Ofélia também concebeu inúmeras ilustrações e capas coloridas, para publicações destinadas ao público infantil e jovem, romances traduzidos, e até, e como se pôde confirmar através de pesquisa em arquivo, um livro de receitas.

A sublinhar, que o primeiro livro que ilustrou, foi também o primeiro livro para crianças que a ativista Maria Lamas – sob o pseudónimo de Rosa Silvestre - escreveu⁸²⁷. Por outro lado, na capa do exemplar *100 Receitas sem carne*, conheceu-se uma natureza morta, género não muito praticado por Ofélia.

Importa referir, que alguns dos desenhos que a pintora concebeu para certos contos infantis, como o acima mencionado da autoria de Maria Lamas, ou por exemplo, *O rei da montanha de ouro*, escrito pelos Irmãos Grimm, foram apresentados em diferentes certames, entre as décadas de 30 e 40. Assim como, várias ilustrações que fez para distintos *magazines*. Os desenhos para a história *Maria cotovia*, atravessaram inclusive o Atlântico, e foram vistos na cidade brasileira Rio de Janeiro, no ano de 1949. Ao longo do segundo quartel do século XX, Ofélia fez ainda inúmeros desenhos, que nunca foram exibidos em qualquer espaço artístico. Como se sabe, muitos desses trabalhos, como, e por exemplo, alguns autorretratos e certas pinturas com inequívoco teor erótico, acabaram por ser “descobertos”, analisados, expostos, postumamente, e instigaram a reflexão, sobre a real dimensão da obra da artista, mas também, que lugar deveria a sua produção artística ocupar no modernismo português.

A pesquisa e estudo de centenas de desenhos da sua autoria – concebidos a distintos materiais como, grafite, carvão, tinta-da-china, aguarela, guache, pastel, lápis de cera ou lápis de cor – dispersos por diferentes instituições, ou pertencentes a distintos colecionadores privados, levou-nos às mesmas interrogações e a outras.

Ficou-se a saber, por exemplo, que Ofélia Marques pintou muitos mais autorretratos, que os que foram divulgados postumamente, em particular, entre as décadas de 80 e 90. Alguns, até na companhia dos seus adorados gatos e outros animais. Outros, só, e com um cigarro na mão.

O mesmo se pode afirmar no que respeita a retratos, tendo sido Bernardo Marques, um dos modelos mais representados. A maior parte das suas obras não se encontram assinadas, nem datadas.

Que terá motivado Ofélia, a não expor nenhum dos mais de cinquenta autorretratos que desenhou?

E também, porque tantos retratos da sua autoria, só se conheceram postumamente?

E vários, como os apresentados nesta investigação, nunca foram visualizados?

Por outro lado, Ofélia desenhou ainda mais figuras femininas, de corpos esbeltos e

⁸²⁷ SILVESTRE, Rosa, *Maria cotovia*, Livraria Civilização, 1929.

despidos, em evidente intimidade erótica. Algumas cenas, desenrolam-se em cenários interiores, pouco ornamentados. Outras, as personagens usufruem do contacto direto com a natureza. Talvez os diferentes estudos de nu feminino que se visualizaram e analisaram, sobretudo, na coleção particular em depósito na Fundação Arpad Szenes -Vieira da Silva, tenham servido mesmo para algumas dessas representações⁸²⁸.

Durante os anos em que trabalhou ativamente, sobretudo nas décadas de 30 e 40, sabe-se, que Ofélia Marques viajou até à cidade de Paris e Nova Iorque. Que visitou museus, galerias. O que se desconhecia, é que antes dessas paragens, a pintora rumou ainda, na companhia de Bernardo, familiares e amigos, até à capital da Andaluzia. Terá percorrido e apreciado igualmente, alguns espaços artísticos?

Por se ter persistido e ido à procura de distintas obras, por se ter estudado, analisado e confrontado inúmeras fontes, porque se pôde contar também – e felizmente – com a disponibilidade e generosidade de vários autores, organismos, colecionadores, conseguiu-se recolher diversos elementos interessantes, relevantes, alusivos à vida, à atividade e produção artística de Ofélia Marques.

São dadas algumas respostas às questões que ao longo dos anos resistiram em torno do percurso da pintora, como certas notas biográficas, ou até mesmo da sua prática artística. Mas muito ficou ainda por fazer. Muito ficou em aberto.

Esperemos que outros olhares curiosos, pretendam observar e estudar, os muitos desenhos e diferentes pinturas que Ofélia produziu. Que se cruzem e deem a conhecer também, por exemplo, outras obras da artista, que se encontram (muito provavelmente) nos depósitos ou nas paredes de diferentes museus, fundações, casas particulares. Este é sem dúvida um projeto em contínua construção, e deverá ser pensado e realizado em conjunto.

Cabe-nos a todos, investigadores, historiadores, admiradores da mulher e artista que foi Ofélia Marques, tentar (re)escrever o seu (merecido) lugar na História da Arte Portuguesa.

⁸²⁸ Col. Particular, em depósito na F.A.S.V.S., principalmente nas pastas 4,5, 9.

Fontes e Bibliografia

Fontes

Arquivo Nacional da Torre do Tombo em Lisboa

Certidão de Nascimento de Ofélia Marques

- *Livro de Registo de Baptismos*, Paróquia de Santos-O-Velho Lisboa, livro B 70, cx81, 1904, p.161-162.

Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=5932369>

Certidão de casamento de Ofélia Marques e Bernardo Marques

- *Livro de Registo de Casamentos*, 4ª. Conservatória do Registo Civil de Lisboa, livro 82, cx537, 1924, p.110-111.

Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=7657926>

Arquivo Particular [I]⁸²⁹

Fotografias:

- Ofélia Marques, agosto, 1926.
- Ofélia Marques, 1927.
- Ofélia Marques, Bernardo Marques, Diogo de Macedo, José Gomes Ferreira, Berta Mendes, Manuel Mendes, Senhor da Serra (Belas), agosto de 1932.
- Ofélia Marques, abril, 1937.
- Ofélia Marques com amigos, Paris, 1938.
- Ofélia Marques, Parc de Robinson, Paris, 1938.
- Ofélia Marques, 1940.
- Ofélia Marques, Vale de Lobos, 1952.
- Ofélia Marques, sem data.
- Ofélia Marques, sem data.

⁸²⁹ Será assim indicado, para respeitar o anonimato da proprietária.

- Ofélia Marques com dedicatória a Bernardo Marques, sem data.
- Ofélia Marques, passeando pelo Chiado, sem data.
- Ofélia Marques e Bernardo Marques já casados, sem data.
- Ofélia Marques e Bernardo Marques, novembro, sem ano.
- Ofélia Marques na praia com Fernanda de Castro, Sarah Affonso, o pequeno António Quadros, entre outros amigos, sem data.
- Ofélia Marques e Bernardo Marques com Afonso Silva, António Marques, António Tomé, José Duarte, Jardines de Murillo, Sevilha, Espanha, 30 de março a 6 de abril, sem ano.
- Ofélia Marques com Bernardo Marques, Selma Rocha, José Rocha, António Ferro, Carlos Botelho, Beatriz Botelho, entre outros, dia da viagem a Nova Iorque, sem data.
- Ofélia Marques com Carlos Botelho, Selma Rocha e Bernardo Marques, dia da viagem a Nova Iorque, sem data.
- Ofélia Marques, com Bernardo Marques, Selma Rocha e José Rocha, sem data.

Manuscritos:

- *O homem explica tudo*, escrito por Ofélia Marques, sem data.
- *Complexo*, escrito por Ofélia Marques, sem data.
- Para toda a gente que ler. Escrito por Ofélia Marques, sem data.

- Recorte jornal *Semanário*, 26 de março 1988. Sobre exposição *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta*, na Galeria de Colares, em 1988.

Arquivo Particular [II]⁸³⁰

Fotografias:

- Ofélia Marques num jantar com Pedro Fonseca, Isabel Fonseca, Merícia de Lemos, Maria Lacerda, sem data.
- Ofélia Marques num jantar com Pedro Lacerda Machado, Natal Bettencourt, Maria Lacerda, Maria Bettencourt, Ferreirinha, sem data.
- Ofélia Marques mascarada de gata numa festa na Lapa (Lisboa), sem data.

⁸³⁰ Será assim indicado, para respeitar o anonimato da proprietária.

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Fotografias: Col. Estúdio Mário Novais

- Galeria UP (interior), com pormenor de desenho de Ofélia Marques, Lisboa 1933.
- Ofélia Marques e Maria Keil, vestidas com trajes regionais do Minho. Exposição Internacional de Paris, França, junho de 1937.
- Ofélia Marques trajada de minhota, com Bernardo Marques, Maria Keil, Francisco Keil do Amaral, Fernanda de Castro, Emmérico Nunes, Carlos Botelho, entre outros. Exposição Internacional de Paris, França, junho de 1937.
- Exposição Geral de Artes Plásticas, S.N.B.A. Lisboa, 1946. Fotografia com pintura de Ofélia Marques.

Texto

- «Ofélia Marques. Prémio Sousa Cardoso, 1940», texto da autoria de Diogo de Macedo. do livro em preparação para o Secretariado.

Centro de Documentação e Investigação da Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, Almada

Álbum de fotografias da inauguração da exposição Ofélia Marques: quarenta caricaturas / vinte e um desenhos, fotografias de Rosa Reis, 30 de novembro de 2002.

Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa: Cemitério de Benfica, Lisboa

Certidão de óbito de Ofélia Marques

- *Livro de Registo Geral*, nº17 a fls.41 – registo nº 1713, 1952.

Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, Lisboa

Arquivo Histórico

- *Caderno de notas das alunas da classe 1ª, 1911-1912.*
- *Caderno de notas das alunas da classe 2ª, 1912-1913.*
- *Caderno de notas das alunas da classe 3ª, 1913-1914.*
- *Caderno de notas das alunas das classes 4ª e 5ª, 1914-1915.*
- *Caderno de notas das alunas da classe 5ª, 1915-1916.*
- *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas, s/d.*
- *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula -1914-1915, s/d.*
- *Lyceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas, livro 3, 1910.*
- *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas, livro 4, 1912.*
- *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas, livro 1, 1914.*
- *Livro de Exames do Curso Geral, 1ª. secção (3ºano alunas internas), livro 3, s/d.*
- *Livro de termos de Exames do Curso Geral, 2ª. secção (alunas internas), s/d.*

Arquivo Fotográfico da Biblioteca

- *Álbum, ref.7, nº4:29fotografias, sem data.*
- *Álbum (34cm x 25cm), ref.12, nº9:26fotografias, 1914-1915.*
- *Álbum (36,5cm x 27cm) ref.8, nº5:26fotografias, 1915-1916.*

Biblioteca

- *Anuário do Liceu Maria Pia: Ano Escolar de 1911-1912, Lisboa, Casa Portuguesa,1913.*
- *Anuário do Liceu Maria Pia: Ano Escolar de 1912-1913, Lisboa, Casa Portuguesa,1914.*
- *Anuário do Liceu Maria Pia: Ano Escolar de 1913-1914, Lisboa, Casa Portuguesa,1915.*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Arquivo Histórico

Pasta AA4:

Série: Assiduidade dos alunos – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Livro trabalhos práticos 2ºano,1916-1920.

Pasta AA5:

Série: Assiduidade dos alunos – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Livro trabalhos práticos 1ºano, nº1, 1916-1923

Pasta AA6:

Série: Assiduidade dos alunos – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Livro trabalhos práticos 3ºano, 1916-1917 / 1924-1925.

Pasta AA7:

Série: Assiduidade dos alunos – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Livro trabalhos práticos 3ºano, s/d.

Pasta AA9:

Série: Assiduidade dos alunos – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Livro trabalhos práticos 4ºano, 1920-1923.

Pasta AA11:

Série: Assiduidade dos alunos – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Livro trabalhos práticos 1ºano, 1923-1925.

Fundação Mário Soares (Casa Comum) |Fundo Manuel Mendes| Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa

- Carta de Fred Kradolfer endereçada a Manuel Mendes, lembrando Bernardo Marques. 30 de setembro, 1962.

Fotografias:

- Ofélia Marques e Berta Mendes no Chiado, 26 de março, 1933.
- Ofélia Marques, Bernardo Marques, Berta Mendes, Manuel Mendes, Clementina Carneiro de Moura, Abel Manta, Carlos Botelho, entre outros, Lisboa, verão de 1933.
- Ofélia Marques, Bernardo Marques, Ingrid Ferreira, José Gomes Ferreira, Manuel Mendes e Berta Mendes, Senhor da Serra (Belas), agosto, 1934.
- Ofélia Marques com alguns amigos na praia de Carcavelos, sem data.
- Ofélia Marques com alguns amigos na praia de Carcavelos, sem data.
- Ofélia Marques, Berta Mendes e Ingrid Ferreira, na praia de Carcavelos, sem data.
- Ofélia Marques com Berta Mendes, Fernando Lopes Graça, Bernardo Marques, Manuel Mendes, Bento Caraça e Cândida Caraça, Costa da Caparica, sem data.

Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa

Biblioteca | Espólio Manuel Mendes, Pasta Ofélia Marques:

- *Cadastro da D. Ofélica*, escrito por Ofélia Marques, sem data.

Cartas redigidas por Ofélia Marques:

- Manuelzinho. Carta escrita a Manuel Mendes. Paris, 15 de setembro de 1937.
- Amigo e Senhor Manuel. Carta escrita a Manuel Mendes. Paris, 11 de novembro de 1937.
- Doce Manuel. Carta escrita a Manuel Mendes. Paris, dezembro de 1937.
- Manuelzinho. Carta escrita a Manuel Mendes. Paris, 25 de janeiro de 1938.
- Amigo Manuel. Carta escrita a Manuel Mendes. Paris, 2 de março de 1938.
- Doce Manuel. Carta escrita a Manuel Mendes. Paris, 28 de março de 1938.
- Doce Manuel. Carta escrita a Manuel Mendes. Paris, s/d.
- Carta Hiper-romântica. Carta escrita a Manuel Mendes. Paris, s/d.
- Amigos Manuel e Berta. Carta escrita a Manuel e Berta Mendes. Nova Iorque, 2 de abril de 1939.
- Carta a Bernardo Marques. Lisboa, s/d.
- Queridos Manuel e Bá. Carta a Manuel e Berta Mendes. Lisboa, s/d.
- Carta a Alda (Minha querida irmã). Lisboa, s/d.

Reitoria da Universidade de Lisboa

Núcleo de Arquivo: Área de Arquivo, Documentação e Publicações da Reitoria da Universidade de Lisboa

Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz:

- Requisitos de admissão. Certificado de exame, Curso complementar de Letras. Liceu Passos Manuel, 20 de agosto, 1918.
- Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 9 de outubro, 1918.
- Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 9 de outubro, 1918. Inscrição no curso de Filologia Românica, Faculdade de Letras.
- Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, curso Filologia Românica. Folha de inscrição, à margem, em História Antiga secção de Filologia Clássica, 10 de outubro, 1918.

- Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 9 de outubro, 1919.
- Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 11 de outubro, 1920.
- Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 20 de novembro, 1920.
- Certificado, especialização curso Magistério Primário Superior, secção de português e francês, 1 de outubro, 1922.
- Certificado de conclusão de Licenciatura, secção Filologia Românica, 8 de junho, 1923.

Outras Fontes:

Catálogos de Exposições (todos os certames em que Ofélia Marques participou ou esteve representada; organizados por ano)

II Salão d'Outono, organizado pela grande revista Contemporânea, na Sociedade Nacional de Belas Artes: Catálogo. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1926.

I Salão dos Independentes: Catálogo. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1930.

II Salão dos Independentes: Catálogo. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1931.

Salão de Inverno: Catálogo. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1932-1933.

Primeira Exposição de Montras: Comemorações Centenárias: Catálogo. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1940.

5ª. Exposição de Arte Moderna no estúdio do SPN: Catálogo. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1940.

Exposição de Desenhos: Catálogo. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1942.

1ª. Exposição dos Artistas Ilustradores Modernos: Catálogo. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1942.

8ª. Exposição de Arte Moderna no estúdio do SPN: Catálogo. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1944.

Calendas: Exposições de Pintura, Escultura, Desenhos, Gravuras, Objectos de Colecção e Antiguidades: Catálogo. Lisboa: Galeria Calendas, 1945.

1ª. Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1946.

2ª. Exposição Geral de Artes Plásticas: Catálogo. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1947.

Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I: Catálogo. Lisboa: Secretariado Nacional da Informação, 1949.

Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I: Catálogo. Lisboa: Secretariado Nacional da Informação, 1952.

Segunda Exposição de vinte artistas contemporâneos em Portugal - por altura da passagem do primeiro aniversário da Galeria – 29 Março 1952-1953: Catálogo. Lisboa: Galeria de Março, 1953.

Exposição de Pintura Moderna Portuguesa: Catálogo. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, 1955.

X Exposição Geral de Artes Plásticas 1945-1956: Catálogo. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1956.

30 Anos de Cultura Portuguesa 1926-1956: Catálogo. Lisboa: Secretariado Nacional de Informação, 1956.

15 Artistas premiados pelo S.N.I. com o Prémio Sousa Cardoso: Catálogo. Amarante: Museu Municipal de Amarante, Câmara Municipal de Vila Real, 1960.

Desenhos: Catálogo. Lisboa: Galeria de São Francisco, 1981.

Le Dessin au Portugal, 1900-1940: Catalogue. Paris: Centre Culturel Portugais, Fondation Calouste Gulbenkian, 1981.

Ofélia Marques, 1902-1952: Catálogo. Lisboa: Galeria de São Francisco, 1982.

Os Anos 40 na Arte Portuguesa: Catálogo. vols. I e II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

Catálogo Geral do Museu Municipal Armindo Teixeira Lopes. Mirandela: Câmara Municipal de Mirandela, 1983.

RODRIGUES, António (coord. científica). *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*. Colares: Galeria de Colares, 1988.

PRATES, António (coord. científica). *Oitenta anos de arte moderna portuguesa: Catálogo*. Lisboa: Galeria de São Bento, 1988.

Ofélia Marques: Ilustrações: Catálogo. Colares: Galeria de Colares, 1990.

21 Desenhos: Catálogo. Lisboa: Galeria Triangulo 48, 1991.

RODRIGUES, António (coord. científica). *O Rosto da Máscara: a auto-representação na Arte Portuguesa: Catálogo*. 1ª. Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1994.

BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandejas. *A Banda Desenhada Portuguesa 1914-1945: Catálogo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

MOLDER, Jorge, PEREIRA, Maria José Moniz (coord. científica). *Auto-Retratos da Colecção: Catálogo*. Lisboa: Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

LAPA, Pedro, MATIAS, Margarida Marques (coord.). *Colecção Manuel Mendes de Artes Plásticas*. Lisboa: Fundação Mário Soares, Museu do Chiado, 2001.

FERREIRA, Emília, RIBEIRO, Ana Isabel (coord.). *Ofélia Marques: quarenta caricaturas/vinte e um desenhos: Catálogo*. Almada: Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, Câmara Municipal de Almada, 2002.

PINHARANDA, João Lima, TAVARES, Ana Isabel (coord. ed.). *Equilíbrio e Indisciplina: Pintura Portuguesa dos anos 1930-40: 47 Obras da Colecção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão: Catálogo*. Lisboa: Galeria Diário de Notícias, 2006.

PESTANA, Ana Maria (coord.). *Catálogo Geral do Museu Municipal Amadeo de Sousa Cardoso*. Amarante: Museu Municipal de Amarante, 2009.

CARLOS, Isabel (coord.). *Olhos nos olhos: o retrato na colecção do CAM: Catálogo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

Publicações periódicas

ABC-zinho - (todos os números 1ªsér. 1924;1925; 2ªsér. 1926;1927;1928;1929; 3ªsér. 1930;1931;1932).

Atlântico: revista Luso-Brasileira - (todos os números 1ªsér.1942;1943;1944;1945; 2ªsér.1946;1947; 1948; 3ªsér.1949;1950).

Bem viver - (todos os números 1953;1954).

Casino: semanário de elegâncias e arte - (todos os números Ano I 1928; Ano II 6 janeiro 1929).

Civilização: grande magazine mensal - (todos os números 1928; 1929; 1930; 1931; 1932; 1933; 1934; 1935; 1936;1937).

Diário de Lisboa – (maio 1930; maio 1931; dezembro 1932; janeiro 1933, junho 1937; maio 1939; junho 1940, janeiro 1941; março, abril 1942; janeiro 1944; julho 1946; maio 1947; janeiro 1948; maio 1949; 17,18,19 dezembro 1952; março 1982)

Diário de Notícias; incluindo suplemento infantil «notícias miudinho» - (todos os números 1924; 1925;1926;1927; 1928;1929;1930;1931;1932;1933).

Eva: jornal da mulher e do lar - (todos os números 1925; 1926; 1927; 1928; 1929; 1930; 1931;1932;1933;1934;1935;1936;1937;1938;1939;1940;1941;1942;1943;1944;1945; 1946;1947;1948;1949;1950;1951;1952;1953;1954;1955;1956;1957;1958;1959;1960; 1961; 1962;1963;1964;1965;1966;1967;1968;1969;1970;1971;1972).

Ilustração: grande revista portuguesa – (todos os números 1926;1930;1931;1932).

Ilustração Portuguesa: (todos os números 1914; e 1920).

Litoral: Revista mensal de cultura - (todos os números 1944;1945).

Mundo Literário: Semanário de crítica e informação literária, científica e artística – (junho e julho 1946).

O Senhor Doutor: um amigo que diverte, educa e instrui - (todos os números de 18 março a 30 setembro1933).

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo - (todos os números 1ªsér.1941; 1942; 1943;1944;1945;1946;1947;1948;1949; 2ªsér.1951; 1952; 1953; 1954; 1955; 3ªsér.1956;

1957;1958;1959;1960;1961; 4^asér.1962; 1963; 1964; 1965; 1966; 1967; 1968; 1969; 1970;1971;1972).

Pim, Pam, Pum! (suplemento infantil do jornal *O Século*) – (todos os números 1930;1931;1932;1933;1934;1935;1936).

Portugal feminino: revista mensal ilustrada - (todos os números 1930; 1931; 1932; 1933;1934;1935;1936;1937).

Portugal País de turismo: Anuário – (todos os números 1953;1954; 1955; 1956; 1957; 1958;1959;1960;1961; 1962).

Revista de Portugal – (todos os números 1937;1938;1939;1940).

Revista dos Centenários – (todos os números nº1 31 de janeiro 1939 a nº24 31 de dezembro 1940).

Tic - Tac: semanário infantil - (todos os números 1932;1933;1934;1935;1936;1937).

Ver e Crer: cada assunto vale um livro – (todos os números 1945;1946;1947;1948; 1949; 1950).

Livros com capa/ilustrações de Ofélia Marques

CASTRO, Fernanda de. *Mariazinha em África*. 3^a. Lisboa: Edições Ática, 1947.

CASTRO, Fernanda de. *Mariazinha em África*. 4^a. Lisboa: Edições Ática, 1959.

COSTA, Emília de Sousa. *No reino do sol*. 2^a. Lisboa: Edições Ática, 1947.

DENIS, Teresa. *100 Receitas sem carne*. Lisboa: Livraria Portugália, s.d.

DICKENS, Charles. *A loja de antiguidades*. trad. Ersílio Cardoso. Lisboa: Portugália Editora, 1947.

FREIRE, Natércia. *Infância de que nasci*. Lisboa: Portugália Editora, 1957.

GRIMM. *O rei da montanha de ouro*. trad. Lôbo Vilela. Lisboa: Editorial Inquérito, 1940.

JAMES, Henry. *Retrato duma senhora*. trad. Cabral do Nascimento. Lisboa: Portugália Editora, s/d.

LAWRENCE, D.H. *Mulheres apaixonadas*. trad. Cabral do Nascimento. Lisboa: Portugália Editora, s/d.

OSÓRIO, Ana de Castro. *O príncipe das maçãs de ouro*. Lisboa: Guimarães e C^a. Editores, 1935.

SILVESTRE, Rosa. *Aventuras de cinco irmãozinhos*. Biblioteca dos pequeninos. nº34. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1931.

SILVESTRE, Rosa. *Maria cotovia*. Porto: Livraria Civilização, 1929.

Bibliografia

Vigésima primeira Exposição, na Sociedade Nacional de Belas Artes: Catálogo: Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes, 1924.

2ª. Exposição de Arte Moderna na SNBA: Catálogo. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1936.

Bernardo Marques, Obras de 1950 a 1960: Catálogo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

ACCIAIUOLI, Margarida. *Os Anos 40 em Portugal: O País, o Regime e as Artes: "Restauração" e "Celebração"*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1991.

Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/14822>

ACCIAIUOLI, Margarida. *Exposições do Estado Novo 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

ACCIAIUOLI, Margarida. *António Ferro: a vertigem da palavra. Retórica, política e propaganda no Estado Novo*. Lisboa: Bizâncio, 2013.

ANDRADE, Adriano da Guerra. *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. 1ª. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1999.

ALMEIDA, Bernardo Pinto de. *Arte portuguesa no século XX: uma história crítica*. 1ª. Matosinhos: Cardume Editores. Coral Books, 2016.

BARREIRA, Cecília. *História das nossas avós: retrato da burguesa em Lisboa 1890-1930*. Lisboa: Edições Colibri, 1992.

BRANCO, Miguel Castelo, RÊGO, Manuela (coord.). *Antes das playstations: 200 anos do romance de aventuras em Portugal: bibliografias*. 1ª. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2003.

CAETANO, João Manuel, OLIVEIRA, Rosa Maria. *As letras capitulares na ilustração dos livros infantis em Portugal, nos séculos XIX e XX*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2012.

- CASTRO, Fernanda de. *Ao fim da memória:1906-1939*. Vol. 1º. Lisboa: Editorial Verbo, 1988.
- CASTRO, Fernanda de. *Ao fim da memória:1939-1987*. Vol. 2º. Lisboa: Editorial Verbo, 1988.
- CASTRO, Fernanda de. *Cartas para além do tempo*. Odivelas: Europress, 1990.
- CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes (dir.). *Feminae dicionário contemporâneo*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, 2013.
- CONDE, Idalina. “ Sarah Affonso, mulher (de) artista.”. *Análise Social*. Vol. XXX (131-132. 2º-3º). Lisboa: Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1995.459-487.
- COSTA, Beatriz. *Sem papas na língua*. 6ª.Mem Martins: Publicações Europa-América, 1976.
- CHADWICK, Whitney. *Women, Art, and Society*. 5ª. London: Thames & Hudson, 2012.
- CHICÓ, Mário Tavares, FRANÇA, José-Augusto, GUSMÃO, Artur Nobre de (org.). *Dicionário da Pintura universal*. Vol. III Pintura Portuguesa. Lisboa: Estúdios Cor, 1973.
- DESIGNERS, Silva. *Fred Kradolfer: Design de comunicação e expositivo*. Coleção D. nº6. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2012.
- DEUS, António Dias de, SÁ, Leonardo de, *Dicionário dos autores de banda desenhada e cartoon em Portugal*. Amadora: Edições Época de Ouro, 1999.
- DIAS, Fernando Rosa. “A construção da arte moderna portuguesa em voz feminina”.
CRUZEIRO, Cristina Pratas, LOPES, Rui Oliveira (eds.). *Arte e Género: mulheres e criação artística*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2012. 68-90.
- DIAS, Francisco Maria Leote de Almeida. *Em Fernanda de Castro: Literatura e Artes Plásticas no português, feminino, plural*. Tese de Licenciatura. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2004.
- FALCÃO, Victor. *Páginas de crítica*. Braga: Casa Globo, 1927.

FERREIRA, Emília. “Ofélia Marques”. NAZARÉ, Leonor (coord.) *Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão: roteiro da coleção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.92-93.

FERREIRA, Emília. “Da deliciosa fragilidade feminina.”. LARANJEIRO, Maria José (dir.). *Margens e Confluências: um olhar contemporâneo sobre as artes*. nº11-12. Porto: Escola Superior Artística do Porto, 2006.143-157.

FERREIRA, Emília. “Ofélia Marques: um percurso ímpar no modernismo português.”. CASTRO, Zília Osório de, PEREIRA, Sara Marques (dir.). *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*. nº15. Lisboa: Edições Colibri, Universidade de Lisboa, 2006.190-198.

FERREIRA, Emília, RUIVO, Marina Bairrão (coord.). *Mily Possoz – uma gramática modernista*. Lisboa: Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, 2010.

FERREIRA, Emília. “Ofélia Marques”. ROLLO, Maria Fernanda (coord.). *Dicionário de História da I República e do republicanismo*. Vol. II F-M. Lisboa: Assembleia da República, 2013.780-781.

FERREIRA, Emília. “Ofélia Marques, the artist, time and masks”, 2014. Texto não publicado e gentilmente cedido pela autora.

FERREIRA, Emília. “Mily e Ofélia, entre o sonho do mundo e a realidade portuguesa”. FARRA, Maria Lúcia Dal, SILVA, Fabio Mario da, VILELA, Ana Luísa (org.). *O Feminino e o Moderno*. Lisboa: CLEPUL, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2017.97-122.

FERREIRA, José Gomes. *Imitação dos dias: diário inventado*. 2ª. Lisboa: Portugalia, 1970.

FERREIRA, Raúl Hestnes. *José Gomes Ferreira: fotobiografia*. 1ª. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

FERRO, Mafalda, FERRO, Rita. *Retrato de uma família: Fernanda de Castro, António Ferro, António Quadros*. 1ª. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999.

FIADEIRO, Maria Antónia. *Maria Lamas: biografia*. Lisboa: Quetzal Editores, 2003.

- FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no século XX*. 1ª. Venda Nova: Bertrand Editora, 1974.
- FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no século XX: (1911-1961)*. 4ª. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.
- FRANÇA, José- Augusto. “ 1940- A Exposição do Mundo Português.”. *Colóquio Artes*. 2ªsérie. nº45. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980. 34-50.
- FRANÇA, José-Augusto. *O Retrato na Arte portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- FRANÇA, José-Augusto. *O Modernismo na Arte portuguesa*. 3ª. Vol. Biblioteca Breve. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Divisão de Publicações, 1991.
- FRANÇA, José-Augusto. *Os Anos vinte em Portugal. Estudo de factos socio-culturais*. Lisboa: Presença, 1992.
- FRANÇA, José-Augusto. *100 Quadros portugueses no século XX*. Lisboa: Quetzal Editores, 2000.
- GONNARD, Catherine, LÉBOVICI, Élisabeth. *Femmes artistes, Artistes femmes. Paris, de 1880 à nos jours*. Paris: Éditions Hazan, 2007.
- GONÇALVES, Rui Mário. *História da Arte em Portugal*. Vol.12 Pioneiros da Modernidade. Lisboa:Alfa, 1988.
- GONÇALVES, Rui Mário. *A Arte portuguesa do século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010.
- HARRIS, Ann Sutherland, NOCHLIN, Linda. *Women Artists 1550-1950*. Los Angeles, New York: Los Angeles County Museum of Art, Alfred A. Knopf, 1976.
- HENRIQUES, Ana Rita Luís. *Fred Kradolfer (1903-1968): Designer gráfico influenciador e influenciado em Portugal*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 2011.
- Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/3657>
- HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: História do Século XX (1914-1991)*. 6ª. Lisboa: Editorial Presença, 2014.

LEANDRO, Sandra. « “Metáforas do coração” - Josefa Greco (1850-1902), Fanny Munró (1846-1926), Joana Vasconcelos (1971) - mulheres artistas». *Letras: revista da Universidade de Aveiro*. nº24. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. 57-71.

LEANDRO, Sandra. “Boa figura, má figura, sem figura: mulheres artistas no tempo da 1.ª República”. CASTRO, Zília Osório de, ESTEVES, João Gomes, MONTEIRO, Natividade (coord.). *Mulheres na I República: Percursos, Conquistas e Derrotas*. Lisboa: Edições Colibri, 2011. 271-318.

LEANDRO, Sandra, SILVA, Raquel Henriques da (coord.). *Mulheres pintoras em Portugal: de Josefa d’Óbidos a Paula Rego*. Lisboa: Esfera do Caos, 2013.

LEANDRO, Sandra (coord.). *I Congresso internacional Arte e Género? - livro de resumos*. Lisboa: Instituto de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa, 2014. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/13767>

LEANDRO, Sandra. “Páginas para artistas: modos de permanecer na imprensa periódica portuguesa no início do século XX”. CHAVES, Vanda Pinheiro, LOUSADA, Isabel (org.). *As mulheres e a imprensa periódica*. Vol. 2º. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2014. 267-292.

Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/001827977b88bd814ba15>

LEANDRO, Sandra. “(Con)vencidas da Pintura: pintoras portuguesas na transição dos séculos XIX-XX”. BESSE, Maria Graciette, SILVA, Maria Araújo da (coord.). *Femmes oubliées dans les arts et les lettres au Portugal*. Paris: Indigo & Côté-femmes éditions, 2016. 257-273.

Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/20314>

LEANDRO, Sandra. “Condenar sem ver: as outras que não eram Aurélia”. VICENTE, Filipa Lowndes (coord.). *Aurélia de Sousa mulher artista (1866-1922)*. Lisboa: Tinta da China, 2016. 136-146.

LEANDRO, Sandra. “Cântico para as desterradas: artistas portuguesas em exílio ou semi-exílio”. BESSE, Maria Graciette (dir.). *Exilience au féminin dans le monde lusophone (XXe-XXIe siècles)*. Paris: Éditions Hispaniques, Université Paris, Sorbonne, 2017. 323-334.

Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/22235>

LEANDRO, Sandra, SILVA, Raquel Henriques da (coord.). *Mulheres escultoras em Portugal*. Lisboa: Caleidoscópio, 2017.

LEANDRO, Sandra. *Mão inteligente: Raquel Roque Gameiro (1889-1970) ilustração e aguarela*. Amadora: Casa Roque Gameiro, Câmara Municipal da Amadora, 2017.

LEANDRO, Sandra. *Ver tudo: Mãmía Roque Gameiro (1901-1996). Pintura e ilustração*. Amadora: Casa Roque Gameiro, Câmara Municipal da Amadora, 2018.

LEANDRO, Sandra. “Considerar Estrela Faria (1910-1976)”. FERREIRA, José Alberto (coord.). *WAH! We Are Here!*. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2018.

LEANDRO, Sandra. “Misérables infortunées, et reines parfois:femmes artistes portugaises en marge (XIXe-XXe siècles)”. SIMON, Maria Cristina Pais. *Marginalités au féminin dans le monde lusophone*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2019.297-317. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/25825>

LEANDRO, Sandra. *Artistas plásticas em Portugal*. Lisboa: Manufactura Editora, 2020.

LOBO, Theresa. *Ilustração em Portugal I: 1910 a 1940*. Lisboa: IADE Edições, 2009.

MANTA, Isabel. *A obra de Clementina Carneiro de Moura*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Lusíada, 1999.

MANTAS, Helena Alexandra Jorge Soares. *Maria Keil, “uma operária das artes” (1914-2012) Arte Portuguesa do século XX*. Tese de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 2012.

Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/24453>

MARQUES, A.H de Oliveira. *História de Portugal*. Vol. III. Das Revoluções liberais aos nossos dias. Lisboa: Palas Editores, 1987.

MARQUES, A.H. de Oliveira, SERRÃO, Joel (dir.). *Nova História de Portugal*. Vol. XI Portugal da Monarquia para a República. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

MARQUES, A.H de Oliveira. *Breve História de Portugal*. Lisboa: Tinta da China, 2018.

MARQUES, Maria Gabriela Mota. *Cabelos à Joãozinho: a garçonne em Portugal nos Anos Vinte*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2002.

MARTINS, Maria João. *Mulheres portuguesas: divas, santas e demónios*. Vol. 1º. Lisboa: Vega, 1994.

MATTOSO, José (dir.). *História da vida privada em Portugal*. Vol. 3º. A Época Contemporânea. Lisboa: Temas e Debates, 2011.

MENDES, Manuel. *Considerações sobre as Artes Plásticas*. Lisboa: Seara Nova, 1944.

MENDES, Maria Pilar Antunes. *Mily Possoz (1888-1968): Percurso e afirmação de uma artista no modernismo português*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2010.

Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/3395?locale=en>

MENDES, Teresa Maria Ventura. *Nicolau e Nicolina, 90 anos de travessuras*. Dissertação de Mestrado. Évora: Universidade de Évora, 2015.

Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/18453>

NEGREIROS, Maria José Almada. *Conversas com Sarah Affonso*. 2ª. Lisboa: O Jornal, 1985.

OLIVEIRA, Américo Lopes de, VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão, 1967.

OLIVEIRA, Maria João Lello Ortigão de. *Aurélia de Sousa em contexto: a cultura artística no fim de século*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2006.

PAMPLONA, Fernando de. *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*. 1ª. Vol. III. Lisboa: Civilização Editora, 1954.

PAMPLONA, Fernando de. *Dicionário de pintores e escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*. 2ª. Vol. IV. Lisboa: Civilização Editora, 1987-1988.

PEDRO, Maria João Gomes. *Sarah Affonso- vida e obra*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2004.

POLLOCK, Griselda. *Differencing the Canon: Feminist, desire and the writing of art's histories*. London, New York, Routledge, 1999.

PORTELA, Artur. *Salazarismo e Artes Plásticas*. 2ª. Vol. Biblioteca Breve v.68. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Divisão de Publicações, 1987.

PRATES, Maria Luzia Fouto. *Maria Lamas (1893-1983) – Uma participante na História da mentalidade feminina*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2010.

Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/5576>

ROCHA, Natércia. *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. Biblioteca Breve, v.97. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Divisão de Publicações, 1992.

ROSAS, Fernando. “O Estado Novo nos anos 30”. MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Vol. VII. O Estado Novo (1926-1974). Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.243-299.

RUIVO, Marina Bairrão. *Bernardo Marques (1898-1962):um esboço*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1990.

SAMARA, Maria Alice. *Operárias e Burguesas: As Mulheres no tempo da República*. 1ª. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2007.

SAMARA, Maria Alice. “O Republicanismo”. ROLLO, Maria Fernanda, ROSAS, Fernando (coord.). *História da Primeira República Portuguesa*.1ª. Lisboa: Tinta da China, 2010.61-79.

SANTOS, Rui Afonso. *O design e a decoração em Portugal: Exposições e feiras, os anos vinte e trinta*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1994.

Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/31765>

SILVA, Amaro Carvalho da. “Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.” . CLARA, Ana Teresa Santa, NÓVOA, António (coord.). *Liceus de Portugal: Histórias, Arquivos, Memórias*. 1ª. Porto: Edições Asa, 2003. 485-505.

SILVA, Raquel Henriques da. *Aurélia de Souza*. Lisboa: Inapa D.L, 1992.

SILVA, Raquel Henriques da. “Sinais de ruptura: “livres” e humoristas.” . PEREIRA, Paulo (dir.). *História da Arte portuguesa*. Vol. 3º Do Barroco à Contemporaneidade. Lisboa: Temas e Debates, 1995. 369- 405.

VICENTE, Filipa Lowndes. *A Arte sem História: mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)*. Lisboa: Athena, 2012.

VICENTE, Filipa Lowndes. “História da Arte e Feminismo: uma reflexão sobre o caso português”. LEAL, Joana Cunha, SANTOS, Mariana Pinto dos (ed.). *Revista de História da Arte – Práticas da Teoria*. nº10. Lisboa: Instituto de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa, 2012. 211-226.

VICENTE, Ana, VICENTE, Filipa Lowndes. “Fora dos Cânones: Mulheres Artistas e Escritoras no Portugal de princípios do século XX.”. CASTRO, Zília Osório de, JESUS, Isabel Henriques de (dir.). *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*. nº33. Lisboa: Edições Colibri, Universidade Nova de Lisboa, 2015. 37-51.

VICENTE, Filipa Lowndes. “Mulheres artistas: as possibilidades de criação feminina no Portugal de 1915”. DIX, Steffen (org.). *1915 - O ano do ORPHEU*. 1ª. Lisboa: Tinta da China, 2015.121-136.

VICENTE, Filipa Lowndes. “Auto-Retrato: Linda Nochlin”. LUÍS, Alexandra Alves, SARAIVA, Ana Paula (coord.). *Faces de Eva: Revista de Estudos sobre a Mulher*. nº 39. Lisboa: Edições Colibri, Universidade Nova de Lisboa, 2018. 183-189.

VIEIRA, Joaquim. *Portugal Século XX: crónica em imagens. 1930-1940*. 1ª. Lisboa: Círculo de Leitores, Temas e Debates,2010.

Consulta online:

Almanaque Silva: histórias da ilustração portuguesa, autoria de Jorge Silva

<https://almanaguesilva.wordpress.com>

Bibliothèque Nationale de France|Gallica

<https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>

Biblioteca de Arte F.C.G. Fotografias: Col. Estúdio Mário Novais

<https://www.flickr.com/photos/biblarte/> ;

<https://www.biblartepac.gulbenkian.pt/ipac20/ipac.jsp?session=C60B7725S6183.3176444&profile=ba&menu=tab13&ts=1608772546183>

Biblioteca da Universidade de Coimbra | Biblioteca Geral Digital.

<http://webopac.sib.uc.pt/search>

Blog Dias que voam, autoria Teresa Guerreiro

<http://diasquevoam.blogspot.com/>

Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães, UMAR

<https://www.cdofeminista.org/biografias/page/2/>

Fundação Calouste Gulbenkian: Coleção Moderna /Artistas, online, Museu Calouste Gulbenkian

https://gulbenkian.pt/museu/fcg_entity/colecao-moderna/?post_type=artist

Fundação António Quadros, Rio Maior, Presidente: Ana Mafalda de Quadros Ferro

<http://www.fundacaoantonioquadros.pt/>

Fundação Mário Soares (Casa Comum. Arquivo Digital)

<http://casacomum.org/cc/arquivos>

Hemeroteca Municipal de Lisboa |Hemeroteca Digital, Câmara Municipal de Lisboa

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/index.htm>

Mané- Katz Museum, Israel.

<https://www.mkm.org.il/eng>

Marie Laurencin Museum, Japão.

<http://marielaurencin.jp/en/>

Modern!smo, Arquivo Virtual da Geração de «Orpheu»

<https://modernismo.pt/>

Movimento Democrático de Mulheres, Lisboa

<https://www.mdm.org.pt/mdm/>

Apêndices

Ofélia Marques (1902-1952): mulher artista no modernismo português.

A menina Ophelia Cruz que é hoje Ofélia Marques

Entre as Exposições e as Ilustrações (em periódicos e livros), 1926-1952

Apêndice A - Listagem de Exposições (1926-1952)

Nome	Data	Onde	O que apresentou O.M (como descrito em catálogo)
<i>II Salão de Outono</i>	Novembro 1926	S.N.B.A., Lisboa	Trabalhos Decorativos vários: - <i>Barros pintados</i> - <i>Vidros</i> - <i>Brinquedos e Bibelots</i> (madeira) - <i>Quadros</i> - <i>Almofadas</i> - <i>Bonecas de pano</i> - <i>Publicidades</i> (plaquetes de madeira)
<i>I Salão dos Independentes</i>	Maio 1930	S.N.B.A., Lisboa	Seis Aguarelas e três Desenhos. <u>Aguarelas:</u> - <i>Retrato da menina o.p</i> - <i>Bordado</i> - <i>Criança</i> - <i>Meninas</i> - <i>O vestido preto e branco</i> - <i>Composição</i> <u>Desenhos:</u> - <i>Desenho</i> (s/título) - <i>Desenho</i> (s/título) - <i>Desenho</i> (s/título)
<i>II Salão dos Independentes</i>	Maio 1931	S.N.B.A., Lisboa	Quatro Óleos: - <i>Pintura</i> (s/título) - <i>Pintura</i> (s/título) - <i>Pintura</i> (s/título) - <i>Retrato</i> (s/título)
<i>Salão de Inverno</i>	Dezembro 1932, Janeiro 1933	S.N.B.A., Lisboa	Três Óleos, dois Desenhos, quatro Aguarelas: <u>Óleos:</u> - <i>Óleo</i> (s/título) - <i>Óleo</i> (s/título) - <i>Retrato</i> (s/título) <u>Desenhos:</u> - <i>Gato</i> - <i>Desenho</i> (s/título) <u>Aguarelas:</u> - <i>Jardim</i> - <i>Amigos</i> - <i>Aguarela</i> (s/título) - <i>Férias</i>
<i>Inauguração da Galeria UP</i>	Março 1933	Rua Serpa Pinto, Lisboa	Desenhos

<i>Estúdio Técnico de Publicidade (E.T.P.)</i>	1936 (fundado por José Rocha)	-	Desenhos Colaborou com vários artistas
<i>Primeira Exposição de Montras:Comemorações Centenárias</i>	Junho e Julho 1940	Rua Garrett (Promovida pelo S.P.N.)	Dois Desenhos, para a montra da <i>Casa Bénard</i> : - <i>Amiguinhos dos bichos</i> - <i>Meninas estudiosas</i>
<i>5.ª Exposição de Arte Moderna</i>	Dezembro 1940	Estúdio do S.P.N. Rua São Pedro de Alcântara Lisboa	Quatro Óleos: - <i>Retrato de Luísa</i> (Prémio Sousa Cardoso) - <i>Retrato de José Gomes Ferreira</i> - <i>Retrato de Raul José</i> - <i>Crianças</i>
<i>Exposição de Desenhos</i>	Fevereiro 1942	Estúdio do S.P.N.	Cinco Desenhos: - <i>Desenho</i> (s/título) - <i>Desenho</i> (s/título) - <i>Desenho</i> (s/título) - <i>Desenho</i> (s/título)
<i>1.ª Exposição dos Artistas Ilustradores Modernos</i>	Abril e Maio 1942	Estúdio do S.P.N.	Desenhos vários: - <i>Desenhos</i> para Álbum <i>Meninas</i> - <i>Ilustrações</i> para <i>O rei da montanha de ouro</i> - <i>Desenho Meninas</i> , para <i>Revista de Portugal</i>
<i>8.ª Exposição de Arte Moderna</i>	Janeiro 1944	Estúdio do S.P.N.	Um Óleo: - <i>Luísa</i>
<i>Exposições de Pintura, Escultura, Desenhos, Gravuras, Objectos de colecção e Antiguidades</i>	Janeiro 1945	Galeria Calendas, Rua das Chagas em Lisboa	Duas Aguarelas, um Pastel, um Desenho: <u>Aguarelas:</u> - <i>História Bonita</i> - <i>Contraste</i> <u>Desenho:</u> - <i>O Brinquedo</i> <u>Pastel:</u> - <i>Retrato de Menina</i>
<i>1.ª Exposição Geral de Artes Plásticas</i>	Julho 1946	S.N.B.A. Lisboa	Um Óleo, um Desenho: <u>Óleo:</u> - <i>Pintura</i> <u>Desenho:</u> - <i>Desenho</i>
<i>2.ª Exposição Geral de Artes Plásticas</i>	Maio 1947	S.N.B.A. Lisboa	Desenhos - <i>Desenhos</i>
<i>Catorze Anos de Política do Espírito</i>	Janeiro 1948	Palácio Foz, (novo) Estúdio do S.N.I., Lisboa	Desenhos vários, que Ofélia Marques concebeu para distintas publicações do S.P.N./S.N.I., como a revista <i>Panorama</i>
<i>Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.</i>	Maio 1949	Palácio Foz, Estúdio do S.N.I., Lisboa	Um Óleo - <i>Crianças</i>
<i>Exposição dos Artistas Premiados pelo S.N.I.</i>	Fevereiro 1952	Palácio Foz, Estúdio do S.N.I., Lisboa	Um Óleo: - <i>História bonita</i>

Apêndice B - Listagem de periódicos com ilustrações (1926-1952)

Título	Texto	Autor	Data	Observ.
<i>A Informação: a informação infantil</i>	-	Fernanda de Castro	Agosto, 1926	Ilustrações Sarah Affonso e O.M
<i>ABC-zinho</i>	O menino que queria ser homem à força	HQ - Ofélia Marques	27 setembro 1926 (nº39)	Ilustrações, O.M (última página)
	Barnabum e Badalão, vítimas da aviação	HQ - Ofélia Marques	11 outubro 1926 (nº41)	Ilustrações, O.M (última página)
	A cartilha dos miúdos	-	1 novembro 1926 (nº44)	Ilustrações, O.M (última página)
	A cartilha dos miúdos	-	8 novembro 1926 (nº45)	Ilustrações, O.M (última página)
	A cartilha dos miúdos	Cottinelli Telmo	15 novembro 1926 (nº46)	Ilustrações, O.M (última página)
<i>Casino: semanário de elegâncias e arte</i>	Matinée infantil: As partidas do Quim-Quim	Graciette Branco	26 agosto 1928 (Ano I - nº1)	Ilustrações, O.M ,p.7
	Era uma vez... A Lotinha e o tareco	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.8-9
	O bebé e o mar	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.10
	Matinée infantil: As partidas do Quim-Quim (cont.)	Graciette Branco	2 setembro 1928 (nº2)	Ilustrações, O.M ,p.7
	Era uma vez... a rapozinha	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.8-10
	Matinée infantil: Era uma vez... a rapozinha (cont.)	Graciette Branco	9 setembro 1928 (nº3)	Ilustrações, O.M ,p.11-12
	A hora do ó ó	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.13-14
	Matinée infantil: As gracinhas do Achê	Salema Vaz	16 setembro 1928(nº4)	Ilustrações, O.M ,p.11
	Era uma vez... a rapozinha (cont.)	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.12-13
	Matinée infantil: As partidas do Quim-Quim (Béu-béu aviador)	Graciette Branco	23 setembro 1928 (nº5)	Ilustrações, O.M ,p.11
	Era uma vez... a rapozinha (cont.)	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.12-14
	Matinée infantil: As partidas do Quim-Quim	Graciette Branco	30 setembro 1928 (nº6)	Ilustrações, O.M ,p.11
	Era uma vez... a rapozinha (cont.)	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.12
	Bebé e campanha	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.13-14

	Matinée infantil: Quim-Quim. Amigo do alheio	Graciette Branco	7 outubro 1928 (nº7)	Ilustrações, O.M ,p.11
	Era uma vez... História infeliz do Pinheiro Maluco	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.12-14
	Matinée infantil: Bebé vai-se embora	Graciette Branco	14 outubro 1928 (nº8)	Ilustrações, O.M ,p.11-13
	A mamã saiu	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.14
	Matinée infantil: O Luís e as aves	Graciette Branco	21 outubro 1928 (nº9)	Ilustrações, O.M ,p.11-12
	Era uma vez... ratinhos	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.13-14
	Matinée infantil: As gracinhas do Achê	Salema Vaz	28 outubro 1928 (nº10)	Ilustrações, O.M ,p.11
	Kókó Rókó diz o galo à galinha	Salema Vaz		Ilustrações, O.M ,p.14
	Matinée infantil: A avó e as adivinhas	Graciette Branco	4 novembro 1928 (nº11)	Ilustrações, O.M ,p.11-12
	Era uma vez... o martírio da boneca	Salema Vaz		Ilustrações, O.M ,p.13-14
	Matinée infantil: o «fiasco» do Félix Fão	Graciette Branco	11 novembro 1928 (nº12)	Ilustrações, O.M ,p.11-12
	Era uma vez... o príncipe das faces milagrosas	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.12-14
	Matinée infantil: o «fiasco» do Quim-Quim	Graciette Branco	Edição natal 1928 (nº13)	Ilustrações, O.M ,p.14
	Bebé tem razão	Graciette Branco		Ilustrações, O.M ,p.15
	Matinée infantil: o príncipe das faces milagrosas (cont.)	Graciette Branco	6 janeiro 1929 (Ano II- nº14)	Ilustrações, O.M ,p.8-9
<i>Civilização: grande magazine mensal</i>	O Reino dos miúdos:O gigante Zabalão	Maria Lamas	Novembro 1928 (nº5)	Ilustrações, O.M ,p.76-77
	O Reino dos miúdos:A voz dos búzios	Rosa Silvestre (Maria Lamas)	Dezembro 1928 (nº6)	Ilustrações, O.M ,p.105-107
	O Reino dos miúdos: A esperteza d'um peixinho	Rosa Silvestre	Janeiro 1929 (nº7)	Ilustrações, O.M ,p.73-75
	O Reino dos miúdos: Como D. Fagundo emagreceu	Rosa Silvestre	Fevereiro 1929 (nº8)	Ilustrações, O.M ,p.76-78

	O Reino dos miúdos: Um presente da Primavera	Rosa Silvestre	Abril 1929 (nº10)	Ilustrações, O.M ,p. 92-94
	O Reino dos miúdos: O lencinho da pastora	Rosa Silvestre	Junho 1929 (nº12)	Ilustrações, O.M ,p. 84-86
	O Reino dos miúdos: A aventura d'um príncipe	Rosa Silvestre	Agosto 1929 (nº14)	Ilustrações, O.M ,p. 84-86
	O Reino dos miúdos: O príncipe medroso	Rosa Silvestre	Setembro 1929 (nº15)	Ilustrações, O.M ,p.81-83
	O Reino dos miúdos: A aldeia do castigo	Rosa Silvestre	Novembro 1929 (nº17)	Ilustrações, O.M ,p.76-78
	O Reino dos miúdos: Quando o Inverno chegou	Rosa Silvestre	Fevereiro 1930 (nº20)	Ilustrações, O.M ,p.76-78
	O Reino dos miúdos: Uma luta num jardim	Rosa Silvestre	Março 1930 (nº21)	Ilustrações, O.M ,p.76-78
<i>Pim Pam Pum! :</i> <i>(suplemento infantil do jornal O Século)</i>	Bebé e campainha	Graciette Branco	19 novembro, 1930 (Ano V nº258)	Ilustrações, O.M ,p.6
	A rapozinha	Graciette Branco	26 novembro 1930 (nº259)	Ilustrações, O.M ,p.2-3 e 6-7
	A rapozinha; os ratinhos	Graciette Branco	3 dezembro, 1930 (nº260)	Ilustrações, O.M ,p.2-3 e 6
	O bebé e o mar	Graciette Branco	9 julho 1931 (Ano VI, nº289)	Ilustrações, O.M ,p.2
<i>Portugal feminino:</i> <i>revista mensal ilustrada</i>	O homem que amava o amor	Maria Amélia Teixeira (filha)	Abril 1931 (Ano II, nº15)	Ilustrações, O.M ,p.15
<i>Eva: jornal da mulher e do lar</i>	Lisboa	Fernanda de Castro	4 abril 1931 (nº308)	Ilustrações, O.M ,p.6-7
	Cartas de Lisboa	Fernanda de Castro	9 maio 1931 (nº313)	Ilustrações, O.M ,p.5
	Cartas de Lisboa	Fernanda de Castro	11 julho 1931 (nº322)	Ilustrações, O.M ,p.5
	Cartas de Lisboa; Teatro e Cinema I	Fernanda de Castro	25 julho 1931 (nº324)	Na capa interior, p.5
	Teatro e Cinema II	Fernanda de Castro	8 agosto 1931 (nº325)	Na capa interior, p.5
	Teatro e Cinema III	Fernanda de Castro	15 agosto 1931 (nº327)	Na capa interior, p.5
	Teatro e Cinema IV	Fernanda de Castro	22 agosto 1931 (nº328)	Na capa interior, p.3
	Rasto de sangue	Virginia Lopes Mendonça	5 setembro 1931 (nº330)	Ilustrações, O.M ,p.7

Teatro e Cinema V	Fernanda de Castro	12 setembro 1931 (nº331)	Na capa interior, p.4
Carta a uma mundana	Graciette Branco	19 setembro 1931 (nº332)	Ilustrações, O.M ,p.5
Teatro e Cinema VI	Fernanda de Castro	26 setembro 1931 (nº333)	Na capa interior, p.8
Teatro e Cinema VII	Fernanda de Castro	10 outubro 1931 (nº335)	Na capa interior, p.4
O colorido das flores	Virginia Lopes Mendonça		Ilustrações, O.M ,p.6
Vingança	Sarah Beirão	17 outubro 1931 (nº336)	Ilustrações O.M ,p.7
O sonho do espelho	Virginia Lopes Mendonça	24 outubro 1931 (nº337)	Ilustrações O.M ,p.9
O homem que não chegava a tempo	Maria Amélia Teixeira (filha)	31 outubro 1931 (nº338)	Ilustrações O.M ,p.9
A sorte e o azar	Misa	14 novembro 1931 (nº340)	Ilustrações O.M ,p.7
Maria da Saudade	Bia	21 novembro 1931 (nº341)	Ilustrações O.M ,p.9 e 21
Dois velhos	I da A	12 dezembro 1931 (nº344)	Ilustrações O.M ,p.11-12
É o 9328!	Violante de Sagres	19 dezembro 1931 (nº345)	Ilustrações O.M ,p.39
Episódio do campo	Sarah Beirão	6 fevereiro 1932 (nº352)	Ilustrações O.M ,p.8
O Natal da solteirona	Andorinha	27 fevereiro 1932 (nº355)	Ilustrações O.M ,p.5 e 22
Amor e ingratidão	Adelaide Bramão	5 março 1932 (nº356)	Ilustrações O.M ,p.18 e 21
O homem que bateu em si próprio	Léo d'Alba	26 março 1932 (edição Páscoa, nº359)	Ilustrações O.M ,p.23
Coração ao largo	Maria da Nóbrega	23 abril 1932 (nº363)	Ilustrações O.M ,p.19
Pombo correio	Fernanda de Castro	21 maio 1932 (nº367)	Ilustrações O.M ,p.10
-	-	4 junho 1932 (nº369)	Capa O.M
Pombo correio	Fernanda de Castro	23 julho 1932 (nº376)	Ilustrações O.M ,p.5
Semear para colher	Sarah Beirão	30 julho 1932 (nº377)	Ilustrações O.M ,p.13
Crónicas de África	Guilhermina de Azeredo	27 agosto 1932 (nº381)	Ilustrações O.M ,p.10
Todos os caminhos vão dar a Roma	Sarah Beirão	24 setembro 1932 (nº385)	Ilustrações O.M ,p.4
Dona Mafalda Simões	Maria do Carmo Peixoto	15 outubro 1932 (nº388)	Ilustrações O.M ,p.4
O médico optimista	Aurora Jardim Aranha	5 novembro 1932 (nº391)	Ilustrações O.M ,p.7

Do ciúme	Aurora Jardim Aranha	17 dezembro 1932 (edição Natal, nº397)	Ilustrações O.M ,p.24-26
Um simples equívoco	Guilhermina de Azeredo	31 dezembro 1932 (nº399)	Ilustrações O.M ,p.10
Mais vale tarde...	Virginia Lopes Mendonça	4 fevereiro 1933 (nº404)	Ilustrações O.M ,p.4
Viagem à roda d'eléctrico	Aurora Jardim Aranha	25 março 1933 (nº411)	Ilustrações O.M ,p.4-5
Uma boa lição	Sarah Beirão	22 abril 1933 (nº415)	Ilustrações O.M ,p.10
Tentação	Guilhermina de Azeredo	29 abril 1933 (nº416)	Ilustrações O.M ,p.4
Grandesas e misérias da saia-balão	?	26 agosto 1933 (nº433)	Ilustrações O.M ,p.12
Herança de amor	Laurette de Saldanha	11 novembro 1933 (nº444)	Ilustrações O.M ,p.11
A intrigante: Cenas da vida romântica	Adelaide Bramão	9 dezembro 1933 (nº448)	Ilustrações O.M ,p.5
Súplica	Virginia Vitorino	16 dezembro 1933 (edição Natal, nº449)	Ilustrações O.M ,p.9
As duas solteironas	Maria do Carmo Peixoto	3 março 1934 (nº460)	Ilustrações O.M ,p.7
Animais pequenos	Aurora Jardim Aranha	31 março 1934 (nº464)	Ilustrações O.M ,p.13
A volta dos tristes	Guilhermina de Azeredo	19 maio 1934 (nº471)	Ilustrações O.M ,p.7
Amor. Falsidade e castigo: Cenas da vida romântica	Adelaide Bramão	9 junho, 1934 (nº474)	Ilustrações O.M ,p.20
De lança em riste...	Gabriela Castelo Branco	16 junho 1934 (nº475)	Ilustrações O.M ,p.14
Hortenses	Virginia Lopes Mendonça	30 junho 1934 (nº477)	Ilustrações O.M ,p.8
Um triste Teotónio	Aurora Jardim Aranha	21 julho 1934 (nº480)	Ilustrações O.M ,p.1
O sonho	Sarah Beirão	6 outubro 1934 (nº491)	Ilustrações O.M ,p.6
Cartas a Gretchen	Guilhermina de Azeredo	16 março 1935 (nº514)	Ilustrações O.M ,p.7
O suplício do silêncio	Georges Leconte	4 maio 1935 (nº521)	Ilustrações O.M ,p.11
Curiosidades: Alekhine, genial campeão mundial de xadrez	Príncipe Lieven	11 maio 1935 (nº522)	Ilustrações O.M ,p.8

	Do amor	Aurora Jardim Aranha	21 setembro 1935 (nº541)	Ilustrações O.M ,p.10
	Ofélia Marques Ganhou o Prémio Sousa Cardoso 1940	-	15 fevereiro 1941 (nº814)	Com desenhos de O.M, p.7
	-	-	Dezembro 1941 (edição Natal, nº839)	Desenho de O.M
	Primavera	-	Dezembro 1942 (edição Natal, nº851)	Ilustração, O.M
	Variações do Chá das 5. Crónica risonha	Joana de San Matheus	Junho 1943 (nº857)	Ilustrações, O.M, p.32-33
	O São João no Porto. Crónica portuense	Aurora Jardim	Julho 1943 (nº858)	Ilustrações, O.M, p.10-11
	Quando as mulheres falam de si próprias. Crónica vaidosa	Merícia de Lemos	Agosto 1943(nº859)	Ilustrações, O.M, p.10-11
	Natal	José Régio	Dezembro 1944 (edição Natal, nº875)	Ilustrações, O.M, p.25
	A noite de todas as crianças	P.L.H Smith	Dezembro 1945 (edição Natal, nº887)	Ilustrações, O.M, p.16-17
	Uma chávena de chá	Katherine Mansfield	Dezembro 1947 (edição Natal, nº911)	Ilustrações, O.M, p.24-25
	Álbum inédito de uma grande pintora portuguesa: Ofélia Marques e os seus amigos quando jovens	-	Dezembro 1967 (edição Natal, nº1149)	Com desenhos de O.M, p.37-41
<i>Ilustração: grande revista portuguesa</i>	Pombo correio	Fernanda de Castro	15 setembro 1931 (nº138)	Ilustrações O.M ,p.29
	Pombo correio	Fernanda de Castro	1 outubro 1931 (nº139)	Ilustrações O.M ,p.33
<i>O Senhor Doutor: um amigo que diverte, educa e instrui</i>	As maravilhosas aventuras de João sem medo: A floresta proibida	O Avô do Cachimbo (José Gomes Ferreira)	1 abril 1933 (nº3)	Sem ilustrações. Começo da história, p.3 e 11
	O caminho da infelicidade	Avô do Cachimbo	8 abril 1933 (nº4)	Ilustrações O.M ,p.3 e 11
	A colina de cristal	Avô do Cachimbo	15 abril 1933 (nº5)	Ilustrações O.M ,p.5 e 11
	A ilha dos corcundas	Avô do Cachimbo	22 abril 1933 (nº6)	Ilustrações O.M ,p.5 e 11
	O gramofone com asas	Avô do Cachimbo	29 abril 1933 (nº7)	Ilustrações O.M ,p.3 e 11
	A varinha de condão	Avô do Cachimbo	6 maio 1933 (nº8)	Ilustrações O.M ,p.3 e 11
	A sala sem portas	Avô do Cachimbo	13 maio 1933 (nº9)	Ilustrações O.M , p.3 e 11

A cidade da confusão	Avô do Cachimbo	20 maio 1933 (nº10)	Ilustrações O.M ,p.3 e 11	
O gigante barbudo	Avô do Cachimbo	27 maio 1933 (nº11)	Ilustrações O.M ,p.3	
O príncipe das orelhas de burro	Avô do Cachimbo	3 junho 1933 (nº12)	Ilustrações O.M ,p.3 e 11	
A princesa nº46.734	Avô do Cachimbo	10 junho 1933 (nº13)	Ilustrações O.M ,p.3 e 11	
O planalto dos imortais	Avô do Cachimbo	17 junho 1933 (nº14)	Ilustrações O.M ,p.3 e 18	
O fato, a condecoração e a corôa de louros	Avô do Cachimbo	24 junho 1933 (nº15)	Ilustrações O.M ,p.3 e 11	
A bruxa moderna	Avô do Cachimbo	1 julho 1933 (nº16)	Ilustrações O.M ,p.3 e 11	
O encontro com o João medroso	Avô do Cachimbo	8 julho 1933 (nº17)	Ilustrações O.M ,p.3 e 4	
O gigante do monócolo	Avô do Cachimbo	15 julho 1933 (nº18)	Ilustrações O.M ,p.3	
O ar envenenado	Avô do Cachimbo	22 julho 1933 (nº19)	Ilustrações O.M ,p.3	
No país das fábulas	Avô do Cachimbo	29 julho 1933 (nº20)	Ilustrações O.M ,p.3	
A porta de ouro e a porta de ferro	Avô do Cachimbo	5 agosto 1933 (nº21)	Ilustrações O.M ,p.3 e 4	
História do João sem medo nº2	Avô do Cachimbo	12 agosto 1933 (nº22)	Ilustrações O.M ,p.3	
O subterrâneo negro	Avô do Cachimbo	19 agosto 1933 (nº23)	Ilustrações O.M ,p.3	
A menina dos pés ôcos	Avô do Cachimbo	26 agosto 1933 (nº24)	Ilustrações O.M ,p.4	
A torre sinistra	Avô do Cachimbo	2 setembro 1933 (nº25)	Ilustrações O.M ,p.3	
O peixe das escamas vermelhas	Avô do Cachimbo	9 setembro 1933 (nº26)	Ilustrações O.M ,p.3	
A cidade do fundo do mar	Avô do Cachimbo	16 setembro 1933 (nº27)	Ilustrações O.M ,p.5	
?	?	?	?	
O peixe papagaio	Avô do Cachimbo	30 setembro 1933 (nº29)	Ilustrações O.M ,p.3	
<i>Tic-Tac: semanário infantil</i>	Ambrósia Glutôna	Maria Flávia	22 dezembro 1935 (nº158)	Ilustrações O.M ,p.4e5
<i>Revista de Portugal</i>	-	-	Abril 1939 (nº7)	Desenho O.M
<i>Panorama: revista portuguesa de arte e turismo</i>	Santo António, São João, São Pedro	Carlos Queiroz	Julho 1941 (nº2)	Ilustrações, O.M.
	Exposição de desenhos portugueses no S.P.N.	Carlos Queiroz	Abril 1942 (nº8)	Com desenhos de O.M, p.23-24
	Os artistas ilustradores	Vitorino Nemésio	Junho 1942 (nº9)	Com desenhos de O.M, p.16-17

modernos no S.P.N.				
-	-	Dezembro 1942 (nº12)	Capa O.M	
As crianças e as artistas portuguesas	R.C		Com desenhos de O.M, p.11-13	
Crianças do nosso povo	Rui Neves Pereira	Dezembro 1943 (nº18)	Ilustrações, O.M, p.8-9	
8.ª Exposição de Arte Moderna no S.P.N.	Carlos Queiroz	Fevereiro 1944 (nº19)	Com desenhos de O.M, p.47-51	
Viagens na minha infância	Natércia Freire	Abril 1944 (nº20)	Ilustrações, O.M.	
Meditação do Natal: A literatura da infância	Adolfo Simões Muller	Dezembro 1944 (nº22)	Ilustrações, O.M ,p.24-27	
Viagens na minha infância	Natércia Freire	1946 (nº27)	Ilustrações, O.M	
Viagens na minha infância	Natércia Freire	1946 (nº30)	Ilustrações, O.M	
Lisboa, meu Cais-Saudade	Maria da Graça Azambuja	1947 (nº32-33)	Ilustrações, O.M ,p.96-99	
Balada do Jardim diferente	Maria da Graça Azambuja	1948 (nº35)	Ilustrações, O.M ,p.24-26	
<i>Atlântico: revista Luso- Brasileira</i>	Uma rapariga vulgar	Rachel Bastos	1942 (nº2)	Ilustrações, O.M ,p.296-305
	Maria da Lua	Fernanda de Castro	1944 (nº5)	Ilustrações, O.M ,p.139-143
<i>Litoral: Revista mensal de cultura</i>	Minsk	Graciliano Ramos	Julho 1944 (nº2)	Ilustrações, O.M p.156-162
	O Barroco e o Romântico são expressões da mesma constante histórica	Hernâni Cidade	Janeiro-Fevereiro, 1945 (nº6)	Ilustrações, O.M p.166-174
<i>Ver e Crer: cada assunto vale um livro</i>	-	-	Dezembro, 1945 (edição Natal, nº8)	Capa O.M
	A casa nova	Manuel Mendes	Mai 1946 (nº13)	Ilustrações, O.M ,p.9-14
	O amor no meu quintal	Aquilino Ribeiro	Março 1947 (nº24)	Ilustrações, O.M ,p.3-10
	-	-	Julho, 1947 (nº27)	Capa O.M

Apêndice C - Listagem de livros ilustrados (1926-1952)

Título	Autor	Data	Observ.
<i>Maria cotovia</i>	Rosa Silvestre (Maria Lamas)	1929	Ilustrações O.M
<i>Aventuras de cinco irmãozinhos</i>	Rosa Silvestre	1931	Capa e ilustrações de O.M
<i>O príncipe das maçãs de ouro</i>	Ana de Castro Osório	1935	Capa e ilustrações de O.M
<i>100 Receitas sem carne</i>	Teresa Deniz (Fernanda de Castro)	s/d (aprox. 1ª. metade década de 40)	Capa O.M
<i>O rei da montanha de ouro</i>	Irmãos Grimm (trad. Lôbo Vilela)	1940	Ilustrações O.M e João Carlos Celestino Gomes
<i>A loja de antiguidades</i>	Charles Dickens (trad. Ersílio Cardoso)	1947	Capa O.M
<i>Retrato duma senhora</i>	Henry James (trad. Cabral do Nascimento)	s/d (aprox. 2ª. metade década de 40)	Capa O.M
<i>Mulheres apaixonadas</i>	D.H Lawrence (trad. Cabral do Nascimento)	s/d (aprox. 2ª. metade década de 40)	Capa O.M
<i>No reino do sol</i>	Emília de Sousa e Costa	1947	Capa e ilustrações de O.M
<i>Mariazinha em África</i>	Fernanda de Castro	1947	Capa e ilustrações de O.M



■ **Ofélia Marques: Vida (alguns documentos)**



Certidão de Nascimento

N.º 468

Ostos treze dias do mez d'outubro do anno de mil novecentos e quatro, nesta Igreja Parochial de Santos-o-Velho de Lisboa, baptizei solemnemente um individuo do sexo feminino a quem dei o nome de Ophelia, nascida nesta freguezia ás quatro horas da manhã de quatorze de novembro do anno de mil novecentos e dois, filha illegitima, primeira do nome, de Jose Braz Pereira da Cruz, solteiro, commerciante, natural da freguezia da Carvoeira, concelho de Torres Vedras, e de Amélia Estephania Pereira da Cruz, solteira, domestica, natural da freguezia de São Pedro de Alarcão de Cavalheiros, concelho de Bragança, parochia de Santos na rua de Dom Carlos numero cento e vinte quatro. Nota paterna de Jose Pereira, e Joaquina do Carmo, e materna de Francisco Gonçalves, e Anna Joaquina. Foi padrinho Joaquim Pereira, solteiro, commerciante, e por sua procuração Jose Pereira Junior, solteiro, commerciante, madrinha Alice Amélia da Silva Peixoto, solteira, domestica, que sei serem os proprios por informaçãõ. Os paes da meophita declara nam reconhecer a por filha para todos os effectos legais. E para constar se lavrou em duplicado este termo, que lido perante o procurador do padrinho, e madri-

Ophelia
illeg^{ta}

Passada a pedida em 30-8-924.

Overbamentos:
Luz, em 2 de agosto de 1904, nesta 4ª freguezia de Santos-o-Velho, com o nome completo de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz. Em 1000.
Baptizado em 13 de outubro de 1904.

de: F. R. P.

162

Martin

wha, e os paes da meophita assignaram. Colhi o selo de duzentos reis. Era isto assim.

Jose Braz Pereira da Cruz
Amélia Estephania Pereira da Cruz
Jose Pereira Jr.
Alice Amélia da Silva Peixoto
Joaquim Pereira

Doc.1

«Certidão de nascimento», in *Livro de Registo de Baptismos*, Paróquia de Santos-O-Velho, Lisboa – liv. B70, cx.81, 1904, p.161-162.

Coleção: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

Fonte da imagem: Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=5932369>

Certidão de óbito

REPÚBLICA PORTUGUESA

7.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa
 Av. Duque de Loulé, 16-3, 4.ª

BOLETIM DE ÓBITO

Ano de 1952 Livro n.º 55
 Registo n.º 935 Folhas 111
 A.º 9 Óbito do dia 17 de Dezembro de 1952
 na freguesia de Alfama, freguesia de Alfama
 e concelho de Lisboa, um indivíduo do sexo feminino
 de nome Ofélia Gonçalves Pereira da Silva
 de 52 anos de idade, estado casada, profissão de mulher
 natural de Lisboa, domiciliado na rua da...
 filho de João da Silva
 e de Antónia Teófilo Pereira da Silva
 Vai ser sepultado no 1.º cemitério de Lisboa
 Verificou o óbito o médico Dr. Luís Louro
 Lisboa, 18 de Dezembro de 1952

COMPRA

Inscrição	2500
Selo de parte	1500
Impressão	1350
Receitas estatutárias	1300
Adicionais	1300
Total	12500

O Conservador
[Assinatura]

C. M. Lisboa
 Divisão de Gestão Cemiterial
 03 NOV 2018
 Serviço de Apoio Administrativo

de 18/12/52
 Sepultada às 14h45
 Parte N.º
 Registo N.º 935
 Livro N.º 55
 Folha 111

Doc.2
 «Boletim de óbito», in *Livro de Registo Geral*, nº17-registo nº1713/1952, sepultada às 14h45, de 18/12/1952.
Coleção: Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa e Cemitério de Benfica (Lisboa).
Fonte da imagem: Divisão de Gestão Cemiterial de Lisboa e Cemitério de Benfica (Lisboa).

Certidão de casamento

Livro Fl. 110

REGISTO DE CASAMENTO

As doze horas e quarenta e cinco minutos do dia trinta e um do mês de agosto de ano de mil novecentas vinte e quatro, n' esta quarta Conservatória do Registo Civil de Lisboa perante mim Abílio Mendes d'Alveira, afu-
dante de conservador do Registo Civil, compareceram:

o noivo Bernardo Loureiro Marques
de vinte e cinco anos de idade, de profissão Pintor
no estado de solteiro

natural da freguesia de ossa Senhora da Encarnação de Saboia, domiciliado no Dafundo, da freguesia de Carnaxide, do concelho de Ouras, filho legítimo de Joaquim Álvares Marques de profissão proprietário natural

e de Teresa Amália Loureiro Marques de profissão proprietária natural
de Sabóia, onde são domiciliados,

e a noiva Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz de vinte e um anos de idade, de profissão doméstica no estado de solteira

natural da freguesia de Santos, de Lisboa, domiciliada na Calçada Marquez d'Alvares, cento e setenta e cinco número, da freguesia de Santos, de Lisboa, filha legítima de José Braz Pereira da Cruz de profissão Oficial do Tribunal de Comércio natural da freguesia de Carrociã, de Torres Vedras

e de Antónia Estefânia Pereira da Cruz de profissão doméstica natural de Macedo de Cavaleiros domiciliado na dita Calçada,

e declaram, perante mim e as testemunhas a títante nomeadas, que de sua livre vontade desejavam celebrar, como por este acto celebram, o seu casamento provisório segundo o regime de comunhão de bens. Nos termos do artigo duzentos e doze do Código do Registo Civil, se declara que o casamento tem por uso o nome de Bernardo Marques.

AVERBAMENTOS

Registo N.º 119
Bernardo Loureiro Marques
Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz
Doc. N.º

Ataca-se:
1.º Sendo sido a fidedigna durante o prazo legal, os competentes editais, nem que tivesse sido declarado qualquer impedimento, converto este depositivo este registo provisório. Em cumprimento do C. C. nº 100, de 12 de Setembro de 1924.
O Conservador
Abílio Mendes d'Alveira

Doc.3

«Certidão de casamento», in *Livro de Registo de Casamentos*, 4ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, liv. 82, cx. 537, 1924, p. 110-111. No verso, consta a informação dos padrinhos de casamento.

Coleção: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

Fonte da imagem: Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=7657926>

Percurso escolar e académico (1911-1923)

Liceu Maria Pia 1911-1916

Primeira classe – Boletim de Matrícula

752	Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz natural de Lisboa filho de Afonso Pereira Pereira da Cruz de 15 anos de idade morador em Calçada do Marquês 118 a cargo de sua mãe morador em Calçada do Marquês 118 no dia 31 de outubro de 1911 matriculou-se na primeira classe	Causas de perda do anno
	O Alumno, Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz O Secretario, Alice Estyriane Lobo de Azevedo	
No dia 3 de julho de 1912 encorreu a respectiva ma- trícula	Media final Desejados	
O Alumno, Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz O Secretario, Alice Estyriane Lobo de Azevedo	Resultado do exame	

Doc.4

«Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula primeira classe, 31 de outubro, 1911. Encerramento de matrícula, 3 de julho, 1912», in *Lyceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, livro 3, 1910, p. 146. (pormenor).

Coleção: A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Avaliações (primeira classe)

452

N.º 277 Nome *Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz*
 Filho de *José Braz Pereira da Cruz*
 a cargo de *Mupae*

	Português		Latim		Francês		Inglês		Allemão		Geographia e historia		Sciencias physicas e naturaes		Mathematica		Desenho		Proce- dimento						
	Faltas		Faltas		Faltas		Faltas		Faltas		Faltas		Faltas		Faltas		Faltas								
	Justificadas	Não justificadas	Notas	Justificadas	Não justificadas	Notas	Justificadas	Não justificadas	Notas	Justificadas	Não justificadas	Notas	Justificadas	Não justificadas	Notas	Justificadas	Não justificadas	Notas							
1.º período . .	-	-	13	-	-	10	-	-	14	-	-	13	-	-	11	-	-	10	13	Bom					
2.º período . .			14			10	1		13			13			11			11	1	11	2	12		10	Bom
Media			14			10			14			13			11			11		11		13		10	
3.º período . .	1		13			10			11	1		14			12			10		12		10		8	Bom
4.º período . .	8		13	6		10	7		12	4		14	5		12	7		11	4	12	9	11	4	10	Bom
Media annual de disciplina . .			13			10			13			14			11			11		11		12		10	Bom

12 Observações: *Transição para a 2ª classe com a média de Doze valores*

Doc.5

«Notas da aluna Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, n.º 277, 1ª. classe.», in *Caderno de notas das alunas da classe 1ª. 1911-1912*, registo 752.

Coleção: A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Segunda classe – Boletim de Matrícula

Modelo n.º 3 – (10 de abril)

Numero individual	Termo de abertura e encerramento de matrícula	Causas de perda do anno	Observações
280	<p>Ophelia Gonçalves Pereira Cruz natural de Lisboa filho de José Pereira Pereira da Cruz de 15 anos de idade morador em C. de Marquês de Abrantes, 101-102 a cargo de sua mãe morador em C. de Marquês de Abrantes, 101 no dia 15 de Outubro de 1912 matriculou-se na classe em inglês.</p> <p>O Alumno, Ophelia Gonçalves Pereira Cruz O Secretario, Alice Pateira Salazar</p> <p>No dia 4 de julho de 1913 encerrou a respectiva matrícula</p>	<p>Media final Muito boas.</p> <p>Resultado do exame</p>	

Doc.6

«Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula segunda classe, 15 de outubro, 1912. Encerramento de matrícula, 4 de julho, 1913», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, livro 4, 1912. (pormenor).

Coleção: A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Avaliações (segunda classe)

280

n.º 184 Nome *Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz*
 Filha de *João Braz Pereira da Cruz*
 a cargo de *sem pai*

	Português		Latim		Francês		Inglês — Alemão		Geografia e historia		Ciências físicas e naturais		Matemática		Desenho		Moral		Pedagogia		Musica		Trabalhos manuais		Ginastica		Proce- dimento
	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	Faltas { Justificadas Não justificadas	Notas	
1.º período	1	9			2	7	2	11	4	10	2	9	5	9	2	10						13	2	10			Boa
2.º período		9				9		11		10		10		9		9						14		10			11
Média . . .		9				8		11		10		10		9		10						14		10			
3.º período		9				11		12		10		12		11		11						14		11			11
4.º período		11			1	14		14		9		12		11		12						12		11			11
Média anual de disciplina		10				10,2		12		10		11		10		11						13,2		11			

Observações:

Doc.7

«Notas da aluna Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, n.º 184, 2.ª. classe.», in *Caderno de notas das alunas da classe 2.ª. 1912-1913*, registo 280.

Coleção: A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Terceira classe – Boletim de Matrícula

Modelo n.º 3 – (N.º 110 do catálogo)

Número individual	Termo de abertura e encerramento de matrícula	Causas de perda do ano	Observações
	<p><i>Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz</i> natural de <i>Lisboa</i> filho de <i>José Braz Pereira da Cruz</i> de <i>24</i> anos de idade morador em <i>q. do Paquies d'Avante, 108. 3.º</i> a cargo de <i>seu pai</i> morador em <i>q. do Paquies d'Avante, 108</i> no dia <i>15</i> de <i>Outubro</i> de 1913 matriculou-se na <i>terceira</i> classe <i>em inglês</i>.</p>		
	<p>O Aluno, <i>Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz</i> O Secretário, <i>Alice Pellegrini Lages</i></p>		
	<p>No dia <i>27</i> de <i>junho</i> de 1914 encerrou a respectiva matrícula</p>	<p>Média final <i>Dois valores</i></p>	
	<p>O Aluno, <i>Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz</i> O Secretário, <i>Edmond J. Shot Bullock</i></p>	<p>Resultado do exame <i>Três valores</i></p>	

Doc.8

«Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula terceira classe, 15 de outubro, 1913. Encerramento de matrícula, 27 de junho, 1914», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, s/d, p. 25. (pormenor)

Coleção: A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Avaliações (terceira classe;exame)

441

N.º 174 Nome Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz
 Filha de _____
 a cargo de _____

Modelo n.º 20 — (N.º 125 do catálogo)

	Português		Latim		Francês		Inglês — Alemão		Geographia e historia		Sciencias físicas e naturaes		Matematica		Desenho		Higiene		Pedagogia		Musica		Trabalhos manuaes		Ginastica		Processamento
	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	Faltas justificadas	Notas	
1.º periodo		10			10	13			9	14	14	14	10	10							11	10	14	Bom			
2.º periodo		11			11	13			12	13	13	13	11								14	10	13	Bom			
Média		11			11	13			11	14	14	12	11								13	10	14				
3.º periodo		11			12	13			12	13	11	14	12								12	10	13	Bom			
4.º periodo		11			13	13			10	11	10	14	12								12	9	15	Bom			
Média geral de disciplina		11			12	13			11	12	12	12	11,2								12,2	10	14				

Observações: Ofélia fez 12 valores.

Doc.9

«Notas da aluna Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, n.º 174, 3.ª classe.», in *Caderno de notas das alunas da classe 3.ª. 1913-1914*, registo 741.

Coleção:

A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem:

fotografia de Andreia Santos Silva.

N.º _____

Modelo n.º 25 — (N.º 137 do catálogo)

Alumno Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz
 natural de Lisboa filha de José Braz Pereira da Cruz
 da Cruz obteve nas provas escritas do curso geral, primeira secção, as seguintes notas:

Exercício de português..... none valores
 Exercício de francês..... dois "
 Exercício de inglês..... dois "
 Exercício de alemão..... dois "
 Exercício de mathematica..... dois "
 Exercício de desenho..... dois "

E nas provas oraes do mesmo exame obteve as seguintes notas:

Português..... dois valores
 Francês..... dois "
 Inglês..... dois "
 Alemão..... dois "
 Geographia e historia..... dois "
 Sciencias físicas e naturaes..... quatro "
 Mathematica..... quatro "
 Desenho..... quatro "

Tendo concluido o exame no dia 7 de agosto de mil novecentos e doze
 e foi aprovada com a classificação final de dois valores.

O Presidente, Francisco de Sá
 O Vogal, Thomaz Duarte
Francisco de Sá

Doc.10

«Classificação exame 3.ª classe: aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz», in *Livro de Exames do Curso Geral, 1.ª secção (3.º ano, alunas internas)*, livro 3, s/d, p. 104.

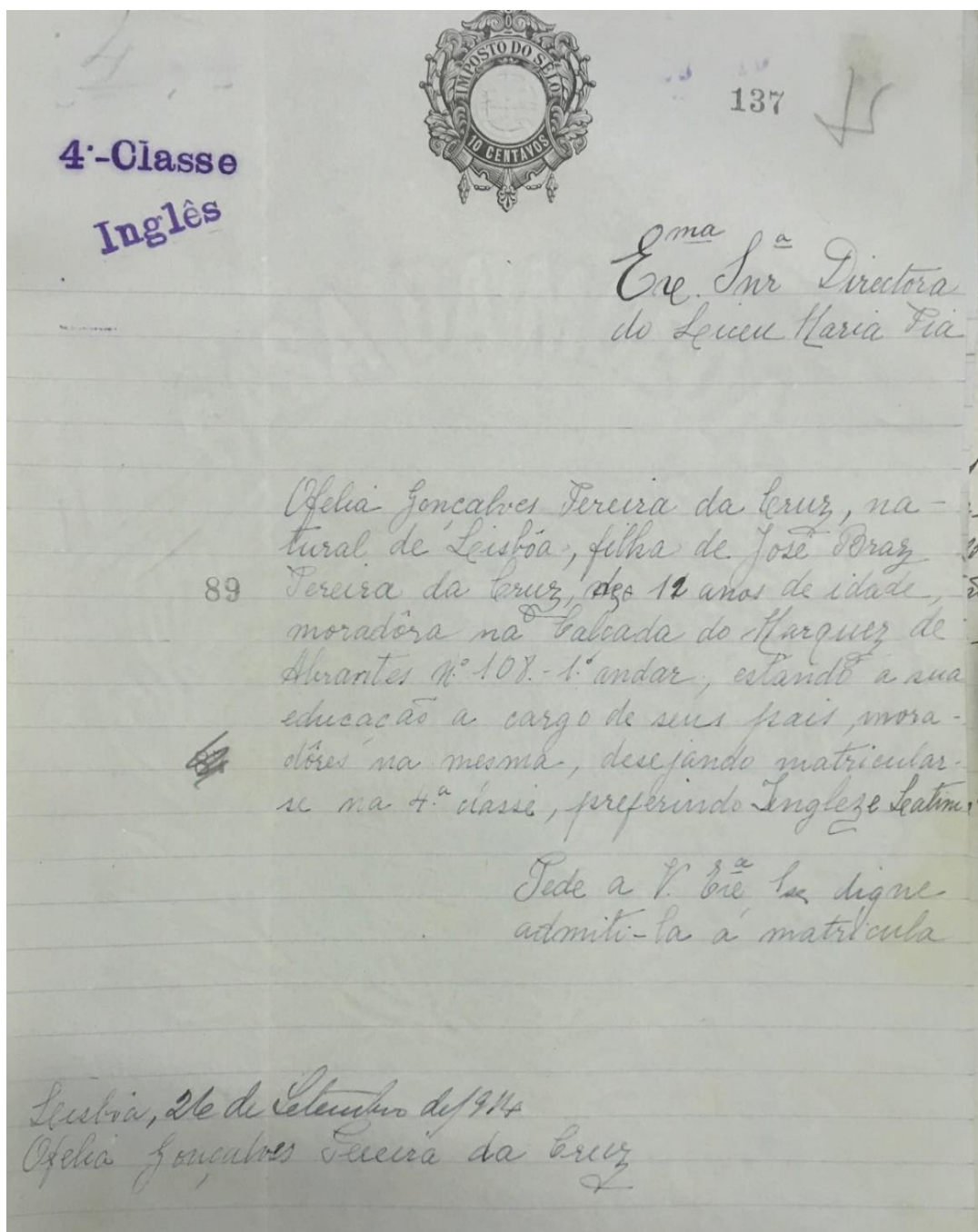
Coleção:

A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem:

fotografia de Maria de Fátima Abraços.

Quarta classe - Pedido de inscrição, com inglês e latim.



Doc. 11

«Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz. Pedido de inscrição na 4ª. classe, no Liceu Maria Pia», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula – 1914-1915*, s/d, registo 89.

Coleção: A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Quarta/Quinta classe – Boletim de Matrícula

89

N.º 89

Antônio

Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz,
 natural de *Leitôia* filha de *Yori Braz Pereira*
da Cruz de *11* anos de idade.

Termos de abertura e renovação de matrícula	Resultado da frequência
No dia <i>8</i> de <i>Outubro</i> de 1914 matriculou-se na <i>quarta</i> classe <i>com inglês</i>	<i>Foi admitida a classe imediata com a média final de dez e nove.</i>
<i>Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz</i> O Secretário, <i>Antônio</i>	
No dia <i>4</i> de <i>Maio</i> de 1915 renovou a respectiva matrícula	
<i>Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz</i> O Secretário, <i>Antônio</i>	
No dia <i>9</i> de <i>outubro</i> de 1915 matriculou-se na <i>quinta</i> classe <i>do curso geral com inglês</i>	<i>Foi admitida a classe com a média final de dez e nove.</i>
<i>Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz</i> O Secretário, <i>Antônio</i>	<i>Concluiu o curso do curso geral, segundo curso, em dia 15 de julho de 1916, tendo final aprovada com a classificação final de dez e nove.</i>
No dia <i>12</i> de <i>Março</i> de 1916 renovou a respectiva matrícula	<i>O Secretário</i>
<i>Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz</i> O Secretário, <i>Antônio</i>	<i>Antônio</i>

Doc.12

«Termo de abertura e encerramento de matrícula. Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, matrícula quarta classe, 8 de outubro, 1914. Encerramento de matrícula, 15 de julho, 1915. Matrícula quinta classe, 9 de outubro, 1915. Encerramento de matrícula, 15 de julho, 1916.», in *Liceu Maria Pia: Livro de Matrícula das alunas internas*, livro 1, 1914, p. 89.

Coleção: A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Avaliações (quarta classe)

n.º 73 Nome *Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz*
 Filha de *José Baptista Pereira da Cruz*
 a cargo de *seu pai*

	Português		Latim		Francês		Inglês — Alemão		Geografia e história		Ciências físicas e naturais		Matemá- tica		Desenho		Moral		Pedagogia		Música		Trabalhos manuais		Ginástica	
	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas	Justificadas Não justificadas	Notas
1.º período.	9	11	8	8	10	10	12	10	13	11	10	13	10	13	10	13	10	13	10	13	10	13	10	13	10	13
2.º período.	9	11	9	9	10	10	14	9	14	11	10	13	12	11	10	13	10	13	10	13	10	13	10	13	10	13
Média.....	9	11	9	9	10	10	13	12	11	10	13	12	11	10	13	10	13	10	13	10	13	10	13	10	13	
3.º período.	9	10	8	10	10	8	10	12	11	11	11	10	11	11	11	11	10	11	11	10	11	10	11	10	11	
4.º período.	11	10	9	11	8	11	10	11	10	10	10	10	11	11	11	10	11	11	10	11	10	11	10	11	10	
Média anual de disciplina	4	10	11	9	10	10	12	12	12	11	12	12	11	11	11	12	10	11	11	12	10	11	10	11	14	

Observações *Média final onze valores*

Doc. 13

«Notas da aluna Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, n.º 74, 4.ª classe.», in *Caderno de notas das alunas das classes 4.ª e 5.ª. 1914-1915.*

Coleção: A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem: fotografia de Amaro Carvalho Silva.

Avaliações (quinta classe;exame)

N.º 65 Nome *Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz*
 Filho de _____
 a cargo de _____

	Português		Latim		Francês		Inglês — Alemanha		Geografia e História		Ciências físicas e naturais		Matemática		Desenho		Gistórica		Proporção	
	Justificadas	Não justificadas	Justificadas	Não justificadas	Justificadas	Não justificadas	Justificadas	Não justificadas	Justificadas	Não justificadas	Justificadas	Não justificadas	Justificadas	Não justificadas	Justificadas	Não justificadas	Justificadas	Não justificadas		
1.º período		19	14	15	10	15	11	16	11	16	9	18	18	18	18	18	18	18	18	Reser
2.º período	2	14	12	13	11	13	11	13	10	15	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11
Média		14	13	15	11	15	11	15	11	15	10	11	11	11	11	11	11	11	11	11
3.º período	1	15	15	11	10	15	11	15	11	15	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11
4.º período	3	13	12	12	11	14	11	14	11	14	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11
Média anual de disciplinas	6	13,5	13,2	12,4	11,2	13,4	11,2	13,2	11,2	13,2	11,2	11,2	11,2	11,2	11,2	11,2	11,2	11,2	11,2	11,2

Notas averbadas no caderno escolar: *Alpedio final - 14.º classe*

Doc. 14

«Notas da aluna Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, nº 65, 5ª. classe.», in *Caderno de notas das alunas da classe 5ª. 1915-1916.*

Coleção:

A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem:

fotografia de Amaro Carvalho Silva.

N.º _____ Modelo n.º 36 — (n.º 43 de 1915)

© aluno *Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz* natural de *Castelo Branco* filho de *José Braz Pereira da Cruz* obteve nas provas escritas do exame do curso geral, segunda secção, as seguintes notas:

Composição em português *oito* valores
 Tradução de latim para português *oito* "
 Composição em francês *oito* "
 Tradução de inglês para português *oito* "
 Tradução de alemão para português *oito* "
 Exercício de ~~francês~~ *ciências* *oito* "
 Exercício de química *oito* "
 Exercício de álgebra *oito* "
 Exercício de geometria *oito* "
 Exercício de desenho *oito* "

E nas provas orais do mesmo exame obteve as seguintes notas:

Português *oito* valores
 Latim *oito* "
 Francês *oito* "
 Inglês *oito* "
 Alemão *oito* "
 Geografia e história *oito* "
 Ciências físicas e naturais *oito* "
 Matemática *oito* "
 Desenho *oito* "

Tendo concluído o exame no dia *15* de *junho* de mil novecentos e *oito* e foi *aprovado* com a classificação final de *oito* valores.

O Presidente, *Alberto Braga*
 O Vogal, *Francisco de Assis Pereira*

António de Oliveira Presidente do Conselho de Exames
Francisco de Assis Pereira Vogal
António de Oliveira Presidente do Conselho de Exames
Francisco de Assis Pereira Vogal

Do dia _____ de Outubro de mil novecentos e _____ repetiu o exame do _____ obtendo as seguintes notas: na prova escrita _____ valores; e na prova oral _____ valores; e foi _____ tendo concluído o exame do curso geral, segunda secção, com a classificação final de _____ valores.

O Presidente, _____
 O Vogal, _____

101 - 1916-1915

Doc. 15

«Classificação exame 5ª. classe, aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz», in *Livro de termos de Exames do Curso Geral, 2ª. secção (alunas internas), s/d, p. 28.*

Coleção:

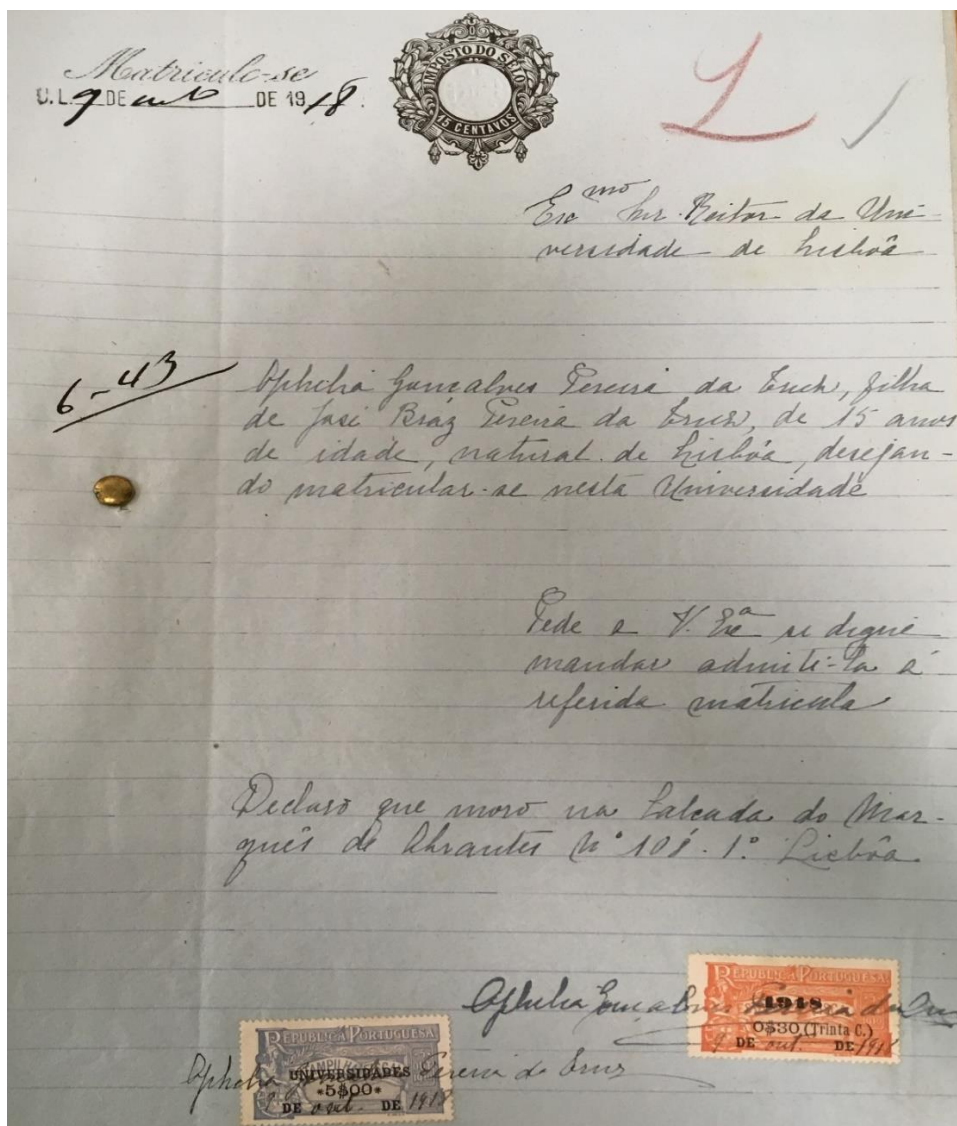
A.H.E.S.M.A.V.C.

Fonte da Imagem:

fotografia de Andreia Santos Silva.

Faculdade de Letras (1918-1923)

Primeiro ano – Registo de Matrícula e inscrição nas cadeiras

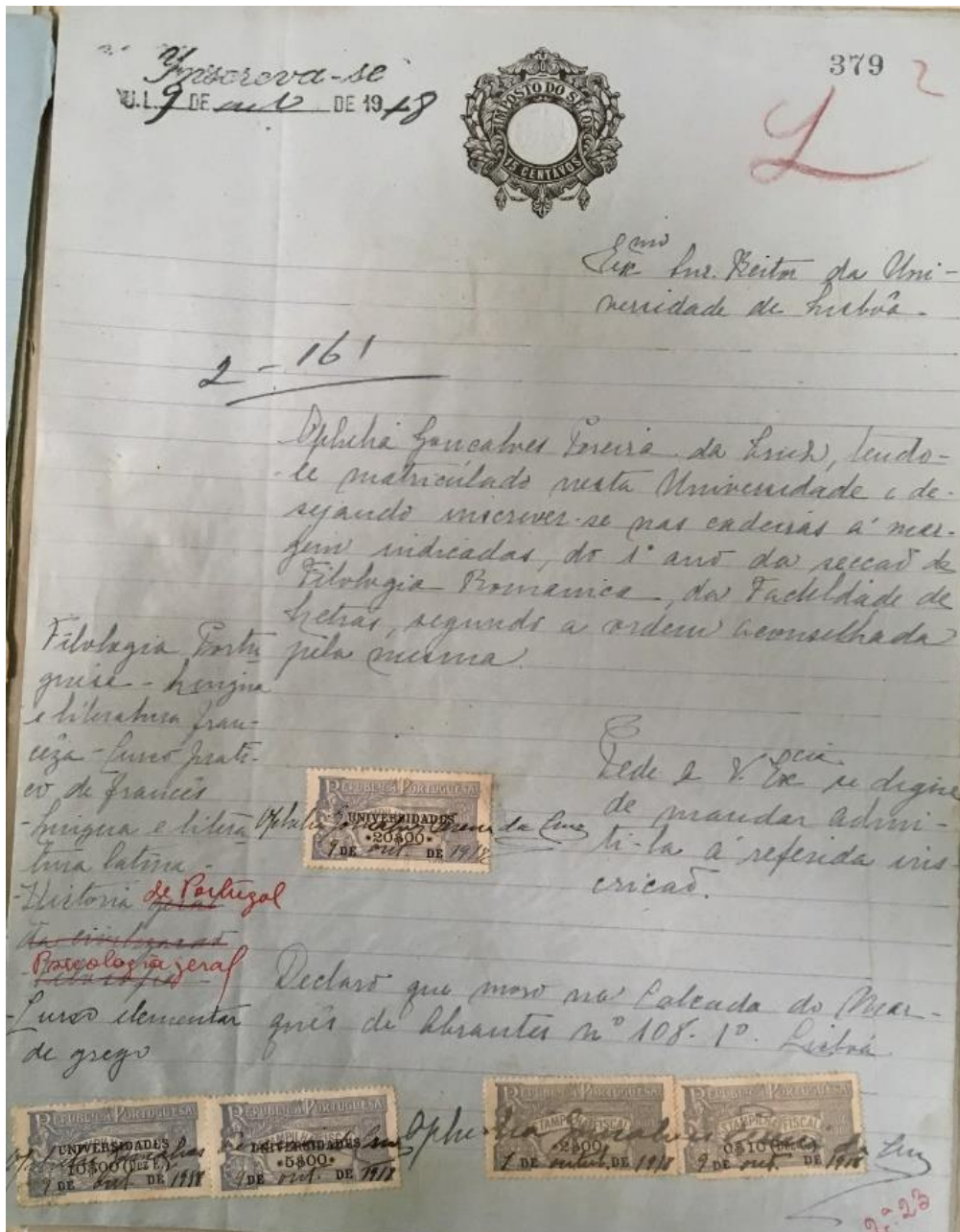


Doc.16

«Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 9 de outubro 1918». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Coleção: N.A.A.A.D.P.R.U.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.



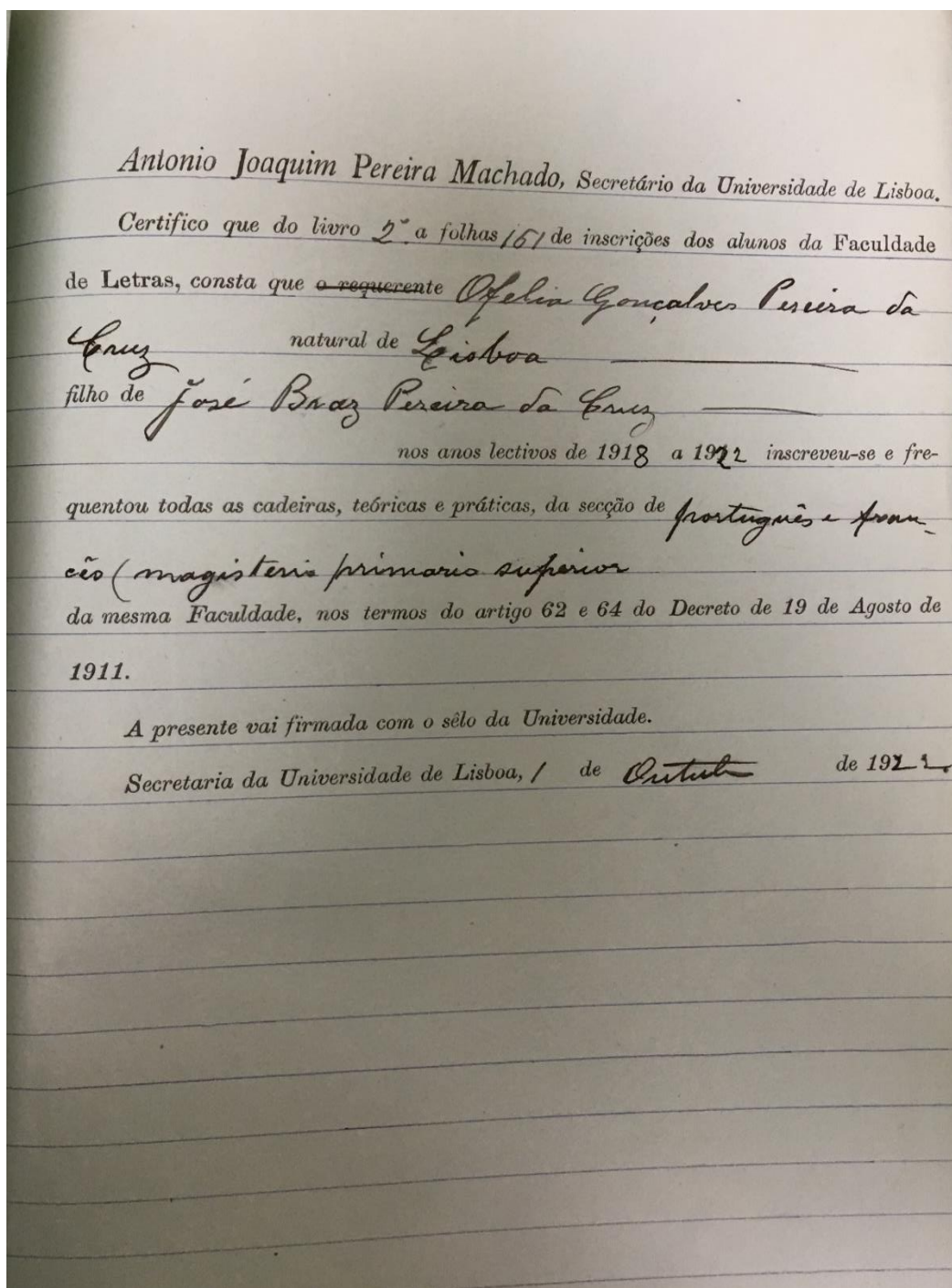
Doc.17

«Registo de matrícula de Ophelia Gonçalves Pereira da Cruz, Universidade de Lisboa, 9 de outubro 1918. Inscrição no curso de Filologia Românica, Faculdade de Letras. Inscrição nas cadeiras do curso». Processo de aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Coleção: N.A.A.A.D.P.R.U.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Certificado de especialização - curso Magistério Primário Superior



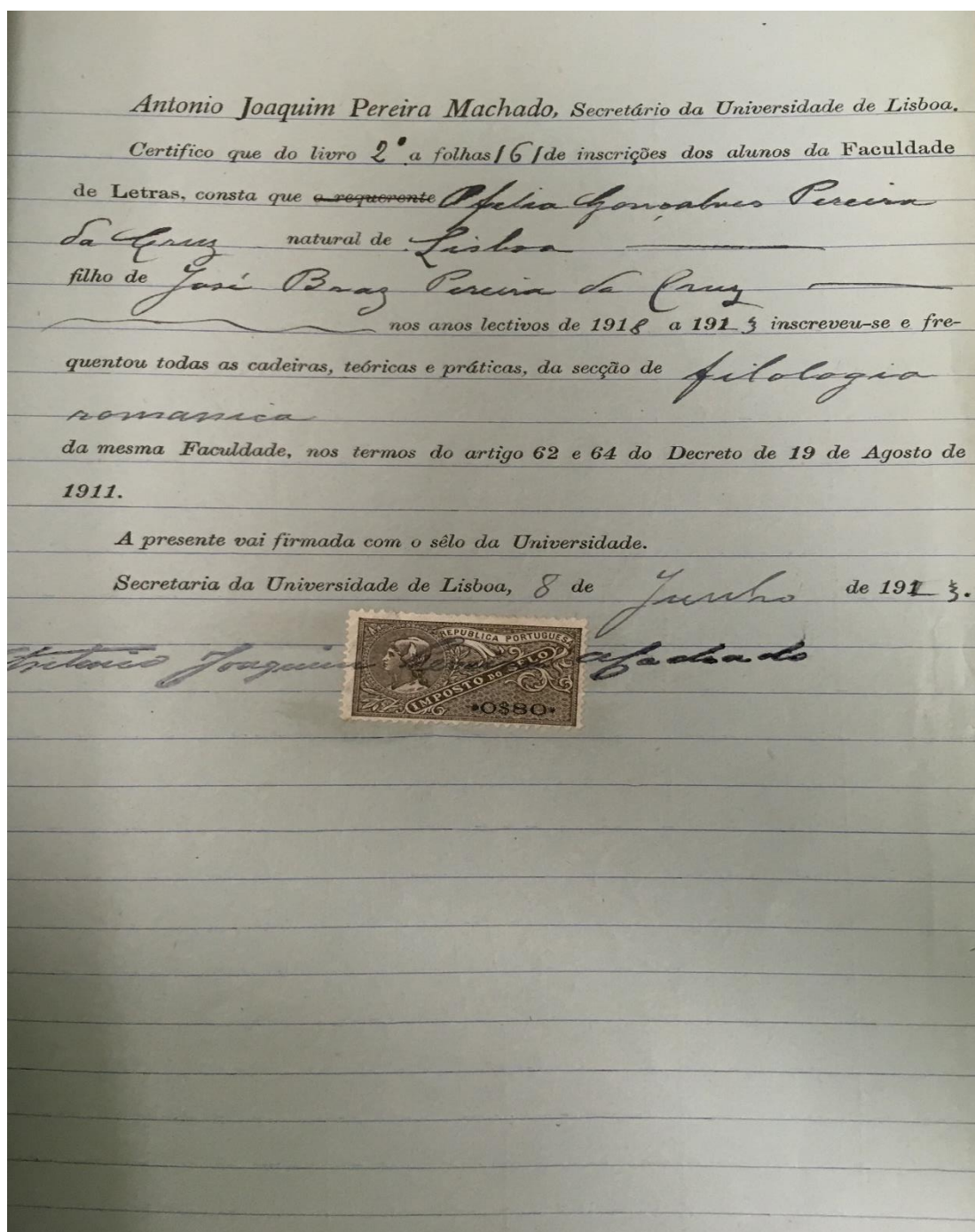
Doc.20

«Certificado, especialização curso Magistério Primário Superior, secção de português e francês, 1 de outubro de 1922.». Processo da aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Coleção: N.A.A.A.D.P.R.U.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Certificado de conclusão de Licenciatura – Filologia Românica



Doc.21

«Certificado de conclusão de Licenciatura, secção Filologia Românica, 8 de junho de 1923». Processo da aluna, Ofélia Gonçalves Pereira da Cruz, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Coleção: N.A.A.A.D.P.R.U.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

■ Ofélia Marques: Produção artística (1926-1952)



Algumas obras (org. por temática)



Fig.34

Ofélia Marques, *s/título*, s/data, tinta-da-china.

Coleção: F. C. G. - Col. Moderna /Inv.:DP630

Fonte da Imagem: Disponível em:

[https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/](https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/)

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [década de 30]



Fig.35

Ofélia Marques, *s/título*, s/data, tinta-da-china e grafite.

Coleção: F. C. G. - Col. Moderna /Inv.:DP631

Fonte da Imagem: Disponível em:

[https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/](https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/)

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [década de 30]



Fig.36

Ofélia Marques, *gatos*, s/data, grafite.

Coleção: -

Fonte da Imagem: RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta:* *Catálogo*, p.26

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [década de 30]



Fig.37

Ofélia Marques, *gato*, 1939, grafite.

Coleção: -

Fonte da Imagem: RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.25

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).



Fig.38

Ofélia Marques, *gato*, 1939, grafite, e tinta-da-china.

Coleção: -

Fonte da Imagem: RODRIGUES, António (coord. científica), *Ofélia Marques: álbum de uma menina morta: Catálogo*, p.27

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).



Fig.39

Ofélia Marques, *s/título*, *s/data*, aguarela, guache, e tinta-da-china.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta4, OM393

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [década de 30 ou 40]



Fig.40

Ofélia Marques, *s/título*, *s/data*, grafite.

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta6, OM410

Fonte: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [década de 30 ou 40]



Fig.176

Ofélia Marques, *Crianças*, s/d, óleo s/tela.

Coleção: -

Fonte da Imagem: *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, nº12, dezembro, 1942, p.12;
Também disponível em *Eva: jornal da mulher e do lar*, nº514, 16 de março, 1935, p.7.

Observações: Assinado (canto inferior direito)/ Não datado. Data [aprox. final da década de 30, início dos anos 40]



Fig.183

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, pastel, lápis de cor aguarelado, grafite.

Coleção: F. C. G. – Col. Moderna/Inv. 83DP632

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artists/ofelia-marques/>

Observações: Não assinado/ Não datado. Data [aprox. final da década de 30, início dos anos 40].



Fig.184

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, pastel.

Coleção: Col. Particular

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. final da década de 30, início dos anos 40].

O desenho original perdeu a cor, pelo que decidiu-se reproduzir aqui a imagem do catálogo:

RODRIGUES, António (coord.científica), *Álbum de uma menina morta: Catálogo; Ofélia Marques – ilustrações:*

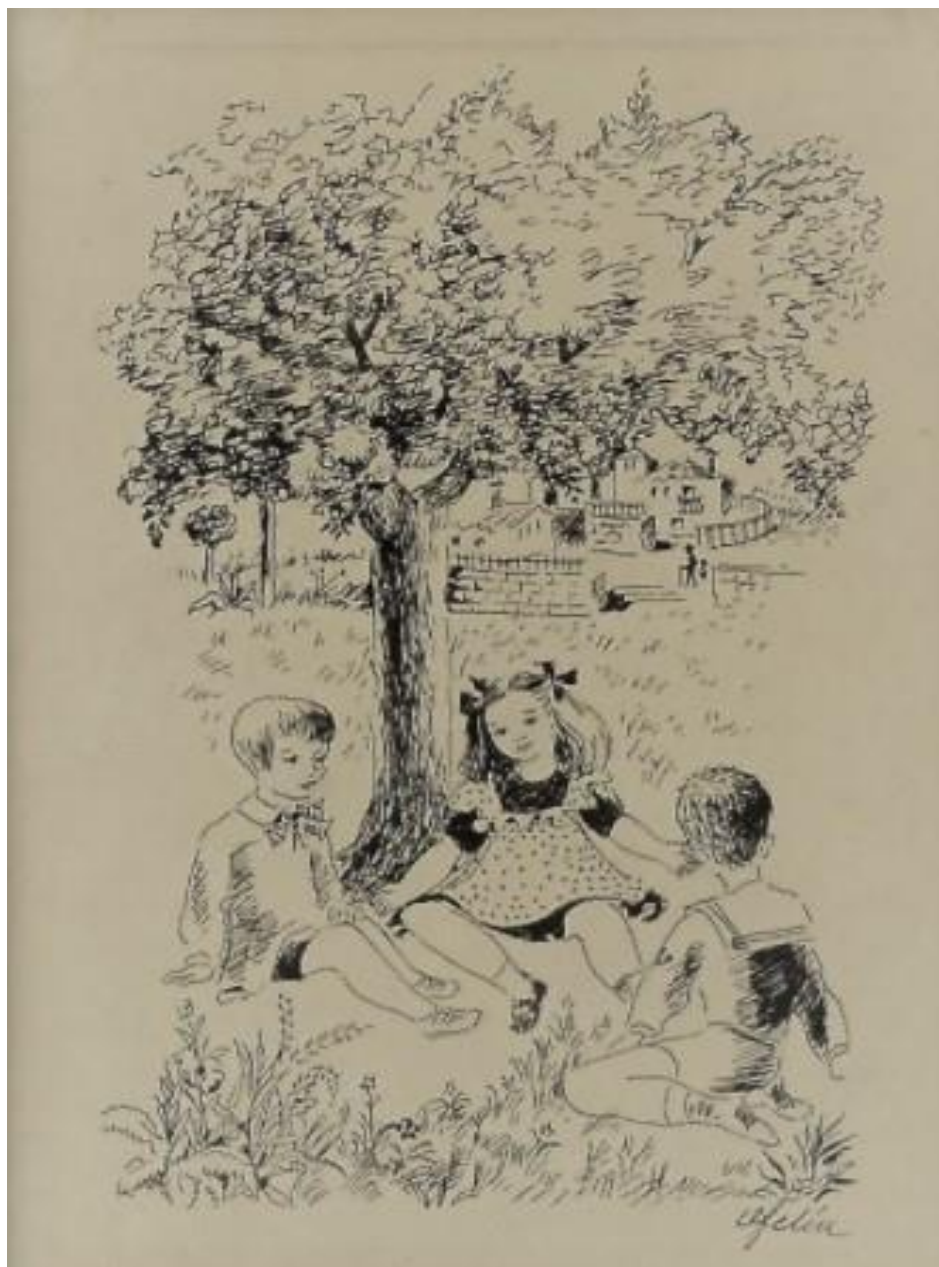


Fig.302

Ofélia Marques, *s/título*, *s/data*, tinta-da-china.

Coleção: -

Fonte da Imagem: *21 Desenhos: Catálogo.*

Observações: Assinado (canto inferior direito)/ Não datado.



Fig.300

Ofélia Marques, *Mãe e filha*, 1936, grafite e tinta-da-china

Coleção: F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:DP653

Fonte da Imagem: Disponível em: [https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/](https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/)

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo).



Fig.301

Ofélia Marques, *Menina no jardim* s/data, aguarela.

Coleção: -

Fonte da Imagem: *Oitenta Anos de Arte Moderna Portuguesa: Catálogo.*

Observações: Assinado (canto inferior direito) / Não datado.



Fig.161

Ofélia Marques, *s/título*, 1932, tinta-da-china e grafite

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:DP921

Fonte da Imagem: Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/>

Observações: Assinado/Datado (canto superior direito)



Fig.148

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, tinta-da-china e lápis de cor, pastel e guache.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:DP643

Fonte da Imagem: Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado Data [aprox. segunda metade década de 30.]



Fig.149

Ofélia Marques, *s/título*, s/d, lápis de cera e pastel

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:DP656

Fonte da Imagem: Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado Data [aprox. segunda metade década de 30.]



Fig.278

Ofélia Marques, *António Ferro*, s/d, grafite, guache, tinta-da-china.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv. DP618

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]



Fig.279

Ofélia Marques, *Fernanda de Castro*, s/d, grafite, guache, aguarela.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv. DP590

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]



Fig.280

Ofélia Marques, *Fred Kradolfer*, s/d, grafite.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv. DP592.

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]



Fig.281

Ofélia Marques, *Maria Lacerda*, s/d, grafite, guache.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv. DP601.

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]



Fig.282

Ofélia Marques, *Ingrid Gomes Ferreira*, s/d, grafite, guache.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv. DP587

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]



Fig.283

Ofélia Marques, *Escultor Fragoso*, s/d, grafite, tinta-da-china, aguarela.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv. DP594

Fonte da Imagem: Disponível em:

<https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]



Fig.284

Ofélia Marques, *Eva Arruda de Macedo*, s/d, grafite, guache.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv. DP597

Fonte da Imagem: Disponível em:

[https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/](https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/)

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]



Fig.285

Ofélia Marques, *Selma Rocha*, s/d, grafite, guache.

Coleção: - F. C. G. – Col. Moderna/Inv. DP619

Fonte da Imagem: Disponível em:

[https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/](https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/)

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, e primeira metade dos anos 40]



Fig.303

Ofélia Marques, *Menina Ba*, s/d, tinta-da-china e grafite

Coleção: - Biblioteca do Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa, Espólio Manuel Mendes, pasta Ofélia Marques

Fonte da Imagem: Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=10458.026>

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. 1ª.metade da década de 30]



Fig.153

Ofélia Marques, *Autorretrato*, 1938, grafite, lápis de cor, lápis de cera

Coleção: F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:DP655

Fonte da Imagem: Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/ofelia-marques/>

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).

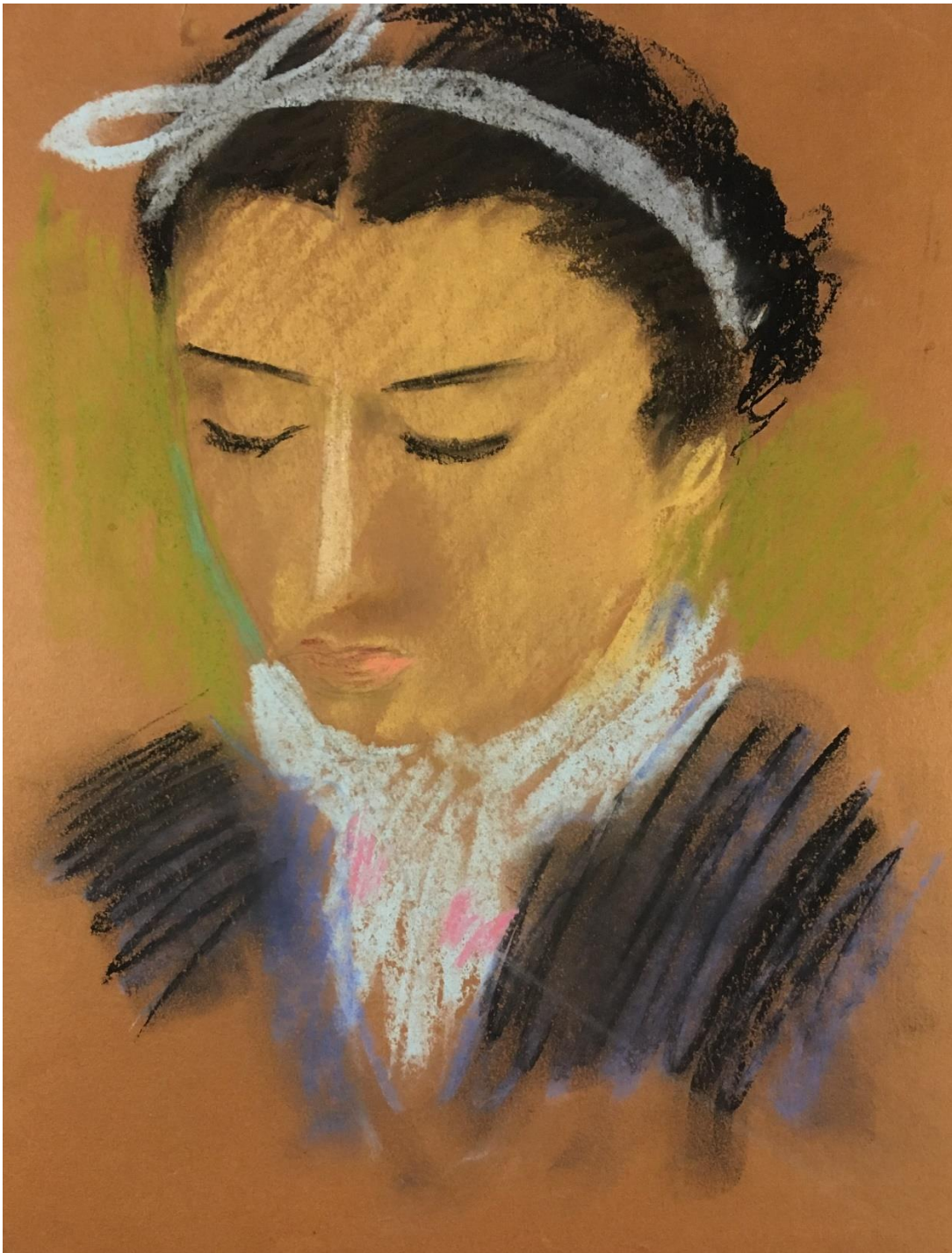


Fig.154

Ofélia Marques, *Autorretrato*, s/d, lápis de cera

Coleção: Col. Particular/ em depósito na F.A.S.V.S./Pasta4, OM37_28

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. década de 30]



Fig.155

Ofélia Marques, *Autorretrato*, s/d, grafite e tinta-da-china

Coleção: Col. Particular

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva.

Observações: Não assinado/Não datado. Data [aprox. segunda metade década de 30, primórdios da década de 40]]



Fig.156

Ofélia Marques, *Autorretrato*, s/d, grafite

Coleção: F. C. G. – Col. Moderna/Inv.:DP644

Fonte da Imagem: Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/artist/oflia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado Data [década de 40]

Ilustrações em periódicos (org. por ordem cronológica)

Casino: semanário de elegâncias e arte (1928-1929)
(Ver capítulo 4.2)



Fig.54

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº1, ano I, 26 de agosto, 1928, p.7. BD de Ofélia Marques. Texto de Graciette Branco

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo)



Era uma vez...

A LOTINHA E O TARECO

Conto infantil

Mestre Tareco arranhou a mãozinha da gorducha Lotinha, porque a Lotinha lhe puxou o rabo até fazer sangue! E mal se sentiu arranhada a Lota jurou vingar-se, de mãozinha pendente, beicito chorão e uma pinguita de lágrima no olhito azulado.

O peitinho tremia-lhe em soluços continuos e não desfitava mestre Tareco, que, a um canto da sala, lhe revirava a pupilita clara, lambendo e re lambendo o rabito dorido!

— ...Deixa estar... deixa... Has-de ver ..

E o Tareco respondia, docemente :

— Rinhanhau...

— O Rinhanhau te dou eu...

— Rinhanhau ..

— Cala-te!

— Rinhanhau ..

— Olha que eu mato-te! Olha que

eu...



8

Mas, atraídos por tamanho barulho, chegou a Mamã, o Papá, a Joana, a Zí ita e a Chiquinha!

— O que foi!, Lota ?

E logo a Lota, vendo tão perto o apoio dos Paizinhos amigos, abriu mais largo berreiro, e caiu nos carinhosos braços da Mãezinha, gritando desabridamente;

— Olha, Mamã! Olha!

Foi o Tareco que me fez isto á mãozinha!... Olha que doidei, tão grande!... Anh!... Anh!... Anh!...

A Mãezinha, zangada, virou-se para o Tareco :

— Grande mau! Espera que eu te digo!... Isto faz-se á Menina?!... Faz?! ..

E logo o Papá correu para o desgraçado bichano :

— Patife! Grande patife! Espera... espera...

Mas, de repente, ainda lavadinha em lágrimas, a Lota ergueu-se correndo ansiosamente pa a junto do pobre bichaninho

— Não, não, Papá! Não lhe batas! Não lhe toques!

— ...Mas porquê?!!...

— Porque... êle arranhou-me por eu lhe puxar o rabo até fazer um ache! ..

E foram todos tratar do ache de mestre bichano e a Lotinha jurou não tornar a fazer outra...



9

Ora eu tenho a certeza, meus meninos, que Nosso Sen'or bateu á porta do coraçãozinho da Lotinha gorducha: — trús-trús! e lhe ensinou: — faz assim!

E foi obedecendo a Nosso Senhor que a Lotinha praticou a linda acção de livrar do injusto castigo mestre bichano Tareco.

Portanto, em caso igual, fazei sempre assim, porque Nosso Senhor, coitadinho, também se cansa de andar sempre a aconselhar os meninos traquinas.

Fig.48

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº1, ano I, 26 de agosto, 1928, p.8 e 9.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Era uma vez...

A RAPOZINHA

Conto infantil

Embalsamava-se o ar dos tépidos perfumes das roseiras; o Sol refulgia em magnólias de luz; o vôo das aves espiritualisava a paisagem e o pobre rei ceguinho, na sua varanda de lilazes, erguia ao Céu o rosto macerado, na ânc'a da sua claridade bendita que viesse iluminar a sua triste cegueira!



tentes contra a cegueira que se manifestara eterna!

O rei ceguinho tinha Céu azul em sua Alma e adivinhava o Céu azul que lá fora. Porém, os seus olhos só colhiam negrume, na tristeza das pálpebras cerradas.

Elevavam-se preces nas ermidas do Reino e o povo chorava a cegueira do Rei. Já de cem léguas em volta haviam chegado os mais afamados médicos, mas todos haviam retirado, impo-

8

E o rei, na sua varanda de lilazes, ceguinho e triste, ia secando, murchando, morrendo, sem um vislumbre de luz!
Em seu redór, os três filhinhos, carinhosos e dóceis, erguiam fervorosamente as mãos na continuação das orações sem fim!
E o velhinho gemia:
— Filhinhos! Não vos canceis! Deus não quer ouvir-nos! Não mais o vosso Pai verá o Sol nem vos verá a vós, — meus sois também!
E os três princezinhos descaíam os rostos e pendiam as mãozinhas, como os lilazes da varanda ao pôr do Sol!

Mas eis que numa tarde de luz entre nuvens de poeira, surgiu numa curva da estrada, um joven cavaleiro, reluzente e altivo, que a todo o galope atravessou o Reino, gritando por uma tuba de ouro, em voz de Sol e vitória:

— Ide à fonte sagrada do gigante Isaul, numa aldeia do Norte! Parti hoje mesmo! O vosso rei terá vista!

Logo em volta do palácio real, a multidão se aglomerou indo beijar os pés do rei, em efusiva alegria!

Embandeiraram-se os parques, refloweram as roseiras e o coração do rei iluminou-se de esperanças!

E mal a tarde desceu, embrulhando a Terra no seu manto escuro, uma massa de povo entrou pelo real palácio, anunciando a imediata partida, em busca da fonte sagrada do gigante Isaul.

Em seu trôno de sedas, o rei ceguinho que sorria numa expressão divina, ergueu os braços, espreguiçando magestosamente as pregas do seu manto, enquanto exclamava alegre e comovido:

— Meu Povo! Parti! Eu fico orando por vós! E quanta luz, pela graça de Deus, a fonte sagrada vier trazer a meus olhos, quantos benefícios eu sementearei em vossa volta!



9

Mas, de repente, do seu coxim de seda, o princezinho mais velho se ergueu.

— Meu Pai, — exclamou. — Permitti que parta eu sózinho em busca da milagrosa fonte!

O rei, ceguinho e trémulo, voltou-se vivamente em direcção ao filho. Todos os olhares pousaram no seu rosto, onde brilhava uma expressão enérgica.

— Meu Pai, — repetiu. — Deixai-me partir! A minha boa-estrêla me guiará.

O rei levou as mãos, trémulamente, aos olhos.

— Filho! Meu filho! — soluçou em seguida. — Tu sonhas! Tu deliras! Não, meu filho, não! Tu não deixarás teu Pai na incerteza da tua sorte por essas terras distantes!

O povo, humilde e submisso, contemplava, em silêncio, a inesperada scena, embora no íntimo desejo de gritar ao príncipe que os deixasse partir, na missão gloriosa de dar vista ao seu rei.

Mas, de mãos erguidas, o príncipe implorava, chorando quasi, a mercê da partida!

E o rei, numa súbita fé religiosa, tacteando sobre a cabeça do filho, numa voz comovida, mixto de Dôr e Alegria, exclamou finalmente, ante o entusiasmo louco do princezinho audaz:

— Pois bem, filho! Parte! Que a Virgem te guie e a graça de Deus vá contigo!

E na seguinte manhã, mal o Sol despertou a Terra no seu banho de luz, o princezinho partiu montado no seu cavallo heroico entre o adeus do Pai e as lágrimas dos infantes!

(Continua no próximo número.)



10

Fig.49

Casino: semanário de elegâncias e arte,

nº2, ano I, 2 de setembro, 1928, p.8,9 e 10.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo/ e direito).

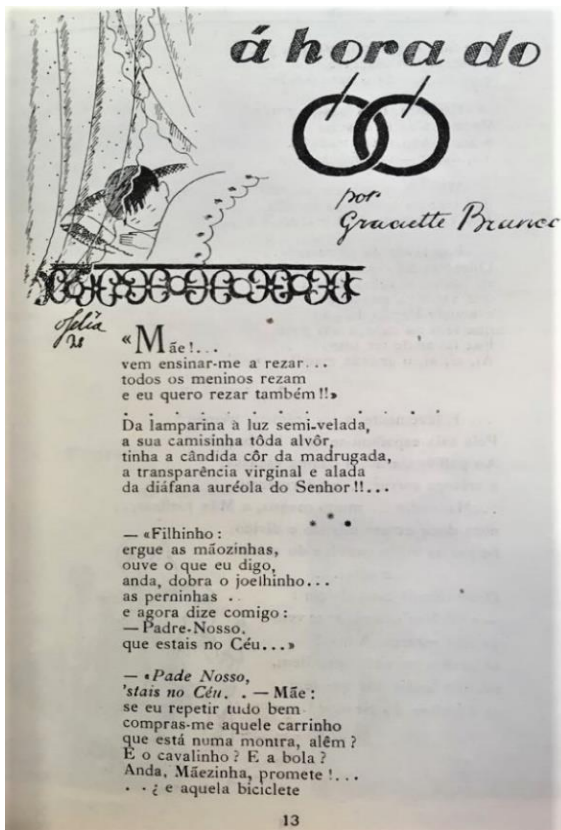


Fig.50

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº3, ano I, 9 de setembro, 1928, p.13 e 14.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo/ e direito).

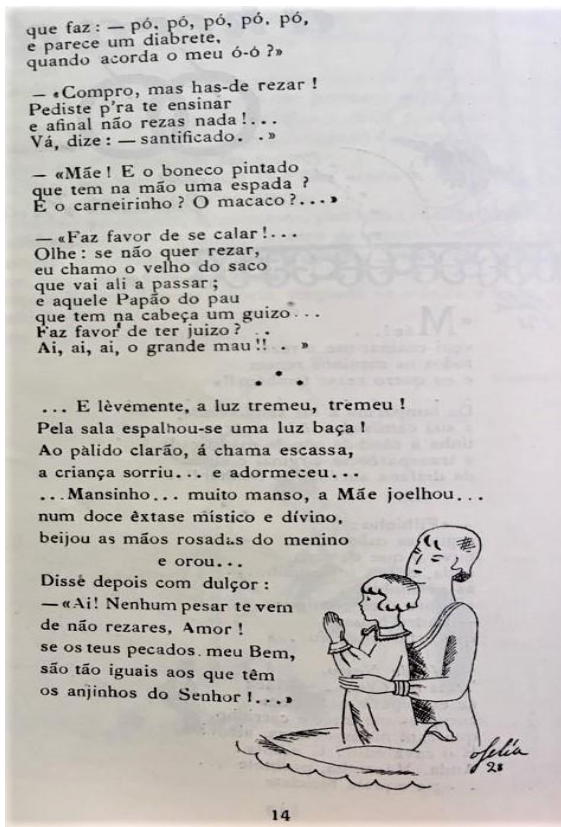




Fig.58

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº4, ano I, 16 de setembro, 1928, p.11. BD de Ofélia Marques. Texto de Salema Vaz

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto superior esquerdo).



Fig.55

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº5, ano I, 23 de setembro, 1928, p.11.

BD de Ofélia Marques. Texto de Graciete Branco

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).

Era uma vez...

A R A P O Z I N H A

(Conclusão)

No dia seguinte a rapozinha branca conduzindo os à fonte sagrada, encheu-lhes de água o lindo vaso de ouro e em seu divino condão, — por Amor de Enélio, — restituiu a Vida aos princezinhos Orlando e Eugênio, que faziam encantados numa das dependências do castelo longínquo e os quaes juraram ser, de futuro, tão bons e tão sensatos como o feliz Enélio.

E, daí a dias, o Pa s dos Lilazes embandeirava-se e por todos os cantos reffloria o prazer.

Mal chegaram ao palácio real os três princezinhos e a formosa Zara, esta, num gesto de doçura infinita, orvalhou os olhos cêguinhos do rei com a água sagrada da milagrosa fonte.

Imediatamente êle viu a luz do Sol e, numa Alegria doida esfusiante, louca, cingiu nos braços trémulos de Ventura os quatro seres que de tão longe lhe conduziam o precioso condão.

Decorrido um mês, na suntuosa capela do palácio, uns Noivos recebiam a bênção de Deus, prometedora da Felicidade eterna.

Seguiu-se a missa. E, ao elevar a Hóstia, Enélio e Zara ergueram as alvas mãos, num lindo gesto de adeus, a uma visão branquinha, que apenas êles descortinavam, entre o refulgir das velas e as faces coloridas das rosas do altar: — era a rapozinha branca que tendo dado na Terra o prêmio ao príncipe Enélio, pela sua Bondade, subia radiosa ao Céu, a repousar emfim, no eterno lugar.

G r a c i e t t e B r a n c a



Fig.51

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº6, ano I, 30 de setembro, 1928, p.11.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo).



Fig.52

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº11, ano I, 4 de novembro, 1928, p.11e 12.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem:- fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).

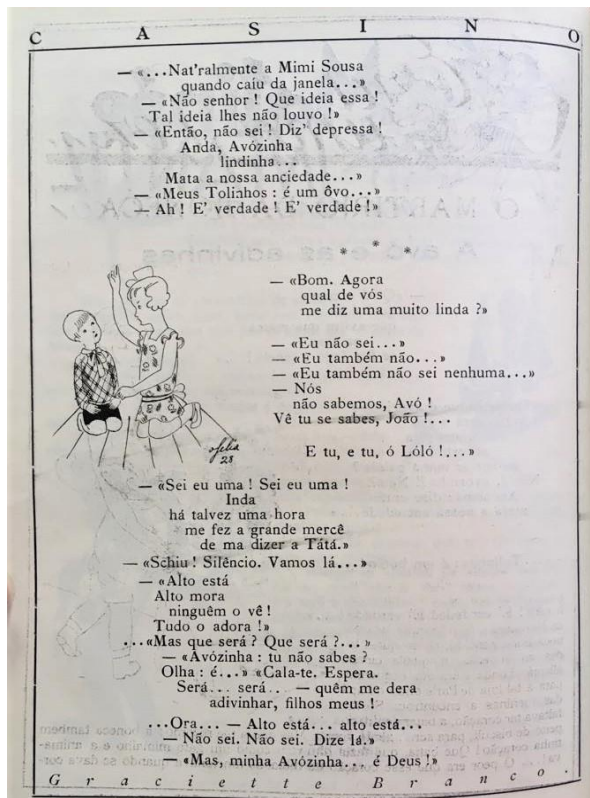




Fig.56

Casino: semanário de elegâncias e arte, nº13, ano I, edição Natal, 1928, p.14. BD de Ofélia Marques. Texto de Graciete Branco

Coleção: -

Fonte: - BOLÉO, João Paiva, PINHEIRO, Carlos Bandeiras, *A banda desenhada portuguesa 1914-1945: Catálogo*, p. 107.

Observações: Assinado/Datado (canto superior direito).



Fig.65

Civilização: grande magazine mensal, nº7, janeiro, 1929, p.73-75.

Coção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.67
 Civilização: grande magazine mensal, nº10, abril, 1929, p.92-93.
 Coleção: A.H.M.L.
 Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva
 Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.63
 Civilização: grande magazine mensal, nº12, junho, 1929, p.84-85.
 Coleção: A.H.M.L.
 Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva
 Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).

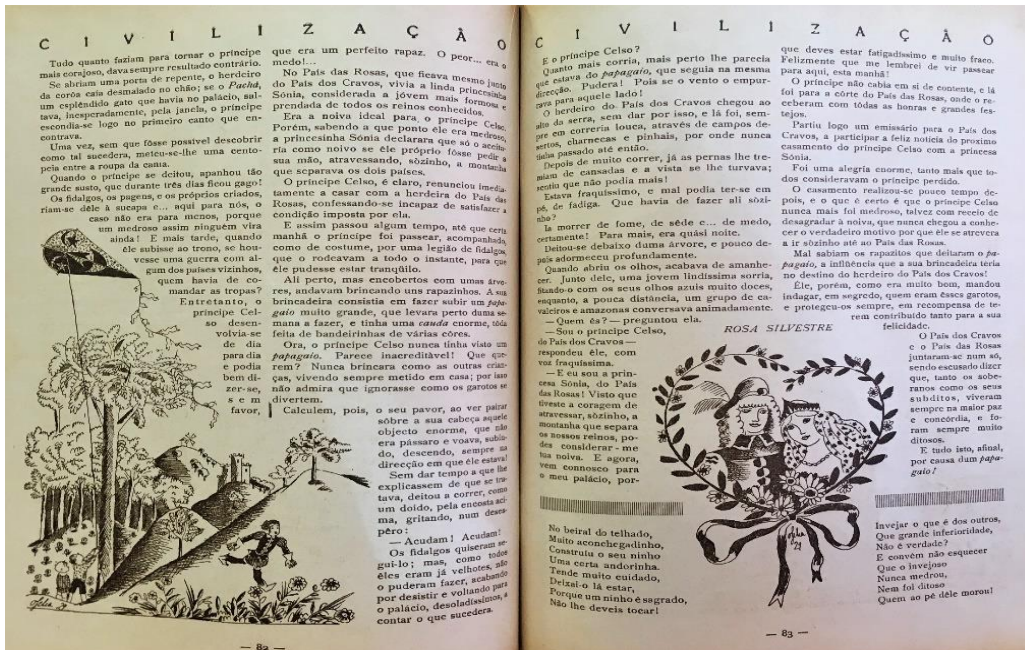


Fig.64
 Civilização: grande magazine mensal, nº15, setembro, 1929, p.81-83.
 Coleção: A.H.M.L.
 Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva
 Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo/ e direito).



Fig.66
Civilização: grande magazine mensal, nº17, novembro, 1929, p.76-78.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Não assinado/ Não datado

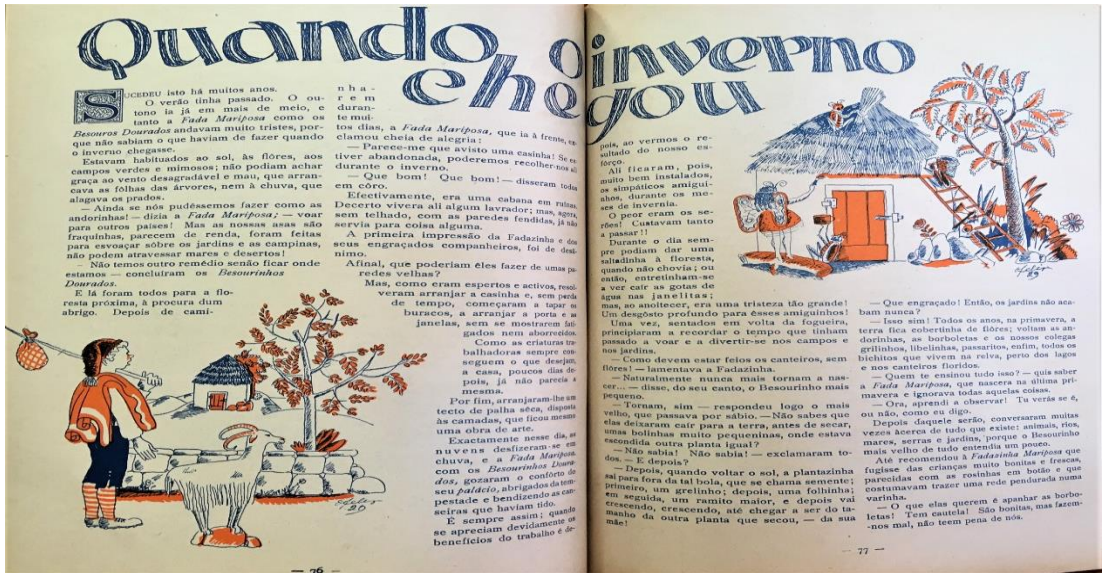


Fig.68
Civilização: grande magazine mensal, nº20, fevereiro, 1930, p.76-77.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.69

Civilização: grande magazine mensal, nº21, março, 1930, p.76-77.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo/ e direito).

Eva: jornal da mulher e do lar (1931-1935; 1942-1947)
(Ver capítulo 4.2 e 6.2)

1931



Fig.75

Eva: jornal da mulher e do lar, nº313, 9 de maio, 1931, p.5.(pormenor)

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior esquerdo).



Fig.76

Eva: jornal da mulher e do lar, nº324, 25 de julho, 1931, p.5.(pormenor)

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior esquerdo).

Rosto de Sangue

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA



TODAS as vezes que a Rita passava à porta da senhora Prazeres, esta levantava os olhos da costura, perguntando-lhe, com ar curioso:

— Então, rapariga, que tal vão os teus amores? Já falas com o Chico do Casal?

A Rita, uma rapariga desempenada, de olhos escuros e pele trigueira, respondia invariavelmente:

— A tia Prazeres bem sabe que eu não tenho, assim como quem diz, uma grande aquela pelo Chico, mas o pai embirrou pr'ali, quer que eu lhe dê atenção, o rapaz também não me larga... e logo desviava a conversa, falando de casos da aldeia.

A velhota é que teimava sempre na sua.

— Olha que fazes mal em ceder. Eu que to digo, cá tenho as minhas razões!

Estas palavras trocavam-se todas as tardes, quando a Rita recolhia a casa, de volta dos trabalhos do campo.

Nesse dia, a rapariga pousou no chão o cesto vindimo, que levava à cabeça e, como era ainda cedo, sentou-se nos degraus da porta e pegou-se de conversa com a velhota.

Logo, esta voltou à mesma:

— Conheço-te de pequena, Ritinha, crici-te amizade, por isso teimo na minha. Não me ajeito a esta ideia que fales com o Chico! Não, tens mãe que olhe por ti, segue os meus conselhos, que não vais mal.

— Mas o pai diz que somos pobres, e como o rapaz tem os seus haveres, tôla sou eu em não o querer.

— Sabes que mais? Rico é cada um na graça de Deus. Mais vale uma vida honradinha com o pouco que tens, que ires sujar-te naquela família.

— Mas que pecha teem afinal os do Casal? — tornou a mãe, já impaciente. O Chico é até bom trabalhador...

— Sim, sim! O rapaz será como dizes, agora o pai, o avô, todos esses que eu conheci deram bem que falar cá na aldeia!... Aquilo é gente mal arraçada, acredita! Lembra-te do ditado: Tais pais, tais filhos!...

Constrangida, a rapariga interrompeu-a:

— Ora, tia Prazeres, a sorte de cada um está nas mãos de Deus! Assim como assim... a gente nunca sabe para o que está guardada.

— Maul maul! Que já me cheira que isso vai mais adiantado do que eu esperava... exclamou a velhota desconfiada.

— O tia Prazeres, o rapaz não tem culpa da malvadez dos outros! — tornou a Rita.

— Um! Um! Responde lá toda a verdade, rapariga! Tu gostas dele?

— E que já estou farta de ouvir o pai na mesma pregação e o Chico sempre a perseguir-me! Mais dia, menos dia, digo que sim, pr'a que me deixem...

— Pela alminha da tua mãe, não faças essa acção Rita. Olha que o avô do Chico, que eu conheci já maduro, era o pior desordeiro cá do sítio! Quando aparecia nas feiras, era certo varrer tudo à paulada! E, ainda ha mais... — a senhora Prazeres baixou a voz, em ar de confidência — Correu na aldeia que êle tinha às costas a morte dum cigano, que foi encontrado crivadinho de facadas, ali pr'ás bandas da Quinta Grande. O homem já não podia falar, e nunca se pôz a limpo essa história, mas, aqui para nós, era bem capaz disso! Andava sempre perdido de bêbado, e tinha figados de lobo! Mesmo o António do Casal, o pai do Chico, é um pedaço de bruto que vê logo sangue quando está furioso. Até um dia destes deu tal sova na mulher, que a desgraçada ficou num feixe! Põe os olhos nela, vê se queres ter vida igual.

— E vocecêcê a dar-lhe! Isso não quer dizer que o rapaz seja mau! A tia Prazeres o que tem a dizer dele?

— Que ha de sair aos seus, pela certa. Livra-te dessa tramaio. Dá antes atenção ao Zé Ferrador, que bebe os ares por ti! Esse não é do teu agrado?

A Rita fez-se corada.

— Lá do meu agrado é, isso é! Mas o pai, tia Prazeres? Casamento só com quem eu quizer, ouviste? Isto oiço eu da manhã à noite. E a rapariga limpava os olhos lacrimosos à ponta do avental.

— Pois tens que ir contra a vontade dele, está bem de ver. O Zé Ferrador é que te está a calhar. O ofício rende-lhe uns vintens, também tem um amanhosinho de terras...

Mas nisto, ficaram suspensas.

Na encruzilhada da estrada ouvia-se uma grande algazarra.

— O que será, tia Prazeres? Indagou curiosa a Rita, desandando logo por ali abaixo seguida pela velhota muito trôpega.

Gente corria alvoroçada atrás dum grupo.

Não tardou que elas lobrigassem o Chico do Casal, que, lívido, cabisbaixo, fa a caminho da vila, no meio de dois cabos.

— Mas que foi? Que aconteceu? — perguntaram as duas, numa ansiedade.

(Continua na pág. 31)



Fig.78

Eva: jornal da mulher e do lar, nº330, 5 de setembro, 1931, p.7.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo).



Fig.80

Eva: jornal da mulher e do lar, nº336, 17 de outubro, 1931, p.7.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto

inferior esquerdo/ e direito).



Fig.79

Eva: Jornal da mulher e do lar, nº337, 24 de outubro, 1931, p.9.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Não assinado/ Não datado.



CONTO INFANTIL

Conto para um garoto terrível. Os pais tinham desconfiança por verem que nem coisa, muito sempre chorando, e quando não chorava, chorava muito e não parava de chorar. Eram desobediente à mãe, que não queria que fosse tão chato e não se deixava fazer nada das coisas das mãezas.

A mãe tentou por todos os meios moderar-



... e impôs a disciplina, mas nada conseguiu e acabou algumas vezes encolado o pai e a mãe batendo-o com a mão para se corrigir. Um dia de manhã, ainda que o fôlego fosse, passava-se a manhã, quando a mãe estava na cozinha, passou que ouviu um chorido, tudo o que se pôde fazer foi ir para a cozinha e ver o que se passava. Quando chegou lá, viu o filho a chorar e a mãe a chorar também. A mãe perguntou o que se passava e o filho respondeu que não sabia. A mãe perguntou o que se passava e o filho respondeu que não sabia. A mãe perguntou o que se passava e o filho respondeu que não sabia.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.



... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

Fig.81
Eva: jornal da mulher e do lar, nº340, 14 de novembro, 1931, p.7.

Coleção: A.H.M.L.
Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva
Observações: Assinado/ Datado (canto superior esquerdo/e canto inferior direito).



... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

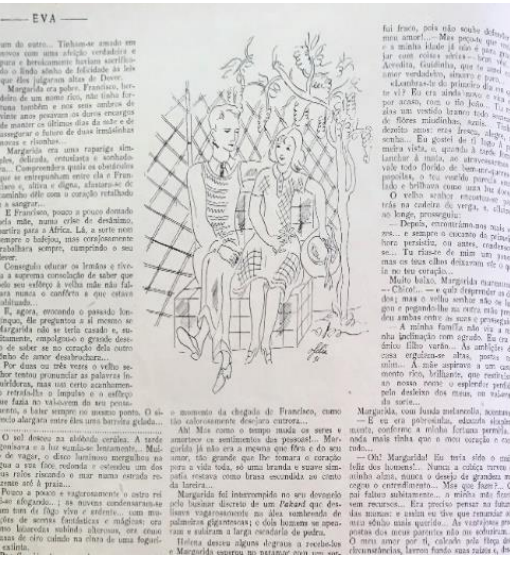
... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.



... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

... e extraordinário! Que bela figura de um menino! A mãe olhou muito curiosa, tentou a olhar o menino e a mãe respondeu: Bateria o menino.

Fig.82
Eva: jornal da mulher e do lar, nº344, 12 de dezembro, 1931, p.11-12.
Coleção: A.H.M.L.
Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva
Observações: Assinado/ Datado (canto inferior esquerdo/ e direito).

E' 9328!...

por VIOLANTE DE SAGRES

QUANDO chegou a casa, naquela tristíssima véspera de Natal, o «Vicente Cauteleiro» caiu enrodilhado numa velha enxerga de que reprimira na rua, apertou ao coração o corpinho ressequido da filha, que gemia doridamente, queimada e enlouquecida pela febre.

Pobre, duma pobreza extrema, que mais próprioamente podia classificar-se de miséria, aquêle homem vivera, já, uma vida feliz, dessa felicidade bendita dos pobres que se conformam com a sua sorte. Mas um dia, na fábrica onde trabalhava, um desastre horrível roubou-lhe o braço direito, e as horas de dor e de penúria chegaram, e com elas o desaparecimento da mulher tuberculizada, que lhe deixou, por herança, um filho tenro nos braços. Com o desaparecimento da companheira fiel, pareceu ao Vicente que o sol que lhe iluminava a vida momentaneamente se eclipsára, para não mais voltar a rebrilhar. Mas, um vagido do filho ergueu-lhe o espírito do torpôr em que se embrenhara, e uma outra aurora surgiu, imaculada e pura, a dulcificar-lhe o coração dorido. Desde esse momento, o Vicente sentiu uma coragem indômita para trabalhar, e não podendo recuperar o braço forte, honradamente perdido, aceitou o triste mistér de cauteleiro, sofrendo heroicamente todas as humilhações duma vida incompatível com a sua mocidade saudável. Mas um dia, a filha, — 10 anos lindos, duma inteligência invulgar — caiu na cama, com alternativas de frio e febre, e o pobre pai sentiu desejos de ficar allí, junto do anjo que era o seu enlêvo, a tratá-lo e a acarinhá-lo, com extremos de afeição materna. Mas o Vicente queria-a vêr boa, e na miragem do dinheiro preciso para o tratamento da filha, sabia todos os dias para a rua, apregoando cautelas, com a sua voz dolente, repassada de pranto.

Por saber que a filha piorava, o Vicente andára a manhã na rua, alheado e parvo, sem lágrimas que exteriorisassem o seu martírio, sem voz na sua já ressequida garganta. E as pernas, cansadas duma cami-

nhada inútil, levaram-no de novo para junto da filha, a quem a febre intensa consumia. Pela primeira vez na sua vida o Vicente teve um momento crudelíssimo de desânimo, elvado de descrença. Pois não lhe bastava o desastre horrível que o inutilisara, e a morte prematura da companheira fiel?... Para que queria Deus levar-lhe a única alegria da sua vida e o verdadeiro alento da sua alma triste?... E o seu coração exaltado teve um ímpeto inconsciente de revolta contra Deus, que dava a uns um Natal feliz de risos e de conforto, e a outros um Natal amargo e crudelíssimo de angústia.

O «Vicente Cauteleiro» sentia no cérebro um vazio imenso, e quasi arrastando as pernas com uma inconsciência de anormal, ia apregoando, com uma voz trémula, que a mais funda mágoa velava, o derradeiro bilhete que ainda lhe faltava vender: «E o 9328!... E o 9328!...» Mas a sua voz perdia-se, sem eco, entre o vozear desordenado da turba, que se dirigia ansiada para a Santa Casa da Misericórdia. E a turba seguia, indiferente, e não adivinhava a angústia da sua alma dilacerada pela dor profunda de ver a filha sofrer. E misturado à turba, lá ia seguindo no seu passo arrastado. Quando chegou em frente da Santa Casa, o Vicente teve uma perturbação estranha. Ia andar a roda, e ele quiz pedir, como esmola, que lhe aceitassem a cautela que mal segurava entre os dedos trémulos, mas não teve na sua garganta seca voz que soasse como eco de angústia do seu coração dorido. Uma voz forte anunciou ao público, que silenciára como por encanto: «Primeiro prémio — é o 9328!» O Vicente teve uma perturbação mais forte, e mudo, emparvecido, ergueu, apenas a cautela premiada, acima daquêlle mar

tumultuoso de cabeças. Como impelidos pelo mesmo pensamento, como obedientes à mesma voz poderosa, todas as vozes se ergueram em unísono, e todas as mãos se uniram, para vitoriar o pobre que a fortuna inesperadamente bafejara. Mas o Vicente continuava emparvecido e mudo. Não via esse punhado enorme de dinheiro, que jámas seus olhos tinham contemplado.

Via apenas a filha tratada com cuidado extremo, e inteiramente restituída à vida; via apenas a magnanimidade infinita de Deus, que castigara a sua blasfêmia ousada com a fortuna e possivelmente com a felicidade. E a sua garganta que não tivera voz para agradecer a aclamação da turba, ergueu uma exclamação veemente, ungi-da de todo o carinho e de toda a gratidão da sua alma cristã e humilde:

—Oh! Meu Jesus!... Minha filha!

ILLUSTRAÇÕES DE OFÉLIA MARQUES

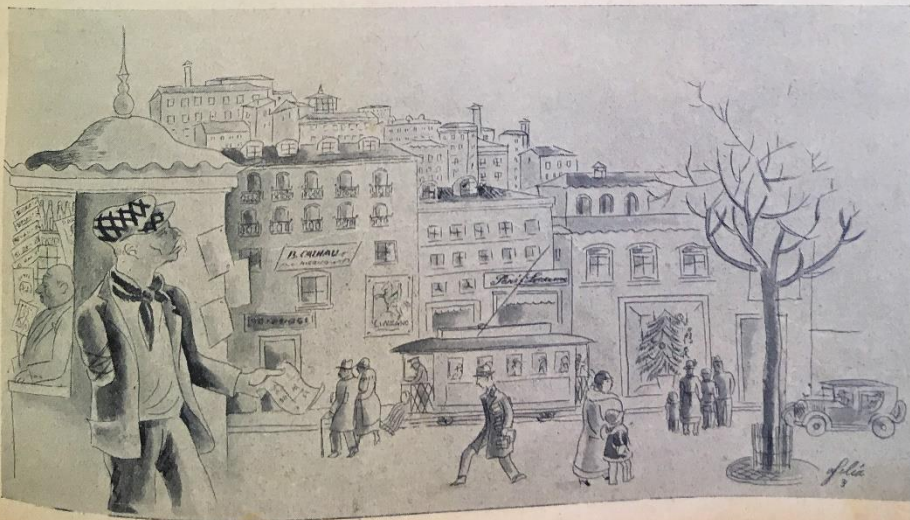


Fig.83

Eva: jornal da mulher e do lar, nº345, 19 de dezembro, 1931, p.39.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).

EVA

EPISODIO DO CAMPO

por SARA BEIRÃO

ESTAVA um frio de rachar. A Estrela coberta de neve erguia a silhueta imponente em scintilações ofuscantes de cristais e pedrarias.

D. Mécia veio passar comigo o verão, deixando-se ficar presa pelos encantos dos crisântemos e pelo calor brando da braseira.

Afincinha dos quatro costados, tudo era novo para ela.

Acompanhava-nos nos passeios a pé e de carro sem hesitar.

Quando uma tarde, resolvemos ir na manhã seguinte à serra, metendo ossadamente pelos gólgos das montanhas, quis por força ir também.

Quando o sol apareceu a sorrir da nova madrugada já nós estávamos a postos para abalar.

A saída ainda avisei, prudentemente, D. Mécia: — Olhe no que se mete, o frio da Beira não é para brincadeiras.

— Quere dizer com isso que estou velha? — Não, mas que não está habituada.

Insistiu e, como se fizesse para uma visita de cerimonia, com o seu chinó penteado a primor, encaxou-se no carro e partimos.

Pelos vidros corria a paisagem solitária.

A geada branqueava os campos.

As ervinhas espreitavam, rapinéticas, por entre fios de água.

O horizonte ia crescendo cada vez mais amplo, cada vez mais belo.


Dava-nos a impressão de irmos subindo a um castelo gigantesco.

As curvas repetidas e apertadas da estrada não agradaram muito a D. Mécia.

Chegámos finalmente ao pínculo da serra, à maior altura de Portugal.

Nos confins daquela imensidade fatigante a sumir-se na bruma, a orla alvíssima do mar.

— 8 —



Para o outro lado as montanhas de Espanha. Apeçmo-nos.

D. Mécia nunca tinha visto neve senão pintada. Fez-lhe impressão calcar aquela branquura escurro-gadia.

O frio ruborizou os róstos; os narizes pareciam rabanetes.

Todos quiseram ir ao peneiro do Corvo.

Uma rabanada de vento arremessou para longe os chapéus dos nossos companheiros.

D. Mécia ficou com o seu impecável chinó muito pregadinho com ganchos invisíveis, resguardado ainda com uma rede de cabelo.

Não havia perigo das melenas se revolvem à solta como as nossas.

Lá no fundo, Mantigas muito aconchegadilha no vale. O fumo saía das casas e alastrava-se em nevoeiro, sem poder romper a densidade atmosférica.

Encarrapitámo-nos, como pudémos, na peneira. D. Mécia não quis ficar atrás.

Trepou hercoticamente, e uma vez empoleirada na maior altura que seus olhos tinham visto, exclamou deslumbrada: «Que maravilha!»

Nisto, a comprovar o velho ditado de não haver gosto perfeito, um vento violento atravessou desventurado.

Agarrámo-nos às giestas com unhas e dentes.

O furacão, agressivo, rairoso, agarrou no chinó de D. Mécia, fê-lo remoinhar no ar como um voador exótico e precipitou-o no abismo.

A boa senhora gritava, apertando as mãos na cabeça, ativamente.

A crueldade humana a custo continha o riso dos nossos companheiros, enquanto eu acudia à sua penúria capilar, envolvendo-lha na minha *écharpe* prevenida.

E o chinó sacrificado naquela rocha Tarpesa ficou a flutuar preso nos galhos de um arbusto entesadado.

Fig. 85

Eva: jornal da mulher e do lar, nº352,

6 de fevereiro, 1932, p.8.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de

Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado

(canto inferior direito).

EVA

AMOR E INGRATIDÃO

por ADELAIDE BRAMÃO

CARLOS e Elvira casaram por amor. Os pais desta tinham contrariado bastante o casamento da filha, porque Carlos, mandado incorrigível, não terminara o seu curso, e o pai de Elvira, que era um advogado distinto, não podia admitir que um homem pudesse caminhar na vida, desde que não apresentasse a carta de curso superior.

Mas o amor, que é surdo a todas essas exigências e que fica sempre vencedor na luta entre o coração e o cérebro, entre o bom senso e as efervescências amorosas, venceu mais uma vez, e Elvira e Carlos realizaram o seu casamento, apesar da má vontade dos pais dela.

Carlos caprichou em mostrar à mulher e aos sogros que quando se queira trabalhar há sempre onde aproveitar a energia, muitas vezes mesmo com mais utilidade do que a que nos oferece uma carta de qualquer curso. E assim, dedicou-se facilmente à vida comercial, e lá-fo em tão boa hora que deixou a casa começar a prosperar e a conseguir a simpatia e a amizade dos sogros.

A morte dum dos directores do Banco União permitiu que lhe fosse oferecido esse lugar.

Carlos ia assim triunfando na vida, vindo a sua fortuna crescer de dia para dia, o seu nome a ser apontado como um modelo de seriedade e competência para o negócio, o seu conselho sempre escutado com religiosa atenção. Elvira modificou também completamente a sua vida: casista modesta, onde fizes durante alguns anos gozaram as primícias do seu amor, fêz substituição pelo palacetito elegante, mobiliado com apurados bonapartistas, e onde algumas crades davam a impressão duma corte real sem moradores.

Elvira transformou-se.

Vestia agora das melhores cosas, e nunca lhe faltava a nota artística da jóia condizente com o vestido, lá *de charge* senão de *de charge* feminina.

Nunca faltavam as requintes da moda ou festas de caridade. Era um canal delirioso.

Elvira adorava o marido. Tinha por Carlos uma consideração especial, ao lembrar-se da energia, tenacidade e força de vontade com que ele soubera triunfar na vida. Carlos amava também sua mulher. Proporcionava-lhe todos os prazeres possíveis, acompanhando-a quando os seus afazeres lho permitiam.

Nas horas de intimidade, de não se campava de lhe testemunhar, com palavras repassadas de ternura, quanto o seu amor continuava a ser firme e leal.

Elvira ouvira o enchevevidia, orgulhosa por ter sabido conquistar o seu coração.

Mas um dia a fatalidade que espanta a todas as partes, esperando a ocasião de poder manobrar, entrou de repente naquela casa, e, sem atender à desgraça que ia fazer, apressou-se de Carlos com uma terrível doença que os vitimou.

As horas de amargura de Elvira não se podem descrever.

Durante a doença do marido, que foi curta mas dolorosa, ela supplicava ardentemente aos médicos, que lhe rodeavam o leito, lhe salvassem Carlos, o seu adorado marido, a razão de ser da sua existência, a alegria da sua vida.

Os médicos bem se esforçaram nesse sentido, mas o seu trabalho foi inútil.

Carlos morria nos braços da mulher, que, numa angústia lancinante, sentia que a sua vida também o acompanhava.

Elvira nunca mais apareceu em público. Vivendo para recordar a memória do marido, passava o tempo recolhida nos seus aposentos, ciliando amistosamente o retrato do desditoso homem-amado e martelado com ele convulsas de algumas horas, o que a ajudava a suavizar a sua enorme dor.

O gabinete de trabalho de Carlos continuava intacto. Aquilo gahizava era para Elvira um sacrário, não o queria profanar, entregando o seu arrazojo a outras mãos. E a ela falava-lhe a coragem para lhe morrer.

Aquela casa, que'ora tão alegre, tão cheia de vida, de luz, de animação, já não agora nas trevas mais profundas, no silêncio mais sepulcral. Como uma alma do outro mundo, Elvira vagava para aqueles salões, incerta sempre na moada de, para o qual não achava nenhum lenitivo.

As suas amigas tinham desaparecido quasi todas. Para que haviam elas de aparecer, se naquela casa a alegria se tinha transformado no mais pungente luto?... Contesta-se no p. 10.

— 18 —



Fig. 88

Eva: jornal da mulher e do lar, nº356,

5 de março, 1932, p.18.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de

Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado

(canto inferior direito).

POMBO CORREIO

A «Eva», que recebe diariamente uma larga correspondência, tanto de Lisboa como da província, resolveu criar esta secção «Pombo Correio» em que Fernanda de Castro, com o seu espírito brilhante, responderá, tanto quanto possível, a todas as perguntas que lhe forem dirigidas sobre teatro, literatura, cinema, ou outro qualquer assunto que possa interessar as leitoras desta revista. Tem a palavra a nossa ilustre colaboradora...

A JANELA DE TOMAR

Uma que prefere o teatro ao cinema — Sim, Lucien Dubech, crítico teatral do *Candide* e da *Action Française*, já partiu para França no seu pequeno automóvel, depois de ter feito duas conferências no S. Luiz: *Portugal visto por um francês* e *O Teatro Francês Contemporâneo*.

Visitou Alcobça, Batalha, Tomar, Porto, Viana do Castelo, Evora e Sintra — esse «béguin» dos românticos ingleses.

Em Tomar, ao admirar a maravilhosa janela manuelina, disse para o Dr. Hipólito Raposo que o acompanhava:

— É aqui, em frente desta janela, que se pode aprender, melhor do que nos livros, a extraordinária epopeia dos portugueses. O estilo manuelino, em que se entrelaçam algas, bússios e conchas, é um estilo de navegadores do mar alto, de homens habituados a fazer do mar o caminho habitual das suas conquistas. Esta janela de Tomar e os claustros dos Jerónimos explicam perfeitamente essa fantástica, inverosímil cavalgada dos portugueses através do mundo.

A ORIGEM DOS PERFUMES

Rosa Chá — Não, não é possível saber quem inventou os perfumes. A grega? A egípcia? A azteca? Oleos perfumados, houve-os em todas as civilizações. O perfume foi sempre um indispensável complemento da sedução feminina. Imaginar a mulher privada de perfumes é imaginar uma rosa sem aroma.

Quem descobriu a volúpia do perfume sobre um corpo de mulher? Adão num dia de primavera em que Eva, adormecida sob uma amendoeira em flor, recebera sobre o seu belo corpo doirado uma chuva de flores de neve.

TRADER HORN

Cinéfila alfacinha — Sim, a verdade é que este filme admirável é, sobretudo, um magnífico documentário do Continente Negro. Florestas, pântanos, batuques, danças guerreiras, feiticeiros, pigmeus e, sobretudo, toda uma fauna misteriosa e atraente como um abismo: gnus, panteras, leopardos negros, leões, rinocerontes, elefantes e crocodilos. A aventura



ingénua que se desenrola neste belo cenário é uma inútil e escusada transigência. O principal personagem deste filme é, sem dúvida, o ambiente em que se desenrola a acção.

O RAPTO DO FILHO DE LINDBERG

Um coração de mãe — O que penso do rapto do filho de Lindberg? Nada. A mentalidade americana, apesar do cinema e da T. S. F., ainda é uma grande incógnita para a mentalidade desta pobre e velha coisa que é a Europa. Não, não penso nada. Quázi nada. Penso que se Gago Coutinho tivesse um neto pequenino como o filho de Lindberg, nenhum português —

nenhum! — teria a coragem de o roubar para o trocar por dinheiro, como qualquer mercadoria.



COCK-TAILS

Uma boa dona de casa — Receitas de *cock-tails*? Nada mais fácil. Em qualquer livro de culinária as pode encontrar, no capítulo *Refrescos*. De resto o *cock-tail*, que é uma combinação de vários líquidos, depende, como o ramo de flores que é uma combinação de tons, da fantasia de cada um. Fazer *cock-tails* por receita é uma evidente falta de imaginação. Cada um

deve ter o seu *cock-tail*, um *cock-tail* que seja a síntese das suas preferências. Assim como as mulheres escolhem as luvas, os vestidos, os chapéus que lhes ficam bem, assim os homens (e as mulheres...) devem escolher o *cock-tail* que mais lhes convem. Ha quem os prefira macios, ha quem os queira detestavelmente amargos. Mas, para o meu gosto, o melhor de to-



dos os *cock-tails* é feito de sumo de frutos — sumo de laranjas, de ananás e de limão — um pouco de Porto, um pouco de *ginn* — muito pouco — e gelo, muito gelo. Num dia quente este *cock-tail* — sabe a sol, a fonte, a primavera e a flores.

BRIDG, MAH-JONY

Um curioso — Tem razão. É um facto. As mulheres elegantes de Lisboa jogam muito.

Alguem disse ha tempos na minha frente, com um imperceptível sorriso de ironia:



— Hoje, em Lisboa, as mulheres honestas passam a vida a fazer o que faziam antigamente os homens desonestos: fumam, bebem e jogam. É verdade. As alfacinhas aprenderam a jogar. O *pocher*? A roleta? O *baccarat*? A banca francesa? Isso sim? Apenas o inofensivo *Mah-Jong* e o grave, compassado *bridge*.

— Quer, você, *Curioso*, que lhe diga porquê... Porquê? Sei lá! Talvez por capricho, talvez porque é moda ou — quem sabe? — talvez porque a mulher, que já quási aborreceu a dança, ainda não descobriu o prazer voluptuoso, inefável, da leitura.

PRINCESA DE MURAT

Uma apaixonada de Napoleão — Sim, não se engana. Esta princesa de Murat, que acaba de realizar no Teatro Nacional uma conferência sobre o *Aiglon*, pertenc-



ce, por aliança, à família dessa bela, autoritária, ambiciosa Carolina, filha da Córsega bravia, irmã de Napoleão. Princesa de Murat... Por detrás deste nome de escritora é toda uma época, toda uma história que surge: Napoleão, Wagram, Aus-terlitz e Santa Helena...; Josefina, esse pássaro das ilhas...; A imperatriz Maria Luiza, Viena, Matternich e esse pálido, quási diáfano *Aiglon*...; Paulina Borghese e as suas loucuras, o seu impudor, a sua beleza...; Elisa e a sua ambição...; A rainha Hortense e o vice-rei de Itália... Em resumo: Napoleão e todas as detestáveis mulheres que lhe envenenaram a vida.

FERNANDA DE CASTRO

Fig.93

Eva: jornal da mulher e do lar, nº367, 21 de maio, 1932, p.10.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior esquerdo/ e direito).

POMBO CORREIO

CARTAS DE AMOR

Uma romântica — Pelo amor de Deus! Não se encomendam cartas de amor como se encomendam chapéus ou sapatos! Uma carta de amor pode ter erros de ortografia, mas deve ser sincera, espontânea, a expressão fiel dum sentimento que transborda por já não caber no coração.

Gosta dêsse rapaz moreno, de olhos pretos, «cuja presença lhe enche de sol a vida e cuja ausência lhe faz tamanha sombra que ao meio dia faz noite na sua alma?» — Mas para que procura mais? Escreva-lhe isso mesmo. A frase não é clara, é rebuscada, cheira a má literatura, mas que importa? Tudo o que uma rapariga apaixonada confessa a um galã de olhos pretos e cabelo às ondas sabe a mocidade, a primavera.

Escreva, escreva o que lhe vier à pena,



escreva sem pensar. Entre uma carta sua, sem ortografia nem gramática, e uma carta minha, cheia de frases e de citações literarias, creia que êle não hesita: prefere a sua.

Não, não me peça rascunhos... Que ideia tão extraordinária! Porque teria pensado em mim se tem nos seus olhos, na sua boca, no seu sorriso, na sua sinceridade, tão lindas frases de amor?

SOROR MARIANA

Uma apaixonada — Não, Soror Mariana Alcoforado não era o que para aí se chama uma *intelectual*. Intelectuais ha muitas e Soror Mariana foi uma, é só uma. Nunca procurou nas suas cartas efeitos literários; nunca pensou falar para a posteridade, mas apenas para o seu amor; nunca desejou a glória, mas o silêncio. As suas cartas valem pela sinceridade,

pela verdade, pela carne viva das frases, pela dose de amor que encerram, pela



paixão verdadeira, humana, que se descobre em cada uma das suas linhas.

As cartas de Soror Mariana não foram escritas com tinta: foram escritas com sangue.

O livro de amor da Freira de Beja é, mais do que um livro, um coração a falar.

LIVROS

Uma que gosta de ler — Ainda gosta de ler? Deixe-me saudá-la com simpatia, com interêsse, com entusiasmo. Gostar de ler, hoje, é quasi tão raro em Portugal como gostar de pensar.

Aqui tem os títulos de alguns dos livros bons que ultimamente apareceram nas montras de Lisboa:

Santo António, de Afonso Lopes Vieira; *Job*, de António Correia de Oliveira; *Toledo*, de Antero de Figueiredo; *Páscoa Feliz*, de Luiz Migueis; *Diário Romântico*, de Osório de Oliveira.



Leia-os, já que tem a excentricidade de gostar de ler, e quando quizer que lhe indique mais livros, não faça cerimónia.

A MODA

Uma provinciana — Toda esta revista, Eva das pontas dos cabelos às unhas dos pés, da primeira página à última, é uma longa e minuciosa resposta às suas perguntas.

A moda não se resume em duas linhas. A moda não é um assunto banal. Se assim fôsse não bastaria à imaginação de tantas mulheres para as quais mais nenhuma verdade existe, nem às ambições dos costureiros que vivem das mil pequenas coisas que tornaram necessárias por artes de não sei que diabólicas sugestões.

Mas, se insiste, não quero contrariá-la. Aqui tem meia dúzia de afirmações que nenhuma elegante contestará.

Usam-se:

1.º Apesar da época estival, tecidos de lã, quasi transparentes.



- 2.º Malhas de todas as côres e feitios.
- 3.º Casacos e vestidos com romeiras.
- 4.º Sapatos de crocodilo, mas já não de serpente (lagarto, lagarto, lagarto).
- 5.º Chapéu de abas voltadas para cima a que os entendidos chamam *bretons*.

A côr da moda — enfim! — é o azul marinho.

Perdoe-me a escassês das informações, mas eu sou (mea culpa, mea culpa!) bastante leiga no assunto.

Para mim o costureiro ideal seria aquê- le que proclamasse esta banalissima verdade: o que fica bem a uma mulher, a um género de mulheres, fica necessariamente mal a outro género de mulheres. Cada uma deveria pois preocupar-se apenas com a côr e a forma que lhe vão bem. E a propósito:

Já reparou que não ha nada que passe tão depressa de moda — como a própria moda?

FERNANDA DE CASTRO

Fig.94

Eva: jornal da mulher e do lar, nº376, 23 de julho, 1932, p.5

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto superior direito).

d o c i u m e

COMPLEXO e doloroso, o Ciúme é uma labareda que se desdobra em pequenos fogos lancinantes.

ciúme imaginário

Ele passa noites sem dormir a criar sofrimento: «...e se ela gosta doutro?... se foi tomar chá ali na esperança de vêr alguém?... Mentira quando me afirma que faz vida separada do marido?... beija tão bem, quem a ensinaria?»

E as perguntas amontõem-se, o horror cresce.



Mas, no fundo, lá no fundo onde nada se confessa, ele gosa extraordinariamente com a agonia em que a sua imaginação o faz vibrar.

Cruciante voluptuosidade do martírio.

ciúme humilhação

A mulher sente que se diminua tendo ciúmes. E cala-se.

O horror de sentir lá dentro um monstro a roer, a inutilidade de raciocinar contra a loucura, o abandono de toda a força e de toda a vontade para só à idécia dominante se entregar.

E as lágrimas correm pela face, na lenta cadência do irremediável.

Ele chega e ela, cujo único anseio



seria aninhar-se-lhe nos braços perguntando doadamente:

— Gostas de mim? Gostas de mim?

Recebe-o firmemente, com ar sério, distante, hirta, fechada.

Ele zanga-se e sai. E ela, que fica doída de angústia temendo perdê-lo, deixa-o partir sem lhe gritar a palavra que lhe corta os lábios.

Não! Nunca lhe dirá que morre de ciúmes por ele — seria humilhar-se, ridicularizar-se.

Antes rasgar-se de dor do que cometer tal inferioridade!

ciúme hábito

— Porque eu vil!

— Não podias ter visto! Lá vens tu com as tuas tolices do costume...

Sem uma camisinha todos os dias não podes passar.

— És capaz de dizer que não firtaste com ele?



— Eu?! Se o acho insignificante. Nem chego a achá-lo... não o vejo.

E a discussão prossegue com profusão de gestos e dissonância de palavras.

Por fim ela chora, êle acalma-se e os selos dos beijos colam a inquietação.

Destez-se a nuvem por esta vez. Amanhã reaparece — Furtivo e tênue a renascer das suas próprias cinzas.

ciúme dívida

Passou um taxi. Dentro, um homem e uma mulher. Pareceu-lhe que era ela. Foi para casa como um doído. Não estava.



— Onde vens? Onde firtaste?

— Eu? Andei a fazer compras toda a tarde...

— Não estiveste em casa da manhã, nem na dos Silvas, ou da Irene?

— Não... porque? Entreteve-me pelas lojas a vêr coisas de inverno...

Mas porque perguntas isso? Que aconteceu?

Ele diz que a viu dentro dum taxi com um homem. Ela nega. E a dívida não se desvanece. Há de alcançá-la toda a vida, maguando-o num lento desfibrar de impotente ciúme.

ciúme alimento de fogo sagrado

A monotonia da vida comum vai cabutando a ansiedade, vai usando o entusiasmo, e o amor envolado em calma perde interesse. E forjam-se então pequeninas, mesquinhas, desculpáveis alfinetadas.

Ele: — Vi hoje a Mercedes. Acheta mais elegante, com um brilho desusado no olhar. É uma mulher deveras curiosa.

Ela: — Que maçada! Não pode andar uma pessoa sózinha pela rua... Um pateta, muito bem posto, per sinal, que toda a tarde me seguiu...

Pálidas labaredas de alcool que, trabalhosamente, vão alimentando o fogo sagrado.



não ser mais do que egotismo — o ciúme.

ciúme tédio

Que não ha nada mais aborrecido do que ter ciúme de nós uma pessoa de quem a gente não gosta.



O ciúme é como o amor: só o correspondido dá prazer. O ciúme dum indifferente é uma ofensa, o da pessoa a quem se quere é uma delícia.

ciúme excitante

Caso patológico, mas frequente. É preciso que outros lhe façam a corte para que ele a deseje.



ciúme amor próprio

— A mim ninguém me enganar! Só quem é absolutamente ócio ou absolutamente pateta profere esta frase com aquela entonação que tu conheces.

O ciúme, nestes indivíduos, é amor próprio ferido, apenas.

O que não quere dizer que não seja doloroso. Custa mais a sofrer por nós do que pelos outros, a pesar de cada moral.

ciúme da sociedade

Quando se contemplou no espelho, ficou satisfeita. Já de casa, o marido veio vêr se ela estava pronta.

— Mas que linda! Está em amor. Marilúzia! O decote bem podia ser um pouco mais profundo. Nas costas então é escandalosa...

— Posso pôr o bolero de renda, mas tira o efeito ao vestido...

— Não tira tal. Ora veste lá. Está muito melhor! Incomparavelmente... Nada de brincadeiras... Isto é meu, não é agora para que toda a gente veja...

Marilúzia sorri enleuada.

É um bocadinho do rouge dos lábios é comido por êle.

Partem. No automóvel êle faz-lhe muitas recomendações. Ela responde:

— E tu, também, José, tem juízo, não me faças sofrer como da última vez, vê lá...



— Tontinha!

Se não fôr a presença do chinês acho que desaparecia umas duas horas do rouge...

No baile. Ela está num grupo de amigas. Procura-o com os olhos. Vê-o sentado junto da Laura Vileas, de quem se fala tanto... Que lhe estará dizendo?

— Quere dançar?

Ela deixa-se levar por um smoking qualquer. E quando passa junto do

marido nota que êle está falando em voz baixa e com uma expressão muito séria.

A Laura sorri, naquêl sorriso falso com que as mulheres fingem não acreditar no que os homens juram.

E o coração de Marilúzia torna-se pequenino e bate, bate, até fazer doer. Volta para o seu lugar. Nota que as amigas se calam quando ella chega. Tem uma vontade doída de olhar para lá, mas domina-se, fala exuberantemente e ri.

A orquestra principia um tango. O marido proíbu-a de dançar o tango. Ela espera que êle a venha buscar.

Olha para lá. Não ouve, mas adivinha-lhe as palavras. O que dizem, a final, todos, num baile:

— Você está encantadora... Ha muito tempo que a admiro... Não imagina que felicidade sinto em a ter encontrado hoje aqui...

Para a Marilúzia tudo é escurido. Acha que o seu vestido é mais feio do que o da outra, sente-se desageitada, quere ir-se embora, tem vontade de chorar.

E enquanto o marido e a Laura dançam o tango (dançar o tango é quasi o mesmo que amar) ella sente lá dentro a esfarpá-la uma dor escurida, lancinante, incensável e imensa — mascarada pelo sorriso frívolo, apaimada pela convencional correção da sociedade.

ciúme paixão

Cá está êle, o grande, o assassino, aquêl que tu desejarías sentir, aquêl que tu sentes e se mata.

Só quem sabe o que é. Até aí ria-se e fazia troça. Mas desde que o feriu a garra, nunca mais troçou de ninguém!

O ciúme paixão é o desequilíbrio total do organismo suspenso numa ideia fixa; uma perturbação ininterrupta que nos mergulha em devoradora dívida; uma traiva intensa com que nos encontramos sózinhos no íntimo da nossa alma.

É um espelho deturpador de imagens. Durante o período da conquista os seus olhos verdes eram um novo encanto e os seus cabelos loiros representavam um novo atractivo.

Hoje: porque não terá ella os olhos e os cabelos feios para toda a gente, e lindos só para mim?!

Ter ciúme é ficar doído, ser infinitamente desgraçado, desejar morrer.

Mas ter deixado passar a vida sem ter ciúme é não ter vivido.

Pois não ha mais desgraçada felicidade do que aderir na labareda, chorar, gritar, tremor, rasgar, moer, mas acabar num solago, num abraço, num gemido:

— Meu amor! Meu amor!

AURORA JARDIM ARANHA
Ilustrações de OPÉLIA MARQUES



Fig.92
Eva: jornal da mulher e do lar, nº397, 17 de dezembro, edição natal, 1932, p.24-26
Coleção: A.H.M.L.
Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva
Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).



Fig.86

Eva: jornal da mulher e do lar, nº404, 4 de fevereiro, 1933, p.4.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de

Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).

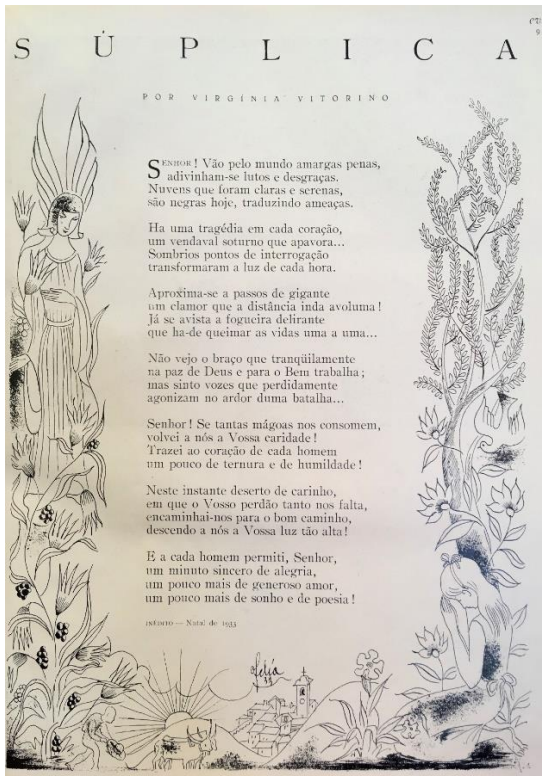


Fig.91

Eva: jornal da mulher e do lar, nº449, 16 de dezembro, edição natal, 1933, p.9.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia

Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (centro).

A INTRIGANTE

cenas da vida romântica

por ADELAIDE BRAMÃO

Manuela acabava de ler no jornal, que freneticamente amachucava ainda nas mãos, a notícia do casamento de Jorge de Sousa com a sua amiga Albertina de Almeida.

Esse casamento representava para o seu feitio invejoso, para o seu temperamento de mulher intrigante e má, um filão que ela iria aproveitar para fazer a desharmonia daquelas duas almas.

A sua amizade por Albertina foi sempre pouco sincera. Manuela detestava todos aqueles que ela considerava felizes, tinha inveja da felicidade dos outros, comprazia-se em os fazer sofrer.

Com todas as manhas e artes de que a intriga se serve, Manuela fazia o seu plano, traçava o caminho a seguir, e dispunha-se a esperar todo o tempo que fôsse necessário. E por isso que só a vamos encontrar em casa de Albertina, três meses depois de realizado o seu casamento.

As suas primeiras visitas foram cheias de ternura, de cativante amizade, metendo-a no coração, para depois poder armar o salto com mais firmeza e ter mais confiança no seu êxito. Todas as vezes que Albertina, ingenuamente, lhe confessava a sua felicidade, o grande amor que Jorge lhe dedicava, quando lhe ouvia dizer que a vida dos dois estava consubstanciada numa só, que a harmonia do seu viver era um cântico celestial, que o Jorge só vivia para ela e só pensava na sua felicidade, Manuela sentia crisparem-se-lhe as mãos e todo o veneno que lhe ia na alma transparecia nas suas feições. Quanto mais ouvia as confissões de felicidade que a Albertina lhe confiava, tanto mais estendia os tentáculos para, semelhante ao polvo, a enlear fortemente até conseguir asfixiá-la. Uma tarde resolveu pôr todo o seu

plano em acção e, sem escrúpulos, antes fazendo da mentira uma arma poderosa e certa, foi visitar a Albertina, que a recebeu com a mesma deferência costumada, com a mesma amizade e com toda a ingenuidade da sua alma simples e boa.

Albertina felicitou-se por essa visita. Jorge tinha saído cedo e o dia parecer-lhe-hia muito maior, se não tivesse com quem compartilhar aquelas longas horas de separação.

Manuela aproveitou a oportunidade para lhe notar: — Então o teu marido já te abandona por tanto tempo?!... Casados ha tão pouco...

— Como sabes, o Jorge tem os seus afazeres; não seria justo que por minha causa preterisse os seus negócios... Tanto mais que são apenas umas horas... a noite é-me toda dedicada... O Jorge não sai depois do jantar.

— Vê-se que é um marido modelo... Ótimo para incluir numa colecção de raridades... — disse Manuela com azedume.

— Não te compreendo, Manuela. Parece que preferias ver-me casada com qualquer valdevinos que me deixasse aqui sôzinha à noite, que recolhesse a horas mortas, que me fizesse da vida um tormento!...

— É que eu receio muito dêsses meninos prodígios que raramente abandonam as suas mulheres... quasi sempre são os piores.

— Mas a vida do Jorge está bem às claras... Vai daqui para o escritório... de lá volta para casa...

— Que ingénua que tu és, Albertina. Supões então que o teu marido passa todo o dia no escritório?!... Como não tens telefone e não saís sôzinha, é facilímo êle convencer-te dessa assiduidade... mas... não tenhas ilusões, êles são todos (Continua na pág. 21)



Fig.89

Eva: jornal da mulher e do lar, nº448, 9 de dezembro, 1933, p.5.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior esquerdo).

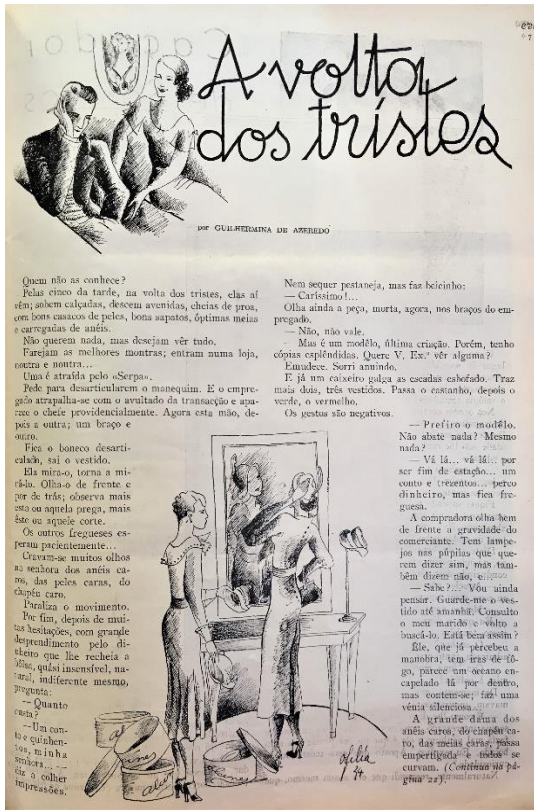


Fig.99

Eva: jornal da mulher e do lar, nº471, 19 de maio, 1934, p.7.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).

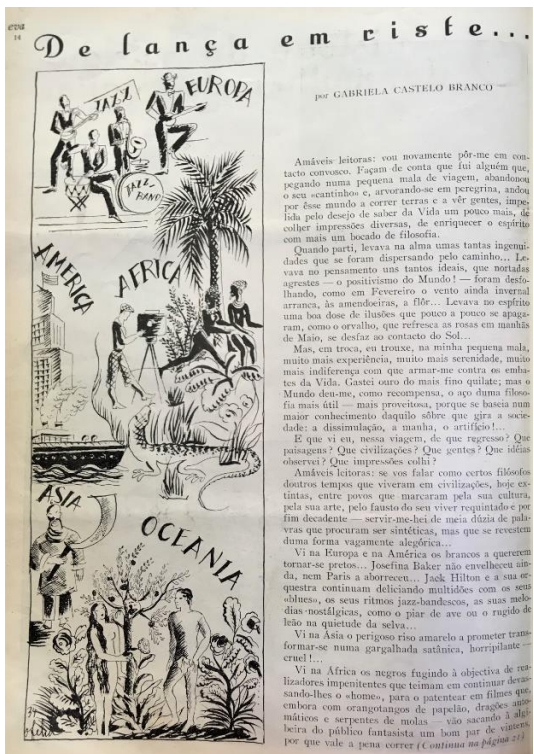


Fig.100

Eva: jornal da mulher e do lar, nº475, 16 de junho, 1934, p.14.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior esquerdo).

CARTAS A GRETCHEN

por GUILHERMINA DE AZEREDO

Querida:

Heis-me a bordo, sòzinha, a caminho do Continente Negro.

A África!

Sinto que me esmagam o coração, que de lá arrancam um pedaço de mim mesma. Quero reagir, não posso.

Pela amurada soluçam passageiras. Ha homens que fixam um ponto ao longe, de olhos esbugalhados como de doidos.

Um enxame humano sobre o cais da Areia; agitam-se lenços sem cessar. Asas brancas de gaiotas, leves, salpicam o céu intenso. Parecem desprender-se d'esses milhares de mãos febris e seguir-nos por cima dos mastros.

Os olhos perdem-se no casario amontoado.

É como se na alma quisessemos gravar bem fundo a imagem do que fica.

Mas porquê? Porquê tanta angústia, meu Deus? Revolto-me, insurjo-me. É inútil!

Por momentos esqueço onde estou. É tanta a dor que o coração pára, o espírito entorpece, deixo de existir.

Ah! Gretchen, Gretchen!... Parece-me ainda ver os teus olhos cõr do lago, espantados, as tuas tranças louras coroando a fronte empalidecida quando no último momento, sem uma lágrima, hirta, me apertaste as mãos a balbuciar: «Deus seja contigo»!

Ha oito dias ainda coçava os cotovelos pelas bancadas da escola. Ouço Draga Ióvichich recitar com ênfase magestosa o maravilhoso esbôço de Lessing a Gleim.

Canta-o quando se encontra no meio da fumarada da batalha.

Como um sol que perde detrás das núvens o seu brilho, mas não o seu poder.

Mas eu fraquejo.

Acabou-se então tudo d'esse passado de sonhos e projectos? Chegou a minha vez de caminhar para a vida, de senti-la em toda a sua crueza, de pôr em realiza-



ção e obras o que me encaixaram na cabeça durante longos anos de aprendizagem.

Esta despedida da Pátria é o adeus à mocidade. O sol debruça-se no horizonte, entorna ouro fulvo, estende os braços luminosos numa última agonia lenta e dolorosa. E parece que essas setas se cravam todas no peito.

Avivam-se as tintas. Ha montes de fogo e lagos de prata sôbre as águas. Céu, mar e terra cintilam, cobrem-se de flôres imaginárias, de pedrarias rutilantes, como numa apoteose final.

Pouco a pouco o vaso de ouro afoga-se num mar cinzento de bruma e só fica no ar a mágoa que não podemos esquecer, que nos envelhece repentinamente.

Não posso chorar. Para quê?

A garganta ressequida à fôrça de engulir com dor, forma nó; enfraquece a vontade.

Sinto a pele arrepanhada, um tremor nervoso nos membros, no coração, em todo o meu ser.

Para o lado da proa apinha-se gente da terceira. Ha braços que se erguem, mãos aflitas que se espalmam.

Na amargura alheia recobro ânimo. Chego a ter vergonha da minha fraqueza e desfalecimento.

Então a África não é Portugal?

Revolto-me contra mim mesma, mordo os beijos, o lenço, raivosa.

Mas a paisagem torna-se cõr de chumbo, sombria; são pesados os pensamentos, o ar, a saúde.

(Continua na página 23)

Fig.101

Eva: jornal da mulher e do lar, nº514, 16 de março, 1935, p.7.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).

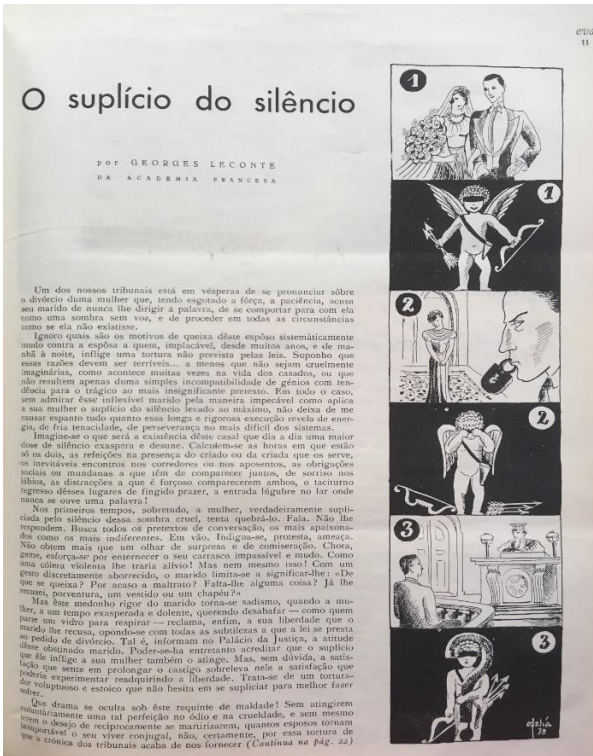


Fig.102

Eva: jornal da mulher e do lar, nº521, 4 de maio, 1935, p.11.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).



Fig.103

Eva: jornal da mulher e do lar, nº522, 11 de maio, 1935, p.8.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado/ Datado (canto inferior direito).

1944-1945

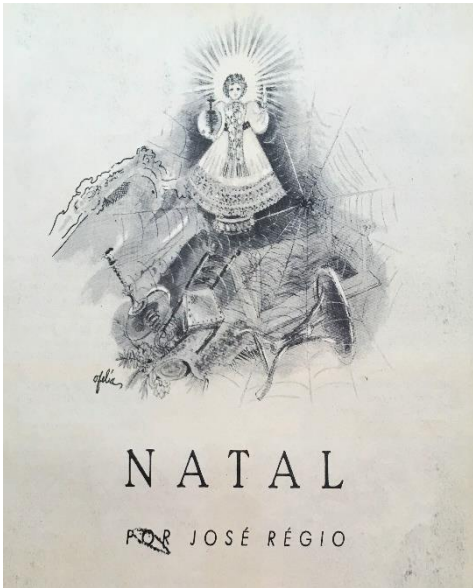


Fig.207

Eva: jornal da mulher e do lar, nº875, edição de natal, dezembro, 1944, p.25.

Coleção: - A.H.M.L

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior esquerdo)

/Não datado.

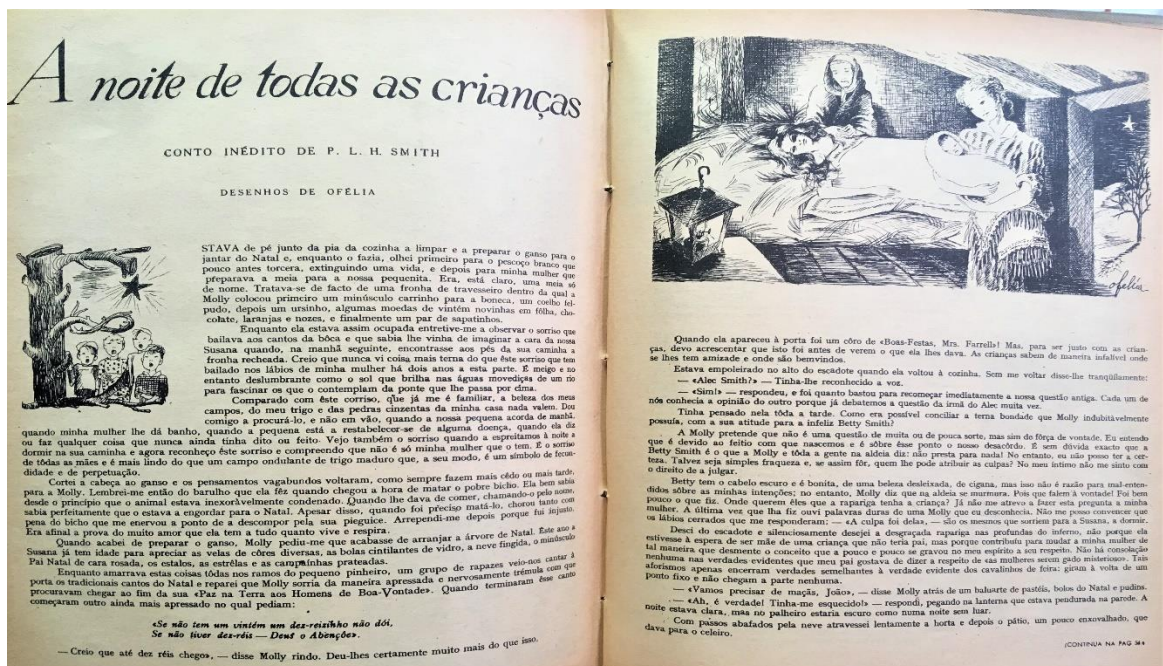


Fig.208

Eva: jornal da mulher e do lar, nº887 edição de natal, dezembro, 1945, p.16-17.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Assinado (canto inferior direito) /Não datado.

Ilustração: grande revista portuguesa (1931)
(ilustrações pombo correio; (Ver capítulo 4.2))



Fig.95

Ilustração: grande revista portuguesa, nº318, 15 de setembro, 1931, p.29.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ilustracao/Ilustracao1931.htm>

Observações: (pormenor ilustração) Assinado/ Datado (canto inferior esquerdo).

Pombo-correio

UM CONGRESSO Não, *Portuguesista da* INTERNACIONAL, *grava*, não foi por ignorância nem por esquecimento que a comissão organizadora do V Congresso da Crítica não enviou os congressistas a Évora, a antiga capital das romances. Evora, com as suas muralhas e as suas conventos, não poderia nunca esquecer a sua história. Mas nem sempre é possível transformar os sonhos em realidade e a ilha de Setúbal, era, de facto, temível realidade. Não... Os portugueses que organizaram o Congresso não esqueceram Évora como de esqueceram a Praia da Rocha, uma das mais lindas praias da Europa, como não esqueceram as Portas do Sol, *Aviz* de São Paulo, como não esqueceram tantas outras coisas da nossa terra... Simplesmente, a esta altura de sonho a realidade cortou-lhes as asas e, para não cair, viram-se forçados a sair...



TEATRO Evora não se representou uma peça portuguesa, moderna, na festa celebrada no Teatro Nacional em honra dos sessenta do Congresso da Crítica? Simplesmente porque não apareceu nenhuma no concurso aberto pela comissão organizadora do espectáculo. Nenhuma. Apareceram muitas que apresentaram, fortemente românticas, honroso lirismo, estrofeadamente burguesas, mas nenhuma que pudesse concorrer a nível internacional da existência dum teatro moderno em Portugal. Porquê? Porque, de facto, em Portugal, não há teatro moderno. Lembra-se daquela tentativa do Teatro em Évora dirigida por António Faria, na sala o Lyra? Representaram-se ali duas peças e nomeadamente: *Uma verdade* fora da sua, de Luigi Pirandello, e o *Donatello*, de O. Tróvão de Almeida, de Jules Verne. Qualquer destas peças teve longa e brilhante vida em Paris, em Roma, em outros. Em Portugal sabe o que aconteceu? Ao fim de três espectáculos, não se sentava já quem quisesse vê-las, mesmo a graca. E note que a interpretação destas não foi justa, certíssima, mesmo brilhante. Como quer, pois, que surja, em Portugal, um moderno, teatro europeu, teatro do século XX? Gil Vicente, inicialmente, não repetiu em todos os séculos.



OS LIVROS Que quer você que lhe responda, rapariga elegante do Estoril? Você, as de menos de vinte anos, não gostam de ler e nem sequer escondem essa aversão que lhes parece bem. Para você o escritor é menos que o tenista e muito menos que o dançarino. Que livros quer você que lhe aconselhe? Pronto? Você não teria sequer paciência para lhe abrir as páginas... Morand? Isso, sim! Morand é um independente que acaba de confessar um artigo de *magazine*, que não passa dum burgoês, que não sabe dançar e que detesta os países e o internacionalismo. *Cocktail*? *Grenache*? *Delicié*? Você não gostam de puxar pela cabeça, por causa, talvez, da *moder-ph*... *Béland*? Não... É mais agradável, mais cómodo, mais à la mode viajar no cinema... *Octave Feuillet*, *George Ohnet*? *A Fala dum rapaz pobre*, *o Matro de Fergel*? Nem sequer ócio.

Você não tem todas as liberdades já não acreditam em amores contrariados. Você para quem o amor é um *déjà vu*, *dirá* em desportivo como um *tenista do gol* e refugiar-se como um *cock-tail*, você já não acredita em amores infelizes. Que livros quer você que lhe aconselhe? Não, decididamente, não me diga-lhe tudo o que penso: continue a decorar, nos *magazines*, a cada movimentada de John Gilbert ou de Ramon Novarro e deixe para os outros, para os que não sabem dançar, para os que não sabem sequer flortar, o prazer voluptuoso da leitura.



O CONCURSO DAS COSTUREIRAS Os concursos de beleza estão em moda. Há um delirio de estrelas, de cidadãs e de aristas no Novo e no Velho mundo. Portugal, para não ficar atrás, promoveu um concurso, com júri e título, destinado a eleger a mais linda costureira de Portugal. Vieram outras bonitas das oito províncias do continente: cabelos sedosos, bucos de Minhau, perfis suaves de Trás-os-Montes, peles acastanhadas, dentes impercíveis do Douro, caras saudáveis das Beiras, olhos nostálgicos da Estremadura, perfis cingidos do Alentejo e olhos negros do Algarve. Todas bonitas e todas simples. Vestidas humildes e puros linsas. Um ramo de raparigas pertencidas de abissos e ressamando. Esverilhadas, finidas, não sabiam transplantar para o palco os passos que dão na vida. Mesuras de outras eras, falsas atitudes de *estrelas*, passinhos de *modlle* traduzidos em português, beijos pouco cinematográficos para o júri e para o público, mas tudo isto salvo, felizmente, pela graça incontestável da modlle.

Fiz parte do júri por meu mal e digo por meu mal porque, ao ter de escolher uma, a

júri descontenta com. E às vezes injustamente. Injustamente, mas não por capricho de injustiça. Mas não é fácil descobrir, numa hora, entre cem concorrentes, os olhos mais brilhantes, a boca mais fresca, a pele mais avermelhada, os cabelos mais sedosos. Há belezas que falam alto e outras que falam baixinho; há belezas fotogénicas e outras que vivem do perfume; há caras vistosas, que saltam aos olhos e outras que é preciso descobrir pouco a pouco.



«COCK-TAILS» *Bebidas de cocktail?* Nada muito fácil. Em qualquer livro de culinária se pode encontrar. De resto o *cock-tail* que é uma combinação de líquidos, depende, como o ramo de flores que é uma combinação de cores, da fantasia de cada um. Fazer *cock-tails* por receita é um erro. Cada um deve ter o seu *cock-tail*, o *cock-tail* que seja a síntese das suas preferências. Assim como as mulheres escolhem minuciosamente o vestido, as luvas, os chapéus que lhes ficam bem, assim os homens (e as mulheres...) devem escolher o *cock-tail* que mais lhes convém. Há quem os prefira doces, há quem os prefira suaves, há quem os aprecie desastavelmente amargos. Mas o melhor de todos os *cock-tails*, o meu *cock-tail*, é feito de sumo de frutas, sumo de laranjas, de uvas, de peras, de maçãs e de limão, um pouco de Pólo, um pouco de gim — muita ponco — e gelo, muito gelo. Num dia quente este *cock-tail-ponco*, sabe a sol, a fonte, a primavera e a flores.



«OS HOMENS PREFEREM AS LOIRAS? SEI AS LOIRAS...» Parece é que os homens preferem as loiras? Sei lá? De resto eu não acredito que, de facto, os homens preferam as loiras. Os homens preferem a mulher que os prefere, sem distinção de cores. Entra uma loira esguia e uma morena arisca, o homem profere, igual sempre, o ruído sentimental que lhe dá atenção.

Anta Lusa, do resto, não consegue provar coisa nenhuma tem sequer explicar o título do seu livro no decorrer da acção. O título deste livro não é mais do que um réclame à americana. «Os homens preferem as loiras?...» Talvez... «Mas casam com as morenas...» É a própria Anta Lusa que o confirma num segundo livro que é a continuação do primeiro.



Fig.96

Ilustração: grande revista portuguesa, nº319, 1 de outubro, 1931, p.33.

Coleção: A.H.M.L.

Fonte da Imagem: - Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ilustracao/Ilustracao1931.htm>

Observações: Não assinado/ Não datado

O Senhor Doutor: um amigo que diverte, educa e instrui (1933)

«As Maravilhosas Aventuras de João Sem Medo» (todas as ilustrações; ver também capítulo 4.2)



Fig.105

O Senhor Doutor, nº4, 8 de abril, 1933, p.3 e11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais.* Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.106

O Senhor Doutor, nº5, 15 de abril, 1933, p.5 e11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais.* Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto superior esquerdo).



Fig.107

O Senhor Doutor, nº6, 22 de abril, 1933, p.5 e11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais.* Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.108

O Senhor Doutor, nº7, 29 de abril, 1933, p.3 e11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25* postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo).



Fig.109

O Senhor Doutor, nº8, 6 de maio, 1933, p.3 e 11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25* postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto superior esquerdo).



Fig.110

O Senhor Doutor, nº9, 13 de maio, 1933, p.3 e11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25* postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo).



Fig.111

O Senhor Doutor, nº10, 20 de maio, 1933, p.3 e11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: *Desenhos de Ofélia*

Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.112

O Senhor Doutor, nº11, 27 de maio, 1933, p.3.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia*

Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.113

O Senhor Doutor, nº12, 3 de junho, 1933, p.3 e11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia*

Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo).



Fig.114

O Senhor Doutor, nº13, 10 de junho, 1933, p.3 e11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25* postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.115

O Senhor Doutor, nº14, 17 de junho, 1933, p.3 e18.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25* postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.116

O Senhor Doutor, nº15, 24 de junho, 1933, p.3 e11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25* postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.117

O Senhor Doutor, nº16, 1 de julho, 1933, p.3 e 11.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.*

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.118

O Senhor Doutor, nº17, 8 de julho, 1933, p.3 e 4.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.*

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.119

O Senhor Doutor, nº18, 15 de julho, 1933, p.3.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.*

Observações: Assinado/Datado (canto superior esquerdo).



Fig.120

O Senhor Doutor, nº19, 22 de julho, 1933, p.3.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25*

postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.
Observações: Assinado/Datado (canto superior esquerdo).



Fig.121

O Senhor Doutor, nº20, 29 de julho, 1933, p.3.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25*

postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.
Observações: Assinado/Datado (canto superior direito).



Fig.122

O Senhor Doutor, nº21, 5 de agosto, 1933, p.3 e 4.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25*

postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.
Observações: Assinado/Datado (canto inferior esquerdo).



Fig.123

O Senhor Doutor, nº22, 12 de agosto, 1933, p.3.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.*

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.124

O Senhor Doutor, nº23, 19 de agosto, 1933, p.3.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.*

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).



Fig.125

O Senhor Doutor, nº24, 26 de agosto, 1933, p.4.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.*

Observações: Não assinado/Não Datado.



Fig.126

O Senhor Doutor, nº25, 2 de setembro, 1933, p.3.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: - *Desenhos de Ofélia Marques para Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo. O Senhor Doutor, Lisboa, 1933. 25 postais. Comemorações do centenário do nascimento de José Gomes Ferreira. CML.*

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito).

O peixe das escamas vermelhas

Vigésimo terceiro episódio

João Sem Médico começou a comer a parede da Torre com uma ferocidade verdadeiramente espantosa.

— Compreende-se porquê: o pobre rapaz estava cheio de fome e ardia, ao mesmo tempo, num desejo in... de liberdade.

— Que bom queijo! — murmurou ele, satisfeitosimo — É pena que os habitantes deste país extraordinário não tivessem empregado outros materiais comestíveis na construção da sua Bastilha. Um tecto de arroz de frango era uma coisa divina! E uma porta de pão? E um esqueleto de manteiga? Em todo o caso não me posso queixar! O queijo é excelente. Vê-se que o arquitecto tinha bom paladar...

— E, enleado nestes pensamentos, o João Sem Médico continuou, durante alguns minutos, a devorar a estranha parede da Torre do lago das Cuncas Cõeres.

Comeu, comeu, até não poder mais!

— Ufe! Que muranha — pensou ele, a mastigar, à sobre-mesa, um pedaço de queijo. — Por agora basta! Tenho de fazer a digestão. Senão fico indisposto do estômago... Paciência!

— E com a barriga cheia de Torre, o rapaz acabou por se deitar pesadamente no solo e adormecer como uma pedra.

Quando acordou estava, outra vez, cheio de fome. E, disposto a jantar o resto da parede que faltava, desatou as dentadas ao queijo.

Mas ainda dessa vez se viu obrigado a desistir. A muranha daquela Bastilha de queijo Flamengo era larguíssima.

— Em suma, quando acabou de jantar tinha aberto um subterrâneo de cinco metros de comprimento.

— Bem. Agora vou dormir! — planejou ele, farto como uma góbia. — E amanhã de manhã, almoço o que falta. Deus queira que eu acorde com apetite! Se enjojo o queijo é que eu não sei o que hei-de fazer!

— E, disposto a cumprir integralmente o seu programa, João Sem Médico deitou-se e adormeceu como uma catarata.

— Vámos a isto — pensou ele, horas depois, quando acordou. — Vou-me eu pôde-me tomar um aperitivo, juro que me dá no estômago o resto da parede que falta. Mas, assim a seco, não sei. Vámos a ver! Coragem é que é preciso.

— E, com umas dentadas rápidas e sóregas, João Sem Médico, continuou a abrir a sua mina na parede da Torre.

Em resumo, depois de muitos jantares e de muitos almoços, quando já se encontrava absolutamente saturado de queijo, o rapaz acabou por tirar, à muranha, que media nada menos, nada mais, do que 20 metros de largura.

— Encusado será dizer que mal João Sem Médico viu a luz do sol, e sentiu nas faces uma lágrima de ar puro ficou contentíssimo. Durante alguns minutos gozou calmamente aquela felicidade incrível de poder respirar. Só quando percebeu que os pulmões já estavam suficientemente lavados e quando sentiu os olhos, de novo, habitados à luz viva, é que se entregou, outra vez à febre da água.

— Debruçou-se na janela que abriu à força de dentes e verificou que ainda tinha de trabalhar muito para se considerar livre. Do sítio onde se encontrava à superfície da água, havia uma distância de cinquenta metros.

— Não tenho outra coisa a fazer senão atirar-me! — pensou, de cheio de audácia. — Felizmente sei nadar! Imaginem-se eu em vez de ser o João Sem Médico fosse um peixe! Era uma vez um herói!

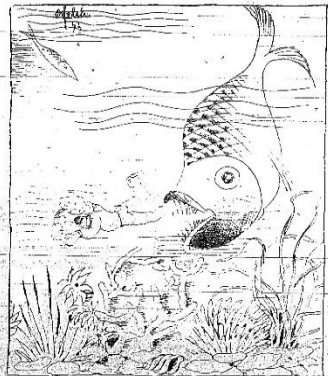
— E, com uma tranquilidade verdadeiramente desportiva, o rapaz mediu a distância, calculou o salto, e, depois de alguns segundos de hesitação natural, atirou-se para a água com as mãos unidas e o corpo direito como uma flecha.

— Como é natural, o rapaz mergulhou primeiro até ao fundo do lago.

— Só quando se dispôs a velocidade da queda é que começou a agitar os braços e os pés a toda a força, para voltar à superfície.

Entrelando o nosso João Sem Médico, como de costume, não deixou de fazer considerações mentais:

— E agora que vou fazer? Se volto para terra prendem-me! Os homens feitos de marmelo desatam logo a correr atrás de mim, com toda a certeza. Se me quiser livrar deles, tenho de os transformar em marmelada! Se fico no lago, morro duma pneumonia dupla ou outra coisa pior. De mais a mais, encontro-me no sítio onde a água é vermelha! Já é azar! Podia ao menos ter caído na água verde da cor da esperança! Francamente, não sei o que hei-de



fazer! A mim sempre me acontece cada uma!

Ainda não tinha terminado de formular mentalmente a sua última reflexão quando, de súbito, lhe aconteceu uma coisa imprevista que lhe veio resolver o dilema.

— Sentiu primeiro uma pancada violenta nas costas, tão violenta que ia perdendo os sentidos. Reagiu logo e voltou-se com aguidade para averiguar d'onde provinha o ataque. Percebeu logo tudo, dum relance. Era um peixe. Um peixe enorme de escamas vermelhas e de boca larga como uma porta da rua.

— Quere-me comer! — pensou João Sem Médico, num relâmpago. — Estou perdido!

Mas ainda tentou livrar-se do súpito da fera marítima. Impeliu-o com força. Deu um golpe de perna... Tudo em vão! A boca do animal, aproximou-se com uma rapidez indescritível.

— E, num abrir e fechar de olhos, o rapaz sentiu-se engolido.

Só teve tempo de pensar: — Que vergonha! Ser comido crú! E desmaiou.

Quando voltou a si, admirou-se de ainda se encontrar vivo.

— Escusado completa. Na sombra ouvia-se, apenas, um ruído monótono, contínuo e melódico.

— E, extra, diadriol! Parece que ouço uma máquina! — foi o primeiro pensamento do rapaz.

— Mas, logo a seguir, entregou-se a tristes cogitações: — Por esta é que eu não esperava! Estou no buxo dum peixe! O maior peixe do mundo, com certeza. Um peixe exemplar que nunca ninguém viu, coberto de escamas vermelhas! Vou ter uma morte linda! Quando o maldrito começar a fazer a digestão, fico desfeito. Por enquanto, porém, não me posso queixar! Respiro bem e movo-me livremente. Se não fosse a escurecida e os movimentos enérgicos de Sua Excelência — dir-se-ia que me encontrava num submarino.

— De facto, a única coisa que incomodava João Sem

Médo era a maneira como o peixe nadava. Não seguia sempre um caminho horizontal. Dava reviravoltas e saltos com uma agilidade pouco concorde com o seu tamanho. E o rapaz, para não perder o equilíbrio via-se obrigado a fazer espantosos exercícios ginásticos — como uma boia de borracha.

— Em certa altura, até, sentiu-se alçado com tanto impulso para cima das paredes da barriga do peixe que julgou morrer esmagado.

— Para amortecer o choque, estendeu os braços... — Que é isto? — pensou ele, a fater um estranho objecto da parede. — Parece um conmutador eléctrico. Dar-se-á o caso que...

— Não quiz pôr as mãos! Deu ao conmutador e imediatamente aconteceu uma coisa inverosímil: acendeu-se uma lâmpada, e um jorro de luz inundou a barriga do animal!

— Bravo! O peixe tem instalação eléctrica! — pensou João Sem Médico, estupefacto radiante.

— E, mal feito ainda da surpresa, olhou à sua volta: encontrava-se numa espécie de corredor talvez com oito metros de comprimento.

— Claro que o rapaz resolveu inspecionar imediatamente todos os mistérios do peixe das escamas vermelhas. E seguiu pelo corredor, sempre atento aos saltos e às cabriolas do seu submarino inesperado e vivo.

— Ao fundo do corredor encontrou uma espécie de salão decorado com bordados de escamas de peixe, aquários com peixinhos encaçados, um sofá forrado de pele de cação e móveis de coral.

— Abriu uma porta e descobriu um beiche.

— Bom! Como já sei tentou — e encontrou-se numa sala de jantar.

— Comida também já cá canta.

— Mais adiante deparou-se-lhe uma dispensa, isto é um grande reservatório de água cheio de pescadinhas marmotas, carapaus, ruivos, linguados, etc.

— Depois uma cozinha. E, por último uma autêntica casa de máquinas, que faziam mover o estranho animal.

— Escusado será dizer que João Sem Médico estava radiante. Só lhe restava uma única preocupação.

— Para onde me leva este peixe com um motor na barriga? Para o fundo do mar?

— Mas até esse problema conseguia resolver, pouco depois, quando teve a sorte de encontrar um periscópio e começou a explorar, com os olhos, as regiões profundas onde o peixe se movia.

— A acontecer a João Sem Médico uma das mais extraordinárias aventuras da sua carreira — como terá ocasião de verificar se lerem o próximo capítulo.

O AVÓ DO CACHIMBO

Na Escola

O professor para Joazinho, garoto de sete anos de idade

— Diz-me cá, João: se fôres ao mercado e comprasses doze laranjas a uma mulherzinha que tenha quarenta e oito num cabaz, quantas lhe ficam?

— O João, muito ataralhado, hesita achá por responder.

— Não sei, senhor professor.

— Vêmos! Então, tu não sabes subtrair?

— Sei, sei! — responde o Joazinho, muito lépido — E por isso mesmo, e que não posso calcular quantas lhe subtrairá, enquanto ela me contasse as doze que eu lhe comprava.

Medição de defeitos

Um jovem aspirante a dramaturgo, apresentou, certo dia, ao escritor Lope de Vega uma comédia para que ele examinasse e desse o seu parecer.

— Passados dias, perguntou-lhe se havia encontrado muitos defeitos.

— Mais de trezentos, — respondeu o escritor.

— Muito irritado, o rapaz exclamou:

— Ora, também o senhor, nas suas peças, tem mais de trezentos defeitos.

— Sim, — responde serenamente Lope de Vega — Apenas com a diferença de que eu os tenho em mais de trezentas peças, o senhor em uma só.

Fig. 127

O Senhor Doutor, nº26, 9 de setembro, 1933, p.3.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/Datado (canto superior esquerdo).

A Cidade do Fundo do Mar

Vigéssimo quarto episódio

Ao principio, quando João Sem Medo colou um dos seus olhos no periscópio, não descobriu coisa alguma. Apenas uma sombra compacta e tenebrosa.

— Devo estar nas regiões mais profundas do mar, — pensou ele. — Com certeza o Lago das Cinco Côres comunica por um canal com o Oceano. Felizmente que me chame João Sem Medo! Se não, a estas horas estava a tremer como varas verdes!

E o rapaz continuou, imperturbável, a espreitar pelo periscópio.

Pouco a pouco, porém, a escuridão principiou a desvanecer-se. Ao longe surgiram umas vagas claridades.

— É extraordinário! — pensou João Sem Medo. — Parece a iluminação distante duma cidade.

Entretanto, o peixe submarino diminuiu de andamento. Já não dava tantos scarravans. Deslizava com calma em passeio de turista.

As luzes, por sua vez, tornavam-se mais e mais intensas como se provissem de focos eléctricos potentíssimos.

— Que será isto? — continuava a pensar João Sem Medo, perplexo. — A mim sempre me acontece cada uma! Agora eis-me no fundo do mar, no buxo dum peixe estranho que tem motor, cabines, casa de jantar e dispensa. Só falta um jazz-band a bordo! Nada mais!

E, sem tirar os olhos do periscópio, o rapaz insistia na sua contemplação da paisagem ambiente consistida por florestas de plantas monstruosas com formas imprevisíveis.

Quando o peixe acabou de atravessar a floresta, a luz tornou-se mais forte, cada vez mais forte. Mas, neste momento o periscópio deixou de funcionar.

Porquê? Um acidente? Propósito?

João Sem Medo nem sequer perdeu tempo a pensar no problema. Foi à dispensa, pegou num salmoteite vivo, pousou-o na grelha eléctrica e, muito tranqüillo da sua vida, sentou-se na sala de jantar para o comer.

Entretanto a marcha do submarino vivo tornava-se cada vez mais lenta. Dis-se-lhe que se dispunha a parar. O ruído das máquinas diminuía.

— Estou a chegar ao porto! — comentou João Sem Medo. — Espero que não caia em poder de nenhum monstro submarino que me queira dar a honra de me comer! Se não, não sei como me hei-de livrar!

Mela hora depois o peixe das escamas vermelhas imobilizou-se. A máquina parou. E João Sem Medo, à espera dos acontecimentos, deitou-se na cabine. Passado algum tempo dormia num sono pesado como chumbo.

Quando acordou, encontron-se deitado numa cama, dentro dum quarto inteiramente cheio de água.

— Que significa isto? — pensou João Sem Medo, espantadíssimo. — Encontro-me dentro de água tal qual como se estivesse ao ar livre! Respiro perfeitamente. Sempre me acontecia da mesma maneira! Durante o meu sono foram-me buscar à barriga do peixe e trouxeram-me para este aquário.

E, cheio de curiosidade, tentou levantar-se. Não pôde. Sentiu uma impressão singular no peito. Doeu-lhe.

— Isto vai ser bonito! — pensou, cheio de calma. — Eis-me deitado numa cama, no fundo do mar, a muitas milhas de profundidade, e não posso levantar-me!

Mas, ao que parece, isto aqui está civilizadoíssimo. Ah! se não fosse esta estranha dor no peito considerava-me o ser mais feliz do universo.

Neste momento viu-se obrigado a interromper os pensamentos. A porta abriu-se e entrou no quarto uma pescadilha, de bata branca e com as barbatanas cortadas à garrucha.

— Que significa isto? — tornou a pensar João Sem Medo. — Onde me encontro?

— No Hospital das Algas Santas! — respondeu-lhe a voz fina da pescadilha.

— Num Hospital? Mas então existe um Hospital no fundo do mar? É para que me trouxeram para aqui?

— Para ser operado.

— Operado? Eu não quero ser operado! Não consinto.

A pescadilha nadou com muita elegância no líquido do quarto e respondeu-lhe com uma gargalhada troista.

— Agora já é tarde para protestar.

— Porquê? — perguntou João Sem Medo, de mau humor.

— Porque o senhor já foi operado, — explicou-o a pescadilha.

João Sem Medo lembrou-se então das dores que sentia no peito e compreendeu tudo, no entanto, para se certificar, insistiu ainda.

— Qual foi a operação a que me sujeitaram?

A pescadilha de bata branca não se fez rogada:

— Substituíram-lhe os pulmões por guelras.

— Por guelras?

— Sim, por guelras. Logo que chegou á cidade transportaramo para aqui, e o grande operador Peixe-Serra operou-o rapidamente.

João Sem Medo suspirou:

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

— E o pobre rapaz pôs-se a lamentar mentalmente.

— Quem diria á minha mãe que teria um filho peixe?

— E agora?

— Agora, nada, V. Ex.^a Deve estar contentíssimo!

— Pois claro! Estou contentíssimo! — respondeu João Sem Medo, desesperado. — Nuncze estive tão contente da minha vida como agora! Isto de ser peixe é uma grande honra!

De facto, passado algum tempo, o nosso João Sem Medo de guelras, saia do quarto e entrava na cidade construída no fundo do mar e exclusivamente habitada por peixes.

A cidade assemelhava-se muito ás cidades humanas. Tinha casas construídas de coral, grandes avenidas e jardins de algas, donde saíam e entravam todas as variedades conhecidas e desconhecidas de peixes: carapaus de gato, linguados, cações, etc. João Sem Medo reparou imediatamente que o trabalho era distribuído conforme as possibilidades de cada variedade. Assim, os polvos estavam encarregados da administração dos Bancos. Os tubarões dirigiam os serviços públicos, etc, etc.

No meio daquela multidão, o pobre João Sem Medo sentia-se triste e solitário.

A sua forma humana provocava risos. As pescadinhas quando passavam perto dele, faziam troça:

— C'hadinho é aleijado! Nem sequer tem barbatanas!

Por fim, um peixe-polícia prendeu-o e levou-o para a esquadra, sob a acusação de andar pelas ruas a provocar escândalos públicos.

— Ora essa! Porquê? — protestava o João Sem Medo. — Eu sou um peixe, cumpridor dos meus deveres peixes e obediente á lei... Não cometi nenhum crime! Não sei de que me accusam!

Mas, pouco depois, quando compareceu diante do chefe de polícia, um magnífico Peixe Espada, compreendeu logo o motivo da sua prisão.

— Acusavam-no de andar nu pelas ruas, sem escamas a proteger-lhe a pele o que era contra a lei!

— Então o senhor não sabe que é proibido sair de casa sem escamas?

O pobre João Sem Medo, depois de muito trabalho lá conseguiu por fim explicar a situação e sair em liberdade, com uma escama artificial fabricada, pelo alfaiate mais elegante da Cidade do Fundo do Mar.

Quando os habitantes recolheram a suas casas, o rapaz resolveu fugir:

— Não posso mais! — pensou ele! — Já estou cansado de ser peixe! Dei-me a pele! Morro de frio! Tenho o sangue quasi gelado nas veias. Só me resta um recurso: fugir.

Nadar para cima até encontrar a superfície do Oceano. Quem sabe!? Talvez tenha a sorte de encontrar um navio que me recolha. Morrer por morrer antes a lutar! Não quero ser peixe, pronto! Quero ser homem!

— E, disposto a enfrentar todos os perigos, João Sem Medo, quando percebeu que todos os peixes da cidade dormiam a sono solto, abriu a janela do hotel, onde residia, e saiu silenciosamente e pôs-se a caminho.

Nadou durante muito tempo, á luz dos focos electricos. Depois, pouco a pouco, o claro foi-se amortecendo. A sombra começou a tornar-se compacta. O fundo da cidade desapareceu. O silêncio abafou-se nas algas. E uma hora depois encontrava-se em plena escuridão.

No entanto não desistiu. Com os olhos bem abertos para evitar os perigos, o pobre peixe continuava a subir na sombra:

— Quero ser homem! Quero ser homem!

De vez em quando roçava-lhe pela pele o dorso escamoso dum animal qualque, rápido e áspero. Outras vezes via na sua frente um rasto luminoso dum peixe vestido de fosforo a arder.

Mas o heróico rapaz não desistia da sua subida. O espaço bala-lhe no peito, serenamente, como se nadasse numa piscina.

— Quero ser homem! Quero ser homem!

Por fim, depois de muitas horas de câmbio, sentiu-se de repente preso.

— Que é isto?

Tentou desprender-se! Não pôde! Quanto mais movimentos fazia, pior, mais as pernas e os braços se paravam.

Lutou! Berrou! Sacudiu-se! Em vão.

— O melhor é resignar-me — pensou ele, tristemente, depois de alguns segundos de luta, quando se sentiu completamente imóvel. — Não há dúvida nenhuma! *Fui pescado!*

E com o optimismo do costume, preparou-se para passar mais um mau bocadinho!

AVO DO CACHIMBO

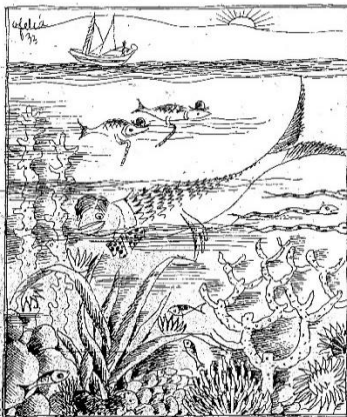


Fig.128

O Senhor Doutor, nº27, 16 de setembro, 1933, p.5.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/Datado (canto superior esquerdo).



Fig.210

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº2, julho, 1941.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: Disponível em

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/Panorama.htm>

Observações: Assinado/Datado (canto inferior direito)



Fig.217; Fig.218

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº27,1946.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: Disponível em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/Panorama.htm>

Observações: 1ª. e 2ª.

ilustração: Assinado (canto inferior direito) /Não datado.



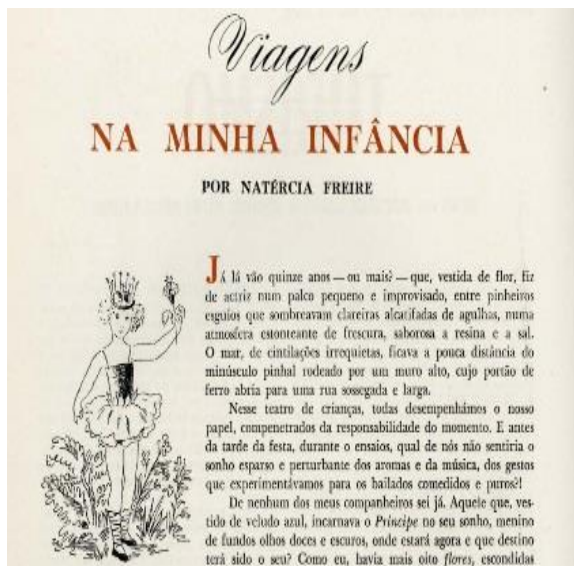


Fig.219; Fig.220; Fig.221

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº30,1946.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/Panorama.htm>

Observações: 1ª. ilustração - Não assinado; 2ª. ilustração – Assinado (canto inferior direito) ; 3ª. Ilustração Não assinado; Os desenhos não estão datados.

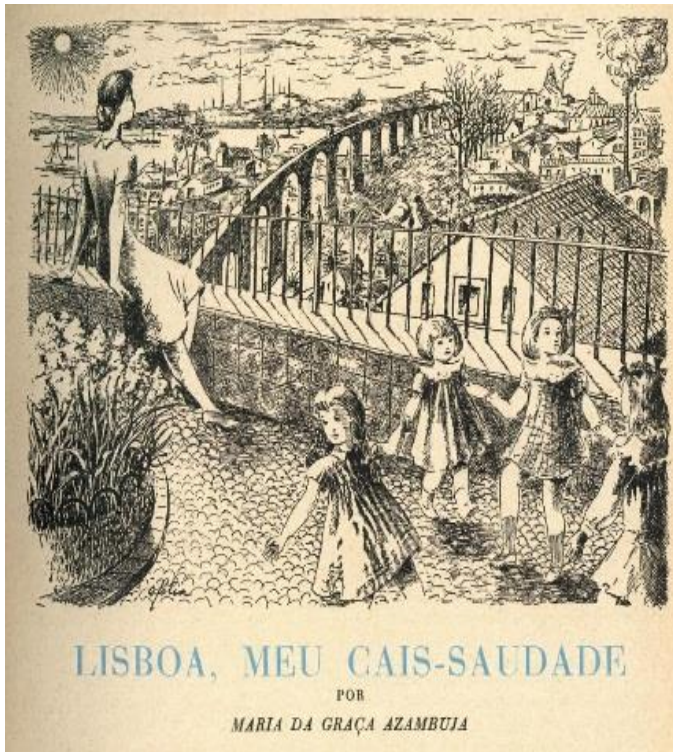


Fig.226 e Fig.227

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº32-33, 1947.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: 1ª. ilustração - Assinado (canto inferior esquerdo); 2ª. ilustração - Assinado (canto inferior direito); Os desenhos não estão datados.



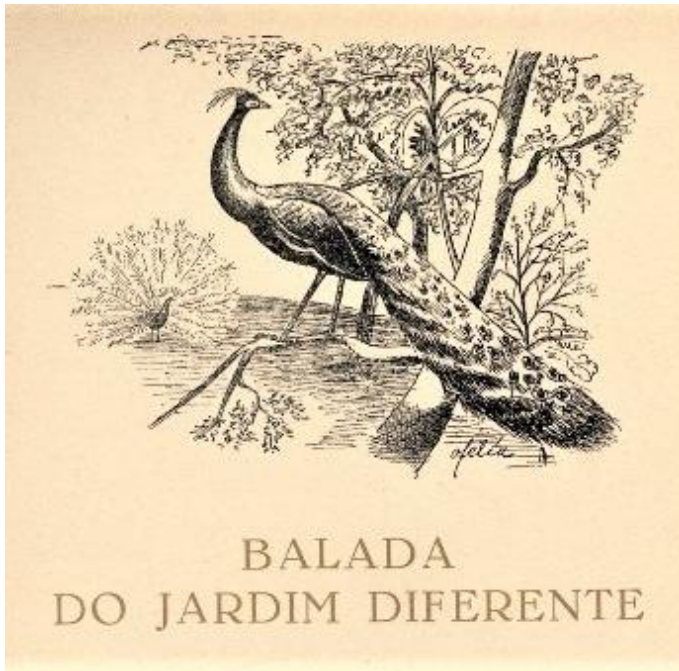


Fig.228 e Fig.229

Panorama: revista portuguesa de arte e turismo, nº35, 1948.

Coleção: - Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: 1ª. ilustração - Assinado (canto inferior direito); 2ª ilustração - Assinado (canto inferior direito); Os desenhos não estão datados.

Ver e Crer: cada assunto vale um livro (1945-1947)
(Ver capítulo 6.2)



Fig.239, Fig.240, Fig.241

Ver e Crer: cada assunto vale um livro, nº13, maio, 1946, p.9-14.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: 1ª. ilustração - Assinado (canto inferior esquerdo); 2ª ilustração - Assinado (canto inferior esquerdo); 3ª. ilustração – Assinado (canto inferior direito); Os desenhos não estão datados.



Fig.242, Fig.243, Fig.244, Fig.245 e Fig.246

Ver e Crer: cada assunto vale um livro, nº24, março, 1947, p.3-10.

Coleção: - A.H.M.L.

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: Os desenhos não estão assinados nem datados.

Livros ilustrados por Ofélia Marques

Aventuras de cinco irmãozinhos (1931)

(Ver capítulo 4.3)

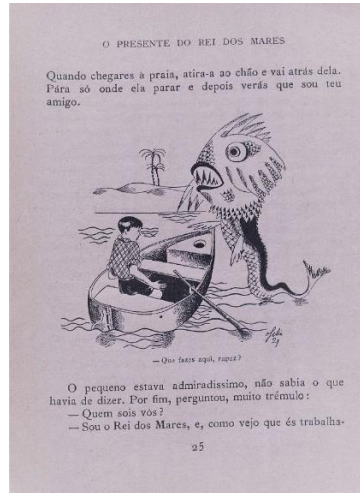


Fig.135 e Fig.136

Aventuras de cinco

irmãozinhos, Rosa Silvestre (Maria Lamas), 1931. Capa e ilustrações Ofélia Marques

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/

Datado (canto inferior direito.)

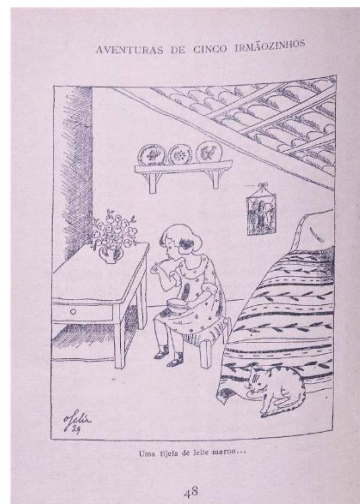
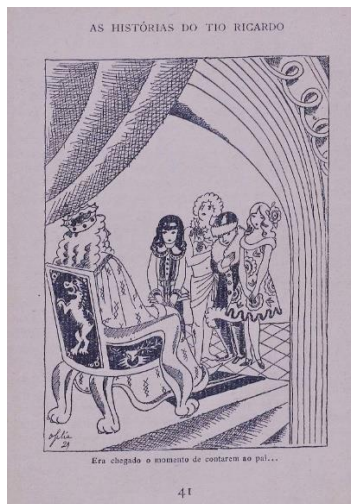


Fig.137 e Fig.138

Aventuras de cinco

irmãozinhos, Rosa Silvestre (Maria Lamas), 1931. Capa e ilustrações Ofélia Marques

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/

Datado (canto inferior esquerdo).

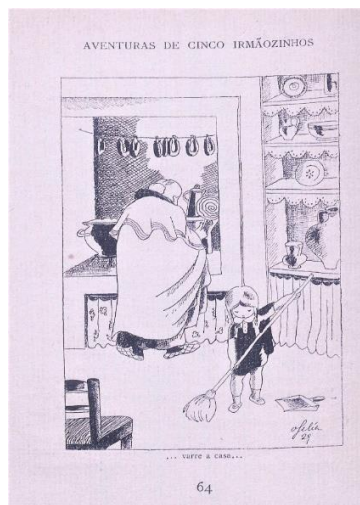
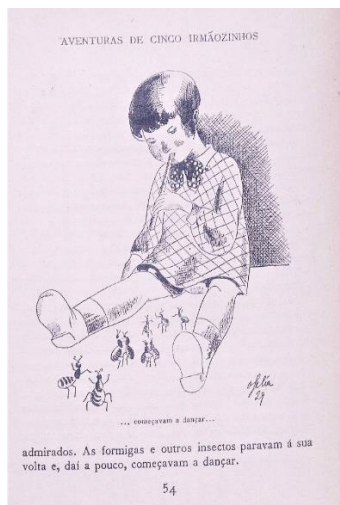


Fig.139 e Fig.140

Aventuras de cinco

irmãozinhos, Rosa Silvestre (Maria Lamas), 1931. Capa e ilustrações Ofélia Marques

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: Assinado/

Datado (canto inferior direito)

O príncipe das maçãs de ouro (1935)
(Ver capítulo 4.3)



Fig.144 e Fig.145

O príncipe das maçãs de ouro, Ana de Castro Osório, 1935. Capa e ilustrações Ofélia Marques

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal

Fonte da Imagem: -

Observações: 1ª e 2ª. ilustrações-

Assinado (canto superior esquerdo)/Não datado.



O rei da montanha de ouro (1940)
(Ver capítulo 6.1 e 6.3)

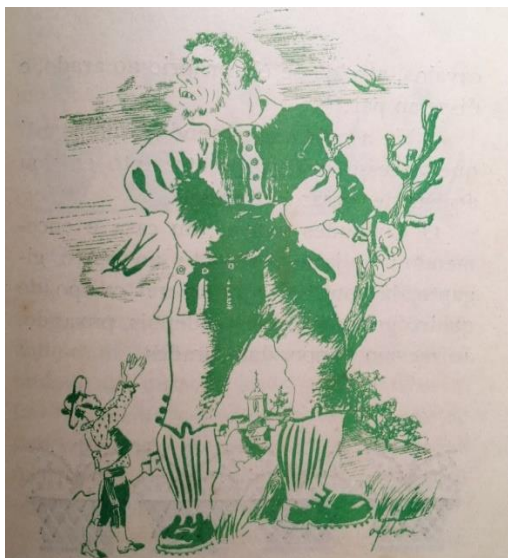
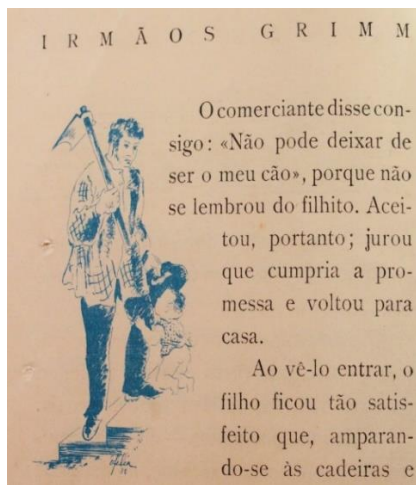


Fig.188; Fig.189; Fig.190

O rei da montanha de ouro, Irmãos Grimm.trad.
Lôbo Vilela, 1940.

Coleção: Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: 1ª. ilustração – Assinado/Datado (canto inferior direito); 2ª ilustração – Assinado/Datado (canto inferior esquerdo); 3ª. ilustração – Assinado (canto inferior direito); Não datado.



Fig.191; Fig.192; Fig.193

O rei da montanha de ouro, Irmãos Grimm.trad.

Lôbo Vilela, 1940.

Coleção: Andreia Santos Silva

Fonte da Imagem: fotografia de Andreia Santos Silva

Observações: 1ª. ilustração – Assinado/Datado (canto inferior direito); 2ª ilustração – Assinado/(canto inferior direito)/Não datado; 3ª. ilustração – Assinado/Datado (canto inferior esquerdo)

No reino do sol (1947)
(Ver capítulo 6.3)



Fig.258; Fig.259

No reino do sol, Emília de Sousa Costa,
1947. Capa e ilustrações de Ofélia
Marques.

Coleção: Biblioteca Nacional de Portugal
/Almanaque Silva

Fonte da Imagem: 2ª ilustração:

Disponível em:

<https://almanaguesilva.wordpress.com/category/ofelia-marques/>

Observações: Não assinado/Não datado.

